

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Campus de Governador Valadares

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

Departamento de Direito

**A Sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua
portuguesa no Brasil**

Dra. Fernanda Henrique Cupertino Alcântara

Governador Valadares, 06 de junho de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Campus de Governador Valadares

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

Departamento de Direito

Banca Examinadora Titular:

Professor Titular Dr. Raul Francisco Magalhães (UFJF)

Professora Titular Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Professor Titular Dr. Celso Castro (FGV-CPDOC)

Professora Titular Dra. Marlene Tamanini (UFPR)

Suplentes:

Professora Titular Dra. Beatriz Basto Teixeira (UFJF)

Professora Titular Dra. Cláudia Maria França Mazzei Nogueira (UNIFESP)

Governador Valadares, 06 de junho de 2024

Para minha filha Isadora e meu filho Henrique

“Life is a long, hard, unrelieved working-day to us, who hear, or see, only by express effort, or have to make other senses serve the turn of that which is lost. When three out of five are deficient, the difficulty of cheerful living is great, and the terms of life are truly hard. – If I have made myself understood about this, I hope the explanation may secure sympathy for many who cannot be relieved from their burden, but may be cheered under it.”.

(Harriet Martineau, *Autobiography*, vol. I, p. 57)

RESUMO

Este trabalho discute a vida e a obra de Harriet Martineau, uma das fundadoras das Ciências Sociais, com ênfase para os primeiros livros traduzidos para a língua portuguesa, no Brasil, até a presente data. Esse recorte foi definido tendo em vista a oportunidade de expor a teoria de Martineau e suas primeiras obras propriamente sociológicas considerando a divulgação intensa que tem sido realizada nos últimos anos acerca das contribuições das teóricas clássicas. O objetivo é pautar e produzir uma interpretação sobre a trajetória da autora e a sociologia martineauiana que contribua para a sua popularização e a sua utilização nos cursos de formação em Ciências Sociais e nas disciplinas introdutórias de Sociologia e de Metodologia para outros cursos de graduação. A metodologia utilizada consistiu em realizar *pesquisas bibliográficas exploratórias, de mapeamento e de tradução*. A justificativa é que, embora Martineau tenha uma extensa obra e contribuiu diretamente tanto para a fundação quanto para a institucionalização das Ciências Sociais, ela não é citada e possui baixo (re)conhecimento na área. Os resultados alcançados foram a elaboração de um texto de apresentação da trajetória de vida da autora, a repercussão pós-morte, sua obra, sua formação, além de conceitos e perspectivas presentes nas obras traduzidas e publicadas no Brasil desde 2021.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Casa na qual Harriet Martineau nasceu	34
Figura 02 – Pintura de Harriet Martineau – 1833	61
Figura 03 – Desenho de Harriet Martineau – 1833	62
Figura 04 – Pintura de Harriet Martineau – 1834	71
Figura 05 – Retrato de The Knoll – s/d	76
Figura 06 – Desenho de Harriet Martineau – 1849	78
Figura 07 – Retrato de Harriet Martineau – 1855-1856	82
Figura 08 – Retrato de Harriet Martineau – 1861	83
Figura 09 – Viagens internacionais de Harriet Martineau ao longo da vida	86
Figura 10 – Artigo de Thomas M. Greenhow – 1877	90
Figura 11 – Busto de Harriet Martineau	133
Figura 12 – Fotografia atual da casa onde Martineau nasceu	174
Figura 13 – Placa do lugar de nascimento de Harriet Martineau	174
Figura 14 – Fotografia atual da casa onde Martineau se hospedou em Tynemouth, 57 Front St., Martineau Guest House	175
Figura 15 – Placa em Tynemouth	175
Figura 16 – Placa azul em Ambleside, The Knoll	176
Figura 11 - Mapa dos Estados Unidos conforme a adesão dos Estados à União	291
Figura 12 – Mapa dos Estados Unidos no período da publicação de <i>Sociedade na América</i> (1837)	292

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Biografia	87
Quadro 02 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas antes de sua morte	102
Quadro 03 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas de 1877 até 1926	128
Quadro 04 – Obras que citam Harriet Martineau de 1927 a 1976	147
Quadro 05 – Obras que citam Harriet Martineau de 1977 em diante	159
Quadro 06 – Publicações mapeadas	180
Quadro 07 – Alguns dos editores com os quais publicou	184
Quadro 08 – Pseudônimos adotados por Harriet Martineau	185
Quadro 09 – Escritos religiosos	187
Quadro 10 – Escritos literários	191
Quadro 11 – Escritos sobre Economia Política	193
Quadro 12 – Escritos sobre Ciência da Sociedade	196
Quadro 13 – Escritos de História	201
Quadro 14 – Artigos publicados	202
Quadro 15 – Guias para o serviço doméstico e de turismo	204
Quadro 16 – Autobiografia e cartas	207
Quadro 17 – Edições em outros países e línguas no século XIX	209
Quadro 18 – Edições e reimpressões das obras de Harriet Martineau por país e língua no século XX	210
Quadro 19 – Tipologia Empático Relativista	229
Quadro 20 – Princípios	231
Quadro 21 – Referências no livro <i>Como observar</i>	250
Quadro 22 – Referências no livro <i>Sociedade na América – Volume I Política</i>	251
Quadro 23 – Referências no livro <i>Sociedade na América – Volume II Economia</i>	251
Quadro 24 – Referências no livro <i>Autobiography</i>	252
Quadro 25 – Referências na biografia de Arbuckle quanto a livros e autorias	254

Agradecimentos

Essa tese resultou da convergência de vários projetos institucionais e pessoais, de pesquisa, ensino e extensão. Ela celebra o trabalho que desenvolvi de 2008 a 2024, completando 16 anos de dedicação a IFES (Instituições Federais de Ensino Superior), mas já com 22 anos de docência com IES (Instituições de Ensino Superior). Neste período, com a formação que obtive, associada à experiência adquirida nas diversas instituições pelas quais passei, tive a oportunidade de abrir diálogos, frentes, repensar o ensino e construir propostas. Entre as instituições destaco a Universidade Federal de Viçosa, Campus de Rio Paranaíba e Sede (UFV-RP e UFV), a Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus de Governador Valadares (UFJF-GV), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO-PPGD) e, mais recentemente, a Universidade Estadual do Ceará (UECE). As quais agradeço o aprendizado e as oportunidades institucionais que elas me proporcionaram.

Como resultado deste diálogo e da tentativa de repensar o ensino de “Introdução à Sociologia” e “História da Sociologia”, surgiu a Rede “Clássicas” e o Grupo de Pesquisa do CNPq “Teóricas Clássicas e Sociologia”. Também foi produzido o “Curso de Extensão 200 anos de Sociologia”, nos Módulos I, II, III, Parte 01 e 02, nos anos de 2021 a 2023, que se encontram disponíveis de modo assíncrono e gratuito, em parte no Canal do YouTube da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e na totalidade no meu Canal, que precisei criar em razão disso. O Curso resultou de uma parceria com a SBS e a organização conjunta com as professoras e pesquisadoras Giulle da Mata (UFOP), Eliana Debia (UBA, Argentina), Natalia Montebello (UECE), Maria-Rocío Navarro-Fosar (UNED, Espanha) e Filipa Subtill (IPL-ESCS, Lisboa, Portugal). O evento de extensão “Ensino de Sociologia: ontem e hoje” teve parte em 2021, como uma semente do que depois viria a ser o Curso 200 anos de Sociologia. Agradeço a todas(os) que contribuíram direta ou indiretamente para que estas atividades fossem concretizadas, principalmente nossas(os) convidadas(os) e as(os) ouvintes participantes.

Produzi, ainda, dois Dossiês em parceria com colegas que estudam o campo. O primeiro, “Autoria: substantivo feminino”, com Giulle, Eliana e Andreia Ozamiz (UNTF, Argentina), publicado pela *Revista CSOnline*, da UFJF, em 2022. O segundo, “Teóricas clássicas e contemporâneas das ciências sociais”, com Natalia Montebello, Lia Pinheiro e Mônica Martins, publicado pela *Revista Tensões Mundiais*, da UECE, em 2024. Agradeço a elas a confiança, a parceria e a paciência que tiveram comigo durante este período.

Também coordenei projetos de pesquisa que resultaram em traduções, seguidas de publicações de 03 livros até o momento, e 02 *no prelo*. Agradeço a PROPP UFJF e ao CNPq pelo registro e apoio discente às pesquisas: *How do observe: morals and manners (2021-2022)*; *Society in America (2022-2024)*; *Formação e reprodução do apagamento das mulheres (2023-2024 e 2024-2025)*. E agradeço a todas e todos que apoiaram a *Coleção Harriet Martineau* e estão adotando as obras da autora em seus planos de ensino e pesquisas acadêmicas.

Com base nos dados coletados nestas pesquisas, foram publicados dois artigos e uma tradução sobre Harriet Martineau em revistas científicas brasileiras. Também escrevi um capítulo sobre Harriet Martineau, para o livro *Mujeres más allá del canon: mujeres en el pensamiento social*, editado por María-Rocío Navarro-Fosar, na Fundación Pública Centro de Estudios Andaluces, em Sevilla, Espanha. Agradeço as editoras pelo apoio e pela oportunidade.

Particpei da organização da(o): GT 19 “Teoria, Gênero e Conhecimento”, 20º Congresso da Brasileiro de Sociologia 2021; GT 07 “História da Sociologia” e SE “Teóricas Clássicas e Contemporâneas”, 21º Congresso da Brasileiro de Sociologia 2023; MR na ANPOCS 2022 “Teóricas Clássicas e Sociologia no Século XIX: pesquisa, divulgação e docência”; MR na ANPOCS 2023 “Além do cânone? Perspectivas e limitações”; GT 05, 12º Seminário Sociologia e Direito, UFF, “Sociedade e direito para as teóricas clássicas e contemporâneas da Sociologia”; MR na ANPOCS 2024 “Tradução, organização, editoração e publicação de livros nas Ciências Sociais”. Apresentei trabalhos nos congressos da: ANPOCS 2021 “Harriet Martineau: Como observar morais e costumes”; 21º Congresso da Brasileiro de Sociologia 2023 “Contribuições de Comte e Martineau para a fundação da Sociologia”; ENESEB 2023 “Formação e reprodução do apagamento das mulheres: a ausência de Harriet Martineau no ensino de Sociologia”; ANPOCS 2023

“A sociologia martineauiana e o bicentenário da Sociologia”; 12º Seminário Sociologia e Direito, UFF, *“Sociologia do Direito em Harriet Martineau”*; 13º Fazendo Gênero 2024 *“Tradução, editoração e publicação da obra de Harriet Martineau (1802-1876) no Brasil”*; ABPES CONPES 2024 *“Proprietários trabalhadores e o princípio cooperativista nos Estados Unidos do século XIX sob a ótica de Harriet Martineau”*; ANPOCS 2024 *“O ‘cancelamento’ de Harriet Martineau: a recepção em vida e a repercussão no pós-morte”*.

Eventos nos quais tive a oportunidade de apresentar trabalhos que resultaram destas pesquisas. Agradeço a organização dos eventos e as(os) avaliadoras(es) a possibilidade de divulgar as pesquisas e as publicações que fiz e a colocar o tema das mulheres teóricas clássicas na agenda de congressos tão importantes. Também apresentei dois minicursos: *“Harriet Martineau e a questão do método sociológico”*, no PPGS/UECE, em novembro de 2023 e *“Harriet Martineau: teoria e obra”*, no PPGS/UFAM, em agosto de 2024, os quais contribuíram para a formação de pós-graduandas(os) e divulgação das obras.

No ano de 2020, tive a grata satisfação do contato com o professor Michael Hill e da possibilidade de organizar uma *live* com ele no Canal do YouTube da SBS, a quem agradeço a gentileza e os livros originais com os quais me presenteou ao saber do meu interesse por Harriet Martineau. Agradeço também a sua esposa Mary Jo Deegan (*em memória*), que infelizmente nos deixou neste ano de 2024. Ela que foi uma professora e pesquisadora dedicada à obra de Martineau e de Jane Addams, entre outras, no Departamento de Sociologia, da University of Nebraska-Lincoln.

Agradeço aos colegas da *Martineau Society*, por todo conhecimento compartilhado e pela rede constituída por pesquisadoras(es) especialistas na vida e na obra de Harriet Martineau com origem em diversos países do mundo. A socialização dessas informações certamente contribuiu de modo efetivo para me instruir e pensar hipóteses que nortearam esta tese.

Agradeço ao Grupo Martineau, do qual participo com colegas da Espanha, que estudam e traduzem as obras da autora. Em especial, agradeço a Maria-Rocío Navarro-Fosar e Capitolina Diaz.

Agradeço a todas(os) que de um modo ou de outro contribuíram para que todas essas atividades fossem possíveis. Em especial, agradeço aos grupos *Clássicas*, *Proyecto Mary Jo Deegan* e *GT CLACSO Universidades y Despatriarcalización*, dos quais faço parte.

Agradeço a colegas, alunas e alunos a oportunidade que me deram de, no convívio e nas atividades de ensino e de divulgação científica, construir e testar hipóteses acerca do conteúdo pesquisado. Os espaços de interação em sala de aula, no blog, nos vídeos gravados no Canal do YouTube e mesmo nas redes sociais, moveram uma arena de reflexão e aprendizado, debate de textos, crítica e identificação de lacunas ou erros que ajudaram a lapidar os argumentos e a formular modos possíveis de apresentar Harriet Martineau ao público interessado.

Agradeço aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite e a possibilidade de diálogo. Não foi um exercício fácil definir quais seriam os componentes da banca e me trouxe a reflexão sobre mulheres titulares nas instituições de ensino e pesquisa no Brasil, mas também sobre pessoas que dialogam direta ou indiretamente com o tema.

Agradeço a minha família, em especial à minha filha Isadora e ao meu filho Henrique, aos quais dedico essa tese, e a Elisângela, que deu condições materiais para que o trabalho de pesquisa e escrita fosse possível.

Por fim, agradeço a Harriet Martineau, por todo o aprendizado que ela me proporcionou ao ler e ao traduzir suas obras.

**A Sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua
portuguesa no Brasil**

SUMÁRIO

Agradecimentos	viii
Introdução	01
Parte I – Vida e morte	
Capítulo I – Infância e juventude: vida de classe média e falência	11
Capítulo II – Vida adulta e maturidade: trabalho e sucesso	36
Capítulo III – Morte e repercussão: esquecimento, apagamento ou cancelamento	90
Parte II – Obra e legado	
Capítulo IV – Obra	177
Capítulo V - Metodologia nos trabalhos de análise social	212
Capítulo VI – Formação e legado.....	234
Capítulo VII – Circuito intelectual e relações de conveniência social.....	258
Parte III – Livros traduzidos para a língua portuguesa, no Brasil	
Capítulo VIII – Conceitos, teorias e tradução das obras de Harriet Martineau	265
1. Como observar: morais e costumes	265
2. Sociedade na América	275
2.1. Volume I Política	276
2.2. Volume II Economia	310
Considerações Finais	372
Referências.....	375

Introdução

Este trabalho foi pensado e gestado ao longo de vários anos. A proposta inicial tinha por núcleo uma *sociologia das ausências*, mas sem um recorte claro e específico a partir do legado deixado por Harriet Martineau. Com o passar do tempo, a experiência com a introdução das clássicas no ensino de introdução à Sociologia e o trabalho de tradução da obra de Martineau, percebi que todo o esforço empreendido requeria a produção de uma análise um pouco mais demorada e holística desse material, para além da produção de artigos que buscam abordar recortes muito específicos. Por essa razão, resolvi tomar como objeto da tese as obras da autora que já traduzi para a língua portuguesa, contemplando também a sua autobiografia e realizando uma apresentação que valorizasse o relato na primeira pessoa, enfocando a perspectiva “Martineau por Martineau”.

Obviamente, esta tese também tem suas limitações, embora mantenha no horizonte a perspectiva segundo a qual é preciso avançar neste aprofundamento do estudo e aprimoramento do método de análise. Uma das dificuldades ainda incontornáveis neste esforço concentrado é sempre a equação tempo necessário para cumprir todos estes propósitos *versus* tempo disponível. E o motivo é simples: a quantidade de projetos nos quais estou envolvida demandam um precioso tempo que seria útil para a leitura, a reflexão e a escrita desta tese. Além disso, a promoção para professora titular, segundo as normas atuais da UFJF-GV, ICSA, requer uma produção considerável em ensino, pesquisa, extensão e administração por um período de 08 anos, o que demanda uma atuação constante e diversa para o cumprimento de tal quesito. Desse modo, a tese foi aos poucos ganhando corpo, impulsionada também pelas atividades necessárias para a obtenção de pontuação na avaliação de desempenho.

Vale o registro de que não obtive qualquer afastamento na carreira para qualificação (já tendo tomado posse em 2008 na condição de doutora) ou para a escrita desta tese, já que a lei define afastamento apenas para a escrita da tese de livre docência, sem mencionar expressamente a liberação para a redação da tese de promoção a titular. Além disso, minha carga horária sempre ultrapassou as 40h por

semana para dar conta das atividades que empreendi e da necessidade de alcançar um dado nível de produção. Essa situação me fez refletir sobre a necessidade de afastamento, que embora não expresso em lei, se equipara aos motivos para a liberação anteriormente citada, a qual não foi considerada devida à época do meu requerimento. A sugestão apresentada foi a de requerer afastamento para capacitação em um curso *on-line*, o que não seria viável, porque dividiria o tempo entre essas duas atividades, além de perder a pontuação requerida com ensino, que é um requisito obrigatório para aprovação do Relatório de Promoção. E para manter a pontuação com pesquisa e extensão, novamente estaria sacrificando o tempo da escrita para alcançar um nível mediano. Trata-se de uma escolha difícil, arriscada e que penaliza a escolha pela escrita da tese.

Em todo caso, ciente de todas estas considerações, lancei-me ao trabalho de escrever a tese para titular, que foi revista e aperfeiçoada face aos apontamentos dos membros da banca no prazo previsto na norma. Esses 60 dias de revisão e de depósito final foram fundamentais para que o texto ganhasse esse caráter “definitivo” e qualificado para ser registrado. Para mim, resultou numa convergência e numa oportunidade produzir um trabalho sobre Harriet Martineau, por isso, não cogitei a apresentação do memorial. Mas, uma consequência direta é escolher a tese é correr o risco de atrasar a promoção buscando o aperfeiçoamento do texto inicial e sabendo-se que a promoção retroage apenas à defesa da tese ou à data de integralização do interstício respectivo. Consistindo em outro difícil impasse, mas sobre o qual não tive dificuldade, por não ter mais as ilusões de quando entramos na academia de que existe uma perfeição alcançável. Desse modo, esse é um trabalho sóbrio e honesto, de uma mulher madura, consciente de todas as suas limitações, mas que se debruçou sobre o tema com a mesma paixão que nutriu pelas Ciências Sociais desde o momento no qual adentrou o Curso de graduação na UFJF, em 1998.

Inobstante tudo isso, sempre mantive no horizonte o momento de promoção para titular e sabia que precisava me preparar para ela considerando um longo intervalo de tempo, mas percebo que a instituição ainda não se preparou para essa discussão, como se esse momento estivesse muito distante dos seus quadros. Além disso, essa etapa não deveria ser sinônimo de final de carreira, já que para a minha geração ela é alcançada em 1/3 da trajetória profissional, cabendo ainda, como no meu caso, 31 anos

possíveis de atuação na carreira docente federal. Essa é uma reflexão necessária e sobre a qual não temos falado. Afinal, que incentivo temos para permanecer na carreira após chegar ao ponto máximo de promoção? Ou, ainda, como nos preparamos para chegar a esse momento? A reforma na carreira ocorrida em 2012 começa a refletir apenas agora em números e o movimento de adaptação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) ainda é relativamente recente.

Por fim, desde 2020 venho me dedicando a traduzir, editar e publicar a *Coleção Harriet Martineau*, o que certamente me tomou quase todo o tempo “vago” e que considero um trabalho de maior contribuição pública do que a própria tese e para o qual não economizei esforços ou recursos nos últimos anos. Na contramão das convenções universitárias, pautei o tema, fui bastante criticada por falar em “mulheres teóricas do século XIX” e por apresentar Martineau como uma das fundadoras das Ciências Sociais. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de conhecer o trabalho de colegas no Brasil e em vários outros países que estavam levantando as mesmas questões e passando por dificuldades semelhantes. Além de um público ávido por ler as obras de Martineau em português e com toda a generosidade e o apoio que eu precisava para me manter firme nesse propósito.

Embora não seja obrigatória a apresentação de uma tese, optei por fazê-la na tentativa de conciliar os esforços citados anteriormente e falar a respeito desse processo. Sistematizar uma interpretação sobre a obra de Martineau em sua primeira fase e oportunizar o debate a respeito, buscando popularizar seu uso nas Ciências Sociais foi o que impulsionou o trabalho que de agora em diante começo a expor.

Esse projeto se guiou pelo pressuposto de que nada é menos sociológico do que a história da Sociologia tal como se convencionou contar nos conhecidos manuais de introdução do século XX em diante. E menos sociológico, ainda, é a resistência a debatê-la, a revê-la e a verificar se seus fundamentos de fato procedem ou sobrevivem a uma análise minimamente crítica. É com base neste pressuposto que recorro ao estudo da sociologia martineauiana como exemplo de uma sociologia da Sociologia, recolocando-a no seu lugar de destaque e participação ativa na fundação das Ciências Sociais, por meio de uma pesquisa sobre sua obra. Não desconsidere algumas(ns) de suas(seus) comentadoras(es) e intelectuais contemporâneas(os), embora não tenham sido o foco do trabalho.

Longe de exaurir qualquer aspecto da vida e da obra desta importante autora, este trabalho busca historicizar e documentar a trajetória de Martineau, a riqueza de suas contribuições em quantidade e em conteúdo, além de confrontar a injustiça histórica que as gerações do final do século XIX e início do XX promoveram ao ignorar e ao silenciar acerca da sua existência. Em certa medida, com base nos dados auferidos, fornece respostas para essa incógnita a respeito do *apagamento* de Martineau e de sua obra, sem tentar racionalizar ou buscar identificar intencionalidades. Além do *apagamento* das teóricas, chama a atenção para o fato de que, junto com elas, determinados tipos de questões e problemas também foram excluídos da agenda de pesquisa em Ciências Sociais.

Da tese pretendo que derive material didático introdutório que busque suprir parcialmente o conteúdo de formação para apresentar Martineau nos cursos regulares. Nessa tarefa, a tentativa de sistematizar parte dos resultados preliminares de pesquisa e da teoria presente nas obras que traduzi nos últimos anos, ganha corpo de modo acessível e de caráter público, contribuindo para o aumento do conhecimento sobre seu trabalho. De igual modo, pretende ser uma síntese concisa que sirva de base para orientar docentes que se proponham a conhecer e a introduzir esta importante autora em suas disciplinas, sendo essa uma demanda que venho recebendo com frequência.

Por fim, busco produzir uma análise teórica, metodologicamente orientada, não descolada da realidade imediata e que visa estudar para refletir sobre o ensino de Sociologia e contribuir para o seu contínuo aprimoramento científico. O reconhecimento do legado de Martineau para a fundação e a institucionalização das Ciências Sociais precisa ser estabelecido e essa é uma dívida histórica que precisamos liquidar. Ao mesmo tempo, reconhecer o papel das mulheres na produção deste novo conhecimento que está prestes a completar 200 anos desde a sua fundação.

Esta tese objetiva dar um passo para além da apresentação da autora, que já foi objeto de alguns artigos em periódicos científicos nacionais (preocupação que já expressei em outras oportunidades) e adentrar a discussão conteudista, conceitual e teórica. Sem dúvida, a apresentação foi uma fase necessária para a inclusão desta importante autora no rol de teóricas a ser considerado, mas não é suficiente. Ao longo dos últimos anos participei, organizei e produzi vários eventos de divulgação científica com o intuito de apresentá-la ao público acadêmico. Resta agora entrar em sua obra,

problematizar sua escrita, contextualizar seus interesses, trabalhos e rede de intercâmbio intelectual. Concomitantemente, nestes anos, vi expandir gradualmente o público leitor de Martineau no Brasil, além de docentes que passaram a considerá-la em seus recursos metodológicos e teóricos.

Levando em consideração todas estas questões e visando realizar tais objetivos, a tese foi estruturada de acordo com as seguintes partes. No Capítulo I abordei a vida da autora em sua infância e juventude, trazendo elementos relevantes da sua biografia, a partir de seus próprios relatos e de terceiros. No Capítulo II, o recorte foi centrado na vida adulta, na fase da maturidade da autora e a recepção da sua obra. No Capítulo III, reservei espaço para uma breve análise do período pós-morte e sua repercussão, utilizando como referência alguns textos que julgo representativos, embora não se trate de uma pesquisa exaustiva, mas sim exploratória. No Capítulo IV, listei parte da sua obra, expondo o que considero “fases” no seu processo de produção intelectual. No Capítulo V, expus e discuti os seus métodos de escrita e de análise social. No Capítulo VI, discuti a formação e o legado deixado pela autora, abordando sua filiação teórica, influências que sofreu e promoveu no século XIX e sua relação com intelectuais de sua época. Já no Capítulo VII, cuidei de desenvolver conceitos e teorias presentes em suas duas primeiras obras sociológicas, com foco na tradução de Martineau no Brasil, apresentando o trabalho que venho realizando para promover a recepção de sua obra. Pensei neste momento como um espaço para que o público-leitor tivesse contato com elementos da obra propriamente dita.

Quanto à metodologia, utilizei estratégias e métodos diferentes em razão dos propósitos de cada pesquisa realizada, os quais espero que resultem, posteriormente, em uma pesquisa mais robusta para contribuir em termos substantivos para o campo. Para compor os Capítulos I e II, realizei uma *pesquisa bibliográfica* da autobiografia de Harriet Martineau e de duas biografias escolhidas: a de Fenwick Miller, ainda no século XIX, e a da *Martineau Society*, no século XX. No Capítulo III, desenvolvi uma *pesquisa exploratória* e de *mapeamento* de obras que abordavam a vida e a obra de Martineau, considerando o seu período de vida e os 50 anos após a sua morte. Nos Capítulos IV, V e VI, os dados preliminares apresentados resultam de duas *pesquisas exploratórias*. Uma a respeito da produção da autora, contemplando livros e artigos, separados por áreas de atuação e períodos de publicação. A segunda contemplou intelectuais que

conviveram com Martineau e obras nas quais essa relação, conhecimento e leitura das obras da autora foram citados. Por fim, no Capítulo VII, discuto por meio de uma *pesquisa bibliográfica* e uma *pesquisa de tradução* a teoria presente nas primeiras obras sociológicas de Martineau.

Como se trata de uma obra bastante volumosa, é, de fato, impossível analisar todas as suas publicações. Sabendo disso, esta pesquisa estabeleceu como recorte apenas as duas obras que considero os primeiros trabalhos propriamente sociológicos da autora e que foram objeto de tradução no Brasil a partir de 2020. Em outras oportunidades, buscarei avançar um pouco na análise de outros textos de Martineau, mas é preciso fazer aqui uma escolha sóbria e objetiva, possível de ser cumprida no pouco espaço de tempo disponível para a escrita de uma tese dessa natureza. Implica dizer que este trabalho se propõe a abrir algumas questões que não podem ser aqui elucidadas e outras que por já estarem amadurecidas podem ser desenvolvidas de modo mais avançado. Também se constitui como oportunidade para canalizar informações, fontes e pesquisas que serão úteis para o desenvolvimento do campo para quem está elegendo Martineau e sua obra como objeto de pesquisa. Inobstante, também é um esforço eticamente orientado de escuta e de consideração das(os) pesquisadoras(es) que já fizeram contribuições para o campo, para não produzir novos apagamentos, algo infelizmente tão comum na academia ainda hoje. Ações que ocorrem de modo diverso (não citar, tratar como inexistente, ignorar a tradução lida e citar a original em inglês, não mencionar, ...), mas todas elas convergem para um exercício de poder, uma tática usual, embora bastante questionável do ponto de vista científico e ético. Se algum texto não vier a ser citado foi: por desconhecimento (e espero ser de algum modo informada a respeito) ou por esquecimento; por não dialogar direta ou indiretamente com o escopo desta tese; ou por não trabalhar com dados primários, baseando-se apenas em leitura de comentadoras(es) e reproduzindo os argumentos destas(es). Só assim, com transparência e debate público aberto e colaboração coletiva horizontalizada conseguiremos avanços reais, no campo científico e da política acadêmica. Isso nem de longe implica concordância ou anuência, mas sim um debate acadêmico saudável que não contribui para o *epistemicídio* de perspectivas diferentes.

Confesso que definir o recorte não foi uma tarefa fácil e, das propostas que desenhei, as anteriores a esta eram, sem dúvida, muito mais ousadas. Isso ocorre

porque existe ainda um mundo de possibilidades para o estudo sobre Martineau e quase todas elas são bastante sedutoras. Entre o ousado e o possível, no momento, fiz uma opção pragmática considerando uma agenda de pesquisas sobre a autora e não um episódio isolado ou aventureiro, e o receio absoluto de não produzir um texto superficial com referências soltas ou propagandísticas.

Ao cabo, optei por analisar as obras que já traduzi e propor um trabalho centrado na forma e conteúdo destes livros, não num debate que valorizasse as percepções e interpretações de comentadoras(es). Mesmo porque ainda não temos esse fenômeno no Brasil com relação à Martineau, pois a recepção ainda está sendo construída. Em outras palavras, não se trata de um trabalho isolado, mas de uma agenda de pesquisas que venho tentando desenvolver de modo articulado e sequencial para os próximos anos, em continuidade ao que já foi feito, contando já com 02 artigos publicados e 03 pesquisas encerradas, além de uma recém aprovada. Três outras propostas estão em andamento. Uma na qual me proponho a investigar a contribuição de Martineau para as políticas públicas (PPs) através do conceito de “obras públicas”, contrapondo-se ao fato de que as(os) comentadoras(es) classificam a autora (e outras mulheres intelectuais do período) como uma “reformadora”, colocando-as num posto inferior neste ranqueamento, denominando-as protossociólogas, precursoras ou pioneiras. Outro projeto é o de investigar o pós-morte de Martineau e sua repercussão na imprensa à época, acompanhando este processo de *cancelamento* do qual ela foi vítima. Parte dos dados coletados e uma análise preliminar são apresentados aqui, num primeiro esforço de compreender esse período. A terceira pesquisa pretende compreender como foi o processo de recepção e tradução de Martineau para a língua francesa. Tenho gestado esse projeto com a professora Andrea Borges Leão, da UFC, tendo em vista que os livros de Martineau eram divulgados amplamente na imprensa francesa antes mesmo de terem sido traduzidos para a língua francesa. Mas foram rapidamente traduzidos, praticamente de modo simultâneo, com exceção de *Como observar: morais e costumes*.

Em fase de encerramento (2023-2024) se encontra o projeto de mapeamento e descrição dos planos de ensino de Ciências Sociais, de IFES (Instituição Federal de Ensino Superior) no Brasil, e a presença de autoras nos planos das disciplinas de introdução à Sociologia, que foi renovado para o período de mais um ano (2024-2025).

Além disso, realizei pesquisas de tradução, que serão em parte incorporadas a esta tese e que já foram encerradas. De 2021 a 2022, realizei a *pesquisa de tradução* “Harriet Martineau (1802-1876): How to observe e a história da Sociologia” e, de 2022 a 2024, “Harriet Martineau (1802-1876): Society in America (vol. I e II)”.

A título de encerramento, gostaria de destacar um ponto que não diz respeito à estrutura da tese, mas ao processo de produção do conhecimento e do fazer ciência. Dos seis membros da banca, quatro são mulheres, o que muito me alegra. Senti uma grande dificuldade em identificar mulheres titulares no meu círculo de convivência e contei com a ajuda de amigas(os) numa busca que resultou frutífera, mas que esbarrava sempre em outros impedimentos como a agenda de compromissos. Sobre as mulheres titulares, percebi que conheço poucas e este certamente é um problema de miopia que tentei resolver consultando colegas da área que forneceram algumas indicações preciosas. Das que conheço, a maioria se aposentou e mantém hoje uma rotina mais distante da academia e seus rituais, ou não trabalham com teoria sociológica e história da Sociologia. E das convidadas, uma que atua no campo não demonstrou interesse, duas não puderam e quatro não responderam ao convite.

Destaco também o fato de que o professor Raul foi meu orientador na graduação e acompanhou de um modo ou outro o desenvolvimento da minha carreira, além de ser hoje colega de instituição, por isso, sempre foi meu desejo que ele estivesse presente neste momento para avaliar este percurso e trazer um olhar crítico considerando estes últimos 27 anos. Os demais membros foram sendo convidados, cada um a seu modo e tempo, ao longo do percurso e em razão de diálogos que foram sendo estabelecidos por pautas diversas. Além do fato de serem docentes com reconhecimento acadêmico inquestionável, busquei valorizar o estranhamento e a avaliação de quem não pesquisa sobre este tema em específico.

Neste trabalho, propus um encontro sem ruídos com Martineau e alertei para os riscos da discricionariedade presente na chamada recepção e apropriação de autoras(es) por meio de comentadoras(es) e de leitoras(es) das gerações que se sucedem a elas(es). Adotei uma espécie de caráter de ensaio porque não queria que as ideias e as teorias da autora fossem ofuscadas. Geralmente, as(os) comentadoras(es) a reduzem a apenas algumas de suas obras ou a alguns elementos repetidamente mencionados. Busquei promover e convidar a um encontro com Martineau por ela

mesma, fugindo do padrão institucionalizado e da *revisão de literatura*. O foco aqui foram os resultados da *pesquisa de tradução*.

Seguindo a máxima de Martineau, segundo a qual não se faz teoria sem pesquisa de campo, que busquei as fontes primárias, numa *pesquisa exploratória e de mapeamento* para compreender a vida e a obra da autora. Abandonando o recurso inicial a comentadoras(es), busquei fugir do vício de atalhos, que é muito mais uma expressão dogmática de reprodução (inclusive de plágio, como a própria autora por diversas vezes denunciou) e preparando um material sólido e público de referência para pesquisas posteriores.

Nunca tive a pretensão de dar conta de tudo em um único trabalho. Não consegui acesso a todos os livros que identifiquei e não consegui lançar no trabalho todos os livros que já possuo sobre o tema. Trata-se de uma agenda de pesquisa para a vida e para a qual quero contribuir ativamente. E, definitivamente, não estou aqui preocupada com rótulos ou enquadramentos, mas em propor uma apresentação panorâmica associada a pesquisas especializadas, principalmente a *pesquisa bibliográfica* e a *pesquisa de tradução*. A tese trouxe reflexões novas que conformam uma agenda de pesquisas necessárias para os próximos anos e que pretendo me programar para cumprir. Esses são achados, pistas e direções para novas pesquisas, já que a agenda de pesquisas sobre Martineau está aberta e possuímos mais de 200 anos de material documental e bibliográfico disponível e ainda pouco consultado e estudado. Embora essa seja a versão final depositada, sinto que novas revisões serão feitas na sequência para avançar neste mapeamento e no lançamento de dados para publicação em artigos e como livro.

Nestes termos, apresento um trabalho honesto, sóbrio e fruto de um esforço maior em prol da produção de conhecimento acerca da contribuição das teóricas clássicas para as Ciências Sociais. Os dados preliminares de algumas pesquisas foram apresentados como indicativos de análises ainda em andamento. Mas eu não poderia perder a oportunidade de pautar o tema (que tem ocupado todos os meus dias nos últimos anos) no último grande ritual da carreira, aproveitando a presença de uma banca tão qualificada.

Ler Martineau sempre foi extremamente prazeroso e me faz pensar a profissão, a carreira, a vida, a relação com os filhos, as demandas familiares, o trato com alunos e

os adoecimentos que vez ou outra nos acometem a todas(os). O que consiste num alívio nessa altura da vida, já que ao falar de si mesma, Martineau também está falando mais ou menos de cada um de nós, em especial sobre as mulheres pesquisadoras e escritoras.

Certamente o tema poderia ser melhor trabalhado em outras condições, já que esta tese é um enorme quebra-cabeças que precisa de tempo para ser encaixado a contento. Mas, como rito de passagem, precisa ser cumprido, não idealizado. Como tudo na vida, como o tempo é curto, as limitações e as possibilidades são múltiplas, “tese não acaba, termina-se”. O texto original foi registrado na CBL (Câmara Brasileira do Livro) e depositado no Acervo da Biblioteca Central da UFJF, mas também será desenvolvido, melhorado e desmembrado em artigos científicos. A atualização do banco de dados básico formulado nesta tese e objeto de pesquisas em andamento será feita em meu blog fernandahcalcantara.blogspot.com sempre que possível e conforme convém a todo empreendimento científico.

Feitas tais considerações, passarei agora ao desenvolvimento da estrutura proposta.

PARTE I – VIDA E MORTE

Capítulo I

Infância e juventude: vida de classe média e falência

Não é possível formar uma opinião sobre alguém ou sua obra apenas pelo que alguém comunicou a seu respeito ou com base na opinião de terceiros. Por essa razão, é obrigatório que a pesquisa revise dados primários, não se reduzindo a uma simples *revisão bibliográfica* de algumas(ns) comentadoras(es). Quando isso acontece, é preciso deixar claro que a manifestação não é quanto a dada obra ou intelectual, mas sobre o quê e como algumas(ns) comentadoras(es) se referem a eles. É no mínimo desonesto intelectualmente adotar afirmações a respeito como se fossem verdades descortinadas. Não que a *revisão bibliográfica* não tenha um caráter científico. O problema é transformá-la no que ela não é e os seus resultados serem apresentados para além do que é capaz de produzir.

Sobre a trajetória e a condição de Martineau ao longo da vida, temos disponíveis a sua autobiografia, publicada em ao menos duas edições (no final do século XIX) e a versão da autobiografia escrita por Miller (1887)¹. Sobre essa última, será usada sempre como um contraponto, na medida em que ela toma por base o texto de Martineau, mas incorpora a ele seus próprios julgamentos acerca de fatos que, apesar de não os ter presenciado, afirma ter investigado, sem que seus métodos sejam explicitados. Uma grande ironia, inclusive, já que pretendia revisar a autobiografia de uma metodóloga, que achava fundamental que toda(o) pesquisadora(r), em primeiro lugar, explicitasse os meios, os motivos e o contexto de modo transparente para que a(o) leitora(r) entendesse os resultados apresentados e a perspectiva a partir da qual uma dada

¹ Também utilizarei o trabalho de garimpo de associados da *Martineau Society* (nos séculos XX e XXI), que segue sendo publicado aos poucos. Trata-se do texto da colega Elisabeth Sanders Arbuckle (1928-2019), estudiosa da obra de Martineau, que presidiu e foi uma das fundadoras da *Martineau Society*. Como a obra tem sido revisada e publicada como *e-book*, capítulo por capítulo, não existe referência a data.

realidade é observada. Já que, para Martineau, tudo era contingencial e relativo. Aproveito para ressaltar a ausência de crítica à postura de Miller (1887), por quem faz uso de seu livro, que é associada como um fato, não como uma interpretação da interpretação. Outro erro é quanto à confusão da versão de Miller (1887) com a própria autobiografia, pois uma das edições reimpressas contemporâneas alterou o nome do título que era “Harriet Martineau” para “Harriet Martineau’s autobiography”. Feitas tais considerações, passarei a me referir a autobiografia apenas quando se tratar da obra originária publicada em 1877 e suas reimpressões. Martineau explicou que em 1831 ela havia começado a escrever a autobiografia e depois em 1841, retomando em 1855 (Martineau, 1877a, p. 01).

Pode parecer desnecessário pontuar isso, mas ocorre que em algumas edições e obras tem-se a referência ao livro de Miller como “autobiografia”, visto que ele literalmente copia parte do relato de Martineau, mas o coloca na 3ª pessoa do singular. Eu mesma, ao comprar o livro *Harriet Martineau’s autobiography*, da edição Hanse, só descobri que não era a autobiografia após lê-lo, sendo uma suposta reimpressão da Editora W. H. Allen & Co., de 1884, do livro de Miller. Até onde sei, a biografia escrita por Miller foi publicada em 1884, em Londres pela W. H. Allen & Co., e em 1887, em Boston pela Roberts Brothers.

Lógico, erros são comuns e constituem a experiência humana. Como diria Martineau, passíveis de retratação quando veiculados de modo a serem cientificamente contestáveis (Martineau, 2021). O que não engloba comportamentos antiéticos e de má-fé. Certamente, das obras que traduzi, editorei e publiquei, alguns erros eu mesma identifiquei e pretendo corrigir nas próximas edições. Outros certamente serão reportados por leitoras(es) que gentilmente auxiliam neste processo de melhoria e adaptação do texto num movimento de contínua reformulação e revisão. Entretanto, no caso da leitura de comentadoras(es) em outros idiomas, há que se ter um cuidado extra para não incorrer em plágio. E aqui temos uma grande dificuldade metodológica, pois o texto de Miller (1887) se vale das palavras de Martineau, já que sua obra teve por base a autobiografia escrita por ela. O que Miller fez foi um recorte da obra, colocando o texto na terceira pessoa e julgando fatos narrados pela própria Martineau. Ela não se restringiu a datas e inconsistências, mas quanto ao que teria sido a interpretação “correta” de um fato, negligenciando e julgando as percepções da teórica. Inclusive,

tomando por fontes aquelas pessoas com as quais Martineau sequer conversava, desde a maturidade ao final da vida, como é o caso do irmão James. Ironicamente, Miller (1887) criticou de modo ferrenho a editora da autobiografia, Mary Chapman, por erros quanto a datas e outros. Para Miller, Martineau não teria descrito bem Martineau, cabendo a ela o papel de defender a autora de si mesma.

As críticas às memórias (que remontam à fase ainda bebê) descritas por Martineau não podem prosperar na medida em que as memórias são socialmente construídas e ressignificadas, não se referindo apenas ao que foi efetivamente visto ou sentido, mas interpretado e até mesmo imaginado à luz de relatos que não são claramente identificados. Mas era como ela via ao contar.

Feitas tais ponderações, caber perguntar: o que é uma (auto)biografia? Para Bourdieu (2006, s/p), uma mera ilusão:

“A história de vida é uma daquelas noções do senso comum que entram de contrabando no universo acadêmico; primeiro, sem tambor nem trompeta, pelos etnólogos; depois, mais recentemente, e não sem estrondo, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pressupor pelo menos, e isto não é pouco, que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Une vie*, uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato desta história. É o que diz o senso comum, ou seja, a linguagem ordinária, que descreve a vida como um caminho, uma rota, uma trilha, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), suas armadilhas e emboscadas (Jules Romains fala de “sucessivas emboscadas de competições e exames”), ou como uma trajetória, ou seja, um caminho que trilhamos ininterruptamente, um trajeto, um curso, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que compreende um começo (“um começo de vida”), algumas etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (“ele trilhará o seu caminho” significa que terá sucesso, terá uma bela carreira), um fim da história. É aceitar tacitamente a filosofia da história em seu sentido de sucessão de acontecimentos históricos, *Geschichte*, que está implicada em uma filosofia da história no sentido de narrativa histórica, História, em síntese, em uma teoria da narração, uma narrativa do historiador ou do romancista, sob este aspecto indiscerníveis, a biografia ou autobiografia notadamente.”

Para ele, tanto a autobiografia quanto a biografia, de um modo geral, são narrativas, que consistem numa tentativa de organizar a vida como uma história, para “dar sentido” a um conjunto de fatos, sendo o sujeito que narra os fatos um “ideólogo da própria vida”, selecionando acontecimentos, atribuindo significado e conexões entre eles. Ou, ainda:

“Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, ou seja, como uma narrativa coerente de uma sequência significativa de acontecimentos concatenados, talvez implique sacrificar-se a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência, que toda uma tradição literária insiste em fortalecer. É por isso que tem sentido pedir ajuda àqueles que tiveram que romper com essa tradição no campo de sua conquista exemplar”. (Bourdieu, 2006, s/p)

Assim, Bourdieu aponta para a noção de *habitus* para resolver a situação e não fugir do campo da Sociologia, além de investigar os “mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência ordinária da vida como unidade e totalidade”. Por outro lado, em comparação com a literatura da qual supostamente teria herdado a necessidade de concatenação lógica de fatos, Bourdieu (2006) alegou que mesmo a literatura parou de usar esse recurso, na medida em que reconheceu que se a realidade é descontínua, como a vida poderia ser contada como contínua? A produção do “discurso de si” também está ligada à relação entre o *habitus* e o campo. Para ele, a *história de vida* é um “tipo de artefato socialmente impecável”.

Atenta à crítica de Bourdieu (2006) sobre como os ruídos da leitura isolada da autobiografia podem ser compreendidos pelo fato de que não consideraram esta como expressão dos tipos de *capital* dos quais dispõem a autora dentro de um *campo* e “o conjunto de relações objetivas”.

Na autoimagem, Martineau é bastante crítica com relação a seu comportamento, o que ilustra um tipo de personalidade. Contudo, em todo o seu relato (embora ela não aceitasse o “discurso” como fonte principal e sim as “coisas”), é ilustrativa a referência à contingência, instituições e oportunidades, de um lado, associadas a aprimoramento comportamental, de outro. Caberia aqui, inclusive, um detalhamento maior, considerando a riqueza de informações presentes em sua autobiografia. Entretanto, como este não é o objeto desta tese, farei apenas algumas referências para que a(o) leitora(r) possa compreender e, talvez, se interessar por estas obras, continuando os estudos a respeito.

É interessante notar que as páginas da autobiografia possuem cabeçalhos individualizados para destacar o tema que aparece em cada intervalo, para além do que está disposto no Sumário, e o ano de referência alternando com a idade. Não sei informar se esse *layout* foi definido por Martineau ou, por sua editora, Mary Chapman.

O primeiro relato que tenho é o de que, ao concluir a redação, os livros teriam sido impressos e guardados por 21 anos. O que leva a crer que ela teria participado desta fase e provavelmente feito ou aprovado tal destaque e classificação, já que é de conhecimento público o seu interesse e conhecimento acerca do processo editorial, tanto como autora quanto como revisora.

De questões como a dinâmica familiar, o relacionamento com cada membro da família, seu autorretrato na infância como alguém doente, medrosa (MARTINEAU, 1877a, p. 08), carente, ciumenta, os conflitos e as disputas pessoais, até as primeiras experiências fora de casa (Martineau, 1877a, p. 66), a influência de pessoas marcantes em sua vida como referências a serem seguidas, até o contato com os primeiros teóricos, por livros (caso de Locke, Hartley, Joseph Priestly, Dugald Stewart, Carpenter ...) até o convívio propriamente dito com grandes intelectuais da Europa da época (Malthus, Darwin, Jane Marcet, Charlotte Bronte, Stuart Mill, ...), compõem a autobiografia escrita por Martineau.

Os relatos sobre sua família, o cotidiano de sua casa e as relações sociais são muito ricos e remetem às suas origens ancestrais como uma identidade reconhecida. Ela contou que descendia de huguenotes, das famílias Martineau e Pierre, que foram para a Inglaterra após a revogação do Édito de Nantes, em 1688. O pai dela era o mais novo e não seguiu a tradição familiar de médicos, optando por ser um “manufactor” em Norwich e se casando com Elizabeth Rankin, cuja família era de refinadores de açúcar em Newcastle upon Tyne. O casal Martineau teve 08 filhos, sendo Harriet a sexta:

1. Elizabeth (1794-1850)
2. Thomas (1795-1824)
3. Henry (1797-1844)
4. Robert (1798)
5. Rachel Ann (1800-1878)
6. Martineau (12/06/1802-27/06/1876)
7. James (1805-1900)
8. Ellen (1811-1889)

Os conflitos aparecem como algo crucial para o seu desenvolvimento pessoal, o tatear o terreno, desenvolver a capacidade de fala e a coragem para o confronto, bem

como a percepção da reação das pessoas envolvidas e, com isso, ela ganhava espaço e conhecia um pouco mais sobre o funcionamento do ambiente e das próprias pessoas que ela supunha conhecer em pormenores. A relação na juventude com a irmã Rachel e as suspeitas de favorecimento de sua mãe foi uma dessas situações nas quais ela se sentia oprimida, até o momento em que conseguiu realizar uma afronta e dizer como se sentia, para o quê ela nomeou como “surto”. Ao final, passado o drama momentâneo e a repressão sofrida pela mãe, ela conseguiu avançar e se sentir melhor com relação a essa situação e no relacionamento familiar. Principalmente, por perceber que a verbalização e a clareza sempre levavam ao avanço de todas as partes envolvidas e do próprio assunto, promovendo um desenvolvimento pessoal, mas também coletivo, como aprendizado constante. Martineau contrapôs a reserva e o silêncio à capacidade de verbalizar sua percepção de mundo e de se autoconhecer melhor, chegando à conclusão de que estes últimos promovem uma espécie de “cura”. Além disso, ela explicou que esse equilíbrio entre contestar ou resistir e seguir em paz era uma equação muito difícil de ser feita, que ela só conseguiu de fato alcançar aos 40 anos (MARTINEAU, 1877a, p. 67 e 68).

Sobre a infância, ela relatou que sua ama de leite havia enganado sua mãe e que, em consequência, teria quase morrido de fome. A mãe atribuía sua falta de saúde e constante mal-estar a esse fato (Martineau, 1877a, p. 08) e Harriet supostamente culpava a mãe por não ter percebido isso (Arbuckle, s/d, cap. 01, p.03). Essa relação com a mãe sofre uma reviravolta à medida em que Harriet envelhece e passam a compartilhar momentos de cumplicidade, como veremos adiante. De novo, o desconhecimento como um grave problema que só pode ser resolvido com o acesso a informações adequadas e a providências necessárias.

“My parents knew nothing of all this. It never occurred to me to speak of any thing I felt most: and I doubt whether they ever had the slightest idea of my miseries. It seems to me now that a little closer observation would have shown them the causes of the bad health and fitful temper which gave them so much anxiety on my account; and I am sure that a little more of the cheerful tenderness which was in those days thought bad for children, would have saved me from my worst faults, and from a world of suffering.”. (Martineau, 1877a, p. 09)

É cara essa reflexão de que as angústias e o sofrimento eram vividos em estado de solidão e que não participou seus pais a respeito deste assunto. Como também é importante a análise de que possivelmente sua infância teria sido de outra natureza se essa comunicação tivesse ocorrido de forma próxima. Mas ela se referiu a isso como uma questão estrutural, ao explicar que “the cheerful tenderness”, que considerava ausente em sua criação se devia ao fato de que, naquele período, era tomada como algo ruim para as crianças. Lógico que embora o diagnóstico seja de que se trata de algo estrutural, as consequências são individualmente sentidas por ela. Outro exemplo a esse respeito é que o casal que cuidou dela até 02 ou 03 anos foi descrito como profundamente religioso, o que a teria influenciado enormemente durante a infância. Ela os descreveu como “a Methodist or melancholy Calvinist of some sort” (Martineau, 1877a, p. 09) e indicou as influências sociais sofridas por crianças ao longo de sua formação e de seu ambiente como algo relevante para compreender o comportamento delas, distanciando-se por completo de uma visão essencialista da realidade. Assim, o fato de serem criadas longe dos pais demonstrava um estranhamento quando do retorno para a casa. Essa é não apenas uma percepção, mas um experimento social que entrou em desuso, no qual as crianças eram criadas por terceiros, sendo retiradas de suas casas e da convivência com seus pais. Em decorrência, Martineau identificava padrões e fatores que entendia como mantendo uma relação de causalidade. Ou seja, mesmo nesse período em que escrevia a autobiografia, já com 53 anos manteve seu método de análise e o aplicou à reflexão sobre o transcorrer da própria vida.

Ainda com relação à formação religiosa, não se manifesta uma intolerância de seus pais unitaristas, tanto é assim que contratam um casal de outra denominação religiosa para cuidarem de sua filha. Mas existem críticas ao comportamento produzido por um tipo de moral que fundamenta uma dada religião e que foram conformando a visão de mundo, na medida em que ela começou a observar uma diversidade de posturas e comportamentos que distinguem o nós do como eles fazem ou pensam. Martineau questionou a função e o conforto que a religião lhe ofereceu na infância e os usos que ela fez dela para se sentir bem e, de certo modo, segura. Sem manifestar qualquer ilusão a respeito, mesmo porque se referia a estes usos como muito convenientes.

É provável também que o medo estivesse relacionado à influência religiosa que ela havia sofrido, já que se autodescreveu como uma “remarkably religious child” (Martineau, 1877a, p. 13). Ela também não deixou de se referir a ideias suicidas que teria tido ainda na infância, associando isso a algum tipo de injustiça ou vingança.

“I had a devouring passion for justice; – justice, first to my own precious self, and then to other oppressed people. Justice was precisely what was least understood in our house, in regard to servants and children. Now and then I desperately poured out my complaints; but in general I brooded over my injuries, and those of others who dared not speak; and then the temptation to suicide was very strong. No doubt, there was much vindictiveness in it. I gloated over the thought that I would make somebody care about me in some sort of way at last: and, as to my reception in the other world, I felt sure that God could not be very angry with me for making haste to him when nobody else cared for me, and so many people plagued me.” (Martineau, 1877a, p. 14)

Ao cabo, ela refletiu criticamente acerca de sua imaturidade, devaneios e sobre como o seu comportamento na infância deve ter sido ruim, justificando que a estrutura familiar, a relação dos pais com as(os) filhas(os) e destes entre si prejudicava a existência de um comportamento mais saudável. A autora supôs que isso contribuiu para que sua necessidade de aprovação e de afeto, além do ciúme extremo, fossem uma constante, culminando em “assumed doggedness and wilfulness” na juventude ou por ser uma “intolerable child” (Martineau, 1877a, p. 15 e 16). É, portanto, um relato cáustico, nada romantizado ou preocupado com uma imagem dócil ou adequada a padrões socialmente aceitáveis. Mais do que isso, Martineau discutiu a infância, suas condições e consequências, não apenas na formação da personalidade, como no comportamento social e político.

Por outro lado, resta a dúvida do que seria considerado injustiça para Martineau, termo ao qual ela se referiu com certa frequência. Mas ela literalmente mencionou na autobiografia a “justice due from the stronger to the weaker” e a “oppression which servants and children had (as I supposed universally) to endure” (Martineau, 1877a, p. 16) ou, ainda, em “doctrine of passive obedience” (Martineau, 1877a, p. 17). Não apenas nessa obra como em outras (Martineau, 2021, 2022, 2024, por exemplo). Martineau colocou as crianças como *sujeitos* e como *objetos* de estudo, indicando suas percepções, sentimentos, angústias, necessidades, desenvolvimentos e tratamentos recebidos pela sociedade (Martineau, 1877a; 2021).

Essas passagens se constituem nas primeiras reflexões dela sobre a hierarquia e o autoritarismo, a falta de liberdade e de autonomia, contra as quais ela alegou sempre ter lutado por uma questão de justiça, desde a mais tenra infância.

“I was abundantly obedient in act; for I never dreamed of being otherwise; but the interior rebellion kept my conscience in a state of perpetual torture. As far as I remember, my conscience was never of the least use to me; for I always concluded myself wrong about every thing, while pretending entire complacency and assurance. My moral discernment was almost wholly obscured by fear and mortification.” (Martineau, 1877a, p. 17)

Ou, ainda: “- All this is very painful; but I really remember little that was not painful at that time of my life.” (Martineau, 1877a, p. 17).

Sobre a sua iniciação à política e aos assuntos de relações exteriores ela relatou o sofrimento dos pais com a morte de Nelson em 21/10/1805, na vitória de Trafalgar e a apreensão deles quanto a uma possível invasão de Napoleão em Norfolk. O ano de referência no cabeçalho é 1808 e a autora contava com 06 anos de idade (Martineau, 1877a, p. 18). Mas Martineau também relatou a sua experiência com o que nomeou “social matters” e, novamente, “passion for justice”. Em suas palavras:

“As to social matters, – my passion for justice was cruelly crossed, from the earliest time I can remember, by the imposition of passive obedience and silence on servants and tradespeople, who met with a rather old-fashioned treatment in our house. We children were enough in the kitchen to know how the maids avenged themselves for scoldings in the parlor, before the family and visitors, to which they must not reply; and for being forbidden to wear white gowns, silk gowns, or any thing but what strict housewives approved. One of my chief miseries was being sent with insulting messages to the maids,- e. g., to ‘bid them not be so like carthomes overhead’, and the like. On the one hand, it was a fearful sin to alter a message; and, on the other, it was impossible to give such an one as that: so I used to linger and delay to the last moment, and then deliver something civil, with all imaginable sheepishness, so that the maids used to look at one another and laugh.” (Martineau, 1877a, p. 18)

Neste caso, ela destacou as imposições feitas aos serviçais e os insultos endereçados a eles, tendo as crianças da casa como mensageiras. A autora mostrou consciência com relação a *quê* e *como* os serviçais se vingavam. Portanto, a dinâmica da casa era importante e política sob a sua perspectiva, percebendo as nuances e as relações de poder ali envolvidas. Em diversos momentos, Martineau se sentia culpada e com dificuldade em se manifestar perante os acontecimentos de toda ordem, o que a

levava, de novo, a um tipo de fuga com relação à religião. Essa tensão entre uma consciência ainda não desenvolvida e madura, mas que já era capaz de captar essas sutilezas das relações sociais, de um lado, e a ausência de uma capacidade de fala, muito associada à existência de uma “imposição da obediência e do silêncio passivos”, de outro, geravam angústia, sofrimento e frustração que eram canalizados para atividades que não ajudavam a superar o problema.

Outra lembrança que ela destacou foi quando sentiu “the awakening of a love of money”, explicando que:

“[...] a few years later, when I won eighteen-pence at cards, on a visit. The very sight of silver and copper was transporting to me, without any thought of its use. I stood and looked long at money, as it lay in my hand. Yet, I do not remember that this passion ever interfered with my giving away money, though it certainly did with my spending it otherwise. I certainly was very close, all my childhood and youth. I may as well mention here that I made rules and kept them, in regard to my expenditure, from the time I had an allowance. I believe we gave away something out of our first allowance of a penny a week. When we had twopence, I gave away half. The next advance was to half-a-guinea a quarter, to buy gloves and sashes: then to ten pounds a year (with help) for clothes; then fifteen, and finally twenty, without avowed help.” (Martineau, 1877a, p. 19)

Esse exemplo mostra como esse amor pelo dinheiro nada mais era do que um amor pela independência e o controle de sua manutenção, que, como ela mostra citando o exemplo de sua família, ia progressivamente caminhando para a gerência de um valor mais elevado associado a maiores responsabilidades.

Logo no início da autobiografia percebemos que Martineau tentou sistematizar os fatos dos quais se lembrava e queria mencionar de modo racional, apurando-os e questionando sua existência ou até mesmo o seu significado. Obviamente, como lembrou a própria Martineau, trata-se de um discurso escrito e ninguém é capaz de negar a sua capacidade de escrita e convencimento. Suas lembranças estão relacionadas a emoções, sensações e afetos, mas praticamente todas remetem a alguma referência acerca de conhecimentos aprendidos sobre si mesma, os outros e o mundo. Esse *continuum* parece indicar um aperfeiçoamento moral e remete às condições sociais e estruturais para que isso acontecesse. Por isso, parece-me que se trata de uma análise rica para considerarmos dentro do escopo tanto de trabalhos de *sociologia da educação* quanto de uma *sociologia da infância*.

De atos impensados, à babá que fala sobre como a mãe gosta dela por costurar suas meias enquanto todos dormem (Martineau, 1877a, p. 22), a jornada para a casa dos avós em Newcastle e a surpresa com o relógio de sol no jardim (Martineau, 1877a, p. 23), ou mesmo as mentiras do barbeiro sobre estrelas cadentes (Martineau, 1877a, p. 25), Martineau seguiu descrevendo como o mundo ia se apresentando a ela ao longo da sua infância e em que medida isso foi se consolidando como conhecimento assentado sobre como a vida funciona na relação entre natureza e sociedade.

O comportamento introspectivo e ensimesmado pode ser observado em vários desses relatos, além do espanto ao se perceber ludibriada ou enganada com histórias ou mitos sobre os quais ela não desconfiou que pudessem ser frágeis ou mesmo inverídicos:

“It seems to me now that I seldom asked questions in those days. I went on for years together in a puzzle, for want of its ever occurring to me to ask questions. For instance, no accounts of a spring-gun answered to my conception of it; – that it was a pea-green musket, used only in spring! This absurdity at length lay by unnoticed in my mind till I was twenty! Even so! At that age, I was staying at Birmingham; and we were returning from a country walk in the dusk of the evening, when my host warned us not to cross a little wood, for fear of springguns; and he found and showed us the wire of one. I was truly confounded when the sense of the old mistake, dormant in my mind till now, came upon me. Thus it was with a piece of mystification imposed on me by my grandfather's barber in 1809. One morning, while the shaving-pot was heating, the barber took me on his knee, and pretended to tell me why he was late that morning. Had I ever beard of a falling star? Yes, I had. Well: a star had fallen in the night; and it fell in the Forth lane, which it completely blocked up, beside Mr. Somebody's orchard. It was quite round, and of the beautifullest and clearest crystal. ‘Was it there still?’ O yes, – or most of it: but some of the crystal was shivered off, and people were carrying it away when he arrived at the spot. He had to go round by Something Street; and it was that which made him late. ‘Would there be any left by the time we went for our walk?’ I hoped there might. I got through my lessons in a fever of eagerness that morning, and engaged the nurse maid to take us through that lane. There was the orchard, with the appletree stretching over the wall: but not a single spike of the crystal was left. I thought it odd; but it never occurred to me to doubt the story, or to speak to any body about it, except the barber. I lay in wait for him the next morning and very sorry he professed to be; – so sorry that he had not just picked up some crystals for me while there were so many, but no doubt I should come in the way of a fallen star myself, some day. We kept this up till October, when we bade him good bye: and my early notions of astronomy were cruelly bewildered by that man's rhodomontade. I dare not say how many years it was before I got quite clear of it.” (Martineau, 1877a, p. 24)

Entre os relatos, encontra-se a referência ao “sunday practice”, que só cessou quando a surdez se agravou e comprometeu a sua capacidade de manter a atenção na fala (Martineau, 1877a, p. 25 e 26). No mesmo período, ela alegava manter uma grande admiração por clérigos e ministros, mas que, posteriormente, percebeu que tanto o julgamento moral quanto intelectual desta categoria eram inferiores ao das demais (Martineau, 1877a, p. 25). Para cada período, personagens, contextos e assuntos seguiam se apresentando e mostrando à autora uma perspectiva que se tornava contingencial com o passar do tempo, afastando-a de um viés dogmático e peremptório. Se o tempo sempre foi um aliado neste processo de desenvolvimento e de amadurecimento, outras condições e oportunidades também contribuíram para isso.

“My mind, considered dull and unobservant and unwieldy by my family, was desperately methodical. Every thing must be made tabular that would at all admit of it. Thus, I adopted in an immense hurry Dr. Franklin's youthful and absurd plan of pricking down his day's virtues and vices under heads. I found at once the difficulty of mapping out moral qualities, and had to give it up, – as I presume he had to. But I tried after something quite as foolish, and with immense perseverance. I thought it would be a fine thing to distribute scripture instructions under the heads of the virtues and vices, so as to have encouragement or rebuke always ready at hand. So I made (as on so many other occasions) a paper book, ruled and duly headed.” (Martineau, 1877a, p. 27)

Então, Martineau se considerava “desperately methodical” (Martineau, 1877a, p. 27), ao mesmo tempo em que confessou vários equívocos com os quais se envolveu e se dedicou em vida, mesmo pensando de modo completamente diverso quando escreveu a sua autobiografia. O que mostra como ela manteve uma tranquilidade com relação a essas mudanças e fases, reconhecendo-as como algo circunstancial e processual, não de modo essencialista e incrustrado em sua própria personalidade ou caráter. Um dos usos que fez dessa habilidade na juventude foi tentar sistematizar o antigo e o novo testamento separando vícios e virtudes, construindo um sistema (Martineau, 1877a, p. 27). Em outras palavras, queria racionalizar a leitura do principal texto utilizado por sua religião e tanto a noção de classificação das morais para compreensão quanto a conformação de um sistema, que ela, em sua juventude, imaginava existir. Era o que a autora tinha para a época e correspondia ao seu horizonte de entendimento e conhecimentos adquiridos. Martineau não se mostrava envergonhada ou constrangida ao admitir em diversas passagens que desistiu a respeito

de algo sobre o qual se empenhou, mas não logrou êxito (Martineau, 1877a, p. 27). Fazia parte dessa visão processual da vida considerar que nada estava dado ou constituído desde sempre. Tudo era socialmente condicionado e o produto disso não poderia ser considerado de modo diverso.

Ainda sobre essa perspectiva racionalista e sua relação com a religião, a autora fez duras críticas ao fato de os unitaristas se considerarem “cristãos” e no caso de sua família em particular, deveria ser considerado que a dissidência degenerou no Unitarismo. Para o quê apontou a origem francesa do nome Martineau, sendo seus ancestrais huguenotes expatriados, fugidos da Normandia, portanto, calvinistas que foram seguidos pelo que a autora denominou de “pseudo-Christianity of Arianism first” para depois chegarem ao Unitarismo (Martineau, 1877a, p. 27). Como se o termo cristão se confundisse nesse momento com o próprio catolicismo: “The Unitarism from my parentes saved me from that” (Martineau, 1877a, p. 30). Ela se referia ao fato de que o pecado e a misericórdia são tormentos para os cristãos e não eram para os unitaristas. Percebia, portanto, a religião como um elemento cultural, resultante de diversos fatores que contribuía desde a sua criação à adaptação a povos e a ambientes diversos.

Apesar de tudo, Martineau apontava a religião como tendo sido sua “best resource” (Martineau, 1877a, p. 32) mesmo não tendo mais qualquer ligação com o unitarismo ou religião de outra natureza. É intrigante de fato como foi a prática religiosa que a levou a investir, num primeiro momento, no raciocínio lógico, na curiosidade e no hábito do questionamento, que a autora alegava não ter desenvolvido nem ter noção da necessidade até os 08 anos de idade. Ela citou como exemplo uma conversa que teve com seu irmão mais velho, Thomas, quando ainda tinha onze anos:

“I found myself by his side during a summer evening walk, when something gave me courage to ask him – (the man of eighteen!) – the question which I had long been secretly revolving: – how, if God foreknew everything, we could be blamed or rewarded for our conduct, which was thus absolutely settled for us before-hand. He considered for a moment, and then told me, in a kind voice, that this was a thing which I could not understand at present, nor for a long time to come. I dared not remonstrate; but I was disappointed: and I felt that if I could feel the difficulty, I had a right to the solution. No doubt, this refusal of a reply helped to fix the question in my mind.” (Martineau, 1877a, p. 33)

Martineau entendia que somente aos poucos foi desenvolvendo um maior controle moral e espiritual, a depender do acaso, das circunstâncias que sua família estava vivenciando e das oportunidades, geralmente aleatórias, que sortiam de acontecer.

“I have said that by this time I had begun to take moral or spiritual charge of myself. I did try hard to improve; but I fear I made little progress. Every night, I reviewed the thoughts and actions of the day, and tried to repent; but I could seldom comfort myself about any amendment. All the while, however, circumstances were doing for me what I could not do for myself, as I have since found to be incessantly happening. The first great wholesome discipline of my life set in (unrecognized as such) when I was about eight years old. The kind lady who took me upon her lap at Mr. Drummond's lecture had two little girls, just the ages of Rachel and myself: and, after that incident, we children became acquainted, and very soon, (when the family came to live close beside us in Magdalen Street) as intimate as possible. I remember being at their house in the Market Place when I was seven years old; and little E. could not stand, nor even sit, to see the magic-lantern, but was held in her papa's arms, because she was so very lame. Before the year was out, she lost her leg. Being a quiet-tempered child, and the limb being exceedingly wasted by disease, she probably did not suffer very much under the operation. However that might be, she met the occasion with great courage, and went through it with remarkable composure, so that she was the talk of the whole city. I was naturally very deeply impressed by the affair. It turned my imagination far too much on bodily suffering, and on the peculiar glory attending fortitude in that direction. I am sure that my nervous system was seriously injured, and especially that my subsequent deafness was partly occasioned by the exciting and vain-glorious dreams that I indulged in for many years after my friend E. lost her leg. All manner of deaths at the stake and on the scaffold, I went through in imagination, in the low sense in which St. Theresa craved martyrdom; and night after night, I lay bathed in cold perspiration till I sank into the sleep of exhaustion. All this is detestable to think of now; but it is a duty to relate the truth, because parents are apt to know far too little of what is passing in their children's imaginations, unless they win the confidence of the little creatures about that on which they are shyest of all,- their aspirations. The good side of this wretched extravagance of mine was that it occasioned or strengthened a power of patience under pain and privation which was not to be looked for in a child so sensitive and irritable by nature. Fortitude was in truth my favorite virtue; and the power of bearing quietly a very unusual amount of bodily pain in childhood was the poor recompense I enjoyed for the enormous detriment I suffered from the turn my imagination had taken.” (Martineau, 1877a, p. 34)

Como exemplos, a autora citou dois casos vivenciados com “E.”, uma amiga que perdeu a perna em decorrência de uma doença (Martineau, 1877a, p. 35 e 36) e sobre a qual Martineau já havia escrito no livro *The Crofton boys* e afirmou ter ficado preocupada com os sentimentos dela após tal publicação (Martineau, 1877a, p. 36).

Em 1811, ela foi para o campo cuidar de sua saúde e destacou que estava bastante infeliz, relatando os conflitos com a governanta (Martineau, 1877a, p. 37). Sobre o período no campo, Martineau explicou que suas memórias foram relatadas em *Deerbrook* (Martineau, 1877a, p. 38), não sendo oportuno relembra-las.

“The truth is, my remembrances of that summer may be found in ‘Deerbrook’, though I now finally, (as often before,) declare that the characters are not real. More or less suggestion from real characters there certainly is; but there is not one, except the hero, (who is not English,) that any person is justified in pointing out as ‘from the life’. Of the scenery too, there is more from Great Marlow than from that bleak Norfolk district: but the fresh country impressions are certainly derived from the latter.” (Martineau, 1877a, p. 38)

Ao longo de toda a sua vida a relação com a natureza sempre apareceu em destaque (Martineau, 2022b, p. 109, 111, 150, por exemplo) e aqui não foi diferente, ao perceber que o ser humano é capaz de induzir e de modificar processos da natureza, o que também foi descrito em *Household Education*. As caminhadas diárias pelos jardins, parques e próximo a matas sempre foram uma referência constante nos textos da autora e uma prática que ela nutriu como espaço de saúde mental e física, mas também para elaboração e amadurecimento de ideias. Martineau costumava afirmar que o hábito de caminhar era uma necessidade e um costume inglês (que ela não observou nos hábitos dos norte-americanos), que a ajudava a pensar e a estruturar seus textos (Martineau, 2024). Foi, ainda, a paixão pela natureza que a motivou a se mudar para a região dos lagos, após uma longa fase de enclausuramento por causa da doença (Martineau, 1877a). A paixão e a experiência com a natureza eram tamanhas que ela chegou a escrever ao menos dois guias a respeito do turismo em regiões de lagos (Martineau, 1855).

Ao refletir sobre si, seus pensamentos, comportamentos e lugar no mundo, Martineau se expôs, reconheceu erros, medos, pensamentos egoísticos e imaturidade de toda sorte, e foi duramente julgada por isso, ao ter se descrito como uma figura humana, suscetível de vícios e de virtudes, que podem ser estimulados ou cultivados. O foco da autora sempre esteve na capacidade de aprendizado, de desenvolvimento e de cultivação de determinadas práticas que facilitassem o acesso ao conhecimento. Não por acaso Miller (1887) recortou os relatos de Martineau e escolheu aqueles que considerava mais dignos para uma pessoa em tal posição, recolocando-a num lugar de

destaque quase natural, afastando os processos sociais que a produziram enquanto pessoa e profissional, num fio que foi se desenrolando aos poucos. Sobre suas características mentais, Martineau destacou também o medo excessivo e o desânimo (Martineau, 1877a, p. 40 a 43), o que contrastava sobremaneira com suas características ousadas, aventureiras e curiosas da juventude em diante.

A autora revelou um sentimento de frustração com a própria vida e via em cada viagem ou novo evento sempre uma oportunidade de zerar o jogo. Por exemplo, com o nascimento da irmã caçula ela enxergou a possibilidade de conhecer melhor o desenvolvimento humano, o que difere muito da perspectiva maternal centrada no cuidado e no afeto apenas. Além disso, pareceu sugerir que houve uma alteração na rotina e na dinâmica do cuidado familiar, já que sua irmã caçula provavelmente estava em casa, podendo assim ser observada e acompanhada a cada momento:

“I should now see the growth of a human mind from the very beginning.

[...]

My curiosity *was* intense; and all my spare minutes were spent in the nursery, watching, – literally watching, – the baby. This was a great stimulus to me in my lessons, to which I gave my whole power, in order to get leisure the sooner.” (Martineau, 1877a, p. 40)

Relatou, por exemplo, que acompanhou quando a bebê foi vacinada ou adoecia (Martineau, 1877a, p. 40) e que ficou impressionada acerca de como espontaneamente ou com pouco estímulo aprendeu a falar:

“– One abiding anxiety which pressed upon me for two years or more was lest this child should be dumb: and ff not, what an awful amount of labour was before the little creature! I had no other idea than that she must learn to speak at all as I had now to learn French, – each word by an express effort: and if I, at ten and eleven, found my vocabulary so hard, how could this infant learn the whole English language? The dread went off in amazement when I found that she sported new words every day, without much teaching at first, and then without any. I was as happy to see her spared the labour as amused at her use of words in her pretty prattle.” (Martineau, 1877a, p. 40)

O jogo experiência com conhecimento se deu também com relação à morte e ao globo terrestre (Martineau, 1877a, p. 44), ao mar e à observação de cometas (Martineau, 1877a, p. 45) e assim por diante. Tudo isso indica uma tentativa de compreender o mundo desde muito nova, buscando observá-lo e tendo consciência do

conhecimento que uma observação atenta é capaz de promover a respeito de qualquer coisa.

Sobre o hábito de costurar, mesmo estando em viagem, na região dos lagos, no norte dos Estados Unidos, dentro de um barco, ela citava o trabalho com as agulhas e as canetas numa mesma frase, como se fossem intermitentes (Martineau, 2024). Referência que também apareceu na autobiografia ao falar desde o seu período de formação até o final da vida (Martineau, 1877a, p. 53 e 78). Na verdade, as agulhas faziam parte apenas de uma parte disso que Martineau chamou de “assuntos de gestão doméstica”, englobando também a produção de alimentos, os cuidados com as roupas e a organização da casa. Mas sua preocupação está muito além disso ao pensar a casa como uma unidade produtiva e que, mesmo quando não se constituía como tal, precisava de uma gestão coerente e qualificada para que tudo funcionasse, incluindo as atividades de prestação de serviço ou produtivas que dependem do que é disposto em casa. Isso fica muito claro em seu texto quando mostra que a sua mãe era uma grande gestora, para além dessas atividades consideradas menores, mas fundamentais para o bom funcionamento da vida dos membros de uma família. Elizabeth Ranke (1772-1848), que tinha “um cheque”, ou seja, um orçamento, para cobrir os gastos domésticos da melhor forma possível (Martineau, 1877a, p. 64).

“In her household Elizabeth directed servants, marketed, baked, sewed and helped Thomas in his business. The younger children learned their letters from Elizabeth, and she listened to the older children read aloud from works of history, biography and literature. She especially loved the poetry of Robert Burns, whom her brother had known. With Thomas, she insisted their children have music, drawing, French and Latin masters at home. To teach Harriet and her next eldest sister, Rachel, plain and fancy sewing, an old nurse came to the house. The girls also learned to iron, plat bonnets, knit stockings, cover silk shoes and to bake pies, pastry and gingerbread.” (Arbuckle, s/d, p. 02)

Não por acaso, mais tarde, Martineau aceitou escrever a respeito para o treinamento de trabalhadoras, em manuais do serviço doméstico (*Guides to service*), não como um tema menor, mas como algo central para uma vida produtiva que estabelecesse um ambiente funcional para os membros daquela unidade. Nesse caso específico, a autora conseguiu reunir algumas de suas preocupações mais constantes: a qualificação de mulheres para o trabalho; a organização racional e otimizada da casa como unidade produtiva e em benefício de todos os seus membros; o combate à

pobreza com treinamento para o trabalho e para a autossuficiência em condições adequadas de vida; a percepção de que existiam alternativas de trabalho livre e remunerado para as mulheres e que estas precisavam ser consideradas.

De uma infância curiosa, cujos únicos objetos confrontados eram questões religiosas e debates filosóficos que atravessavam sua admiração por teólogos dissidentes, à vida adulta com o reconhecimento da imaturidade para compreender o erro de críticas que fez em dados momentos ou posturas com relação a pessoas e a obras. É sobre a infância que a própria Martineau se descreveu como sendo considerada uma “fanática” religiosa, cujo auge teria ocorrido na juventude, dos 15 aos 18 anos (inclusive sendo criticada pela família que chegava a fazer brincadeiras a respeito), além de ter realizado estudos em profundidade sobre os escritos bíblicos e seus comentadores (Martineau, 1877a, p. 63, 73, 74 e 79), chegando à vida adulta como uma cética, racionalista e de “pensamento livre” (Martineau, 1877a, p. 120).

“For above thirty years I have seen more and more clearly how awful, and how irremediable except by the spread of a true philosophy, are the evils which arise from that monstrous remnant of old superstition, – the supposition of a self-determining power, independent of laws, in the human will; and I can truly say that if I have had the blessing of any available strength under sorrow, perplexity, sickness and toil, during a life which has been any thing but easy, it is owing to my repose upon eternal and irreversible laws, working in every department of the universe, without any interference from any random will, human or divine.” (Martineau, 1877a, p. 85)

Ou,

“[...] and when this practice was over, my devotions consisted in aspiration, – very frequent and heartfelt, – under all circumstances and influences, and much as I meditate now, almost hourly, on the mysteries of life and the universe, and the great science and art of human duty. In proportion as the taint of fear and desire and self-regard fell off, and the meditation had fact instead of passion for its subject, the aspiration became freer and sweeter, till at length, when the selfish superstition had wholly gone out of it, it spread its charm through every change of every waking hour, – and does now, when life itself is expiring.” (Martineau, 1877a, p. 88)

E, ainda,

“These are the gradations through which I passed. It took many years to travel through them; and I fingered long in the stages of speculation and taste, intellectual and moral. But at length I recognised the monstrous superstition

in its true character of a great fact in the history of the race, and found myself, with the last link of my chain snapped, – a free rover on the broad, bright breezy common of the universe.” (Martineau, 1877a, p. 89)

Tudo isso em alguma medida mostra como Martineau refletiu criticamente sobre si mesma como um ser social, que foi sendo moldado conforme os períodos da vida, as condições econômicas e culturais, além, é claro, das condições de gênero. Isso torna o seu relato autobiográfico um elemento rico, não apenas quanto a datas e fatos, que podem ser refutados face a fontes documentais ou contrapostos a outros relatos, mas quanto a percepções de mundo e a análise crítica desse sujeito no mundo, que se coloca enquanto objeto de reflexão.

Entre esses relatos, encontra-se a relação com as manifestações de deficiência física. A autora percebeu a surdez quando estava na escola do Sr. Perry e falou a respeito na história de Hugh Procter e no ensaio dela sobre Scott (Miller, 1887), mas também em sua autobiografia. Ela problematizou o adoecimento e como esse era ignorado quanto a ser um elemento de diferenciação e de disparidade entre as pessoas, principalmente, na infância. Também discutiu a dificuldade de se ter consciência das limitações enfrentadas por causa disso, o que lhe rendeu uma reflexão importante sobre como a sociedade se relacionava com as diversas manifestações de adoecimento, as(os) doentes e seu papel social, bem como as expectativas e os recursos dispendidos com elas(es). Sua perda de audição foi lenta e gradual, o que a levou a definir a condição de tipos de surdez e tipos de surdos. Sempre atenta às histórias e às formas de aconselhamentos, a autora narrou um momento constrangedor pelo qual seu irmão mais velho teria passado ao ver uma senhora surda ser tratada de modo desrespeitoso e impaciente, ao insistir que um dos presentes ao evento lhe mantivesse informada sobre o que era dito. Martineau, então, chegou à conclusão de jamais perguntar o que foi dito e sempre contar com a boa vontade dos presentes para lhe informar o que considerassem importante ou necessário (Martineau, 1877a, p. 56), compreendendo que pouco ou nada poderia ser feito para além disso naquele momento. Por isso, ela diferenciou a *privação* sofrida por quem possui algum tipo de deficiência e pela qual as pessoas se compadecem, da fadiga gerada pela *obstrução*, quando se possui mais de uma deficiência, assim como ela que dizia ter três, de cinco (Martineau, 1877a, p. 57): audição, olfato e paladar.

O sofrimento e as dificuldades relatados por Martineau não se referiam apenas ao agravamento desta limitação, mas também a um tipo de estrutura familiar em que sentimentos deveriam ser contidos, o que lhe causava ainda mais problemas do que os que já suportava. Supostamente, sua mãe não estimulava o reconhecimento da doença, o que também teria dificultado o comportamento das pessoas para com a autora, que passou a ser mal interpretada por não perceberem que ela não os escutava. Até uma certa data, Martineau evitava a confraternização social também pelas dificuldades decorrentes da surdez. Com isso, atributos pejorativos passaram a ser indicados como qualificações de caráter, ao invés de se reconhecer a doença em si: “falso orgulho, fingimento e extorsões egoístas” (Miller, 1887). Em muitas passagens de seus textos Martineau se refere a si mesma na infância e juventude como tendo um terrível temperamento que era, possivelmente, decorrente dos diversos adoecimentos e das dificuldades que enfrentava, mas que lhe traziam uma avaliação negativa de si mesma e dos seus familiares (Martineau, 1877a, p. 64) quanto a esse estado de coisas.

A autora entendia que as famílias tinham dificuldades para encarar a doença e as suas manifestações, adotando uma postura que traria algum alívio para esta “fraqueza e desconforto”, que era a da negação da verdade, ao mesmo tempo em que sobrecarregavam “o sofredor”. Um dos exemplos citados por ela é que entendia ter sido culpada pela família, primeiro, por não ouvir o que era dito, depois, por não lhes dizer que não ouvia (Martineau, 1877a, p. 58). Martineau demonstrou como a família precisa ter consciência e compreender o problema de saúde que acomete um dos seus membros para ter condições de oferecer auxílio ou, pelo menos, não piorar ainda mais a situação.

“This was hard discipline; but it was most useful to me in the end. It showed me that I must take my case into my own hands; and with me, dependent as I was upon the opinion of others, this was redemption from probable destruction. Instead of drifting helplessly as hitherto, I gathered myself up for a gallant breasting of my destiny; and in time I reached the rocks where I could take a firm stand. I felt that here was an enterprise; and the spirit of enterprise was roused in me; animating me to sure success, with many sinkings and much lapse by the way. While about it, I took my temper in hand, – in this way. I was young enough for vows, – was, indeed, at the very age of vows; – and I made a vow of patience about this infirmity; – that I would smile in every moment of anguish from it; and that I would never lose temper at any consequences from it, – from losing public worship (then the greatest conceivable privation) to the spoiling of my cap-borders by the use of the trumpet I foresaw I must arrive at. With such a temper as mine was then, an

infliction so worrying, so unintermitting, so mortifying, so isolating as loss of hearing must 'kill or cure'. In time, it acted with me as a cure, (in comparison with what my temper was in my youth:) but it took a long long time to effect the cure; and it was so far from being evident, or even at all perceptible when I was fifteen, that my parents were determined by medical advice to send me from home for a considerable time, in hope of improving my health, nerves and temper by a complete and prolonged change of scene and objects." (Martineau, 1877a, p. 58)

Além do problema em si, o preconceito e o assédio que era cometido contra pessoas com algum tipo de deficiência sempre chamaram a sua atenção. A tal ponto que, ao se perceber surda e evoluindo progressivamente para uma piora do quadro, a autora lembrou do caso que contou anteriormente sobre uma senhora sendo destrutada por sua insistência em compreender o que ocorria, e de uma prima que vivia na zona rural e vinha a sua casa vez ou outra, mas da qual as pessoas fugiam por terem que falar alto para que ela compreendesse do que se tratava. Martineau, então se perguntava: serei uma dessas pessoas das quais as demais fogem? serei temida e detestada? (Martineau, 1877a, p. 59). O uso da trombeta começou apenas na fase adulta, o que ela avaliou como um erro de sua parte. Em 1820, a autora já poderia ter feito uso do instrumento, que só chegou a adotar 10 anos depois (Martineau, 1877a, p. 95), após um tratamento que resultou numa melhora temporária de sua audição. Momento no qual Martineau percebeu o quanto seus(suas) amigos(as) precisavam se esforçar para que ela os ouvisse. Destaco que essa análise social acerca de como as doenças, os doentes e os processos de adoecimento são elaborados, tratados e interpretados é hoje objeto de uma *sociologia da saúde*, para a qual a autora contribuiu de modo direto em alguns textos.

Aos 13 anos, Martineau contou terem recebido a notícia de que havia ocorrido a Batalha de Waterloo², com a derrota definitiva de Napoleão Bonaparte, o que a remeteu a investigar junto a sua mãe que lembranças esta tinha da Revolução Francesa. Curiosa que era, descobriu que a mãe tinha "simpatia" com a família real e o pequeno "dauphin". Relatou que no período de guerras as notícias precisavam ser lidas e contadas, para se socializar as informações, fazendo disso um motivo de interação com seu professor, mas também com os criados da casa, aos quais ela explicava o que estava

² Ocorreu em 18/06/1815. Tipo de fato que pode ser verificado documentalmete e por outras fontes e que a memória se refere a um período provável, não necessariamente a uma data fixada.

acontecendo. A autora contou que se sentiu da mesma forma 40 anos depois, na guerra de 1854 (Martineau, 1877a, p. 60). Compreender e acompanhar a guerra era uma questão política e vê-la no cotidiano das pessoas, destacando suas reações diante das notícias era algo que impressionava Martineau, materializando os seus sentimentos de medo, repulsa ou satisfação. Se a guerra impressionava, mais ainda o suposto período de paz, já que os problemas internos começavam a aparecer de modo mais veemente, como os roubos, a violência, a pobreza e as notícias de possível revolução. Mais tarde, isso lhe rendeu mais um livro e uma introdução posterior a ele: *The history of the thirty years' peace, A.D. 1816-1846* (1849) e *Introduction to the History of the Peace, from 1800 to 1815* (1851).

“I was more impressed still with the disappointment about the effects of the peace, at the end of the first year of it. The country was overrun with disbanded soldiers, and robbery and murder were frightfully frequent and desperate. The Workhouse Boards were under a pressure of pauperism which they could not have managed if the Guardians had been better informed than they were in those days; and one of my political panics (of which I underwent a constant succession) was that the country would become bankrupt through its poor-law. Another panic was about revolution, – our idea of revolution being, of course, of guillotines in the streets, and all that sort of thing. Those were Cobbett's grand days, and the days of Castlereagh and Sidmouth spy-systems and conspiracies.” (Martineau, 1877a, p. 61)

Dos conflitos familiares à necessidade diagnosticada pela mãe de que ela deveria ir para um internato (a autora afirmava que os unitaristas eram completamente contrários a isso), dirigido pela tia Kentish (com quem manteve uma excelente relação), o “tio falido” (irmão de sua mãe) e primas, existe um salto, que é relatado pela própria Martineau, no desenvolvimento pessoal e na compreensão de mundo. Durante 15 meses ela pôde ter a experiência de se distanciar da família, ter contato com outro tipo de convivência diária, ser estimulada e acolhida pela tia e primas em suas demandas afetivas, mas também com pessoas que a estimularam a adquirir conhecimentos novos e ir além do que já havia alcançado. Foi nesse período que a autora sentiu o agravamento da surdez e, em razão disso, acabou por alcançar algum resultado mais satisfatório com os estudos privados (Martineau, 1877a, p. 71).

“I did not understand the facts about my leaving home till I had been absent some months; and when I did, I was deeply and effectually moved by my mother's consideration for my feelings. We had somehow been brought up

in a supreme contempt of boarding-schools: and I was therefore truly amazed when my mother sounded me, in the spring of 1817, about going for a year or two to a Miss Somebody's school at Yarmouth. She talked of the sea, of the pleasantness of change, and of how happy L. T____, an excessively silly girl of our acquaintance, was there: but I made such a joke of L. and her studies, and of the attainments of the young ladies, as we had heard of them, that my mother gave up the notion of a scheme which never could have answered. It would have been ruin to a temper like mine at that crisis to have sent me among silly and ignorant people, to have my 'manners formed', after the most ordinary boarding-school fashion. My mother did much better in sending me among people so superior to myself as to improve me morally and intellectually, though the experiment failed in regard to health." (Martineau, 1877a, p. 69)

O seu desconhecimento do propósito da viagem e o agravamento da surdez ao longo da estadia não impediram que ela reconhecesse o quanto estava defasada em relação ao conhecimento esbanjado pelas primas. Certamente, a oportunidade de estar e de conviver em outro ambiente familiar, além de conhecer uma instituição de ensino mais ampla, fez com que Martineau questionasse suas certezas e se deparasse com perspectivas diferentes da sua: "I had learned a good deal, and had got into a good way of learning more." (Martineau, 1877a, p. 74).

Quanto à religião, vimos que a autora a apresentou como uma fonte de prazer e de felicidade na sua infância. Miller (1887) atribuiu tal fato não tanto às características da própria Martineau, mas ao perfil da religião unitarista, professada por sua família. E, no período em que permaneceu no internato em Bristol, quando tinha entre 16 e 17 anos, sofreu influência do reverendo Carpenter, que era conhecido como um grande pregador unitarista e ao qual ela atribuiu sua fase altamente supersticiosa e religiosa na juventude. Essa crítica é uma das muitas que estarão relacionadas na autobiografia e que trouxe consigo todo o furor que se havia de imaginar. Martineau que foi uma pessoa completamente seduzida pela condução religiosa de Carpenter chegou a descrevê-lo da forma expressa na passagem seguinte, como reduzido a esta qualidade de manuseio pastoral:

"There was a great furor among the Bristol Unitarians at that time about Dr. Carpenter, who had recently become their pastor. He was a very devoted Minister, and a very earnest pietist: superficial in his knowledge, scanty in ability, narrow in his conceptions, and thoroughly priestly in his temper. He was exactly the dissenting minister to be worshipped by his people, (and especially by the young) and to be spoiled by that worship." (Martineau, 1877a, p. 73)

E, ainda:

“As I have said, it was the state of my health and temper which caused me to be sent from home when I was in my sixteenth year. So many causes of unhappiness had arisen, and my temper was so thoroughly ajar, that nothing else would have done any effectual good. Every thing was a misery to me, and was therefore done with a bad grace; and hence had sprung up a habit of domestic criticism which ought never to have been allowed, in regard to any one member of the family, and least of all towards one of the youngest, and certainly the most suffering of all.” (Martineau, 1877a, p. 64)

Felizmente contamos com algumas imagens e ilustrações produzidas no período que nos ajudam a tentar compreender para além das palavras e dos relatos como era a vida de Martineau em cada fase de sua vida. Como é o caso da que é disponibilizada a seguir.

Figura 01 – Casa na qual Harriet Martineau nasceu



Fonte: Harriet Martineau's autobiography, 1877a, p. 17

Martineau descreveu o seu desenvolvimento entre 1819 e 1832 (retorno e partida de Norwich) como um processo de encontro com a irmã mais velha (ambas amadureceram e passaram a se relacionar melhor com a saída de casa desta última para se casar), com seu irmão mais velho (já estabelecido como cirurgião na cidade) e mesmo com sua mãe, que, segundo a autora, teria passado a tratá-la com mais confiança e mais ternura à medida que “more and more as my mind opened” (Martineau, 1877a, p. 76) e que o avanço da surdez a deixava mais debilitada. Ao mesmo tempo em que depois vivenciou as perdas: do irmão mais velho por ter morrido ainda muito novo; da irmã mais velha pela desavença que teve a respeito da cura pelo mesmerismo; do irmão caçula (a quem se dizia profundamente vinculada), por desavenças que preferiu não explicitar, mostrando-se profundamente magoada com a situação ainda naquele momento. Some-se a isso o fato de que, com exceção dele, os demais membros são mencionados por ela como grandes apoiadores do seu trabalho e da sua “independence of judgment and action” (Martineau, 1877a, p. 77).

Capítulo II

Vida adulta e maturidade: trabalho e sucesso

Sobre relacionamentos amorosos, Martineau relatou duas situações de admiração e amor platônico na adolescência. Por sua vez, Miller (1887) relatou o amor recíproco entre Martineau e John Hugh Worthington, dizendo que na autobiografia a referência foi “breve e superficial”. Eles se conheceram quando ela tinha aproximadamente 20 anos.

“A dream had passed before me since the visit of a student friend of my brother James's, which some words of my father's and mother's had strengthened into hope and trust. This hope was destined to be crushed for a time in two hearts by the evil offices of one who had much to answer for in what he did. This winter was part of the time of suspense. Under my somewhat heavy troubles my health had some time before begun to give way; and now I was suffering from digestive derangement which was not cured for four years after; and then only after severe and daily pain from chronic inflammation of the stomach. Still, with an ailing body, an anxious and often aching heart, and a mind which dreaded looking into the future, I regarded this winter of 1823-4 as a happy one; – the secret of which I believe to have been that I felt myself beloved at home, and enjoyed the keen relish of duties growing out of domestic love.” (MARTINEAU, 1877a, p. 96)

Na versão de Miller (1887), em 1822, após a visita de John Hugh Worthington à casa da família Martineau, a autora teria tentado escrever pela primeira vez, supostamente para se distrair do retorno dele e James para a escola. Parece uma visão romantizada ou “cavalheiresca”, como diria Martineau, principalmente, considerando que ela pouco ou nada fale a esse respeito.

Arbuckle (s/d) mencionou que a primeira publicação de Martineau ocorreu em outubro de 1822 e que a primeira menção sobre Worthington, em Carta de Martineau a James, que ela identificou foi no primeiro semestre de 1823, se referindo a correspondências de março, abril e junho, sem especificar em qual. O teor da conversa é que James estava autorizado a trazer o colega de faculdade. Assim, o depois “querido Worthington” esteve na casa da família na Magdalen Street apenas em agosto, onde

permaneceu por duas semanas (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 02). Em agosto de 1826, a notícia de que ela teria aceitado a proposta de casamento (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 03).

No relato da própria Martineau, a história é outra, tendo afirmado já ter a pretensão de se tornar uma escritora no período no qual se dedicou à tradução de clássicos e a estudos religiosos, logo após o seu retorno para casa, no início de sua vida adulta. No entanto, essa vontade havia passado um bom tempo adormecida em suas intenções até que ao sofrer com a ausência do irmão James, que iria retornar aos estudos na faculdade, ele a aconselhou a se dedicar a atividades novas para se distrair, uma delas sendo a escrita. De igual modo, a teria aconselhado a enviar o que produzisse para o *Monthly Repository* (MARTINEAU, 1877a, p. 90).

Desse esforço resultou seu primeiro artigo: “*Female writers on practical divinity*”. Porém, a autoria muitas vezes era camuflada ou mesmo escondida, como ocorreu nesse mesmo artigo, no qual Martineau assinou como “Discipulus”, como se fosse um autor masculino, assim como fizeram várias autoras do seu período (MILLER, 1887). Na autobiografia a autora afirmou ter assinado com “V” (MARTINEAU, 1877a, p. 91). Menciono esse fato apenas para demonstrar que é passível de verificação tendo em vista os textos originais que foram digitalizados e dos quais dispomos hoje. Porém, o mesmo não pode ser dito com relação a sentimentos, sensações, memórias ou percepções de como a vida se processou.

Dois anos depois, seu irmão mais velho, que a havia estimulado a escrever, adoeceu com tuberculose e ela o acompanhou a Devonshire para o tratamento e para auxiliar Helen, a esposa dele. Pouco tempo depois ele e a família, com o filho recém-nascido, se mudaram para Madeira como parte do tratamento. Porém, o tratamento não foi bem-sucedido e ele faleceu em junho de 1824, ainda no mar, retornando para a Inglaterra (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 02, p. 10).

Martineau lembrou que, no mesmo ano, o pai lhe deu de presente e ao irmão James uma viagem a pé pela Escócia, por um mês. Eles teriam chegado a alcançar 500 km de caminhada durante a viagem (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 02, p. 12). Mas o que parecia ser algo bom para a sua saúde, na verdade teria agravado os problemas de estômago, os quais já a estavam incomodando a algum tempo (MARTINEAU, 1877a, p. 98).

Após um período de graves dificuldades econômicas na Inglaterra, principalmente devido às guerras napoleônicas (1803-1815), houve um período de efervescência e de especulações, que causaram impactos consideráveis. Supostamente, em razão de tal crise especulativa de 1825, Thomas Martineau, pai da autora, adoeceu e veio a falecer em junho de 1826 (MILLER, 1877). Entretanto, Harriet associou o adoecimento do pai a uma espécie de depressão que ele teria desenvolvido logo após a morte do filho e com o desgaste ao dar assistência à família deste. Para ela, o pai já havia adoecido dois anos antes, com problemas hepáticos que seguiram se agravando e o debilitando (MARTINEAU, 1877a, p. 97 e 98), além das preocupações com os negócios e as dívidas que precisavam ser quitadas, com bancos e familiares, e de como isso dependia de outros familiares e empresas que também estavam em dívida com ele (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 03, p. 02).

“In our remembrance of him there is no pain on the ground of any thing in his character. Humble, simple, upright, self-denying, affectionate to as many people as possible, and kindly to all, he gave no pain, and did all the good he could. He had not the advantage of an adequate education; but there was a natural shrewdness about him which partly compensated for the want. He was not the less, but the more, anxious to give his children the advantages which he had never received; and the whole family have always felt that they owe a boundless debt of gratitude to both their parents for the self-sacrificing efforts they made, through all the vicissitudes of the times, to fit their children in the best possible manner for independent action in life.” (MARTINEAU, 1877a, p. 97)

Na sequência, o noivado de Martineau durou apenas alguns meses, já que seu noivo sofreu de uma febre, que, ao cessar, o teria deixado “insano”. A família do noivo havia implorado para que ela o visitasse, mas a sua mãe não lhe permitiu. Pouco tempo depois, ele faleceu (MARTINEAU, 1877a, p. 100), com 23 anos (ele era quase 02 anos mais novo que Martineau), em 04/07/1827 (ARBUCKLE, s/d, Capítulo 04, p. 07).

Não bastasse mais essa perda, a família do noivo a teria acusado de não ter tido compromisso com ele (MILLER, 1887). Toda a experiência, desde o contato inicial promovido por um amigo até o desenlace final, teria sido muito complicada e gerado grande ansiedade em Martineau. Ela, inclusive, informou que seu amigo a considerava rica e a apresentou a um homem pobre, sem se dar conta de que a família dela havia falido. Demonstrou, portanto, consciência acerca de como o mercado de casamento

funcionava e do valor que as mulheres recebiam nele em razão da classe a qual pertenciam. A falência da família havia mudado o jogo e suas condições por completo.

Com a morte do noivo, a atora se sentiu livre desses embaraços e aliviada por não ser responsável pela vida e pelo futuro de outra pessoa, como podemos observar no trecho transcrito a seguir:

“There has never been any doubt in my mind that, considering what I was in those days, it was happiest for us both that our union was prevented by any means. I am, in truth, very thankful for not having married at all. I have never since been tempted, nor have suffered any thing at all in relation to that matter which is held to be all-important to woman, – a love and marriage. Nothing, I mean, beyond occasional annoyance, presently disposed of. Every literary woman, no doubt, has plenty of importunity of that sort to deal with; but freedom of mind and coolness of manner dispose of it very easily: and since the time I have been speaking of, my mind has been wholly free from all idea of love-affairs.” (MARTINEAU, 1877a, p. 100)

Além disso, afirmou não se sentir adequada para assumir quaisquer compromissos ou relacionamentos, sentindo-se imune a esse tipo de tentação, sabendo que não poderia se sentir feliz desse modo, tanto pela responsabilidade quanto pela falta de liberdade. Com o que remeteu à vontade e ao conforto de morar sozinha, de se cuidar e de realizar o que lhe fazia bem, seus desejos e seus confortos (MARTINEAU, 1877a, p. 101).

“The older I have grown, the more serious and irremediable have seemed to me the evils and disadvantages of married life, as it exists among us at this time: and I am provided with what it is the bane of single life in ordinary cases to want,- substantial, laborious and serious occupation. My business in life has been to think and learn, and to speak out with absolute freedom what I have thought and learned. The freedom is itself a positive and neverfailing enjoyment to me, after the bondage of my early life. My work and I have been fitted to each other, as is proved by the success of my work and my own happiness in it. The simplicity and independence of this vocation first suited my infirm and illdeveloped nature, and then sufficed for my needs, together with family ties and domestic duties, such as I have been blessed with, and as every woman's heart requires. Thus, I am not only entirely satisfied with my lot, but think it the very best for me, – under my constitution and circumstances: and I long ago came to the conclusion that, without meddling with the case of the wives and mothers, I am probably the happiest single woman in England. Who could have believed, in that awful year 1826, that such would be my conclusion a quarter of a century afterwards!” (MARTINEAU, 1877a, p. 101)

Arbuckle (s/d, Capítulo 04, p. 08, Nota 16) alegou que: “[...] (Martineau’s claim seemed to underline her painful feelings about sexual intimacy, exacerbated by Elizabeth’s failure of kindness towards Worthington and his family) [...]”.

Mas o trabalho que era seu projeto de vida e de realizações, também contribuía diretamente para o seu adoecimento, que ora ou outra trazia complicações. Inobstante, ela nunca aceitou reconhecer isso, embora tenha relatado o quanto a família e os amigos se preocupavam. Em sua autobiografia chegou a alegar que estava provado que o trabalho não havia lhe feito mal, já que em nenhuma das duas ocasiões nas quais adoeceu gravemente houve relação com o esgotamento causado por excesso de trabalho (MARTINEAU, 1877a). O luto que a acometeu em 1826, pela perda do irmão, do pai e, depois, do noivo, fez com que, no ano seguinte, Martineau dirigisse seus esforços para o trabalho, causando-lhe um novo adoecimento. Por causa disso, ela se referiu ao ano de 1827 como um “ano terrível” (MARTINEAU, 1877a, p. 102). Nesse momento, a autora produziu alguns contos para o editor Houlston, para o qual escreveu *The rioters*, *The turn out*, *Principle and practice*, *Sequel to principle and practice* e *The servant Rachel*.

No mesmo período, um vizinho emprestou à sua irmã o livro de Jane Marcet, *Conversations on political economy* e Martineau teve acesso à obra. Só, então, ela se deu conta do que era a Economia Política e que, sem notar, estava escrevendo contos que abordavam questões dessa natureza. Esse é um ponto importante. A autora não descobriu a Economia Política e começou a estudá-la e a produzir contos a respeito dela como um momento zero. Ela já estava abrindo esse debate, embora ainda não tivesse arcabouço teórico para lidar com essas questões, conforme as obras e os teóricos que já estavam disponíveis. Fica claro que a ideia de explicar a Economia Política por meio de contos e de novelas já estava de algum modo sendo desenvolvida e tendo um bom retorno do público leitor e na venda dos folhetos (MARTINEAU, 1877a, p. 105). A autora relatou que ao ler Jane Marcet, depois Adam Smith e as novas leituras que lhe foram chegando por meio destas fontes, percebeu o quão importante era ilustrar a teoria para que fosse claramente compreendida a partir do cotidiano, das relações reais, como exemplos aplicáveis e facilmente visualizados. A partir daí ela já teria pensado a estrutura e as possibilidades para desenvolver um novo projeto de contos capazes de explicar a teoria da Economia Política.

Sua exaustão pelo acúmulo com as tarefas de costura, fizeram com que em 1828 Martineau adoecesse novamente, agora com problemas de fígado e estômago (MILLER, 1887). Por conta disso, e sem recursos médicos em Norwich, ela seguiu pela primeira vez para a casa da irmã e do cunhado médico em Newcastle, para tentar um tratamento mais efetivo. De acordo com a autora, embora demorado e doloroso, o tratamento recebido a levou à recuperação (MARTINEAU, 1877a, p. 106). Enquanto estava sob cuidados, chegou até ela uma chamada para contribuições para o *The Monthly Repository*, publicada pelo novo editor, o Sr. Fox, e Martineau se ofereceu para ajudar. Ocorre que naquele momento o periódico não tinha fundos para lhe pagar pelos textos e a autora entendeu que uma análise crítica e franca de seus textos seria sempre um bom pagamento (MARTINEAU, 1877a, p. 107). Uma espécie de tutoria que seguiu por longa data e abriu caminhos para que ela começasse a compreender o campo literário, com seus requisitos e possibilidades.

Martineau sempre foi notada como uma pessoa que trabalhava em excesso, escrevendo, lendo ou costurando, mesmo nos momentos em que esteve doente. Ela dizia se sentir compelida a escrever, como algo que era externo à sua vontade. Embora a autora tivesse uma elevada produção, trabalhou de modo não remunerado e anônimo por bastante tempo e questionou em diversas oportunidades a importância da remuneração e da percepção justa de direitos autorais para o trabalho intelectual realizado. Ela caracterizava o seu trabalho de escritora como algo essencial e central em sua existência. Ciente disso, Miller (1887) alegou que se Martineau tivesse se casado e tido filhos, teria vivido volumosas perdas no trabalho intelectual. Mas não apenas isso, já que o investimento na carreira com tempo e com o pouco dinheiro do qual dispunha certamente teria outro destino pelas demandas que a dinâmica familiar numa sociedade marcada pela desigualdade de gênero traz.

Em 1829, a fábrica herdada de seu pai faliu, deixando de custear as despesas de sua mãe e de sua família. O trecho transcrito a seguir explica o quanto a liberdade surgida em razão da calamidade impulsionou a mãe e as irmãs a resolverem aquela situação de pobreza pela qual passaram após o fechamento da fábrica da família. É interessante notar que a autora relacionou isso ao fato de receberem liberdades e o rompimento com determinados costumes que eram arcaicos, característicos de “boas maneiras” impostas por uma sociedade aristocrática, da qual elas não mais faziam parte.

“In a very short time, my two sisters at home and I began to feel the blessing of a wholly new freedom. I, who had been obliged to write before breakfast, or in some private way, had henceforth liberty to do my own work in my own way; for we had lost our gentility. Many and many a time since have we said that, but for that loss of money, we might have lived on in the ordinary provincial method of ladies with small means, sewing, and economizing, and growing narrower every year: whereas, by being thrown, while it was yet time, on our own resources, we have worked hard and usefully, won friends, reputation and independence, seen the world abundantly, abroad and at home, and, in short, have truly lived instead of vegetated.” (MARTINEAU, 1877a, p. 108)

Após conversarem a respeito da situação e de como seriam os encaminhamentos, a família conseguiu se reorganizar para obter algum rendimento e se sustentar. Uma irmã saiu de casa para trabalhar como governanta e a outra estava se dedicando a ensinar crianças. Martineau já estava desenvolvendo uma profissão fazia alguns anos, mas ainda não havia conseguido uma renda contínua e segura que garantisse a sua manutenção e contribuísse para o sustento da família. Como tinha um vasto conhecimento acumulado, ela se ofereceu para dar aulas à distância, por meio de cartas, considerando a sua condição de surdez, mas não houve nenhum candidato. Ao que a autora refletiu que certamente seria um empreendimento difícil, pois teria despendido muito tempo na escrita, que não renderia resultados significativos e que poderia usar o mesmo tempo para escrever textos de alcance e resultados maiores. Não se tratava apenas de uma questão de escala (quantos seriam alcançados com seus textos), mas também de forma e de conteúdo (como e o que dizer neles, mas também sobre o tipo de leitor que eles alcançariam).

Nesse período, um dos textos que havia enviado sob encomenda da *The Diffusion Society*, o manuscrito *The life of Howard*, não foi publicado e ela não teve o pagamento com o qual contava para custear as despesas (MARTINEAU, 1877a, p. 109). Mais tarde, um primo soube do que havia acontecido e lhe enviou 10 libras para ajudar com a situação e Martineau relatou uma rede de apoio que contribuiu com presentes para que amenizasse aquele momento de grave dificuldade (MARTINEAU, 1877a, p. 110). Embora fosse a primeira, não foi a única vez que a autora precisou se ver ajudada por familiares e amigos frente a dificuldades financeiras para as quais ela não teria dado causa. Essa generosidade da qual ela usufruiu marcou em demasia o seu caráter e foi retribuída tanto para a sua rede de apoio, como para colaboradores e desconhecidos. Isso se deu

com recursos doados, mas também com trabalho voluntário e até mesmo contraindo hipotecas em favor de terceiros.

Dadas as dificuldades enfrentadas, Martineau precisou se dedicar a tarefas que lhe rendiam algum recurso para o sustento. E foi o que ela fez: reduziu as despesas (que já considerava baixas), vendeu o que podia (como um vestido de festa, por exemplo), e se voltou para a costura (fazendo fantasias). De acordo com a autora, o ano seguinte foi mantido com essa atividade, que depois não mais foi necessária. Durante esse período, Martineau ajudou a mãe nas despesas da casa, como uma contribuição pela sua moradia (MARTINEAU, 1877a, p. 109). Assim, embora já tivesse realizado algum trabalho literário pago, isso não foi suficiente para manter as suas necessidades, inclusive as relativas ao seu “empreendimento literário”.

Contudo, ela ainda estava passando por um momento delicado, já que ainda não conseguia que seu trabalho fosse publicado por outras editoras e recorreu novamente ao *The Monthly Repository*, para quem estava a trabalhar gratuitamente. Entretanto, o máximo que obteve foram £15 por ano para continuar a revisar os livros que lhe eram enviados, mas não é possível dizer com exatidão qual era a sua função: “So to work I went, with needle and pen.” (MARTINEAU, 1877a, p. 110). No trabalho com o Sr. Fox, Martineau desenvolveu também habilidades de crítica e de uma espécie de tutoria para novos autores, com a qual ela alegou não ter tido sucesso, a exceção de uma. Após um tempo realizando essa atividade, o Sr. Fox lhe demandou alguns contos com alta qualidade para o público do *Repository* e a autora escreveu *The hope of the hebrew*, que foi o primeiro conto, de três que compuseram o livro *Traditions of Palestine*. Os outros dois eram *Solitude and society* e *The early sowing* (MARTINEAU, 1877a, p. 111).

Todavia, isso não retratou o trabalho exaustivo que Martineau fez nos anos de 1829 e 1830, se desdobrando entre as costuras durante o dia e as revisões ou a escrita ao longo da noite. Com o primeiro texto da encomenda pronto, a autora viajou para Londres para acompanhar a impressão do livro *The hope of the hebrew*. Estando hospedada na casa de um tio, conseguiu a oportunidade de fazer revisões e outros trabalhos, mas sua mãe a teria obrigado a voltar para a casa (MILLER, 1887). Em seu relato ela explicou que não havia obtido espaço para seus manuscritos nas visitas que fez a editores em Londres, mas conseguiu uma proposta menor, que lhe conferia um salário e disponibilidade para continuar a investir em formação literária, fazendo

revisões e correções de trabalhos. Ao mesmo tempo, comentou como o Sr. Fox e seus amigos tinham sido tolerantes com seus hábitos pouco livres e independentes, além de estimularem a seguir adiante na carreira, ousando mais. E foi essa mesma percepção limitada de mundo que a fez obedecer a mãe e atrasar sua carreira, ao voltar para a casa em Norwich, mesmo já possuindo 27 anos. Em consequência, recusou um trabalho que, além de ser uma oportunidade na área que queria atuar, também seria menos penoso do que se dedicar a duas atividades, ao longo de todos os dias da sua vida, para se manter. Mais do que isso, significava a independência que Martineau tanto almejava, para que fosse resguardada das dificuldades pelas quais havia passado. Ao cabo, descobriu que sua tia havia escrito a sua mãe solicitando que aconselhasse a autora a voltar para Norwich e a se dedicar ao bordado, que era uma atividade capaz de lhe garantir o sustento (MARTINEAU, 1877a, p. 113). Martineau narrou essa situação como um desapontamento que havia lhe custado muito caro.

Ao chegar em casa, soube que a *Central Unitarian Association* havia lançado um prêmio para ensaios sobre católicos, judeus e maometanos, cujo valor da premiação era insignificante. Mesmo assim, ela se dedicou a elaborar o ensaio sobre católicos e a enviá-lo em segredo, contando com o apoio apenas de sua mãe e da tia paterna, com as quais residia. O texto foi enviado sem identificação e copiado por outra pessoa, para não levantar qualquer suspeita. A autora venceu a primeira fase do prêmio em outubro de 1830. Nesse mesmo período, recebeu 20 libras por ter escrito o conto *Five years of youth* (MARTINEAU, 1877a, p. 115), o que lhe rendeu algum fôlego.

Como não dispunha de renda ou de recursos financeiros de outra ordem, Martineau só mantinha condições de pagar suas despesas com o próprio trabalho. Além da casa da família, que lhe servia de moradia, nenhuma outra fonte estava garantida. Por essa razão, quando algum trabalho literário era remunerado, ela conseguia tempo para as leituras e as pesquisas que eram um investimento nesse mesmo campo, sem ter que se desdobrar em duas atividades distintas e igualmente cansativas. Além disso, para esse concurso literário promovido pela *Central Unitarian Association*, era necessária muita pesquisa para além do que ela conhecia, afinal, eram temas fora do seu âmbito de convivência e de atuação. Desse modo, ao receber por um conto e ganhar a primeira fase da premiação, a autora conseguiu fôlego para investir nos dois últimos temas propostos. O valor de 20 libras era tão significativo que Martineau relatou ter vivido com

50 libras por ano, sendo que 20 eram destinadas à compra de materiais para a escrita e com a correspondência, que lhe mantinha ativa e conectada com editores e com amigas(os), “in that season of poverty” (MARTINEAU, 1877a, p. 117).

Na sequência, ela se pôs então a pesquisar sobre os maometanos, para escrever a respeito de sua forma de vida e de religião. O primeiro livro que Martineau disse ter pesquisado foi o Alcorão, traduzido por Georg Sale. E para despistar os membros do comitê avaliador, a autora novamente contratou duas pessoas diferentes para copiarem o texto, em papéis também diferentes e com formas de remessa distintas. Tudo isso lhe custou tempo e dinheiro, mas o resultado foi satisfatório para o “esquema” que ela havia tão bem executado e orquestrado (MARTINEAU, 1877a, p. 116).

Martineau entendia bem o tempo da necessidade, tanto do dinheiro (que precisava cobrir as despesas da casa), quanto do reconhecimento (que só viria na forma de pagamento por seu trabalho) e da independência (depois que tivesse conquistado um certo público leitor e avançado no relacionamento com editores). Ela era uma exímia estrategista nesse sentido e não perdia as oportunidades que surgiam, sabendo que em algum momento próximo isso lhe renderia algum resultado substantivo. Os primeiros retornos, inclusive, já haviam acontecido, com a valorização dos seus textos no mercado e, em consequência, do pagamento pelo seu trabalho, o que demonstrava ser viável o trabalho intelectual para o qual a autora buscava espaço.

Não existiam dúvidas de que Martineau havia se dedicado exaustivamente a compreender a doutrina unitarista, mas o esforço foi muito além ao ser colocada pela própria comunidade para se defrontar com o estudo e a análise das doutrinas católicas, maometanas e judaicas. Isso certamente contribuiu para que a autora começasse a compreender a liberdade e a diversidade de outra forma, tal como ela mesma relatou ao ir a Londres por um período e conviver com seu editor e os amigos dele. Não foi ao acaso que ao invés de julgá-los por terem hábitos e pensamentos diferentes ela os relatou como extremamente “tolerantes” com a sua pouca liberdade, se referindo aos seus próprios costumes, sua forma de pensar, suas limitações e sua submissão à família, principalmente à mãe.

No ano de 1830, participou de outro concurso literário promovido pela comunidade unitarista, agora sobre o tema batismo. Dessa vez, ficou em terceiro lugar. Além disso, teve uma larga produção literária e percebeu a oportunidade de, tal como

no ano anterior, passar um tempo em Londres, para estabelecer contatos e ter o seu trabalho reconhecido, além, é claro, de participar ativamente da vida cultural da cidade. Embora não fosse longe de sua cidade (cerca de 190 km), com as condições de transporte do período, se tornava praticamente impossível ir e vir a todo momento, sendo as temporadas por território algo comum e praticável. Desse modo, acordou com a mãe que precisaria estar alguns meses por ano em Londres para que se tornasse viável o seu desenvolvimento profissional (MARTINEAU, 1877a, p. 117).

Nesse período, Martineau já usufruía de um reconhecimento considerável entre os unitaristas, mas não de uma fama ampla com relação ao público em geral. Sustentar-se do trabalho intelectual ainda era algo difícil e entrar no mercado editorial requeria contatos, convencimentos e garantias que a autora ainda não tinha para dispor. Enquanto ela estava numa viagem a passeio com amigos, veio a notícia de que havia sido premiada com os dois outros ensaios que escreveu para a competição. Os prêmios deram a Martineau mais confiança para investir na carreira e já alguma notoriedade pública, sendo comemorada na comunidade local por seus feitos. Porém, apenas em 1832, contando já com 30 anos de idade, que a autora alcançou independência na profissão e na gestão da própria vida (MARTINEAU, 1877a, p. 75).

Em diversos momentos de sua autobiografia, Martineau se descreveu como “medrosa”, “insegura” e “ansiosa”, com relatos de “zombaria” e de mágoa, como exemplos de uma forma de assédio que ela repugnava. Por outro lado, comparou isso ao comportamento crítico que lhe foi endereçado de modo maduro e gentil, demonstrando o quanto esse lhe ajudou a se desenvolver pessoal e profissionalmente. Caso, por exemplo, das conversas que o irmão mais velho e o seu editor W. J. Fox mantinham com ela (MARTINEAU, 1877a, p. 87 e 90). Os reconhecimentos familiar e público também foram elementos importantes que Martineau destacou, tanto na primeira publicação quanto no dia em que, numa assembleia pública, foi declarada como vencedora dos três prêmios para Ensaios oferecidos pela *Central Unitarian Association*. Em suas palavras: “It was truly a great event to me,- the greatest since my brother's reception of my first attempt in print. I had now found that I could write, and I might rationally believe that authorship was my legitimate career.” (MARTINEAU, 1877a, p. 119).

Após esse episódio, que acabou por lhe deixar um pouco mais tranquila quanto a recepção de seus escritos, a autora viajou para Dublin, com o intuito de visitar seu irmão e a esposa. De acordo com ela, no tempo que ficou hospedada na casa deles, tentou escrever e esboçar o seu plano para os contos de Economia Política, que demandaria bastante tempo de preparação e depois de escrita. Martineau tinha consciência de que esse esforço teria muito mais visibilidade do que os demais e que isso lhe custaria a sua “reputação” acaso fosse um fracasso. Porém, ela tinha convicção de que deveria fazer isso e alegava que “The people wanted the book; and they should have it.” (MARTINEAU, 1877a, p. 122). Mas a autora simplesmente não tinha recursos para dispor e precisou aceitar o empréstimo de dois amigos abastados para realizar o empreendimento de produzir os livros. Isso não implicava nos custos para imprimi-los, mas para escrevê-los, lembrando que o material de escrita (papel e caneta) era de custo elevado.

Em 1831, Martineau começou a escrever *Illustrations of Political Economy*. A princípio, nenhuma editora quis assumir a publicação da obra e ela foi para Londres tentar um apoiador, enquanto escrevia os dois primeiros textos. Durante o tempo que esteve em Dublin, a autora escreveu para três editores diferentes fazendo a proposta de publicação, mas esta não teve acolhimento. Porém, os editores Baldwin e Cradock se dispuseram a conversar com ela em Londres, a respeito do assunto. As negociações não foram adiante e esses editores não acreditaram no projeto, tentando modificá-lo em sua natureza, o que não agradou Martineau. Depois de alguns meses de hesitação, afirmaram que não teriam condições de assumir algo incerto em meio a duas convulsões sociais: “Reform Bill” e a cólera. Outras tentativas foram feitas e os Sr(s). Whittakers a princípio aceitaram e depois também hesitaram em levar adiante o projeto. A autora explicou que isso implicava que ela própria teria que pagar pelos textos ou publicá-los no sistema de comissão, tendo um deles como editores no processo. Chegou, inclusive, a afirmar que a mãe e a tia pensaram em contribuir para que isso ocorresse, assumindo os riscos, mas que ela não admitiu, sabendo das dificuldades que já enfrentavam (MARTINEAU, 1877a, p. 123-124). É interessante como Martineau expôs o funcionamento do mercado editorial e os modelos de publicação utilizados no período, além do pagamento de direitos autorais na Inglaterra. Esses dados e relatos não são fortuitos e, por isso mesmo, também não foram ignorados aqui.

Face ao desconsolo, que a autora chamou de “desapontamento”, uma nova proposta surgiu e a deixou intrigada. Chegou por meio do Sr. Fox, alegando que os livreiros também poderiam assumir parte dos riscos e dos custos para a produção da coleção, e lhe indicou um novo editor. Ela foi para Londres novamente para verificar a situação e a viabilidade da proposta. Como de costume, um primo de sua confiança a acolheu em sua casa e lá Martineau se dispôs a trabalhar. Ao ver o novo editor, mais uma decepção. Ele reconheceu a originalidade e a qualidade da proposta, mas temia que a efervescência que estava tomando conta da sociedade condenaria o livro ao fracasso (MARTINEAU, 1877a, p. 126).

“On my mother observing that she could not have done it, my aunt patted me on the shoulder, and said that, **at least, the back was fitted to the burden.** This domestic sympathy was most supporting to me; but, at the same time, it rendered success more stringently necessary.” (MARTINEAU, 1877a, 125) (*grifos meus*)

A passagem a seguir ilustra a exaustão de Martineau ao ter tantas recusas mesmo diante de um projeto que era considerado “de excelência”, mas também a rede de apoio com a qual ela contava, caso, por exemplo, do Sr. Fox e de sua família:

“I need not detail, even if I could remember, the many applications I made in the course of the next few days. Suffice it that they were all unsuccessful, and for the same alleged reasons. Day after day, I came home weary with disappointment, and with trudging many miles through the clay of the streets, and the fog of the gloomiest December I ever saw. I came home only to work; for I must be ready with two first numbers in case of a publisher turning up any day. All the while, too, I was as determined as ever that my scheme should be fulfilled. Night after night, the Brewery clock struck twelve, while the pen was still pushing on in my trembling hand. I had promised to take one day's rest, and dine and sleep at the Foxes'. Then, for the first time, I gave way, in spite of all my efforts. Some trifle having touched my feelings before saying 'Good-night', the sluices burst open, and I cried all night. In the morning, Mr. Fox looked at me with great concern, stepped into the next room, and brought a folded paper to the breakfast table, saying 'Don't read this now. I can't bear it. These are what may be called terms from my brother.' (A young bookseller who did not pretend to have any business, at that time.) 'I do not ask you even to consider them; but they will enable you to tell publishers that you hold in your hand terms offered by a publisher: and this may at least procure attention to your scheme.' These were, to the subsequent regret of half a score of publishers, the terms on which my work was issued at last.” (MARTINEAU, 1877a, p. 126)

O Sr. W. J. Fox estimulou o seu irmão Charles a promover a editoração da coleção proposta por Martineau, mas este fez exigências duras para aceitar o risco: 500 assinantes, 50% dos lucros e apenas 5 números (MARTINEAU, 1877a, p. 127). A autora se viu em uma situação complicada e recorreu a quem podia para as assinaturas, recebendo insultos de alguns, o que lhe causou revolta. O marido de uma prima, em particular, foi extremamente misógino com ela e o caso merece ser destacado como um exemplo desse tipo de situação na qual Martineau se viu colocada para viabilizar seu projeto.

“[...] and the husband of a cousin of mine, a literary man in his way, sent me, in return for the prospectus, a letter, enclosing two sovereigns, and a lecture against my rashness and presumption in supposing that I was adequate to such work as authorship, and offering the enclosed sum as his mite towards the subscription; but recommending rather a family subscription which might eke out my earnings by my needle. I returned the two sovereigns, with a declaration that I wished for no subscribers but those who expected full value for their payment, and that I would depend upon my needle and upon charity when I found I could not do better, and not before. This gentleman apologised handsomely afterwards.” (MARTINEAU, 1877a, p. 128)

A autora estava correta ao temer que as assinaturas levassem a uma desvalorização do projeto e a sua humilhação pessoal. Martineau considerava “vexatório” ter que recorrer a assinaturas para que o projeto fosse colocado em prática (MARTINEAU, 1877a, p. 133). Recorreu a seus parentes com recursos para darem o apoio à causa e foi questionada de diversas formas, como citado anteriormente. Além disso, foi contestada quanto à viabilidade e ao fato de ser uma mulher, que tinha a ousadia de se afirmar como autora. Ao mesmo tempo, outras pessoas foram gentis e a apoiaram na empreitada, que ela ao longo do texto chamou acertadamente de “empreendimento” ou “empreendimento literário”.

Ciente desse risco e estrategista que era, criou um prospecto impessoal para ser publicado na imprensa, além de “circulares” padronizadas e impessoais, às quais anexou um pedido pessoal para que os conhecidos fizessem suas inscrições (MARTINEAU, 1877a, p. 128). Ao procurar o Sr. Fox para falar a respeito, a situação havia piorado ainda mais. Ela foi informada de que as exigências haviam aumentado para, no mínimo, 1000 exemplares vendidos em 15 dias e apenas dois números publicados, se o primeiro número alcançasse uma vazão menor do que isso. A mudança foi atribuída a uma

conversa que W. J. Fox teve com James Mill, reconhecido economista político que não avaliou bem a proposta de Martineau, não aprovando o ensino de Economia Política em contos e recomendando que a autora fizesse um texto didático, no formato tradicional. Apesar de ter ficado decepcionada com a notícia, Martineau andou até a casa de seu primo e pôs-se a escrever o prefácio (MILLER, 1887), mas se negou a mudar “o esquema” da ilustração da teoria geral por meio da exemplificação (MARTINEAU, 1877a, p. 129).

“I began now, at last, to doubt whether my work would ever see the light. I thought of the multitudes who needed it, - and especially of the poor, - to assist them in managing their own welfare. I thought too of my own conscious power of doing this very thing. Here was the thing wanting to be done, and I wanting to do it; and the one person who had seemed best to understand the whole affair now urged me to give up either the whole scheme; or, what was worse, its main principle! It was an inferior consideration, but still, no small matter to me, that I had no hope or prospect of usefulness or independence if this project failed: and I did not feel that night that I could put my heart into any that might arise. As the fire crumbled, I put it together till nothing but dust and ashes remained; and when the lamp went out, I lighted the chamber candle; but at last it was necessary to go to bed; and at four o'clock I went, after crying for two hours, with my feet on the fender. I cried in bed till six, when I fell asleep; but I was at the breakfast table by half-past eight, and ready for the work of the day.” (MARTINEAU, 1877a, p. 130)

Nunca foi um empreendimento fácil, mas isso não a desmotivou ou diminuiu seu ímpeto. Embora, em alguns curtos momentos, ela tenha se descrito em desânimo e desacreditada. O que, novamente, demonstra como a sua personalidade e uma rede de apoio mais consciente das características da profissão, foram fundamentais para que ela não mais desistisse de continuar. Ao final, foram vendidos 300 exemplares, o que era um número absurdo em um curto período de tempo. As inscrições foram uma espécie de financiamento coletivo para que o editor Charles Fox se exime-se do risco, ao se responsabilizar pelos custos da produção dos livros. Portanto, mesmo que Martineau tivesse demonstrado sua capacidade literária e habilidade intelectual, ainda assim não foi o suficiente para que o mercado editorial financiasse o seu projeto. Isso a levou a questionar como o trabalho intelectual estava assentado numa instabilidade muito grande, além de depender de um grande investimento por parte de quem escreve. O editor funcionava, então, como um atravessador/intermediador que realizava um tipo de curadoria para legitimar a obra e administrava os direitos autorais. Não muito diferente do que acontece ainda hoje.

Por volta de 1831, quando a autora já tinha seus 29 anos, houve uma declaração do Sr. Brougham, um dos membros da *The Diffusion Society*, de que esta: "instituted for the very purpose, should be driven out of the field by a little deaf woman at Norwich." (MARTINEAU, 1877a, p. 133). Ele estava se referindo ao conto *Brooke and Brooke Farm* (publicado como o livro 03, dos *Illustrations of political economy*) que Martineau ofereceu ao editor da Sociedade, que naquela época era o Sr. Knight. Mais tarde, Lord Brougham se encontrou com ela em outras circunstâncias, para a publicação da série *Poor laws and paupers Illustrated* (1833-1834), para a *The Diffusion Society*. Inobstante tudo isso, ele será um desafeto bastante citado na Autobiografia, na qual Martineau relatou seu comportamento reprovável, nos termos dela, e sua falta de compromisso com as responsabilidades que assumia (MARTINEAU, 1877a).

Ocorre que a publicação da primeira série foi um sucesso de vendas, mesmo com o restrito apoio editorial inicial. Sua independência tinha data e é assim que Martineau descreveu o sucesso dos primeiros livros, que lhe foram comunicados por carta: 10 de fevereiro de 1832. Se, a princípio, foi difícil pensar em 500 assinaturas para garantir a viabilidade de um livro, agora o editor falava em imprimir 5000 mil exemplares por vez, já que quase não havia sobrado exemplares da primeira tiragem impressa (MARTINEAU, 1877a, p. 135).

"The entire periodical press, daily, weekly, and, as soon as possible, monthly, came out in my favour; and I was overwhelmed with newspapers and letters, containing every sort of flattery. The Diffusion Society wanted to have the Series now; and Mr. Hume offered, on behalf of a new society of which he was the head, any price I would name for the purchase of the whole. I cannot precisely answer for the date of these and other applications; but, as far as I remember, there was, from the middle of February onwards, no remission of such applications, the meanest of which I should have clutched at a few weeks before. Members of Parliament sent down blue books through the postoffice, to the astonishment of the postmaster, who one day sent word that I must send for my own share of the mail, for it could not be carried without a barrow; – an announcement which, spreading in the town, caused me to be stared at in the streets. Thus began *that* sort of experience." (MARTINEAU, 1877a, p. 135)

Sua popularidade cresceu de forma acelerada e ela constatou isso pelo volume da correspondência, a referência em jornais de todos os tipos, o contato dos membros do Parlamento e pelo reconhecimento nas ruas de sua cidade. Sua notoriedade era tão

grande que existia uma expectativa de sua presença nos eventos sociais e sua correspondência era carregada num carrinho de mão (MILLER, 1887).

“I had not calculated on this additional labour, in the form of correspondence; and very weary I often was of it, in the midst of the amusement. One necessity arose out of it which soon became very clear, – that t must reside in London, for the sake of the extensive and varied information which I now found was at my service there, and which the public encouragement of my work made it my duty to avail myself of.” (MARTINEAU, 1877a, p. 136)

O trabalho lhe garantia a renda e o sucesso lhe deu autonomia para definir o que e quando escrever, não mais por necessidade apenas. Nos relatos de Martineau isso fica claro ao afirmar que em alguns momentos da vida precisou do auxílio de familiares e de amigos, ao ter adoecido e não conseguir trabalhar. Isso indica que a autora não tinha uma renda externa ou algum investimento que lhe garantisse a manutenção, vivendo apenas da remuneração recebida pela venda dos seus livros ou dos direitos autorais pagos pelos editores. Como sua autobiografia foi escrita ao descobrir o novo adoecimento, ela informou que nos 05 anos em que esteve muito doente, precisou de assistência, mas que na década de 1850 estava completamente independente e não seria o caso de precisar recebê-la novamente. Indicando confiança de que a sua situação já se encontrava resolvida. Sabemos hoje que não foi bem assim, embora nos 21 anos que se seguiram Martineau trabalhou exaustivamente, mesmo reclusa e gravemente adoentada (MARTINEAU, 1877a, p. 135).

Independente financeiramente, reconhecida e aclamada, a autora então resolveu se mudar para Londres e viver os efeitos da fama na sociedade londrina. Para lá a autora se mudou em novembro de 1832, sendo recebida na casa de um casal de amigos da sua mãe. Em setembro de 1833 a mãe e a tia se juntaram a ela para morarem em uma casa na Fludyer Street, Westminster, nº 17 (MARTINEAU, 1877a, p. 136). A autora entendeu esse como o fim de seu terceiro ciclo de vida e o responsável por lhe conferir uma formação do caráter, comparando sua trajetória até então com as estações do ano: nascimento, o inverno; sucesso, o verão; e a notícia de nova doença, o outono. O que novamente retoma uma fala dela logo no início de sua autobiografia de que viveu uma vida sem primavera. As contingências levaram Martineau a “perder tempo”, mas ela considerava que ter alcançado a sua autonomia com 30 anos de idade com tantos

atropelos e circunstâncias desfavoráveis era um marco a ser comemorado (MARTINEAU, 1877a, p. 137).

“I cannot but know that in my life there has been a great waste of precious time and material: but I had now, by thirty years of age, ascertained my career, found occupation, and achieved independence; and thus the rest of my life was provided with its duties and its interests. Any one to whom that happens by thirty years of age may be satisfied; and I was so.” (MARTINEAU, 1877a, p. 137)

Aqui cabem algumas considerações antes de passar adiante. Martineau logrou êxito em seu empreendimento, isso é um fato. Ela passou por um momento de falência e grave crise antes que isso acontecesse, pois sua família (que tinha uma vida de classe média, confortável e estável), perdeu as condições de seu sustento e ficou totalmente sem recursos. Um parêntese é necessário. Sem recursos financeiros, pois possuía ainda a casa de moradia e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos de estudo e de conforto material. Ela recebeu educação e desfrutava de *capital cultural*, falava vários idiomas, tinha contatos, membros da sua família eram ricos e frequentavam locais com pessoas influentes. Portanto, também tinha *capital social* (BOURDIEU, 1986).

Isso fez com que a sua condição, se comparada com a de outras mulheres e escritoras, como, por exemplo, Flora Tristan (1803-1844), fosse completamente diferente, tanto em oportunidades quanto em condições para exercê-las. Mesmo a habilidade em trabalhos manuais (como costura e bordado) foi ensinada como necessária à sobrevivência, para a automanutenção em períodos de dificuldades (não contratação de terceiros, por exemplo). Mas foram usadas como recursos para a manutenção, o pagamento de contas e o investimento em seu “empreendimento”. A própria concepção sobre o que estava fazendo como um “empreendimento” e a capacidade de se colocar como um agente que entende e negocia os termos decorre dos capitais que ela dispunha, para além do *capital econômico*. Aos 30 anos, ela colheu os frutos destes resultados e do seu incansável esforço, que, sem essas condições para a sua preparação intelectual e seu talento, não teriam rendido uma escrita de qualidade e uma recepção tão elevadas.

A experiência em Londres durou de 1832 a 1839 e pouco foi dito na autobiografia a respeito da recepção e da nova vida, a não ser sobre a experiência de ter um espaço

seu para trabalhar e organizado a seu modo, bem como as diferenças entre a casa em Norwich e a rua movimentada em Londres. Pouco também é dito sobre a fama, além de uma afirmação de que sua vida ou seus planos não haviam se alterado em razão disso (MARTINEAU, 1877a, p. 141). Uma referência que Martineau oferece acerca da sua visão sobre esse período pode ser encontrado em *Literary Lionism*, publicado em abril de 1839, na *London and Westminster Review*, de forma anônima. Acerca dessa recepção, alguns acreditavam a estar elogiando ao se referir à sua obra como fruto de uma “inteligência masculina”. Outros simplesmente não acreditavam ser possível que uma mulher a tivesse escrito. No pós-morte, essa referência ganhou tons de uma crítica ácida e destrutiva, como veremos adiante.

Martineau teve o trabalho de produzir um livro por mês para a coletânea, durante dois anos, já que, quando começou, só havia dois manuscritos prontos e precisava manter um ritmo que contribuisse para uma divulgação e uma recepção sólidas (MARTINEAU, 1877a, p. 145). A tarefa era bastante árdua, pois, além de escrever os contos, a narrativa precisava estar fundamentada na teoria e nos princípios da Economia Política. O trabalho da autora era metódico e sistemático, fundamentado em pesquisas para construir personagens e a referência a países e a instituições (MILLER, 1887; MARTINEAU, 1877a, p. 147-148).

Em novembro de 1832, quando se mudou para Londres, ela já estava trabalhando no 12º número de sua série de Economia Política e afirmou que apenas os três primeiros volumes antecederam à fama (MARTINEAU, 1877a, p. 149). Com cinco livros já publicados, a autora recebeu outro convite para mais uma série de ilustrações, agora sobre a *Lei dos Pobres*, a convite de Lord Brougham, em nome da *Poor Law Commission*, criada e incumbida de investigar os seus pressupostos e a sua implementação. Martineau concordou em contribuir com 04 números ilustrando a discussão para auxiliar no debate da *Reforma da Lei dos Pobres*³. O *Poor Law Amendment Act* foi aprovado em 1834. A autora afirmou só ter aceitado a proposta pelo impacto que essa discussão teve na época quanto à mobilização da opinião e sua importância social. O que demonstra que muito longe de fugir dos temas considerados polêmicos e pouco confortáveis, ela os encarava de frente se manifestando

³www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/livinglearning/19thcentury/overview/poorlaw/

publicamente a respeito deles. Além disso, Martineau informou que recebeu os dados coletados pela Comissão, com uma pesquisa pronta sobre o assunto (MARTINEAU, 1877a, p. 166).

Esse é um fato marcante: ela ilustrava a teoria fazendo uso de dados coletados por terceiros ou por instituições. A autora teve contato com obras de viajantes, as quais serviram de base para lhe fornecer informações sobre territórios que ainda não conhecia. Mas fundamentalmente Martineau aprendeu a fazer pesquisa a partir do contato com dados que foram sistematizados por instituições, que lhe instruíram sobre a realidade. Primeiro, sobre a escravidão, as indústrias em Manchester, a crise populacional e de abastecimento, e depois sobre a *Lei dos Pobres*. Não era apenas um trabalho literário, mas de ilustração, já que usava o trabalho literário a serviço da divulgação científica baseada em pesquisas anteriores.

“That I should have done so for any considerations of fame or money can never have been believed by any who knew what proposals and solicitations from all manner of editors and publishers I refused. It was the extreme need and difficulty of poor-law reform that won me to the additional task. I had for many years been in a state of despair about national affairs, on account of this ‘gangrene of the state’, as the French commissioners had reported it, ‘which it was equally impossible to remove and to let alone’. When Lord Brougham wrote to his friend an account of the evidence which was actually obtained, and which would be placed at my disposal; and when he added that there was an apparent possibility of cure, declaring that his “hopes would be doubled ” if I could be induced to help the scheme, the temptation to over-work was irresistible. When I met Lord Brougham in town, he urged me strongly to promise six numbers within a year. I was steady in refusing to do more than four altogether: and truly, that was quite enough, in addition to the thirty numbers of my own Series, (including the “Illustrations of Taxation.”) These thirty-four little volumes were produced in two years and a half, – the greater part of the time being one unceasing whirl of business and social excitement.” (MARTINEAU, 1877a, p. 166)

Cabe também ressaltar, e isso será trabalhado em outro momento, que já nessa época ela estava se dedicando ou enveredando a trabalhar com Políticas Públicas do Estado e suas consequências para a população em várias frentes: pobreza, fome, assistência social, moeda, crise financeira, indústria, entre outros temas relevantes e de impacto social.

A reforma da *Lei dos Pobres* estava em evidência e Lord Brougham se comprometeu que os quatro exemplares que a autora aceitou produzir seriam publicados pela *The Diffusion Society* e que por cada um deles Martineau receberia 100

libras, além de 25 a serem completadas pelo próprio solicitante. Ela afirmou que a Sociedade cumpriu os termos, mas Lord Brougham nunca o fez (MARTINEAU, 1877a, p. 167). A autora já havia tido problemas com a *The Diffusion Society* em dois momentos anteriores, um deles incluindo o próprio Brougham.

“I do not repent doing those tales, because I hope and believe they were useful at a special crisis: but they never succeeded to any thing like the extent of my own Series; and it certainly appeared that all connexion with the Diffusion Society, and Lord Brougham, and the Whig government, was so much mere detriment to my usefulness and my influence.” (MARTINEAU, 1877a, p. 167)

Não bastasse o trabalho da série em si, Martineau percebeu que seus temas sempre foram de interesse dos que estavam envolvidos na trama e que os contos eram mensagens enviadas às partes, como um certo condicionamento moral pretendido por interessados, que se mobilizavam para agenciá-la. Em diversos momentos de sua autobiografia isso fica bastante claro, desde agentes políticos a trabalhadores, que lhe pediam para considerar tal ou qual assunto. Implica um reconhecimento do alcance, mas também do papel da literatura em ser crítica ou em domesticar as massas, disseminando e legitimando um determinado tipo de informação. A autora alegava que essas “abordagens” feitas por pessoas ou instituições pareciam supor que ela era uma inglesa provinciana e que seria facilmente convencida a respeito da propaganda que realizavam. Aqui já divagando sobre a diferença entre discursos e fatos, que ela tão bem abordou em *Como observar* (2021).

Um caso diretamente citado é o de um representante da *American Colonization*, Elliott Cresson, que se apresentava como um agente antiescravidão, que queria convencer Martineau a escrever um dos contos sobre a colônia na Libéria, para onde os escravos libertados eram enviados. Mas, a autora não aceitou acolher tal tema e soube que a mesma pessoa estava na Inglaterra proferindo palestras contra Garrison e outros abolicionistas norte-americanos. Além disso, foi alertada pelo Sr. Cropper a respeito das condições questionáveis de tal empreendimento (MARTINEAU, 1877a, p. 150). O desfecho ocorreu com a produção de um livro no sentido inverso ao pretendido pelo “agenciador”. Ela também abordou esse tema no livro *Sociedade na América* (MARTINEAU, 2024) e reencontrou Cresson quando esteve na Câmara do Senado em

Washington. Esse é um exemplo claro de uma disputa de narrativas e como a literatura serve de instrumento político ou como propaganda de determinadas instituições para arrebanhar simpatizantes. Ainda mais no caso de livros nos quais cada exemplar era vendido aos milhares, sendo capazes de mobilizar a opinião pública. Mas especulações de toda a ordem atormentavam no convívio com a sociedade londrina e alguns relatos de próprio punho envolveram muitas pessoas desse círculo intelectual, o que abordarei em parte deste e do próximo Capítulo.

Outra preocupação manifestada por Martineau foi a de que ao longo da vida sofreu várias críticas por excesso de trabalho e alegou que a sua “condenação final” não havia sido em decorrência disso. A autora afirmou que poucas pessoas conseguiram compreender o que era o trabalho para ela e como isso a consumia até que tudo estivesse acabado e pudesse enfim descansar. Existe uma ironia neste caso, pois a grande preocupação dirigida a ela pelo excesso de trabalho com a escrita não parece ser mencionada nos casos relativos ao trabalho doméstico, que ocupa de modo ininterrupto o tempo das mulheres, sem mobilizar a empatia da sociedade.

“Authorship has never been with me a matter of choice. I have not done it for amusement, or for money, or for fame, or for any reason but because I could not help it. Things were pressing to be said; and there was more or less evidence that I was the person to say them. In such a case, it was always impossible to decline the duty for such reasons as that I should like more leisure, or more amusement, or more sleep, or more of any thing whatever. If my life had depended on more leisure and holiday, I could not have taken it. What wanted to be said must be said, for the sake of the many, whatever might be the consequences to the one worker concerned. Nor could the immediate task be put aside, from the remote consideration, for ever pressed upon me, of lengthening my life. The work called for to-day must not be refused for the possible sake of next month or next year. While feeling far less injured by toil than my friends took for granted I must be, I yet was always aware of the strong probability that my life would end as the lives of hard literary workers usually end, – in paralysis, with months or years of imbecility.” (MARTINEAU, 1877a, p. 143) (*grifos meus*)

Ou, ainda:

“I am very far indeed from desiring to set up my own practices as an example for others; and I do not pretend that they are wholly rational, or the best possible: but, as the facts are clear – that I have, without particular advantages of health and strength, done an unusual amount of work without fatal, perhaps without injurious consequences, and without the need of pernicious stimulants and peculiar habits,- it may be as well to explain what

my methods were, that others may test them experimentally, if they choose.”
(MARTINEAU, 1877a, p. 145)

A rotina de Martineau em Londres também não era fácil: pela manhã, escrevia; de 14h-16h recebia visitas e depois caminhava por uma hora; à noite, tinha visitas a fazer e as carruagens eram enviadas a sua casa para buscá-la para jantar (MARTINEAU, 1877a, p. 145; 242). A vida social de Martineau era extremamente agitada e cheia de convites de todos os tipos (MARTINEAU, 1877a, p. 252). Mas, ela não era rica ou uma pessoa de posses, por isso, os que a convidavam para alguma festa ou para se hospedar, sabendo de tal condição, viabilizavam seu deslocamento e sua estadia, considerando a importância social e política de sua presença. E sobre as festas que ela própria dava, Martineau explicou os motivos de não convidar determinadas pessoas (MARTINEAU, 1877a, p. 282-283). Além disso, relatou as casas de campo que frequentava para descansar ou para encontrar amigos (MARTINEAU, 1877a, p. 283-285). Embora tivesse uma vida social bastante agitada, Martineau não gostava de ser importunada em sua rotina de trabalho ou assediada em seus passeios públicos, passando a evitar horários nos quais determinados lugares ou eventos contassem com aglomeração (MARTINEAU, 1877a, p. 292). Mas não era apenas a vida noturna que era agitada, como também as visitas matinais, quando eram permitidas (MARTINEAU, 1877a, p. 313).

Quando questionada sobre os estimulantes que usava, sendo esse um hábito usual entre escritores, a autora respondeu que os seus eram ar fresco e água fria (MARTINEAU, 1877a, p. 146). Seus relatos mostram que essa autonomia lhe permitiu uma rotina totalmente adequada ao trabalho e à vida social, mantendo relações e visitas constantes, passeios e caminhadas. Denotavam também que a alta carga de trabalho doméstico havia sumido, pois não aparecia mais em sua narrativa. Na verdade, no caso de Martineau, da infância até a juventude, possuindo empregados domésticos na casa, os afazeres domésticos se relacionavam a habilidades manuais de costura e de bordados, por exemplo. Já na fase adulta, essas habilidades se tornam uma fonte de renda, às quais a autora dedicou parte do seu tempo para possibilitar o trabalho literário, que exigia um mínimo de recursos para ser realizado. Em todo o caso, era um tempo desperdiçado com outras coisas que não a sua atividade principal, por costume ou por necessidade. Já famosa e morando sozinha em Londres, afirmou que não possuía empregada e que, por isso, precisava também cuidar de questões comuns da vida

cotidiana (MARTINEAU, 1877a, p. 148). Sua agenda era muito apertada e raras vezes se dizia capaz de ter tempo livre para fazer o que quisesse, porém, parecia não se importar com isso, considerando que fazia parte do trabalho profissional que ela buscava exercer como escritora. Isso incluía a participação e a garantia de sua presença em jantares e bailes organizados em sua homenagem (MARTINEAU, 1877a, p. 183) e a chamada “leonização” (MARTINEAU, 1877a, p. 184)⁴.

O incômodo avançou também sobre sua nova casa, com a tia e a mãe, na medida em que com frequência ouviam críticas sobre a humildade de sua nova morada face às reverências e homenagens recebidas por Harriet. Mas a autora se recusou a se endividar para bancar esse novo *status*: “It was my fixed resolution never to mortgage my brains” (MARTINEAU, 1877a, p. 188). E: “It was necessary to preserve my Independence of thought and speech, and my power of resting, if necessary; – to have, in short, the world under my feet instead of hanging round my neck: and therefore did I refuse all intreaty and remonstrance about our house and mode of living” (MARTINEAU, 1877a, p. 189).

A fama aconteceu e Martineau foi informada de que mesmo a princesa Victória era sua leitora assídua. Em 20/06/1837, a princesa chegou ao poder, tendo sido coroada em 28/06/1838 e permanecendo como rainha até a sua morte em 1901. Outras pessoas famosas já haviam se tornado conhecidas da autora, como Jane Marcet, que se tornou próxima de Martineau e a mantinha informada acerca das notícias da França. Uma delas foi o fato de que Louis Philippe, rei da França, encomendou vários exemplares do *Illustrations* e nomeou Guizot para os introduzir e adotar nas escolas francesas (MILLER, 1887)⁵. Discuti este tema em Alcântara (2024) e lembro que Guizot não foi o tradutor da obra de Martineau (embora ele tenha exercido essa atividade em relação a outras obras). Ele havia sido designado administrativamente para realizar a tradução e a inclusão nas escolas francesas. Como disse, essa questão da tradução para a língua francesa será tratada em pesquisa ainda em andamento. Importa aqui considerar o relato da autora, considerado em sua autobiografia. Martineau (1877a, p. 177) e Miller (1877) mencionaram que o czar da Rússia também havia encomendado exemplares de seus livros. O sucesso dela nestes países teria ocorrido antes da publicação do seu 12º

⁴ Texto de 1839, *Literary Lionism*, em que citou Byron, Scott e Madame de Stael.

⁵ Andrea Borges Leão (UFC) indicou Marcet como uma das tradutoras de Martineau. Essa pesquisa de mapeamento ainda será realizada em parceria com a colega que é especialista em editoração na França.

volume da Coleção *Illustrations*. É importante verificar isso em particular e as fontes, pois o fato certamente contribui para a compreensão da dinâmica de publicação e divulgação da autora na língua francesa. Martineau (1877a) apenas informou que soube dos fatos por Jane Marcet (que lhe oferecia um panorama dos famosos que estavam a ler sua série), pela imprensa (sem indicar qual especificamente) ou por seu tradutor para o francês (no caso do *Illustrations*, B. Maurice).

Ela era uma defensora voraz da democracia e da liberdade, além de crítica ferrenha a todo o tipo de opressão e tirania, principalmente à escravidão. Mas, ao produzir o seu 12º volume e escolher falar sobre a França, com o seu *French wines and politics*, Martineau foi muito criticada, inclusive por Jane Marcet, pois havia colocado em risco o patrocínio de sua coleção pelo governo francês. Entretanto, a autora não demonstrou interesse em ter uma boa relação com a corte francesa e não renunciou à sua liberdade de expressão para agradar uns e outros. O mesmo aconteceu com a simpatia do czar russo após ela ter escrito *The charmed sea*, o 13º volume de sua série. A notícia que se tem é que sua obra foi recolhida e queimada, além de sua presença ter sido proibida na Rússia, Áustria e Itália (MARTINEAU, 1877a, p. 179; MILLER, 1887).

Pelo que pude apurar, se houve ou não proibição na França, fato é que as obras continuaram a ser traduzidas e editadas, sendo este um fato que, embora relatado, resta pendente de averiguação. Por exemplo, não apenas os livros da série *Illustrations* eram publicados em francês praticamente de modo simultâneo, como também os anteriores (por exemplo, *Tradições da Palestina*) e os que se seguiram (por exemplo, *Sociedade na América*). O mesmo pode ser dito com relação à Rússia, Áustria e Itália, já que carecemos de detalhes a respeito, mas mantenho o relato por entender que, no mínimo, ele ilustra uma percepção da própria autora acerca do impacto de sua obra, inclusive politicamente.

Até aqui, a ênfase que busquei dar ao jogar luz sobre os fatos da autobiografia de Martineau foi sobre a sua condição enquanto mulher, sua formação, possibilidades, preconceitos, limitações e eventos que marcaram a sua vida, buscando demonstrar a relação entre todos esses fatores e o surgimento da autora, que é recepcionada, festejada e bastante criticada com relação a assuntos diversos. Foi também uma oportunidade de vincular as fontes a fatos que são diuturnamente repetidos em vários meios dos quais tenho notícia e muitas vezes de modo alterado, valendo-se da figura de

comentadoras(es) que tanto critiquei logo no início deste capítulo, não pela obra em si, mas pelos usos que se fazem dela. Ouvir das palavras da própria autora como ela pensou a sua trajetória de vida, fatos importantes e uma reflexão sobre as reações às suas próprias ações, sem dúvida, é muito rico para poder ser ignorado. Nesta tese, considerarei como parte mais importante pelo recorte aqui adotado o momento que segue à publicação dos livros que aqui irei comentar no último capítulo.

Figura 02 – Pintura de Harriet Martineau em 1833



Fonte: Harriet Martineau's autobiography, 1877a, contracapa

Não posso deixar de mencionar o fato de que ela também se queixou dos muitos retratos que fizeram dela, pela falta de relação entre a realidade e a obra dos muitos artistas que se aventuraram com ou sem a sua anuência (MARTINEAU, 1877a, p. 293-294).

Figura 03 – Desenho de Harriet Martineau em 1833



Fonte: www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw285689, por Daniel Maclise, publicada por James Fraser, litografia, publicada em 1833, NPG D48216, © National Portrait Gallery, Londres

No final de 1833, Martineau estava muito doente, com problemas hepáticos, que haviam se iniciado provavelmente em 1831, na luta pela publicação dos *Illustrations*. (MARTINEAU, 1877a, p. 132). As condições da escrita e o fato de precisar imprimir um ritmo acelerado para garantir uma repercussão da série na opinião pública e no mercado, fizeram com que o seu esforço fosse extremo, além dos dissabores

enfrentados em decorrência do próprio processo editorial e das pressões familiares e sociais. Além de relatar a ausência de tempo para descanso.

“I believe I had never been quite well, during those two years; and the toils and domestic anxieties of the autumn of 1833 had prepared me for overthrow by the first accident. – After struggling for ten days to rise from my bed, I was compelled to send word to printer and publisher that I must stop for a month. Mr. Fox (the elder) sent a cheering and consolatory note which enabled me to give myself up to the pleasure of being ill, and lying still, (as still as the pain would let me) without doubt or remorse. There was something to be done first, however; for the printer's note was not quite such a holiday matter as Mr. Fox's. It civilly explained that sixteen guineas' worth of paper had been wetted, which would be utterly spoiled, if not worked off immediately. It was absolutely necessary to correct two proofs, which, as it happened, required more attention than any which had ever passed under my eye, from their containing arithmetical statements. Several literary friends had offered to correct my proofs; but these were not of a kind to be so disposed of. So, I set to work, with dizzy eyes and a quivering brain; propped up with pillows, and my mother and the maid alternately sitting by me with sal volatile, when I believed I could work a little. I was amused to hear, long afterwards, that it was reported to be my practice to work in this delightful style, – "when exhausted, to be supported in bed by her mother and her maid." These absurd representations about myself and my ways taught me some caution in receiving such as were offered me about other authors.” (MARTINEAU, 1877a, p. 193)

A passagem mostra também o quão desconfiada Martineau se mostrava em relação a caracterização de e os relatos sobre intelectuais na opinião pública e na imprensa.

Não obstante, ela também deixou claro o quão presa ficou ao esquema de um livro por mês e como esse processo se repetia a cada novo livro, levando uma grande carga de estresse e ansiedade para a autora, sua mãe e sua tia. O tempo era o da produção, não o do lazer e o do descanso. Interessante notar como a mãe se torna cada vez mais uma parceira da filha em seu *empreendimento literário*, aconselhando, apoiando, sendo confidente e sofrendo junto a ela as ansiedades do processo (MARTINEAU, 1877a, p. 252).

“All I am sure of is that it was a prodigious relief, which sent my spirits up sky high, when I resolved to spare myself a month's work. Rest and leisure had now become far more important to me than fame and money. Nothing struck me so much, or left so deep and abiding an impression after the close of this arduous work, as my new sense of the value of time. A month had never before appeared to me what it now became; and I remember the real joy of finding in February, 1832, that it was leap year, and that I had a day more at my command than I had calculated. The abiding effect has perhaps not been

altogether good. No doubt I have done more than I should without such an experience: but I think it has narrowed my mind” (MARTINEAU, 1877a, p. 195)

Em outra passagem, ela relatou sobre o cansaço quanto a alguns eventos públicos e o trabalho:

“My place was generally between some one of the notabilities and some rising barrister. From the latter I could seldom gather much, – so bent were all the rising barristers I met on knowing my views on ‘the progress of education and the increase of crime.’ I was so weary of that eternal question that it was a drawback on the pleasure of many a dinner-party. In 1838, I went a journey of some weeks into the Lake district and Scotland, with a party of friends, – some of whom were over-worked like myself. We agreed to banish all topics connected with public affairs and our own labours, and to give ourselves up to refreshment, without any thought of improvement. We arrived at Fort William, where the inn was overcrowded with passengers for the Loch Ness steamer, in the evening, so tired that we (and I, especially) could scarcely keep awake till our room (where all the ladies of our party were to be lodged somehow,) was prepared. Mr. P –, our leader, very properly brought in a gentleman who could not find a place to sit down in, to have tea with us. My companions, seeing me drooping with sleep, did their utmost to seat him at the opposite side of the table: but he seized a stool, forced himself in next me, and instantly began (using barrister as he was) to ask my opinion on the progress of education and the increase of crime in Scotland.” (MARTINEAU, 1877a, p. 254)

Por outro lado, Martineau criticou com afinco o fenômeno do *leonismo literário* como um tipo de “imposto” que artistas e intelectuais estrangeiros ou populares precisavam pagar e como isso era uma carga de atenção pública para sustentar vaidades que atrapalhava o seu real compromisso. Muitas páginas de sua autobiografia foram dedicadas ao tema, falando em como a “veneração” e a “gratidão” acabam desembocando em ações que desgastam o próprio ambiente intelectual (MARTINEAU, 1877a, p. 205). Se, por um lado, ela destaca como isso reflete que a literatura se tornou altamente popular no século XIX, por outro, ela lembrou como tais “leões literários” passaram a se constituir enquanto “classe” (MARTINEAU, 1877a, p. 208). Ela também discordou e colocou o problema relativo a “receber lisonjas” e se deixar iludir com elas, como se fossem um fim em si mesmas (MARTINEAU, 1877a, p. 213). Outro contraponto importante se encontra quando ela discute a “sensação da elevação”, que ocorre em razão da eleição de “ídeos da sociedade”, que é seguida da “consciência de depressão”, com “o desprezo e a queixa” (MARTINEAU, 1877a, p. 215). A busca por “ser notado” é um vício que o *leonismo literário* produzia como efeito da “celebração” em torno de um

autor, que ela nomeou como “a ministração do veneno aos incautos, aos fracos e aos vaidosos que acabaria lhe trazendo sérios problemas como a privação do repouso e da independência de pensamento” (MARTINEAU, 1877a, p. 217). Martineau descobriu cedo que isso era um “cativeiro” (MARTINEAU, 1877a, p. 219), que o impede de conhecer o mundo como ele realmente é e acaba por atrapalhar a condição do seu próprio trabalho. O mundo literário não pode estar voltado apenas para si mesmo, já que ele precisa se voltar para a vida, para além dos livros (MARTINEAU, 1877a, p. 220), o mundo da vida, do cotidiano, das ações mais importantes para a reprodução da própria existência. Dois pontos aqui são destacados: a vida real não é do interesse do *leonismo literário* e nela os livros também não importam muito (MARTINEAU, 1877a, p. 221).

Tudo isso, para Martineau, estava associado ao fato de a cultura aristocrática contaminar estes ambientes e fazer com que autores populares buscassem “posição aristocrática” (MARTINEAU, 1877a, p. 221), na condição de “cavalheiro”. Mas ela não descartou a totalidade da “experiência” e afirmou que era possível ter consciência de todo esse processo e encarar isso como “uma peça de sua vida”, não sendo iludido como se isso fosse o seu objetivo fundamental (MARTINEAU, 1877a, p. 222). Em tudo isso, a referência é à “Londres literária”. Martineau se justificou quanto às “intenções e opiniões ao me entregar aos benefícios e prazeres da sociedade literária em Londres” (MARTINEAU, 1877a, p. 230).

É nesse contexto que a autora citou alguns nomes conhecidos para exemplificar o “pedantismo” ao qual ela se referia. Porém, isso foi usado contra ela como exemplo de ataque cáustico a contemporâneos. Entre os nomes citados estão: Sra. Opie, Sra. John Taylor, Dr. Dayers, Dr. Enfield, James Smith, Alderson (pai da Sra. Opie) e William Taylor (MARTINEAU, 1877a, p. 226). Sobre este último, ela lembrou o fato de que ele tinha vício em vinho, mas que era um excelente filho com o pai que apesar de ser bruto, foi cuidado na doença, e a mãe que era cega (MARTINEAU, 1877a, p. 227). Além disso, citou George Borrow, Southey e Sra. Gurney (MARTINEAU, 1877a, p. 226-228). A isso ela contrastou com “o que um senso de superioridade intelectual deveria ser e produzir”, ao que ela destacou a Sra. Barbauld, que fez algumas visitas à sua casa, já que tanto William Taylor quanto o pai de Martineau haviam sido alunos dela e do marido na sua

escola em Palgrave, Suffolk. Ironicamente, ao falar dela, entre as qualidades listadas a autora citou que ela era “feminina” (MARTINEAU, 1877a, p. 228).

Sim, Martineau mencionou o que pensava e o que conhecia dessas pessoas, ao mesmo tempo em que as estava julgando quanto a comportamentos privados e públicos. De igual modo, se referiu a periódicos, como o *Monthly Repository*, como “baixo” e de como era alertada de que determinados comentários feitos eram perigosos porque circulavam na sociedade (MARTINEAU, 1877a, p. 230). Em outras palavras, era preciso medir as palavras para não ser julgada por elas. Em razão disso, ela explicou que: “I went into society to learn and to enjoy, and not to obtain suffrages: and I hoped to be as frank and unrestrained with others as I wished them to be with me” (MARTINEAU, 1877a, p. 231). A autora não fazia o jogo social e não se comprometia para manter relações dessa natureza. A esse respeito, Martineau citou como exemplo a senhorita Aikin e “seu informante” o sr. Hallam (MARTINEAU, 1877a, p. 252). Mas, mais do que isso, ela observou, analisou e escreveu a respeito dessa dinâmica social. A autora também demonstrou como as inverdades só poderiam ser combatidas se fossem citadas sem público ou de forma pública. Os inconvenientes da fama foram citados como “anedotas” por Martineau, que não perdeu a oportunidade de ridicularizar o teatro da “sociedade literária londrina”, indicando o que ela aproveitava, o que contestava e que lhe desagradava. Nesse meio, três pessoas que ela recusou conhecer, de modo veemente, foram: Lockhart, Sterling e o poeta Moore (MARTINEAU, 1877a, p. 232). A autora deu detalhes das situações que vivenciou e que justificavam suas posturas, alegando, inclusive, que esse era um dos poucos recursos à disposição de uma mulher para que ela preservasse sua imagem pública (MARTINEAU, 1877a, p. 233). Portanto, ignorar publicamente algumas pessoas era uma arma a ser usada. Outra, era confiar em ter muitos amigos, confidentes e pessoas leais, como ela citou no caso de sua mãe em várias situações.

Ao comentar sobre Brougham, não foi diferente. Esse personagem que aparece por diversas vezes em sua história e sobre o qual ela dedicou várias páginas de crítica (por exemplo, MARTINEAU, 1877a, p. 233-237). Certamente, era um assunto que lhe incomodava em demasia. Além dele, também outros de seus seguidores (MARTINEAU, 1877a, p. 237).

Em consequência, a autobiografia de Martineau não apenas relatou fatos como também buscou demonstrar a imagem construída pelo povo acerca de pessoas com as quais eles não conviviam e idealizavam, pois os conheciam apenas “por meio de livros e jornais” (MARTINEAU, 1877a, p. 237). Era, portanto, uma forma de denunciar esse estado de coisa e demonstrar que existia vida e pessoas reais por trás de tais distantes imagens públicas. Além disso, ela discutiu a própria dinâmica social de uma elite política e literária, na qual a autora estava inserida e como esse meio era festejado, mas também controlador, que Martineau não aceitou e se afastou. Demonstrou com isso como vários fatores interferem no trabalho intelectual, não se tratando apenas de capacidade de escrita ou oportunidades, mas de ações e reações a tudo o que está posto num ambiente de intensa convivência. Aliás, a autora chamava os privilégios, as condições e as oportunidades de “facilidades” (MARTINEAU, 1877a, p. 262).

Ainda sobre o mundo literário, ela citou Frances Milton Trollope, escritora inglesa, também conhecida como Fanny Trollope (1779-1864) e que escreveu *Domestic manners of the Americans* (1832). A respeito dela, Martineau afirmou que a autora havia difamado e caluniado os Estados Unidos, além de chamar o seu método de “inescrupuloso” (MARTINEAU, 1877a, p. 240). Quando se referia a mulheres que escreviam, ela as chamava de “mulheres literárias” (MARTINEAU, 1877a, p. 237). Ela se recusava a fingir não conhecer ou a esconder sua opinião a respeito de algo ou de alguém. No caso do livro de Trollope, a autora disse que não iria contestá-la ou perder tempo refutando as informações que constavam nos relatos desta escritora (MARTINEAU, 1877a, p. 241). Isso demonstra que Martineau não só conhecia o relato de uma viajante mulher inglesa sobre os Estados Unidos, como se limitou a se pronunciar a respeito apenas nos encontros sociais.

Sobre o meio político, recorrentemente ela ironizou os títulos de privilégio e a aristocracia. Por exemplo, no caso dos “Lordes” e dos “Whigs”, que aparecem em vários momentos do texto (MARTINEAU, 1877a, p. 249, 253 e 254). Entretanto, ela também se referiu a representantes Whigs com os quais mantinha contato permanente e amizade. Ou, ainda, sobre os Whigs, a ascensão da rainha e a sociedade literária.

“On returning to London a good many years later, I found a melancholy change which had occurred precisely through their desire that there should be no change at all. I found some who had formerly been ‘pleasant fellows’

and agreeable ladies, now saying the same things in much the same manner as of old, only with more conceit and contempt of every body but themselves. Their pride of station and office had swelled into vulgarity; and their blindness in regard to public opinion and the progress of all the world but themselves was more wonderful than ever. All that I have seen of late years has shown me that in those pleasant dinners I saw the then leading society in literary London to the utmost advantage; – a privilege which I certainly enjoyed exceedingly.” (MARTINEAU, 1877a, p. 254)

Acerca dos juizes, a autora falou sobre a preparação dos meninos da aristocracia, que mais tarde ocupariam os títulos de nobreza, para ocuparem os cargos no parlamento ou no gabinete, além de poderem ser nomeados juizes a qualquer tempo, tendo ou não capacidade para isso. Martineau fez chacota dessa aristocracia das festas e da comunidade literária que ela gostava de exibir, inclusive entre os seus. Por exemplo, a autora citou os “Whigs literários” (MARTINEAU, 1877a, p. 255). Contudo, além dos que se classificavam em Tory e Whig, ela destacou alguns que não aderiam ou se adequavam a estas categorias.

Os clérigos, de denominações diversas, também estavam presentes em seus relatos, caracterizando-os. É possível dizer que, em sua autobiografia, Martineau falou mais dos outros do que de si mesma. A autora criticou os clérigos e indicou suas fragilidades, tal como fez com a aristocracia, a comunidade literária e os políticos de um modo geral.

O fato de ser uma “dissidente” a teria fornecido uma condição social e moral capaz de lhe munir quando sofria por “diferenças de opinião” e que lhe permitiam conviver com isso com a convicção de que estava correta em ser capaz de sustentar posturas distintas da multidão e a suportar as reações decorrentes. Não por acaso, ela afirmava que não apenas a situação de dissidente como sua própria formação a condicionaram a isso.

Ela era uma insubordinada, que se colocava na discussão pública de modo direto e era ouvida. Falar sobre pessoas conhecidas e mostrar seu relacionamento em relação a elas era demonstrar também sua importância e o quanto esteve lá apesar dos “esquecimentos” que se produziram após a sua retirada da vida pública. Martineau não apenas viveu a sociedade londrina como a observou e analisou até se cansar dela. Sua relação com os políticos, os convites para as festas, os assuntos e os temas dos encontros, como cada um se posicionava e o que ela achava deles e de todo o cenário.

Isso incluía pessoas que foram veneradas por ela em sua infância e com as quais agora convivia em pé de igualdade.

De igual modo, ela não polpou críticas à postura dos “Edinburgh reviewers”, atribuindo a eles o controle indireto da arena pública, na medida em que agiam com crueldade e ferocidade, silenciando autoras(es), tendo citado como exemplo o caso da Sra. Barbauld. Porém, não era apenas esse periódico que visava intimidar e desencorajar autoras e autores, e sua crítica é muito mais ampla. Com relação a esse, uma declaração extraída de um encontro social é bastante ilustrativa da situação:

“It was at Lord Murray’s table that Sidney Smith told me of the fun the Edinburgh reviewers used to make of their work. I taxed him honestly with the mischief they had one by their ferocity and cruel levity at the outset. It was no small mischief to have silenced Mrs. Barbauld; and how much more utterance they may have prevented, there is no saying. It is all very well to talk sensibly now of the actual importance of reviews, and the real value of reviewers’ judgments: but the fact remains that spirits were broken, hearts were sickened, and authorship was cruelly discouraged by the savage and reckless condemnations passed by the Edinburgh review in its early days. ‘We were savage,’ replied Sydney Smith. ‘I remember’ (and it was plain that he could not help enjoying the remembrance) ‘how Brougham and I sat trying one night how we could exasperate our cruelty to the utmost. We had got hold of a poor nervous little vegetarian, who had put out a poor silly little book; and when we had done our review of it, we sat trying,’ – (and here he joined his finger and thumb as if dropping from a phial) ‘to find one more chink, one more crevice, through which we might drop in one more drop of verjuice, to eat into his bones.’ Very candid always, and sometimes very interesting, were the disclosures about the infant Edinburgh review.” (MARTINEAU, 1877a, p. 243)

Ela denunciou a falta de ética no comportamento de supostos intelectuais. Um dos exemplos ocorreu quando ela acusou o político Macaulay de ter plagiado Basil Montagu (1770-1851) em seus trabalhos sobre Bacon (MARTINEAU, 1877a, p. 163). Outro elemento metodológico que ela denunciou foi a forma como as referências de “autoridades” eram ou não citadas (MARTINEAU, 1877a, p. 163). De igual modo, ela comparou políticos e cientistas:

“As an order of men, however, politicians are, as far as my experience goes, far inferior in dignity to scientific men, among whom there are, it is true, examples of egregious vanity, but not so striking as the simplicity and earnestness which characterize many whose lives are spent in lofty pursuits which carry them high above personal regards. And to nearly all, I believe, the pursuit of knowledge for its own sake yields more pleasure than any gain of fame or money.” (MARTINEAU, 1877a, p. 272)

Martineau chamou isso de “revelações” trazidas que demonstravam a infantilidade do comportamento daqueles homens que se divertiam causando sofrimento. Todavia, nada para a autora tinha apenas uma versão, ao que ela mostra características boas e ruins das pessoas com quem convivia e observava, ou mesmo relatos de outros que interpretavam de modo diferente dela. A autora pensava as pessoas de um modo geral e ela própria como localizadas em uma dada trajetória, fosse num ponto de decadência ou em sua melhor fase de desempenho e de oportunidades (MARTINEAU, 1877a, p. 262). Um dos exemplos dessa complexidade pode ser visto quando ela fala do Sr. Hallam, um amigo escritor (MARTINEAU, 1877a, p. 251).

Como lembra Dubet (2015), a Sociologia consiste num processo constante de desnaturalização, de desconfiança para com os fatos sociais e os discursos que cada sociedade constrói para justificá-los. Ele lembra também como os discursos sociais precisam ser desarticulados mediante “jogos de críticas” e “críticas de críticas”, explicando que precisamos desconfiar dos fatos sociais. Isso Martineau fez o tempo todo, questionando, problematizando e naturalizando tudo.

A autora também dedicou longo espaço para falar dos amigos e suas peculiaridades. Além de contar suas brincadeiras e as ironias dos grupos de amigos, suas viagens e encontros. Relatou como alguns a escreviam ou visitavam em seus períodos de adoecimento e reclusão, por exemplo, na “solidão de Tynemouth” (MARTINEAU, 1877a, p. 259, 322). Não se tratava de um grupo diminuto, mas de vários grupos dos quais ela participava e interagia. Ao final das contas, sua autobiografia é contada como se fosse um romance, sendo a vida se desenrolando, com seus dramas, afetos, desenvolvimentos e prazeres.

Ao cabo, foi uma autora, mas também uma agente que atua no cenário político e intelectual, intervindo na realidade. Suas descrições de qualidades e de vícios de homens públicos de sua época, retirando-lhes a condição de divindades, certamente chocou o público-leitor. Ela criticou e ironizou fartamente sobre estilos e fraquezas (por exemplo, MARTINEAU, 1877a, p. 312).

Inobstante tudo isso, acerca do seu afastamento da vida social em Londres: “I seem to have got a long way from the dinner parties which led me into all these sketches; and I will not go back to them; but rather tell a little about the evening

engagements which gave variety to my London life” (MARTINEAU, 1877a, p. 277). Num dado momento, Martineau alegou estar “muito fora do mundo para saber qual é a real condição de sua fama e influência”, ao falar sobre Carlyle. A mesma fala pode ser usada para conhecermos o fato de que ela se via então isolada (MARTINEAU, 1877a, p. 291).

Fato é que as três séries que ela escreveu e produziu fizeram um grande sucesso e após tamanho esforço, a autora resolveu se dar férias em uma viagem por dois anos para o continente americano. Não sem antes passar por todo o estresse e falta de tempo para concluir sua série (MARTINEAU, 1877a, p. 200-201). Na autobiografia, até a página 240, ela citou a ida e a volta dos Estados Unidos sem entrar em detalhes.

A Figura 04, mostra o esgotamento físico de Martineau antes de embarcar para os Estados Unidos.

Figura 04 – Pintura de Harriet Martineau em 1834



Fonte: www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw04251/Harriet-Martineau, por Richard Evans, óleo sobre tela, exibido em 1834, NPG 1085 © National Portrait Gallery, London

Antes de viajar para os Estados Unidos, Martineau se encontrou com James Mill, que lhe explicou por que foi contra a publicação de livros sobre Economia Política no formato de ilustrações e reconheceu ter alarmado o editor da Coleção. Ele também perguntou a ela sobre a viagem que faria a seguir e lhe contou sobre a experiência que teve com a Escócia, onde ficou por 25 anos. Essa conversa foi citada anonimamente no livro *Como observar* (MARTINEAU, 2021, p. 28), mostrando o quanto a autora valorizava seus interlocutores sem expô-los. Já na autobiografia, quase todos os nomes e casos são identificados, como se fosse permitido nesse espaço, uma exceção a todos os pressupostos éticos que ela defendeu e aplicou ao longo da vida. Ela também contou como o próprio James Mill sugeriu que uma editora arcasse com os custos de sua viagem, tendo a garantia de que o livro que resultasse de tal lhe fosse reservado. Como Martineau prezava por sua autonomia, ela não admitiu tal possibilidade (MARTINEAU, 1877a, p. 329).

A esse respeito, a autora informou que, ao contrário da informação que circulava, ela mesma havia quitado a sua despesa que teve. Além disso, contou que precisou solicitar cartas de apresentação a serem entregues a seus anfitriões e recorreu a seus conhecidos com relação a isso (MARTINEAU, 1877a, p. 203). De acordo com ela, sua pretensão inicial seria o descanso rotineiro, indo para a Suíça ou a Itália, mas um conhecido, Lorde Henley, a questionou sobre o motivo de ela não ir para os Estados Unidos e poder contar à Europa o que acontecia por lá (MARTINEAU, 1877a, p. 203).

Assim, Martineau viajou para os Estados Unidos em agosto de 1834, num navio comum (MARTINEAU, 1877a, p. 204) e lá permaneceu até 1836. A autora produziu ao menos 03 importantes obras em decorrência dos dados coletados e das análises que produziu em razão destes (MARTINEAU, 2022). Em 1837, publicou *Sociedade na América*; em 1838, publicou *Como observar* e *Retrospect of the western travel*. Neles, a sua personalidade é ressaltada, relatando circunstâncias nas quais tentou demonstrar que era corajosa, aventureira, destemida, crítica e bem-humorada. Quando a autora viajou para os Estados Unidos, sua fama a precedeu (MARTINEAU, 2022, 27). Ela permaneceu neste país por 02 anos e se declarou antiescravagista, tendo sido ameaçada de ser linchada após seu apoio público aos abolicionistas. Alguns destes, por exemplo, Emerson e Garrison, se tornaram seus amigos e se correspondiam com ela (MILLER,

1887). Ao voltar dos Estados Unidos, Martineau escreveu um artigo sobre a senhorita Sedgwick. Na autobiografia, Vol. II, ela comentou que o editor da *Westminster Review* havia lhe pedido um trabalho a respeito.

Enquanto o *Illustrations* foi publicado por Charles Fox, os dois livros sobre os Estados Unidos foram publicados por Sanders e Otley. Já o *Como observar* foi publicado por Charles Knight. Na *Prefatory note*, datada de 22/07/1869, em sua Autobiografia, ela informou que esta também seria publicada por Fields, Osgood e Co. Isso demonstra, no mínimo, como Martineau atuava num campo intelectual mais amplo, trabalhando com várias editoras e em gêneros literários diferentes de modo alternado. Além de chamar a atenção não apenas pela elevada produção e pelas demandas que a autora recebia, mas a sua plasticidade e a versatilidade ao circular por essas modalidades e perfis editoriais distintos.

Em 1838, Martineau atendeu a um pedido dos *Poor-law commissioners* para publicar “guides to service” e o fez com os livros *The maid of all work; The housemaid; The lady's maid* e *The dress-maker*. Mesmo sem assinar estes textos, era de conhecimento público a sua autoria, assim como tantos outros que ela escreveu. São textos escritos para ensinar os criados acerca de seus serviços domésticos. Por conta disso, houve um boato de que a autora já teria sido empregada doméstica. Estes trabalhos de escrita possuem um objetivo claro de treinamento e de qualificação para a prestação do serviço, como combate à pobreza e para a melhoria das condições de vida. Lógico que isso chama a atenção já que se trata de uma autora renomada, capaz de análises refinadas e de reconhecimento internacional, que não rejeita um trabalho dessa natureza, mesmo sendo considerado básico ou técnico e de nenhum valor num circuito intelectual. Porém, o tema da pobreza e do trabalho sempre esteve presente em suas obras e a ação prática também, fosse pelo Estado, por meio das *public works* ou pela sociedade civil. Também chama a atenção o fato de que tal instituição tenha convidado uma mulher já mundialmente consagrada como escritora para escrever um manual doméstico, voltado para um tipo de formação para o trabalho em casa, quando um ano antes a autora lançou um livro que discutia a mulher no mercado de trabalho e sua relação com o trabalho doméstico.

Ainda em 1838, Martineau realizou uma excursão pela Escócia. No ano seguinte, ela escreveu o artigo *The martyr age of the United States*, para a *Westminster Review*, e

Deerbrook, o seu primeiro romance. Mas, Miller (1887) afirmou que a publicação deste foi uma decepção para o público leitor, sendo considerado fraco, tanto pelo enredo quanto pelos personagens. Nele, a autora teria tentado imitar o estilo de Jane Austen (1775-1817)⁶, a quem ela admirava. Também havia o fato de ter escrito o romance já estando adoecida, o que pode ter refletido em sua qualidade, além de conviver em sua casa em Londres com sua mãe (já com 70 anos), seu irmão Henry e uma tia idosa. Todos estes elementos foram ressaltados por Miller (1887). Como era uma das filhas caçulas e permaneceu solteira, as “suas velhinhas”, como ela costumava se referir a elas, permaneciam sob os seus cuidados. Lembrando que sua mãe era 33 anos mais velha do que a autora.

Após publicar *Deerbrook*, Martineau partiu para uma “excursão continental” para a Suíça e a Itália. Pelo relato de Miller (1887), a entrada de Martineau havia sido proibida na Itália em 1834. Esse é um fato a ser verificado, em que termos especificamente e se ocorreu. Chegando a Veneza, a autora precisou retornar para a Inglaterra e foi hospedada novamente na casa da irmã em Newcastle-on-Tyne. Enquanto doente, ela se dedicou à campanha para a fundação do Oberlin College, nos Estados Unidos, para que o ensino de mulheres e homens negros fosse promovido. Depois escreveu um romance sobre Toussaint L’Ouverture, *The hour and the man*, em 1840.

Em algumas oportunidades, o governo britânico lhe ofereceu uma pensão literária e quando esteve doente foi lhe oferecido novamente, mas ela sempre recusou alegando que não eram os representantes do povo que escolhiam a destinação. Martineau explicou que era mais importante discutir os direitos autorais e os tratados estrangeiros do que distribuir uma pensão a intelectuais. Mais tarde, ela se tornou uma articuladora pela *Lei dos Direitos Autorais* e pelo *Tratado Internacional de direitos autorais* (MARTINEAU, 1877a, p. 261, 265). Contudo, no período do adoecimento, ela estava com dificuldades financeiras (MILLER, 1887) e precisou contar com o auxílio de pessoas próximas, já que rejeitou o auxílio público.

Em 1841, Martineau começou a escrever uma série com histórias infantis chamada *Playfellow*: 1) *Settlers at home*; 2) *The peasant and the prince*; 3) *Feats on the*

⁶ Jane Austen escreveu, entre outros, *Razão e sensibilidade* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813) e *Persuasão* (1817).

fjord; 4) *The crofton boys*. No mesmo ano escreveu uma longa carta em apoio à *American Anti-Slavery Society* e promoveu a reconciliação de Sir. Robert Peel e Cobden para a revogação das *Leis do Milho* (MILLER, 1887).

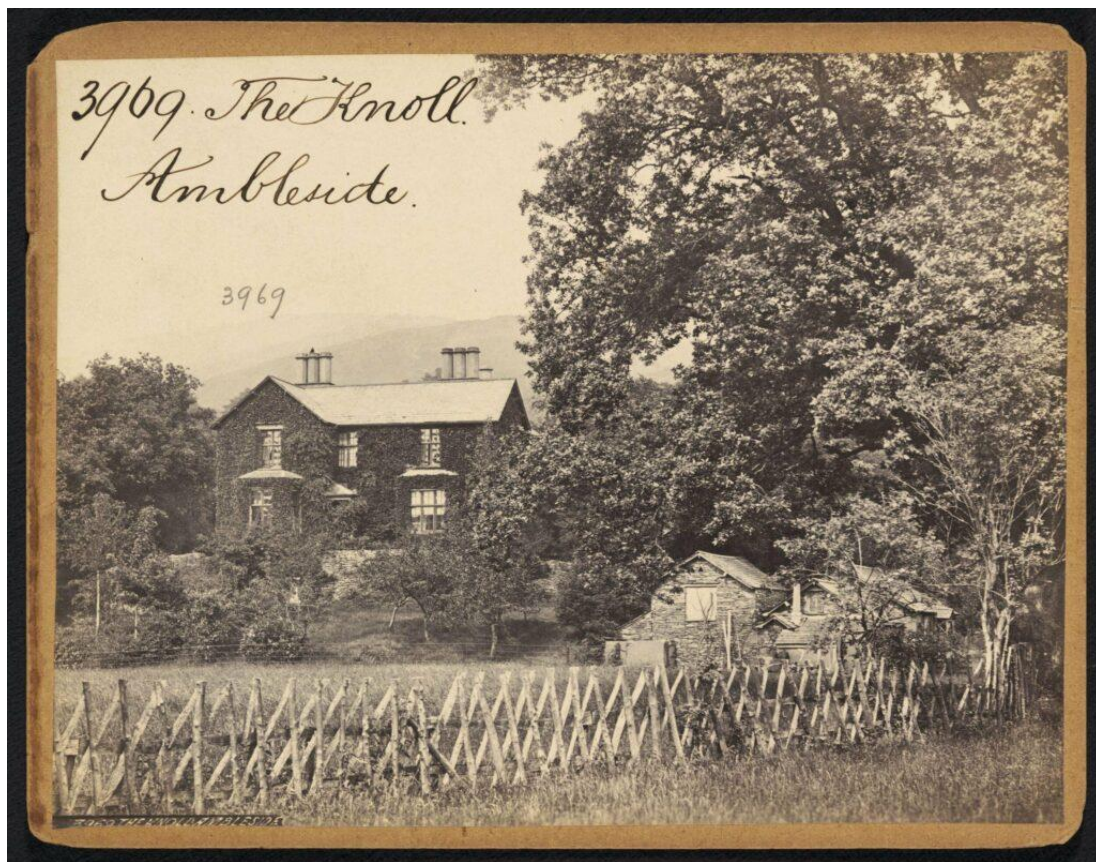
Embora a autora tenha começado a se sentir mal por volta de 1834, só em 1839 ela foi diagnosticada com um tumor que comprimia os seus órgãos, a impedindo de caminhar e de subir escadas, devido às fortes dores que sentia. Nesse período, ela conheceu o senhor Henry G. Atkinson, do qual se tornou amiga até o final da vida e com quem escreveu as famosas cartas sobre as leis da natureza (quase 10 anos depois), que foram um divisor de águas em sua carreira e em sua vida pessoal.

Em 1843, um grupo de amigos reuniu doações para lhe entregar. No mesmo período, ela e Florence Nightingale (1820-1910) se conheceram e esta se dedicou a cuidar de Martineau (MILLER, 1887). Nightingale era muito conhecida por ser uma famosa enfermeira que abriu este campo de trabalho para as mulheres, o que mais tarde foi analisado pela autora. Não resta claro, entretanto, que tipos de cuidados teriam sido realizados por Nightingale em benefício de Martineau durante o seu período de adoecimento. No mesmo ano, ela escreveu *Life in the sick-room*, falando a respeito de seu processo de adoecimento e da vida restrita ao quarto que passou a viver. Na versão original desse livro havia um capítulo que falava a respeito da eutanásia, mas não foi publicado.

Em 1844, ela se declarou curada pelo mesmerismo. Foram, portanto, 05 anos de sofrimento e enclausuramento, porém, com muitas atividades de escrita e quase sem repouso. Uma rotina que, para Martineau, era comum, estando saudável ou doente. A reflexão sobre a doença e os impactos que esta provocou sobre sua atividade intelectual e sua independência são elementos importantes não apenas para uma sociologia da saúde. Após esse grave adoecimento, ela viveu 10 anos bastante saudáveis. A autora escreveu 06 cartas ao *Ateneu* sobre a sua cura pelo mesmerismo, que mais tarde foram publicadas como livro. O tratamento com o mesmerismo, acreditou ela, teria lhe trazido a cura para sua doença e Martineau continuou a empregá-lo, inclusive, com os seus funcionários. Mas isso lhe trouxe outro custo pessoal, já que havia estado sob os cuidados de seu cunhado, que era médico, e não lhe creditou a cura com seu tratamento convencional. O que levou ao rompimento com ele e a irmã (MARTINEAU, 1877a, p. 75).

Em 1845, ela escreveu *Dawn Island*. Na sequência, começou a escrever a sua autobiografia, mas não levou adiante, voltando a retomá-la apenas mais tarde, quando um novo adoecimento a acometeu (MARTINEAU, 1877a). Com 42 anos, decidiu ser a hora de ter sua própria casa, que chamou de *The knoll*, a colina. É inegável a simbologia disso e como o estar só, solteira e sem a dependência ou tutela de alguém são elementos relevantes e apontam para uma questão de gênero numa sociedade conservadora.

Figura 05 – Retrato de The Knoll



Fonte: heritage.humanists.uk/harriet-martineau/ The Knoll, Ambleside por Francis Frith, c. 1850s-1870s. Victoria and Albert Museum

Entre 1845 e 1846, Martineau escreveu *Forest and Game Law Tales*. Em 1846, ela se mudou para a sua casa e também escreveu mais um conto: *The billow and the rock*. No mesmo ano, após se sentir curada, viajou para o Oriente, passando por Malta, Nilo, pirâmides, Cairo, o deserto, Sinai, Petra, Palestina, Síria, Beirute, Núbia, Damasco, tendo andado muito a pé e a cavalo. Isso também demonstra que a casa e as viagens eram símbolos de autonomia e liberdade.

Miller (1887) defendia que Martineau foi uma professora de política na imprensa diária, nos periódicos semanais e mensais. Além disso, ela dava palestras para o povo em Ambleside sobre assuntos diversos. Uma autora não ensimesmada, voltada para o debate público e pela disseminação de conhecimento, com um perfil muito similar ao que hoje denominamos sociologia pública, de um lado, e extensão universitária, de outro. Como as mulheres não podiam estudar ou lecionar, Martineau se empenhou nos espaços que estavam disponíveis. Além disso, a surdez era um grave limitador para que pudesse ser aceita a dar aulas regulares e ela tinha plena consciência disso.

Martineau se preocupou com a pobreza e a desigualdade, chegando a apoiar movimentos associativos para superar problemas decorrentes desta situação. Destaco alguns exemplos. Apoiou a formação de uma sociedade para resolver o drama da falta de habitação: tomou um empréstimo de £500, comprou o terreno, dividiu, drenou e fez a estrada. Era uma filantropa, mas não apenas isso, buscou pensar soluções a partir da realidade observada e dos instrumentos e conhecimentos já disponíveis à época. Em outra pesquisa investigo esse caráter produtor de PP(s), não apenas em teoria, mas também na sua vida prática, como demonstram os exemplos citados anteriormente. Além disso, Martineau usou o mesmerismo para tentar ajudar a curar pessoas de sua comunidade e permitia o uso público de sua biblioteca. Acima de tudo, Martineau buscou racionalizar sua vida cotidiana, pensar os problemas que observava ou enfrentava para oferecer soluções possíveis e implementá-las. Um exemplo interessante a esse respeito é que quando comprou a área rural para construir sua casa, Martineau não pretendia se dedicar à agricultura. Contudo, dada a necessidade de suprimentos, ela mudou seus planos e estudou agricultura para administrar a fazenda (MILLER, 1887).

Existe uma interpretação de que Martineau era alguém que buscava orientar e modificar comportamentos, por meio da perspectiva moral (MILL, 1887). Eu discordo dessa interpretação e não vejo elementos que justifiquem uma visão de Martineau “moralista”, como diríamos hoje, mas sim racionalista, que na metade da vida, inclusive, abandona seus vínculos religiosos, sendo muito criticada e perseguida por isso. Talvez aqui a questão seja apenas de semântica ou de impropriedade no uso do termo por parte da comentadora, sem se dar conta disso. Não se trata de uma postura moralizante, mas, para Martineau, as morais são indícios das instituições e são expressas por elas.

Assim, um plano para solucionar um dado problema também passa por uma mudança de princípios e das morais prevalecentes, como ela preferia dizer. Método que a autora aplicou ao longo de toda a sua obra. Resta discutir, então, o que Miller chamou de “perspectiva moral”. Em 1848, Martineau escreveu *Eastern life: present and past*. Nesse livro, a autora abandonou a teologia, motivada pela pesquisa científica que a viagem ao Egito, ao deserto e à Palestina lhe proporcionaram. Então, começou a ver a teologia como produto da imaginação humana e criticou todos os sistemas teológicos, o que lhe causou ataques diversos. Na sequência, Martineau publicou *Household education* (1848) e a *History of England during the thirty years’ peace 1816-46* (1848).

Figura 06 – Desenho de Harriet Martineau – 1849



Fonte: www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw04252, por George Richmond chalk, 1849, NPG 1796 © National Portrait Gallery, London

Após esse período, Martineau teria começado a se dedicar ao jornalismo. Porém, é necessário verificar o que está sendo chamado assim, já que o fato de publicar em jornais e revistas, por si só, não torna um texto de caráter jornalístico. Esse dado é importante porque demonstra que das várias fases pelas quais passou a autora, algumas foram marcadas por habilidades específicas que foram sendo testadas. Miller (1887) afirmou que Martineau se referia ao jornalismo como o trabalho mais prazeroso e mais útil de sua vida. Ela escrevia contribuições para o *Household words* e o *Daily News* (este último apenas a partir de 1852). Miller também contou que em 1839 Daniel O’Connell solicitou a Martineau que viajasse pela Irlanda e reportasse o que observava, mas apenas no final de 1852 ela aceitou atendê-lo, sendo que suas cartas foram publicadas no *Daily News* e reunidas em um livro. A autora também escrevia para o *Westminster Review* e mantinha uma rotina de trabalho que a levava à exaustão. Ela era adepta de longas caminhadas e afirmava que estas a ajudavam a pensar em seus textos desse gênero, que afirmava serem curtos e terem uma gama enorme de possibilidades de temas a serem abordados.

Em coautoria com Atkinson, em 1851, a autora escreveu *Letters on the laws of mans nature and development*. Martineau alegou ter aprendido ciência com Atkinson, se colocando na postura de aluna, o que também não teria agradado ao seu público. Ao tentar justificar as decisões da autora, já madura e com 49 anos, Miller (1887) valeu-se de um argumento misógino e machista, alegando que Martineau tinha atração pessoal por Atkinson, que era bem mais novo do que ela. Bem mais cômodo um ataque vil do que encarar o fato de que ela havia mudado de opinião, abandonado a religião e rompido várias relações em razão do seu convencimento a respeito. A biógrafa também fez uma crítica ao livro por ter adotado a estrutura epistolar. Nele, o argumento é desenvolvido a partir do método de investigação baconiano, experimental ou científico (MILLER, 1887). Coincidentemente, Auguste Comte publicou o *Catecismo positivista*, em 1852, num formato de diálogo entre o sacerdote e sua seguidora. Depois da publicação com Atkinson, Martineau começou a ser nomeada de “materialista” e “ateia filosófica”. Por causa disso, ela expressou estar preocupada em ser acusada de blasfêmia, cair em descrédito social ou receber uma sanção legal. Uma das consequências foi a sua separação de James, seu irmão mais novo, que era pastor unitarista e acusou Atkinson, fazendo com que a autora saísse em defesa do amigo.

Ao longo de toda a sua vida, é possível constatar a ousadia dela na escrita, na forma e nos temas escolhidos. Por essa razão, Martineau não cabe em um rótulo ou categoria, tendo exercido a escrita em várias frentes, em quantidade e em qualidade. Isso não pode ser um fato usado contra ela, requerendo especialização de alguma forma, alegando que não poderia, por exemplo, ser economista se era socióloga, ou ser socióloga se era jornalista, e assim por diante.

Posteriormente, a autora publicou *Introduction to the history of the peace* e a tradução condensada do livro de Auguste Comte, *Curso de filosofia positiva*, em novembro de 1853. A tradução foi patrocinada por Lombe, que era um seguidor de Comte em Norfolk, e doou £500, mas faleceu antes que o livro ficasse pronto (ALCÂNTARA, 2021; MARTINEAU, 2022b). Em 1854 ela publicou *Política externa na Inglaterra*, na *Westminster Review*, sobre a relação entre a Inglaterra e a Rússia. No mesmo período, ela publicou *O censo de 1851*. Na sequência, Martineau publicou o *Complete guide to the English Lakes* (MILLER, 1887).

Martineau considerava a escrita como uma vocação e uma função sacerdotal. Tanto é assim que ela contribuiu para a manutenção do *Westminster Review*, incluindo uma hipoteca de sua propriedade. A autora se envolvia com os problemas alheios e se importava com eles, demonstrando empatia e generosidade. Porém, mesmo assim, ainda em 1854 seu editor Chapman faliu (Miller, 1887), embora as publicações do periódico tenham seguido até 1914. Esse periódico havia sido criado por Jeremy Bentham em 1824. Em 1834, J. S. Mill fundou o *London Review* e, dois anos mais tarde, comprou o *Westminster Review*, incorporando os dois periódicos. Apenas em 1851, John Chapman o comprou e se tornou o editor do jornal. Martineau escreveu um ensaio sobre *Rajah Brooke* e ainda em 1854 escreveu *O palácio de cristal* para o Sr. Chapman e foi criticada por Miller (1887) por ter tido tamanha “generosidade” com “um editor de revista pobre”.

Já no final de 1854, após 10 anos de recuperação de sua doença, que a deixou acamada por 05 longos anos, a autora voltou a adoecer. No início de 1855, ela procurou médicos em Londres, que lhe diagnosticaram com o coração fraco e dilatado, contando com pouco tempo de vida. Martineau tinha apenas 53 anos e viveu mais 21 anos após essa “sentença de morte”. Imaginando que iria falecer em breve, a autora fez um novo testamento afirmando que gostaria que seu crânio e seu cérebro fossem doados a

Atkinson para que fossem realizadas investigações científicas que contribuíssem para o progresso da ciência. Ela pagou £200 para que a Sra. Chapman fizesse uma conclusão para a sua autobiografia, além de 25% dos lucros da primeira edição. Martineau deixou *The Knoll* para a sua irmã Ellen e fez a divisão de seus bens com todos os seus irmãos e irmãs ou seus descendentes (MILLER, 1887).

Na sequência, começou a escrever sua autobiografia, que Miller (1887) chamou de “enganosa” e “apressada”, tendo sido escrita em poucos meses, impressa e embalada para ser publicada imediatamente após a sua morte. Ela ainda alegou que Martineau, por pressa, escreveu a parte final antes do volume inicial, certamente por medo de morrer sem deixar o material pronto. Resta claro que Martineau se preparou para que a morte não lhe pegasse desprevenida, mas parece que ela não se convenceu por completo ou, ao menos, não se deixou entregar a essa condição de condenada.

Fato é que Martineau não parou de produzir e continuou a escrever artigos para o *Daily News*. Porém, ela estava muito doente e após 1855 não mais teria saído de casa. Sua fraqueza a impedia de sair de casa, mesmo se fosse carregada, mas ela ainda recebia algumas visitas. Quem, a princípio, cuidou de Martineau foi sua sobrinha Maria, filha de seu irmão Robert. Como Martineau teria adotado o que Miller (1887) nomeou como “racionalismo” e “abuso moral” em suas “opiniões antiteológicas”, com a notícia de seu adoecimento e possível morte, ela começou a ser importunada para que retomasse a sua fé cristã. Essa fase teria sido a mais agressiva e desagradável na relação com o público, gerando uma obra de baixa qualidade (MILLER, 1887). Entretanto, tal afirmação precisa ser discutida com seriedade e análise dos textos do período.

A autora também escreveu para a *Westminster Review* o artigo *Legislação intronometida*, que não foi aceito pelo editor, mesmo tendo ela feito tantos “sacrifícios pecuniários” pela revista. Por isso, publicou-o como um panfleto. Outro panfleto foi publicado no ano seguinte: *Corporate tradition and national rights*. Em 1857, ela voltou a escrever para a *Westminster Review*, com o texto *The manifest destiny of the american union*. No mesmo ano, escreveu *The endowed schools of Ireland* (MILLER, 1887).

Figura 07 – Pintura de Harriet Martineau - 1855



Fonte: www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw58616, por Moses Bowness, albumen carte-de-visite, 1855-1856, NPG x21222 © National Portrait Gallery, London

A autora continuou a escrever, quase diariamente, para o *Daily News*, embora estivesse bastante doente. Mesmo assim, ela continuou a participar dos assuntos locais, inclusive fazendo oposição à cobrança das taxas da igreja. Em 1858, escreveu *The last days of church rates*, e, depois, *Travel during the last half-century*. Com a crise indiana, ela escreveu vários artigos para o *Daily News* com o nome *The history of British rule in India*. Geralmente, estes artigos eram depois reunidos em livros, como o caso dos dois últimos. Em 1858, ela publicou *Suggestions towards the future government of India*.

Em 1858, ela resolveu escrever para Henry Reeve, o editor da *Edinburgh Review*, que era seu parente. Um *whig*, assim como o periódico era, e Martineau se opunha politicamente a este. O Sr. Reeve disse estar aberto a contribuições, mas a primeira proposta foi negada sobre o tema *French invasion panics*. Em 1859, a autora publicou o

artigo *Female industry*. No mesmo ano, ela publicou *England and her soldiers*, com a contribuição e os comentários de Florence Nightingale, popularizando o debate sobre as condições sanitárias do exército. De 1859 a 1861, Martineau passou a escrever para o *American anti-slavery standard*, tendo publicado mais de 90 artigos neste periódico. No final de 1859, a autora escreveu um artigo sobre o sindicalismo, na *Edinburgh Review*. Na mesma revista, em 1860, escreveu *Rússia e União Americana* (MILLER, 1887). Mesmo estando em reclusão, Martineau mantinha uma extensa correspondência, que lhe permitiu escrever sobre vários assuntos e sobre locais os quais ela já não tinha mais como visitar, além das visitas que a informavam a respeito da vida social e dos acontecimentos em diversas partes do mundo.

Figura 08 – Retrato de Harriet Martineau - 1861



Fonte: www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw04253, por Camille Silvy albumen print, 01/03/1861, NPG P33 © National Portrait Gallery, London

O tema “empregados domésticos” foi abordado em uma publicação no *Daily News* e outra no *Once a week*, e, em 1862, ela publicou mais um artigo sobre o tema na *Edinburgh Review*. Neste período, o livro *The history of the peace* foi reimpresso em Boston, durante a guerra civil. Martineau foi requerida a escrever para o *Atlantic Monthly* alguns artigos sobre “higiene militar”. Em 1862, escreveu *Our convict system*, para a *Edinburgh Review*, que era um órgão *whig*, enquanto Martineau era democrata e liberal (MILLER, 1887).

Martineau também teria feito parte da *Ladies' London Emancipation Society*, criada em 1863, para defesa da causa antiescravidão como uma questão moral, não apenas territorial. O papel da organização era disseminar informações a respeito da situação da escravidão. Mas essa organização foi fundada passadas quase três décadas dos primeiros escritos da autora sobre o tema. Neste momento, vários países ainda se mantinham escravocratas, como é o caso do Brasil. Todavia, não encontrei nenhum documento ou publicação desta sociedade para averiguar essa informação.

Também em 1863, ela publicou *The history of England from the commencement of the XIX th century to the crimean war*, em quatro volumes. Em 1864, *O progresso da raça negra* e o artigo *Sociedades cooperativas*, para a *Edinburgh Review*. No mesmo ano, sua sobrinha Maria adoeceu e faleceu, devido a uma febre tifoide, e Jane, a irmã mais nova dela, se ofereceu para ir ao *The Knoll*. Em 1865, Martineau foi estimulada por Florence Nightingale a escrever sobre *A escassez de enfermeiras*. Depois, escreveu *Female convicts*, que foi publicado na *Edinburgh Review*. Escreveu, ainda, *Salem witchcraft*, para a *Edinburgh Review*. Em 1866, a autora se desligou do *Daily News*. Em 1868, esse periódico pediu sua autorização para publicar em um volume todas as biografias que ela havia escrito, deixando-lhe os lucros. Os esboços biográficos também foram reimpressos nos Estados Unidos.

Com o avanço da doença, tornou-se muito difícil para Martineau continuar a escrever e com 67 anos ela abdicou de continuar. Isso não significa que a autora encerrou a atividade de escrita como um todo, mas, a cada dia se tornava mais complicado manter a rotina, o ritmo e os compromissos.

Em 1869, foi publicada uma lei que autorizava certos poderes policiais sobre as mulheres e ela escreveu quatro artigos para o *Daily News* falando a respeito, além de escrever o *Apelo às mulheres da Inglaterra*. Em 1876, Martineau ainda escreveu uma

introdução à tradução de *Simon de Montfort*, de Pauli, feita por sua amiga a Srta. Goldwin e se ocupou até o último momento com as atividades de tricô. Nas figuras 07 e 08, a autora aparece costurando. Ela relatou a respeito do hábito de costura na passagem abaixo e de como isso era considerado inapropriado, mas que ela considerava uma forma de autonomia:

“I sewed indefatigably all those years, – being in truth excessively fond of sewing, with the amusement of either gossiping, or learning poetry by heart, from a book, lying open under my work. I never had the slightest difficulty in learning any amount of verse; and I knew enough to have furnished me for a wandering reciter, – if there had been such a calling in our time, – as I used to wish there was. While thus busy, I made literally all my clothes, as I grew up, except stays and shoes. I platted bonnets at one time, knitted stockings as I read aloud, covered silk shoes for dances, and made all my garments. Thus I squeezed something out of the smaller allowance, and out of the fifteen pounds, I never spent more than twelve in dress; and never more than fifteen pounds out of the twenty. The rest I gave away, except a little which I spent in books. The amount of time spent in sewing now appears frightful; but it was the way in those days, among people like ourselves.” (MARTINEAU, 1877a, p. 20)

Assim, na juventude, ela não apenas economizava a sua mesada anual fazendo suas próprias roupas, como também conseguiu se sustentar com este trabalho sempre que foi necessário, pois a carreira de escritora só se consolidou aos 30 anos. É interessante que Martineau diz ter sido insultada por esta razão, como se fosse algo depreciativo. Não custa lembrar que em vários momentos da autobiografia a autora afirmou que era melhor aproveitar a oportunidade e esclarecer fatos. Ou seja, deixar uma versão oficial detalhada que poderia ser contraposta a qualquer relato como contraditório após a sua morte. Parecia adivinhar que mesmo após morta, ou até mesmo por estar morta e não ter condições de se defender, muitos ataques e difamações ainda estariam por acometê-la.

Todo o exposto aqui foi elucidado com base na autobiografia e nas duas biografias aqui adotadas. Poderia também ter adotado como fundamento *The collected letters of Harriet Martineau* em seus vários volumes, mas não o fiz por ausência de tempo e de espaço para analisar estes documentos em sua totalidade e localizá-los temática e temporalmente. Isso não me impediu de fazer referências esparsas a respeito.

Miller (1885) alegou que Martineau não trabalhou para enriquecer. Ela investiu parte de seus recursos na Brighton Railway, que faliu em 1867 e teve dificuldades em pagar seus dividendos, mas voltou a fazê-lo posteriormente. Os recursos de Martineau foram revertidos em vários projetos que foram desenvolvidos ao longo de sua vida, muitos deles foram projetos sociais em benefício de grupos menos favorecidos e outros em benefício público de um modo geral.

Por fim, deixo um registro dos países por onde Martineau passou em suas pesquisas de campo, nomeados em razão dos lugares citados por ela, não das divisões político-administrativas atuais. Mesmo sabendo da alta possibilidade de não ter mencionado algum lugar, por falta de informação ou esquecimento, o mapa representa a grandeza do espaço com o qual a autora teve contato direto e sobre os quais escreveu, as influências que sofreu e o aprendizado que acumulou.

Martineau faleceu em casa, no dia 27 de junho de 1876, em *The Knoll*, Ambleside.

Figura 09 - Viagens internacionais de Harriet Martineau ao longo da vida



Fonte: Elaborado pela autora

Algumas incógnitas ainda precisam ser esclarecidas quanto a datas e trajetos que possam ajudar a elucidar a quantidade de viagens que Martineau realizou e se, por

exemplo, algo foi omitido ou não identificado em razão da forma como foi originalmente citado. Por exemplo, a família de seu irmão Tom, morou em Madeira, Portugal, por um curto período de tempo. E seu irmão Henry morou na Espanha cuidando de negócios da empresa da família. Inobstante, não encontrei registros de Martineau a respeito desses lugares.

Na sequência, elaborei um quadro para expor dados citados no Capítulo I e II, de modo resumido e de fácil compreensão como uma linha do tempo. Esse quadro se refere à sistematização de informações de várias fontes, sendo que algumas delas não são compatíveis entre si, o que precisa ser verificado a contento em outra oportunidade.

Quadro 01 - Biografia

12/06/1802	– nascimento
1811	– vai para o campo cuidar da saúde – vai para a escola do senhor Perry, na qual fica por 02 anos (dos 09 aos 11 anos) – percepção mais clara da surdez
1813	– fechamento da escola do senhor Perry, volta a estudar em casa com professores de latim, francês e música
1817	– agravamento da surdez
02/1818	– foi para o internato em Bristol (dos 15 aos 16 anos)
04/1819	– retornou de Bristol para Norwich
1820	– casamento da irmã mais velha – estudos autodidatas, sozinha e em grupo, em filosofia e tradução
1822	– <i>Female writers on practical divinity</i>
1823	– viaja com o irmão e a esposa dele para Devonshire para o tratamento de tuberculose
1824	– seu irmão mais velho falece – viajou com James a pé pela Escócia – adoeceu com problemas de estômago
06/1826	– seu pai Thomas Martineau falece
1826	– iniciou uma colaboração com W. J. Fox, novo editor da TMR
1827	– seu noivo faleceu em julho – escreveu pequenos contos para o Sr. Houlston – teve contato com a obra de Jane Marcet
1828	– adoeceu com problemas de fígado e de estômago
1829	– falência da fábrica da família – trabalhou com costura e bordados para obter alguma renda e se manter – escreveu <i>Life of Howard</i> – começou a receber 15 libras por ano da TMR para continuar a fazer revisões, tutoria e escrever textos – passou um período em Londres para acompanhar a impressão do primeiro texto de <i>Traditions of Palestine</i> – orientada por sua mãe, recusou um trabalho em Londres, que lhe ofereceria um salário para revisões e correção de trabalhos
1829-1830	– <i>Traditions of Palestine</i>
10/1830	– recebeu o prêmio pelo 1º ensaio para a <i>Central Unitarian Association</i> – recebeu 20 libras pelo livro <i>Five years of youth</i>
12/1830	– foi premiada com o 2º e o 3º ensaio – viajou para visitar seu irmão em Dublin, Irlanda
1831	– começou a escrever <i>Illustrations of Political Economy</i>

- foi para Londres, por duas vezes, buscar apoio para a impressão de sua série
- começou a escrever a autobiografia
- começou a recolher assinaturas e inscrições para a publicação da série
- 1832 – começou a publicar *Illustrations*
- alcançou autonomia financeira e pessoal
- 11/1832 – se mudou de Norwich para Londres
- 1833 – se estabeleceu junto a sua mãe e tia em uma casa
- sua presença foi proibida na Rússia, Áustria e Itália por causa do Conto *The Charmed of Sea*
- adoeceu com problemas hepáticos
- 1834 – terminou o trabalho com as séries
- 08/1834 – viajou para os Estados Unidos
- 19/09/1834 – chegou a Nova York, Estados Unidos
- 01/08/1836 – viajou de volta para Londres, Inglaterra
- 08/1836 – escreveu *Como observar: morais e costumes* na viagem de volta
- 1837 – publicou *Sociedade na América*
- 1838 – publicou *Como observar: morais e costumes*
- publicou *Retrospect of the western travel*
- *The maid of all work; The housemaid; The lady's maid; The dress-maker*
- realizou uma viagem para o Lake District e para a Escócia com um grupo de amigos
- viajou para a França e visitou a prisão onde esteve preso François-Dominique Toussaint
- Loverture, Rotterdam, Laussane, no Fort de Joux
- 1839 – *The martyr age of the United States*, *Westminster Review*
- romance *Deerbroke*
- viajou para a Suíça e a Itália, passou mal e precisou retornar, ficando reclusa a partir de então
- dedicou-se à campanha para a fundação do Oberlin College, nos Estados Unidos, para educar mulheres e negros
- 1840 – Romance *The hour and the man*
- 1841 – *Playfellow* (série com histórias infantis)
- *Mesmerism*
- retomou a escrita da autobiografia
- carta em apoio à *American Anti-slavery Society*
- 1843 – recebeu doações de um grupo de amigos para a sua manutenção
- *Life in the sick-room*
- 1844 – declarou-se curada pelo mesmerismo
- decidiu ter a sua própria casa (*The Knoll*)
- 1845 – *Dawn Island*
- voltou a escrever a sua autobiografia
- 1845-1846 – *Forest and Game Law Tales*
- 1846 – *The billow and the rock (cont)*
- viajou para o Oriente: Malta, Nilo, Cairo, deserto, pirâmides, Sinai, Petra, Palestina, Síria, Beirute, Núbia, Damasco
- 1848 – *Eastern life: present and past*
- *Household education*
- *History of England during the thirty years' peace 1816-46*
- passou a se dedicar ao jornalismo
- 1851 – *Letters on the laws of man's nature and development*
- *Introduction to the history of the peace, from 1800 to 1815*
- 1852 – começou a escrever para o *Daily News*
- foi correspondente na Irlanda
- *Letters from Ireland*
- escrevia para a *Household words* e para a *Westminster Review*
- 1853 – *The positive philosophy of Auguste Comte*
- 1854 – *Política externa na Inglaterra*, pela *Westminster Review*
- *Complete guide to the English Lakes*
- *O palácio de cristal*

	– hipotecou a sua propriedade para ajudar a <i>Westminster Review</i>
	– voltou a adoecer
1855	– diagnóstico da doença cardíaca
	– continuou e finalizou a redação da autobiografia em alguns meses
1858	– <i>The last days of church rates</i>
	– <i>Travel during the last half-century</i>
	– <i>Suggestions towards the future government of India</i>
1859	– <i>The endowed schools of Ireland</i>
1863	– <i>The history of England from the commencement of the XIX th century to the crimean war</i> , em quatro volumes
1864	– sua sobrinha e cuidadora Maria faleceu
27/06/1876	– morre em <i>The Knoll</i>

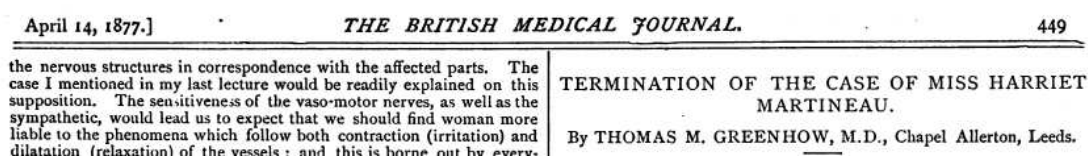
Fonte: Elaborado pela autora

Capítulo III

Morte e repercussão: esquecimento, apagamento ou cancelamento

Harriet Martineau não teve a sua liberdade e a sua vontade respeitada no pós-morte. Seu cunhado Thomas M. Greenhow fez uma publicação sobre a doença dela, *The case of Miss HM*. Eles haviam entrado em desavença desde que ela atribuiu a sua cura ao mesmerismo e não ao tratamento oferecido pelo cunhado de 1839 a 1844. Logo após a cura de Martineau em 1844, ele publicou um relatório médico, em 1845, *The case of the Miss H ---- M ----*. Em seu prefácio, Greenhow alegou ter a anuência da paciente, que tinha consciência da repercussão do caso e da necessidade de atender a outras pessoas que passassem pela mesma situação. Ele também comentou que já estava a par da publicação que atribuía a cura à prática do mesmerismo e que não poderia se esquivar de investigar as alegações e explicar a situação para o bem do desenvolvimento científico do seu campo de atuação. Ocorre que após a morte de Harriet Martineau a situação foi completamente diferente. Já com 85 anos, ele retomou o caso e divulgou o resultado da autópsia que outro médico havia realizado, em um artigo sua autoria, *Termination of the case of miss Harriet Martineau*, que foi publicado em abril de 1877, no *The British medical journal*⁷.

Figura 10 – Artigo de Thomas M. Greenhow - 1877



Fonte: Artigo publicado no *The British Medical Journal*, em 14/04/1877, p. 449

E o artigo começa da seguinte forma:

⁷ Recebi este texto de Maria-Rocío Navarro-Fosar em 25/02/2023.

“SINCE the publication of the autobiography of Miss Harriet Martineau, it has become incumbent on me to say a few words to the profession on the termination of her case, which, thirty-two years before her death, excited so much interest and attention.

First of all I may observe, what will be obvious to all readers, that section III, vol. ii, page 191, contains *little fact* and *much imagination*; and that, as was shown by the *post mortem* examination, instead of her being cured by mesmerism or any other agency, although the distressing symptoms were greatly relieved by the palliative treatment exclusive of mesmerism pursued while she was at Tynemouth, no *cure* was effected, but temporary suspension of suffering took place from natural causes connected with local disease. But, before giving a report of the proofs ascertained after death of what she had suffered so much discomfort from during life, I may refer to her constantly expressed conviction that her disease was of a fatal malignant nature, and could only terminate in early death, and to the fact that, in 1855, eleven years after I had seen her, she consulted two eminent physicians in London, Dr. Latham and Sir Thos. Watson, by whom she was assured that she was free from heart-disease; she nevertheless maintained and asserted her conviction that she would soon die from that cause. In proof of this circumstance, I need only refer to the letter from Sir Thomas Watson,* which appeared in the BRITISH MEDICAL JOURNAL for July 8th, 1876, and in many newspapers.

With these preliminary remarks, I shall now relate the substance of the report of the *post mortem* examination made by Mr. King, by whom Miss Harriet Martineau was attended during the later years of her life, and furnished to me by my friend Mr. Higginson of Liverpool. She died on June 27th, 1876, at the age of seventy-four, twenty-one years after Dr. Latham and Sir Thomas Watson had declared her free from disease of the heart. Of the history of her health since she ceased to be under my observation, thirty-two years before her death, I know nothing except from occasional imperfect reports.” (Greenhow, 1877, p. 449)

Seu cunhado estava, portanto, resgatando o caso (que já não era seu), tendo recebido o laudo pós-morte (que não sabemos se era público), para declarar que os fatos narrados na autobiografia de Harriet Martineau sobre o adoecimento aos 55 anos eram falsos e que os médicos que a acompanharam em seu diagnóstico de doença cardíaca haviam se manifestado publicamente para dizer que ela estava em perfeita saúde quanto a isso, ou melhor, que o problema identificado não resultava numa condenação imediata à morte.

De acordo com a autópsia, existia um grande tumor no ovário esquerdo, estando os demais órgãos preservados, mas empurrados e apertados no pouco espaço restante, comprometendo o seu funcionamento e causando muitas dores. Greenhow alegou ter tido acesso ao cisto e o examinou junto a outro amigo médico, mas nenhum esclarecimento é dado com relação a isso em termos éticos. Por fim, disse que o sofrimento deveria ter sido intenso, com alguns períodos de crescimento lento do tumor que teriam aliviado momentaneamente as dores, mas que demonstraram como o

caráter de Martineau era forte o suficiente para viver três décadas de transtornos extremos.

Enquanto a autobiografia de Martineau é considerada uma violência, por descrever e divulgar várias situações e fatos que eram distorcidos na arena pública e preocupada que estava com sua imagem para a posterioridade (sabendo dos boatos e rumores que atravessaram toda a vida social, além das difamações promovidas) (Martineau, 1877a e 1877b), nada, absolutamente nada, é falado acerca da violência sofrida por ela ao ter seu corpo autopsiado para provar um dado diagnóstico ou hipótese sobre o caso. Martineau havia cedido seu corpo para estudos científicos e essa é uma questão a ser considerada em outro momento, averiguando os termos dessa disposição e os limites éticos quanto aos usos possíveis e o alcance desta.

Embora essa seja uma questão importante, este capítulo não se restringirá a abordar o pós-morte, já que precisa demonstrar em alguma medida como Harriet Martineau era conhecida, criticada e celebrada, para depois se debruçar acerca das hipóteses que justificariam o fato de hoje ela não constar no rol de fundadores das Ciências Sociais, não ser citada ou estudada. Três possibilidades consideradas foram anunciadas no subtítulo (*esquecimento, apagamento ou cancelamento*) e estão em consoante com pesquisas e argumentos que circulam no meio acadêmico em diversas formas a respeito do tratamento conferido a mulheres, de um modo geral, no campo intelectual (Arango, 2005; Debia, 2019; Alcântara *et ali*, 2022; Navarro-Fossar, 2021; Alatas e Sinha, 2023; Garcia e Martins, 2019; Castro, 2022).

Busquei demonstrar nos Capítulos I e II que, a respeito da sua vida, é necessário considerarmos com atenção a origem das fontes de informação para que possamos ter coerência com os dados trabalhados e informados. De agora em diante, também é preciso destacar outras duas formas de recursos disponíveis.

A primeira diz respeito a livros que ainda no século XIX ou no início do século XX (considerarei até 1926 como referência) se referiram a Harriet Martineau e a sua obra. Como sua morte ocorreu em 1876 e na sequência várias obras fizeram referências a ela, pareceu-me adequado estender esse lapso temporal em 50 anos após sua morte, considerando aqueles e aquelas que eram mais novos e viveram mais tempo do que nossa autora, mas tiveram a oportunidade de conviver com Martineau, seja na fase adulta ou na velhice. Essa é a justificativa para tal escolha, mas se trata de uma escolha

discricionária quanto ao número que poderia ser 45, 48 ou mesmo 52 anos, ou qualquer outro intervalo de tempo. Após a coleta dos dados e a análise será possível dizer se esses períodos de tempo mantêm entre si coerência e coincidências que precisem ser consideradas de uma outra perspectiva e reagrupando-os não mais discricionariamente, mas por afinidades de publicações ou de formas de tratamento. Percebi que não apenas a morte da autora, mas também a da memória daqueles que a conheceram e conviveram com ela, ou mesmo que acompanharam parte de sua carreira em vida, são elementos que contribuíram para este *esquecimento, apagamento* ou *cancelamento* sofridos por Martineau no século XX, como será discutido adiante.

A segunda forma considera todas as obras e os documentos identificados com a *pesquisa exploratória*, que se referiram a Martineau após esse período (depois de 1927), portanto, que não poderiam ter sido contemporâneos a ela, contemplando obras do segundo quarto do século XX em diante, até os dias atuais. Com essa separação temporal, tento testar as três hipóteses sinalizadas, considerando e buscando demonstrar como e se houve algum indício ou notícia de seguidoras(es) que adotaram suas ideias. Para além disso, busco verificar se existe uma visão de época homogênea em cada período, tomando apenas a amostra que possuo. Ou se as interpretações eram apenas manifestações isoladas em alguns livros, mas que não se comunicavam com as demais. Na análise dos dados verifiquei algumas regularidades e desmembrei o extenso período para tentar demonstrar isso de modo mais claro.

Começo, então, a citar algumas obras que fazem referência a Martineau e que foram publicadas até 1926. Nesse período, é comum encontrar escritores e escritoras que a difamaram e a desqualificaram após a sua morte, enquanto alguns a defenderam (Payn, 1884; Holyoake, 1905). Nestes termos, é fundamental mapear quais obras citavam Martineau e o que falavam a respeito dela. Obviamente, não é possível exaurir o tema, contudo, ainda que em um rol não exaustivo, listar e identificar tais publicações contribui para entendermos o que aconteceu no final do século XIX na desconstrução da imagem desta importante autora e na ausência de seguidoras(es) que pudessem divulgar suas obras, defender suas ideias e sua memória. De igual modo, não cabe aqui medir a qualidade ou o alcance das obras identificadas ou analisadas, estabelecendo com clareza um certo ranqueamento entre elas. Tomo tais apenas como ilustrativas de

tratamentos que lhe foram publicamente endereçados e que são ainda hoje facilmente identificáveis numa busca em arquivos digitais de acesso aberto.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa em plataformas de busca como *Projeto Gutenberg* (www.gutenberg.org), *Internet Archive* (archive.org), *The Online Library of Liberty A Project of Liberty Fund* (oll.libertyfund.org), Hathi Trust (www.hathitrust.org), WorldCat (www.oclc.org), Index Translationum (www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx?lg=0) e British Newspaper Archive (www.britishnewspaperarchive.co.uk) pelo nome Harriet Martineau, considerando “assunto” e “autoria”. Na sequência, realizei a separação entre as obras da autora (listadas no Capítulo IV) e as que a citavam (listadas neste capítulo). Li, triei e classifiquei quanto ao intervalo temporal pré-definido todos os livros que encontrei quando da realização da pesquisa. Não considerei os artigos publicados em geral (com exceção de algumas situações), pois resultariam em uma quantidade absurda de dados. Porém, pretendo realizar adiante uma pesquisa sobre recepção que contemple resenhas e artigos em periódicos e revistas do século XIX, por país, nas obras que considero caracteristicamente sociológicas. Os que considerei aqui foram por referência direta a Martineau no título da obra, em um capítulo ou por serem de autoras(es) que são consideradas(os) representativas(os) do período e que a mencionam de modo esparso em seu texto. Em termos ideais, a separação entre artigos/resenhas, de um lado, e livros, de outro, precisaria novamente dividir esta última categoria em: livros sobre Harriet Martineau; livros gerais com um capítulo sobre Martineau; livros sobre teoria sociológica com um capítulo sobre Martineau; livros que fazem alguma menção à autora. Na atual situação isso não será feito.

A esse respeito lembro que Bourdieu (1996) afirmou que ser suficiente publicar uma obra, sendo também necessário um “contexto favorável” e um “capital social prévio”. O autor se referiu à associação entre editoras e personalidades “midiáticas”, com interesses que seguem à “lógica de mercado”. Tal análise pode ser aproveitada no caso da realidade intelectual e editorial de 200 anos atrás e no que se sucedeu após a morte de Martineau. Embora a autora tivesse um amplo *capital social*, tendo participado ativamente de redes e de grupos de intelectuais por ao menos 50 anos da sua vida, sua autobiografia e outros textos parecem ter implodido esse apoio nos círculos intelectual, político e religioso. Por ser reconhecida como um sucesso editorial,

tendo transitado por várias(os) editoras(es) e mantido um amplo catálogo de obras, não parece que fosse do interesse de seus parceiros que seus escritos fossem demonizados ou retirados do mercado, a exceção de um, a Autobiografia, cuja crítica é dirigida diretamente à editora May Weston Chapman, como responsável pela suposta tragédia que teria sucedido. Essa é uma questão a ser averiguada, mas que deve considerar também outros interesses, como religiosos, políticos e de círculos intelectuais.

Embora seja uma listagem preliminar (Quadros 03 a 05), por si só já demonstram que a hipótese do esquecimento não tem como prosperar. Isso pode ser demonstrado pelas edições e reimpressões de sua obra ao longo de todo o século XX (Quadros 17 e 18) ou pelas obras que citam Martineau após a sua morte.

Sem dúvida, problematizar essa questão é algo importante para entender como Martineau é excluída da tradição sociológica (Navarro-Fossar, 2021; Castro, 2022; Alatas e Sinha, 2023). Defendo a tese de que não seria apenas um *apagamento* (Arango, 2005), mas uma reação política coletiva a uma autora que ao final da vida resolveu deixar um documento a ser publicado em que tornava público várias qualificações ruins atribuídas a suas(seus) contemporâneas(os) (Miller, 1887; Arbuckle, s/d). Em consequência, com a publicação de sua autobiografia, fez muitos inimigos pós-morte e isso pode ter contribuído para impedir que se formasse uma corrente teórica em torno de seu nome. Se, de um lado, claramente teve medo de como seria retratada para a posteridade e, por isso, resolveu passar a limpo todos os fatos que considerava significativos em sua história de vida (Martineau, 1877a; 1877b), por outro, não se deu conta de que quando seu relato fosse publicado ela já não estaria viva para se defender e a estratégia de dizer exatamente o que pensava contribuiu para estigmatizarem sua imagem pública.

Acerca da autobiografia ser considerada uma bomba deixada pela autora, precisamos compreender por que as afirmações foram tidas como ofensivas e desrespeitosas naquele período e talvez ainda hoje. Na verdade, em muitos momentos da obra, ela mostrou como nos apaixonamos fanaticamente por determinadas obras, autoras(es) e teorias, em dadas fases na vida, e depois percebemos que elas(eles) não dão conta ou não têm fundamento para explicar o que se pretendia. Assim, a autora reconheceu as fragilidades do encantamento, citando a sua experiência como exemplo de como nossas crenças de toda sorte são simplesmente fruto de afetos, conveniências, fraquezas, falta de conhecimento, medos ou carências. Suas críticas são tal como a

criticavam nos jornais (mas não de forma baixa, antiética e vil), posto que foi ácida, direta e contundente, mas não desrespeitosa ou promovendo ataques pessoais. Por exemplo, ao falar de Carpenter, Channing, Priestly e Hartley, entre vários outros (Martineau, 1877a, pp. 85-89).

O que sob o disfarce de acusação de críticas descompensadas ou ataques pessoais pode revelar ser um grande desconforto com relação a tudo o que é dito: sobre a família (a desconstrução de uma visão romantizada, sem conflitos ou hierarquizada); sobre o meio intelectual (seus fundamentos “supersticiosos”, a ligação por reconhecimento de autoridade e a produção de obras fracas e superficiais, incluindo a crítica às suas no início de carreira); sobre a religião (uma desconstrução completa, com crítica às lideranças de sua própria religião, demonstrando que esta e seus ritos são funcionais em uma sociedade, por darem conforto e inculcarem medos, ao mesmo tempo em que buscam cuidar destes oferecendo soluções).

O desconforto com a crítica aos intelectuais em grande medida também se encontra com o desconforto sobre a sua própria reflexão, na qual se coloca como um exemplo de desenvolvimento pessoal e de chegada ao esclarecimento acerca de como esses fenômenos sociais moldavam a sua rotina, como a de qualquer outro indivíduo. Ao se desenvolver e ter acesso a múltiplas fontes, informações e realidades, a autora começou a se compreender como um ser social condicionado. Os exemplos mais claros aparecem: na análise sobre a relação em família, com a mãe e os irmãos, em cada fase da vida; a mudança quanto à postura religiosa, com o avanço da perspectiva racional sempre almejada com relação a tudo em sua vida, da saúde ao trabalho e à gestão da rotina.

Martineau se disse rompida com o unitarismo ao escrever a sua autobiografia e questionou como os unitaristas não perceberam que ela não era um deles. A resposta oferecida foi que nem a própria autora sabia disso naquele momento. Ela havia sido agraciada com prêmios e contado com o apoio da comunidade unitarista, que envolvia vários intelectuais reconhecidos e, de alguma forma, lhe deu suporte em viagens. Na maturidade e com fama, percebeu as incompatibilidades e inconsistências como intransponíveis e aos 50 anos se desvinculou por completo da religião (Martineau, 1877a, p. 120; Sinha, 2023, p. 74).

“I cannot wonder that it did not occur to the Unitarians (as far as they thought of me at all) that I was really not of them, at the time that I had picked up their gauntlet, and assumed their championship. If it did not occur to me, no wonder it did not to them. But the clearsighted among them might and should have seen, by the evidence of those essays themselves, that I was one of those merely nominal Christians who refuse whatever they see to be impossible, absurd or immoral in the scheme or the records of Christianity, and pick out and appropriate what they like, or interpolate it with views, desires and imaginations of their own. I had already ceased to be an Unitarian in the technical sense. I was now one in the dreamy way of metaphysical accommodation, and on the ground of dissent from every other form of Christianity: the time was approaching when, if I called myself so at all, it was only in the free-thinking sense. Then came a few years during which I remonstrated with Unitarians in vain against being claimed by them, which I considered even more injurious to them than to me. They were unwilling, as they said, and as I saw, to recognize the complete severance of the theological bond between us: and I was careful to assert, in every practicable way, that it was no doing of mine if they were taunted by the orthodox with their sectarian fellowship with the writer of ‘Eastern Life’. At length, I hope and believe my old co-religionists understand and admit that I disclaim their theology *in toto*, and that by no twisting of language or darkening of its meanings can I be made out to have any thing whatever in common with them about religious matters. I perceive that they do not at all understand my views or the grounds of them, or the road to them: but they will not deny that I understand theirs, – chosen expositor as I was of them in the year 1831; and they must take my word for it that there is nothing in common between their theology and my philosophy. Our stand-point is different; and all our views and estimates are different accordingly. Of course, I consider my stand-point the truer one; and my views and estimates the higher, wider, and more accurate, as I shall have occasion to show. I consider myself the best qualified of the two parties to judge of the relative value of the views of either, because I have the experience of both, while I see that they have no comprehension of mine: but the point on which we may and ought to agree is that my severance from their faith was complete and necessarily final when I wrote ‘Eastern Life’, though many of them could not be brought to admit it, nor some (whom I asked) to assert it at the time. While I saw that many Unitarians resented as a slander the popular imputation that their sect is ‘a harbourage for infidels’, I did not choose that they should have that said of them in my case: and it is clear that if they were unwilling to exchange a disownment with me, they could have no right to quarrel with that imputation in future.” (Martineau, 1877a, p. 120)

Muitos intelectuais citados por Martineau eram também religiosos e unitaristas. O que suponho, pelos dados que possuo, ter tido mais peso para a reação de *cancelamento* foi a demonstração de alívio, a libertação do não submetimento religioso e a possibilidade de viver sem qualquer condicionamento dessa natureza (Martineau, 1877a, p. 89). Um exemplo a esse respeito foi citado por Navarro-Fossar (2021, p. 308) ao explicar por que suas obras propriamente sociológicas não haviam sido traduzidas para o espanhol:

“Este cuestionamiento del poder religioso establecido, unido a su condición de mujer decimonónica y al hecho de que ninguna de sus obras sociológicas haya sido traducida al castellano, han constituido un serio hándicap para la difusión de su trabajo en el mundo hispanohablante. Estos tres elementos, indudablemente, contribuyeron además a que la labor sociológica de Harriet Martineau fuera borrada en su día del reconocimiento académico que sin duda merecía. Su exclusión, después, del canon sociológico histórico fue la nefasta consecuencia derivada que aún no se ha reparado.”

Martineau foi muito dura com ela mesma e não apenas com os demais. Nada disso fora do que se espera de uma profissional altamente qualificada e completamente imersa na tentativa de produzir obras de qualidade e que cumprissem uma função social. Em razão disso, não parecia distribuir elogios ou lisonjeios visando agradar o público ou os conviventes, da mesma forma que demonstrava ojeriza por falta de ética, estelionatos de formas diversas e posturas despóticas. Foi combativa, insubmissa, lutou por seus projetos e seus propósitos, além de não sucumbir aos “nãos” e às formas limitadas de seu período. Daí também decorrem outros questionamentos: mulheres não poderiam falar publicamente a respeito de como se sentiam com relação à sociedade e às suas próprias vidas? Pode o subalterno falar? (Spivak, 2010).

Mais do que algo limitado ao recorte de gênero, a própria Martineau em diversos momentos citou como o conformismo, o medo de manifestação em razão do que as outras pessoas pensariam, a ostentação como forma de alcançar o *status*, a prática do lisonjeio e da bajulação, eram características que denotavam falta de independência moral, algo do qual ela não aceitava abrir mão. Ou, como ela foi diversas vezes retratada, “uma mulher intensamente independente” (Sinha, 2023, p. 74).

São questionamentos que permeiam esse processo e muitas vezes não são contabilizados, nem as suas consequências. Esses são motivos possíveis que vislumbro para o *cancelamento* que suponho ter se desenrolado e, posteriormente, se reproduziram acriticamente pelas gerações que seguiram.

Na obra *Sociedade na América*, Volume II Economia, Martineau relatou o *cancelamento* intelectual nos Estados Unidos de duas autoras que ousaram tocar no assunto escravidão: Barbault, com o seu *Evenings at Home* e Sedgwick, com *The Linwoods*. Esses livros se tornaram proibidos no sul dos Estados Unidos e suas autoras perseguidas com grave ameaça de violência. Não apenas elas, obviamente. Channing também foi perseguido por seu livro *Slavery* (Martineau, 2024) e tantas(os) outras(os).

Em sua Autobiografia ela contou que Barbauld também havia sido terrivelmente perseguida e assediada por um periódico inglês, prática comum que desestimulava e destruía carreiras, segundo Martineau. Ela mesma, nesse mesmo período, em início de carreira, foi perseguida e discutiu o tema tanto em *Como observar* quanto em *Sociedade na América*, já que sua viagem aos Estados Unidos foi interrompida após o aviso de que seria queimada na fogueira se permanecesse no território (Miller, 1887). Podemos nos aproveitar da seguinte questão deixada por pela autora para as(os) pesquisadoras(es): é preciso observar os motivos que levam à perseguição em cada sociedade e suas formas. Lógico, considerando-se os locais onde a perseguição está presente (Martineau, 2021). Esse é o tipo de conselho que cabe como uma luva ao analisarmos de que modo a não referência a Martineau nos livros e nos planos de ensino de formação em Ciências Sociais retratam uma forma de perseguição que precisa ser analisada e denunciada. Reconheço aqui que existe uma perspectiva segundo a qual não se trata apenas do caso de Martineau, mas sim do próprio *modus operandi* da academia e da sociedade. Embora isso possa ser demonstrado em diversas situações e exemplos, como é o caso de Gabriel Tarde, creio que existem nuances e particularidades que são dignas de destaque no caso das mulheres que no final do século XIX e no XX não mais são sequer chamadas ao debate. Mesmo nos casos em que imperaram de modo incontestado por longa data, como vimos com Harriet Martineau.

De fato, é sabido como, em vida, ela foi literalmente perseguida por defender a libertação das(os) escravizadas(os) e das(os) abolicionistas. Isso lhe trouxe problemas, é certo, mas também reconhecimento mundial e lhe conferiu a qualificação de correspondente internacional do Reino Unido quanto a assuntos relativos aos Estados Unidos e, mais tarde, para a Irlanda. Mas a perseguição não se restringiu ao tema da escravidão. Martineau foi uma defensora ferrenha dos direitos de as mulheres trabalharem, terem independência, autonomia financeira e política, o que corrobora novamente para o *cancelamento* de uma figura que por si só já representava muita liberdade e autonomia, além de cuja obra, bem escrita e fundamentada, trouxe a defesa irrestrita de tais princípios e de uma educação ampla, em quantidade e qualidade.

Contribuindo para isso, é possível que o problema tenha sido ser citada de modo equivocado por obras de uma dada geração, o que trouxe uma imagem ruim para estudiosos do meio do século XX e seus contemporâneos, levantando a dúvida sobre a

serventia ou não de ler sua obra. Em decorrência, podem ter sido desestimulados a lê-la e o circuito de *apagamento* aí se produziu. Essa prática da consagração e da institucionalização acrítica do que foi adotado pelas gerações anteriores, responsáveis pela formação das gerações seguintes, é uma dinâmica constante ainda hoje e que abre pouco espaço para mudanças, embora, obviamente, elas ocorram vez ou outra (Maia, 2023; Navarro-Fossar, 2021; Santana e Mejía, 2024; Azevedo, 2024).

Após ler tantas versões sobre os fatos, entendo que houve uma *ressignificação* em algum momento, provavelmente após a sua morte, sobre o que foi Martineau e sua obra. Essa *ressignificação* baseou-se em dois processos intimamente interligados. Primeiro, no fato de que as suas obras propriamente sociológicas não teriam sido amplamente difundidas por não terem sido traduzidas. Por exemplo, nenhuma delas teria sido traduzida para o português (até onde se sabe), nem para o espanhol (Navarro-Fossar, 2021, p. 308) até o século XXI. Principalmente, a sua principal obra que a identifica como uma pesquisadora e cientista social, *Como observar*, que também não foi traduzida sequer para o francês, que era amplamente considerada a língua universal no século XIX. Isso está diretamente ligado ao fato de que ela passa a ser reconhecida como romancista e jornalista, que junto com as obras “religiosas” foram amplamente difundidas e traduzidas para a língua francesa. Segundo, numa campanha difamatória, baseada em meias verdades, buscando excluí-la do circuito, já não mais deliberadamente para prejudicá-la, pois ela estaria morta, mas para se beneficiarem de que as obras com tais informações não circulassem e não se tornassem de conhecimento das novas gerações.

Não se trata de uma intencionalidade ou um plano arquitetado para que isso fosse concretizado, mas os agentes contribuem de um modo ou de outro para que isso ocorra, mesmo sem uma intencionalidade clara ou declarada. Teria sido um ataque semelhante ao sofrido por Mary Woolstonecraft, a quem a própria Martineau teria criticado. Guardadas as diferenças (Silveirinha e Ferreira, 2019), claro, inclusive porque Woolstonecraft faleceu muito nova e sendo pouco conhecida, ao contrário do que aconteceu com Harriet Martineau. Isso inclui, por exemplo, referências que aparecem recorrentemente quanto ao fato de ela ser ou não “feminina” e que poderiam ser consideradas algo sem relevância, não fosse o fato de suas(seus) comentaristas(es) do século XIX insistirem tanto no assunto e em se posicionarem com relação a isso. Pistas

importantes são apontadas em outros textos. Por exemplo, em Gilman (1898; 1914). Ou quando Arbuckle se referiu a “Dr. John William Polidori”, “médico particular e secretário de Lorde Byron” como “a primeira paixão homossexual séria de Martineau” (Arbuckle, s/d, cap. 01, p. 11). De igual modo, Arbuckle (s/d, cap. 04, p. 01) afirmou que Martineau teve dúvidas em aceitar ou não o compromisso de noivado “[...] perhaps feeling stunned at the sexual implications of her new status”. Referiu-se, ainda, a “[...] Strong, probably homoerotic feelings for women like her mesmerist Frances (Mrs. Montagne) Wynyard and Maria Weston Chapman (Arbuckle, s/d, cap. 04, p. 03).

Na contramão deste processo, é importante destacar a existência de um esforço considerável ainda no século XIX e no início do século XX de registrar a existência e as contribuições desta grande autora, cujo alcance não foi negado, mesmo naquele período. Todavia, as obras citadas a seguir não necessariamente se encontram no mesmo patamar, o que renderia uma discussão sobre a importância de autoras(es) e obras no período em que foram lançadas e na atualidade, para não incorrerem em anacronismos. Contudo, não é esse o propósito desta tese. Cabe aqui apenas indicar a existência de um registro bibliográfico disponível ou citado em obras conhecidas, suscitando um debate que requer o avanço da pesquisa e a ampliação da amostra quanto a plataformas que disponibilizam acervos de livros clássicos. Um destaque que me pareceu recorrente é que naquele momento apenas se adjetivava autor e obra, sem a preocupação em discutir a metodologia e a teoria a partir de seus pressupostos científicos. Pelo que consegui apurar, a mudança com relação a isso só irá acontecer ao final do século XX, mas ainda hoje acompanhamos estupefatos manifestações não científicas no meio acadêmico que estigmatizam pessoas no lugar de discutir seriamente suas obras e suas ideias.

Como não se trata de uma análise exaustiva, citarei apenas algumas obras e autoras(es), que surgiram nesta *pesquisa exploratória*, destacando a referência a Martineau, englobando elogios e críticas. Como mencionei anteriormente, essas obras poderiam, e deveriam, ser também separadas por tipos, para que houvesse uma sistematização melhor. De um lado, as que são sobre a autora e a obra, ou possuem ao menos um capítulo ou tópico sobre Martineau. De outro, as que somente a citam. Porém, mesmo ciente disso, optei por seguir uma ordem cronológica e num momento

posterior à tese aprofundar o levantamento desses dados e organizá-los de modo estruturado, conforme as categorias citadas.

A partir de agora, começarei a analisar tais referências.

Quadro 02 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas antes de sua morte

Data	Título ou periódico	Autor(a)	Editora	País/língua	Tipo
1833	<i>Quartely Review</i>			Inglaterra/inglês	Resenha
	<i>Edinburgh Review</i>	William Empson		Inglaterra/inglês	Resenha
17/03/1833	“Flower’s Hymn of the Polish exiles”, <i>Examiner</i>	John Stuart Mill		Inglaterra/inglês	Resenha
16/06/1833	“The monthly repository for June 1833”, <i>Examiner</i>	John Stuart Mill		Inglaterra/inglês	Resenha
27/10/1833	“Martineau a tale of the Tyne”, <i>Examiner</i>	John Stuart Mill		Inglaterra/inglês	Resenha
1834	“Miss Martineau’s Summary of Political Economy”, <i>Monthly Repository</i>	John Stuart Mill		Inglaterra/inglês	Resenha
1837	“The United States of America”, <i>The mirror of literature, amusement and instructions</i> , 29 (836): 366-368.	Anônimo		Inglaterra/inglês	Resenha
1838	<i>Slavery in America, being A brief review of Miss Martineau or that subject</i>	By a south Carolinian William Gilmore Simms	Richmond		Livro
1839, vol. LXIII, jan.-march	<i>Quartely Review</i>	John Murray		Inglaterra/inglês	Resenha
1840	<i>Paseos en Londres</i>	Flora Tristan		França/francês	Livro
1844	A new spirit of the age	Richard H. Horne	Smith, Elder and Co.	Inglaterra/inglês	
1845	<i>Mind amongst the spindles</i>	Charles Knight		Inglaterra/inglês	Menção
1849	“Miss Martineau on Education”, <i>The American review</i> , vol. 09, nº XVIII, June, p. 604-618.				Resenha
1851	<i>Miss Martineau and her master</i>	J. Stevenson Bushnau	John Churchill	Inglaterra/inglês	Livro
1867, original	<i>O Capital</i> , Livro I, Volume 02	Karl Marx		Inglaterra/inglês	Livro

Fonte: Elaborado pela autora

O primeiro caso foi relatado pela própria Martineau em sua autobiografia, ao dar notícias, por várias páginas seguidas, de que considerava que a circulação de suas obras por vezes foi restringida devido a preconceitos de toda ordem espalhados por figuras diversas. O exemplo que ela forneceu foi dos senhores Croker e Lockhart, em uma publicação no *Quarterly Review*, em 1833, como uma “crítica hostil” e baixa, que envolvia também o senhor Poulett Screepe. Após as reações negativas de membros da sociedade, os “resenhistas” teriam tentado se justificar alegando que os insultos na verdade eram um tipo de brincadeira. Martineau relatou que, por diversas vezes, antes e depois do fato, o senhor Lockhart tentou, sem êxito, ter contato com ela, que o descreveu como o homem que tentou destruí-la. A autora se julgava ingênua em relação aos jogos e às relações de poder presentes na sociedade e falou muito criticamente sobre, nas palavras dela, o comportamento dessa “classe média”. Inclusive, pelas ações maniqueístas e intencionais, as armações e os conluios, ao mesmo tempo em que denunciou e destrinchou o seu *modus operandi* citando alguns casos de destaque (Martineau, 1877a, p. 153-158).

Além das rejeições políticas que ela precisou suportar, houve também uma forte crítica literária presente no *Quarterly Review*, desqualificando os 12 volumes do *Illustrations* que já haviam sido publicados. De igual modo, o periódico fez duras críticas à coleção e à própria Harriet Martineau. Também é preciso destacar as críticas baixas feitas por Croker e Lockhart, demonstrando um ataque tão vil que o primeiro chegou a usar a expressão “tomahawking Miss. Martineau”. Um dos volumes da Coleção usou a Ilha de Garveloch como um exemplo da teoria de Malthus e foi sobre esse exemplo que a crítica do periódico recaiu, abordando a utilização que ela fez do *princípio da população*. O ataque também foi pessoal e se referiu à própria condição dela enquanto mulher, quando o autor afirmou que: “[...] não gosta de deixar corar desnecessariamente a bochecha de qualquer mulher”. Porém, é possível facilmente demonstrar a falácia por trás do “argumento” do agressivo crítico que tentou ridicularizar Martineau (Miller, 1887).

Vários outros exemplos de repercussão na imprensa certamente poderiam ser garimpados. Adentrar o debate sobre o contexto britânico serve no momento apenas para ilustrar estes embates, pois não existe aqui espaço reservado para tal discussão, como já expliquei anteriormente.

A respeito desse grave ataque sofrido por Martineau, com muita agressividade e misoginia, pesquisei na plataforma que abriga os arquivos do periódico com o intuito de expor um exemplo de como a sua primeira grande obra de sucesso foi recebida ainda no calor dos acontecimentos de seu lançamento. A intenção é demonstrar os elementos destacados por esse periódico que fez com que Martineau se sentisse extremamente ameaçada e agredida.

No *The Quarterly Review*, periódico inglês conservador criado em 1809 e associado aos *tories*, encontrei os seguintes registros no *Index*, Vol 49, ano de 1833:

Martineau, Miss, her 'Illustrations of Political Economy,' 136—the work a monthly series of novels on political economy, *ib.*—the authoress an Unitarian, *ib.*—her praiseworthy intention, *ib.*—but unfeminine and mischievous doctrines on the principles of social welfare, *ib.*—plan of the work, *ib.*—the fair writer's account of her own doings, *ib.*—outline of story the first, 'Life in the Wilds', 137—of 'The Hill and the Valley, 138—of 'Demerara,' Miss M.'s doctrine of property, 139—of 'Ella of Garveloch,' prolificacy of herrings and bannocks, anticipated over-population, the preventive check, 140—the *Manchester Strike,' 143—story of 'Cousin Marshall,' abomination of poorlaws, alms-houses, lying-in hospitals, &c. 144—'Ireland, Mr. Tracey and Mr. Rosso, Sullivan, Dora, and Dan, Miss M.'s grand panacea, 145—her defence of Professor M'Culloch's exploded paradox concerning absentees, 148—stery entitled 'French Wines and Politics,' Professor M'Culloch's dictum concern- ing labour, 149—stery entitled 'For Each and for All,' profits and wages, Nanny White and old Joel, 150—Miss M.'s exemplification of the phenomena of money; mouse skins and mammoth bones, 151—Moore's 'She Politician,' *ib.*—parting advice to Miss M., *id.* (Disponível no archive.org/details/sim_quarterly-review-1809_1833_49_index/page/564/mode/2up)

A seguir, transcrevo trechos das 17 páginas do texto em questão, com grifos meus, da página 136 a 152⁸. Essa imensa resenha contém elementos bastante ilustrativos do impacto e das reações à autora e à sua obra, lembrando que independentemente dessa publicação, a série alvo dos ataques teve um enorme sucesso de crítica e de vendas. Em primeiro lugar, Martineau foi apresentada como uma “clever female hand” e que tinha “the high recommendation of being an Unitarian”. Dito isso, a crítica segue se referindo a alguns personagens como “absurd trash” e aos diálogos como “dull didactic dialogues” (p. 136). Ao criticar os diálogos, os autores se referem a eles como “unintelligible and fantastical refinements” (p. 137). Embora os autores

⁸ Disponíveis no [link archive.org/details/sim_quarterly-review-1809_april-july-1833_49/page/136/mode/2up](http://archive.org/details/sim_quarterly-review-1809_april-july-1833_49/page/136/mode/2up).

demonstrem terem lido as novelas de Economia Política, a escrita parece apressada e apaixonada sobre os personagens e a trama, buscando impugnar vários pontos ao mesmo tempo, sem explicar o motivo e tomando por certo que todas(os) as suas(seus) leitoras(es) já haviam tido contato com a série. A preocupação da autora com o realismo das cenas elaboradas e de seus personagens levou Martineau a fazer uso, inclusive, de dados de pesquisa sobre a escravidão para escrever *Demerara*, mas os críticos se fixaram na referência à ausência de consentimento estabelecida pela autora e compararam a discussão sobre a escravidão com a propriedade de cavalos e de casas, perguntando se estes também deveriam consentir.

“The picture it contains of slavery, is, however, evidently drawn from imagination and the accounts of the anti-slavery missions, not from observation or the reports of unprejudiced bystanders. For example, a runaway slave is represented as hunted and torn to pieces by blood-hounds! Will Miss Martineau favour us with an authenticated relation of any such occurrence of late years in Demerara, or any of our West Indian colonies? In the summary of ‘principles,’ at the end of this tale, the injustice of slavery is proved in the following manner: —

‘Property is held by conventional, not natural, right. As the agreement to hold man in property never took place between the parties concerned, i. e., is not conventional, man has no right to hold man in property.

[...]

‘The theory which derives rights exclusively from a ‘social contract’ ‘entered into by all parties concerned,’ is as foolish as it is dangerous.’” (p. 139)

Outros elementos também são importantes e merecem ser citados. Os autores se referem a Martineau como tendo um reconhecimento quanto ao conhecimento em Direito e na aplicação deste nas cortes, o que é interessante, pois só em 1922 a primeira mulher advogada foi reconhecida na Inglaterra. Também afirmam que ela aplicava princípios de Economia Política e arrematam criticando a falta de solidez desta disciplina. Todavia, quando desejavam desqualificá-la por erros ou equívocos remetem ao fato de que a autora era jovem, mulher e solteira: “A little ignorance on these ticklish topics is perhaps not unbecoming a young unmarried lady.” (p. 141). E assim seguiram por mais 11 páginas. Mas esse não era um caso fortuito. Martineau considerava que esse periódico em particular realizou campanhas difamatórias a seu respeito e sobre sua obra, como podemos ver no trecho transcrito a seguir:

“As for destroying me, – it was too late, for one thing. I had won my public before Croker took up his ‘tomahawk.’ The simple fact, in regard to the circulation of my Series, was that the sale increased largely after the appearance of the Quarterly review of it, and diminished markedly and immediately on the publication of the flattering article on it in the Edinburgh Review. The Whigs were then falling into disrepute among the great body of the people; and every token of favour from whig quarters was damning to me, for a time. In the long run, there is no doubt that the Quarterly injured me seriously. For ten years there was seldom a number which had not some indecent jest about me, – some insulting introduction of my name.” (Martineau, 1877a, p. 158) (*grifos meus*)

Além disso, existia um padrão nos ataques da “literatura periódica da época” e a autora citou como justificativa o fato de ter se referido ao tema das populações e à teoria de Thomas Malthus, o qual defendeu de modo veemente em sua autobiografia (Martineau, 1877a, p. 160), como uma pessoa íntegra e séria.

Se a *The Quarterly Review* agia dessa forma com relação a ela, por outro lado, a *Edinburgh Review* se comportava de modo contrário. Como exemplo, Martineau citou a resenha feita nesse periódico por William Empson, embora tenha acentuado que “o elogio não me pareceu muito racional e sólido”. Além disso, o público fez uma associação entre a autora e os políticos “Whigs”, o que fez com que as vendas da série caíssem (Martineau, 1877a, p. 161-162). Em outra passagem da sua autobiografia, ela também fez referência a esse texto considerando que a resenha tinha sido gentil e capaz de compreender a sua intenção (Martineau, 1877a, p. 105).

Na nota 03 da edição de OGrady (1991), consta a seguinte informação:

“In ‘Poor Laws and Paupers,’ pp. 361-81, W. J. Fox defends Harriet Martineau’s *The Parish: A Tale* (No. 1 of *Poor Laws and Paupers Illustrated* [London: Fox, 1833]), against the attack in William Empson’s ‘*Illustrations of Political Economy: Mrs. Marcet—Miss Martineau*,’ *Edinburgh Review*, LVII (Apr. 1833), 1-39. Empson (1791-1852), a major contributor to the *Edinburgh*, was a professor at the East India College at Haileybury.

Ela explicou com frequência que geralmente pessoas que nunca tinham lido seus textos a criticavam e tinham convicção de que eram livros perigosos ou “impróprios” (Martineau, 1877a, p. 158). Por isso, uma pergunta comumente feita por Martineau era: “Você leu esse texto? Você conhece esse autor ou autora?”. Assim, a autora tentava distinguir entre o ataque pessoal, a ignorância completa de quem falava e aqueles que realmente manifestavam críticas fundamentadas acerca de algo presente no texto. Essa

era uma questão ética muito cara para ela: só se pode falar daquilo que se lê e se compreende, caso contrário, é preciso fazer uma leitura atenta e de qualidade além de buscar informações que auxiliem na compreensão devida do texto que será objeto de crítica. Com relação aos temas polêmicos isso era ainda mais grave, já que Martineau não fugia do embate e pautava assuntos sabendo que lhe trariam problemas econômicos e políticos de toda sorte. Inobstante tudo isso, a autora sempre esteve consciente da existência de boatos de toda sorte e fez um retrato interessante a esse respeito:

“- It occurs to me that my life ought indeed to be written by myself or some one else who can speak to its facts; for, if the reports afloat about me from time to time were to find their way into print after my death, it would appear the strangest life in the world. I have been assigned a humbler life than that of the Cotton-mill. A friend of mine heard a passenger in a stage-coach tell another that I was ‘of very low origin,- having been a maid-of-all-work.’ This was after the publication of my model number of the ‘Guide to Service,’ done at the request of the Poor-law Commissioners. My reply to the request was that I would try, if the Maid-of-all-work might be my subject. I considered it a compliment, when I found I was supposed to have been relating my own experience. One aunt of mine heard my Series extolled (also in a coach) as wonderful for a young creature, seventeen and no more on her last birthday; and another aunt heard the same praise, in the same way, but on the opposite ground that I was wonderfully energetic for eighty-four! So many people heard that I was dreadfully conceited, and that my head was turned with success, that I began to think, in spite of very sober feelings and of abundant self-distrust, that the account must be true. A shopman at a printseller’s was heard by a cousin of mine, after the publication of ‘Vanderput and Snoek,’ giving an impressive account of my residence in Holland: and, long after, Mr. Laing made inquiries of a relation about how long I had lived in Norway, – of which ‘Feats on the Fiord’ were supposed to be an evidence: but I had visited neither country when I wrote of them, and shall die without seeing Norway now. Every body believed at one time that I had sought Lord Brougham’s patronage; – and this report I did not like at all. Another, – that he had written the chief part of the books, – was merely amusing. Another gave me some little trouble, in the midst of the amusement; – that I had been married for two years before the Series was finished, and that I concealed the fact for convenience. More than one of my own relations required the most express and serious assurance from me that this was not true before they would acquit me of an act of trickery so unlike me, – who never had any secrets. The husband thus assumed to me was a gentleman whom I had then never heard of, and whom I never saw till some years afterwards, when he had long been a married man. After my Eastern journey in 1846, it was widely reported, and believed in Paris, that my party and I had quarrelled, as soon as we landed in France; and then I had gone on by myself, and travelled through those eastern countries entirely alone. I could not conceive what could be the meaning of the compliments I received on my ‘wonderful courage,’ till I found how unwilling people were to credit that I had been well taken care of. My ‘Eastern Life’ disabused all believers in this nonsense; and I hope this Memoir will discredit all the absurd reports which may yet be connected with my station

and my doings in life, in the minds of those who know me only from rumour.”
(Martineau, 1877a, p. 164)

Com esse relato da própria Martineau, darei início a referências a ela que identifiquei em outras obras, considerando-se a apresentação em ordem cronológica.

Um autor contemporâneo de Martineau foi John Stuart Mill (1806-1873), que faleceu um pouco antes dela, mas escreveu a seu respeito desde quando ela iniciou a sua carreira como autora profissional. Quatro textos curtos de Mill podem ser aqui utilizados para demonstrar o seu conhecimento acerca de Martineau e de sua obra⁹. Esses textos se encontram reunidos nos *Collected works of John Stuart Mill*, v. XXXIII, em versão digital, disponível em *Online Library of Liberty* no qual figuram essas informações (OGrady, 1991):

197. FLOWER’S HYMN OF THE POLISH EXILES, *Examiner*, 17/02/1833, p. 101
The review, in the “Musical” section, is headed “*Hymn of the Polish Exiles by the Siberian Sea; composed by the Author of ‘Musical Illustrations of the Waverley Novels,’ ‘Songs of the Seasons,’ &c. The words from ‘The Charmed Sea,’ a Tale, by Harriet Martineau.*” *The Charmed Sea was No. 13 of the Illustrations of Political Economy, 9 vols. (London: Fox, 1833) by Harriet Martineau (1802-76), the prolific writer who was at this time contributing essays to the Monthly Repository for W.J. Fox.* The “Hymn” that provided Flower’s text is on p. 104 of *The Charmed Sea*. The review is described in Mill’s bibliography as “A notice of Miss Flower’s ‘Hymn of the Polish Exiles’ in the Examiner of 17th February 1833” (MacMinn, p. 25). In the Somerville College set of the *Examiner*, it is similarly listed (“Review” replacing “A notice”) and enclosed in square brackets.

the words of this hymn or prayer, notwithstanding some faults, were not unworthy to be chosen by Miss Flower, as the vehicle of one of her inspired strains: **and Miss Martineau, or any one else who writes with a meaning, may be congratulated on meeting with a composer who is able and resolved to make that meaning felt, even when the collocation and rhythm of the words renders this a task of some difficulty.** The skilful manner in which the unpleasant effect of a fault in the metre of the first line is obviated in the music, exemplifies our remark.

[...]

(Fonte: oll.libertyfund.org/titles/robson-the-collected-works-of-john-stuart-mill-volume-xxiii-newspaper-writings-part-ii#lf0223-23_label_776)

A resenha foi realizada na seção “Musical” do periódico e comentava o hino de Eliza Flower, que foi citado por Martineau em seu conto *The charmed sea*, nº 13, do *Illustrations of Political Economy*. Esse é o conto que supostamente fez com que a entrada da autora na Rússia, Áustria e Itália, fosse proibida por ter falado sobre a revolta

⁹ Recebi duas referências de Maria-Rocío Navarro-Fosar.

polonesa contra a dominação russa. Em tese, tudo ia bem nesses países com a ampla recepção de seus livros e a compra deles pelo governo russo para a educação pública (Miller, 1887). Mill não comentou esse fato e se restringiu a falar, como músico, sobre como a literatura é ajudada pela música e enriquecida com esta.

Em junho do mesmo ano, Mill fez outra resenha falando sobre o conto *The Parish*, entre outros assuntos, o que demonstra que ele acompanhou a série e participou ativamente do debate público que se sucedeu a respeito desta.

207.: THE MONTHLY REPOSITORY FOR JUNE 1833

EXAMINER, 16 JUNE, 1833, PP. 372-3

The third of Mill's favourable reviews of Fox's journal (see Nos. 198 and 200) contains interesting material relating to his theory of poetry. Mill had nothing in this number of the *Monthly Repository*, but his "Alison's History" appeared in two parts in the numbers for July and August. The review, which appeared in the "Literary Examiner," is headed "*The Monthly Repository for June* [n.s. VII]. (Edited by W.J. Fox.)"; the page references are to this volume. The article is described in Mill's bibliography as "A notice of the Monthly Repository for June 1833, in the Examiner of 16th June 1833" (MacMinn, p. 32). In the Somerville College set of the *Examiner*, it is listed as "Review of the Monthly Repository for June" and enclosed in square brackets, with one correction: at 574.28 "as" is deleted in "occasions; as it".

an excellent number of an excellent work. Each article deserves a separate commendation, for each has its own merit and its own interest; and there is more than usual variety both in the subjects and in the treatment of them. The article which contains most wisdom, as well as beauty, is ostensibly a description of scenery, under the quaint title of *Local Logic*;¹ and it indeed *proves* many things; but chiefly, what perhaps the writer least thought of, that the highest beauty is not that which is received *from* the object, but that which is given to *it* by the perceiving mind: that—(as Pope says)—
—*the difference is as great between*
— *the optics seeing as the objects seen.*²

It is the poetry of description and the philosophy both in one; because the description is only the outward part, the inward is the feelings and the thoughts of a highly sensitive and reflecting mind. These feelings and thoughts are the soul, the scenery described is the body, which gives impressions to the soul but receives them back tenfold. The wisdom is not in sentences and maxims equally fit for all occasions; it admits not of being *extracted*; it pervades the whole, and shines through from beneath the surface, but no more admits of being detached from its external vesture, than the flesh from the skin.

Among the other articles we would notice particularly a paper on Miss Martineau's tale of *The Parish*, in which the writer takes up the cause of that lady against her reviewer in the *Edinburgh Review*.³ We have seldom read any article more characteristic of Whiggery, of the *Edinburgh Review* itself, and of the *juste-milieu* respectability spirit in general, than that same Whig article on Miss Martineau. With some just and some unjust criticism on the details of her various performances, the aim and purport of the article on the whole was to intimate to Miss Martineau, in as many and as various forms of words as the writer could, that she was and should be reputed a very clever, meritorious, indeed extraordinary person, provided always she

would submit all her opinions to the previous ordeal of Whig wisdom; that it is a very fine thing in a woman to write, and write with earnestness, on politics and morals, so long as all she writes in politics is strictly Whig, and in morals strictly common-place, but vastly shocking if she writes anything else. Every approach to free, vigorous, far-reaching thought which we recollect to have seen in Miss Martineau's *Illustrations*, her Edinburgh reviewer, with scarcely an exception, singles out for special animadversion; and reads a succession of solemn, prosing, good-natured lectures to one who is at least as well-qualified to lecture *him*; and who in the long run will be by many degrees the more successful lecturer, for the time is no more when the ballast of society was too ponderous for its quantity of sail.

Our friend "Junius Redivivus" has two able papers in this number,⁴ and the *Autobiography of Pel. Verjuice* is full of mournful truths on education and society as they now are;⁵ and as such writers as the Edinburgh reviewer would for ever keep them, not from evil intention, but from a most plentiful lack of intellectual audacity and comprehension of mind.

(Fonte: oll.libertyfund.org/titles/robson-the-collected-works-of-john-stuart-mill-volume-xxiii-newspaper-writings-part-ii#lf0223-23_label_842)

Mill remeteu ao número da TMR em geral e diz ter escolhido o conto de Martineau em particular para comentar e fez referência ao "artigo whig" que a *Edinburgh Review* publicou sobre Martineau. Eu não tive acesso a esse texto, que imagino seja o mesmo que Martineau citou em sua autobiografia.

222. MARTINEAU A TALE OF THE TYNE, 27/10/1833, pp. 677-8, *Examiner*
Writing to Carlyle on 25 Nov., 1833, a week after his return from Paris, Mill asks: "did you detect me in the Exr reviewing Miss Martineau, & Col. Napier?" (*EL, CW*, Vol. XII, p. 197). And, again to Carlyle on 12 Jan., 1834: "**The paper on Miss Martineau was really a paper on Impressment**" (*ibid.*, p. 209). For earlier reference to her *Illustrations*, see No. 197. This review, in the "Literary Examiner," is headed "*Illustrations of Political Economy. No. 21. A Tale of the Tyne. By Harriet Martineau. [London:] C. Fox [1833].*" Described in Mill's bibliography as "A review of Miss Martineau's 'Tale of the Tyne' in the Examiner of 27th October 1833" (MacMinn, p. 35), this article is listed in the Somerville College set of the *Examiner* as "Review of Miss Martineau's 'Tale of the Tyne' " and enclosed in square brackets. Mill quoted part of this article in his "Notes on the Newspapers" in the *Monthly Repository* for April 1834 (see *CW*, Vol. VI, pp. 178-9); in the variant notes "34" indicates *Monthly Repository*, 1834.

if, as we think must be admitted, some of the more recent tales of this series (though none are deficient in passages of great beauty and power) have not kept up to the high level of the earlier numbers, the illustration of impressment came in time to prove that the inferiority arises from no decline of the author's talents, nor exhaustion of her vein, but from the more ungrateful nature of some of the topics on which she has recently been engaged. All the truths of her science do not equally admit of being illustrated by a succession of interesting incidents, and she has sometimes, instead of working the principle into the body of her tale, found herself thrown upon the last resource of foisting it in under cover of scientific conversations between her principal characters.

In the present instance, however, her subject was eminently susceptible of striking illustration and powerful enforcement through the medium of a

fictitious history. The *Tale of the Tyne* is a story of *impressment*; and its appearance could not be better timed, than immediately after our reforming Ministers have not only refused to abolish the odious tyranny, against which the story is directed, but treated those who ventured to express disapprobation of it, as if they had done something vicious and deserving of opprobrium.

Miss Martineau should send a copy of this tale to each of his Majesty's Ministers. We think it would have lowered the insulting tone of Sir James Graham's memorable speech on Mr. Buckingham's motion,¹ if he had read, the evening before, in this little narrative, the meeting, after years of absence, between a pressed sailor who had deserted, and his sister. We quote all we can of this most affecting passage, and regret that our limits do not allow of more:

[...]

Can any one read this and not see that it is a true picture? that, of such causes, such are the natural consequences? The fictitious Cuthbert Eldred is but a type of the countless multitudes of real living men, who have been immolated, body and soul, like him, and died the living death which he so powerfully describes. **"It is not astonishing that in an age of barbarism men should commit barbarities. That Lord Chatham, one of a generation of statesmen among whom common humanity seems to have been almost as rare as common honesty, and in an age in which nothing was esteemed wickedness by which nobody suffered but the common people—that Lord Chatham should have seen no harm in impressment, can surprise no one; but it is equally unexpected and unwelcome to find Lord Chatham's authority quoted for it now, as conclusive, by a Reform Minister."**² Necessity! so well described by Milton as **"the tyrant's plea"**.³ it is also Sir James Graham's, and no one has yet, in our own day, or in any preceding, carried impudence so far as to pretend that there can be any other. It is difficult not to feel degraded by the very act of replying to so base a pretext. Necessity! yes; to borrow the apt expression of a vigorous writer, "it is exactly the sort of necessity which men are hanged for:" the convenience of taking the property of other people without paying for it; with the aggravation of its being their *sole* property, and the slight additional circumstance that the entire wealth of the nation is yours to purchase it withal, if you **must** have it. If the whole matter were laid before a community of ignorant savages; if they could be made to conceive the clamour, the indignant uproar, which rises from all the benches of a certain assembly at the bare suggestion of laying a sacrilegious finger upon anything which borders upon a *vested right*, upon anything which by the utmost straining can be construed into *property*, and then could be shown the spectacle of the same men hallooing on their leaders to denounce and insult men for asserting the *vested right* of the labourer to his own bodily powers, and calling it injustice to knock him down and rob him, not of his purse, seeing that he has none, but of all the *property* he has,—his labour, in order to save to their own pockets a fractional part of the wages for which he would consent to sell it,—would not the assembly of savages deem the assembly of civilized Christians fit objects for a hurricane to sweep from the earth? What would they think if they were then told that this same assembly had just voted twenty millions for the redemption of negro slaves? These men are not fools, mere absolute fools they cannot be; they cannot think that kidnapping our own countrymen, and keeping them to forced labour for the whole or the better part of their lives, differs from negro slavery; why, every one of the incidents is the same, down to the very cart whip! call it, if you please, the cat. There is identity even in the wretched apologies which are set up; the captains or masters are an ill-used, calumniated race of men, and free labour, forsooth, would be vastly dearer!⁴ We are obliged, therefore, when we find the same men, at the same

time, actually crusading against everything which is called slavery in the remote parts of the globe, and battling for it at home as for the most precious of our institutions, to conclude that it is not the *thing* that they are averse to, but only the *name*; and that their quarrel with tyranny is not with the tyranny itself, but solely with its *unpopularity*.

(Fonte: oll.libertyfund.org/titles/robson-the-collected-works-of-john-stuart-mill-volume-xxiii-newspaper-writings-part-ii#lf0223-23_label_1007)

Mill fez uma crítica cautelosa e gentil alegando que nem todos os contos mantinham a mesma qualidade e que isso não decorria de incapacidade da autora, mas porque os próprios temas escolhidos não eram fáceis de serem “ilustrados”. O autor também comentou sobre a relevância de um conto específico para os fatos políticos em andamento, sugerindo que tais obras literárias eram capazes de convencimento e de apontar erros em dados cursos de ação. Ele não apenas considerou útil como recomendável a leitura da série como uma forma de transmitir os princípios de Economia Política, embora não considerasse que esse fosse um trabalho fácil. Portanto, muito diferente da postura de seu pai, James Mill (1773-1836), sendo que este último teve a oportunidade de ver o sucesso da série antes de morrer. Em seus comentários, J. S. Mill fez elogios a Martineau e a mais um número de sua coleção, ao mesmo tempo em que mencionou o fato de este não ter alcançado um volume grande de vendas. Entretanto, ele não via nisso um defeito, nem atribuiu isso à existência de baixa qualidade do conto. Mill citou um grande trecho da conversa entre os irmãos Cuddie e Effie para demonstrar o quão elaborado e significativo era o texto.

Uma questão metodológica importante merece ser destacada aqui. Como o cabeçalho de apresentação do texto reproduzido e organizado por OGrady (1991) informou, existe uma dificuldade em se localizar textos antigos porque são citados com nomes diferentes em cada fonte secundária, inclusive pelas(os) próprias(os) autoras(es), como é o caso aqui. Trata-se de uma resenha sobre a qual Mill fala em carta a Carlyle em duas oportunidades (25/11/1833 e 12/01/1834). Eu não tive acesso às cartas de Mill, o que seria uma boa fonte de pesquisa em outra oportunidade, bem como os livros de Stuart Mill, que preciso agora reler buscando a referência a Harriet Martineau ou a alguma de suas obras. Se a busca é realizada em livros digitais torna-se relativamente fácil afastar ou confirmar se existe ou não alguma referência. O mesmo ocorre quando é disponibilizado nas edições um índice onomástico, já que as obras do século XIX não adotavam o uso de referências bibliográficas ao final do texto principal. Por sua vez, a

alternativa de realizar buscas em livros digitalizados nem sempre é proveitosa, em razão da desconfiguração ou incompatibilidade de leitura de determinadas fontes. Numa busca superficial nas obras de Mill, tentei ver folha a folha, mas são de fato muitas obras e não obtive resultados. Procedi também a uma busca nos livros digitalizados e não foi reconhecido pelo sistema nenhuma referência a ela.

Por fim, trouxe a quarta e mais robusta resenha que ele fez sobre a obra de Martineau, ocupando 04 páginas desse número do TMR, o que indica uma possível proximidade entre ele e W. J. Fox, embora já sabido que este tinha relações com James Mill. Reproduzi por inteiro a referida resenha por entender que ela é fundamental para compreendermos Mill leitor de Martineau, a importância e a repercussão da obra da autora em meados da década de 1830. Num primeiro momento, ele explicou a proposta da autora, indicando que a série completa lembrava um “tratado elementar” sobre o assunto e um “pequeno trabalho” que ele compara com “tratados elaborados”.

1834, “Miss Martineau’s Summary of Political Economy”, *Monthly Repository*, VII, maio, 1834, p. 318-22.

EDITOR’S NOTE

Monthly Repository, VIII (May, 1834), 318-22. Signed A; not republished. Original heading as above, with footnote: “Illustrations of Political Economy, No. XXV. ‘The Moral of many Fables,’ by Harriet Martineau” (London: Fox, 1834. Gathered, without repagination, in Vol. IX of *Illustrations of Political Economy*, also Fox, 1834). Identified in JSM’s bibliography as “A review of Miss Martineau’s Summary of Political Economy in the *Monthly Repository* for May 1834” (MacMinn, 39). The one correction indicated in the Somerville College copy will be found at 226^{a-a} below.

Miss Martineau’s Summary of Political Economy

besides subjoining to each of her Political Economy Tales a brief summary of the doctrines which it was intended to illustrate, Miss Martineau has concluded the Series by a similar compendium of the whole science. We should rather say, not of the Science, but of its leading doctrines and most important applications, as taught by the highest contemporary authorities. For a science is a connected *body* of truth; the *entire* philosophy of some distinctly definable portion of the field of nature: and when it is taught as Science, that is, with a view to the perfection of speculative knowledge rather than to the readiness of practical application, the teacher aims at making such a selection of its truths, and at presenting them in such an order, as will best exhibit the connectedness of the whole, and the completeness with which it solves all the questions which a contemplation of the subject-matter suggests to the speculative inquirer. But this was not the task which Miss Martineau set before herself, nor had it been left for her to perform. Her object was, not to exhibit the science as a whole, but to illustrate such parts of it as lead directly to important practical results. Having accomplished this, she has now brought together in one series, the

principles which she had separately exemplified, and by hanging them each in its place, upon a logical framework originally constructed for the entire science, has given to the "Moral" of her "many Fables," some semblance of an elementary treatise. It would be unjust to weigh this little work in a balance in which most of the elaborate treatises on the subject would be found wanting. To all of them, perhaps, it may be objected, that they attempt to construct a permanent fabric out of transitory materials; that they take for granted the immutability of arrangements of society, many of which are in their nature fluctuating or progressive; and enunciate with as little qualification as if they were universal and absolute truths, propositions which are perhaps applicable to no state of society except the particular one in which the writer happened to live. Thus, for instance, English political economists presuppose, in every one of their speculations, that the produce of industry is shared among three classes, altogether distinct from one another—namely, labourers, capitalists, and landlords; and that all these are free agents, permitted in law and fact to set upon their labour, their capital, and their land, whatever price they are able to get for it. **The conclusions of the science being all adapted to a society thus constituted, require to be revised whenever they are applied to any other.** They are inapplicable where the only capitalists are the landlords, and the labourers are their property; as in the West Indies. They are inapplicable where the universal landlord is the State; as in India. They are inapplicable where the agricultural labourer is generally the owner both of the land itself and of the capital; as in France; or of the capital only, as in Ireland. We might greatly prolong this enumeration. It must not, however, be supposed that the science is so incomplete and unsatisfactory as this might seem to prove. **Though many of its conclusions are only locally true, its method of investigation is applicable universally; and as he who has solved a certain number of algebraic equations, can without difficulty solve all others, so he who knows the political economy of England, or even of Yorkshire, knows that of all nations actual or possible: provided he have sense enough not to expect the same conclusion to issue from varying premises.**

But it is, when not duly guarded against, an almost irresistible tendency of the human mind to become the slave of its own hypotheses; and when it has once habituated itself to reason, feel, and conceive, under certain arbitrary conditions, at length to mistake these conditions for laws of nature. Let us but be accustomed whenever we think "of" certain things, to figure them to ourselves as existing in one particular way, never in any other way, and we at last learn to think, or to feel as if we thought, that way the natural and the only possible way: and we feel the same sort of incapability of adapting our associations to any change in the hypothesis, which a rustic feels in conceiving that it is the earth which moves and the sun which stands still. (And this, we may observe, *en passant*, is one of the reasons why a *literal* understanding cannot be a good understanding, and why the greatest powers of reasoning, when connected with a sluggish imagination, are no safeguard against the poorest intellectual slavery—that of subjection to mere accidental habits of thought.) It is in this manner that in all countries the lawyer, from the habit of making the existing system his standard of comparison, and asking himself in each case as it occurs no question but this, how the case is provided for by the law as it is, becomes usually a sworn foe to all reform, merely because he cannot, for the life of him, realize the conception of any other system, or fancy what it could be like. And we think there is some danger of a similar result in the case of the English political economists. They revolve in their eternal circle of landlords, capitalists, and labourers, until they seem to think of the distinction of society into those three classes, as if it were one of God's ordinances, not man's, and as little under human control as the division of day and night. Scarcely any one of them seems to have proposed to himself

as a subject of inquiry, what changes the relations of those classes to one another are likely to undergo in the progress of society; to what extent the distinction itself admits of being beneficially modified, and if it does not even, in a certain sense, tend gradually to disappear.

We are unable at present to enter into the extensive field of speculation which these topics open to us. There is much acknowledged evil to be got rid of, before these ulterior inquiries come into immediate contact with practice: society has many incumbrances to throw off, before it can start fair on that new journey. We have to abolish all monopolies, and restrictions on trade or production for the benefit of particular classes; to pay off our debt by an impost on all kinds of property; to new-model our whole fiscal system, with a view to raise no more revenue than is necessary, to raise it in the least costly manner, and to avoid favouring any class of contributors at the expense of another; and finally, we have to lessen the pressure on the labour-market, by systematic colonization adapted specially to that end, by ceasing to give, through the maladministration of the poor laws, artificial inducements to the increase of population, and on the contrary, giving all the force we can to the natural checks. The political economists of the last and present age have taught us all this, and through their exertions it has all been put into a train of more or less speedy accomplishment. We only ask of those to whom we are indebted for so much, that they will not require of us to believe that this is all, nor, by fixing bounds to the possible reach of improvement in human affairs, set limits also to that ardour in its pursuit, which may be excited for an object at an indefinite distance, but only if it be also of indefinite magnitude.

Miss Martineau's little work is not more subject to the above criticism than works of far greater pretension; but on the contrary, less. And as an exposition of the leading principles of what now constitutes the science, it possesses considerable merit.

There is but one point of importance on which **we are obliged to differ from her. We cannot concur in her unqualified condemnation of the principle of the poor-laws. In this she is decidedly behind the present state of the science; political economists having mostly abandoned this among other exaggerated conclusions to which naturally enough they had pushed the principle of population, when they first became acquainted with it. The recent investigations of the poor-law commission,^[*] with which Miss Martineau is familiar, seem to us as conclusive in support of the *principle* of a poor-rate, as they are in condemnation of the existing practice.**

We had marked for criticism, several instances of obscurity, or insufficient explanation, and some of inaccuracy, either of thought or of expression. But they are mostly of too little importance to require notice. We shall merely note one or two; which, it will be at once seen, arise from mere inadvertency. Thus, in **page 120**, she says, that when from an increase in the cost of procuring food, wages rise, without benefit to the labourers, "capitalists must either sell their productions dearer than is necessary where food is cheaper, or submit to a diminution of their profits. Under the first alternative, the capitalist is incapacitated for competition with the capitalists of countries where food is cheaper: *under the second, the capital of the country tends, through perpetual diminution, to extinction.*" Now, a moment's reconsideration will easily show, that in the case supposed there would be no tendency to a diminution of capital, but only to the stoppage of any further increase. As well might it be said, that if you fill a vessel till it overflows, the water will continue to flow out until the vessel is empty.

Again, in **page 3**, are these words: "Productive labour being a beneficial power, whatever stimulates and directs this power is beneficial also. Many kinds of unproductive labour do this; many kinds of unproductive labour are

therefore beneficial. All labour for which there is a fair demand is equally respectable." **We are sure Miss Martineau does not mean the last assertion to be taken literally; there may be a fair demand for labour which is positively infamous.** What does she think of the labour of a quack doctor? or a conjurer? or the professional assassins who once drove so thriving a trade in Italy? **But she probably means, that unproductive labour may be as deserving of respect as productive labour. It is quite out of keeping too, with Miss Martineau's tone of thought and feeling, to assert that unproductive labour, for the purpose of immediate enjoyment, or of mental culture, is only beneficial because it may collaterally "stimulate and direct" productive labour. This cannot possibly be her meaning; but as such sentiments are often imputed to political economists, we regret that she did not more carefully avoid giving any colour to the imputation.**

But even these small blemishes are rare, and do not materially impair the value of the work: for which we may safely venture to bespeak numerous readers and a favourable reception.

(Fonte: oll.libertyfund.org/titles/mill-the-collected-works-of-john-stuart-mill-volume-iv-essays-on-economics-and-society-part-i#lf0223-04_head_052)

Mill afirmou que a obra de Martineau não tinha uma grande pretensão como a de tratados elaborados e que as críticas que ele fez a estes também se aplicariam a ela de modo menos grave, além de elogiá-la por seu mérito de discutir os mais importantes princípios que constituem a Economia Política. Dito isso, de modo diplomático, abriu a divergência e o ponto de discordância era sobre a crítica que Martineau fez ao *princípio da Lei dos Pobres*. Neste caso, referiu-se ao conto de número 25, *The moral of many fables*, volume 09. Ele elogiou a autora, mas a criticou com relação à condenação irrestrita do tema e citou a *Comissão para a Lei dos Pobres*. Mill tinha conhecimento de que neste mesmo momento Martineau tinha escrito uma série sobre a referida Lei e que havia sido contratada por membros da própria Comissão, considerando os relatos destes membros em mãos e os estudou para se pronunciar a respeito do assunto, pois ele afirmou que a autora estava "familiarizada" com essa instituição e anteriormente já havia citado *The Parish*.

No ano de 1834, Mill se referiu à "pequena obra da senhorita Martineau", o que me leva a questionar como ele se referiu a Tocqueville¹⁰, que junto a Comte é citado na autobiografia de Mill e com quem ele manteve contato por longa data. É algo que preciso averiguar e é relativamente fácil, já que a obra de Tocqueville é diminuta. Um bom tema de comparação entre Tocqueville e Martineau é quanto ao livro *Ensaio sobre*

¹⁰ Roberta Soromenho certa vez me disse que J. S. Mill havia escrito uma resenha sobre a obra de Tocqueville.

a pobreza, que é fruto de palestras que ele deu na Inglaterra, após voltar dos Estados Unidos (05/1831-02/1832). Tocqueville palestrou em 1835, para a *Sociedade Acadêmica de Cherbourg*. Entre 1832 e 1835, Tocqueville esteve na Inglaterra, mas em algum momento antes do seu casamento é provável que ele tenha estado e permanecido no território. Neste período, Martineau se consagrou como escritora aclamada e popular, o que torna praticamente impossível que Tocqueville não tivesse notícias do trabalho dela. A informação que tenho é a de que ele conheceu sua noiva durante uma viagem em 1828, sendo que 13 anos antes ela havia morado na França, com uma tia. Mas essa é uma questão que desenvolvo em outro trabalho.

Hoje, parece-me óbvio que talvez o ponto comum entre Martineau, Comte e Tocqueville seja Stuart Mill, que foi leitor dos três. Essa é uma questão importante que pode elucidar o fato de se e quando houve contato direto ou intermediado entre Martineau e Tocqueville. Jasmin (1996, p. 12) lembra que em 1836 Tocqueville escreveu o artigo *L'état social et politique de la France avant et depuis 1789*, a pedido de J. S. Mill, para a *London and Westminster Review*. Nesse período, Martineau estava ainda nos Estados Unidos de onde retornou em agosto desse ano. Tocqueville tinha algum trânsito na Inglaterra, inclusive porque tinha uma noiva inglesa, com a qual se casou em 25/10/1835, e Mill publicou os textos: *Essais sur Tocqueville et la société américaine*¹¹; “De Tocqueville on Democracy in America [I],”¹²; “De Tocqueville on Democracy in America [II],”¹³. Em sua autobiografia, Mill afirmou que fez a resenha do *Da democracia na América* ainda em 1835, quando o livro chegou às suas mãos. Mas, na autobiografia ele não citou nem uma vez Harriet Martineau, pelo que pude apurar, e não tenho notícias dele ter resenhado outros livros dela, posteriores ao *Illustrations*.

¹¹ Não encontrei a publicação original, apenas a edição de 1994, em francês, da Librairie Philosophique J. Vrin. Por isso, não sei dizer em que periódico o original foi publicado. Além disso, vale a pena uma pesquisa nas obras completas de Mill sobre Tocqueville, tal como fiz com relação a Harriet Martineau. Contudo, são 33 volumes, pelo menos, a serem vasculhados, por exemplo, na coleção disponível em oll.libertyfund.org/titles/robson-collected-works-of-john-stuart-mill-in-33-vols.

¹² *London Review*, II (*London and Westminster Review*, XXXI) (Oct., 1835), 85-129 (reprinted in part in “Appendix,” *D&D*, Vol. I, pp. 470-4; in *CW*, Vol. XVIII, pp. 47-90).

¹³ *Edinburgh Review*, LXXII (Oct., 1840), 1-47 (reprinted in *D&D*, Vol. II, pp. 1-83; in *CW*, Vol. XVIII, pp. 153-204). Neste período, Martineau chegou a atravessar a França, porém, em seguida, ficou reclusa e em tratamento de saúde em Tynemouth, onde permaneceu por 05 anos. Mas ela continuou a ler e a escrever voluptuosamente.

Para OGrady (1991), Mill fez vários comentários sobre obras de Martineau. No *Index of persons and works*¹⁴ esta estudiosa listou as seguintes:

Martineau's A Tale of the Tyne, 1833: XXIII, 638-42.
Miss Martineau's Summary of Political Economy, 1834: IV, 223-8.
Martineau's A Tale of the Tyne. JSM: "A review of Miss Martineau's 'Tale of the Tyne' in the Examiner of 27th October 1833." XXIII, 638-42.
May. Miss Martineau's Summary of Political Economy. JSM: "A review of Miss Martineau's Summary of Political Economy in the Monthly Repository for May 1834."
IV, 223-8.
ATKINSON, HENRY GEORGE (1812-90). Letters on the Laws of Man's Nature and Development, ed. Harriet Martineau (Chapman, 1851): XIV, 61-2
COMTE. (in English) Positive Philosophy of Auguste Comte Freely Translated and Condensed, trans. Harriet Martineau: XIV, 78, 126, 134-5, 139
EMPSON, William. "Illustrations of Political Economy: Mrs. Marcet—Miss Martineau": XXIII, 574-5
ROBERTSON, John. "Miss Martineau's Western Travel": I, 605; XIII, 367q.
WESTMINSTER REVIEW. "Martineau and Atkinson on Man's Nature and Development": XIV, 61-2.

E nos *Subject Index*:

Phrenology
subject of, recommended to Martineau,
XVII, 1966

Harriet Martineau, IV, 225-8; XXIII,
638

James Martineau and, XVI, 1181, 121
1219
recommended, XV, 819
mentioned, XVI, 1293, 1295, 1297,
1298

James Martineau's view of, XII, 236

Além disso, citou especificamente, as referências que constam nas páginas 265 e 266, seguidas de referências ao irmão caçula da autora:

MARTINEAU, HARRIET (1802-76): XII, 140-1, 145, 152, 197, 209, 236, 342, 351-6;
XIV, 53, 177; XXIII, 554, 575, 638-9; XXIX, 388-9
----- "The Brewing of the American Storm": XV, 802

¹⁴ Compartilhado comigo por Maria-Rocío Navarro-Fosar.

----- The Charmed Sea: XXIII, 554
 ----- "Domestic Service": XIII, 386
 ----- Household Education (Moxon, 1849): XVI, 1469
 ----- Illustrations of Political Economy: XXI, 315
 ----- "Martyr Age of the United States": XIII, 389
 ----- "Miss Sedgwick's Works": XII, 343, 349, 351
 ----- "The Moral of Many Fables": IV, 225-8 rev, 228q
 ----- The Parish: XXIII, 574
 ----- Retrospect of Western Travel (Saunders and Otley, 1838): XIII, 367
 ----- Society in America: I, 433q, 434, 435q, 459; XII, 342
 ----- Suggestions towards the Future Government of India: XXX, 83
 ----- A Tale of the Tyne: XXIII, 638-42 rev, 639-41q
 ----- "The United States under the Presidentship of Mr. Buchanan": XXI, 136
 ----- trans. Positive Philosophy, by August Comte: XIV, 78, 126

MARTINEAU, JAMES (1805-1900): XII, 246, 258, 264, 281, 301, 389; XV, 693-4; XVI, 1211, 1219, 1222. LETTERS TO: XII, 247, 264-5; XIII, 476-7; XVI, 1180-1; XVII, 1961-2, 1965-6
 ----- "Bentham's Deontology": XII, 236
 ----- "Catholic and Protestant Claims to Infallibility": XII, 264n, 301-2; XVII, 1961-2, 1966
 ----- Introductory Lecture (Simpkin, Marshall, 1841): XIII, 477
 ----- "John Stuart Mill": XV, 638, 640
 ----- "Life of Channing": XIV, 7
 ----- "On the Life, Character, and Works of Dr. Priestley": I, 59In; VII, 481; VIII, 857-8q; XII, 236-7, 258; XVII, 1961; XXIII, 561-2
 ----- The Rationale of Religious Inquiry (Whittaker, 1836): XVII, 1966

Cabe destacar que fez menção à tradução que Martineau fez de Comte. Em contrapartida, além da menção que Martineau faz a ele em sua autobiografia, ela também o citou no texto de 1858, publicado anonimamente no *The Spectator*, no qual ela se questiona o que é a "Ciência Social", ironicamente entre aspas. Nele ela cobrou uma definição clara e principiológica acerca do que se entende pelo termo. Ela não fez referência a sua obra *Como observar*, publicada 20 anos antes, mas citou como exemplo:

Hence John Stuart Mill, in his last work on Logic, —which sold off "like a novel", so greedy is society of being educated in these things, —has promised us a new work on "Sociology"; the first attempt towards placing "social science" upon something like a scientific basis. We do not disparage the attempt by any presumption that it must at once jump to completeness. No science is complete. The very latest investigations into the most material sciences, astronomy, geology, physiology, prove to us that we are but scratching on the surface, but picking up stones on the borders of a dark, boundless ocean, but asking questions of the beings around us. (Martineau, 1858, p. 16)

Voltando a Tocqueville, ledo engano o meu achar que Mill tivesse algo a ver com o contato entre Martineau e o primeiro autor. Talvez até tivesse, não sei, não tenho

como demonstrar isso por ora, mas fato é que a única menção que encontrei foi em correspondências entre Tocqueville e Gustave de Beaumont, que era outro escritor contemporâneo a eles. Gustave também era juiz na França e amigo de Tocqueville, com quem viajou para os Estados Unidos, com a justificativa de que iriam conhecer o sistema prisional daquele país (Alcântara, 2020). O que pude apurar é que Beaumont escreve a Tocqueville informando acerca do livro *Sociedade na América* publicado por Harriet Martineau, sendo que o primeiro volume de *Da Democracia na América* havia sido publicado em 1835. Essa informação aparece em Pierson, num livro publicado em 1938, que foi reimpresso em 1996¹⁵. Em suas palavras:

“For that reason he rarely consulted any but the most intimate friends while in the process of composition, and he even adopted the extraordinary course of never reading contemporary books or articles on his own immediate subject. **When Beaumont mentioned Harriet Martineau’s travel book, he did not read it.** There is no record of his having consulted Capt. Hall, or Mrs. Trollope. The appearance of Chevalier’s first letters from the United States made him uncomfortable, but he did not alter his procedure. Because he was afraid of being influenced, of having his thoughts jolted from the path of strict logic and rigorous deduction, he thus denied himself a very material assistance that might have been his.*” (Pierson, 1996, 726)

Mas essa não é uma afirmação solta e sem lastro proferida por Pierson (1996). Ele se baseou em cartas trocadas entre Tocqueville e Beaumont. Mas a preocupação dele não era apenas quanto à obra específica de Martineau e sim com qualquer obra a respeito dos Estados Unidos naquele período. Embora afirme que não lia o que saía a respeito do assunto sobre o qual estava escrevendo, ele perguntava a Beaumont o que pensava após ter lido os textos. Isso fica claro na passagem abaixo:

“‘Blosseville informed me the other day that Chevalier’s book had appeared,’ Tocqueville wrote to Beaumont in 1836. ‘You realize that I am always on the qui vine where America is concerned. Yet I will not read Chevalier’s work; you know that it’s a principle with me. Have you glanced at it and, in that case, what do you think of it? What is its tone? What is its object? Also, what impression is it making in the world? And in what way might it be prejudicial to the philosophico-political work that I am preparing? If, without distracting yourself, you can reply to these questions, you will do me pleasure.’ Toe. to Bt., Baugy, 4 Nov. 1836 (BB).

¹⁵ Essa versão me foi gentilmente cedida por Rocío Navarro a quem agradeço não só essa colaboração mas toda a partilha da pesquisa e dos achados, como mencionei em várias passagens nesta tese.

Again, in 1837, he wrote to the same friend: 'What you tell me about Miss Martineau's book makes me uncomfortable. You appreciate that on such subjects I am what the English call touchy. Every time that I hear America spoken of, and well spoken of, I experience a veritable uneasiness. I realize perfectly that I ought to publish soon. But what am I to do? I am incapable of publishing things with which I would be dissatisfied. It's better to arrive too late than to utter pauvretes.' Tocqueville, 9 July 1837 (TT)."

Resta agora destacar como e se Martineau apareceu referenciada nas obras de Beaumont, que era o informante de Tocqueville, responsável por ler e comentar, o que ele não “queria” ver, ler ou “ter notícias”, ironicamente falando lógico.

Por outro lado, sempre tive dificuldades de identificar menções de Martineau a Tocqueville, até que comecei a buscá-las em sua obra da maturidade e velhice. Não sei dizer se existem outros textos que fazem referência a Tocqueville ou a sua obra, mas em 1861, em um artigo do *Once a Week*, chamado *Representative Men*, ela se dedicou a falar sobre Maquiavel, Montesquieu e De Tocqueville (grafia que ela utilizou)¹⁶.

Uma autora contemporânea de Martineau foi a francesa Flora Tristan, que a citou em seu livro *Paseos en Londres* (1840), demonstrando que a autora já era conhecida, inclusive, na França neste período¹⁷. A citação transcrita abaixo, apesar de ser a única referência que encontrei sobre Martineau nessa obra, trouxe elementos importantes para a análise. Primeiro, porque colocou Martineau num patamar elevado, alertando para o fato de que suas análises enfrentavam questões graves e de impacto para a sociedade inglesa e listou outras mulheres inglesas que atuavam no campo literário da época. Segundo, porque indicou estranhamento ao alegar que esse grupo citado não se dedicava à libertação das mulheres. Muito provavelmente ela mencionou isso por desconhecer a obra de Martineau, já que citou apenas seus textos de Economia Política. A própria Martineau já havia indicado, tempos atrás, como as mulheres francesas estavam caminhando mais rapidamente para uma libertação do que as demais. Por fim, Tristan citou Mary Wollstonecraft como uma grande referência para as lutas feministas e seu *apagamento*, com a não publicação de novas edições e a calúnia amplamente difundida sobre seu trabalho.

¹⁶

Fonte: webfacil.tinet.cat/usuarios/ronafo/Harriet_Martineau__1861__Representative_Men._Political_Philosophers_OK1_20240615085958.pdf

¹⁷ Ouvi tal referência pela primeira vez das estudiosas de Flora Tristan, Luna Campos e Eliana Debia.

“Las mujeres autoras se ocupan también, en Inglaterra, de los temas más graves. La señorita Martineau ha escrito unas obras muy notables sobre economía política; la señora Trollope ha publicado un viaje a América del Norte que ha tenido mucho éxito; la señora Gore ha escrito novelas cortas muy bellas acerca de las costumbres y la historia polaca, la señora Shilly hace versos plenos de melodía y de sentimiento. Muchas de estas damas escriben en revistas y periódicos; pero veo con profunda aflicción que todavía ninguna ha abrazado la causa de la libertad de la mujer, de esta libertad sin la cual todas las otras son de tan corta duración, de esta libertad por la cual conviene a las mujeres autoras especialmente que combatan. Las mujeres autoras en Francia, desde este punto de vista, han aventajado a las inglesas. Sin embargo, una voz de mujer se hizo escuchar en Inglaterra hace medio siglo, voz que toma en esta verdad con la cual Dios ha marcado nuestra alma, un poder irresistible y una energía resplandeciente; voz que no tiene miedo de atacar uno a uno los prejuicios y de demostrar la mentira y la iniquidad. Mary Wollstonecraft, ha titulado su libro: «A vindication of the rights of woman» (Defensa de los derechos de la mujer); apareció en 1792.

Este libro fue agotado desde su aparición, lo cual no le ahorró a su autora el suplicio de la calumnia. No fue publicado sino el primer volumen y se ha vuelto extremadamente raro. No pude encontrarlo para comprarlo y de no haber tenido un amigo que me lo prestó me habría sido imposible leerlo. La reputación de este libro inspira tal horror que, si vos habláis aun a las mujeres del dicho progreso, ellas os responderán con un movimiento de horror: ¡Oh, es un libro muy malo! ¡Ah! La calumnia cae a menudo sobre la celebridad de mayor mérito; trasmite sus odios de generación en generación y no respeta la tumba, ni la gloria misma la detiene.” (Tristan, s/d, p. 142)

Charles Knight (1791-1873)¹⁸ escreveu *Mind Amongst the Spindles: A Miscellany, Wholly Composed by the Factory Girls*, em 1845. Este livro apresentou em sua capa a referência ao fato de que contava com uma carta de Harriet Martineau, que na verdade é um tipo de introdução ao texto principal. O editor da obra a citou fazendo referência ao *Sociedade na América* ao falar sobre o estudo que ela realizou a respeito das mulheres que trabalhavam nas fábricas. Knight é citado no livro de Holyoake (1905) como um amigo de Martineau, que chegou a ser considerado por ela como o responsável por escrever a sua biografia, antes que ela mesma decidisse fazê-lo. Obviamente, neste período, a autora já era reconhecida como uma autoridade no assunto da pesquisa de campo e da pesquisa social, além de ter destacado em suas publicações a mão de obra manufatureira e o trabalho majoritário que as mulheres, ou melhor, como também preferiu Knight, as garotas norte-americanas desempenhavam nas tecelagens dos Estados Unidos. Creio que o mesmo Knight foi citado por Karl Marx, em *O Capital*, porém, se Knight tomou Harriet Martineau como grande referência que o apresentou à comunidade de leitoras(es), Marx a retratou com escárnio, 22 anos depois.

¹⁸ Foi o editor de *Como observar*.

Antes de falar a respeito, lembro que em 1856, no livro *Men of the time*, de Thomas Humphry Ward¹⁹ existe um verbete sobre Martineau, da página 881 a 885, no qual o autor a identificou como “the Political Economist *par excellence*”. Martineau teve a oportunidade de criticar esse texto quanto à trajetória da família e a tradição familiar ligada à medicina (não à manufatura), à interrupção do trabalho durante os períodos de doença (trabalhou continuamente mesmo adoentada), a ida aos Estados Unidos (em 1834, não 1835) e o fato de ter encerrado a carreira após traduzir o livro de Auguste Comte (publicou por mais 23 anos), como foi relatado pelo autor. Navarro-Fossar (2021, p. 302) comenta acerca desse embate no qual Martineau criticou o relato que o autor fez a seu respeito.

“En dicha carta, que se conserva íntegra, la autora reclama que, al realizar su breve biografía —apenas siete páginas de tamaño bolsillo—, se deben rectificar múltiples errores y, además, incluir en futuras ediciones que también es autora de *Household Education*, «uno de los mejor recibidos y más importantes de mis libros» (trad. a.) (Harriet Martineau 1877 II: 406).”

De qualquer forma, mesmo com críticas severas de Martineau a essa obra, que pediu retratação do autor, algumas afirmações interessam diretamente a esse capítulo.

“The occupation of authorship, at first adopted from inclination, was soon rendered necessary by pecuniary disasters in the family; and **Harriet Martineau made herself independent, by literary exertion, some time before her reputation was generally established.**” (Ward, 1856, p. 881) (*Grifos meus*)

O comentador também traz uma abordagem que destaca características pessoais associadas ao esforço da autora e a um tipo de cultivo intelectual e da escrita.

“It was by no means Miss Martineau's fate to enter on her vocation of authoress with powers matured, experience gained, or theories firmly established: she has been, at the same time, a learner and a teacher, an example of the great principle of progress which she has advocated. Thus happens that her earlier works cannot be considered the master-pieces of her intellect; but they nevertheless constitute no unfitting foundation for them, having been distinguished invariably by vigour and lucidity of style, and a direct moral aim more or less elevated.” (Ward, 1856, p. 882)

¹⁹ O nome de Martineau aparece no Sumário da Coleção com indicação para a 9ª edição. Essa obra foi publicada pela primeira vez em 1856. Recebi o livro de Rocío Navarro após várias buscas infrutíferas pelo volume em que Martineau era citada.

Outra questão que ele aponta é a preocupação de Martineau com as classes menos favorecidas e com a desigualdade econômica e social: “[...] in all of which the writer evinces her strong interest and sympathy with the lower classes of society” (Ward, 1856, p. 882).

Apesar das críticas recebidas da autora, Ward foi feliz em registrar vários textos de autoria de Martineau, com nome completo e data de publicação, além de comentários muito pertinentes em termos gerais. Num texto claro e sóbrio, bem-informado, inclusive, contendo dados que chamam a atenção pelo relato atento e cuidadoso ao descrever a trajetória de vida e profissional da autora. Mal sabia Martineau que esse seria um tipo de trabalho que podemos hoje destacar como único em face aos outros do século XIX e início do XX, que se concentraram em alguns poucos elementos, sem dar informações mais abrangentes e que passaram a resumir Martineau a tradutora de Comte com uma autobiografia de impacto negativo.

“Whether or not their rejection by the leading publishers was based on a similar difficulty is uncertain; probably they might have preferred the illustration without the principle; but certain it is that the authoress encountered many failures before she met with a publisher sufficiently bold to undertake the enterprise. When the first number appeared, however, it was universally read; the fresh issue at the commencement of each month was anxiously looked for; new editions were repeatedly demanded; and translations followed quickly into French and German. Apart from their professed object, indeed, these tales embodied so many delicate yet powerful delineations of character, such varied and vivid interest in the conduct of their plots, as raised their author to a place amongst imaginative writers of the first class, and offered attractions to readers who would have been content to remain for ever ignorant of the mysteries of political economy.” (Ward, 1856, p. 883)

Ward não se resumiu a citar as obras, mas de comentar a respeito delas e sobre o processo editorial. Particularmente, traz um dado importante sobre o livro *Como observar*, na medida em que associa ele aos guias domésticos produzidos pela autora. Isso nos diz algo sobre como a entrada desta obra pode ter ocorrido, sendo associada ao trabalho doméstico ou ao ensino/treinamento não intelectual, com isso, de menor qualidade ou importância.

“In 1835 Miss Martineau visited America, where her writings had secured for her many friends and admirers; and having applied her whole mind to the task of acquainting herself with the institutions and characteristics of the nation, she published in 1837, ‘Society in America;’ a work in which, setting aside all personal detail, she discusses the politics, domestic economy, civilisation, and religion of the United States. The sagacity, even candour, which was brought to bear on this examination, has been acknowledged, in a measure, by Transatlantic critics; although the English authoress never hesitates to bear witness to such discrepancies as she observed between the ‘principles and the practice’ of their country. A ‘Retrospect of Western Travel,’ which appeared a year later, comprised those personal experiences of her tour which had been omitted from the more profound work; and included some of the most distinct and characteristic portraiture of the illustrious of America which had ever been penned for our information. **Shortly afterwards, Miss Martineau contributed to ‘Knight’s Series’ a useful little volume, called ‘How to Observe,’ addressing itself to all classes; and descended still further from the intellectual heights to which she had in various instances attained,** by the compilation of three guides to service, entitled ‘The Maid-of-All Work,’ ‘The Housemaid,’ ‘The Lady’s Maid,’ and a fourth called ‘The Dressmaker,’ containing technical aid for those who followed that occupation.” (Ward, 1856, p. 883) (*Grifos meus*)

Ou, ainda, quando retratou o declínio de sua produção e reconhecimento e associa isso à viagem ao Oriente Médio e seu abandono da religião. Também indica que a vinculação de Martineau a Atkinson, “seu professor”, era muito forte e que ela era suscetível à influência dele:

“Her impressions of the scenes she passed through were portrayed with her usual vigour, two years afterwards, in ‘East ern Life, Past and Present.’ The effect, however, of her clear descriptions and ordinarily acute thoughts is impaired by a tone of **speculative infidelity**, which prepared her readers, in a measure, for **that melancholy display of religious disbelief which is to be found in a subsequent work; a series of ‘Letters on the Laws of Man’s Social Nature and Development,’ interchanged between herself and Mr. H. G. Atkinson, a mesmerist, and which was published in 1851. Shallow and illogical in reasoning, based, it would seem, solely on a profound faith in her correspondent’s infallibility as a teacher** (to which faith all higher and purer beliefs are sacrificed), this book could injure no one whose judgment was not warped by a similar influence. Happily Miss Martineau is strong only in a good cause, although equally sincere and earnest, for the time being, in a bad one. Those who bear in mind the memory of her repeated efforts for the benefit of her kind, and the echo of her many fine intellectual utterances, can only mourn that this blight should have passed over her later years, and hope that she may yet see cause to acknowledge, as she has done many a time before in connexion with less important principles, that the ground which seemed to her an immoveable rock was after all but shifting sand. Previous to the publication of the last-mentioned volume Miss Martineau had appeared before the public in a new literary character- that of historian. Her ‘History of England during the Thirty Years’ Peace’ has been very generally approved for its vigour and impartiality. With a free and condensed translation of Comte’s ‘Positive Philosophy’ the catalogue of Miss Martineau’s labours concludes; and, judged by it, she must be acknowledged to have rendered many real

services to the literature of her country. For some time past she has been leading an active life on her little farm near Amble side; exciting the envy of local agriculturists by the practical success of her experiments; and controverting the popular fallacy that the higher orders of intelligence, in women especially, are inapplicable to the ordinary affairs of life. At the sociable north-country fire sides, at which Miss Martineau often takes her seat, she has been described as a pleasant, genial companion, despite her deafness; full of information and literary anecdote, and emitting from time to time flashes of wit and imagination, and tokens of kindly, and benevolent feelings to all around her.” (Ward, 1856, p. 884) (*Grifos meus*)

Por fim, Ward também destaca o fato de que em diversos momentos Martineau voltou atrás em afirmações e assumiu uma postura de humildade científica que marcou a sua carreira.

Karl Marx (1818-1883), no Livro I, Volume 02, Capítulo 23 *A lei geral da acumulação*, no Tópico 03 *Produção progressiva da superpopulação relativa*, de *O Capital*, publicado em 1867, qualificou Martineau, numa nota de rodapé, como “velha solteirona”. Fiz um destaque ao fato de a referência ter sido numa nota de rodapé porque ele sequer se dignou a considerá-la indicada no corpo do texto e a abrir a divergência de modo ético e científico. Nesse período, a autora tinha 65 anos e não sei dizer se ela soube ou se manifestou sobre isso, o que demanda mais uma pesquisa específica sobre este período na vasta obra de Harriet Martineau. Nesse mesmo livro, Marx citou Tocqueville, James Mill, Stuart Mill, Comte, Owen, Lassalle, Proudhon, Burke e Babbage, por exemplo, restando investigar em quais termos isso foi feito, o que cabe bem em uma outra pesquisa. Mas, já adianto a dúvida: afinal, essa forma era dispensada com todos os intelectuais divergentes ou apenas com as mulheres?

No trecho que mencionei, Marx fez a referência a uma das novelas que Martineau escreveu entre 1832-1834, *Manchester Strike*²⁰, tendo ele se referido à autora como uma representante da Economia Política.

Depois de ter assim explicado a produção constante de uma superpopulação relativa de trabalhadores como uma necessidade da acumulação capitalista, **a economia política, desempenhando o papel de uma velha solteirona, põe na boca do *beau ideal* (belo ideal) de seu capitalista** as seguintes palavras, dirigidas aos ‘supérfluos’ postos na rua por sua própria criação de capital adicional: [...]. (Marx, 2022, p. 746) (*grifos meus*)

²⁰ Eliana Debia me passou essa informação e Tabata Berg me ajudou a verificá-la.

Martineau ficou reclusa a partir de 1855, com seu adoecimento, mas isso não impediria Marx de conhecer o trabalho dela. Uma das questões a serem verificadas, era quais obras ela publicou após a chegada de Marx à Inglaterra, que morou em Londres de 1849 a 1883. Implica ter que admitir que nesses 06 anos entre a chegada dele e a reclusão da autora, certamente poderiam ter se esbarrado em algum momento, embora Martineau já não morasse em Londres desde 1839, quando adoeceu gravemente, tendo permanecido reclusa, em Tynemouth, e, ao se recuperar, se mudou em 1844 (05 anos antes da chegada de Marx) para a região dos lagos. Depois disso, ela viajou para o Oriente, se mantendo muito ocupada ainda com a produção de livros e artigos. Mesmo morando na região dos lagos, seu nome e seus textos continuavam a circular. No Capítulo II, abordei a vida de Martineau nesse intervalo de tempo e, no Capítulo IV, a obra. Livros importantes como *Eastern life, Household education*, textos sobre a história, a política da Inglaterra e o censo de 1851 e de uma atuação mais forte em periódicos, que a tornou ainda mais popular e conhecida. Portanto, sabemos o que ela estava fazendo. Nesse momento, Marx estava discutindo a luta de classes e a política externa. De 1857 em diante ele começou a se dedicar à economia. Não sei informar se Martineau citou Marx, quando e em qual obra ou circunstâncias. Dos canonizados, Marx é o mais velho, por isso, o mais óbvio seria procurar em suas obras alguma referência à autora. De igual modo, Friedrich Engels. Ambos chegaram a citar o trabalho de Flora Tristan e, portanto, podem ter tido contato com a obra de Martineau. Além disso, foram 28 anos convivendo no mesmo país e com ambos ativamente no circuito intelectual.

As Coleções da Editora Boitempo, no Brasil, especializada em Marx e Engels, facilitam esse tipo de busca, na medida em que oferecem ao público leitor um índice onomástico que facilita a confirmação da presença de algum tipo de menção à autora. Neste caso, tanto a Coleção Marx, quanto a de Engels, facilmente nos permitem a verificação preliminar, confiando que todos os nomes foram devidamente lançados. Mas nem todas as edições possuem esse instrumento facilitador de pesquisa. Por essa razão, outros métodos também devem ser usados neste processo. Entre eles, a busca no arquivo digital original ou digitalizado e portais de buscas na internet. Ocorre que a busca que realizei em plataformas de livros antigos tomou por referência o “assunto”, não se referindo a uma busca dentro (no miolo) das obras de autores específicos, o que valeria uma outra pesquisa considerando-se: Em que medida autoras(es) clássicas(os)

ou canonizados publicaram sobre ou se referiram a Harriet Martineau em suas obras? Isso precisa ser feito entre clássicas(os) e canonizados, tomando-se por referência a datação da obra e não a “recepção”. No primeiro caso, Charles Babbage (1791-1871), Alexis de Tocqueville (1805-1859), Frédéric Le Play (1806-1882), Georg Simmel (1858-1918), Beatrice Potter Webb (1858-1943), Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), entre outros. No segundo, Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920). Existe, portanto, muito trabalho a ser feito nesse sentido e muitas pesquisas de mapeamento e descritivas que contribuam para a compreensão dessa situação.

Quadro 03 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas de 1877 até 1926

Data	Título ou periódico	Autor(a)	Editora	País/língua	Tipo
1876	<i>Heroines of freethought</i>	Sara A. Underwood	Charles P. Somerby	EUA/inglês	Capítulo
1877	<i>The lessons of a life, Harriet Martineau: a lecture delivered 11/03/1877</i>	Florence F. Miller	The sunday lecture society	Inglaterra/inglês	Livro
1878	<i>Women of fashion and representative women in letters and society (volume II)</i>	W. H. Davenport Adams	Tinsley Brothers	Inglaterra/inglês	Capítulo
1882	<i>Miscellaneous essays</i>	W. R. Grey	Trubner & Co., Ludgate Hill	Inglaterra/inglês	Capítulo
1884	<i>Harriet Martineau</i>	Fenwick Miller	W. H. Allen e Co.	Inglaterra/inglês	Livro
1884	<i>Some literary recollections</i>	James Payn	Harper & Brothers, Franklin Square	EUA/inglês	Capítulo
1886	<i>Daughters of genius</i>	James Parton	Hubbard Brothers	EUA/inglês	Capítulo
1886	<i>Queens of literature of the Victorian era</i>	Eva Hope	Walter Scott	Inglaterra/inglês	Capítulo
1887	<i>Pen-portraits of literary women: by themselves and others</i>	Ed. Helen Gray Cone and Jeannete L. Gilder	Cassell & company, limited,	EUA/inglês	Capítulo
1887	<i>Word portraits of famous writers</i>	Ed. Mabel E. Wotton	Richard Bentley & Son	Inglaterra/inglês	Capítulo
1889	<i>Some eminent women of our times: short biographical sketches</i>	Henry ou Dame Millicent Garret Fawcet	Macmillan and Co.	Inglaterra e EUA/inglês	Capítulo
1892	<i>Famous types of womanhood</i>	Sarah Knowles Bolton	Thomas Y. Crowell & Co.	EUA/inglês	Capítulo
1892	<i>Twelve English authoresses</i>	Lucy Bethia Walford	Longmans, Green and Co.	Inglaterra e EUA/inglês	Capítulo

1892	<i>Women writers: their works and ways (second series)</i>	Catherine J. Hamilton	Ward, Lock, Bowden and Co.	Inglaterra e EUA/inglês	Capítulo
1897	<i>Nineteenth century questions</i>	James Freeman Clarke ²¹	Houghton, Mifflin and Co.	EUA/inglês	Capítulo
1898	<i>Women and economics</i>	Charlotte Perkins Gilman	Small, Maynard & Co.	EUA/inglês	Menção
1903	<i>Celebrated women travellers of the nineteenth century</i>	William Henry Davenport Adams	E. P. Dutton & co.	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1904	<i>An autobiography</i>	Herbert Spencer	D. Appleton & Co.	Estados Unidos/inglês	Menção
1905	<i>Bygones worth remembering</i>	George Jacob Holyoake	E. P. Dutton & co.	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1908	<i>As others see us: a study of progress in the United States</i>	John Graham Brooks	The Macmillan Co.	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1909	<i>Critical miscellanies, vol. III</i>	John Morley	Macmillan and co., limited	Inglaterra/inglês	Capítulo
1911	<i>The man-made world or our androcentric culture</i>	Charlotte Perkins Gilman	T. Fisher Unwin	Inglaterra/inglês	Menção
1913	<i>Women of history</i>	Willis J. Abbot	The John C. Winston Co.	EUA/inglês	Capítulo
1916	<i>Little journeys to the homes of the great</i>	Elbert Hubbard	Wm. L. Wise & Co. Book by The Roycrofters	EUA/inglês	Menção

Fonte: Elaborado pela autora

O segundo período temporal aqui analisado, abarca as publicações após a morte de Harriet Martineau. Não sendo possível comentar todos os textos mencionados nos Quadros, farei apenas o destaque quanto a alguns. Em um momento posterior, pretendo publicar a análise detalhada do perfil destas publicações e do conteúdo.

O primeiro livro que destaco é de 1882, *Miscellaneous essays*, de William R. Grey (1809-1881), que da página 176 a 205 possui o Capítulo Harriet Martineau. Nele, o autor comentou sobre a autobiografia, se referindo a Martineau como “remarkable woman”, confirmando que a obra havia sido vastamente conhecida: “THE biography of this remarkable woman has been received by the public with the eagerness and interest which her fame and her works were pretty sure to command, and has been so widely read that all who see this notice may be confidently assumed to be familiar with the

²¹ Em 1877, publicou o artigo “Harriet Martineau”, no *The North American Review*.

book itself.” (Greg, 1882, p. 176). Porém, na sequência, segue a crítica contumaz que merece ser transcrita por inteiro:

“But, deeply interesting as the work is, it is impossible to deny that it has given more pain than pleasure to large numbers of those friends who knew her best and valued her most truly. Her own autobiography does her so much less than justice, and the needless, tasteless, and ill-conditioned memorials of the lady to whom she injudiciously entrusted the duties of editor, have managed to convey such an unsound and disfiguring impression of her friend, that the testimony of one who enjoyed her intimacy for many years, and entertained a sincere regard for her throughout, seems wanted to rectify the picture.” (Greg, 1882, p. 176) (*grifos meus*)

Neste sentido, portanto, fica claro desde já que o autor, que se dedicou a ensaios sobre assuntos diversos neste livro, reservou um capítulo especificamente para dar conta da polêmica envolvendo a autobiografia de Harriet Martineau e o estrago que tal publicação teria provocado à imagem dela. Para tanto, ele se identificou como um amigo que manteve uma relação próxima com a autora e que poderia dar seu testemunho a esse respeito. Greg alegou que toda autobiografia é por si só “egoísta” e que a esse respeito nada pode ser feito, mas, complementou:

“We cannot claim from the painters of their own portraits, or the writers of their own lives, that they shall tell us truly what they were, only that they shall tell us truthfully what they appeared to themselves to be and this requisite of biography Miss Martineau rigidly fulfils. Writing invariably with the most patent candour and courage, she *tells* the truth wherever and so far as she could see it, and *betrays* it almost as plainly where it was obviously hidden from her eyes.” (Greg, 1882, p. 177)

Ou, ainda:

“She describes herself, from her first sudden plunge into publicity and fame in 1832 (when the extraordinary success of her Political Economy Tales took the world by surprise), as run after, feted, flattered, beset with admirers, haunted and beleaguered by politicians who wanted to use her, publishers who wanted to secure her services, worshippers of celebrity who wanted her presence in their saloons, real adorers of talent and worth, who out of simple kindness and interest wished to know and to befriend a writer of such rare promise; and she narrates all this with a certain natural excitement and vividness of colouring which irresistibly convey the impression of exaggeration. The answer is that all this was true. The London world did run after her in a fashion to which it is often prone. Her advent created a sensation which was extraordinary, which, looking back upon the circumstances, seems now somewhat disproportionate to its cause, and which continued for a longer period than is usual with sudden enthusiasms of

that nature. The *digito monstrari et dicier hoec est* haunted her steps for many years and in far-distant scenes." (Greg, 1882, p. 178)

E Greg destacou o que considerava ser o mais doloroso em seus relatos:

"The tone in which she speaks of at least half her London acquaintances, her sketches of friends and foes alike, the sovereign contempt in the one set of portraits, the rancorous animosity in the other, and the utter injustice and almost libellous character of many, are probably the features of her book which will leave the **most painful impression**. The Whigs, as a body, though the party to whose gallant efforts the wonderful progress of the nation in those days was incontestably due, were, for some reason or other, the objects of her vehement detestation." (Greg, 1882, p. 180) (*grifos meus*)

A análise vinda de um amigo de longa data surpreende por se dizer alheio a essa possibilidade, como se não fosse da natureza dela. É o que ele demonstrou com a citação a seguir, ao afirmar que Martineau deixou elementos escritos que depõem contra a sua própria imagem, desvirtuando seu comportamento e deixando a impressão de que ela se comportava de modo vil com seus conhecidos.

"Now it is difficult for those who read this gallery of portraits shallow, contemptuous, condemnatory, and curiously astray as, in spite of occasional shrewdness, they for the most part are who remember, too, that they are the judicial sentences delivered posthumously upon a number of eminent contemporaries by a writer whose most marked characteristic it was that she would neither endure nor pardon the faintest censure on herself, nor admit for a moment that any human being had the slightest claim to sit in judgment on her, far less to express an opinion or pronounce a verdict and who find that these depreciating pictures were painted, laid by in closets, embalmed for the enlightenment of posterity, for twenty years before the painter's death without any dream of revision it is difficult for readers not to receive the impression that Miss Martineau was essentially ill-natured and given to bitterness and depreciation. In conveying this impression she does herself grievous injustice. There has seldom been a more kindly-hearted or affectionate person, or even one more given to an over-estimate of her friends, perhaps even more prone to make idols out of not quite the finest clay, more watchfully considerate to all dependent upon her, more steadfastly devoted to those who had once got hold of her imagination or attachment, unless they tried her constancy too hardly by criticism, opposition, or condemnation. All her geese were swans. All her servants and junior relatives were devoted to her, and with good reason, for there was a vast element of geniality about her. In spite of the painful description she gives of her early life (which we believe her connections scarcely recognise as faithful), she was, we should pronounce, from the time she had once found her work and made her mark, a singularly happy person; and continued to grow happier and happier, illness notwithstanding, till near the end. Her unflinching belief in herself, her singular exemption from the sore torment of doubt or hesitation, helped to make her so. Now, happy people, where really good-hearted and sociable, are genial; their enjoyment is so simple and

genuine, and their confidence in the prompt cordial sympathy of those around them is so undoubting and so provocative of response. The charm of Harriet Martineau's inter- course (passing over the fits of indignation her dogmatic damnation of your bosom friends would often rouse) may be understood by those who read the "Sixth Period" of her autobiography especially the description of the joyous epoch when, in the midst of rest, and health, and vigour, she settled among the lakes and mountains of Westmoreland, built her Windermere home, and reorganised her recovered life for a fresh burst of animation and productiveness." (Greg, 1882, p. 182)

O que me leva a pensar que tipo de situação na qual Martineau se encontrava neste período e que seus(suas) conhecidos(as) desconheciam e sobre as quais ela simplesmente não ousou voltar atrás em seus últimos 21 anos de vida. É um livro que precisa ser considerado na íntegra e que traz passagens muito lúcidas que abordam a personalidade de Martineau, sua teimosia, impaciência, autoconfiança, coragem, impetuosidade, segurança, seu caráter "ardente", sua extrema inteligência e capacidade, além da "arrogância" ao proteger seu trabalho e ter a certeza do que queria e como iria fazê-lo, de um lado, com a sua consciência, generosidade e afetuosidade que marcavam suas relações. Em outras palavras, o autor nos explica que Martineau não se submetia, sabia que era a personagem principal de sua vida e o quanto isso lhe custou após anos de respeito às limitações impostas pela família, pela religião, pelo Estado e por outras instituições, principalmente na sua condição de mulher. Embora sejam 29 páginas bem escritas e com apontamentos muito claros e aparentemente honestos sobre o que foi e como produziu Martineau ao longo de sua vida, o espaço para este capítulo em particular é curto e não cabe discutir uma única referência em exaustão, pois preciso ainda expor outros livros selecionados como ilustrativos do período e mesmo da opinião pública. Todavia, quero destacar que Greg atribuiu à surdez uma sucessão de erros de julgamentos que Martineau não teria percebido e que tal deficiência a desqualificava para observar e para julgar. Outro momento, diz respeito ao "movimento anti-teológico", como Martineau preferia chamar, que levou uma menina unitarista religiosamente ortodoxa (até para os unitaristas) a ir se desfazendo desses dogmas por meio da sua capacidade de questionamento e da sua curiosidade, mas que desembocaria no encontro com a filosofia positiva que se apresentava quase como uma nova religião. Ao final, ele retratou uma autora que estava sozinha e isolada, o que a

levou a se aproximar e a referendar as ideias de Atkinson, como se ela fosse passiva às suas influências e refratária a todas as demais.

Figura 11 – Busto de Harriet Martineau



Anne Whitney, Harriet Martineau, 1882, Davis Museum, Wellesley College
Fonte: www1.wellesley.edu/davismuseum

O segundo livro para o período considerado é a biografia escrita por Florence Fenwick Miller (1854–1935) e publicada em 1884, que chama a atenção pelo fato de tentar insistentemente demonstrar uma intelectual “verdadeiramente feminina”. Como vimos no início deste capítulo, essa não era uma referência nova, já tendo sido fortemente mencionada no *The Quarterly Review*, em 1833. Uma das acusações sofridas pela autora, como pude apurar nas obras que se referiam a Martineau nos séculos XIX e início do XX era a de que era muito “masculina”. E o que se entendia por isso certamente requer uma discussão à parte. A obra de Miller é parte da Coleção *Famous Women* e parece buscar exaustivamente salvar a autora de si mesma, destacando seus

traços “femininos” e até mesmo reinterpretando, distorcendo ou justificando suas afirmações, como expliquei no capítulo anterior. Como se tivesse sido incumbida de passar a limpo a autobiografia de Martineau para reverter o dano causado com sua publicação. A biógrafa não problematizou isso, nem mesmo a questão de gênero em círculos intelectuais e, lógico, uma questão geracional, já que o adoecimento e o envelhecimento costumam retirar os intelectuais da vida pública. Miller também não levou em conta como isso contribuiu para ataques e desqualificações, como a que vimos quanto a Marx. Aliás, pelo que me lembro, ela não o citou.

O terceiro livro pós-morte encontrado na pesquisa exploratória foi *Literary Recollections*, ou *Some Literary Recollections*, de James Payn (1830-1898), edição inglesa publicada em 1885, que da página 97 a 137, aborda a contribuição de Harriet Martineau. Utilizei a edição norte-americana, de 1884, cujo Capítulo IV, da página 78 a 107, discute a obra da autora. Nele o autor fala sobre sua visita a “Lakeland”, carregando no bolso o texto *The Knoll, Ambleside*, de Mary Russell Mitford (1787-1855), de quem Martineau era amiga e a responsável por recomendar o visitante. Ele alegou que já havia lido muitos livros de Martineau e citou um que “[...] including a later one which was just then making no little noise in the world, to the great detriment of her reputation among the orthodox” (Payn, 1884, p. 79). Como ele nunca havia visto um retrato de Martineau, o primeiro comentário que faz é sobre como a imaginava e como foi conhecê-la, quanto à aparência:

“[...] and, though very desirous of her acquaintance, I felt a little frightened at her.

Though I was able to understand that the authoress of ‘Life in the Sick-room’ must needs have a loyal and gentle heart, whatever appearances might be against her, I pictured to myself a tall, **masculine woman (rather bony)** with the air of a lecturer; and the portrait was about as much like the original (i. e., differed from it in toto) as the portraits of others evolved from our consciousness generally are.” (Payn, 1884, p. 80) (*grifos meus*)

Ao descrever *The knoll* acreditou que se adequasse mais à casa de um poeta, por ser charmosa, do que a de uma “economista política”. Ao buscar informações, soube que a autora não recebia visitas pela manhã e que escrevia sempre até a hora do jantar. Ele deixou uma carta de apresentação com a empregada e saiu. Tão logo pôde chegar ao portão, viu a empregada correndo atrás dele dizendo que Martineau iria recebê-lo,

ao que relatou que ficou apreensivo, pois o adiamento da visita tinha sido um alívio para ele, já que “[...] my visit to one whom a leading organ of popular opinion had designated **‘a female atheist of European reputation’** postponed” (Payn, 1884, p. 80) (*grifos meus*). Ao retornar, se encontrou com a própria autora que o esperava na varanda, a quem ele descreveu da seguinte forma:

“In the porch stood Miss Martineau herself. A lady of middle height, ‘inclined,’ as the novelists say, ‘to embonpoint,’ with a smile on her kindly face and her trumpet at her ear. She was at that time, I suppose, about fifty years of age; her brown hair had a little gray in it, and was arranged with peculiar flatness over a low but broad forehead. **I don't think she could ever have been pretty, but her features were not uncomely, and their expression was gentle and motherly.**” (Payn, 1884, p. 80) (*grifos meus*)

Martineau o recebeu pela recomendação que Mitford fez a respeito dele e conversaram sobre a amiga em comum e sobre a bela paisagem que era vista da casa. O autor comentou que: “We were by this time in her library (though indeed there were book-shelves everywhere at ‘The Knoll’), the view from which naturally extorted my admiration.” (Payn, 1884, p. 81). Além da aparência, ele citou com frequência referências ao mesmerismo, da empregada sendo irônico ao falar que o estava perseguindo até as vacas “famosas” por terem sido submetidas à prática. Todos os comentários contendo uma clara ironia frente aos mitos que eram disseminados sobre o lugar e a sua anfitriã. Payn relatou ter passeado com ela pela propriedade, falando sobre a grama e a condição do terreno na primeira visita. Mas se tornaram amigos e dela ele relatou o bom senso de humor, o interesse na conversação e o uso da trombeta, fazendo uma distinção entre a concepção que teve com informações preconceituosas, o primeiro encontro e uma amizade que se seguiu por longos 20 anos. Algumas notícias dadas por Payn são bastante ilustrativas de comentários da época, fosse pela imprensa ou no convívio social. Sobre a trombeta ele conta que: “Her enemies looked upon it as a weapon of defence.” (Payn, 1884, p. 87). Ao que conta algumas situações anedóticas relativas a isso e boatos espalhados a respeito. Embora esse livro não tenha a pretensão de discutir as contribuições de Martineau para as Ciências Sociais ele deveria ser lido com muita atenção sobre como boatos e ataques, contra os quais a autora escreveu e denunciou em diversos momentos de sua vida com relação a terceiros, foram realizados contra ela própria. Deixo uma citação que demonstra claramente isso e segue com mais

17 páginas adiante relatando a convivência com Martineau, sobre as quais não comentarei por agora.

“She was no doubt somewhat masterful in argument (which is probably all that he meant to imply), but I always found her very ready to listen, and especially to any tale of woe or hardship which it lay in her power to remedy. Her conversation, indeed, was by no means monologue, and rarely have I known a social companion more bright and cheery; but her talk, when not engaged in argument, was, which is unusual in a woman, very anecdotal. She had known more interesting and eminent persons than most men, and certainly than any woman, of her time ; the immense range of her writings—political, religious, and social—had caused her to make acquaintance with people of the most different opinions and of all ranks, while among the large circle of her personal acquaintance her motherly qualities, her gentleness, and (on delicate domestic questions) her good judgment, made her the confidante of many persons, especially young people, which enlarged her knowledge of human life to an extraordinary degree. **I never knew a woman whose nature was more essentially womanly than that of Harriet Martineau, or one who was more misunderstood in that respect by the world at large.** She had excellent friends in her neighborhood (in particular the accomplished family at ‘Fox Howe’), but those who knew her by reputation were afraid of her. **At that time especially she had fluttered the doves in the conventional cote by the publication of the ‘Atkinson Letters’ very considerably, and I found myself looked upon with some disfavor as her constant visitor. She was supposed, I think, to be initiating me into the mysteries of Atheism; whereas, unless she was invited to do so, I never heard her utter one word to any human being with respect to her peculiar opinions.** It was believed, however, that she was compassing sea and land for proselytes, and people were warned against her from the pulpit. There was even some correspondence in the local paper as to the impropriety of her being buried in the church-yard; which was, to say the least of it, premature.” (Payn, 1884, p. 88)

Com isso, encerro os comentários lembrando que eles também convergem para a discussão sobre o fato de ela ter sido ou não “feminina” no trato e na aparência, além da forte perseguição religiosa que sofreu na sua própria comunidade rural, onde veio a falecer.

Na sequência, em 1887, Mabel Elizabeth Emily Wotton (1863-1927) publicou três fragmentos de referências a Martineau qualificando-a como extremamente séria. Dois desses fragmentos, na verdade, foram retirados da autobiografia dela, mas são relatos de terceiros. O segundo é um trecho que citei anteriormente da obra de James Payn. Ou seja, em duas páginas, com três citações, resume-se ou retrata-se uma autora desta complexidade, o que talvez seja muito mais problemático do que sequer mencioná-la.

“SHE was graver and laughed more rarely than any young person I ever knew. Her [Pg 203] face was plain, and (you will scarcely believe it) she had *no* light in the countenance, no expression to redeem the features. The low brow and rather large under lip increased the effect of her natural seriousness of look, and did her much injustice. I used to be asked occasionally, ‘**What has offended Harriet that she looks so glum?**’—I, who understood her, used to answer, ‘**Nothing; she is not offended, it is only her look,**’”—1818.

James Payn’s *Literary Recollections*.

“In the porch stood Miss Martineau herself. A lady of middle height, ‘inclined’ as the novelists say ‘to *embonpoint*,’ with a smile on her kindly face and her trumpet at her ear. She was at that time, I suppose, about fifty years of age; her brown hair had a little grey in it, and was arranged with peculiar flatness over a low but broad forehead. I don’t think she could ever have been pretty, but her features were not uncomely, and their expression was gentle and motherly.”—1852.

H. Martineau’s *Autobiography*.

[Pg 204]“... I saw Miss Martineau a few weeks since. She is a large, robust, elderly woman, and plainly dressed; but withal she has so kind, cheerful, and intelligent a face, that she is pleasanter to look at than most beauties. Her hair is of a decided gray, and she does not shrink from calling herself old. She is the most continual talker I ever heard; it is really like the babbling of a brook; and very lively and sensible too; and all the while she talks she moves the bowl of her ear-trumpet from one auditor to another, so that it becomes quite an organ of intelligence and sympathy between her and yourself.... All her talk was about herself and her affairs; but it did not seem like egotism, because it was so cheerful and free from morbidness.”—About 1856.

(*grifos meus*)

Em 1889, Dame Millicent Garrett Fawcett (1847-1929) publicou *Some eminent women of our times*. Esta obra foi escrita para *The Mothers’ Companion* e republicada posteriormente. Da página 57 a 68 reservaram para falar a respeito de Harriet Martineau e a descreveram da seguinte forma:

“HARRIET MARTINEAU is one of the most distinguished literary women this century has produced. She is among the few women who have succeeded in the craft of journalism, and one of the still smaller number* who succeeded for a time in moulding and shaping the current politics of her day. There are many things in her career which make it a particularly instructive one. Her vivid remembrance of her own childhood gave her a very strong sympathy with the feelings and sufferings of children; all mothers, especially the mothers of uncommonly intellectual children, ought to read, in the early part of Harriet Martineau’s auto- biography, her record of her own childhood, and its peculiar sufferings.” (Fawcett, 1889, p. 57)

Interessante como neste caso os relatos de infância são tomados não como expressão de amargura ou vingativos, mas como instruções para mães e pais sobre como criar os filhos e questões a serem observadas como importantes. Também é

ressaltada a necessidade de se ouvir as crianças tendo simpatia para com os seus sentimentos, dores, traumas e medos, além de incentivá-las a compreenderem os motivos e a verbalizarem como se sentiam em relação a isso²².

“She speaks of herself as having, especially in her child-hood, ‘a beggarly nervous system’; and her description of her utterly unreasonable terrors, which she bore in silence, because of the want of insight and sympathy around her, ought to be a lesson to every parent. ‘Sometimes,’ she says, ‘I was panic -struck at the head of the stairs, and was sure I could never get down; and I could never cross the yard into the garden without flying and panting, and fearing to look behind, because a wild beast was after me. The starlight sky was the worst; it was always coming down to stifle and crush me, and rest upon my head.’ ‘The extremest terror of all,’ she says, was occasioned by the dull thud of beating feather beds with a stick, a process in which the housewives of Norwich were wont to indulge on the breezy area below the Castle Hill. A magic-lantern, or the prismatic lights cast by glass lustres upon the wall, threw her into the same unaccountable terror-stricken state. If she could have been coaxed into speaking of these panics, they might probably have ceased to assail her. But this she never dreamed of doing. There was too little tender- ness in her family life to overcome her natural timidity. Once when her terror at a magic-lantern so far overcame her as to find vent in a shriek of dismay, ‘a pretty lady, who sat next us, took me on her lap, and let me hide my face in her bosom, and held me fast. How intensely I loved her, without at all knowing who she was.

When Harriet Martineau was more than fifty, she wrote a, detailed account of all she had suffered in childhood, not from any want of gratitude or affection to her parents, but because she felt that mothers ought to know what their children sometimes suffer, so that they might protect them by tender watchfulness from becoming victims of these imaginary terrors. It is not, it must be remembered, stupid children who are most subject to these ‘ghostly enemies,’ but much more frequently it is the children of vivid imagination and bright intelligence who are most subject to them. **A child who is frightened of the dark ought not to be unkindly ridiculed or forced to endure what terrifies it; it ought to be helped by all gentle means to overcome its fear, and all other unreasonable fears conjured up by its imagination.**” (Fawcett, 1889, p. 58) (*Grifos nossos*)

Citou também o livro: *Men of the time*, de Thomas Humphry Ward²³ e o questionamento que a própria Martineau fez em sua autobiografia, criticando-o acerca do relato que aparece nele a respeito de sua vida e obra.

Em 1897²⁴, James Freeman Clarke (1810-1888) publicou *Nineteenth Century Questions*. Nele, o autor citou Tocqueville de modo elogioso, como quem teria

²² Um detalhe é que na capa e contracapa do livro de referência original, está indicado “by Henry Fawcett”, que era professor de Cambridge e casado com Dame Millicent Garrett Fawcett, uma ativista pelos direitos das mulheres, escritora e feminista. Mas o prefácio é de Millicent e vários documentos indicam que **ela é a autora do texto.**

²³ **Maria-Rocío Navarro-Fossar me forneceu o livro para pesquisa.**

²⁴ Essa edição foi publicada após a morte do autor.

entendido a sociedade e a política nos Estados Unidos, e Martineau como alguém que teria também alcançado este feito, mas atrás do primeiro. Clarke afirmou que a autora tinha “intelecto masculino” e que seus relatos na autobiografia eram “cáusticos”. Além disso, a nomeou como reformadora em diversos momentos e essa rotulação como “reformadora” atingiu várias teóricas e pesquisadoras do século XIX, merecendo uma séria investigação a respeito da origem, dos significados atribuídos e dos seus usos. Lembrando que a classificação de *reformador social* não se restringiu às mulheres. Das críticas que fez ao fato de ela ser supostamente muito ácida em sua autobiografia, Clarke citou o caso da referência às senhoras Opie e John Taylor como “meras pedantes” e de ter desqualificado “famosos”, o que o autor chamou de bombas que ela teria deixado para explodirem após sua morte. Outra questão apontada por Clarke é que Martineau pediu que suas cartas não fossem reveladas (Martineau, 1877a, p.2-3) para não desrespeitar “o código de honra”, mas a própria autora depreciou seus conhecidos com informações que teve graças à convivência privada. Inobstante tudo isso, reconheceu que Martineau possuía qualidades e defeitos. Para as primeiras, apontou: capacidade, produção em quantidade e qualidade, muito estudo e esforço. Para os últimos, indicou reiteradamente: “tom de dogmatismo” e desprezo. Clarke falou também sobre a grande influência que Atkinson teve sobre Martineau levando-a à descrença religiosa e a uma “feliz emancipação”. Daí decorre a dúvida se os supostos “ataques” de Martineau à religião explicariam seu isolamento e o boicote à sua obra. Essa é uma hipótese provável, como expliquei no início deste capítulo. Chegou ao ponto de James Martineau, reverendo à época, escrever um artigo respondendo ao texto da irmã e de Atkinson. De acordo com Clarke, Martineau teria passado a citar abertamente os unitaristas que a teriam apoiado desde o início, incluindo seus primeiros escritos e os três prêmios que ela havia recebido por artigos publicados no início da carreira e isso teria sido recebido como uma grave ofensa. Por fim, não custa lembrar que James Freeman Clarke era um pregador unitarista e escritor norte-americano, o que o coloca na posição de ofendido.

Em 1898, Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) mencionou Martineau em seu clássico *Women and economics*.

“Little by little, very slowly, and with most unjust and cruel opposition, at cost of all life holds most dear, it is being gradually established by many martyrdoms that human work is woman’s as well as man’s. Harriet Martineau

must conceal her writing under her sewing when callers came, because 'to sew' was a feminine verb, and 'to write' a masculine one. Mary Somerville must struggle to hide her work from even relatives, because mathematics was a 'masculine' pursuit. Sex has been made to dominate the whole human world, – all the main avenues of life marked 'male', and the female left to be a female, and nothing else". (Gilman, 1898, p. 53)

Mais tarde, ela novamente fez referência ao mesmo fato em outra obra. Em 1911, Gilman mencionou Martineau uma única vez, mas o suficiente para abordarmos um tema enunciado aqui, sobre o que é considerado "feminino" ou "masculino".

"Yes, it has belonged to them

". (Gilman, 1914, p. 88)

Já na virada do século, outros livros também citaram Martineau. É o caso do livro de William Henry Davenport Adams (1828-1891), *Celebrated women travellers of the nineteenth century*, publicado em 1903. Nele a referência a Martineau é a de "colossal egoísmo e autossuficiência". O autor destacou que ela morava na região dos lagos, perto do poeta Wordsworth. Inobstante, foram reservadas apenas 14 páginas para descrever a autora, num livro que contém referência a várias mulheres do século XIX.

"ONE of the best books on Eastern life in English literature we owe to the pen of a remarkable woman, whose reputation, based as it is on many other works of singular ability, we may take to be of a permanent character — Miss Harriet Martineau. She was born in 1802. Her father was a manufacturer in Norwich, where his family, originally of French origin, had resided since the Revocation of the Edict of Nantes. To her uncle, a surgeon in Norwich, she was mainly indebted for her education. Her home-life was not a happy one, and unquestionably its austere influences did much to develop in her that colossal egotism and self-sufficiency which marred her character, and has left its injurious impress on her writings. She tells us that only twice in her childhood did she experience any manifestation of tenderness — once when she was suffering from ear-ache, and her parents were stirred into unwonted compassion, and once from a kind-hearted lady who witnessed her alarm at a magic lantern exhibition." (Adams, 1903, p. 404)

A caracterização da autora como uma "egoísta" permanece sem qualquer explicação também em outra passagem: "But in philosophy as in religion, her immense

egotism led her astray.” (Adams, 1903, p. 405). E embora claramente reconheça seus méritos, em termos de religião adota uma postura crítica intransigente:

“Restored to health in 1845, she removed to Ambleside ;. among the lakes and mountains, settling in the immediate neighbourhood of the poet Wordsworth. In the autumn she published her " Forest and Game Laws " ; and in the following year she made a journey to the East, and ascended the river Nile, recording her experiences in the book which has led us to introduce her among our female travellers — " Eastern Life, Past and Present," a remarkable book, giving a fresh interest to the beaten track of Eastern travel and research, and breathing vitality into the dry bones of Champollini, Wilkinson, and Lane. **Putting aside its crude notions of Egyptology, and its wild speculations on religious topics, we must be prepared to admire its fresh and finely- coloured word pictures, the glow and power of which are surprising.** Miss Martineau went up the Nile to Philae; she afterwards crossed the desert to the Red Sea, landed in Arabia, and ascended Mounts Sinai and Horeb; and, finally, explored a portion of the shores and islands of the Mediterranean.” (Adams, 1903, p. 409)

Essa descrição traz o questionamento sobre como a independência pessoal, econômica, política e moral de Martineau era vista e desqualificada. O que deixa um questionamento sobre o quão recorrente era esse tipo de retrato a seu respeito e indica que isso poderia ser um problema para a sociedade à época. Eis mais um bom motivo para saber como Martineau era vista em livros deste período. Além disso, as adjetivações, geralmente, são de caráter pessoal e ao gênero feminino, quase nunca acontecendo de se referirem à qualidade da escritora e da obra.

Outro livro de 1904, de um autor reconhecido como sociólogo, é *An autobiography* de Herbert Spencer (1820-1903), até onde sei, publicado pós-morte. Nele, Spencer citou Martineau ao menos em cinco oportunidades.

“**About this period we read aloud Miss Martineau’s Tales of Political Economy. Years before, when at home, I had read sundry of them; and comments to my advantage had been made in consequence.** I believe that these were but little deserved, and that I read for the stories and skipped the political economy. However, from remarks in my letters written in the spring of 1835, it appears that I had gathered something of a solid kind.” (Spencer, 1904, p. 110)

A primeira é a referência que ele faz de ter lido na juventude e em grupo a coleção *Illustrations*. Mais tarde, Spencer afirmou ter lido Comte a partir de Martineau e indicou a autoria dela, corrigindo sua afirmação anterior. Esse é um indício importante

do reconhecimento dela não apenas como tradutora, mas como quem estudou a obra de Comte e publicou a respeito considerando a comunidade científica de língua inglesa.

“Instead of the words ‘I am busy reading Comte,’ used in one of the foregoing extracts, the words used should have been — I am busy reading Miss Martineau’s abridged translation of Comte. This had then been recently issued; and as two of my friends, Mr. Lewes and Miss Evans, were in large measure adherents of Comte’s views, I was curious to learn more definitely what these were. Already, as said in a preceding chapter, I had got through the ‘Exposition’ in the original; and while remaining neutral respecting the doctrine of the three stages, had forthwith rejected the classification of the sciences. I had also read Mr. Lewes’s outlines of the Comtean system, serially published in *The Leader*. Whether, when I began to read Miss Martineau’s abridged translation, I had any intention of reviewing it, I cannot remember; but evidently, if not present at the outset, the intention was soon formed.” (Spencer, 1904, p. 445)

Em outra passagem, Spencer comentou que ficou responsável por pagar a Comte os direitos autorais que Martineau e Chapman haviam combinado com ele em razão da publicação da versão resumida de sua obra.

“The other is that while in London I called on Chapman, and that he, learning where I was about to go, gave me a commission to execute. He explained that when he published Miss Martineau’s abridged translation of the *Philosophie Positive*, it was agreed that a certain share of the profits, if any accrued, should be paid over to Comte. Two years had now elapsed, and the sales had been sufficient to make this agreement operative: something was due to him. The sum was under twenty pounds I think; and this I willingly undertook to pay over to the philosopher—willingly, of course, for the introduction was a good one, and naturally I was curious to see him.” (Spencer, 1904, p. 492)

Por último, a referência é a um periódico de seguidores do já reverendo James Martineau, o *National Review*, que fazia oposição ao *Westminster Review*. Isso por volta de 1857, quando ele relatou ter enviado um artigo para seus editores (Spencer, 1904, p. 503). Afora isso, não existe outra referência identificada ou indicação de ter se encontrado com Harriet Martineau, lembrando que ele era apenas dois anos mais novo do que Marx, portanto, da mesma geração.

Pouco tempo depois, George Jacob Holyoake (1817-1906) publicou *Bygones Worth remembering*, em 1905, no qual citou a carta de Harriet Martineau para Lloyd Garrison. Inusitadamente, também citou James Martineau como “Dr.”, o que demonstra as convenções da época e o academicismo, já, em alguns momentos, citado por Harriet

em suas obras. De acordo com o relato de Holyoake, a autora era sua amiga e o teria convidado em algumas oportunidades para visitá-la, como um indicativo de que tinha condições de dar um relato a respeito dela. Outro ponto inusitado é a sua afirmação de que a considerava “muito feminina”, o que remete novamente a uma espécie de obsessão coletiva com o tema. Afinal, qual a necessidade de se manifestar a respeito e por que este foi um elemento recorrente para as gerações seguintes? Notem que já estamos considerando os escritos do século XX. Além disso, Holyoake mencionou a autobiografia de modo elogioso e que as pessoas teriam tentado se justificar em público sobre as acusações que a autora havia feito no livro. Isso nos traz algumas pistas sobre como a sociedade foi impactada com sua autobiografia e como talvez a melhor defesa dos fatos relatados tenha sido o ataque²⁵.

Em 1909, John Morley (1838-1923) publicou o livro *Critical Miscellanies*, volume III, cujo sexto ensaio abordou a vida e a obra de Harriet Martineau. Esse livro reuniu textos que originalmente foram veiculados no periódico *Fortnightly Review*. O autor dedicou 37 páginas para falar sobre a vida de Martineau e optou por começar abordando a autobiografia. Tal como em críticas anteriores, o autor questionou de modo veemente o fato de Martineau ter escolhido Mary Weston Chapman como sua biógrafa na produção do volume III da autobiografia.

“Of the third volume, *The Memorials*, by Mrs. Chapman, it is impossible to say anything serious. Mrs. Chapman fought an admirable fight in the dark times of American history for the abolition of slavery, but unhappily she is without literary gifts; and this third volume is one more illustration of the folly of entrusting the composition of biography to persons who have only the wholly irrelevant claim of intimate friendship, or kinship, or sympathy in public causes. The qualification for a biographer is not in the least that he is a virtuous person, or a second cousin, or a dear friend, or a trusty colleague; but that he knows how to write a book, has tact, style, taste, considerateness, sense of proportion, and a good eye for the beginnings and ends of things. The third volume, then, tells us little about the person to whom they relate. The two volumes of autobiography tell all that we can seek to know, and the reader who judges them in an equitable spirit will be ready to allow that, when all is said that can be said of her hardness, arbitrariness, and insularity, Harriet Martineau is still a singular and worthy figure among the conspicuous personages of a generation that has now almost vanished. Some will wonder how it was that her literary performances acquired so little of permanent value. Others will be pained by the distinct repudiation of all theology, avowed by her with a simple and courageous directness that can scarcely be counted other than honourable to her. But everybody will admit, as Charlotte

²⁵ Cabe investigar **mais detidamente** o teor de tais fatos e se eram realmente gravosos a ponto de gerarem todo este estardalhaço. **Citei nesta tese apenas alguns deles.**

Bronte did, that though her books are not of the first nor of the second rank, and though her anti-theological opinions are to many so repugnant, yet behind books and opinions was a remarkable personality, a sure eye for social realities, a moral courage that never flinched; a strong judgment within its limits; a vigorous self-reliance both in opinion and act, which yet did not prevent a habit of the most neutral self-judgment; the commonplace virtues of industry and energy devoted to aims too elevated, and too large and generous, to be commonplace; a splendid sincerity, a magnificent love of truth. And that all these fine qualities, which would mostly be described as manly, should exist not in a man but a woman, and in a woman who discharged admirably such feminine duties as fell to her, fills up the measure of our interest in such a character.” (Morley, 1909, p. 175)

Além disso, o autor achou ser afetado da parte de Martineau afirmar que não se dedicou à carreira por dinheiro, embora este tenha lhe sido bastante útil. Como se ela não pudesse desejar a recompensa financeira ou o pagamento pelos seus trabalhos como algo legítimo, assim como em todas as outras profissões. Não por acaso a satisfação que teve ao ver que foram vendidos mais de 10 mil exemplares de cada número publicado, o que resultou num sucesso inesperado (Morley, 1909, p. 181). Ao relatar seu comportamento e a recepção pela sociedade londrina, o autor afirmou: “**If she is masculine, she is, like Mrs. Colonel Poyntz, in one of Bulwer's novels, 'masculine in a womanly way.'**” (Morley, 1909, p. 185, *grifos meus*). Junto a isso, ele alegou que suas críticas, apesar de severas, eram fundamentadas e não acaloradas ou precipitadas, como havia sido dito por outros. Por outro lado, afirmou que foi estranhamente elogiosa a Carlyle, mas relutante e depreciativa com John Stuart Mill, sem apresentar justificativas possíveis que ajudassem a(o) leitora(r) a compreender as motivações prováveis.

Na página 192, um trecho merece ser destacado, principalmente pela forma com a qual se refere aos livros publicados após a viagem aos Estados Unidos. O livro *Como observar* nunca é mencionado e não consigo imaginar o motivo. O autor afirma que tais publicações são produto de uma “observação sociológica”, sendo o primeiro livro dos mapeados com esta pesquisa para este período que atribuem o termo e a qualidade sociológica aos escritos de Harriet Martineau. Porém, a própria autora, ao final da vida, criticou a obra *Sociedade na América* pelo método que utilizou. Tal crítica teve origem, pelo que sei, após o contato com os pressupostos positivistas.

“She published two books on America: one of them abstract and quasi-scientific, *Society in America*; the other, *A Retrospect of Western Travel*, of a

lighter and more purely descriptive quality. Their success with the public was moderate, and in after years she condemned them in very plain language, the first of them especially as 'full of affectations and preachments.' Their only service, and it was not inconsiderable, was the information which they circulated as to the condition of slavery and of the country under it. We do not suppose that they are worth reading at the present day, except from a historical point of view. But they are really good specimens of a kind of literature which is not abundant, and yet which is of the utmost value—we mean the record of the sociological observation of a country by a competent traveller, who stays long enough in the country, has access to the right persons of all kinds, and will take pains enough to mature his judgments. It was a happy idea of O'Connell's to suggest that she should go over to Ireland, and write such an account of that country as she had written of the United States. And we wish at this very hour that some one as competent as Miss Martineau would do what O'Connell wished her to do. A similar request came to her from Milan: why should she not visit Lombardy, and then tell Europe the true tale of Austrian rule?" (Morley, 1909, p. 192)

Morley não deixou de citar a relação dela com Henry George Atkinson (1812-1890) e disse que no momento de publicação do texto original ele ainda estava vivo. Isso indica que o artigo havia sido publicado antes de 1890. Outro indício nesse sentido é que ele se referiu à publicação “recente” da autobiografia, que foi realizada em 1877.

No ano de 1913, Willis John Abbot (1863-1934), publicou *Women of history*. Nele, numa parte nomeada de “Priestesses of woman’s cause”, Harriet Martineau é identificada como “The Writer of Political Romance”, reservando-lhe 05 páginas para falar sobre. Embora o texto seja curto, ele começa com uma forte provocação:

“In the United States to-day there is probably not an editor, not a publisher, who would consider for a moment the publication of stories of the sort that made Harriet Martineau famous, lifted her from abject poverty to wealth and made her the most discussed English woman of letters of her century. And if editor or publisher were found with a sufficient devotion to the public weal to publish a little book of profitable tales about political economy it may well be doubted whether an eager public would clamor for it to the extent of editions of 30,000.” (Abbot, 1913, p. 318) (*Grifos meus*)

Sim, certamente o perfil das publicações haviam mudado substancialmente, assim como o público leitor, mas ele ressaltou o quanto ela foi popular e discutida ao longo do século XIX. A respeito do seu trabalho e da sua relação com os Estados Unidos, o autor destacou que:

“Miss Martineau was a true crusader, a valiant fighter for freedom of trade, for freedom of the slave, for the freedom of women. Some of her writings on the last subject would well repay study in the present earnest discussion of

the right of women to share in the government. It seemed that no revolt against prejudice or tyranny could be obscure enough to escape her notice. From London she looked over at Oberlin College trying to break down race and sex privilege, and wrote of it in an English review. Throughout the dark days of our Civil War her pen was with us, and her work in the London Daily News almost offset the malignant hostility of The Times." (Abbot, 1913, p. 321)

Elbert Green Hubbard (1856-1915), em uma publicação pós-morte de 1916, considerou apenas 12 homens nos capítulos, no volume sobre "great musicians". Mas citou Martineau em 11 oportunidades. Numa delas fez referência aos "livros de sociologia de Harriet Martineau" (p. 89) do livro 06. Considerando-se o *Index*, a autora também é citada ao falar sobre Auguste Comte (viii, p. 257) e ao abordar a vida de Samuel Taylor Coleridge (ii, p. 83). Além disso, o autor menciona propriamente as obras. É o caso de *Devotional Exercises* (ii, p.79) ou *Illustrations of political economy* (ii, p. 83). Ou *Life's Use* (nº 68). Ou também: "Martineau, Harriet, ii, 109, 163, 190; xiv, 89; childhood of, ii, 71; love affair of, ii, 78; religion of, ii, 79; influence of, ii, 83; as a writer, ii, 85; home of, i, 218; Auguste Comte and, viii, 257." (Hubbard, 1916, p. xxxi). Ocorre que tal Coletânea sofreu edições com poucas informações que dificultam um estudo superficial e rápido para compreensão do tema. Por exemplo, não havendo informação clara sobre o nome dos volumes e a lista completa. Existe uma referência no *Archive* como sendo uma edição de 1873.

Um capítulo é reservado para falar sobre ela no livro 03 da Coletânea e em outra edição no volume II, do *Famous Women*, que na verdade é *Little Journeys to the Homes of Famous Women*, de 1897, que fala sobre Martineau da página 61 a 84. Ao falar sobre Robert Southey, no volume V, p. 277:

"Old Brick-Dusty climbed down to see a man in the tavern, and the Michigan contingent and Colonel Littlejourneys slid down the other side and went into **Wythburn Church**. There is n't another church in Eng land so peculiar and so interesting. **A pew is marked sacred to Wordsworth, and one also to Harriet Martineau, who I did not know before ever went to church**. The silver service was the gift of Southey, and is inscribed with his name and crest. Southey was a vestryman of Wythburn Church for many years, and sometimes read the service there."

É uma obra que vai se dedicar a vários campos, como oradores, “bons e grandes” homens (1895), autores norte-americanos (1896), mulheres famosas (1897), homens de Estado (1898), e assim por diante.

Assim, concluo os comentários sobre os livros que identifiquei para o intervalo 1877 a 1916 que abordam a obra de Harriet Martineau, dando destaque para os que reservaram um capítulo para trabalhar o tema.

Quadro 04 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas de 1917 a 1976

Data	Título ou periódico	Autor(a)	Editora	País/língua	Tipo
1920	<i>Freethinkers of the nineteenth century</i>	Janet E. Courtney, O. B. E.	E. P. Dutton and Co. Chapman & Hall Ltd	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Capítulo
1921	<i>Margareth Fuller, a psychological biography</i>	Katharine Susan Anthony	Harcourt, Brace and Company	Estados Unidos/inglês	Menção
1922	<i>The English traveller in America, 1785-1835</i>	Jane Louise Mesick	Columbia University Press	Estados Unidos/inglês	Menção
1927	<i>Harriet Martineau: an essay in comprehension</i>	Theodora Bosanquet	F. Etchells & H. MacDonald; Chaucer Head	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
1929	<i>Three English women in America</i>	Una Pope-Hennessy	Ernest Benn Limited	Inglaterra/inglês	Capítulo
1929	<i>Victorian working women</i>	Wanda Fraiken Neff	Columbia University Press	Estados Unidos/inglês	Menção
1932	<i>Harriet Martineau: An example of Victorian conflict</i>	Narola E. Rivenburg		Philadelphia	Livro
1933	<i>Casa Grande & Senzala</i>	Gilberto Freyre	Maia & Schmidt	Brasil/português	Menção
1933	<i>Sociologia Geral</i>	Rodrigues de Meréje	Editorial Paulista	Brasil/português	Menção
1933	<i>Sociologia: summarios do curso do sexto anno, “Primeiro Volume: Os Grupos e Sua Cultura”</i>	Delgado de Carvalho	Livraria Francisco Alves	Brasil/português	Menção
1936	<i>Biographical essays 1790-1890</i>	Sir. Edward Boyle	Oxford University Press	Inglaterra/inglês	Capítulo
1938	<i>Tocqueville and Beaumont in America</i>	George Wilson Pierson	Oxford University Press	Inglaterra/inglês	Menção
1939	<i>William Wordsworth of Rydal Mount</i>	Frederika Bealty	E. P. Dutton & Co. Inc.	Estados Unidos/inglês	Menção
1943	<i>Harriet Martineau</i>	John Cranstoun Nevill	Frederick Muller	Inglaterra/inglês	Livro
1943	<i>The British traveller in America, 1836-1860</i>	Max Berger	Columbia University Press	Estados Unidos/inglês	Menção
1944	<i>A grande transformação [The great transformation]</i>	Kayl Polanyi	Beacon Press	Estados Unidos/inglês	Menção

1944	<i>The dissidence of dissent: The Monthly Repository 1806-1838</i>	Francis E. Mineka	University of Carolina Press	Estados Unidos/inglês	Menção
1947	<i>Harriet Martineau: a bibliography of her separately printed books</i>	Joseph B. Rivlin	The New York Public Library	Estados Unidos/inglês	Livro
1957	<i>Ordem e progresso</i>	Gilberto Freyre	Editores Global	Brasil/português	Menção
1957	<i>The life and work of Harriet Martineau</i>	Vera Wheatley	Secker and Warburg	Inglaterra/inglês	Livro
1960	<i>Harriet Martineau: a radical Victorian</i> [reimpresso em 2021 pela Creative Media Partners, LLC]	R. K. Webb	Columbia University Press; William Heinemann Ltd	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
1960	<i>Political man: the social bases of politics</i>	Seymour Martin Lipset	Doubleday & Co	Estados Unidos/inglês	Menção
1960	<i>Rendezvous; a prose reader</i>	John J. McShea e Joseph W. Ratingan	Scribner	Estados Unidos/inglês	Menção
1962	<i>Harriet Martineau's America</i>	Seymour Martin Lipset	Anchor Books	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1968	<i>Politics through literature</i>	Ed. Henry M. Holland Jr.	Prentice-Hall	Estados Unidos/inglês	Menção
1971	<i>Harriet Martineau: an essay in comprehension</i>	Theodora Bosanquet	Scholarly Press		Livro
1973	<i>Harriet Martineau</i>	John Cranstoun Nevill	Folcroft Library Editions/Reprint of the 1943 F. Muller	Inglaterra/inglês	Livro
1973	<i>Adam Smith's daughters</i>	Dorothy Lampen Thomson	Exposition Press	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1973	<i>The feminist Papers: from Adams to de Beauvoir</i>	Ed. Alice Rossi	Bantam Books	Estados Unidos/inglês	Capítulo
1973	<i>Women and womanhood in America</i>	Ronald W. Hogeland	Health and Company	Estados Unidos/inglês	Menção
1976	<i>The rights and wrongs of women</i>	Ed. Juliet Mitchell and Ann Oakley	Penguin Books	Inglaterra/inglês	Capítulo

Fonte: Elaborado pela autora

Já no segundo quarto do século XX eu gostaria de deixar a referência a Gilberto Freyre citando a obra de Martineau. Isso ocorreu em *Ordem e Progresso*, ao mencionar Júlio de Mesquita Filho (p. 998), afirmando que ele releu Comte por meio de Martineau. Em *Casa Grande & Senzala* citou Martineau e a obra *Retrospect of western travel*, entre outros viajantes (nota 233). “Os viajantes que lá estiveram durante o tempo da escravidão referem fatos que parecem do Brasil” (p. 403). Não sei informar se ele a citou

em *Inglese no Brasil* ou em outras obras. Em *Sobrados e Mucambos* não existe referência a autora²⁶.

Ainda no Brasil, na década de 1930, alguns manuais de ensino de Sociologia fizeram referência a Harriet Martineau. É o caso de *Sociologia Geral*, de Rodrigues de Meréje, em sua 1ª edição, em São Paulo, pela Editorial Paulista, no ano de 1933. E o segundo é *Sociologia: summmarios do curso do sexto anno*, em seu “Primeiro Volume: Os Grupos e Sua Cultura”, de Delgado de Carvalho, Rio de Janeiro, pela Livraria Francisco Alves, também no ano de 1933²⁷.

Em 1947, o austríaco Karl Polanyi (1886-1964) a citou várias vezes em *A grande transformação*²⁸. Em primeiro lugar, faz uma referência irônica à relação entre pauperismo e o consumo de chá, em menção à obra *The Hamlet*, de 1833 (Polanyi, 2000, p. 114). Depois, citou *The Parish*, de 1833. Na sequência, a mencionou como atuante na causa da reforma da *Lei dos Pobres*:

“Speenhamland precipitou uma catástrofe social. Acostumamo-nos a encarar as sombrias apresentações do capitalismo primitivo como "dramalhões". Não há justificativa para isto. O quadro pintado por Harriet Martineau, a fervorosa apóstola da Poor Law Reform, coincide com o dos propagandistas cartistas que dirigiam o clamor contra a mesma Poor Law Reform. Os fatos apresentados no famoso Report of the Commision on the Poor Law (Relatório da Comissão sobre a Lei dos Pobres - 1834), defendendo a abolição imediata da Speenhamland Law, poderiam ter servido de material para a campanha de Dickens contra a política da Comissão. Nem Charles Kingsley, nem Friedrich Engels, nem Blake ou Carlyle, se enganaram ao acreditar que a própria imagem do homem fora maculada por alguma terrível catástrofe. Mais impressionante ainda do que as explosões de dor e de ira que poetas e filantropos expressaram, foi o gélido silêncio de Malthus e Ricardo que ignoraram o cenário no qual nasceu a sua própria filosofia de danação secular.” (Polanyi, 2000, p. 122)

Para ilustrar essa perspectiva, citou as palavras da própria autora num longo parágrafo de *History of England During the Thirty Years' Peace (1816-1846)*, de 1849:

“Eis aí Harriet Martineau.
Muitos liberais de última hora, constrangidos, negligenciaram de uma forma ingrata, a memória desta sincera apóstola do seu credo. E no entanto, mesmo os seus exageros, que eles agora temiam, colocavam os enfoques no lugar

²⁶ Recebi essa informação de Felipe Teixeira Martins (UNIMONTES).

²⁷ Recebi essa informação de Cristiano Bodart (UFAL) que pesquisa manuais didáticos e livros escolares sobre Sociologia no Brasil.

²⁸ Recebi essa informação de Sara Freitas (pelo instagram).

certo. Ela mesma pertencia àquela classe média, sempre em luta, cuja pobreza bem educada a tornava ainda mais sensível às complexidades morais da Poor Law. Ela compreendia e expressava claramente a necessidade que a sociedade tinha de uma nova classe, uma classe de ‘trabalhadores independentes’.” (Polanyi, 2000, p. 124).

Outra obra, que é bastante reconhecida é de 1960, escrita por Robert Kiefer Webb (1922-2012), *Harriet Martineau: a radical victorian*. O que, pela amostra obtida, parece destoar bastante da forma e do conteúdo a partir do qual ela era apresentada. Primeiro, porque ela ganha um volume completo, de 418 páginas. Segundo, porque ele era um historiador, cuja formação ocorreu no Oberlin College, em cuja campanha de arrecadação de fundos Martineau atuou ativamente.

E a obra *Society in America* foi condensada por Seymour Martin Lipset (1922-2006), contando com uma introdução na qual o autor e editor destoou completamente da narrativa canonizada, ao reconhecer Martineau como uma das fundadoras. Ele não apenas a citou em sua obra *Political man*, de 1960, em algumas oportunidades, como também produziu uma nova edição do *Society in America* e dedicou mais de 30 páginas para apresentar a autora.

No caso de *Political man*, fez uma comparação entre o volume I original de *Sociedade na América* e a obra de Tocqueville e a caracterizou como “(one of the most sophisticated British commenters on American life in the 1820s)” (Lipset, 1960, p. 410). Além disso, citou um longo parágrafo deste livro para compará-la com Tocqueville e a obra de Riesman em 1950, que versava também sobre o mesmo tema.

A principal questão de referência para Lipset (1962) é sobre como os Estados Unidos significavam para o mundo no século XIX, descrevendo-o como uma promessa de liberdade política e também econômica, além de sua experiência prática demonstrar que era possível que uma república se mantivesse sem retroceder ou buscar na sequência um modelo autoritário seguindo o exemplo do seu colonizador e da Europa em geral.

Isso teria justificado a vinda de milhares de viajantes curiosos que passaram a relatar o que viam para o seu público doméstico. Isso gerou imagens e expectativas acerca do que era essa tal experiência inovadora. Lipset nomeou esse fenômeno de *foreign-traveler literature*, alegando que deixou um legado a ser acessado por estudantes dos Estados Unidos. Além disso, ele afirmou que tal literatura possibilitou que

uma *sociology's conceptual framework* fosse utilizado para um estudo de uma sociedade considerada complexa. Na verdade, ele configura o próprio movimento e a literatura em si como um grande esforço para aplicar essa estrutura conceitual. Daí decorre uma impropriedade técnica, já que não existia Sociologia nem arcabouço conceitual neste momento da história. Por essa mesma razão, Harriet Martineau se esforçou para pensar a nova ciência como um desmembramento da Filosofia. Mas o que ele está dizendo é que independentemente de já existir e ser reconhecida coletivamente, o intuito era sociológico por natureza. E ele identificou isso na forma como a sociedade norte-americana é apresentada e o funcionamento de suas instituições.

O estranhamento que Lipset afirmou ter sido sentido pelos europeus ao pisar em solo norte-americano produziu um tipo de relato que ele comparou a tratados antropológicos contemporâneos. Tal choque ao se defrontarem com uma sociedade “sem história” e eles carregando ainda os vestígios das instituições feudais em seu país de origem, levou a tentativas de explicar tais diferenças. O que ele associou à “abordagem comparativa da análise sociológica”, afirmando o que eles fizeram à época com o nome que adotamos hoje.

“They treated diferente societies and their components as units of analysis and generalized about causal relations within social systems. Alexis de Tocqueville, perhaps the most brilliant of them, credited the comparative method with the success of his *Democracy in America*.” (Lipset, 2000, p. 06)

Lipset chamou Tocqueville de “[...] perhaps the most brilliant of them [...]” (Lipset, 2000, p. 07), referindo-se aos viajantes e ao uso do *método comparativo*. Falou também em “sucesso obtido com o *Democracia na América*”, mas não indicou fontes. Antes de adentrar em Harriet Martineau, ele citou Tocqueville, como se tivesse que pedir permissão ou licença.

A Martineau ele atribuiu a “methodological self-consciousness” (Lipset, 2000, p. 07) e disse que ela viajou em 1834 já rascunhando o *Como observar*. Eu não me recordo ao certo onde, mas a autora contou em algum lugar que escreveu esse livro nos 30 dias de volta, dentro do navio. Afirmou que Martineau teria sido a primeira a introduzir a Sociologia na Inglaterra ao traduzir o tratado de Comte que é conhecido como seu

fundador. Mas entendo que esta não é uma afirmação adequada, pois J. S. Mill teria apresentado Comte aos ingleses antes. Ou, ao menos é o que consta em sua autobiografia (Mill, 2007), se não me falha a memória.

Para Lipset, em *Como observar*, Martineau retratou os seus princípios metodológicos.

“Methodological self-consciousness also characterized the work of Harriet Martineau, whose major treatise on American society is reprinted here. On shipboard in 1834, on her way to a two-year intensive study of American society, she wrote the first draft of what later became a volume of instructions to travelers seeking to study foreign cultures, *How to observe Manners and Morals*. This volume is, perhaps, the first book on the methodology of social research in the then still unborn disciplines of sociology and anthropology. Martineau realized that the study of social systems was a separate scientific discipline, and called it the ‘science of morals and manners’. As her most recent biographer has written, ‘for years she had been preaching sociology without the name’.” (Lipset, 2000, p. 07)O

O autor alegou ser notório que as observações feitas pelos viajantes eram coincidentes no século XIX, mas também muito semelhantes às análises produzidas no século XX. Com isso, ele considerava justificável que os usos dessa literatura de viajantes estrangeiros continuassem a ser utilizada por exemplo quanto ao estudo do “caráter nacional” dos norte-americanos.

Para ele, Martineau acreditava que “valores morais básicos de um país” determinavam a sua estrutura institucional, ou melhor, era um dos fatores principais para que isso acontecesse. Mas esse era um processo dinâmico e o descompasso entre valores e instituições provocavam mudanças importantes. O que Martineau chamou de “morais prevaletentes”, Lipset nomeou “sistema de valores” (Lipset, 2000, p. 10), alegando que a autora estudou este para compreender como as instituições eram constituídas e como se alteravam ao longo do tempo. Ou seja, ela estava se dedicando a estudar como a *estrutura* e a *mudança* se manifestavam. Lipset compara isso ao trabalho de Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Talcott Parsons e de Gunnar Myrdal, valendo-se do mesmo tipo de recorte.

Ao mesmo tempo, Lipset usa o espaço da introdução da nova edição para dizer que irá explicitar a estrutura conceitual básica do livro, porque acredita que esta não aparece de modo explícito. De acordo com ele, Martineau representaria uma “esquerda liberal”.

“At the center of Harriet Martineau’s study of American society was the assumption that the country’s basic moral values were a major factor in determining its institutional structure. Where the central value system and the institutional reality were in conflict the values engendered a strong force towards bringing the practices into line – though she recognized that changes in other institutions, particularly the economic and the political, could greatly affect the value system. In emphasizing the value system as a causal agent, Martineau was an early precursor of one of the major sociological orientations, an approach that attempts to analyze the effect of values on structure and change.” (Lipset, 2000, p. 10)

Lipset entendia que a preocupação da autora tinha por foco compreender o desenvolvimento da sociedade considerando seus valores e crenças, tomando por exemplo a sociedade norte-americana e o “American creed” de igualdade, liberdade e autogoverno (Lipset, 2000, p. 11). O que ela mostrou no *Sociedade na América* é como “normas implícitas” se encontram em “valores fundamentais” que determinam a “estrutura de instituições” (Lipset, 2000, p. 12). Essa tradução do significado teórico da obra para estudiosas(os) ocorre diuturnamente com relação a clássicos canonizados, que não só estão inseridos no eixo de formação, como sendo lidos e repisados em salas de aula, artigos, livros e apresentações em congressos.

Por isso, parece tão natural o estudo e a justificação acerca do estudo deles, porque passaram por um processo de *naturalização* para não dizer de *reificação*. Já as teóricas clássicas e os teóricos clássicos ignorados pelo *mainstream* das Ciências Sociais sequer são chamadas ao debate. A postura de Lipset é tão diferente do tipo de análise geralmente destinada às clássicas.

“As we have seen, explicit in both Martineau’s approach and Myrdal’s is the assumption that such strains constitute a principal cause of social change. Both argued that those Americans who believed in equalitarian democracy in all spheres possessed a great weapon, since complete social equality and democracy are the country’s legitimate moral tradition.” (Lipset, 2000, p. 12)

A *mudança social* decorre da tensão entre instituições e valores. Chamou Martineau de “was admittedly a biased observer” (Lipset, 2000, p. 12), mas não de um modo pejorativo, apenas para dizer que outros viajantes chegaram a conclusões semelhantes. E por que o olhar enviesado? Talvez pelo simples fato de que ser inglesa implicava carregar valores de seu Estado doméstico com os quais estava familiarizada,

ao mesmo tempo em que estranhava outros valores e comportamentos, sem, contudo, ser seduzida a julgá-los por serem diferentes dos seus. É nestes termos que Lipset ressalta o exemplo dado pela autora ao falar sobre sua impressão da igualdade ou “democracia igualitária” nos Estados Unidos:

“Thus, as if echoing her emphasis on the ‘insolence’ of the English privileged towards those whom they regarded as their inferiors, the conservative Anthony Trollope complained in 1860 that in America ‘the man to whose service one is entitled answers one with determined insolence.’
But equalitarianism in social relations did not mean the absence of hierarchy, or of competition. Rather, if anything, the very absence of fixed class lines placed pressure on *all* as the burden of success lay with the individual himself.” (Lipset, 2000, p. 12)

Essa postura foi criticada em sua autobiografia ao falar sobre como algumas escritoras, entre elas Frances Trollope, cujo filho e a própria são citados por Lipset. A crítica é quanto ao que ela chamou de “insolência” dos britânicos, que não estavam acostumados com um igualitarismo nas relações sociais e insistiam em tratar as outras classes como inferiores, mas que chamavam os norte-americanos de “arrogantes” ou “intoleráveis” por buscarem a igualdade.

Se o primeiro ponto comum é esse choque com o “igualitarismo nas relações sociais”, o segundo, ao comparar Tocqueville e Martineau, diz respeito à percepção segundo a qual a luta pelo igualitarismo (ou melhor, um tipo de igualitarismo) estimulava uma competição acirrada. Ironicamente, a igualdade de condições promoveria uma competição por *status* e diferenciação social.

Existem, portanto, efeitos perversos da igualdade sem aristocracia e a busca pelo sucesso que daí decorre. E não só quanto a este. Lipset destacou o fato de que mesmo se afastando a aristocracia, Martineau chamou a atenção pelo fato de que uma mais alta classe se formava mesmo que os privilégios de classe e as classes hereditárias tivessem sido combatidos. E Martineau considerava pior e vulgar quando isso derivava exclusivamente da riqueza. A “vulgaridade dos norte-americanos”, dos mais ricos que se constituíam e se reconheciam como se fossem uma aristocracia. Negam o privilégio e a desigualdade de classes ao mesmo tempo em que instituíram uma *casta* similar a uma aristocracia.

Tudo isso como consequência de uma sociedade que busca ou enfatiza o seu caráter igualitário. De acordo com Lipset, essa classe superior hereditária teria sido contida por 02 fatores: um sistema de não herança institucionalizado, o fato de o sistema de valores igualitários estar em antagonismo com um “high status endemic”. Martineau também analisou a lei de herança legal. Tratava-se de socialismo ou comunismo? Não. O objeto de análise é os Estados Unidos, já que não existia medo da riqueza nem da propriedade privada.

A tese gira em torno de: Os valores principais da sociedade determinam os elementos estruturais básicos.

Para Martineau, a sociedade é sempre dividida em dois partidos: uma aristocracia e uma democracia. Para Tocqueville, um limita e o outro expande a “autoridade” do povo. Lipset chamou Martineau de “mulher inglesa da esquerda”. Lipset viu muitas coincidências entre as percepções de Martineau e de Tocqueville, embora possuíssem inúmeras diferenças entre eles: “This perception of the meaning of American politics by a left-wing English woman was almost identical with that reported by the more conservative French aristocrat, Tocqueville, written about the same time.” (Lipset, 2000, p. 10).

Lipset entendia que Martineau se autoproclamou radical e não escondeu a respeito de suas simpatias por um posicionamento em relação a outro.

“As a self-proclaimed radical, Harriet Martineau did not hide her sympathies. To her it was clear (as of 1837 following Jackson’s two terms in office) ‘that the Democratic Party has achieved everything that has been achieved since the United States’ constitution began to work’. Consequently since democracy meant the power of the more popularly based party ‘it is no wonder that there is panic in many hearts, and that I heard from so many tongues of the desolations of the ‘leveling spirit’, and the approaching ruin of political institutions’. Popular antagonism to great wealth and privilege did not mean, however, as the wealthy feared, the endangering of the institutions of private property. She argued that a value system that included a commitment to equality of opportunity meant, for some time to come, greater rather than lesser belief in the integrity of property.” (Lipset, 2000, p. 19)

Lipset (2000, p. 19) usou um termo que Tocqueville consagrou como conceito, que aqui aparece como uma narrativa que circulava e que era amplamente reconhecida. Refiro-me à “tyranny of the majority”. Martineau citou, sem mencionar Tocqueville, a

narrativa comum de que a república norte-americana estava prestes a ruir quando ela lá chegou. A chance de Tocqueville ter ouvido isso como sinal dos tempos e ter transcrito isso acriticamente é real. Só aqui são duas coincidências identificadas. E veja que a menção à *tirania da maioria* era ouvida dos ricos, pelos viajantes estrangeiros. E o problema seria a massa facilmente manipulável. Enquanto Tocqueville concordou com esse diagnóstico que foi oferecido, Martineau discordou de modo veemente.

Para Martineau, a experiência, a educação e as oportunidades econômicas promoveriam um amadurecimento das massas para que não fossem seduzidas. Obviamente, mesmo assim, a “ignorância” era um perigo constante. Lipset explica que o outro perigo já havia sido superado na medida em que o governo central não havia sido fortalecido. Para evitar isso, a autora entendia que o sistema federal era uma boa solução. Aqui não foi usado no texto o termo “confederado”: “Harriet Martineau joined the many commentators who have seen in the federal system one of the most salient safeguards of democracy [..]”. (Lipset, 2000, p. 20).

Ou, ainda,

“If Harriet Martineau and Alexis de Tocqueville, coming from different nations and reflecting varying political outlooks, agreed on many questions about the nature of Jacksonian America, there is one glaring contradiction in their testimony and analysis. Tocqueville saw American democracy sustained by high levels of political participation by the bulk of its citizenry [..].” (Lipset, 2000, p. 20)

E, na nota de rodapé nº 24:

“24 The Federalists, who most feared popular rule, sought to increase the central power, while their more populist-oriented opponents had fought for strong local government, and a division of powers that placed an ultimate limit on the tyranny of a national majority.” (Lipset, 2000, p. 20)

Se Lipset concluiu que Martineau e Tocqueville coincidiram em alguns momentos, ele também deixou claro “gritantes contradições” entre eles (Lipset, 2000, p. 20). De um lado, a autora falou que os norte-americanos eram apáticos. De outro, Tocqueville os considerou altamente participativos. Os federalistas são apresentados como apoiadores do governo central e com medo do autogoverno. Em contraposição,

os “opponentes de orientação populista” era uma referência no sentido de apoio ao povo, não pejorativa, aos governos locais fortes e à divisão de poderes.

“But Where Tocqueville saw intense participation both in politics and voluntary organizations, Harriet Martineau was impressed by the political indifference of Americans and devoted a separate section to ‘Apathy in Citizenship’. She reported that various individuals had told her they did not vote, and she cited comments from different people complaining about the general low state of political interest in the country.” (Lipset, 2000, p. 21)

Lipset repisa o tempo todo que tanto Tocqueville quanto Martineau estudaram os “norte-americanos jacksonianos”, referindo-se a Andrew Jackson, o 7º presidente dos Estados Unidos e governou de 1829 a 1837, tendo sido eleito por sufrágio universal e não sendo pertencente às elites do leste: “It is difficult to evaluate these opposing portraits of Jacksonian Americans by Tocqueville and Martineau. At that time, women, Negroes, and in some states the very poor, were barred from the polls.” (Lipset, 2000, p. 21). Lipset também citou o trabalho de Robert Lane, que ao mencionar Tocqueville e dados das eleições de 1830 afirmou que a participação era de 10% a 12%. Ou seja, de fato, baixíssima. Para Lipset, Martineau destacou duas características a esse respeito: o conformismo e a preocupação com a opinião de outros (“medo de votar”). Daí resultou a “indiferença política”: “If we examine the sources of political apathy in Harriet Martineau’s account, we come to a key aspect of her analysis of American traits, conformism or the concern for the opinions of others.” (Lipset, 2000, p. 22).

Ou, ainda:

“This constant anxiety about the opinions of others reduced the propensity of Americans to speak their minds on politics, and even of some of them to vote in an age where the secret ballot was not an attribute of the political process. For Martineau, political indifference, was a special case of the American’s fear of being different, a fear that permeated every aspect of his life.” (Lipset, 2000, p. 22)

E ela não foi a única. Tocqueville também havia observado como os norte-americanos se ajustavam para agradar a outros. Outra coincidência entre eles. Teria ligação com o medo de como seriam julgados? Para Martineau sim. Por outro lado, o conformismo levaria a uma baixa participação política, o que, para alguns, seria outro efeito perverso dos valores igualitários. Assim, a aristocracia seguia sendo o partido do

medo: da opinião; da vulgaridade; da responsabilidade; da singularidade. Além de alimentar o “desejo de casta”, a “ vaidade de séquito” e a “ostentação de riqueza”.

Uma citação feita por Lipset (2000, p. 23), de um trecho da obra de Tocqueville destaca o fato de que o clássico se refere a “candor and **masculine** independence of opinion” (*grifo meu*). Parece um consenso a consideração segundo a qual os norte-americanos não possuíam independência moral. Eles teriam medo de ser independentes e perderem a aprovação dos outros, o que geraria o hábito de conformidade. Portanto, não seriam livres. Mas: “The consequences of American equalitarianism that Martineau found distasteful were not limited to conformism in opinions or status-seeking ostentation.” (Lipset, 2000, p. 26).

Até aqui, tudo está relacionado aos efeitos perversos do igualitarismo norte-americano. Ele não mencionou até aqui a liberdade como um elemento (verificar!). O conformismo e a ostentação em busca de *status* (que para Martineau equivaleria a honra), não eram os únicos elementos que a autora considerava como consequências desagradáveis do *igualitarismo*, de acordo com Lipset. Outra referência é à lisonja. Martineau considerava estranha a ausência de crítica nos Estados Unidos e a prevalência de “lisonja”. Ela citou como exemplo o fato de que todo livro que saía era elogiado. Falava em “ostentação em busca de status”. A sociedade da lisonja e do medo do que os outros pensariam foi denunciada e criticada pela autora não apenas em relação à sociedade norte-americana, mas à sua própria com o “leonismo literário”.

“The intimate connection between other-directedness, flattery, and egalitarian values suggests by these comments recalls the same connection perceived by Plato with almost identical examples in *The Republic*, written two millenniums before the birth of the United States:

[...]

As Plato noted, and Harriet Martineau testified, democratic man is deeply imbued with the desire to accommodate to others, which results in kindness and generosity in personal relations and in a reluctance to offend. Martineau commented also on this much more positive side of the concern for others inherent in democracy: [...].” (Lipset, 2000, p. 27)

A autora falava em risco de “tirania doméstica” sobre fracos e sem resistência no ambiente privado. Os *princípios republicanos* (igualitarismo, respeito e preocupação com os outros) estariam ligados à “estrutura interna da família”, tida como a “principal instituição de socialização” (Lipset, 2000, p. 28). Por outro lado, ela considerava que as

crianças norte-americanas eram livres e sem medo, e que isso era um deleite para a sua observação. E essa característica também foi observada por outros comentadores (Lipset, 2000). Para ele, Martineau estabeleceu uma relação de causalidade entre socialização na infância com amor, respeito e aprovação, de um lado, e adultos cujas personalidades são “caracterizadas por bom temperamento e impressionada com relações gentis” (Lipset, 2000, p. 29). Mais tarde, a psicologia passou a asseverar isso de modo central. De igual modo, relacionou isso ao “sistema de valores gerais da sociedade”. De fato, a autora tanto se referiu a valores quanto a sistema, mas me parece uma interpretação de Lipset o uso do termo “sistema de valores”, que é algo a ser verificado no texto propriamente dito.

Tudo isso para demonstrar o quanto o texto introdutório de Lipset é entrecortado com citações de Martineau e de outros autores contemporâneos ou não a ela. O que nos deixa a questão se mostrar que outros pensaram de modo similar seria necessário para legitimá-la?

Quadro 05 – Obras que citam Harriet Martineau publicadas de 1977 em diante

Data	Título ou periódico	Autor(a)	Editora	País/língua	Tipo
1980	<i>Harriet Martineau: the Woman and her work, 1802-76</i>	Valerie Kossen Pichanick	Ann Arbor	Estados Unidos/inglês	Livro
1981	<i>The emergence of sociological theory</i>	Jonathan H. Turner, Leonard Beeghley and Charles H. Powers	Traduzido para o português em 2016		Menção
1981	<i>Who was Harriet Martineau</i>	Paul Riedesal	Journal of the History of Sociology		Artigo
1982	<i>Women of ideas (and what men have done to them)</i>	Dale Spender	Routledge; Kegan Paul	Inglaterra/inglês	
1983	<i>Feminist Theorists: Three Centuries of Key Women Thinkers</i>	Dale Spender	Pantheon Books		Capítulo
1985	<i>As três culturas [Die drei Kulturen. Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft]</i>	Wolf Lepenies		Carl Hanser Verlag/alemão	Menção
1985	<i>Harriet Martineau</i>	Gillian Thomas	Ed. Twayne		Livro
1985	<i>Harriet Martineau on women</i>	Ed. Gayle Graham Yates	Rutgers University Press	Estados Unidos/inglês	Livro

1986	<i>Reason over passion: Harriet Martineau and the Victorian novel</i>	Valerie Sanders	The harvester press / St. Martin's press	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
1987	<i>Intellectual women and Victorian patriarchy</i>	Deirdre David	Cornell University Press	Estados Unidos/inglês	
1987	<i>A poetics of women's autobiography: marginality and the fictions of self-representation</i>	Sidonie Smith	Indiana University Press	Estados Unidos/inglês	
1988	<i>Transcending a patriarchal past: teaching the history of early women sociologists</i>	Mary Jo Deegan	Teaching Sociology		Artigo
1989	<i>Empiricism and Reason in Harriet Martineau' Sociology. Vols. XV-LX</i>	Michael Hill	Transaction Books	Canadá/inglês	
1989	<i>Mothering and mesmerism in the life of Harriet Martineau</i>	Diana Postlethwaite	The University of the Chicago Press, vol. 14, nº 03, pp. 583-609		Artigo
1990	<i>Victorian sages and cultural discourse: renegotiating gender and power</i>	Ed. Thais E. Morgan	Rutgers University Press		
1990	<i>Harriet Martineau: selected letters</i>	Ed. Valerie Sanders	Clarendon Press	Inglaterra/inglês	
1991	<i>Science and sensibility: gender and scientific enquiry, 1780-1945</i>	Ed. Marina Benjamin	Basil Blackwell Ltda	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	
1991	<i>Women in sociology: a bio-bibliographical sourcebook</i>	Ed. Mary Jo Deegan	Greenwood Press	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Capítulo
1992	<i>Harriet Martineau: first woman sociologist</i>	Susan Hoecker-Drysdale		Inglaterra e Estados Unidos/inglês	
1993	<i>The early origins of the social sciences</i>	Lynn McDonald	McGill-Queen's University Press	Canadá/inglês	
1994	<i>Harriet Martineau in the London Daily news: selected contributions, 1852-1866</i>	Elisabeth Sanders Arbuckle		Estados Unidos/inglês	
1994	<i>The women founders of the social sciences</i>	Lynn McDonald	Carleton University Press	Canadá/inglês	
1995	<i>Harriet Martineau: the poetics of moralism</i>	Shelagh Hunter	Scolar Press	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	
1995	<i>"The enigma of Harriet Martineau' letters on science"</i>	Susan Hoecker-Drysdale	Women's writing		Artigo
1996	<i>Hegel, Marx and the English state</i>	David MacGregor	University of Toronto Press	Canadá/inglês	

1996	<i>Introduction to Sociology</i> (5ª edição)	Henry L. Tischler	Harcourt Press		Menção
1996	<i>Prose by Victorian women: an anthology</i>	Ed. Andrea Broomfield and Sally Mitchell	Garland Publishing	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	
1996	<i>Siblings and anti-slavery: the literary and political relations of Harriet Martineau, James Martineau and Maria Weston Chapman</i>	Constance W. Hasset	Signs		Artigo
1996	<i>Society in focus: a introduction to sociology</i> (2ª edição)	William E. Thompson; Joseph V. Hickey	Harper Collins College Publishers		Menção
1996	<i>Sociology</i> (4ª edição)	Alex Theo	Longman		Menção
1996	<i>Sociology</i> (6ª edição)	Jon M. Shepard	Wadsworth		Menção
1996	<i>Sociology</i> (5ª edição)	Beth B. Hess; Elizabeth W. Markson; Peter J. Stein.	Allyn and Bacon		Menção
1996	<i>Sociology: the core</i> (4ª edição)	James W. Vander Zanden	McGraw-Hill		Menção
1996	<i>Sociology in our times</i>	Dianna Kendall	Wadsworth		Menção
1997	<i>Sociology</i> (6ª edição)	John J. Mancionis	Prentice-Hall		Menção
1997	<i>Sociology</i>	Richard P. Appelbaum; William J. Chambliss	Longman		Menção
1997	<i>Sociology: a down-to-earth approach</i>	James M. Henslin	Allyn and Bacon		Menção
1997	<i>Women imagine change</i>	Ed. Eugenia C. De Lamotte; Natania Meeker; Jean F. O'Barr	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Capítulo
1998	<i>"Martineau in current introductory textbooks: an empirical survey"</i>	Michael Hill	The Harriet Martineau Sociological Society Newsletter, No. 4 (Spring): 4-5	Estados Unidos/inglês	Artigo
1998	<i>Reclaiming the sociological classics</i>	Ed. Charles Camic	Blackwell Publishers		Capítulo
1998	<i>Sociology</i> (4ª edição)	Thomas J. Sullivan	Allyn and Bacon		Menção
1998	<i>Sociology</i> (6ª edição)	Richard T. Schaefer;	McGraw-Hill		Menção

		Robert P. Lamm			
1999	<i>Political economy and fiction in the early works of Harriet Martineau</i>	Claudia Orazem	Peter Lang	Alemanha/inglês	Livro
2000	<i>Records of Girlhood: an anthology of nineteenth-century women's childhoods</i>	Ed. Valerie Sanders	Ashgate		
2000	<i>The Blackwell Companion to Major Clasiccal Social Theorists</i>	Ed. G. G. Ritzer	Blackwell Publishing		
2002	<i>Slavery, Empathy, and Pornography</i>	Marcus Wood	Oxford University Press Inc.	Estados Unidos/inglês	
2002	<i>The woman and the hour: Harriet Martineau and Victorian ideologies</i>	Caroline Roberts	University of Toronto Press		Livro
2002	<i>Harriet Martineau: theoretical and methodological perspectives</i>	Ed. Michael Hill and Susan Hoecker-Drysdale	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
2004	<i>Harriet Martineau</i>	Ed. Susan Hoecker Drysdale	Thoemnes Continuum	Inglaterra/inglês	Livro
2005	<i>"The Nightingale-Martineau collaboration: differences of Philosophy and Religion"</i>	Lynn McDonald	Sociological Origins		Artigo
2006	<i>Classical sociological theory: rediscovering the promise of sociology</i>	Glenn A. Goodwin e Joseph A. Scimecca	Wadsworth Cengage Learning	Estados Unidos/inglês	Capítulo
2006	<i>"From French revolution to English reform: Hannah Moore, Harriet Martineau, and the 'Little book'"</i>	Linda H. Peterson	Nineteenth-century literature, vol. 60, nº 04, pp. 409-450		Artigo
2007	<i>Family fictions and family facts: Harriet Martineau, Adolphe Quetelet and the population question in England 1798-1859</i>	Brian Cooper	Taylor & Francis		
2007	<i>Nineteenth-century British women's education, 1840-1900 Vol. II – Girl's and women's education: arguments and experiences</i>	Ed. Susan Hamilton; Janice Schroeder	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	02 artigos
2007	<i>The collected letters of Harriet Martineau Volume 04</i>	Org. Deborah Logan e Valerie Sanders	Pickering & Chatto Publishers Ltda		Livro
2008	<i>Advancing gender research from the nineteenth to the twenty-first centuries</i>	Ed. Marcia Texler Segal and Vasilikie Demos	Emerald Jai	Inglaterra/inglês	

2008	<i>Classical sociological theory</i> (5ª edição)	George Ritzer et all	Sage Publications		
2008	<i>Watching slavery: witness texts and travel reports</i>	Joe Lockard	Peter Lang	Estados Unidos/inglês	
2009	<i>Harriet Martineau, Victorian imperialism and the civilizing mission</i>	Deborah Logan	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
2010	<i>A life of dissent</i>	F. James	University of London	Inglaterra/inglês	Capítulo
2010	<i>Classical theory and modern studies: introduction to sociological theory</i>	Mark Abrahamson	Prentice Hall	Estados Unidos/inglês	
2010	<i>Victorian women writers and the woman questions</i>	Ed. Nicola Diane Thompson	Cambridge University Press		Capítulo
2011	<i>"Harriet Martineau and the unitarian tradition in education"</i>	Ruth Watts	Oxford Review of Education, vol. 37, nº 05, October, pp. 637-651		Artigo
2011	<i>Translation, authorship and the victorian professional woman: Charlotte Bronte, Harriet Martineau and George Eliot</i>	Lesla Scholl	Ashgate Publishing	Inglaterra/inglês	
2012	<i>Harriet Martineau: further letters</i>	Ed. Deborah Anne Logan	Lehigh University Press		Livro
2012	<i>The emergence of sociological theory</i>	Jonathan H. Turner; Leonard Beeghley; Charles H. Powers	Sage Publications	Wadsworth publishing company	01 menção
2013	<i>O my America!: six women and their second acts in a new world</i>	Sara Wheeler-Farrar	Strans and Giroux	Estados Unidos/inglês	
2013	<i>Passage to America: celebrated European visitors in search of the American adventure</i>	Gloria-Gilda Peak	I. B. Tauris	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	
2013	<i>Women founders of the social sciences</i>	L. McDonald	McGill-Queen's University Press	Canadá/inglês	Capítulo
2015	<i>The Palgrave Handbook of social in health, illness and medicine</i>		Palgrave Macmillan	Inglaterra/inglês	
2016	<i>Harriet Martineau and birth of disciplines</i>	Ed.(s) Valerie Sanders and Gaby Weiner	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
2016	<i>The collected letters of Harriet Martineau Volume 04</i>	Org. Deborah Logan e Valerie Sanders	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro

2017	<i>Encounters with Harriet Martineau a victorian living ahead of her time</i>	Stuart Hobday		Inglaterra/inglês	
2017	<i>Social Theory: the multicultural, global and classic readings</i>	Charles C. Lemert	Westview Press	Estados Unidos/inglês	
2017	<i>The political thought of America's founding feminists</i>	Lisa Pace Velter	New York University Press	Estados Unidos/inglês	
2017	<i>Sociological Theory Beyond the Canon</i>	Syed Farid Alatas & Vineeta Sinha	Macmillan Publishers Ltd.	Inglaterra/inglês	
2017	<i>Harriet Martineau and the Birth of disciplines: nineteenth-century intellectual powerhouse</i>	Ed. Valerie Sanders and Gaby Weiner	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
2019	<i>Fundadoras de la sociología y la teoría social 1830-1930</i>	P. Madoo Lengermann ; G. Niebrugge	CIS	Espanha/espanhol	Capítulo
2019	<i>Harriet Martineau, Miss J and Ellen Mckee</i>	G. Peter Winnington	Letterworth Press		
2019	<i>Lições de Sociologia Clássica</i>	Orgs. José Luís Garcia & Hermínio Martines	Edições 70	Portugal/português	Capítulo
2020	<i>Classical sociological theory</i>	Steven Loyal; Sínisa Malesevic	Sage Publications Ltda	Estados Unidos/inglês	Capítulo
2020	<i>"The polish peasant after one hundred years: an Approach from the History of Sociology"</i>	Martin Blumer	Italian Sociological Review, 10 (2S), 531-534	Itália	Artigo
2020	<i>La historia de la Sociologia: si no te la contaron violeta, no te la contaron completa</i>	Selene Aldana Santana		México/espanhol	Artigo
2021	<i>Clássicas do pensamento social</i>	Org. Verônica Toste Daflon & Bila Sorj	Rosa dos Tempos	Brasil/português	Capítulo
2021	<i>Harriet Martineau's writing on the British Empire</i>	Ed. Deborah Logan; Antoinette Burton; Kitty Sklar; Patrick Brantlinger	Taylor & Francis		
2022	<i>Além do cânone: para ampliar e diversificar as ciências sociais</i>	Org. Celso Castro	FGV	Brasil/português	Capítulo
2022	<i>Classical sociological theory</i>	Ed. Craig Calhoun; Joseph Gerteis; James Moody; Steven Pfaff;	Wiley; Blackwell	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Capítulo

		Indermohan Virk			
2023	<i>Harriet Martineau: intellektuelle, feministin, soziologin. Kostproben ihres schaffens</i>		Königshausen & Neumann	alemão	Livro
2024	<i>Reintroducing Harriet Martineau pioneering sociologist and activist</i>	Stuart Hobday; Gaby Weiner	Routledge	Inglaterra e Estados Unidos/inglês	Livro
2024	<i>Un aula sin barreras: discapacidad y educación superior</i>	Ed. e coord. Patricia Brogna	FCPYS-UNAM	México/espanhol	Capítulo

Fonte: Elaborado pela autora.

Já no final do século XX, a obra de Wolf Lepenies (1941), *As três culturas*, publicada originalmente em 1985, também faz referência a Harriet Martineau.

“Por outro lado, era enorme o teor sociológico da literatura inglesa desde a metade do século XIX, e este (*sic*) ainda estava aumentando; era tão forte em autores como Georg Eliot que Herbert Spencer não considerava seus romances como romances, chegando a excluí-los da determinação que bania todas as obras de literatura narrativa da London Library. **Harriet Martineau, cujo *Illustrations of Political Economy* se incluía entre os grandes sucessos editoriais do século, estava sob tão forte compulsão pela realidade que achava impossível criar uma trama de romance; e, quando, após ter passado anos a fio escrevendo somente fatos e verificando sua exatidão, tornou-se irresistível o desejo de escrever um romance verdadeiro, teve dificuldade em consegui-lo.** Os escritores estavam convencidos de que deviam principalmente adquirir conhecimentos sociológicos antes de poder começar a escrever, e, na *Sociological Review*, isso significava que autores como Galsworthy e Wells seriam antes de tudo sociólogos, e somente então romancistas.” (Lepenies, 1996, p. 154) (*grifos meus*)

Essa referência de Lepenies a Martineau é bastante simplista indicando apenas que ela era pouco romancista e mais que seus contos eram usados para produzir análises ou reflexões sobre a realidade. De fato, se os contos dela fizeram muito sucesso, o mesmo não pode se dizer dos romances. Sua referência a obra da autora é apenas o *Illustrations*, que aparece na citação, e a uma resenha da *Autobiography*. Além disso, embora ele tenha citado a *Sociological Review*, que é um periódico britânico fundado em 1908, este é incompatível com os intelectuais citados neste mesmo parágrafo. E, infelizmente, apesar de o periódico ter comentado sobre obras e trabalhos de vários intelectuais do século XIX, esse acervo não está disponível ao público em seu *site*²⁹. A

²⁹ Disponível em thesociologicalreview.org/magazine/

Sociological Society, responsável pela criação dessa revista, foi fundada um pouco antes, em 1903.

No século XXI, alguns trabalhos carregam erros na menção a Martineau que chamam a atenção pelo desconhecimento preenchido com talvez uma boa quantidade de imaginação. É o caso de Diaz (2013), *Rising tide of empire: gulf coast culture and society during the era of expansion 1845-1860*, no qual a autora é apresentada como esposa de um oficial da Marinha britânica e observadora, tendo a oportunidade ímpar de relatar esse processo de expansão norte-americana. A única obra citada nele é *Retrospect of Western Travel*³⁰: “In 1834, **while traveling through the Caribbean and the Gulf of Mexico Harriet Martineau, wife of a British naval officer**, observed the interactions of the French and Americans living in New Orleans.” (p. 189) (*grifos meus*).

Em um texto de 2017, Vineeta Sinha, que é amplamente conhecida por seu trabalho sobre um ensino de Sociologia para além do cânone (Alatas e Sinha, 2017), afirmou que as obras de Harriet Martineau podem ser classificadas como de “gêneros de viagem e jornalístico” produto de uma “escrita profissional”, além de ficção, romances, poesias, novelas e contos (Sinha, 2023, p. 73). Ela indiretamente mencionou a importância do mercado editorial e da citação às obras para que ela não seja esquecida. Mas não mencionou o tratamento que ela recebeu no final do século XIX até 1950, que é principalmente o que busco demonstrar nesta tese, sem desconsiderar que o mercado editorial não é o único fator obviamente, é como Martineau foi apresentada às gerações seguintes. E, tal como em outras obras, genericamente, apresenta Martineau como “positivista”, sem explicar o que entende pelo termo e insinuando uma associação entre este e seguidores de Comte (Sinha, 2023, p. 75):

“A tradução feita por Martineau do original francês do *Curso de filosofia positiva* (publicado em 1853), de Auguste Comte, em seis volumes, para o inglês, em dois volumes, foi seu encontro mais próximo com o mundo da academia do século XIX. A tarefa de traduzir os volumes de Comte e tornar suas ideias acessíveis a audiências de língua inglesa não é, de modo algum, uma contribuição pequena à história da disciplina. Contudo, mesmo aí, Martineau recebeu pouca atenção por parte dos sociólogos³¹ a não ser pelo fato de ser nomeada como tradutora.”

³⁰ Obra encontrada por Maria-Rocío Navarro-Fossar.

³¹ No texto traduzido está “sociológicos”.

Ou, ainda:

“Como positivista, Martineau acreditava nas leis sociais e na evolução progressiva da sociedade. Rejeitava que o universo fosse uma criação divina e argumentava, em vez disso, que era determinado por leis universais que somente a investigação científica podia revelar. Isso já é expresso em *Letters on the laws of man’s nature and development* [Cartas sobre as leis da natureza e do desenvolvimento do homem], obra publicada em coautoria com Henry Atkinson em 1851. Ao traduzir ‘livremente’ e condensar a filosofia de Comte, Martineau reconheceu o potencial libertador da filosofia positivista para a compreensão e a reformulação da sociedade, além de se comprometer com a ampla disseminação dessas ideias [...]” (Sinha, 2023, p. 75)

Contudo, Comte também não fazia parte da academia e era apenas um “examinador” e matemático. Na metade da carreira (1851-1853) ela traduziu e publicou a obra de Comte. Isso é um fato, mas isso não a torna uma “positivista” e, ainda que chegássemos à conclusão de que teria aderido ao positivismo, ela não poderia ser resumida a isso. Além disso, ao menos no Brasil, ela é sim reconhecida como tradutora de Comte, mas isso não lhe deu espaço ou reconhecimento. Martineau era racionalista e movida pela crença de que a ciência era capaz de nos trazer respostas sobre a vida que nenhum outro tipo de conhecimento produzido alcançava quanto à forma e à objetividade. A prova disso é o próprio texto citado por Sinha em um recorte, o qual, lido na íntegra, informa claramente o momento no qual Martineau se encontrou com a obra de Comte (Martineau, 2022a). E a própria Sinha menciona isso, mas sem a referência cronológica devida, como se isso fosse uma prova de que ela era positivista, quando, na verdade, demonstra o contrário:

“Buscando independência de pensamento, Harriet Martineau se afastou dos limites do dogma religioso e da autoridade. Pelo contrário, valorizava a busca da verdade com base em princípios científicos e se voltou à razão, à lógica e ao empirismo como modos e métodos objetivos de descoberta.” (Sinha, 2023, p. 76)

A mesma autora fala sobre uma Martineau “conservadora” e cita alguns elementos que acredita demonstrarem esse posicionamento.

“Numa leitura cética e crítica, a popularização da economia política empreendida aqui por Martineau serviria às visões dominantes, convencionais e estabelecidas do capitalismo. Não é segredo que Martineau

admirava a indústria britânica e via o capitalismo como fomentador do progresso. Ela era uma ferrenha defensora do livre mercado e do *laissez-faire* na economia, e via a industrialização e a modernização da sociedade como avanços. Isso foi expresso mais claramente em sua defesa da colonização britânica na Índia. Assim Marx teorizou sobre o assunto, também Martineau argumentou que o colonialismo (e a modernidade que ele renunciava) era bom para a Índia. Entretanto, Martineau era ambivalente acerca do domínio colonial britânico na Índia. O eurocentrismo de Martineau é evidente em sua visão do capitalismo ocidental como universal, distinto e progressista, e, no caso do colonialismo, estava alinhado à missão civilizatória britânica.” (Sinha, 2023, p. 80)

Todavia, Martineau foi uma intelectual complexa e afirmações generalíssimas não ajudam a compreender a sua obra e a sua teoria. Por exemplo, adotar algumas referências, relativas a uma fase de produção (no caso a da ilustração de Economia Política) como se fosse sua teoria ou sua defesa. Ou que a autora fosse contra os “operativos” e defensora do capitalismo, sendo que este último sequer é um tema central para Martineau.

“Em seu próprio país, Martineau podia imaginar o capitalismo industrial de forma idílica e utópica – a despeito das consideráveis evidências empíricas de conflitos e agitação na indústria da Grã-Bretanha no período de seus escritos, nas décadas de 1830 a 1850. Embora a inquietação e os conflitos sociais fossem o tema explícito de suas primeiras histórias, ‘The rioters’ e ‘The turn out’, bem como de histórias contidas em *Illustrations*, como ‘The Hill and the Valley’ (sobre a destruição de máquinas) e ‘A Manchester Strike’, elas se destinavam precisamente a desencorajar o conflito e o comportamento improdutivo e ineficiente por parte do trabalhador, e a defender um alinhamento entre os interesses do capital e do trabalhador. Ela tinha uma visão conservadora e altamente favorável frente ao capitalismo e à Revolução Industrial, e argumentava, em suas histórias, que perturbações (como greves, destruição de máquinas e de outros meios de produção, bem como a inatividade e a recusa a trabalhar) eram, em última análise, disfuncionais e improdutivas.” (Sinha, 2023, p. 81)

Ela discutiu outras formas de organização do trabalho, de propriedade e de produção. Por isso mesmo, parece-me difícil concordar que ela trate o “capitalismo ocidental como universal” (Sinha, 2023, p. 81). Da mesma forma, atribuir a ela alguma forma de alienação com relação à situação da indústria é algo que não tem como prosperar, pois ela escreveu sobre as condições dos “operativos” e discutiu os conflitos sociais.

Já em *Sociedade na América* comparou a situação de homens e mulheres tanto nas fábricas dos Estados Unidos quanto da Europa e visitou duas experiências de produção coletiva.

“Hoje, Harriet Martineau é, sem dúvida, uma figura conhecida. Graças aos esforços de um dedicado grupo de estudiosos que trabalharam por mais de quatro décadas, suas principais obras foram recuperadas, reeditadas e tornadas acessíveis. Comentários críticos sobre as principais obras de Martineau também aumentaram significativamente desde o final da década de 1960 (Martineau, 1962; Webb, 1960; Wheatley, 1957) e ganharam impulso nos anos 1980 e 1990. Todavia, ainda assim, ela permaneceu à margem da teorização sociológica e prevalecente. Este capítulo é mais um esforço pelo reconhecimento do valor sociológico e teórico das obras de Martineau.” (Sinha, 2023, p. 74)

Mais contemporaneamente, o texto de Selene Aldana, de 2020, *La historia de la Sociología: si no te la contaron violeta, no te la contaron completa*, descreveu a autora como “pensadora inglesa sordomuda”. Aldana é uma colega feminista e faz um importante trabalho de divulgação das teóricas clássicas, mas neste caso específico, errou ao afirmar que Martineau fosse surda e muda.

Mais tarde, em um texto em coautoria com Mejía, situa a discussão no que chamaram de “reconstrução feminista, mas não é disso que se trata, embora também discutam a falta de lastro e veracidade na forma como a história das Ciências Sociais é contada (Santana e Mejía, 2024). O feminismo chegou tarde, pois nem ele próprio usava ou conhecia as teóricas clássicas em suas abordagens ou textos. Assim, o questionamento não pode ser resumido a uma questão feminista, embora mulheres possam ter sido excluídas ignoradas pelo simples fato de serem mulheres e o feminismo pode nos ajudar a compreender isso. Mas as autoras lembram que em 1970 o feminismo criticou o androcentrismo nas disciplinas acadêmicas.

Neste texto, se referiram a Martineau como “mulher surda” e “reconhecida como primeira socióloga”. A questão é que a surdez não foi uma razão para o apagamento. A impediu de dar aulas, mas não de pesquisar, escrever e estudar. Além disso, ela não era totalmente surda nem viajou sozinha.

E o que é a noção de *apagamento*? É o resultado do processo, quando estas autoras não figuram nos manuais e textos de formação, não são citadas pelos que as sucederam e também não são traduzidas ou não participam do campo de circulação de

obras reimpressas ou reeditadas. Mas defendo que isso é uma consequência do *cancelamento* que ela sofreu em parte em vida e bastante no pós-morte. Muito em decorrência de uma descaracterização feita de suas obras e do fato de que as gerações seguintes deixam de ter contato direto com as obras e passam a adotar a interpretação de comentadoras(es), que talvez também nem tenham tido contato com as obras e sequer fossem estudiosas(os) dela. Disso resulta uma “sociologia ciclope”.

Cabe perguntar se essa tese se aplica a Martineau, já que ela continuou a ser citada mesmo após a sua morte, em diversos livros. Uns mais bem fundamentados, outros extremamente rasos e até com afirmações categóricas sem embasamento. E o que os quadros seguintes à sua morte demonstram? O fato de não ser unânime não pode ser um argumento. Talvez essa afirmação seja relativa apenas aos livros de História da Sociologia, mas não fiz esse recorte em minha pesquisa.

³ Seguindo a Patricia Lengermann y Gillian Niebrugge, decimos ‘borradas’ (*written out*) porque en su tiempo de vida estas pensadoras recibieron reconocimiento de sus coetáneos y **fue en la segunda mitad del siglo XX, en el curso de la escritura de la ‘historia oficial’ de la sociología, que se le elimino de la memoria disciplinar** (2007: 2).” (Santana e Mejía, 2024, p. 55) (*grifos nossos*)

Para as autoras, essa institucionalização da “história oficial da Sociologia” (Santana e Mejía, 2024; Arango, 2013) ocorreu a partir da noção de um padrão narrativo que identificava “pais fundadores”. Para além disso, o texto chama a atenção para uma certa “normalização” que ignora autoras(es) e temas que envolvem alguma forma de deficiência.

Porém, fazem uma referência ao fato de que as feministas se contrapõem ao “concepto positivista de objetividade” (Santana e Mejía, 2024, p. 55). Contudo, é o contrário, a perspectiva androcêntrica, positivista ou não, é que ignora a necessidade de objetividade. Por isso, considero errado falar em “reconstrucción feminista de la disciplina y de su enseñanza” (Santana e Mejía, 2024, p. 55). É uma reconstrução científica e objetiva.

Os erros também vêm de suposto fogo amigo. Esses são apenas alguns poucos exemplos com os quais me deparei que são ilustrativos de como as informações disponíveis selecionadas, destacadas e moduladas em razão do perfil e da formação de

quem escreve a respeito ou de características próprias de uma dada geração. Até chegar a erros que podem ser reproduzidos adiante. A primeira leva de relatos foi feita por escritores e jornalistas. Isso certamente nos diz algo sobre como foi construída a sua “não recepção”. Muito provavelmente, estas referências a Martineau como “masculina” ou “feminina” fossem suficientemente importantes à época para constar em tantos livros de igual período e quiçá em outros (Gilman, 1898; 1914). São questões que precisam estar no radar como elementos potencialmente relevantes e em disputa na opinião pública. Afinal, Martineau era uma mulher independente economicamente, mas também quanto à instituição casamento, já que se manteve solteira por toda a vida, questões estas que ela tão bem problematizou em seus escritos. A ocorrência dessas referências nas obras após a morte da autora é um tema que precisa ser retomado oportunamente e averiguado em uma amostragem maior. Pode ser questionada a amostra e as fontes disponíveis, mas o conteúdo analisado é este.

Note-se que não é só a autobiografia que foi considerada uma verdadeira afronta à sociedade da época por diversos escritores e escritoras. Martineau também afrontou a aristocracia, a academia e os escravocratas, além dos religiosos unitaristas e seu próprio irmão por ter pautado e se posicionado sobre determinados assuntos de forma independente e na contracorrente do que era expresso pela maioria. Todos estes confrontos se acumularam ao longo de quase cinco décadas de carreira como escritora profissional e com uma audiência bastante elevada. As animosidades certamente não se dissolveram com o tempo. Ao alcançarem a crítica à religião, promoveram seu isolamento social e nos pós morte a ausência de seguidoras(es) que pudessem social e academicamente defenderem sua trajetória e sua obra. Minha tese é a de que não foi apenas o gênero em si que justificou ou motivou o seu *apagamento*, já que ela conseguiu ser bastante famosa apesar do gênero e havia outras mulheres escritoras famosas na época. Houve um tipo de rejeição ou linchamento intelectual pelo seu não enquadramento ao papel social atribuído ao seu gênero, embora tenha sido aceita e comemorada como escritora e intelectual de sucesso. Não bastasse isso, a autora sofreu um tipo de retaliação misógina ao final da carreira por publicizar fatos e percepções pessoais acerca de uma elite intelectual da qual fazia parte. Mas também porque teria criticado abertamente religiosos e religiões, deixando claro seu caráter social e político (nada transcendental), amplamente associado às “morais prevalecentes”, para gerar

determinados comportamentos esperados da sociedade como um todo. Suspeita essa que apareceu desde os seus primeiros escritos sobre a sociedade, mas sem nenhum indicativo de ruptura. Margareth Fuller (1810-1850) comentou que ao decidir se posicionar num tema tão polêmico, Martineau não apenas perdeu amigos que considerava valiosos, como também perdeu espaço para divulgação de suas ideias e obras. Por ter muita autonomia moral e coragem de escrever sobre temas considerados proibidos, mesmo com represálias e boicotes, ela se dizia satisfeita por não “sacrificar a liberdade de pensamento e de expressão” (Martineau, 1877b).

Somando-se estes dois elementos seria possível considerar que Martineau sofreu um *cancelamento*? Um linchamento social e moral? A autora que fartamente denunciou os linchamentos promovidos contra os negros e de perseguição a abolicionistas logo no início de sua carreira teria ela própria sofrido com este movimento da “turba”? Eu acredito que sim, por ter cruzado a linha do “livre pensamento” e ter ousado se emancipar integralmente de toda e qualquer instituição, dependência ou submetimento. Outra questão importante que talvez contribua para explicar a não referência a sua obra na história da Sociologia, diz respeito ao fato de que ela ficou praticamente reclusa nos seus últimos anos de vida. Porém, ela continuou a publicar, ainda que em ritmo e em quantidade menores para o que ela havia imprimido ao longo da carreira. Não obstante, esse ritmo mais lento ainda resultava em artigos semanais para diversos jornais e revistas. Esse isolamento físico veio da sua paixão pela natureza, mas também pelo cansaço da sociedade londrina e das imposições sociais ou pressões sofridas para se comportar como os indivíduos da classe que frequentava em jantares e em passeios. O fenômeno que ela denunciou como *leonismo literário* (Martineau, 1877a, p. 211). Daí não decorre que a própria Martineau tivesse optado pela exclusão ao se manter reclusa para cuidar da saúde e ter uma vida menos agitada.

Nos 50 anos pós-morte, as publicações se referiam à vida de Martineau, destacando habilidades e feitos, além de mencionarem as suas obras e, invariavelmente, a autobiografia. Em todas elas, a autora é descrita como escritora, jornalista e filantropa. Em alguns casos, como economista política e em outros como romancista, mas não existe referência a filósofa ou a socióloga, exceto em uma publicação. Também é comum a referência a ela ter traduzido Comte e em poucos a consideração de que ela teria se tornado positivista, o que pode ter lhe prejudicado sobremaneira.

Da amostra que consegui reunir nos livros publicados no século XX, Martineau passou a ser mencionada apenas como tradutora do *Curso de Filosofia Positiva*, o que muda a chave com a qual ela passou a ser apresentada, embora as suas obras já estivessem em domínio público e continuassem a circular em várias línguas. Assim, “Miss Martineau” é um termo que em si incorpora uma conversão e um abandono da própria obra, como uma intelectual que passa a ser vista como uma prestadora de serviço de tradução da obra de Comte e apresentada como sua seguidora positivista. Como se as duas figuras não pudessem coexistir: Harriet Martineau autora com Miss Martineau, que cai nas graças dos positivistas. A própria Martineau se convenceu de que suas obras sobre a *ciência da sociedade* eram “metafísicas” (Martineau, 1877a). A encruzilhada de Martineau teria sido o positivismo.

Para Lipset (2000, p. 07) é mais do que isso: “In deference to what I am certain would have been HM’s wishes, I refer to her here as Martineau rather than Miss Martineau. She was a militant crusader for female equality.”

Apenas em 1960 identifiquei a primeira obra dedicada exclusivamente a ela. Seguida de várias outras que se dedicarão ao mesmo processo de descolar Martineau destes dois estereótipos e a dialogar diretamente com as obras da autora. Nessa leva também se insere o esforço deste trabalho e as pesquisas que venho realizando.

A seguir, disponibilizei algumas figuras sobre lugares associados à trajetória de Martineau.

Figura 12 – Fotografia atual da casa onde Martineau nasceu



Fonte: Google Maps

Figura 13 – Placa do lugar de nascimento de Harriet Martineau



Fonte: Google Maps

Figura 14 – Fotografia atual da casa onde Martineau se hospedou em Tynemouth, 57 Front St., hoje *Martineau Guest House*



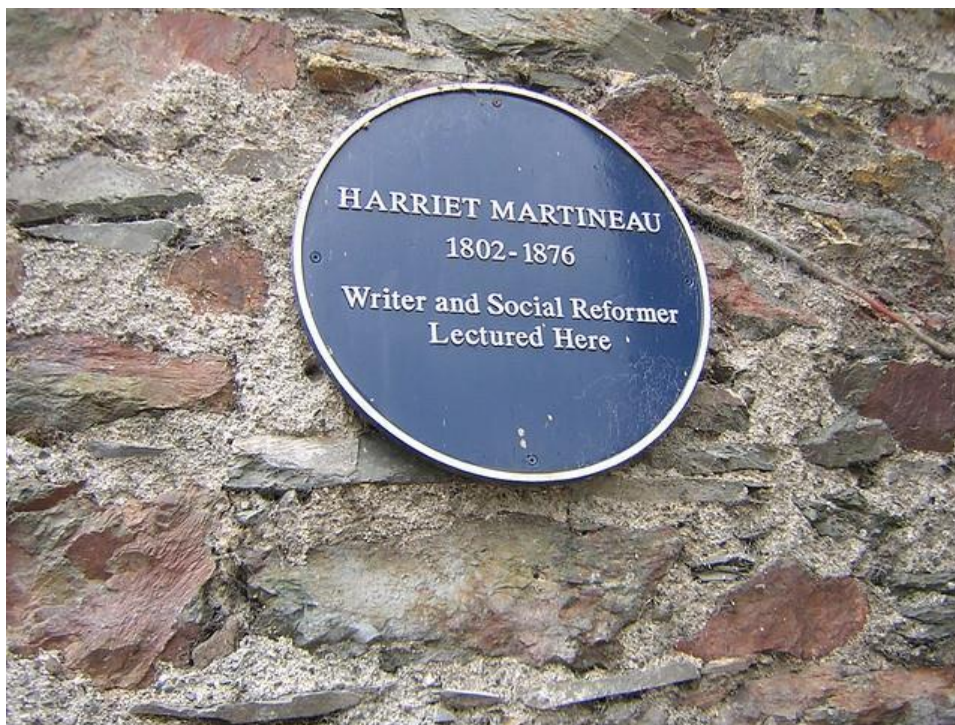
Fonte: Google Maps

Figura 15 – Placa em Tynemouth



Fonte: Google Maps

Figura 16 – Placa azul em Ambleside, The Knoll



Fonte: Google Maps

Desse modo, estando todas essas informações disponíveis para a consulta, pesquisa e leitura, embora não sistematizadas até agora, entendo que este *cancelamento* decorreu de um processo de ressignificação e desqualificação da obra e da autora, feito pelas gerações que se sucederam após sua morte e que foi sendo acriticamente reproduzido pelas gerações seguintes. Principalmente porque é sabido que o público costuma não recorrer às obras originais para verificar as afirmações a respeito delas.

A Ciência Social era tão sem crédito que quem atuava no campo também foi desacreditado. A obra que hoje celebramos como uma relíquia fundadora foi tratada como um guiazinho, algo sem valor e que depreciava a sua autora. Um século depois é que a Ciência Social é institucionalizada.

PARTE II – OBRA E LEGADO

Capítulo IV

Obra

O nascimento da Sociologia não desperta grande interesse dos estudiosos de teoria sociológica, mas sua análise é fundamental para a compreensão do seu desenvolvimento e da própria institucionalização do cânone sociológico (Alcântara, 2021; 2022; Connell, 2012). Além disso, contribui para historicizar os “processos des-historicizantes” (Bourdieu, 2020) que contribuem para formas de *dominação simbólica*. Com o mesmo intuito, demonstra, por meio de evidências históricas, a presença, a produção, a recepção e o impacto de autoras(es), obras e teorias, datando-as(os) e mapeando suas contribuições. Esse esforço de reconstrução genealógica que recorre à história para demonstrar as arbitrariedades das interpretações que justificam, por exemplo, a escolha do cânone (Connell, 2012; Navarro-Fossar, 2021; Castro, 2022), deve ser cauteloso para que ele próprio não caia no mesmo erro que denuncia. Propõe, assim, uma perspectiva para além do eurocentrismo, das escolas nacionais e coloniais, transdisciplinar e com “uma articulação estreita entre teoria e prática”, demonstrando como a classificação dos saberes produzidos e disponíveis remete não apenas a uma lógica colonial, que submete epistemologias não europeias, por meio de uma “violência sistêmica colonial”, uma desvalorização de saberes e experiências, incluindo os de autoria feminina (Debia, 2019; Santana e Mejía, 2024).

Para abordar esse assunto, a Parte II será dividida em três capítulos. Primeiro, abordarei a *obra* da autora buscando indicar as que geralmente são as mais citadas hoje, sem o intuito e a condição de exaurir essas buscas e tentativas de mapeamento. Segundo, discutirei *metodologias* utilizadas e propostas por Martineau em algumas de suas obras. Terceiro, mostrarei indícios sobre a *formação* que ela recebeu, autoras(es) e pessoas públicas com as(os) quais ela dialogava explicitamente. Em decorrência,

discuto o circuito social, político e intelectual no qual Martineau estava envolvida e que não se restringia à sociedade londrina.

De agora em diante, abordarei o que Martineau chamou de “literary enterprises” (Martineau, 1877a, p. 76). Acerca de sua vasta obra, eu dificilmente conseguiria elencar as suas dezenas de livros e milhares de artigos (Navarro-Fossar, 2021), mas, certamente, é possível listar alguns por maior notoriedade entre o público leitor ou mesmo por afinidade. Para demonstrar a riqueza e a amplitude de suas publicações, creio não bastar apenas listar essa relação tomando por único critério o elemento temporal. Desse modo, como as produções de Martineau avançam no campo da literatura, da história, da religião e, até mesmo, do turismo, numa triagem inicial as separarei cronologicamente considerando essas categorias, para que tenhamos uma dimensão sobre a sua quantidade e distribuição ao longo do tempo. Não custa lembrar que em sua autobiografia, Martineau foi extremamente crítica de sua produção e se referiu a alguns de seus textos como nunca mais tendo lido ou desejar ler (Martineau, 1877a, p. 115 e 119).

Um dos meus objetivos é dar ciência do volume expressivo da obra de Martineau, uma autora que teve mais de 55 anos de carreira, ao longo dos quais ela se dedicou a vários temas e a gêneros literários, o que deve ser encarado como uma expressão de sua ampla capacidade e plasticidade, não como um empecilho para reconhecer suas contribuições para um campo específico. Ela não se limitou a uma área, realidade comum a quase todos os intelectuais de sua época (obrigados que eram a ter aulas de música, artes, literatura e outras lições) e exerceu sua liberdade inclusive quanto a isso.

Certamente tais categorias não podem ser consideradas de modo estanque. É o caso, por exemplo, da coleção *Illustrations of political economy*, que, embora seja um conjunto de novelas, na verdade buscava ensinar princípios de Economia Política. Em todo caso, qualquer passo na tentativa de sistematizar o conhecimento acerca desta importante autora já consiste em um movimento considerável na reconstrução da história das Ciências Sociais, já que é um esforço para identificar quais obras possuíam um caráter sociológico, antropológico, metodológico e/ou de ciência política.

É importante fazer um comentário aqui. Martineau usou muitos pseudônimos e não tenho a pretensão de conhecer todos ou conseguir identificá-los, mas deixarei um

quadro com um primeiro esboço a esse respeito. Aliás, não apenas ela, mas um de seus editores atribuiu um pseudônimo para as suas obras, como um jogo de mistério e estímulo à venda de livros. Isso aconteceu em 1827, e vários de seus contos foram assinados pelo editor Houlston como “Sra. Sherwood”. Ela se referiu a ele como “meu primeiro patrono” e alegou só ter conhecido a história posteriormente (Martineau, 1877a, p. 103 e 105). Cabe lembrar que não apenas sua autoria era omitida, como quanto aos escritos produzidos para a Revista de Charles Dickens, quanto a algumas obras que não foram escritas por ela recebiam seu nome para venda. Esse fato foi relatado por ela na autobiografia (Martineau, 1877a). A respeito de Dickens, só sabemos a contribuição de Harriet Martineau porque um administrador do periódico deixou um livro de controle com informações detalhadas em posse de sua esposa que o disponibilizou para pesquisa sabendo de sua importância histórica. Nele constava a relação de pagamentos por autoria e texto (Navarro-Fossar, 2024).

Digno de nota é o fato de que Martineau refletiu sobre direitos autorais e o processo editorial do início ao final da sua vida, bem como sobre a relação entre autoria e editoria, o pagamento pelos serviços intelectuais, a relação com a opinião pública e com leitoras(es). De acordo com Navarro-Fossar (2021, p. 292), Martineau também teria custeado suas obras com os recursos que recebeu pelo pagamento de serviços literários na condição de autora. Em sua autobiografia, ela contou que na produção do *Illustrations* isso chegou a ser cogitado por sua mãe e tia, em face das recusas recebidas e das condições impostas pelos editores convencionais (Martineau, 1877a). Em vários momentos ela discutiu a relação, os riscos e a desigualdade de condições entre autoras(es) e editores.

De igual modo, creio ser importante demonstrar como a ordem das publicações e do perfil delas está diretamente relacionado ao desenvolvimento da carreira de Martineau como escritora profissional. De acordo com ela, sua primeira aparição na imprensa ocorreu em 1821 (Martineau, 1877a, p. 90), aos 19 anos, e, daí em diante, um longo caminho foi percorrido com fases e dificuldades características.

Para discutir propriamente o caráter da obra seria necessário trabalhar cada uma delas, o que foge ao escopo desta tese, cabendo apenas citá-las e periodizá-las. No Capítulo I, expus alguns destes dados para demonstrar em que momento de sua trajetória, envolvendo a juventude, a maturidade, os adoecimentos, as viagens, as

parcerias ou mesmo alguns eventos familiares, e o quanto a produção literária resultou e estava conectada com a própria vida. No Quadro geral incluí todos os escritos que ao longo do tempo fui identificando, para dar uma visão geral do que será estratificado adiante. Nele, pretendo incorporar não apenas a obra, mas as edições por país e língua (inglesa, francesa, espanhola, italiana, alemã e hebraica, por enquanto) para demonstrar a atividade editorial ampliada em torno de suas obras. Para a realização deste mapeamento, muitas fontes foram utilizadas, incluindo as já citadas nas pesquisas relativas aos dois capítulos anteriores e outras que serão citadas a seguir. Muitas consultas foram feitas em plataformas e arquivos *on-line*, outras informações foram provenientes da troca voluntária e cooperativa com várias(os) colegas da Rede Clássicas e até desconhecidas(os) nas redes sociais, às(aos) quais agradeço a contribuição e notícia a “descoberta” nas notas de rodapé, como fiz no capítulo anterior.

Sobre a metodologia utilizada, na Parte I foram utilizados os dados de *pesquisa bibliográfica* e de *revisão bibliográfica*, com o intuito de mapeamento e descrição. Na Parte II, os dados obtidos foram estratificados e apresentados não apenas por ordem cronológica, mas em razão do conteúdo. Sempre que possível foram incorporadas informações acerca do editor responsável. Além disso, uma nova pesquisa exploratória e de mapeamento foi realizada tendo por recorte as obras traduzidas para a língua portuguesa e considerando a referência a obras e pessoas públicas citadas pela autora no decorrer destas. Com isso, busco demonstrar conhecimento, influência, referências e o campo intelectual no qual ela estava inserida.

Quadro 06 – Publicações mapeadas

10/1822	<i>Female writers on practical divinity</i> (TNR)
02/1823	<i>On female education</i> (TNR, 20, 1823, pp. 77-81)
10/1823	<i>Devotional Exercises, consisting of reflections and prayers for the use of young persons; to which is added a treatise on the Lord's Supper</i> (Rowland Hunter)
1824	<i>Christmas Day</i> (Houlston) <i>Poem "On the death of lieutenant hood"</i> (TNR) <i>"Defense of metaphysical studies"</i> <i>"Lines occasioned by the controversy on the origin of Evil"</i> (TNR)
1825	<i>The Friends, a continuation of 'Christmas Day'</i> (Houlston)
1826	<i>Addresses, Prayers and Hymns for the use of families and school</i>
1827	<i>Poem Of Peace and Hope and Rest</i> (TNR) <i>On Dignity of Character</i> (TMR) <i>On the Dangers of Adversity</i> (TMR) <i>Principle and Practice, or the orphan family, a tale</i> (Houlston) <i>The Rioters, or, a tale of bad times</i> (Houlston)

	<i>The Turn Out, or, patience the best policy</i> (Houlston)
	<i>Mary Campbell, or, the affectionate granddaughter, a tale</i> (Houlston) ³²
1828	<i>Sequel to Principle and Practice</i> (Houlston) ³³
	<i>My Servant Rachel</i> (Houlston)
1829	<i>Life of Howard</i>
	"On the Agency of Feelings in the Formation of Habits" (TMR)
	Poems: "Ode to Religious Liberty", "The Last Tree in the Forest", "The Survivor" (TMR)
	"Essays on the Art of Thinking", (Parts: 1, 2, 3, 4, 5, 6) (TMR)
1829-1830	<i>Traditions of Palestine</i> (TMR):
	- <i>The hope of the Hebrew</i>
	- <i>Solitude and society</i>
	- <i>The early sowing</i>
1830	Ensaio (prêmios):
	- <i>The essential faith of the universal church</i> (to catholics)
	- <i>The faith as unfolded by many prophets</i> (to mohammedans)
	- <i>The faith</i> ³⁴ <i>as manifested through Israel</i> (to Jews)
	<i>Essay on Baptism</i> (prêmio)
	"On the Retrospective Faculty", (Parts: 1, 2, 3) (TMR)
	<i>Traditions of Palestine, times of the Savior</i> (Logman, Rees, Brown and Green)
1831	Sabbath Musings:
	1 – A Cove on the Sea Shore
	2 – A Popular Grove
	3 – A Death Chamber
	4 – A High Hill Side
	5 – A Deserted Garden
	6 – A Hermit's Cave" (TMR)
	<i>Five Years of Youth, or sense and sentiment</i> (Darton & Harvey)
1832-1833	<i>Illustrations of Political Economy</i> ; 9 volumes (Charles Fox) (1832: 1-11; 1833: 12-16;
1834:	17-25)
	1 – Life in the Wilds
	2 – The Hill and the Valley
	3 – Brooke and Brooke Farm
	4 – Demerara
	5 – Ella of Garveloch
	6 – Weal and Woe in Garveloch
	7 – A Manchester Strike
	8 – Cousin Marshall
	9 – Ireland
	10 – Homes Abroad
	11 – For Each and All
	12 – French Wine and Politics
	13 – The Charmed Sea
	14 – Berkeley the Banker, Part I
	15 – Berkeley the Banker Part II
	16 – Messrs. Vanderput and Snoek
	17 – The Loom and the Lugger, Part I
	18 – The Loom and the Lugger, Part II
	19 – Sowers not Reapers
	20 – Cinnamon and Pearls
	21 – A Tale of the Tyne
	22 – Briery Creek
	23 – The Three Ages
	24 – The Farrers of Budge-Row

³² **Aparentemente, publicado apenas em 1837.**

³³ **Algumas fontes remetem a 1831.**

³⁴ *Providence*

- 25 – The Moral of Many Fables
 "Miss Harriet Martineau to M.B. Maurice" (*The Athenaeum*)
- 1833-1834** *Poor Laws and Paupers Illustrated*, 4 partes (*The Diffusion Society*)
- 1 – The Parish
 - 2 – The Hamlets
 - 3 – The Town
 - 4 – The Land's End.
- 1834** *The Tendency of Strikes and Sticks to Produce Low Wages, and of Union between Masters and Men to Ensure Good Wages*
Illustrations of taxation; 5 volumes (Charles Fox)
- 1 – The Park and the Paddock
 - 2 – The Tenth Haycock
 - 3 – The Jerseymen Meeting
 - 4 – The Jerseymen Parting
 - 5 – The Scholars of Arneside
- Letters to the deaf* (Tait's Edinburgh Magazine)
- 1835** *The Children who lived by the Jordan: a story*
- 1836** *Miscellanies*; 2 volumes (Hilliard, Gray and Co.)
Miscellanies, 1836 (Vol. 1, Vol. 2, reprints from *Monthly Repository*)
- 1837** *Society in America*; 3 volumes (Saunders and Otley)
Society in America; 2 volumes (Saunders and Otley)
Guides to service (*The maid of all work; Housemaid; Lady's maid; Dress-maker*) (*Poor-law commissioners*)
- 1838** *Retrospect of Western Travel* (Saunders and Otley)
Retrospect of Western Travel (Saunders and Otley)
How to Observe Morals and Manners (Charles Knight and Co)
- 1839** "The Martyr Age of the United States" (*London & Westminster Review*)
- 04/1839** *Artigo Literary Lionism* (*London and Westminster Review*)
Deerbrook: A novel
- 1840** *The Hour and the Man: A historical romance* (v.1, v.2).
- 1841** *The Hour and the Man: An Historical Romance*
The Playfellow (Charles Knight)
- 1 – *The Settlers at Home*
 - 2 – *The Peasant and the Prince, a story of the French Revolution*
 - 3 – *Feats on the Fiord, a tale of Norway*
 - 4 – *The Crofton Boys*
- Carta em apoio à América Anti-Slavery Society*
- 1844** *Life in the Sickroom: Essays by an invalid*
- 1845** *Letters on Mesmerism*
Dawn Island
- 1845-1846** *Forest and Game Law Tales* (v.1, v.2, v.3)
- 1846** *The Billow and the Rock: a tale*
- 1846-1847** *Série de artigos sobre a criação dos filhos* (The People's Journal)
- 1848** *Household Education* (People's Journal)
Eastern Life. Present and Past; 3 volumes (Edward Moxon)
- 1849** *History of England during the Thirty Years' Peace 1816-46*, 4 volumes, 1849–50 [v.1 (1816-24), v.2 (1824-33), v.3 (1830-1841) v.4 (1837-46)] (George Bell and Sons)
Household Education (Livro por Edward Moxon)
 Colaboradora da revista *Household words* (Charles Dickens) e do jornal *Daily News* (Daniel O'Connell)
- 1850** "How to Make Home Unhealthy" (*Harper's*)
- 1851** Henry George Atkinson and H. Martineau, *Letters on the Laws of Man's Nature and Development* (Chapman)
Letters on the Laws of Man's Nature and Development, with H.G. Atkinson (Josiah P. Mendum)
- Introduction to the History of the Peace, from 1800 to 1815*
 "Sketches from Life" (*Harper's*)

1852	<i>Letters from Ireland</i> (Daily News)
1853	<i>The Positive Philosophy of Auguste Comte</i> ; 2 volumes (John Chapman)
1854	<i>Complete Guide to the English Lakes</i> <i>Guide to Windermere</i> <i>Política externa na Inglaterra</i> (Westminster Review) <i>O censo de 1851</i> <i>Rajah Broke</i> (Westminster Review) <i>O palácio de cristal</i> (Westminster Review)
1855	<i>A Complete Guide to the English Lakes</i> (John Garnett) and later editions <i>The Factory Controversy: A warning against meddling legislation</i> Panfleto <i>Legislação intrometida</i>
1856	<i>A History of American Compromises, reprinted, with additions</i> (Daily News)
1857	Panfleto <i>Corporate Tradition and National Rights: the dues on shipping</i> "The 'Manifest Destiny' of the American Union" (Westminster Review) "Female Dress in 1857" (Westminster Review) <i>British Rule in India: A historical sketch</i> (Daily News) ³⁵
1858	<i>Suggestions towards the Future Government of India</i> "The Last Days of Church Rates" (Westminster Review) "Travel During the Last Half-Century" (Westminster Review) ³⁶ "What is 'social science'?" (The spectator)
1859	"The Endowed Schools of Ireland" (Daily News; Smith, Elder & Co.) "Female Industry" (Edinburgh Review) "Secret Organisation of Trades" (Edinburgh Review) <i>England and her Soldiers</i>
1860	"Prince Dolgoroukow on Russia" (Edinburgh Review) "The American Union" (Edinburgh Review)
1861	<i>Health, Husbandry and Handicraft</i> (Bradbury and Evans) "What women are educated for" (Once a week, august 10, 1861, pp. 175-9)
1862	"Modern Domestic Service" (Edinburgh Review)
1863	<i>Four Letters by 'an Englishwoman' on the Contagious Diseases Acts</i> (Daily News) "A British Friendship" (One a Week) <i>A British Friendship and Memoir of the Earl of Elgin and Kincardine</i> "Memoir of the Earl of Elgin and Kincardine" (Daily News) <i>The history of England from the commencement of the XIX th century to crimean war</i> (Porter & Coates)
1864	<i>O progresso da raça negra</i> <i>Sociedades cooperativas</i> (Edinburgh Review)
1865	<i>Feats on the Fiord. A Tale of Norway</i> (Routledge, Warne, & Routledge) <i>Our Farm of Two Acres</i> (Daily News) <i>A escassez de enfermeiras</i> <i>Female convicts</i> (Edinburgh Review) <i>Salem witchcraft</i> (Edinburgh Review)
1869	<i>Biographical Sketches</i> <i>Apelo às mulheres da Inglaterra</i>
1877	<i>Harriet Martineau's Autobiography. With Memorials by Maria Weston Chapman</i> ; 2 volumes (Smith, Elder & Co) <i>Harriet Martineau's Autobiography</i> , 3 vols., 1877. – [Vol. 1, v.2, v.3] <i>The Guide to Service</i> , 4 vols.
1884	<i>Glen of the Echoes, or Dan Mahony and Dora Sullivan, a tale of Ireland</i>

Fonte: Elaborado pela autora

³⁵ Posteriormente, foi publicado como livro.

³⁶ Posteriormente, foi publicado como livro.

Decorre de tal listagem que temos a possibilidade de mapear alguns dos muitos editores e editoras com os(as) quais Martineau trabalhou e do volume que representou parte da sua obra preliminarmente listada no esforço exposto anteriormente. Isso demonstra como a autora mantinha uma rede de parceiros com os quais contribuía a depender do tema e do tipo de demanda.

Embora seja relativamente fácil identificar o periódico ou a editora responsável por cada publicação encontrada, nem sempre é possível acessar a obra em si e em alguns casos a obra digitalizada não contém estes dados. Além disso, nem sempre é possível identificar a(o) editora(r) responsável em cada empreendimento editorial identificado.

Quadro 07 – Alguns dos(as) editores(as) com os quais publicou

- Alaric Alexander Watts (Literary Magnet)
- Charles Fox
- Charles Knight (Editor da *The Diffusion Society* e da Charles Knight and Co)
- Daniel (Daily News)
- Darton e Harvey
- Edward Moxon
- Houlston, de Wellington, de Shropshire
- John Chapman
- John Garnett
- Josiah P. Mendum
- Magley, de Derby
- Maria Weston Chapman
- W. J. Fox (TMR)
- Rowland Hunter

- sem informação sobre o editor (Fields, Osgood & Co)
- sem informação sobre o editor (George Bell and Sons)
- sem informação sobre o editor (Harper's)
- sem informação sobre o editor (Hilliard, Gray and Co)
- sem informação sobre o editor (Household words)
- sem informação sobre o editor (Logman, Rees, Brown and Green)
- sem informação sobre o editor (*Poor-law commissioners*)
- sem informação sobre o editor (Porter & Coates)
- sem informação sobre o editor (Sanders and Otley)
- sem informação sobre o editor (*The Athenaeum*)

Fonte: Elaborado pela autora

Obviamente, isso também indica uma certa flexibilidade e liberdade, na medida em que se um dado projeto não era bem gerido por um editor, logicamente, outros estariam logo à mão. O que também se aplicava às situações nas quais os direitos autorais e suas repercussões não fossem acordados à contento pelas partes. É o caso,

por exemplo, do desfazimento da sua relação com Charles Fox e até mesmo com o irmão dele W. J. Fox, que intermediou toda a relação desde o início (Martineau, 1877a, p. 190). Essa questão era de suma importância para a autora, tendo ela explicado que não enriqueceu com a escrita e a atividade intelectual por duas razões: não escreveu para ganhar dinheiro; a legislação não lhe garantiu a usufruição dos direitos autorais, principalmente chamando a atenção para as muitas traduções e publicações em outros países. Como lembrou Martineau (1877a, p. 209), livros, no século XIX, eram considerados como “cartas a todos a quem pudessem interessar”. De acordo com ela, no máximo, teria conseguido acumular £ 10.000 libras ao longo de toda a sua carreira.

“I may finish off the subject of money by saying that I lately calculated that I have earned altogether by my books somewhere about ten thousand pounds. I have had to live on it, of course, for five-and-twenty years; and I have found plenty to do with it: but I have enough, and I am satisfied. I believe I might easily have doubled the amount, if it had been my object to get money; or even, if an international copyright law had secured to me the proceeds of the sale of my works in foreign countries. But such a law was non-existent in my busy time, and still is in regard to America. There is nothing in money that could pay me for the pain of the slightest deflexion from my own convictions, or the most trifling restraint on my freedom of thought and speech. I have therefore obtained the ease and freedom, and let slip the money. I do not speak as one who has resisted temptation, for there has really been none. I have never been at a loss for means, or really suffering from poverty, since the publication of my Series. I explain the case simply that there may be no mystery about my not being rich after such singular success as I so soon met with. (Martineau, 1877a, p. 202)

De igual modo, é possível também indicar alguns dos pseudônimos adotados pela autora e que certamente demandam um trabalho especial de identificação, já que precisam ser indicados por outras obras ou avaliados por especialistas para que a autoria seja confirmada. Em muitos casos, a própria Martineau indicou a autoria em outros textos, mas com uma produção tão profícua é extremamente difícil apontar todos ou confirmá-los com fontes confiáveis. Uma pesquisadora especialista em Martineau e quem garimpando artigos e tornando público uma relação destes é Maria-Rocío Navarro-Fossar.

Quadro 08 - Pseudônimos adotados por Martineau ou atribuídos a ela

<i>Anonimous</i> <i>Discipulus</i> <i>H.M.</i>
--

Ingleby Scott
I. S.
Sra. Sherwood
V (de Virgilius)

Fonte: Elaborado pela autora

De agora em diante, tentarei demonstrar os extratos pelos quais passou a autora, separando sua obra em razão destes, sem a pretensão de um enquadramento peremptório, já que seria necessária uma avaliação de obra a obra, o que significa o trabalho de uma vida inteira dedicado a tal tarefa. Nos quadros a seguir, adotarei o nome simplificado para a identificação da obra, tendo em vista que já foram citadas na íntegra no Quadro 06. Busquei demonstrar que alguns tipos de publicações tiveram fases muito bem limitadas, o que me parece indicar uma mudança de rumos da autora no decorrer da carreira, seja por demandas ou por interesses pessoais, o que não é um atributo apenas dela, mas de praticamente quase qualquer autora(r) que estudarmos.

Martineau iniciou sua trajetória intelectual escrevendo como uma “escritora religiosa” (se é que posso usar este termo, que temo gere mais confusão sobre o assunto), divulgando as práticas e os fundamentos unitaristas. Embora os seus dois primeiros artigos dos quais se tem notícias falem sobre a mulher escritora e a religião, é nos livros sobre as práticas religiosas que podemos de fato nos referir a uma “escritora religiosa”. Em que medida tais escritos refletem o propósito da Martineau escritora é uma questão possível de ser colocada. Outra é em que medida a Martineau escritora é impelida ou estimulada a escrever tais obras como um exercício profissional e remunerado. Principalmente, porque neste momento ela não dispunha de recursos próprios, embora não estivesse ainda no momento emergencial e de crise que a acometeu após a morte do pai (1826) e a falência da manufatura da família (1829) (Navarro-Fossar, 2021). Fato é que com o avanço de seu conhecimento, viagens, conhecimento de outras formas de vida humana e independência financeira, cada vez mais distante ela ficava da perspectiva religiosa. Seu primeiro escrito foi publicado no *The Monthly Repository* (TMR), que era um periódico unitarista, assim como tantos outros, numa contribuição permanente e muitas vezes gratuita, que durou por toda a fase inicial de sua carreira. Martineau primeiro teve que se fazer escritora e depois buscar um pagamento justo pelo seu trabalho para sobreviver e superar a crise

econômica pela qual estava passando. O que era uma habilidade desenvolvida com a formação se transformou no seu objetivo de vida e na sua profissão. Ela conseguiu um bom resultado com pagamento de seus dois livros religiosos e os livros literários, embora promovessem um pagamento de menor valor, davam-lhe condições de manter suas despesas e o “empreendimento literário” durante a crise financeira da família. Por essa razão, Arbuckle (s/d, Capítulo 05, p. 03) afirmou que: “Smugly, she noted just before Christmas that her account with Houlston stood at £ 25 and with Hunter at 24,6.”. E, na página 04 do mesmo livro: “Self-confidently, she told James of writing a tract for Houlston worth £ 3 in seven hours while other publications had brought her capital from the £ 230 left her by their father up to £ 640.”. Nesse trecho transcrito, a comentadora estava se referindo ao início de 1829.

Quadro 09 - Escritos religiosos

10/1822	<i>Female writers on practical divinity</i>
1823	<i>Devotional Exercises</i>
1824	<i>Christmas Day</i>
1825	<i>The friends</i>
1826	<i>Addresses, Prayers and Hymns</i>
1829-1830	<i>Traditions of Palestine:</i>
	- <i>The hope of the Hebrew (TMR)</i>
	- <i>Solitude and society</i>
	- <i>The early sowing</i>
1830	<i>Essay on Baptism</i>
Ensaaios:	
	- <i>The essential faith of the universal church (to catholics)</i>
	- <i>The faith as unfolded by many prophets (to mohammedans)</i>
	- <i>The faith as manifested through Israel (to Jews)</i>

Fonte: Elaborado pela autora

O primeiro texto listado fala sobre boa conduta e ensinamento moral. De acordo com Miller (1887) a individualidade de Martineau foi se desenvolvendo aos poucos e não se manifestou neste primeiro artigo. Cabe questionar como poderíamos exigir isso de uma jovem de quase 20 anos que pouco sabia sobre outras culturas e realidades mal tendo tido a oportunidade de se deparar com a crítica e a diversidade. A respeito do primeiro artigo, a autora afirmou que não gostaria de se lembrar e que se sentia envergonhada com como ela procedeu e se sentiu à época (Martineau, 1877a, p. 91).

O trecho a seguir merece ser transcrito, apesar do espaço que ocupa, e retrata a sensação e o momento no qual se viu impressa pela primeira vez em um jornal:

“My heart may have been beating when I laid hands on it; but it thumped prodigiously when I saw my article there, and, in the Notices to Correspondents, a request to hear more from V. of Norwich. There is certainly something entirely peculiar in the sensation of seeing one'sself in print for the first time: – the lines burn themselves in upon the brain in a way of which black ink is incapable, in any other mode. So I felt that day, when I went about with my secret. – I have said what my eldest brother was to us, – in what reverence we held him. He was just married, and he and his bride asked me to return from chapel with them to tea. After tea he said, ‘Come now, we have had plenty of talk; I will read you something;’ and he held out his hand for the new ‘Repository.’ After glancing at it, he exclaimed, ‘They have got a new hand here. Listen.’ After a paragraph, he repeated, ‘Ah! this is a new hand; they have had nothing so good as this for a long while.’ (It would be impossible to convey to any who do not know the ‘Monthly Repository’ of that day, how very small a compliment this was.) I was silent, of course. At the end of the first column, he exclaimed about the style, looking at me in some wonder at my being as still as a mouse. Next (and well I remember his tone, and thrill to it still) his words were – ‘What a fine sentence that is! Why, do you not think so?’ I mumbled out, sillily enough, that it did not seem any thing particular. ‘Then,’ said he, ‘you were not listening. I will read it again. There now!’ As he still got nothing out of me, he turned round upon me, as we sat side by side on the sofa, with ‘Harriet, what is the matter with you? I never knew you so slow to praise any thing before.’ I replied, in utter confusion, – ‘I never could baffle any body. The truth is, that paper is mine.’ He made no reply; read on in silence, and spoke no more till I was on my feet to come away. He then laid his hand on my shoulder, and said gravely (calling me ‘dear’ for the first time) ‘Now, dear, leave it to other women to make shirts and darn stockings; and do you devote yourself to this.’ I went home in a sort of dream, so that the squares of the pavement seemed to float before my eyes. That evening made me an authoress.” (Martineau, 1877a, p. 91)

Assim, aos 19 anos ela se descobriu como autora e seguiu escrevendo até o fim da sua vida.

Sobre o livro *Devotional Exercises*, Miller (1887) alegou se tratar de orações diferentes do lugar comum. Para a biógrafa de Martineau, essa concepção religiosa se manteve estável por um bom tempo, o que considero uma afirmação bastante estranha, dado que as publicações que a autora realizou a respeito ocorreram dos 19 aos 28 anos. O livro foi bem recepcionado e gerou uma nova edição, mesmo assim, Martineau relatava ter dificuldades para se dedicar à escrita por falta de tempo, em razão das atividades domésticas, algumas das quais também forneciam alguma renda para a família. A autora, em sua autobiografia, afirmou não se lembrar de nada com relação a essa obra, tendo sido este o seu primeiro livro, limitando-se a opô-lo aos artigos (Martineau, 1877a, p. 92). Importa lembrar que a primeira edição do livro foi de 500 exemplares e a segunda de 1000, intermediadas por Lant Carpenter. A autora recebeu

£ 50 libras pela primeira edição, o que lhe mostrou claramente a viabilidade dessa atividade (Arbuckle, s/d, Cap. 02, p. 12).

Em 1826, foi publicado *Address, prayers and hymns*. O pai de Martineau teria chegado a ouvi-la ler o seu segundo livro antes de morrer (Miller, 1887; Martineau, 1877a; Arbuckle, s/d, Cap. 03, p. 04). Com a morte do pai, foi acelerada a ruína financeira da família. Esse evento certamente contribuiu para que a autora fizesse a transição de um trabalho amador para um mais profissional, impulsionada também pela necessidade de sobrevivência. Embora ela própria tenha falado das limitações que teve ao longo da vida e que sequer soube, por longa data, dos instrumentos disponíveis para facilitar a prática de escrever, o que demonstra a precariedade com a qual exercia essa função. Primeiro, porque no início, não era uma atividade de reconhecida importância ou prioridade para a família, já que não era vista como uma prática rentável ou mesmo devida, tendo que comprimi-la dividindo o tempo disponível com outras atribuições. Segundo, porque, apesar do talento e das pesquisas que realizava para desenvolver seus argumentos, fundamentar seus textos e elaborar seus personagens, o relato era de um trabalho que ao mesmo tempo era caracterizado como sistemático, mas também como improvisado.

Em razão de a repercussão do texto *A esperança dos hebreus* (TMR) ter sido muito positiva, Fox, o editor, recomendou que ela passasse a escrever livros com tais histórias. Este foi publicado também nos Estados Unidos e traduzido para o francês. Para acompanhar a impressão deste livro, Martineau viajou para Londres e lá conseguiu a oportunidade de fazer revisões e outros trabalhos, mas sua mãe a teria obrigado a voltar para casa.

Chegando em casa, após seu retorno de Londres, a autora resolveu concorrer a um prêmio literário promovido pela Associação Unitária Britânica e Estrangeira. Em 1830, ela ganhou, por unanimidade, o prêmio com o primeiro artigo e com outros dois os seguintes. Os três eram ensaios teológicos sobre a conversão de católicos, judeus e maometanos e os temas foram escolhidos pela própria Associação (Miller, 1887; Martineau, 1877a).

Neste período, Martineau entendia que a devoção religiosa era um exercício das emoções e que a verdadeira religião seria um serviço à humanidade. Por essa razão, parece-me estranho chamá-la de “escritora religiosa”, contrariando o uso que eu

mesma fiz dele neste tópico por não ter visualizado outra opção. Alguns anos depois ela afirmou que sequer fazia as suas orações, mesmo tendo escrito um livro a respeito. O que mostra o quanto isso refletiu as suas possibilidades restritas na época e sua estreiteza de conhecimento como consequência disso, da relação entre oportunidades e contingência.

Apesar de o estudo do conteúdo dos textos não ser possível nessa tese, nem é o objetivo aqui proposto, cabe pensar numa análise futura acerca do estilo e da forma da escrita nessa fase, além de como esse conteúdo que superficialmente nomeei como “religioso” foi por ela trabalhado nesse período. Da relação total com dados preliminares que expus no Quadro 02, além de não conter todos os textos da autora, nem todos são passíveis de identificação quanto ao conteúdo nesse momento. Por exemplo, a produção relativa aos anos de 1827 e 1829, o que precisará ser verificado em outra situação, pois suspeito que possam conter um empreendimento de caráter propriamente filosófico.

“Buscando independência de pensamento, Harriet Martineau se afastou dos limites do dogma religioso e da autoridade. Pelo contrário, valorizava a busca da verdade com base em princípios científicos e se voltou à razão, à lógica e ao empirismo como modos e métodos objetivos de descoberta”. (Sinha, 2023, p. 76)

No que tange à literatura, é difícil, por exemplo, não citar as novelas sobre Economia Política, porém, preferi considerá-las em apartado. O motivo é dar mais foco na intencionalidade da divulgação científica do que nas novelas que davam corpo a estas. A referência é para deixar claro o que a autora assim como várias(os) outras(os) de sua época tentaram ou efetivamente fizeram de produções novelísticas. Assim como nas outras áreas nas quais ela atuou, o que não a torna menos socióloga, embora mostre a sua capacidade de atuação e de flexibilidade. Suspeito e estranho é que geralmente os intelectuais homens não sejam lembrados ou descaracterizados/desqualificados por serem “novelistas”. Este é o caso, por exemplo, de Jean-Jacques Rousseau e de Gustave de Beaumont, mas vários outros poderiam ser listados aqui.

De fato, Martineau escreveu romances, novelas, contos infantis e até mesmo romances históricos, produção característica de intelectuais do seu tempo. Como já dito,

não cabe aqui também buscar analisar tais obras, o que seria o caso para os colegas com formação em Letras e Literatura, acredito, como a colega Deborah Logan, do Canadá, e tantas(os) outras(os), que se dedicam a estudar a obra de Martineau por tal viés. Mas cabe listá-los e registrá-los também para que o público brasileiro reconheça a envergadura da autora ao se dedicar a tantos projetos, cuja convergência é a escrita profissional. Ressalto que para Arbuckle (s/d, Cap. 03, p. 02) se tratava de “ficção doutrinária”, sem explicar ao certo o que entendia pelo termo.

Quadro 10 – Escritos literários

1827	<i>The rioters (Houlston)</i> <i>The turn out (Houlston)</i> <i>Mary Campbell</i> <i>Principle and practice</i>
1828	<i>My servant Rachel</i> <i>Sequel to principle and practice</i>
1830	<i>Five years of youth</i>
1839	<i>Deerbrook</i>
1840	<i>The hour and the man</i>
1841	<i>The playfellow</i>
1845-1846	<i>Forest and game law tales</i>
1846	<i>The billow and game law tales</i>
1865	<i>Feats on the fiord</i>
1885	<i>Glen of the Echoes</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Em 1827, Martineau escreveu vários contos que ficaram conhecidos como de autoria da “Sra. Sherwood” e foram publicados por Houlston, de Shrewsbury. Foram os primeiros contos da autora, publicados no formato folheto, que a autora citou como “contos de 08 centavos”, pelos quais ela recebeu 05 libras (Martineau, 1877a, p. 103) ou 10 libras por vez, no relato de uma de suas biógrafas (Arbuckle, s/d, Cap. 03, p. 03).

Neste momento inicial de sua carreira, Martineau ainda não havia estudado Economia Política, mas seus contos já estavam abordando a temática (Miller, 1885). Ela comentou se inspirar nas notícias veiculadas pela imprensa e em demandas que havia recebido (Martineau, 1877a, p. 103). Eram folhetos vendidos por um centavo, mas que lhe trouxeram os primeiros retornos financeiros. Ao abordar o assunto, a autora aproveitou para explicar que o Sr. Houlston havia falecido, e que além de os seus escritos não conterem seu nome, na loja de tal editora vendiam obras ruins como se fossem dela. Lógico que Martineau demonstrou preocupação com a imagem que estavam

atrelando a seu nome. Não bastasse isso, 15 anos mais tarde, reimprimiram *The Rioters* como se fosse um livro novo e sem a sua autorização³⁷. Essa relação com editores e gráficas trouxe para a autora não apenas uma experiência em profundidade no assunto, como também reflexões claras acerca de como as condições encontradas ou possíveis determinam o alcance e a carreira das(os) escritoras(es). A produção literária de Martineau a acompanhou até o final da sua vida.

Acerca dos textos sobre Economia Política, a história foi um pouco diferente. Em 1827, Martineau leu Jane Marcet, em seu *Conversations on political economy*, depois Adam Smith e outros economistas. Só então a autora percebeu que o que escreveu em seus contos anteriores era cientificamente abordado pela Economia Política, reconhecendo haver semelhança nos princípios estudados e o que ela havia exposto. A autora explicou que apenas em 1821 ou 1822 é que ouviu falar em Economia Política pela primeira vez (Martineau, 1877a, p. 54), mas já aos 14 anos lia os jornais com interesse pelo tema. Ao comentar sobre o assunto, ela recordou que ao encontrar com Thomas Malthus (1766-1834), já adulta, contou-lhe que antes dos 14 anos já havia enjoado de tanto ouvir seu nome, apesar de ter descoberto que, geralmente, as pessoas que mencionavam a sua teoria não tinham lido seus livros. Martineau chegou a afirmar que neste momento ela estava se tornando uma economista política e sequer se dava conta disso (Martineau, 1877a, p. 55). Mais tarde, a autora foi acusada de ser uma malthusiana, propagadora do *princípio da população*.

Na sequência, estimulada por representantes do unitarismo, que já estavam acostumados com a sua capacidade de escrita, Martineau começou a escrever novelas sobre Economia Política, tendo por principal apoiador W. J. Fox. Em consequência, em 1831, ela decidiu “ilustrar” o sistema de Economia Política com contos semelhantes aos que já havia escrito. Ao todo, produziu 34 volumes de contos sobre Economia Política, Lei dos Pobres e taxaço, em 02 anos e meio, sendo 30 relativos às 02 séries de *Illustrations* e 04 à série sobre a Lei dos Pobres. O grande projeto editorial de Martineau, com o qual ela se identificou realmente e avaliava ter conexão com o seu trabalho até o final da vida foi o *Illustrations*. Ele representou o momento no qual ela se libertou de um

³⁷ O conto *The rioters* foi inspirado nas notícias sobre a quebra de máquinas em Manchester e o conto *The turn out* fala sobre salários.

tipo de referência religiosa, que havia ajudado na escrita para encontrar a ciência e a filosofia.

E o que foi o *Illustrations*? Um imenso trabalho de educação e de divulgação científica, que Martineau idealizou após ter tido contato com a obra de Jane Marcet. Ela ficou gestando e buscando apoio para a produção da série por alguns anos. Acima de tudo, foi um trabalho de popularização do conhecimento filosófico e científico. Em diversos momentos em seus relatos a autora afirmou que o povo queria ou precisava desses livros. Não era egocentrismo. O tema pulsava nas ruas e ela percebia o quanto tal conhecimento ajudaria a minimizar os efeitos de determinadas situações, reconhecendo que o povo precisava de informações adequadas para conhecer a realidade. A ficção foi usada como “ferramenta pedagógica” e “estratégia” de “educação pública” (Sinha, 2023, p. 79).

Miller (1887) usou o termo “ciências sociais” para se referir a este período, afirmando que Martineau considerou oportuno escrever sobre ciência e sociedade, promovendo a divulgação de tal conhecimento e usou a expressão “leis da ciência social” para falar sobre os princípios de Economia Política que Martineau buscou demonstrar nos *Illustrations*. Entretanto, Miller (1887) não informou o motivo de usar esses dois termos ou se em algum momento a própria Martineau resolveu considerá-los assim. Abro a divergência quanto a isso, por entender que consistem em dois momentos distintos, caracterizados pelos temas centrais, bem como pela forma utilizada para trabalhá-los, embora num intervalo de tempo bem próximo.

Neste período, a Economia Política contava com pouco mais de 50 anos, se tomarmos por referência a obra *A riqueza das nações*, de Adam Smith, publicada em 1776. Apenas em 1816, Jane Marcet (1769-1858) publicou *Conversations on political economy*, que explicava as teorias de Adam Smith, Malthus e David Ricardo.

Quadro 11 - Escritos de Economia Política

1832-1833	<i>Illustrations of Political Economy</i>
1833	<i>Série sobre a Lei dos Pobres (The Diffusion Society)</i>
1834	<i>Illustrations of taxation</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Sem dúvida, foi a obra mais popular e mais conhecida de Martineau, que contribuiu ativamente para a divulgação da jovem Economia Política. Fala-se em uma média de 10 mil cópias, por mês, da sua coleção (Sinha, 2023, p. 76-77). A concepção do sucesso de Martineau foi pomposa, embora pareça também claro que ela passou a ser um instrumento de sensibilização e convencimento das massas. Porém, a Coleção não poderia ser considerada meramente artística, já que possuía uma finalidade didática (Miller, 1887).

A esse respeito, Martineau afirmou que:

“Such an effort as that of producing my Series was one which could never be repeated. Such a strain was quite enough for one lifetime. I did not receive any thing like what I ought for the Series, owing to the hard terms under which it was published.” (Martineau, 1877a, p. 188)

Além disso, a autora faz uma crítica ferrenha a sua própria obra, curiosamente usando uma referência positivista: “After an interval of above twenty years, I have not courage to look at a single number, – convinced that I should be disgusted **by bad taste and metaphysics in almost every page.**” (Martineau, 1877a, p. 195) (*grifos meus*). Apesar disso, indubitavelmente, o sucesso não foi apenas literário ou editorial. O impacto da escrita de Martineau foi tão grande que Lorde Grey (Primeiro-Ministro britânico de 1830-1834) e Lorde Althorp (Chanceler do Tesouro) procuraram a autora para que ela pautasse temas que estavam sendo propostos pelo governo. E não apenas eles, como vemos na citação a seguir.

“Just at this time, Mr. Drummond called on me, with a private message from Lords Grey and Althorp, to ask whether it would suit my purpose to treat of Tithes at once, instead of later, – the reason for such inquiry being quite at my service. As the principles of Taxation involve no inexorable order, like those of Political Economy at large, I had no objection to take any topic first which might be most useful. When I had said so, Mr. Drummond explained that a tithe measure was prepared by the Cabinet which Ministers would like to have introduced to the people by my Number on that subject, before they themselves introduced it in parliament. Of course, this proceeded on the supposition that the measure would be approved by me. Mr. Drummond said he would bring the document, on my promising that no eye but my own should see it, and that I would not speak of the affair till it was settled; – and, especially, not to any member of any of the Royal Commissions, then so fashionable. It was a thing unheard of, Mr. Drummond said, to commit any cabinet measure to the knowledge of any body out of the Cabinet before it was offered to parliament. Finally, the Secretary intimated that Lord Althorp would be obliged by any suggestion in regard to principles and methods of

Taxation. Mr. Drummond had not been gone five minutes before the Chairman of the Excise Commission called, to ask in the name of the Commissioners, whether it would suit my purpose to write immediately on the Excise, offering, on the part of Lord Congleton (then Sir Henry Parnell) and others, to supply me with the most extraordinary materials, by my exhibition of which the people might be enlightened and prepared on the subject before it should be brought forward in parliament. The Chairman, Mr. Henry Wickham, required a promise that no eye but my own should see the evidence; and that the secret should be kept with especial care from the Chancellor of the Exchequer and his secretary, as it was a thing unheard of that any party unconcerned should be made acquainted with this evidence before it reached the Chancellor of the Exchequer. I could hardly help laughing in his face; and wondered what would have happened if he and Mr. Drummond had met on the steps, as they very nearly did. Of course, I was glad of the information offered; but I took leave to make my own choice among the materials lent. A few days afterwards I met Mr. Wickham before the Horse Guards, and thought he would not know me, so deep was he in reverie. Before I was quite past, however, he started, and stopped me with eagerness, saying intensely, 'O! Miss Martineau, Starch! Starch!' And he related the wonderful, the amazing evidence that had reached the Commissioners on the mischievousness of the duty on starch. I was obliged, however, to consider some other matters than the force of the evidence, and I declined expatiating on starch, finding the subject of green glass bottles, soap and sweets answer my purpose better. These two last, especially, yielded a very strong case." (Martineau, 1877a, p. 197)

E, em outras palavras, ela citou a mesma condição na página 199 da obra mencionada anteriormente. Não era por menos. Cada volume atingia mais de 10 mil exemplares de tiragem e venda (Martineau, 1877a, p. 201), o que impactava essa sociedade literária em suas conversas, agenda e expectativas. Inobstante tudo isso, essa obra não a enriqueceu, embora tenha lhe trazido inegáveis benefícios de diversas formas:

"And this was the work which had struggled into existence with such extreme difficulty! Under the hard circumstances of the case, it had not made me rich. I have at this time received only a little more than two thousand pounds for the whole work. But a got a hearing, which was the thing I wanted. The barrier was down, and the course clear; and the money was a small matter in comparison. It was pleasant too, to feel the ease of having money, after my straitened way of life for some years. My first indulgence was buying a good watch, – the same which is before my eyes as I write. I did not trouble myself with close economies while working to such advantage; and I now first learned the bliss of helping the needy effectually." (Martineau, 1877a, p. 201)

Após esse fenômeno de vendas e do reconhecimento, tanto na Inglaterra quanto no exterior (Navarro-Fossar, 2021), Martineau produziu suas primeiras obras sobre a *Ciência da Sociedade*. No quadro a seguir, listei apenas alguns artigos e sete livros como

exemplificativos. Outras(os) pesquisadoras(es) indicam mais de 10 dos 70 livros que ela teria publicado (Navarro-Fossar, 2021).

Quadro 12 - Escritos sobre a Ciência da Sociedade

02/1823	<i>On female education</i>
1829	<i>Essays on the Art of Thinking</i> ; 6 volumes
1837	<i>Society in America</i> ; 3 volumes
1838	<i>Retrospect of Western Travel</i>
1838	<i>How to Observe Morals and Manners</i>
1844	<i>Life in the sickroom</i>
1848	<i>Easter life: present and past</i>
1848/1849	<i>Household education</i>
1853	<i>The positive philosophy of Auguste Comte</i> ; 2 volumes
1858	<i>What is 'social science'?</i> (The Spectator)

Fonte: Elaborado pela autora

Inegavelmente, até onde sabemos, a autora foi a primeira viajante pesquisadora a sistematizar um método de pesquisa de campo e a problematizar a relação entre o observador e seu objeto (Alcântara, 2022; 2024). Nas palavras de Sinha (2023, p. 81): “O livro *How to Observe Morals and Manners*, de Martineau, é um dos primeiros documentos de investigação sociológica.”. Mas não só isso, constituindo uma “teoria das instituições sociais” (Sinha, 2023, p. 84).

Mesmo sendo um dado inquestionável, posto que Martineau publicou a obra e não resta dúvidas quanto a sua autoria e o seu conteúdo, infelizmente este livro foi esquecido e negligenciado por larga data. Apenas em 2021 houve a tradução e publicação em língua portuguesa pelo projeto que produziu as pesquisas que deram origem a essa tese. Refiro-me à obra *Como observar*, originalmente publicada em 1838. Nela, a autora se referiu à *Ciência da Sociedade*. Mas no ano anterior, ela já havia publicado o resultado de sua pesquisa nos Estados Unidos: *Sociedade na América*. Esta obra foi traduzida para o português em 04 volumes, sendo que o primeiro foi publicado em 2022 e o segundo em 2025, embora já esteja no prelo e registrado desde 2023. Os outros dois volumes estão programados para serem publicados na sequência³⁸. Com estes livros, Martineau inaugurou a sua fase propriamente sociológica, na qual teve a

³⁸ Tanto a tradução para a língua portuguesa quanto a editoração desses livros se basearam num processo artesanal, de estudo da obra e de divulgação científica. Por não possuir caráter lucrativo, apenas a garantia dos direitos autorais de tradução, a publicação dos novos volumes depende da divulgação dos livros já publicados, bem como do levantamento de fundos para a publicação do restante.

oportunidade de desenvolver seu método em termos teóricos e aplicá-lo em campo, num caso concreto. Na sequência, a autora publicou *Retrospect of western travel*, que manuseou a mesma experiência de pesquisa nos Estados Unidos, mas com uma metodologia e uma perspectiva diferentes.

“O texto traz instruções detalhadas sobre *o que* observar e *como* observar a sociedade. Embora fosse atraída pelo racionalismo e pelo objetivismo, Martineau priorizava o ‘instrumento’ da observação, isto é, o observador, e a necessidade de adotar uma posição objetiva e de não julgamento. Ela alerta contra preconceitos, generalizações precipitadas e o etnocentrismo (ela mesma não emprega este termo), argumentando que uma predisposição sensível e empática é crucial para a tarefa. Isso atribui uma dimensão humana ao trabalho de observação. O método de Martineau é marcado por uma abordagem autoconsciente e sistemática para adquirir conhecimento sobre sociedades e lugares estranhos, novos e com os quais não se tem familiaridade, reconhecendo que o ato de observação requer duas partes: o observador e o observado. Martineau dá grande ênfase ao observador como ‘instrumento’ da observação: [...]” (Sinha, 2023, p. 82)

Martineau usava muito os termos *race*, *morals* e *manners*, citando muitos exemplos de sociedades diferentes. Entretanto, ela não se referia, no período inicial, ao termo *cultura*, que, “oficialmente”, só teria sido cunhado por volta de 1840. Porém, como busquei demonstrar em Alcântara (2024), Auguste Comte utilizou o termo “cultura” ainda na década de 1830. E, como demonstrarei adiante, em diversos momentos na obra *Sociedade na América*, a autora fez uso do termo “cultivação”, no sentido que hoje atribuímos a “cultura”. Essa é também uma questão importante que não cabe ser desenvolvida aqui, mas apenas citada como resultante de uma pesquisa exploratória de conceitos utilizados ou cunhados pela autora nestes livros. De fato, por si só essa questão já merece tempo e espaço próprios, dada a sua relevância.

Outra viagem que consistiu em uma pesquisa de campo para a autora foi a ida e a permanência por 08 meses ao Oriente Médio.

“Martineau acrescentou ao seu *corpus* de escritos de viagens desse período textos sobre suas incursões ao Egito, à Palestina e à Síria, em 1846. Suas observações sobre os costumes e as ideias religiosas destes lugares foram publicadas em *Eastern Life: Present and Past*, obra na qual ela consolidou a tendência geral ao ateísmo, que via como um progresso da racionalidade e do pensamento positivo.” (Sinha, 2023, p. 77)

Não posso deixar de mencionar as contribuições do livro *Household Education*, como uma obra que envolve conhecimento hoje relacionado ao que conhecemos como pedagogia, à psicologia e à sociologia da educação. Navarro-Fossar (2021, p. 303) explica que a autora teria sido uma “realista social”, por trazer elementos da realidade com o intuito de ilustrar e demonstrar a contingência e a teoria sobre a educação. Ao mesmo tempo, ela discutiu os fundamentos do processo educativo, atrelando-o ao objetivo que norteia o ato de educar. Institucionalista que era, pensou o funcionamento das instituições e como os indivíduos se valiam de suas características para lograr êxito ou tinham rendimentos insatisfatórios por conta disto. Nesse diálogo constante, ela chama à responsabilidade tanto o Estado, para fornecer uma educação pública gratuita e de qualidade para todas(os), quanto à família, aos quais atribuiu responsabilidades educativas na primeira infância, com a “escola doméstica de instrução mútua”.

“[...] una oportunidad de aprendizaje continuado para todas las personas del grupo doméstico, desde las más pequeñas hasta las más ancianas, desde el personal trabajador (aprendices, servicio doméstico, ayudantes) hasta parentela diversa de convivencia y huéspedes de larga duración.” (Navarro-Fossar, 2021, p. 303)

Sem deixar de se perguntar de que maneira o processo educativo ocorre e quais os seus requisitos, face às “potencialidades do ser humano”, que ela descreveu como sendo 08: vontade, esperança, medo, paciência, amor, veneração, sinceridade e consciência. Essas seriam contrapostas aos hábitos pessoais, familiares e sociais.

Nesse livro, Martineau propôs um plano nacional de educação, tendo analisado a situação na qual a educação na Inglaterra se encontrava e como o processo educativo ocorre produzindo uma reflexão ilustrada por observações, fatos públicos conhecidos e a sua própria experiência pessoal. O *plano nacional de educação* é uma política pública proposta por ela, tal como várias outras. Nele, a autora pensou tanto os conteúdos que precisavam ser ministrados quanto também a forma como isso deveria ser feito.

Restam alguns questionamentos que precisamos elaborar melhor quanto às proposições feitas por ela: o livro foi pensado como um guia ou uma doutrina? Por que a bíblia aparece como um dos instrumentos de ensino aprendizagem? Seria o livro que todos tinham disponível e pelo qual uma inegável maioria tinha interesse? No mesmo ano ela publicou *Easter life* e se afastou ainda mais das concepções religiosas, por isso é

bastante irônico (para não dizer pragmático) que ocorra a menção à bíblia, num livro que defende a educação laica.

Voltando ao tema dos tipos ou nichos das publicações realizadas, posso afirmar que ocorreu um contraste entre a rejeição editorial que Martineau sofreu ao propor a publicação do *Illustrations* e a “competição” que ocorreu para a publicação do livro sobre a sociedade americana, cujo nome original era *Theory and practice of Society in America*. Posteriormente, a autora teria afirmado que sua proposta em *Sociedade na América* era falha, por ter comparado teoria a fatos observados e julgar por estes últimos, quando deveria ter julgado a teoria à luz dos fatos (Miller, 1887). Eu não concordo com tal afirmação e não me recordo quando e se Martineau disse mesmo isso, mas Miller (1887) não apenas concordou com esta suposta autocrítica da autora, como afirmou que ela se disse no “período mais metafísico” de sua história mental. Isso me indica que, provavelmente, tal afirmação ocorreu após ela ter tido contato com a teoria de Comte. Além disso, as críticas que Miller (1887) fez ao livro não teriam sido apenas relativas ao “esquema do livro”, mas prosseguiram quanto aos temas abordados e posicionamentos que Martineau adotou. Lógico que o seu “tom antiescravagista” e sua defesa das liberdades e da igualdade para todos (negros, mulheres e indígenas) lhe trouxeram um custo muito elevado, quase com a própria vida, o que lhe fez deixar o país antes do previsto. Também por esta razão, sofreu com o ostracismo após sua declaração antiescravagista nos Estados Unidos (Miller, 1887).

Esse tema foi muito caro à autora, o que fez com que ela, em *Como observar* e em *Sociedade na América* falasse sobre a “perseguição por opinião” em abstrato, mesmo tendo sofrido severamente com isso, buscando analisá-la como um fenômeno social, não como um caso isolado.

Como o objetivo de ser sucinta, deixo apenas mais um comentário, relativo ao texto da maturidade e após o contato com a obra de Comte e já “isolada” em Ambleside: “Wha tis ‘Social Science’?” Nele as suas afirmações estão em consonância com sua obra metodológica, *Como observar*, ao criticar o segundo encontro da NAPSS (*National Association for the Promotion of Social Sciences*) no que tange ao sucesso do evento e ao alcance de seus objetivos.

“But that is not the ground upon which the National Association takes its stand; on the contrary, it is an assembling of individuals belonging to that authoritative class called “competent persons”, collected for the specific object of converting our crude notions, our random opinions, empirical treatment, and rule-of-thumb habits of thought, into a systematic “science” on the subject of society and its regulation. It is many years since many of the same persons assembled to promote “the diffusion of useful knowledge” into a “science”; and in this, the purpose of the association, we have a practical test by which to judge the value of its labours.” (Martineau, 1858, p. 15)

Ou, ainda:

“In the attempt to develop any science, whether deductive or inductive, the very first step, we conceive, is to define your subject methodically, to lay down the definition of your terms and instruments, and to ascertain what are the principles upon which the science essentially turns. We are not aware that any science can be constructed without this preliminary labour. Should the attempt be made to proceed without it, the speculations which come to nothing, except to prove the vanity of human intellect when it goes “on the loose”; and we have to come back, and begin again at the beginning.” (Martineau, 1858, p. 15)

Além de discutir sobre o papel que a NAPSS deveria desempenhar, ela também discorre acerca do que é preciso para que um debate possa ser considerado científico.

Ainda sobre a importância do trabalho de Martineau e sua contribuição para as Ciências Sociais, deixo um comentário de Lipset (2000, p. 09) a respeito do livro *Sociedade na América*:

“Harriet Martineau’s *Society in America* is one of the most important of the early efforts to describe and account for these seemingly constant aspects of American society. A source of much controversy in both Britain and America, it played a major role in forming English opinion, particularly among the liberal left of her day. Charles Dickens, although not in this category, described it as the best book written on the United States. Based on a two-year stay from 1834-1836, it is replete with vivid descriptions of life at the time, analyses of various institutions and patterns of behavior, and a considerable amount of what even to her contemporaries was annoying moralizing about diverse subjects. A careful reading of *Society in America* reveals a relatively integrated analytic portrait of the America of Andrew Jackson’s day, one that offers much to those interested in the factors underlying the so-called American national character.”

Martineau também se dedicou à historiografia ao longo de toda a sua vida profissional, tendo sido bastante elogiada com relação a isso.

Quadro 13 - Escritos sobre História

1827	<i>Life of Howard the philanthropist (The Diffusion Society)</i>
1849	<i>History of England during the thirty years' peace 1816-46</i>
1851	<i>Introduction</i>
1856	<i>The history of American compromises</i>
1863	<i>The history of England from the commencement of the XIX th century to crimean war</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Em 1827, ocorreu outra desventura editorial, agora com a *The Diffusion Society*, que, segundo ela, era uma grande novidade na década de 1820 e lhe encomendou um texto, *Life of Howard the philanthropist*, para o qual lhe pagariam 30 libras. Mas o texto não teria sido publicado, por desorganização da associação e, a autora não recebeu o pagamento acordado, tendo notícias mais tarde de que seu manuscrito estava jogado em algum baú e foi encontrado anos depois (Martineau, 1877a, p. 107). Some-se a isso o fato de que ela escreveu uma extensa obra sobre a história da Inglaterra no século XIX e se dedicou a escrever biografias curtas sobre personalidades.

No que tange aos artigos, somam mais de 2000 unidades e fizeram com que, em várias oportunidades, Martineau fosse considerada uma jornalista. No entanto, o fato de ter publicado em jornais e revistas, por si só, não a transforma em uma jornalista. O que a autora produziu eram análises sociais e políticas que foram publicizadas/veiculadas na imprensa para alcançar as massas e instruí-las. Além disso, como no caso do livro sobre a Irlanda, no período em que ela trabalhou como correspondente e publicou uma centena de artigos que foram reunidos em livro, o seu trabalho consistia não apenas em fornecer notícias, mas em promover uma análise social e política sobre a situação observada.

Lembrando que em 1828 e 1829 Martineau contribuiu gratuitamente para o *The Monthly Repository*, com textos diversos, anônimos ou assinados por “V”, nos quais pôde desenvolver temas filosóficos, cujos conteúdo e forma precisam ser analisados de modo adequado para compreendermos melhor como devemos identificá-los ou categorizá-los em relação ao restante da obra.

Em consequência, a autora teria abordado vários assuntos que não são homogêneos ou parecidos, mas seguiam uma perspectiva informativa e teria se dedicado a vida inteira à *ciência moral*: “a moral prática como derivada da ciência

racional” (Miller, 1887). As nuances e as variações dessa afirmação não são homogêneas, muito menos suas consequências. No entanto, talvez este seja o fio condutor que marcou de modo indelével toda a sua trajetória.

Quadro 14 - Artigos e periódicos

90 artigos para o <i>American Anti-slavery standard</i> <i>Atlantic Monthly</i>
45 artigos para o <i>Boston Anti-slavery standard</i>
1642 artigos para o <i>Daily News</i> a partir de 1852 até 1866
<i>Edinburgh Review</i> a partir de 1859
46 artigos para a <i>Household words</i>
<i>London and Westminster Review</i>
125 artigos para a <i>Once a Week</i>
<i>People’s Journal</i>
<i>Tait’s Edinburgh Review</i>
52 artigos para o <i>The Monthly Repository</i> (TMR)
<i>The Spectator</i>
<i>Westminster Review</i>

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro não destaquei artigos em particular dada a quantidade e a variedade de temas e periódicos. Para uma listagem bem-preparada e de fonte confiável sobre as publicações de Harriet Martineau na Revista *Once a Week*, no intervalo de 1859 a 1865, sugiro a busca numa página mantida pela pesquisadora espanhola Maria-Rocío Navarro-Fossar, que é especialista na autora, tendo defendido a dissertação de Mestrado e a tese de Doutorado a esse respeito³⁹. Em outra página mantida pela mesma pesquisadora, existe a relação dos textos da autora publicados na *Household Words*, que era dirigida por Charles Dickens⁴⁰. Mais textos estão disponíveis em outro endereço⁴¹. A necessidade de endereços diferentes se dá pelo fato de que existe um limite de armazenamento gratuito destes dados garimpados por Navarro-Fossar.

É uma tarefa impossível listar todos os artigos publicados por Martineau e não é meu propósito aqui tentar realizar tal feito. Com o avanço das pesquisas sobre a vida e obra da autora, associadas a pesquisas de tradução, esse inventário, que em parte já se encontra disponível em língua inglesa, pode ir sendo listado assertivamente no Brasil. Isso dependerá de *pesquisas exploratórias documentais*, mas também da consideração

³⁹ Disponível em: webfacil.tinet.cat/HMartineau.OnceWeek

⁴⁰ Disponível em: webfacil.tinet.cat/HMartineau.HouseholdWords

⁴¹ Disponível em: webfacil.tinet.cat/doctoradoUNED

com o que é referenciado nas *pesquisas bibliográficas*. Esse quebra-cabeças com mais de 2000 artigos publicados em vários periódicos vai sendo montado aos poucos num esforço coletivo de garimpo, peça a peça, quando intencionalmente ou não, as informações são identificadas e compartilhadas entre pesquisadoras(es) que se interessam pelo tema.

Miller (1887) listou os artigos de Martineau no *Daily News*, em 1861, apenas como exemplo de sua capacidade de produção. É uma lista enorme, com 109 artigos para um único periódico e num único ano. Como mencionei anteriormente, é tratado como jornalismo, sendo que, acredito, sejam análises que a autora desenvolveu a partir de sua reclusão. O fato de publicar em periódicos não a torna ou a transforma numa jornalista, assim como não torna os vários homens que publicavam suas análises em jornais (por exemplo, Karl Marx) e revistas, buscando alcançar um público maior e num formato mais simples, ou simplesmente uma remuneração para as despesas da vida cotidiana, como uma profissão regular.

Ao mesmo tempo, ela escreveu 45 artigos para o *Boston anti-slavery standard* e continuou a escrever um artigo quinzenal para o *Once a week* (Buckler, 1952). Já para o *Daily News*, escreveu 1642 artigos. Algumas(ns) pesquisadoras(es) chegam a falar em mais de 1500 artigos remunerados (Navarro-Fossar, 2021, p. 296; Hill e Hoecker-Drysdale, 2002, p. 08).

“Os escritos iniciais de Martineau apareceram na revista unitarista *The Monthly Repository*. Ela também contribuiu com cartas, resenha de livros e artigos sobre educação, direitos das mulheres e abolição da escravidão em jornais e periódicos como *Daily News*, *Spectator*, *Weekly Chronicle*, *Quarterly Review*, *Tatler*, *New York Tribune* e o periódico esquerdista radical *The Westminster Review*. As obras publicadas por Martineau despertaram muito interesse entre estudiosos da história americana, da vida vitoriana na Grã-Bretanha do século XIX, de jornalismo, de estudos sobre as mulheres, de estudos religiosos, de feminismo e de literatura inglesa.” (Sinha, 2023, p. 76)

Não bastasse toda essa produção, Martineau também se dedicou a escrever alguns manuais de trabalho, para a *Poor-law commissioners*, que gerou o boato de que ela tinha sido empregada doméstica e que se tratava de uma pessoa muito humilde (Martineau, 1877a, p. 164). Entretanto, a autora era interessada nas causas sociais, na pobreza e em qualificar as mulheres para trabalhos remunerados e com boas condições. Isso associado ao fato de que ela teve uma educação para exercer atividades ligadas à

administração da casa e das atividades domésticas que tradicionalmente eram atribuídas às mulheres. O resultado não deveria ter sido considerado tão inesperado, não fosse o fato de que, neste período, ela já era uma autora conhecida e famosa.

Além destes guias de serviço, duas décadas depois ela publicou dois guias de turismo, se é que podemos chamá-los assim, para a região dos lagos, na Inglaterra.

Vale lembrar que o próprio *Como observar* foi tratado como um simples manual quando foi publicado.

Quadro 15 – Guias para o serviço doméstico e de turismo

1837	Guides to service: - <i>The maid of all work</i> - <i>The housemaid</i> - <i>The lady's maid</i> - <i>The dress-maker</i>
1854	Complete Guide to the English Lakes Guide to Windermere

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a autobiografia um pouco já foi dito logo no Capítulo I, mas é necessário pontuarmos algumas questões. A primeira é o fato de que Martineau escolheu falar por si mesma e dar a sua versão dos fatos que considerava serem representativos de sua vida. Segundo o seu próprio relato, ela tentou eliminar, ou melhor, pediu que fossem eliminados, elementos que passassem uma visão diferente acerca dos fatos que retratavam sua vida. Por essa razão, a autora solicitou a todas(os) amigas(os) que eliminassem cartas trocadas, informando que não autorizava e nem gostaria que fossem publicadas. Mas eram muitas as cartas distribuídas com suas(seus) correspondentes mundo afora. Algumas, inclusive, foram publicadas em vida. Outras foram publicadas junto a fundos de outras(os) intelectuais, como foi o caso de Comte. Outras foram reunidas pós-morte e publicadas em uma Coleção. Ocorre que muitas cartas sequer eram de caráter privado e foram publicadas em periódicos ou reunidas em livros.

Na Autobiografia, Martineau (1877a, p. 02) fez uma introdução explicando os motivos de ter proibido em testamento que suas cartas privadas fossem publicadas, alegando que não teria medo da exposição em razão da fama e que tais cartas provavelmente até ajudariam a conformar uma imagem positiva a seu respeito. A autora também se deteve a explicar quando e quantas vezes começou e parou de escrever os

relatos autobiográficos, alegando se sentir obrigada a apresentar a sua versão e a sua memória acerca da própria vida, explicando que se alguém tinha que fazê-lo, por óbvio, esse alguém era ela. É lógico que havia uma preocupação acerca de como os dados seriam expostos e que versão da celebridade Martineau seria eternizada. Não por acaso, ela se dedicou a diferenciar a conversação em dois tipos: a falada e a escrita. Além disso, alegou a existência de “laws of honor” e de “principles and feelings of honor” (Martineau, 1877a, p. 03) que jamais são questionadas quando a conversa é falada, mas que, incoerentemente, o são quando as conversas são escritas. Essa é uma justificativa manejada pela autora, mas que foi utilizada contra ela e com bastante veemência, já que Martineau teria rompido este preceito ao expor fatos e percepções que lhe foram confidenciais ou observados na convivência privada. O que, como demonstrei no Capítulo III, parece não ter sido perdoado por suas (seus) contemporâneas(os).

“Epistolary correspondence is written speech; and the *onus* rests with those who publish it to show why the laws of honor which are uncontested in regard to conversation may be violated when the conversation is written instead of spoken. The plea is of the utility of such material for biographical purposes; but who would admit that plea in regard to fireside conversation? The most valuable conversation, and that which best illustrates character, is that which passes between two friends, with their feet on the fender, on winter nights, or in a summer ramble: but what would be thought of the traitor who should supply such material for biographical or other purposes? How could human beings ever open their hearts and minds to each other, if there were no privacy guaranteed by principles and feelings of honor? Yet has this security lapsed from that half of human conversation which is written instead of spoken.” (Martineau, 1877a, p. 03)

No mesmo esforço ela fez duas novas distinções: interesse público *versus* cartas confidenciais; autorização para publicação *versus* proibição de uso público. Informou, ainda, que aqueles amigos próximos optaram por queimar as suas cartas, sabendo que, após a sua morte, existiria uma procura por tais, para o quê ela nomeou como “importunities of hunters of material” (Martineau, 1877a, p. 04), sobre a publicação de cartas e a relação entre editores e leitores, evidenciando um mercado editorial interessado em informações privadas sobre celebridades de sua época. Os artifícios utilizados por elas(es) também foram relatados por Martineau. Ciente de como o mercado editorial funcionava, ela problematizou o papel das(os) que pretendem garantir alguma privacidade.

Mas essa preocupação não era em nada uma novidade. Quando seu noivo adoeceu e passado algum tempo, ela já não mantinha contato com ele e não foi visitá-lo, embora tivesse viajado para outros lugares. No início de 1827, sua grande preocupação em cartas para James era de que precisava que as cartas que remeteu a seu noivo Worthington fossem devolvidas, pois continham assuntos confidenciais que envolviam outras pessoas (Arbuckle, s/d, Capítulo 04, pp. 06 e 07). Nesse período, Martineau não era famosa e não tinha uma carreira ou fama para zelar. Mas tinha consciência de como confidências escritas, quando usadas para outras finalidades, poderiam comprometer suas relações e reputação. O que se fala no âmbito privado e acordado como confidencial não deveria ser exposto como se fosse de caráter público. A grande questão é: Martineau cumpriu esse pressuposto ao escrever a autobiografia?

Em sua Introdução à autobiografia, Martineau (1877a, p. 1-2) explicou que:

“From my youth upwards I have felt that it was one of the duties of my life to write my autobiography. I have always enjoyed, and derived profit from, reading that of other persons, from the most meagre to the fullest: and certain qualities of my own mind, — a strong consciousness and a clear memory in regard to my early feelings, — have seemed to indicate to me the duty of recording my own experience. When my life became evidently a somewhat remarkable one, the obligation presented itself more strongly to my conscience: and when I made up my mind to interdict the publication of my private letters, the duty became unquestionable. For thirteen or fourteen years it has been more or less a weight on my mind that the thing was not done. Twice in my life I made a beginning; once in 1831, and again about ten years later, during my long illness at Tynemouth: but both attempts stopped short at an early period, answering no other purpose than preserving some facts of my childhood which I might otherwise have forgotten. Of late years, I have often said to my most intimate friends that I felt as if I could not die in peace till this work was done; and there has been no lack of encouragement and instigation on their part: but, while I was in health, there was always so much to do that was immediately wanted, that, as usually happens in such cases, that which was not immediately necessary was deferred. At the beginning of this last winter, however, I had hopes of being able to unite my political work with this; and on New Year’s Day I said to myself that the year must not close without my having recorded the story of my life. I was probably strengthened in this purpose by having for some time past felt that my energies were declining, and that I had no longer a right to depend on being able to do whatever I chose. Two or three weeks more settled the business. Feeling very unwell, I went to London to obtain a medical opinion in regard to my health. Two able physicians informed me that I had a mortal disease, which might spare me some considerable space of life, but which might, as likely as not, destroy me at any moment. No doubt could remain after this as to what my next employment should be: and as soon after my return home as I had settled my business with my Executor, I began this autobiography. I thought it best to rewrite the early portion, that the whole might be offered from one point of view, and in a consistent spirit. Without any personal desire

about living a few months or weeks more or less, I rather hope that I may be able to finish my story with my own hands. If not, it will be done by another, from materials of more or less value. But one part which ought to be done by myself is the statement of my reasons for so serious a step as forbidding the publication of my private correspondence; and I therefore stop at the Third Period of my Memoir, to write this Introduction, to the following passages of which I request the reader's earnest attention."

Mesmo não tendo sido publicadas, algumas cartas foram disponibilizadas para pesquisa. Miller (1887), por exemplo, alegou ter tido acesso às cartas de Henry Reeve (editor da *Edinburgh Review*, que era amigo e parente de Martineau) e F. Arnold ("a jovem amiga de Harriet"). Outras cartas que foram publicadas se destinavam a campanhas, como as para a fundação do *Oberlin College*, nos Estados Unidos, e de apoio à *American Anti-Slavery Society* (Miller, 1887).

Quadro 16 - Autobiografia e cartas

Autobiografia, Londres

Autobiografia, Boston

Cartas ao Athenaeum sobre o mesmerismo

Cartas em apoio à *American Anti-Slavery Society*

Cartas em apoio à fundação do *Oberlin College*

Letters from Ireland

Cartas com Henry Atkinson *Letters on the laws of man's nature and development*

Cartas sobre os *Contagious Diseases Act*

Cartas sobre a questão dos direitos autorais

Cartas publicadas por Deborah Logan *The collected letters of Harriet Martineau*

Cartas pessoais

Fonte: Elaborado pela autora

Por conseguinte, não restam dúvidas acerca da capacidade de escrita de Martineau, a pluralidade de temas que abarcou e o volume excessivo de publicações em quase 50 anos de atividade ininterrupta. Também busquei demonstrar que ela era uma profissional muito conhecida e que atuava cooperando com várias editoras e periódicos simultaneamente. E que, mesmo tendo permanecido, no mínimo, 26 anos de sua vida bastante adoentada (1839-1844; 1855-1876), a autora seguiu uma rotina absurdamente produtiva e de militância pelo fim da escravidão e das desigualdades existentes entre negros, indígenas e brancos, de um lado, e mulheres e homens, de outro. Seu ímpeto e sua força incansáveis frente a toda adversidade são praticamente inexplicáveis.

Martineau foi, sem dúvida, uma figura *sui generis*, que sofreu com a fama, com as consequências de ser mulher, do adoecimento e do envelhecimento. Construiu sua autonomia financeira, fez algumas escolhas ruins quanto a investimentos e se viu dependente da ajuda de amigos (aos quais ela em vários momentos também assistiu) por ao menos três oportunidades. Nem por isso aceitou a pensão do Estado, que lhe foi oferecida em alguns momentos, principalmente por prezar por sua liberdade de pensamento e por sua fidelidade aos princípios democráticos e contra todo e qualquer privilégio. Usou o sistema instituído para publicar, mas não se limitou a ele, encontrando meios alternativos (panfletos, por exemplo) quando suas posturas não eram recepcionadas pelos editores. Ao mesmo tempo, mantinha uma cartela de possíveis colaboradores(as) e editores com perfis muito diferentes. Questionou incansavelmente o processo de editoração e pautou tanto a liberdade intelectual quanto a percepção de direitos autorais como pagamento devido. Acima de tudo, sobreviveu a várias circunstâncias trágicas que faria com que muitos desistissem de tentar. Ousou e colocou em prática em sua própria vida o que pensava ser o necessário não só para todas as mulheres, como para todas as raças e etnias: a liberdade.

Embora eu tenha feito menção a outras fases e obras com escopo diverso do sociológico, o foco desta tese são as obras sobre as quais acabo de me referir, contemplando a perspectiva da *Ciência da Sociedade*. Por enquanto, se trata apenas de trazer um panorama do conjunto da obra, o investimento em diversas áreas e a sua volumosa produção. Nestes termos, preciso incluir um quadro que ainda está em construção relativo ao mapeamento das obras de sua autoria considerando as edições dos seus livros em outras línguas e países ainda no século XIX (Quadro 17) e as edições e reimpressões por país e língua no século XX (Quadro 18). Assim, entendo que fica demonstrado que não houve *apagamento*, o que seria praticamente impossível, dado o volume da sua obra. Mas também demonstra que a ausência de referência ao seu trabalho, principalmente no âmbito das Ciências Sociais, ou mesmo a sua redução à tradutora de Auguste Comte contribuíram para uma ressignificação da sua memória no campo intelectual, literário, científico e político. Afinal, se seu nome foi associado ao final da carreira ao positivismo e este sofreu uma derrocada no século XX todos os que estavam associados a ele também tendem a cair.

Inobstante, também vale o destaque para a tentativa de identificar em que medida sua obra continuou a ser reproduzida e lida nas mais diversas línguas e países.

Quadro 17 – Edições em outros países e línguas no século XIX

Título	ano	traduzido por	editora	Local	língua
<i>Novelas de Miss Martineau sobre Economía Política</i>	1836	D. J. F. P.	Don Tomas Jordan	Madri, Espanha	espanhol
<i>Die Gesellschaft und das sociale leben in Amerika</i>	1838	Dr. C. Brinfmeier	Theodor Fischer	Leipzig, Alemanha	alemão
<i>De la société Américaine</i>	1838	Benjamin Laroche	Société belge de librairie	Bruxelas, Bélgica	francês
<i>Voyage aux États-Unis: ou, Tableau de la société américaine (vol. I e II)</i>	1839	Benjamin Laroche	Pagnerre	Paris, França	francês
<i>Cómo observar la moral y las costumbres</i>	1843	José María de Carnerero	Imprenta de la Sociedad Literaria y Tipográfica ⁴²	Madri, Espanha	espanhol
<i>Cómo observar la moral y las costumbres</i>	1859		Imprenta de Gaspar y Roig ⁴³	Madri, Espanha	espanhol
<i>Die Ansiedler im eigenen Hause</i>	1846	Dr. W. Häring. (W. Alexis)	Berlin Berliner Lesekabinets	Berlim, Alemanha	alemão
<i>Traditions de Palestine</i>	1869	Madame Amable Tastu	L. Curmer	Paris, França	francês

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 17 traz alguns exemplos encontrados, mas não representa o resultado de uma pesquisa em profundidade. Da mesma forma, o Quadro 18 é apenas representativo do que aqui pretende ser demonstrado. Em alguns casos, como por exemplo quanto ao *Household Education* temos notícia de que apenas ele teve 73 edições diferentes (Navarro-Fossar, 2021). Mas esse dado não está disponível para todas as publicações e sequer existe um controle a esse respeito dado que o registro em cada país é diferente e não existe uma listagem única que possa ser consultada. Além disso, alguns livros são apenas reimpressos, por estarem em domínio público, sem receberem qualquer registro ou informações na contracapa.

⁴² Fonte: Copilot, inteligência artificial, sem conseguir acessar uma cópia ou imagem do livro citado.

⁴³ Fonte: Copilot, inteligência artificial, sem conseguir acessar uma cópia ou imagem do livro citado.

Quadro 18 – Edições e reimpressões por país e língua no final do século XIX e no XX

Título	ano	edição	reimpressão	editora	país	língua
<i>Autobiography</i>	1879	4ª		Houghton, Osgood and Co.	Estados Unidos	inglês
<i>Nella vecchia Norvegia</i>	1929			R. Carabba. Traduzido por Elena Casella Giglioli	Itália	italiano
<i>Society in America</i> (condensado)	1962			Ed. Seymour M. Lipset. Anchor Books, Doubleday & Co.	Estados Unidos	inglês
<i>Society in America</i>	1966			AMS Press, Inc.	Estados Unidos	inglês
<i>Há-mityashshevim al ha-i</i>	1979			Elisar Traduzido por Ada Shanak	Israel	hebraico
<i>Society in America</i> (condensado)	1962			Ed. Seymour M. Lipset. Transaction Books	Estados Unidos	inglês
<i>How to observe morals and manners</i>	1989			Transaction Books	Estados Unidos	inglês
<i>Society in America</i> (condensado)	2000			Ed. Seymour M. Lipset. Transaction Books	Estados Unidos	inglês
<i>Writings on slavery and the American Civil War</i>	2002			Ed. Deborah Logan. Nothern Illinois University Press		
<i>Harriet Martineau's writing on British History and military reform</i>	2005			Ed. Deborah Logan.		

				Pickering & Chatto Publishers Limited		
<i>L'isola dell'Aurora</i>	2006			Quattrosoli. Traduzido por Marcela Romeo	Itália	italiano
<i>Harriet Martineau and the Irish Question: condition of post-famine Ireland</i>	2012			Ed. Deborah Logan. Lehigh University Press, Bethlehem		
<i>La società in America</i>	2019			Aracne. Traduzido por Ginevra Conti Odorisio	Itália	italiano
<i>Cómo observar la moral e las costumbres</i>	2022			CIS	Espanha	espanhol

Fonte: Elaborado pela autora

Capítulo V

Metodologia nos trabalhos de análise social

Esse tópico precisa ser separado em duas partes. A primeira, será reservada para a discussão sobre o método de escrita adotado pela autora. A segunda, será dedicada ao debate sobre o método de pesquisa de campo e de análise de dados utilizado e sistematizado por Martineau.

Em diversos momentos de sua obra a autora se dedicou a discutir métodos de “composição”, de observação, de análise de dados, de formulação teórica, de ilustração e a sua própria experiência com cada um deles. Em suas palavras: “A frequent topic of conversation between my morning guests and myself was the various methods of doing our work. Sooner or later, almost every author asked me about my procedure, and told me his or hers.” (Martineau, 1877a, p. 323)

Assim, Martineau comparou seu método ao de outras(os) autoras(es) (Martineau, 1877a, p. 323-328) dizendo não ter a intenção de julgá-los, sendo claro que a variedade de métodos era demasiada grande. Vale a pena considerarmos mais uma passagem de seu texto na qual ela comentou a respeito:

“I have met with almost every variety of method among living authors; and almost every variety of view as to the seriousness of their vocation. But I believe the whole fraternity are convinced that the act of authorship is the most laborious effort that men have to make: and in this they are probably right: for I have never met with a physician who did not confirm their conviction by his ready testimony.” (Martineau, 1877a, p. 328)

Não é possível afirmar que o método de Martineau se manteve intacto por toda a vida, mas é possível indicar como ela estruturou e escreveu acerca do método de pesquisa de campo que adotou e recomendava para os pesquisadores. Isso pode claramente ser confirmado em sua obra *Como observar: morais e costumes*, mas também em toda a introdução do livro *Sociedade na América*. Como reservarei um espaço no Capítulo V para me deter na análise destes livros, cabem aqui apenas

considerações gerais sobre a forma de pesquisa e de escrita desta autora, dando ênfase para o que parece, em razão de seus próprios escritos, como um padrão eleito e aplicado por ela.

O nascimento da *Ciência da Sociedade* ocorreu em 1837/1838, com a publicidade de seu método e em 1834 com sua prática e tentativa de sistematizá-lo (Alcântara, 2022, 2024). A sua prática de pesquisa é suficiente para constatar este fato, não sendo necessária a existência de um nome, mas, mesmo assim, Martineau a denominou⁴⁴. Com isso, Martineau estabeleceu regras para a observação.

“Na obra, Martineau expõe os processos para a observação sistemática e metódica da sociedade. Ela manifesta a preocupação de esboçar um programa intelectual que define como “ciência da moral e dos costumes” (Martineau, 1838), uma abordagem que busca descobrir tanto costumes observáveis quanto a moralidade mais abstrata. Por ‘moral’, ela se refere aos valores, normas e princípios inculcados, nos quais as práticas superficiais e observáveis, os ‘costumes’, se enraízam. O texto se fundamenta nos princípios metodológicos do empirismo, do naturalismo e do objetivismo (Hill, 1989; Martineau, 1962; McDonald, 1994; Riedesal, 1981), que Martineau considera indispensáveis para estudar cientificamente a sociedade. Seu método propõe o uso de técnicas de observação (incluindo a observação participativa) para obter conhecimento sobre temas cuidadosamente demarcados. O livro se divide em duas partes: a primeira é intitulada ‘Requisitos para a observação’, ou seja, como observar, enquanto a segunda trata do objeto de investigação da nova ciência, ou seja, do que deve ser observado”. (Sinha, 2023, p. 82)

Sobre o método, deve se diferenciar o *método de pesquisa*, que abordarei adiante, e o *método de escrita*, que será abordado aqui. Acerca deste último, preciso destacar a configuração que ela usava para seus textos, os quais eram estruturados em tópicos e subtópicos claros, objetivos e definidos de modo sistemático.

Esses dois elementos parecem indissociáveis ao lermos sua obra, dada a coerência entre as fases de preparação para a pesquisa, a coleta de dados e a interpretação do que foi observado. Martineau falou muito sobre a aparência do que é visto pelo observador e do que estaria “abaixo da superfície” (Martineau, 2024), mas também refletiu isso de modo coerente em sua forma de escrever sobre seus achados, como podemos verificar no trecho transcrito a seguir.

⁴⁴ Zen (2022) comparou a crítica de Rousseau aos viajantes com a sistematização proposta por Harriet Martineau.

“Existe, é claro, um conhecimento sobre a dificuldade do local; mas, nem sempre uma clara visão da chegada de eventos, os quais incluem um remédio. O caminho mais comum de desafogar qualquer dolorosa sensibilidade sobre o assunto é a declamação contra o luxo; ou, prefiro, contra o desejo por ela naqueles que são supostos incapazes de proporcioná-la. Essa vontade não fará bem. Se os próprios Pais Peregrinos tivessem tido luxo perante seus olhos, teriam desejado tê-la; e teriam estado certos. O luxo é, nele mesmo, um grande bem. O luxo é a *comida deliciosa* – de qualquer e todo tipo: e Ele que a concedeu teve a intenção de que todos os homens a tivessem. O mal do luxo está em sua restrição; em ser feita uma causa de separação entre homens e um meio de invasão por alguns sobre os direitos dos outros. A frugalidade é uma virtude apenas quando é requerida pela justiça e pela caridade. O luxo é vício somente quando é obtida pela injustiça e levada à intemperança. É uma coisa ruim que um fazendeiro de Massachusetts deva hipotecar sua fazenda, a fim de que sua esposa e filhas possam se vestir como as senhoras de Boston; mas o mal não está no vestido; está, em vez disso, em seu apego a um modo de vida que não o capacita a pagar seus débitos.” (Martineau, 2024, s/p)

A autora sempre defendia a necessidade de coerência nos posicionamentos (não se tratando apenas de puro opinionismo), e não julgava as motivações destes, pois desnaturalizava a ideia de que não existiam interesses e valores por trás de cada manifestação e considerava serem automaticamente decorrentes de valores e de interesses prevaletentes em cada categoria. Portanto, as manifestações eram reflexo desses elementos que podemos captar com a observação social e a escrita era a expressão disso. Alguns exemplos sobre como a sua escrita se desenvolvia podem ser encontrados na forma e outros no conteúdo de seus textos. Quanto ao conteúdo, chama a atenção o fato de que, por exemplo, são poucos os momentos nos quais a autora se referiu a Deus ou em divindades. Geralmente, o fez em momentos irônicos, de crítica a alguma situação ou citando terceiros. Por exemplo, em *Política* (Martineau, 2022, pp. 37, 38, 44, 59, 68, 117 e 129).

Quanto à forma, o método de escrita de Martineau pode ser descrito nos seguintes termos nos livros de análise social:

- introduzia um tópico;
- citava um autor com uma epígrafe;
- começava a falar em termos gerais sobre a questão;
- ilustrava com exemplos, descrevendo cenas e situações para gerar um tipo de identificação com quem lê o texto e conexão com a realidade vivida;

- destacava posicionamentos, perspectivas diversas e até mesmo conflitantes;
- alçava a discussão a um patamar de abstração;
- retomava a problematização;
- concluía fazendo referência a reflexões derivadas do texto.

Como numa arena pública, após explicitar os argumentos ou situações tidas como favoráveis, ela se debruçava sobre as desfavoráveis. Martineau via os argumentos como uma parte importante de sua análise e não se eximia de indicar a crítica a isso. Como, por exemplo, na passagem a seguir:

“A resposta é que é inconveniente colocar um patrocínio vasto e aumentado nas mãos do governo geral: que somente um conhecimento muito superficial pode ser procurado em membros do Congresso como para a necessidade ou para o valor de obras propostas para serem instituídas em algumas partes dos Estados, exceto aquelas nas quais eles estão respectivamente interessados: que ciúmes intermináveis surgirão entre os vários Estados a partir da impossibilidade ou indesejabilidade de equalizar a quantidade de apropriação feita para cada: que obras inúteis seriam propostas a partir do espírito de competição ou interesse individual: [†] e que a corrupção, coextensiva com o aumento de poder, depravaria as funções do governo geral.” (Martineau, 2024, s/p)

Ainda sobre o *método de escrita*, ou “método de composição”, como ela preferia falar, a própria autora o descreveu como “elíptico” (Martineau, 1877a).

“I have always used the same method in writing. I have always made sure of what I meant to say, and then written it down without care or anxiety, – glancing at it again only to see if any words were omitted or repeated, and not altering a single phrase in a whole work. I mention this because I think I perceive that great mischief arises from the notion that botching in the second place will compensate for carelessness in the first. I think I perceive that confusion of thought, and cloudiness or affectation in style are produced or aggravated by faulty prepossessions in regard to the method of writing for the press. The mere saving of time and labour in my own case may be regarded as no inconsiderable addition to my term of life. – Some modifications of this doctrine there must of course be in accordance with the strength or weakness of the natural faculty of expression by language: but I speak as strongly as I have just done because I have no reason to believe that the natural aptitude was particularly strong in myself. I believe that such facility as I have enjoyed has been mainly owing to my unconscious preparatory discipline; and especially in the practice of translation from various languages, as above related. And, again, after seeing the manuscripts or proof-sheets of many of the chief authors of my own time, I am qualified

to say that the most marked mannerists of their day are precisely those whose manuscripts show most erasures, and their proof-sheets most alterations.” (Martineau, 1877a, p. 94)

Martineau explicou que renunciou ao convencional copiar e alterar, porque acreditava que a cópia pediria a alteração e isso abriria um circuito infundável de novas reformas no texto, que o descaracterizaria quanto à proposta que lhe deu origem (Martineau, 1877a, p. 93). O que certamente nos deixa atônitos com o fato de que seus originais não eram corrigidos ou revisados e um exemplo disso podemos encontrar no relato que uma de suas biógrafas deu a esse respeito. Em suas pesquisas sobre a vida e obra de Harriet Martineau, Miller (1887) afirmou ter tido contato com manuscritos originais dos contos de Economia Política, os quais claramente demonstravam uma escrita rápida, cheia de abreviações e símbolos, com uma letra que a biógrafa chamou de legível, mas “descuidada”. Inobstante tudo isso, Miller informou com espanto, que raramente o manuscrito era corrigido: “desafiando a lei e a ordem”. A esse respeito, podemos recorrer às afirmações da própria Martineau, que se dizia inapta em caligrafia, só tendo alcançado um nível mediano próximo dos 20 anos (Martineau, 1877a, p. 69).

A autora levava a(o) leitora(r) para a cena que ela retratava ao detalhar sons, cheiros, cores e sensações. Martineau lançava fragmentos de conversas ao longo do texto a título de ilustração e para colocar leitoras(es) exatamente no momento que ela queria retratar. Mas a autora também usava tais trechos para demonstrar qual artifício era utilizado para a expressão das ideias no discurso, tentando desmontar alguns destes padrões de argumentação, demonstrando que não tinham fundamento ou lastro. Os elementos teóricos vão aparecendo nos relatos que a princípio parecem surgir ao acaso. Dos transportes quebrados às condições do tempo, tudo era uma oportunidade para a coleta de informações e o conhecimento sobre a realidade local. Não se tratava apenas de mera descrição, mas de detalhamento dos fatos que queria ressaltar e que eram importantes para a análise. Ao descrever, ela demonstrava formas de sociabilidade que ficam muito marcadas em nossa memória como se fôssemos uma testemunha ocular.

Ainda sobre o *método de escrita*, no *Sociedade na América*, Martineau afirmou que citava as fontes primárias e os modos de vida dos habitantes dos Estados Unidos para que pudesse fornecer uma imagem compatível com a realidade observada, não

apenas informando e concluindo para a(o) leitora(r), mas trazendo à cena, como sujeito que interpreta a partir dos dados que lhe são apresentados.

“Dei agora esboços de algumas das mais notáveis partes do país, esperando que uma ideia muito distinta pudesse, nestas condições, ser permitida de suas fontes primárias e dos modos de vida de seus habitantes. Não tenho mencionado nada das cidades, nesta conexão; a vida citadina na América não tendo nada de muito peculiar a respeito disso, visualizada na forma de pesquisa geral. Os diversos departamentos da indústria serão agora particularmente considerados.”. (Martineau, 2024, s/p)

Ela também não escondia os afetos, as sensações e as relações de apego construídas. Em seus relatos, buscava demonstrar sua personalidade ousada, criativa, curiosa, sarcástica, crítica, corajosa, destemida, aventureira, piadista e bem-humorada. Um bom exemplo da flexibilidade de Martineau como algo notável pode ser verificada quanto a transportes, hospedagens, alimentação, mas também em relação a companhias. Ela não circulou apenas com um grupo ou num mesmo território, tendo, inclusive, descrito em minúcias a quantidade de pessoas que compunham seus grupos e a estrutura do transporte. Em *Sociedade na América*, ao falar sobre Michigan e sua viagem às regiões selvagens do norte, Martineau fez uma breve referência às pessoas que estavam em seu grupo de viagem. Na viagem aos Estados Unidos, a autora foi acompanhada de sua assistente “Miss J” (Louisa Caroline Jeffery, 1806-1887), também escritora ou que veio posteriormente a se tornar escritora. Um bom exemplo é que viajavam muito à noite e de madrugada, além de ficarem socializando madrugadas adentro.

Em seus relatos e no próprio texto, a autora alegava que sempre buscava ouvir vários lados da mesma situação ou várias versões sobre um mesmo fato, para construir a sua interpretação acerca de um dado fenômeno social. É o mesmo convite que ela faz a quem lê seus textos. Por isso, sua escrita exala reflexividade e não dogmatismo.

“No meio da massa de materiais que se acumularam sobre minhas mãos durante o processo de aprendizagem de todas as partes, suas visões sobre essa questão, eu dificilmente sei para onde virar e o que selecionar que mostrará mais breve e fortemente que os tempos superaram a escravidão. Esse é o ponto no qual cada questão de fato e de argumento qualquer que possa ser a intenção desses que a aduzem. O mais impressionante, talvez, seja o tratamento dos Abolicionistas: um assunto a ser advertido doravante. A fúria insana que se exala sobre os poucos que agem sobre os princípios que

os muitos professam é um sinal dos tempos que não será mal compreendido. É sempre o precursor de mudança benéfica. A Sociedade na América parece já estar passando fora desse estágio dentro de um até mesmo mais avançado. A causa da abolição está se espalhando tão rapidamente através do coração da nação; a parte sadia do corpo político a está abraçando tão ativamente que nenhum observador desinteressado pode falhar em ser persuadido de que mesmo a questão do tempo é trazida para dentro de limites estreitos. As eleições mostrarão, daqui a pouco, a vontade do povo e que a escravidão seja abolida no Distrito de Colúmbia. Então, tais políticos que se submetem, negociantes mercenários, clérigo covarde e corpo de jornais perdulários, como agora estão muito cegos para ver a mudança chegando, terão que escolher seu lado; quer para se encolherem fora de vista ou para se vangloriarem patrioticamente da revolução justa a qual têm se esforçado para retardar, mesmo pela aplicação da tortura tanto para os corpos quanto as mentes de seus concidadãos de olhos claros.” (Martineau, 2024, s/p)

Esse esforço demonstra a sua preocupação em apresentar um caleidoscópio de falas e de percepções que seria representativo da situação social e política naquele momento. Algumas dessas manifestações eram públicas, outras eram privadas. Ao relatá-las, a autora garantia o anonimato de seus entrevistados e os indicou com a primeira letra do nome ou do sobrenome apenas em algumas circunstâncias, o que demonstrava uma preocupação ética sempre presente. Ela não apenas citava as divergências e a pluralidade de perspectivas e de manifestações como destacava a sua estrutura argumentativa, para o que denominava “uma amostra de opiniões” (Martineau, 2024, s/p) por entrevistadas(os), citada com bastante frequência e marcando a complexidade das relações e das instituições que estruturam a vida social.

Junto à pluralidade, uma investida de tentativa de convencimento ou cooptação estão bastante presentes em seu texto. Com o que ela demonstrou que a relação entre observador e observado nem é/deve ser hierárquica, nem é de passividade por parte dos observados.

“Para um **observador imparcial**, parece que o Congresso não tem nenhum direito constitucional a devotar os fundos públicos para melhorias internas em seu próprio irrestrito desejo e prazer: que a permitida usurpação do poder por um tão longo tempo indica que algum grau de tal poder nas mãos do governo geral é desejável e necessário: que tal poder deveria ser garantido através de uma emenda da constituição, pelos métodos ali providos: que, durante esse tempo, é perigoso que o instrumento deva ser esgarçado para o suporte de qualquer função, não obstante possa ser desejável o seu exercício.

No caso da adição proposta ser feita à constituição, os arranjos serão, é claro, inseridos para determinarem os princípios pelos quais em geral estão para serem distinguidos dos objetos locais, ou se tal distinção pode, sobre qualquer princípio, ser fixada; para testar a utilidade dos objetos propostos;

para checar despesas extravagantes, trabalho e patrocínio corrupto; em resumo, os poderes do Congresso serão especificados, aqui, como em outros assuntos, pela permissão e proibição expressa. Esses detalhes, difíceis ou ingovernáveis no meio do exercício questionável de um grande poder, serão, sem dúvida, arranjados assim como para trabalharem com precisão quando o desejo da maioria for trazido para suportá-los diretamente sobre eles. Está na hora dessa grande questão ser resolvida. O Congresso continua fazendo apropriações para uma estrada aqui, um canal ali, um porto ou um farol em algum outro lugar. Todos esses podem ou não ser necessários. Entretanto, aqueles que têm a lei do seu lado exclamam contra a extravagância, o trabalho e a usurpação sobre direitos populares. Aqueles que têm a expediência do seu lado argumentam a necessidade, o desejo popular e o aumento da receita excedente.”. (Martineau, 2024, s/p) (*grifos meus*)

Na citação anterior, duas coisas chamam a atenção ao se referir a: “um observador imparcial”; duas manifestações opostas.

A imparcialidade é um termo pantanoso e difícil de ser colocado no texto sem implicações catastróficas e contraditórias com relação à própria discussão do método adotado por Martineau. A palavra em si é citada em raríssimas ocasiões no texto da autora e merece destaque devido aos seus usos ou mesmo por leituras apressadas que desconsideram o todo da obra. No livro *Como observar*, apenas em dois momentos ocorreram a menção a “imparcialidade” e ambas merecem ser reproduzidas aqui:

“Enquanto viajantes generalizam sobre morais e maneiras tão precipitadamente quanto eles fazem, provavelmente será impossível estabelecer uma convicção geral de que nenhuma nação civilizada é melhor ou pior determinável do que alguma outra sobre este lado bárbaro, o campo inteiro das morais será tomado dentro da visão. Enquanto os viajantes continuam a negligenciar os significados seguros da generalização, os quais estão ao alcance de todos, e constroem teorias sobre as manifestações das mentes individuais, existe pouca esperança de inspirar homens com aquele espírito da **imparcialidade**, deferência mútua, e amor, os quais são os melhores iluminadores dos olhos e retificadores do entendimento.” (Martineau, 2021, p. 30) (*grifos meus*)

E, ainda:

“Novos assuntos de pesquisa serão trazidos para dentro de seu alcance; novos caminhos de investigação serão abertos; novos trens de ideias serão despertados, e novas mentes serão trazidas para a comunicação com a sua própria. Se ele pode assegurar a boa fortuna de conversar com os líderes de ambos os lados das grandes questões (com os homens que fizeram uma busca para coletar todos os fatos do caso, e seguir seus princípios), não existe nenhuma estimativa de sua vantagem. Existe, talvez, dificilmente, um grande assunto de controvérsia nacional que, assim aberto a ele, não lhe

proporcionaria vislumbres para todos os outros assuntos do dia; e cada vez que sua mente agarra uma oposição definitiva de opinião popular, ele realizou um estágio em sua peregrinação de investigação dentro das tendências de uma mente nacional. Ele, portanto, estará ansioso para se envolver com tudo o que ele encontra em completa e livre conversação sobre os tópicos prevaletentes, deixando isso para eles abrirem suas mentes a sua própria maneira, e apenas tomar cuidado de si mesmo — que ele preserve sua **imparcialidade**, e não faça injustiça a questões ou pessoas por bias dele mesmo.” (Martineau, 2021, p. 231) (*grifos meus*)

Por outro lado, ao mencionar o confronto de ideias, temos um elemento capaz de demonstrar que a análise de Martineau nunca foi simplista e tentava dar conta da complexidade da realidade social, política e econômica apontando várias perspectivas e fatores intervenientes. Como no restante da obra, a autora não ignorou objeções e defesas quanto aos impasses com os quais se deparava. Ela chamava a atenção para o fato de que algumas situações não eram relatadas e outras eram facilmente verificadas. Mas que daí não decorreria que as não relatadas com frequência fossem inexistentes ou o que não fosse fácil de se apurar seria equivalente a frequência menor.

A esse respeito, Sinha (2023, p. 85) explica que:

“A nova ciência da sociedade que Martineau imaginara estava longe de ser neutra. Em vez disso, ela propunha que o sociólogo adotasse uma posição empática baseada em observações empíricas sólidas com a incumbência de produzir conhecimento objetivo fidedigno a fim de criar uma sociedade progressista.”

Essa é a forma de escrita científica presente em seus livros sobre a *Ciência da Sociedade*. Aproveito para mencionar uma perspectiva bastante diferente encontrada nas *Illustrations*, que serve, no mínimo, para demonstrar essa capacidade e plasticidade da autora, além da intencionalidade da forma e do conteúdo. Uma citação que deixa claro essa diferença e explica a metodologia empregada no *Illustrations* segue transcrita a seguir:

“A metodologia de Martineau em *Illustrations* foi utilizar a ficção como comentário social, para ilustrar, educar e persuadir os leitores. Em suas histórias ficcionais, ela usou de maneira eficaz a estratégia da *demonstração*. Os explícitos contos didáticos foram construídos para revelar como e com quais resultados os processos de produção, distribuição e consumo funcionavam na vida cotidiana. Martineau pôs o foco das lentes analíticas sobre a vida cotidiana a fim de encorajar atitudes e comportamentos apropriados frente aos novos desenvolvimentos econômicos e sociais. Era uma escritora profissional, e sua escrita também pretendia educar o público.

Sua intenção disseminou entre as massas uma visão harmoniosa específica (dominante) acerca da economia, da relação entre capital e trabalho, da necessidade de disciplina no trabalho, da regulação dos salários, da necessidade dos impostos, do capitalismo e da indústria. Para fazer justiça a Martineau, as mensagens em suas histórias se dirigiam a todas as classes – burguesia e proletariado -, uma vez que insistia nas vantagens de se trabalhar em harmonia pelo bem de todos.” (Sinha, 2023, p. 79)

Fato é que Martineau problematizou ou pautou uma reflexão sobre a observação como um elemento central e determinante para a produção teórica. Além disso, a autora se referia à Filosofia (principalmente à Filosofia Social), que era apontada como seu parâmetro de produção do conhecimento e de análise, como um grande guarda-chuva no qual outras ciências estavam localizadas. Sua análise buscava produzir uma “filosofia da sociedade”, que para ela era a “ciência da sociedade”.

Embora eu tenha optado por falar primeiro acerca do *método de escrita* e depois do *método de observação*, preciso lembrar que a *pesquisa de campo* engloba o registro das observações, a transcrição, a sistematização e a interpretação dos dados coletados. Portanto, também engloba no processo e ao final dele um período importante de escrita, que é relatado pela autora na Parte III do livro *Como observar* (Martineau, 2021).

Martineau não fez apenas *pesquisa de campo com observação social*, tendo relatado isso em detalhes em sua autobiografia. Para construir as suas séries, ela desenvolveu um método específico de *pesquisa documental* e de *pesquisa bibliográfica*, prevendo, inclusive, os melhores turnos do dia para a pesquisa e a escrita, refletindo sobre a forma com a qual o conhecimento era produzido e suas implicações (Martineau, 1877a, p. 147-149). Além disso, afirmou pesquisar em “books of travel” para compor os cenários dos livros de sua série. O que indicava que ela não apenas estudou Economia Política como também teve a oportunidade de tomar livros de viagem como objeto de análise crítica, o que lhe ajudou a produzir a obra *Como observar*. A autora também fez uso de estatísticas, inclusive na redação dos contos de Economia Política, nos quais pesquisou para se informar sobre a geografia, os costumes e os hábitos de cada sociedade.

Sobre o método utilizado para escrever a série com 04 contos sobre a Lei dos Pobres, Martineau explicou que analisou os relatórios recebidos pela *Poor Law Commission* e o projeto de Lei de reforma da referida legislação. Ela também criou um “programa de doutrina” expondo “os males do antigo sistema” e “as características do

seu sucessor proposto”. A autora estudou as conclusões recebidas de cada grupo e após as suas, que, posteriormente, percebeu serem semelhantes ponto a ponto a do governo em exercício (Martineau, 1877a, p. 167-168). Também sobre o seu próprio texto na série *Illustrations* Martineau falou em “doutrina” (Martineau, 1877a, p. 185) e em vários outros momentos ao mencionar a Economia Política (Martineau, 1877a, p. 54, 80, 81, 93, 94, 150, 159, 167, 171, 175, 177, 178, 179, 184, 185), ou ainda, “minhas doutrinas sociais” (Martineau, 1877a, p. 160), “minha doutrina” (Martineau, 1877a, p. 163) e “amálgama de doutrina e narrativa” (Martineau, 1877a, p. 181). Isso sem citar as referências a doutrinas religiosas. Especificamente sobre o uso do termo “doutrina” creio que cabe uma reflexão sobre o meio no qual a autora circulava nesse momento da juventude e início da fase adulta, que se restringia ao circuito religioso e das leituras da Economia Política. Por outro lado, resta averiguar se ela manteve esse uso posteriormente, pois a percepção que tenho como leitora de sua obra é que o termo doutrina é abandonado e ela passa a se referir apenas a princípios e a teoria.

O método cunhado pela autora possibilitou o desenvolvimento de uma análise social densa e em profundidade, calcada na valorização da teoria, em diálogo direto com a observação e a pesquisa de campo. Para Martineau, não existia a possibilidade de uma reflexão que fosse descolada da pesquisa, dos fatos e dos dados sistematizados de acordo com um método rigoroso. Implica que no segundo quarto do século XIX, ela descreveu em detalhes e aplicou o *método etnográfico*, a *observação participante*, a *pesquisa descritiva*, *documental* e *bibliográfica* tanto quanto realizou pesquisa com abordagem quantitativa, ao valorizar e se utilizar de análises estatísticas. Não bastasse a sua experiência com várias modalidades e métodos de pesquisa, a autora se dedicou a elaborá-las, organizá-las e ensiná-las aos viajantes, de um modo geral, e ao viajante filosófico, em particular. Foi, portanto, uma metodóloga bastante atuante, deixando como legado um livro que ainda hoje é conhecido como o primeiro manual de metodologia do qual se tem notícias (Martineau, 2021). Neste livro, ela destrinchou os *princípios metodológicos* que estruturavam a metodologia científica que desenvolveu e sistematizou para analisar a sociedade (Lipset, 2000, p. 08).

“La forma de trabajar de Harriet Martineau la convierten en una pensadora abierta al mundo, que intelectualmente se nutre siempre de personas de ambos sexos y que es capaz de analizar minuciosamente realidades sociales

muy diferentes a la suya, lo cual enriquece notablemente sus descripciones, reflexiones y propuestas. Fue una socióloga que utilizó frecuentemente la metodología de la observación participante, anticipándose décadas a los estudios antropológicos etnográficos que utilizarían esa misma metodología y que despuntarían a finales del siglo XIX, con Frank Hamilton Cushing, Bronislaw Malinowski, Margaret Mead o Beatrice Potter Webb, entre otros personajes relevantes en esa área. Harriet Martineau integra la observación participante con su alta capacidad de raciocinio y esa fructífera combinación le permite realizar propuestas de políticas públicas alternativas, que tienen como objetivo mejorar las condiciones sociales de las clases más desfavorecidas y colaborar en el progreso y desarrollo de su sociedad. Ese es el propósito primordial de Household Education.” (Navarro-Fossar, 2021, p. 307)

Inclusive, a referência a Políticas Públicas não é algo trivial e merece uma avaliação e estudo quanto à metodologia proposta por ela. Tarefa que me propus a desenvolver nos próximos anos.

Inobstante, tamanha era a sua preocupação metodológica, que ela abria seus livros primeiro se dedicando a explicar estes elementos e a problematizar a sua relação com o objeto pesquisado. O apreço de Martineau pela metodologia e a análise crítica pode ser fartamente observado na “Introdução” do livro *Sociedade na América*. A autora começa o livro falando sobre suas dúvidas e sobre suas incertezas acerca de como proceder. E talvez a dúvida que mais tenha lhe atormentado seja exatamente a da dificuldade absoluta de chegar a conclusões ou certezas sobre as observações feitas. Assim, ela trouxe uma questão epistemológica importante: qual a contribuição que viajantes observadores podem trazer para o conhecimento a respeito do que é ou como se constitui uma dada sociedade? Sabendo-se de todas as limitações existentes, ainda assim é possível falar algo a respeito da sociedade observada? Nas palavras dela:

“Sempre que eu encontrava meia dúzia de opiniões irreconciliáveis, mas opiniões respeitáveis sobre um único ponto de doutrina política; sempre que meia dúzia de versões aparentemente justas de um único fato me eram oferecidas; sempre que o brilho de prazer ao obter, por algum acidente trivial, um pedaço de importante conhecimento passado para uma pulsação de dor no pensamento de quanto deve permanecer escondido onde um casual vislumbre revelava tanto; sempre que sentia o quanto, com minha ninharia de conhecimento e em meio a meus vislumbres de convicção, estava à mercê de circunstâncias incontroláveis, flutuava agora aqui e agora lá, pelas correntes de opinião, como alguém pesquisando um continente de um balão, com apenas a luz das estrelas acima dele – eu estava tentada a declinar a tarefa de generalização em tudo do que vi e ouvi. Nos intervalos, porém, senti que isso seria errado. Os homens nunca chegarão a um conhecimento um do outro, se aqueles que têm a oportunidade de observação estrangeira se recusarem a relatar o que pensam que aprenderam; ou mesmo colocar

perante outros os materiais a partir dos quais eles próprios hesitam em construir uma teoria ou esboçar amplas conclusões.” (Martineau, 2022, p. 21)

A primeira questão, portanto, é a de que todo relato é válido, seja para informar sobre uma dada realidade ou seja para discutir a própria situação da coleta de dados e a condição do observador perante a realidade. A segunda questão, é que, por mais difícil que seja falar a respeito do que se observa ou a conclusões que se chega, é importante disponibilizá-las para que outras pessoas tenham acesso e dali produzam conhecimento, como preparação ou como interpretação desses dados. Por fim, não é preciso que existam certezas peremptórias para que se tenha conhecimento sendo produzido. Ela desassocia esses dois elementos, além de criticar de modo veemente a própria noção de autoridade de quem sabe algo sobre dado assunto ou realidade. Martineau também tinha clareza de que a observação não era um fim em si mesma e que a socialização das informações contribuía de modo significativo para que o conhecimento acerca das diversas sociedades existentes pudesse circular e se desenvolver.

Porém, observar não era algo casual, como ela tão bem explicou no *Como observar*. E, dentre outros requisitos necessários, o passo mais importante era definir o *método* que seria utilizado, antes mesmo de chegar ao território visitado. A autora já havia trabalhado com os princípios da Economia Política e estudado Filosofia, além de ter tomado aqueles como objeto de ilustração. Martineau também procedeu assim ao exemplificar a Lei dos Pobres e a Tributação pouco tempo antes. Parece claro que essa herança profissional condicionou o seu olhar sobre a sociedade que se descortinava para ela. Não bastasse isso, a autora também havia tido contato com livros de viajantes e possuía uma análise crítica com relação a eles.

Tendo essa experiência como bagagem associada aos livros que havia lido para embarcar para os Estados Unidos, ela delineou uma pesquisa muito bem definida acerca do *objeto*, do *recorte* e do *método* que utilizaria para desenvolver sua análise e dar o relato acerca da sociedade norte-americana. De um lado, Martineau identificou os “princípios” que supostamente regiam os Estados Unidos e, de outro, descreveu o “estado da sociedade” que encontrou ao percorrer esse território. Ao fazer isso, ela acreditava estar verificando se os norte-americanos faziam o que eles diziam fazer, indicando as razões para as suas conclusões e deixando as(os) leitoras(es) acompanhá-la ao longo desse percurso.

“Em busca por métodos pelos quais pudesse comunicar o que tenho observado em minhas viagens, sem oferecer qualquer pretensão de ensinar os ingleses ou julgar os americanos, dois expedientes me ocorreram; ambos os quais adotei. Um é comparar o estado da sociedade existente na América com os princípios sobre os quais professadamente está fundada; testando assim Instituições, Morais e Maneiras por um padrão incontestável, ao invés de um arbitrário, e assegurando-me o mesmo ponto de vista com meus leitores de ambas as nações.” (Martineau, 2022, p. 22)

A preocupação com a representatividade da amostra e do que conseguiu apurar da parcela a qual ela teve acesso também demonstram uma humildade científica e transparência inigualáveis. A autora se comprometeu em apresentar os dados, as fontes e a forma com a qual os acessou, deixando a critério de quem a lê avaliar se isso os torna passíveis de serem aproveitados ou não. Implica dizer que não forjou um aspecto natural e automático na observação, além de ter questionado seus processos e indicado a relação com os resultados auferidos. Em consequência, chamava o ouvinte à responsabilidade por acompanhar a aplicação do método e avaliar a sua capacidade de fornecer ou não respostas para os questionamentos apresentados. Some-se a isso, o fato de que apontava a necessidade de indicação de “erros de fato” se estes tiverem ocorrido, mas “em assuntos de opinião” a autora se colocava como tendo tanto direito de interpretação como os demais (Martineau, 2022).

Embora tenha buscado estabelecer uma amostra representativa para o objeto que estava pesquisando, Martineau julgava que isso não seria possível, por diversos motivos, inclusive, pela dificuldade de acesso a todas as comunidades ou aos tipos de indivíduos integrantes delas.

“Ao trabalhar de acordo com esse método, meus principais perigos são dois. Eu estou em perigo de não aprender totalmente os princípios sobre os quais a sociedade nos Estados Unidos foi fundada; e de errar na aplicação para estes dos fatos que vieram ao meu conhecimento. Quanto à última consideração, estou totalmente sem esperança de minha própria precisão. **É improvável, no mais elevado grau, que minha escassa obtenção de conhecimentos no amplo campo da sociedade americana deva apresentar uma amostra precisamente justa do todo.** Eu posso apenas explicar que eu não poupei esforços para descobrir a verdade, em ambas as divisões de minha tarefa; e convido à correção, em todos os erros de fato. Isso eu sinceramente faço; assegurando-me, é claro, um juízo igual aos outros em assuntos de opinião.” (Martineau, 2022, p. 22) (*grifos meus*)

Ainda sobre o método, Martineau deixou claro que a proposta que estava apresentando decorria de um “composto de filosofia e fato” (Martineau, 2022, p. 23), não de julgamentos contra os norte-americanos. Afinal, uma coisa era como a sociedade foi fundada e como se apresentava, e outra bem diferente como ela se encontrava no momento da observação.

“Ao final de um longo trabalho que completei em 1834, pensei desejável que devesse viajar por dois anos. Eu me determinei ir para os Estados Unidos, principalmente porque sentia uma forte curiosidade a testemunhar o real trabalho das instituições republicanas; e parcialmente porque a circunstância da linguagem sendo a mesma que a minha é muito importante para alguém que, como eu mesma, é muito surda para aproveitar qualquer coisa como uma oportunidade média de obter conhecimento correto, onde a relação é carregada em uma linguagem estrangeira. Eu fui com uma mente, acredito, **quase tanto quanto possível sem preconceito** sobre a América, com uma forte disposição para admirar as instituições democráticas, mas uma inteira ignorância de quão longe o povo dos Estados Unidos vivia à altura, ou sentia-se abaixo, de sua própria teoria. Eu tinha lido tudo o que pudesse segurar daquilo que tinha sido escrito sobre eles; mas fui incapaz de satisfazer a mim mesma de que, depois de tudo, eu entendesse qualquer coisa seja o que fosse de sua condição. Quanto ao conhecimento deles, minha mente estava quase um espaço em branco: quanto à opinião de seu estado, eu não carregava o germe de uma.” (Martineau, 2022, p. 23) (*grifos meus*)

Por fim, a autora entendia que não apenas a amostra era um dado relevante e necessário de ser problematizado, como também as formas de contato com os informantes e os meios utilizados para tanto. Em consequência, Martineau juntou a sua introdução ao *Sociedade na América* uma descrição detalhada das datas, lugares e meios usados para percorrer o território norte-americano, além de informações sobre pessoas públicas que encontrou, conviveu ou entrevistou.

“No correr desta viagem, visitei quase todos os tipos de instituições. As prisões de Auburn, Philadelphia e Nashville: o hospital dos insanos e outros hospitais de quase todos os lugares consideráveis: as instituições literárias e científicas; as fábricas do norte; as plantações do sul; e fazendas do oeste. Vivi em casas que seriam chamadas palácios, em casas de madeira e em casas de fazenda. Viajei muito em carroções, assim como em carruagens; também a cavalo e em alguns dos melhores e piores barcos a vapor. Vi casamentos e batizados; os encontros dos ricos em bebedouros e dos mais humildes nos festivais rurais. Estive presente em orações, na venda de terras e no mercado de escravos. Estive em atendimento frequente na Suprema Corte e no Senado; e testemunhei alguns dos procedimentos das legislaturas estaduais. Acima de tudo, estive no seio de muitas famílias, não como uma estrangeira, mas como uma filha ou irmã. Estou qualificada, se qualquer um está, para testificar as virtudes e a paz dos lares nos Estados Unidos; e não se deixe ser

cogitado como uma violação de confidência, se, ocasionalmente, me ouvirem falar desses fora da plenitude do meu coração.” (Martineau, 2022, p. 26)

Após detalhar seus meios de informação e como os manuseou para obter a maior quantidade possível de dados, Martineau passou a discutir questões que lhe foram apontadas como problemáticas durante ou para a realização da *pesquisa de campo*. Por serem elementos de extrema relevância para o fazer pesquisa, darei destaque a cada um deles. O primeiro deles diz respeito ao gênero e a autora foi questionada se pelo fato de ser mulher isso atrapalharia a sua pesquisa, para o que respondeu que essa condição não só não atrapalhou a sua observação como também permitiu que ela circulasse por ambientes não frequentados por homens e que são essenciais para se compreender as morais vigentes em uma sociedade. O segundo estava associado ao fato de que não era segredo para a população por onde Martineau passava o que ela estava fazendo e nem quem a autora era. Entretanto, Martineau entendia que a transparência com o entrevistado permitia que o próprio se antecipasse a fornecer fatos e a demonstrar sua interpretação a respeito, mantendo “íntima confiança” e uma condição ética na conduta da pesquisa e de seus relatos. Essa é uma questão que nos colocamos ainda hoje nos Comitês de Ética de Pesquisa (CEPs), que avaliam e registram as pesquisas com seres humanos, após um longo debate acerca do comportamento de pesquisadoras(es) na relação com suas(eus) informantes. Portanto, o modelo institucional adotado em face de tais situações e do questionamento acerca de dados coletados a partir de condutas não éticas, que contaminavam os resultados auferidos.

“Tem me sido frequentemente mencionado que o fato de ser uma mulher era uma desvantagem; e ser previamente anunciada, outra. Nisso eu não concordo.

Estou certa de que vi muito mais da vida doméstica do que poderia possivelmente ter sido exibido para qualquer cavalheiro viajando através do país. O berçário, o vestiário das senhoras, a cozinha, são todas excelentes escolas nas quais aprendemos as morais e os costumes de um povo: e, quanto aos assuntos públicos e profissionais (nesses, pode-se sempre ganhar uma informação completa sobre tais assuntos, os que realmente sentem um interesse neles, podem sempre ganhar completa informação sobre tais padrões) sejam homens ou mulheres. Nenhum povo no mundo pode ser mais franco, confidente e afetuoso, ou mais hábil e liberal em comunicar a informação, do que sempre encontrei os americanos a serem. Eu nunca perguntei em vão; e raramente tive que perguntar em absoluto; tão cuidadosamente foram minhas interrogações antecipadas e meus objetivos tão completamente compreendidos. Duvido se um simples fato que desejei

aprender ou qualquer doutrina que desejei compreender foram alguma vez guardados de mim por ser uma mulher.” (Martineau, 2022, p. 27)

A condição de desvantagem que Martineau reconheceu existir diz respeito a uma limitação apenas e que, quanto a ela, nada poderia fazer a não ser se munir dos melhores instrumentos disponíveis para permitir uma melhor compreensão da conversação em sociedade. De novo, a perspectiva ética também com a(o) leitora(r) dá o tom da discussão e demonstra como a autora se preocupava com a validação de seus relatos ou a importância da interpretação que ela produziu. Nesse caso, Martineau está se referindo a sua limitação enquanto uma pessoa parcialmente surda e o trecho transcrito a seguir é perfeitamente ilustrativo desse dilema.

“Trabalhei sob apenas uma peculiar desvantagem, que eu tenha consciência; mas que é incalculável. Quero dizer, minha surdez. Isto não põe em perigo a acurácia de minha informação, acredito, tão longe quanto for; porque carrego uma trombeta de notável fidelidade; um instrumento que, além disso, parece exercer algum poder vencedor, pelo qual ganho mais nos tête-à-têtes do que é dado a pessoas que escutam a conversação geral. Provavelmente, seu charme consiste no novo sentimento que transmite de conversar fácil e privado com uma pessoa surda. Entretanto, isto pode ser, eu dificilmente posso imaginar, que revelações mais completas possam ser feitas em relações domésticas do que minha trombeta me trouxe. Mas estou ciente de que não existe como estimar a perda, em um país estrangeiro, do não ouvir a conversação casual de todo tipo de pessoas, nas ruas, estações, hotéis etc. Estou consciente de que as inspirações que, assim, são reunidas pelo próprio viajante são, frequentemente, muito mais valiosas do que os mais elaborados relatos de coisas oferecidas a ele com um desenho expresso. Essa foi minha peculiar desvantagem. Não poderia ser ajudada; e não poderia ser explicada. Menciono isso porque o valor de meu testemunho pode ser rebaixado de acordo com o suposto valor dessa circunstância.” (Martineau, 2022, p. 28)

Se a preocupação ética apareceu em diversos momentos na coleta de dados e na explicação do método na relação com o público leitor, não poderia ser diferente com relação ao momento da escrita e da publicização dos dados. A garantia da não identificação das falas, com exceção das que são públicas por natureza, e da manutenção da confiança mútua entre pesquisador-pesquisado, de um lado. O estabelecimento de uma nova relação que é distinta daquela estabelecida no momento da estadia em campo, no qual precisou contar com a hospedagem e chegou a construir vínculos de amizade, mas que a análise dos fatos suspenderia esses vínculos sem levar em conta as pessoas envolvidas e sim os dados em pauta, de outro.

Sem dúvida, a contribuição de maior visibilidade de Martineau hoje é a sua perspectiva metodológica, mas sua obra não se resume a esta (Alcântara, 2021; 2022). Não é de pouco valor o fato de que em 1838 ela publicou um “manual” de metodologia com várias considerações ainda hoje atuais e relevantes (Alatas e Sinha, 2023; Castro, 2022; Daflon e Sorj, 2021; Silveirinha e Ferreira, 2019).

A esse respeito, dividirei essa abordagem a partir de agora em dois momentos: uma sobre a forma da observação e outra sobre o objeto a ser observado. Em razão de pesquisas que desenvolvi a respeito da obra de Martineau, cunhei o conceito de *tipologia empático relativista*, que considero ser o método desenvolvido por ela, de acordo com o qual a autora se utilizaria de uma tipificação para “classificar” os fatos sociais observados e o modo como abordava os temas selecionados como centrais (Alcântara, 2021). É desnecessário dizer, que o nome escolhido não é aleatório. *Tipologia* porque ela entendia que cada fenômeno social encarna ou escancara tipos claros e específicos, que devem ser identificados e classificados pelos observadores. Esses tipos compreendem as características que se encontram diretamente relacionadas a padrões comportamentais conformados em morais e costumes. Em toda a sua obra conseguimos observar claramente como esta tipologia pode ser observada em vários momentos, sob aspectos diversos, sendo alguns exemplos: tipos de crimes; tipos de classes; tipos de casamentos; tipos de crianças; entre outros. Além da perspectiva tipológica, como o próprio nome diz, Martineau defendeu uma abordagem *empática*, que consiste em buscar compreender uma dada realidade sem adjectivá-la ou proferir julgamento de valor, colocando-se em posição de empatia para com o outro, que é diverso, e buscando compreendê-lo a partir de seus próprios parâmetros. Por fim, a perspectiva *relativista* assentada na noção de que tudo é contingencial, rompendo com a noção de um parâmetro universal a ser perseguido. E o que isso significa? Que na primeira metade do século XIX uma mulher falou sobre *relativismo*, *relacionismo* e significado do comportamento social muito antes dos consagrados e festejados Weber e Simmel quando nos referimos ao tema (Alcântara, 2021).

Quadro 19 – Tipologia empático relativista

Conceito	Motivação
Tipologia	Refere-se às instituições e povos com seus “padrões” de comportamento. Sempre elenca tipos.

Empático	Não condena nenhum tipo de costumes. Busca demonstrar seu fundamento e porque se diferenciam de uma sociedade para outra. Não faz juízo de valor.
Relativista e relacionista	Demonstra a conexão entre culturas, como os padrões dos costumes são relativos e estão relacionados a outros fenômenos sociais.

Fonte: Elaborado pela autora

Se algum equívoco pode ocorrer numa leitura precipitada é quando Martineau se refere às instituições e comportamentos sociais como *coisas*, no sentido de objetificação. Tal referência se encontra presente quando a autora afirmava ser mais importante observar as *coisas* do que os *discursos* sobre elas, questão que será abordada adiante. Martineau definiu *discurso* como “[...] o comentário instrutivo sobre todos os fatos da vida” (Martineau, 2021, p. 63), mas ressaltava que este deveria apenas ilustrar os fatos coletados com a observação das *coisas*. Estabeleceu, assim, uma relação próxima entre estes dois elementos, sem hierarquizá-los, mas mostrando a prevalência das *coisas* devido às suas características estruturais. Ao mesmo tempo, a autora não descartou por completo o uso dos *discursos*, ainda que reconhecesse as suas limitações (Martineau, 2021).

Em outras palavras, as *coisas* são as instituições, que precisam ser observadas para se compreender a sociedade e suas relações constitutivas. Ao se dirigir às instituições para observá-las, o pesquisador deveria estabelecer critérios e parâmetros objetivos, os quais poderiam ser verificados por outros. Este é um elemento definidor do que é a ciência e a objetividade, pelos quais Martineau demonstrava extremo apreço e expunha isso sempre que possível (Martineau, 2021). Talvez a sua versão mais clara seja o diálogo que ela estabeleceu com suas(seus) leitoras(es) no *Sociedade na América*. Nele, expôs suas escolhas, métodos e se colocou como avaliável nestes, não como imparcial, já que a autora não se preocupou em ser imparcial ou neutra, mas sim objetiva (Martineau, 2022). A ilusão da imparcialidade ou da neutralidade colonizou não apenas as Ciências Sociais e marcou de modo indelével o final do século XIX e XX.

Além disso, Martineau alegava que a observação não poderia estar solta, devendo estar atrelada à verificação da teoria e de princípios, testando a pertinência da teoria ou o cumprimento dos princípios.

Ao longo de suas obras, Martineau listou vários princípios citados ou observados e que são importantes para considerarmos qual horizonte ela dispunha ao observar a realidade e o comportamento dos indivíduos. Cito a seguir alguns dos quais ela expressamente indicou nos textos aqui estudados. Não se trata de uma lista exaustiva, mas exemplificativa da perspectiva metodológica e teórica desenvolvida e aplicada pela autora em seus muitos trabalhos.

Quadro 20 – Princípios citados por Harriet Martineau

princípios de direitos de estado
princípios democráticos
princípio republicano
princípio da igualdade social e política
princípio da não resistência
princípio da retificação
princípios de filosofia política
princípios de governo
princípio da verdade republicana
princípio do governo geral
princípios monárquicos
princípio do livre comércio
princípio da nulificação
princípio do comércio justo
princípio cooperativo
princípio da propriedade comum
princípio do sistema protetivo

Fonte: Elaborado pela autora

O que nós hoje chamamos em tese de teoria atrelada a um dado conceito, Martineau nomeava como *princípio*. Portanto, uma forma de teorização considerando uma referência que agrega elementos teóricos sistematizados e caracterizadores de uma dada situação esperada, envolvendo instituições e comportamento social em torno de uma noção reconhecida pelos pares. Obviamente, esses modelos ou formas de teorização e mesmo de pesquisa foram se alterando com o passar do tempo. Por exemplo, ao falar sobre como se deve observar a realidade social, ela destacou *princípios metodológicos* dos quais derivavam ações correspondentes e coerentes (Sinha, 2023, p. 82), como o *princípio da objetividade*.

Num texto da maturidade, Martineau retomou a importância dos princípios e dos métodos tanto para a constituição e configuração de uma disciplina, como para o seu funcionamento. Ao mesmo tempo, faz referência ao fato de que é necessário definir

o tema, em que termos e de que forma. Claramente, o que ela fez em *Como observar*. Só assim é possível racionalmente e por dados contestar os pressupostos e postulados apresentados.

“This is the way to begin; and form that basis the first step in what is at once a science and an art. The essential is the same with the inductive as the deductive sciences, though the method is different. All who have treated on such subjects have not been so painstaking as the methodological philosopher to set forth their definitions, postulates, and axioms; but the scientific value of their method depends entirely upon the accuracy with which they have fixed their starting points, in the rationale or philosophical part of their subject, by the proper limitation of their assumptions. Before they attempt to construct a science, the search into facts, collect positive knowledge, and from the relation of fact to fact they deduce the law which the human intellect is permitted to recognize as vitally governing the subject-matter of the science. In what part of the proceedings at Liverpool, in what part of any proceedings carried on by the senators taking part in those deliberations, have we had the slightest attempt towards this first step in the construction of a ‘science’?” (Martineau, 1858, p. 16)

Vale destacar que 20 anos depois de *Como observar* ela ainda se referia ao “filósofo” para nomear o pesquisador e o observador, mas fazia uma ressalva para o filósofo metodólogo, considerando que este seria um campo a parte. E uma regra fundamental é exatamente a verificação por pares, o que demanda transparência e clareza das proposições para que o “interrogatório” aconteça.

“The essentials of science and the essentials of human feeling, are substantially the same. The science does but enlarge our sense of the truth which is in us and around us, while widening the scope of our conscious action and rendering it more accurate. If we had made more progress in the middle of this wise century, mankind might have got a little too far to witness a coup d’état at midnight, managed by a clique of adventurers, for the professed purpose of teaching a great nation how to live. A humble American horse-dealer, who has looked into the question of government a little more scientifically, by a process of patient induction, has deduced the rule that if you desire to govern living creatures you must do so through their own motives, and to that end must ascertain what their motives are. Captain Walter Crofton and other students of reformatory discipline have, by an equally scientific series of observations, arrived at precisely the same conclusion with regard to ‘humans’.” (Martineau, 1858, p. 16)

Neste sentido, ela citou J. S. Mill e seu livro *Lógica* como um bom exemplo de um esforço para estruturar corretamente a nova ciência. E citou os termos “Sociologia” e “Ciência Social”.

“These are so far contributions towards the fact which are the raw material of social science. One of the greatest philosophers of our own day, who has laboured more in the closet than in Congresses, has, some years back, come to the conviction that the reason why the facts relating to society have not yet been coordinated into a science is, that they are so numerous and their relations so complicated — difficulties, he believes—, which patient observation and reflection can overcome. Hence John Stuart Mill, in his last work on Logic, —which sold off “like a novel”, so greedy is society of being educated in these things, —has promised us a new work on “Sociology”; the first attempt towards placing “social science” upon something like a scientific basis. We do not disparage the attempt by any presumption that it must at once jump to completeness. No science is complete. The very latest investigations into the most material sciences, astronomy, geology, physiology, prove to us that we are but scratching on the surface, but picking up stones on the borders of a dark, boundless ocean, but asking questions of the beings around us.” (Martineau, 1858, p. 16)

Dito isso, passarei agora a uma breve exposição sobre a sua formação e legado.

Capítulo VI

Formação e legado

Uma questão que é colocada com frequência é se Martineau mantinha ou não preocupação com a academia e a ciência institucionalizada como lugares dos quais ela não participava. Todavia, creio que a pergunta está equivocada, já que, embora a autora não tivesse frequentado nenhuma faculdade, ela participava do circuito intelectual sendo amplamente reconhecida, requerida e citada. Como busquei demonstrar no Capítulo III, o que se deve questionar é como ela era citada, em que termos e quais características eram ressaltadas com frequência. Um bom exemplo é o texto *What is 'Social Science'?*, de 1858, no qual ela discutiu a mobilização associativa e de políticos e intelectuais para pensar a fundação da Ciência Social.

Além disso, ter um curso superior, neste período em que as faculdades ainda eram restritas a homens brancos e cujos estudos domésticos (por razões diversas) eram extremamente comuns, não classificava alguém como escritor(a) ou cientista apenas por ter alcançado níveis acadêmicos. Vários casos emblemáticos de estudo doméstico poderiam ser citados como exemplificativos também de uma rotina de homens, embora eles tivessem a opção de continuar os estudos até o nível universitário.

Aos 07 anos Martineau leu John Milton em *Paradise Lost*, um poema do século XVII que a marcou profundamente. No mesmo período, a religião era o seu refúgio, mas contribuiu para o desenvolvimento da sua escrita, interpretação e memorização.

“At Newcastle, we usually went to tea at his house on Sunday evenings; and it was then that we began the excellent practice of writing recollections of one of the sermons of the day. When the minister preaches what children can understand, this practice is of the highest use in fixing their attention, and in disclosing to their parents the character and imperfections of their ideas on the most important class of subjects. On occasion of our first attempt, – Rachel's and mine, – I felt very triumphant beforehand. I remembered the text; and it seemed to me that my head was full of thoughts from the sermon.” (Martineau, 1877a, p. 25)

Com 09 anos ela já tinha aprendido francês e aos 11 anos, seu irmão mais velho foi seu professor de gramática de Latim. Ao se tornar jovem, aprendeu italiano e depois alemão. Com base nessa experiência é que mais tarde a autora defendeu com veemência a oportunidade da educação doméstica.

Martineau teve professores entre livros e vivos, destacando os clássicos ingleses de onde ela teria herdado um estilo literário, como Shakespeare, Goldsmith, Thompson e Milton (Miller, 1887). Durante a escola do Sr. Perry leu dos clássicos, Cícero, Virgílio, Horácio, Tacitus, Eneida, os sonetos de Petrarca e a Retórica de Blair. A autora também foi influenciada por Carpenter, que “era profundamente supersticioso e religioso”, o que a teria deixado mais “fanática” (Martineau, 1877a, p. 73) e a influenciado a estudar filosofia mental e moral (Locke, Hartley, Priestley e os metafísicos da escola francesa) (Miller, 1887; Martineau, 1877a, p. 80). Todavia, essa informação diz pouco sobre quando e onde o contato inicial com tais obras e autores ocorreu. Por outro lado, a formação de Martineau mostra de modo evidente o quanto o ensino e o conhecimento produzem janelas de oportunidades e acessos para outras experiências, reflexões e perspectivas.

“There is nothing in the outward circumstances of her youth to distinguish it from that of the substantial but simple comfort of any middle class family of that period, save that her education was above the average. The independence of judgment in religious matters that had made their ancestor a Huguenot, made the latter Martineaus Unitarians; and it was to this fact that the excellence of the education of the family was in part due. For the Rev. Isaac Perry, the head of a large and flourishing boys' school in Norwich, became converted to the principles of Unitarianism, with the consequence of losing nearly all his pupils. The Unitarian community felt it their duty to rally round him, and support him to the utmost of their power. Hence those who, like the Martineaus, had children to educate sent them, girls as well as boys, to him. Harriet therefore had the inestimable advantage of beginning her career with a mind well equipped with stores of knowledge that were at that time usually considered quite outside the range of what was necessary for a woman.” (Fawcett, 1889, p. 58)

Sempre tive notícias da informação segundo a qual Martineau havia tido uma “educação de menino” e que isso não era comum à época (Miller, 1887). A própria autora comentou em alguns momentos de sua autobiografia, que seus pais deram a mesma educação para filhas e filhos. Isso pode ser discutido a partir do seguinte recorte: estaria ela se referindo a mesma educação doméstica? Esse é um questionamento

devido, já que não era possível às filhas seguirem adiante com a instrução formal, para além de uns poucos meses de oportunidade. Tanto é assim que existiam mais escolas para meninos e estes seguiam para as faculdades sempre que quisessem uma formação especializada avançada ou fossem se preparar para exercer os cargos dedicados à aristocracia (a política ou a magistratura). Por diversas vezes, Martineau denunciou a incompetência ou incapacidade dos meninos que nasceram com o destino traçado e não precisaram fazer qualquer esforço. Estes eram os cavalheiros aos quais ela ironicamente se referia. Uma constatação disso é que o irmão caçula de Martineau teve a oportunidade de se tornar “Dr.” para assumir o posto de Reverendo e professor, enquanto ela permaneceu no ambiente doméstico cavando as oportunidades que estavam ao seu alcance e insistentemente ouvindo que as habilidades das mulheres estavam ligadas à costura e outras atividades de cuidado.

Em consequência, essa educação “de menino” tem parênteses que abrirei agora. Ela começou a estudar em casa, com a ajuda dos irmãos mais velhos e da irmã, entre 09 e 11 anos. A seguir, foi enviada para a escola do Sr. Perry, com sua irmã Rachel, onde ficou por 02 anos (1813-1814), até a escola ser fechada.

“For nearly two years after our return from that country visit, Rachel and I were taught at home. Our eldest brother taught us Latin, and the next brother, Henry, writing and arithmetic: and our sister, French, reading and exercises. We did not get on well, except with the Latin. Our sister expected too much from us, both morally and intellectually; and she had not been herself carried on so far as to have much resource as a teacher. We owed to her however a thorough grounding in our French grammar (especially the verbs) which was of excellent service to us afterwards at school, as was a similar grounding in the Latin grammar, obtained from our brother. As for Henry, he made our lessons in arithmetic, &c. his funny time of day; and sorely did his practical jokes and ludicrous severity afflict us. He meant no harm; but he was too young to play schoolmaster; and we improved less than we should have done under less head-ache and heart-ache from his droll system of torture. I should say, on their behalf, that I, for one, must have seemed a most unpromising pupil, – my wits were so completely scattered by fear and shyness. I could never give a definition, for want of presence of mind. I lost my place in class for every thing but lessons that could be prepared beforehand. I was always saying what I did not mean. The worst waste of time, energy, money and expectation was about my music.” (Martineau, 1877a, p. 40 a 41)

Neste momento, Martineau refletiu sobre a contribuição de cada um dos três irmãos para a sua formação, as condições e as habilidades que cada um possuía na posição de professor e a dela enquanto aluna. O que é bastante interessante de ser

averiguado, já que comprova não ser apenas um amontoado de fatos relatados, mas uma reflexão rica sobre o processo de desenvolvimento, a aquisição de conhecimento, as formas e os conteúdos possíveis de serem acessados em um dado período da história.

A autora também recebeu formação em música, que ela considerou a maior perda de tempo e de dinheiro, embora alegasse gostar muito e ser algo que agradava em demasia a sua mãe. Segundo Martineau, seu desempenho privado era bom, mas não conseguia o mesmo resultado quando acompanhada. Além disso, a surdez impediu qualquer prosseguimento de investimento nisso (Martineau, 1877a, p. 41). A autora culpava a sua timidez por esse mal desempenho, que lhe causava ansiedade e comentários críticos de seu professor Beckwith. Os efeitos só teriam cessado com a morte dele e ela não se preocupou em esconder que “it was with a dreadful joy” e “my spirits were dancing in secret rapture” (Martineau, 1877a, p. 42). Esse tipo de passagem em que Martineau reconhece publicamente seus sentimentos mais íntimos, sabendo que seriam socialmente condenados é comum em sua obra, o que afasta uma certa romantização e fantasia sobre si mesma frente aos padrões sociais da época ou mesmo o que podemos considerar expectativas gerais.

A autora alegou que chegou a se cansar das atividades de ensino em casa, talvez porque fossem limitadas e pouco estimulantes, as quais tiveram fim quando: “This difficulty soon came to an end; for in 1813 Rachel and I went to a good day-school for two years, where our time was thoroughly well spent; and there we enjoyed the acquisition of knowledge so much as not to care for the requisite toil.” (Martineau, 1877a, p. 43). E, ainda: “I WAS eleven when that delectable schooling began which I always recur to with clear satisfaction and pleasure.” (Martineau, 1877a, p. 47). Nota-se que ela ficou bastante empolgada com isso, tendo descrito seu professor como um ministro dissidente ortodoxo, que havia se convertido ao unitarismo, mas perdido a sua “escola para meninos”. Na nova escola, o professor passou a lecionar para meninos e meninas. Foi onde Martineau aprimorou o latim, o francês, a poesia inglesa e os clássicos da literatura mundial.

“We were horribly nervous, the first day we went to school. It was a very large vaulted room, whitewashed, and with a platform for the master and his desk; and below, rows of desks and benches, of wood painted red, and carved all over with idle boys' devices. Some good many boys remained for a time; but the girls had the front row of desks, and could see nothing of the boys but by

looking behind them. The thorough way in which the boys did their lessons, however, spread its influence over us, and we worked as heartily as if we had worked together. I remember being somewhat oppressed by the length of the first morning, – from nine till twelve, – and dreading a similar strain in the afternoon, and twice every day: but in a very few days, I got into all the pleasure of it, and a new state of happiness had fairly set in. I have never since felt more deeply and thoroughly the sense of progression than I now began to do. As far as I remember, we never failed in our lessons, more or less. Our making even a mistake was very rare: and yet we got on fast. This shows how good the teaching must have been.” (Martineau, 1877a, p. 47)

Embora ela considerasse importante o ensino que havia recebido em casa e a organização de todos os membros da família, com atribuições específicas, para prover o aprendizado básico, é visível a diferenciação que fez entre o ensino doméstico e o ambiente especializado, com tempo reservado e constante, além de uma rotina que lhe impunha desafios e estímulos maiores. Assim, a noção de “escola doméstica de instrução mútua”, que a autora trabalhou com a publicação *Household Education*, de 1849, pode ser contraposta aos relatos e percepções que ela desenvolveu pouco tempo depois ao escrever a Autobiografia. A passagem a seguir é um bom exemplo a respeito:

“Hasta los 15 años todas las criaturas de su familia recibieron la misma educación en casa, tomando diariamente clases particulares sobre distintas materias con profesorado diverso, además de colaborar los y las mayores en tareas de enseñanza para con sus hermanos y hermanas menores. En el hogar familiar Harriet Martineau aprendió a amar la escritura clásica y también a dominar distintas lenguas: francés, italiano, latín y griego clásico, además del inglés como su lengua nativa. En la adolescencia, ella y su hermano James mostraron interés en seguir estudiando y hacerlo fuera del hogar. James pudo estudiar Teología en la universidad, Harriet fue enviada interna a una academia durante año y medio. No recibió apoyo por parte de sus dos progenitores —fue determinante la oposición de su madre— para luchar por su interés en estudiar en la universidad (Diane Postlethwaite 1989: 598). Este obstáculo en sus anhelos de recibir educación formal no la desanimó y, tras salir de la academia, continuó formándose de forma autodidacta durante toda su vida. Siempre fue una lectora voraz y, por su alta capacidad de aprendizaje, hoy podemos afirmar que fue una persona intelectualmente superdotada.” (Navarro-Fossar, 2021, p. 295)

Em consequência, ao mesmo tempo em que falamos de um século no qual uma arena literária vai se consolidando e a quantidade de publicações ou de valorização do trabalho intelectual no debate público vai se intensificando com um grande aumento do número de leitoras(es), também é o mesmo século no qual a Inglaterra mantinha um sistema de ensino quase majoritariamente privado e vinculado às denominações religiosas, com poucos anos de estudo e sem igualdade de acesso quanto a classe,

gênero e raça (Navarro-Fossar, 2021). Essa questão sobre a ampliação do ensino público, dos gastos governamentais no setor e sobre o acesso a tais instituições esteve presente não apenas na obra de Harriet Martineau, como também a autora é um bom exemplo de como o sistema funcionava e qual era o seu alcance na realidade social cotidiana. Não por acaso umas das fortes bandeiras empunhadas por ela era a de que a educação tinha que ser ampla quanto ao conteúdo (sobre tudo) e quanto ao alcance (para todos, independentemente de classe, gênero ou raça).

Sobre a participação de Martineau nesse debate, não podemos nos ater, obviamente, apenas à obra citada anteriormente. Contudo, ela é uma grande referência para considerarmos como a autora contribui para essa discussão e em que medida isso reflete a sua própria experiência como aluna na infância, na adolescência e na juventude, ou como autodidata que foi ao longo de toda a sua vida. A passagem a seguir nos ajuda a compreender melhor esse contexto.

“Es en este contexto de cambios sociales donde Harriet Martineau decide participar en el debate público sobre educación, y para ello aporta el extenso y sólido trabajo que es *Household Education* (1849). A través de esta obra, la autora proporciona una descripción etnográfica de la situación educativa de la sociedad de su tiempo, en la que incluye descripciones y análisis del sistema educativo inglés, contrastándolo con aquellos que conoció en sus distintos viajes. Con *Household Education* pretende ilustrar y animar el pensamiento crítico sobre el debate educativo que existía en su país. Como dice Laura J. Labovitz (2011: 16), «ella fue una típica mujer victoriana tratando de impactar e influir en la sociedad a través del único modo que conocía: su pluma» (trad. a.). La respuesta social a esta obra fue, en general, buena: desde el reconocimiento al talento y el esfuerzo pedagógico (*The American Review* 1849: 604-18) hasta la sorpresa grata de reconocerse en los recuerdos infantiles y las reflexiones plasmadas —algo que le comentó en persona Charlotte Brontë en diciembre de 1849 (*Harriet Martineau* 1877 II: 22)—, pasando por ser considerada como «el oráculo de tantos hogares» por su amiga y biógrafa Maria Weston Chapman (*Harriet Martineau* 1877 II: 471).” (Navarro-Fossar, 2021, p. 301)

Nestes mesmos termos, Martineau afirmava que livros sozinhos não eram suficientes para a aprendizagem, que consiste no desenvolvimento de três faculdades intelectuais (conceptivas, de raciocínio e imaginativas). Ou seja, mesmo ela, que era autodidata, chamava a atenção para a importância de tutores na promoção da educação.

“Por ser mujer, a Harriet Martineau se la privó del acceso a la universidad que tanto anhelaba. Esto provocó en ella dos efectos: una necesidad constante de autoformarse para defender con solvencia sus argumentos en el espacio público y un gran interés por todas las cuestiones relacionadas con la educación. Como Mary Astell (1697), Josefa Amar y Borbón (1790), Catharine Macaulay (1790), o Maria Edgeworth (1795) antes que ella, Harriet Martineau fue una firme defensora de la educación formal básica, igualitaria y universal, sin distinción de clases sociales, sexo u origen étnico. Ejemplos de este posicionamiento los encontramos en las páginas 20, 32, 53, 122, y 247 de *Household Education*. Su análisis socioeducativo —donde mujeres, hombres, niñas y niños son objetos y sujetos de conocimiento en igualdad de condiciones— permite afirmar que Harriet Martineau rompe en esta obra con la clásica «ontología masculina de lo social» (Anne Witz et al. 2004: 33), tan central en sus homólogos. La autora arma todo su argumentario educativo sobre la corriente teórica de la Ley Natural (pp. 58, 313), fusionada con el racionalismo disidente (*Rational Dissent*) que caracterizó toda su trayectoria vital (Felicity James 2010: 80 y ss.). La Naturaleza —que en ella era una amalgama de razón, filosofía, ciencia y fe en la bondad humana innata— está presente en todo el texto como la base sólida incontestable sobre la cual construye su discurso. Para Harriet Martineau todos los individuos tienen la obligación moral de conocer las Leyes de la Naturaleza, porque el universo está regido por ellas (p. 58, 60, 312). Y este conocimiento solo se puede adquirir mediante la educación formal.” (Navarro-Fossar, 2021, p. 306)

Ela acreditava que indivíduos, famílias e Estado precisavam investir, se organizar e se mobilizar para promover o desenvolvimento das habilidades individuais, que promovem o desenvolvimento das sociedades.

Por outro lado, a autora acreditava na existência de *leis naturais*, que precisavam ser descobertas para que os indivíduos avançassem nesse processo de cultura. A educação formal seria a responsável por explicar aos indivíduos as leis da natureza. Essa publicação é três anos anterior às *Letters* que ela escreveu com Atkinson (1851) e do contato dela com a obra de Comte (1851).

“La visión de gran alcance que quiso trasladar Harriet Martineau con *Household Education* fue la de crear una práctica educativa universalizada de seres humanos tratados como iguales, de base laica, sostenida en la ayuda mutua y el intercambio de experiencias, todo ello configurado en una atmósfera necesariamente empática y envuelta en cálidos afectos. Puesto que su centro de interés educativo fue la familia extensa, esta visión suponía un paso gigantesco para democratizar esa patriarcal institución humana, al tiempo que permitía vislumbrar la factibilidad de hacer lo mismo con la propia sociedad inglesa, en claro contraste con el sistema político británico del momento, que era imperfectamente representativo y nada democrático (Carlos Dardé 1991: 63 y ss.). Su plan nacional educativo se fundamenta en la escuela doméstica de instrucción mutua (p. 3), ante la contundente realidad material que existía entonces en su país: una notable ausencia de escuelas suficientes para toda la población y unas altísimas tasas de analfabetismo. Ella diseña los contenidos y la metodología de aprendizaje para esta escuela primaria y los alberga en el plan familiar educativo individualizado (pp. 2-3).

Convierte a todos los padres y todas las madres del país en corresponsables de llevar a buen puerto su proyecto de alfabetización masiva. El material mínimo indispensable que ella sugiere es una pizarra y tiza para cada persona, la Biblia y la poesía de John Milton (pp. 255-6), además de Household Education como manual de instrucciones. Harriet Martineau hace una apuesta decidida por una pedagogía crítica, donde tanto contenidos como métodos enseñan conocimientos, y se aleja decididamente de la clásica educación bancaria que tan bien describió el filósofo brasileño Paulo Freire siglo y medio después (1970/2005: 75). No tener presentes suficientemente voces como la suya en los orígenes de la Sociología, tal vez ha dejado expedito el camino para configurar el sistema educativo actual en el mundo occidental, fuertemente basado en valores como el individualismo y la competencia, que expulsa del currículo contenidos que no puedan ser fácilmente instrumentalizados (Filosofía, Sociología, Arte, etc.) (Bruno Antonio Picoli et al. 2021: 206). Junto con todas estas fortalezas, también es evidente que el plan de Harriet Martineau tiene un serio hándicap: ¿cómo se aprende a leer y escribir si todas las personas que integran el grupo doméstico son analfabetas? Esta es una pregunta que la autora evade responder y aquí podemos encontrar la mayor flaqueza de su propuesta.” (Navarro-Fossar, 2021, p. 306)

A autora considerava que o seu professor era muito metódico, tendo lhe influenciado diretamente na preparação e no exercício profissionais. Ela se encontrou com ele já adulta e escritora:

“Composition was my favourite exercise; and I got credit by my themes, I believe. Mr. Perry told me so, in 1834, when I had just completed the publication of my Political Economy Tales, and when I had the pleasure of making my acknowledgments to him as my master in composition, and probably the cause of my mind being turned so decidedly in that direction. That was a gratifying meeting, after my old master and I had lost sight of one another for so many years. It was our last. If I remember right, we met on the eve of my sailing for America; and he was dead before my return.” (Martineau, 1877a, p. 49)

Assim, Martineau reconheceu que a sua formação lhe deu condições de alcançar as habilidades para se tornar uma escritora de qualidade, porém seus relatos não se concentraram apenas nas práticas de leitura, escrita e “composição”, já que a autora também alegava um prazer imenso com exercícios de aritmética e era fascinada com todo tipo de novidade apresentada na escola.

Sabemos a respeito porque ela dedicou um bom espaço de sua autobiografia a falar sobre a infância, a adolescência e a juventude. Sua clareza na discussão sobre métodos de ensino aprendizagem são atemporais e não se restringiu ao ambiente escolar, alcançando a relação intergeracional, os vários agentes sociais que mantêm contato com as crianças e os estímulos de todo tipo para a compreensão do

funcionamento da ordem natural e da social, como podemos observar na obra *Household Education*.

A valorização que Martineau deu à análise das relações entre crianças e adultos, suas oportunidades, liberdade e opressão, bem como à interferência disso na capacidade de aprendizado e de compreensão delas é algo que certamente interessa aos estudiosos da sociologia da infância e da educação, à psicologia e à pedagogia.

“The fact is, however, that we had no lessons that were not pleasant. That was the season of my entrance upon an intellectual life. In an intellectual life I found then, as I have found since, refuge from moral suffering, and an always unexhausted spring of moral strength and enjoyment.” (Martineau, 1877a, p. 50)

Para a autora, a educação deveria adotar uma prática universal e democrática como uma forma de promover uma mudança em todas as outras instituições. Além disso, o ensino precisava ser laico e a educação primária deveria ocorrer nas unidades domésticas (Navarro-Fossar, 2021).

Quando ela tinha apenas 12 anos, seu refúgio passou a ser a vida intelectual, e a escola se tornou um momento de prazer. Mas a escola também tinha conflitos e acusações injustas (Martineau, 1877a, p. 50), além das confusões e provocações dos meninos (Martineau, 1877a, p. 51). Ao denunciar as confusões, a autora relatou ter sido desacreditada ou ter ficado chateada porque a punição consistia em mais tempo de estudo, o que Martineau considerava um prêmio, não um castigo. Existe, inclusive, uma passagem em que ela contou a respeito de uma reunião entre o professor e seus pais, na qual a autora ficou muito apreensiva, achando que havia feito algo errado e que seria repreendida. Mas, na verdade, Martineau e Rachel haviam recebido um “elogio elevado”. A autora alegou estar muito acostumada à censura (Martineau, 1877a, p. 52), ao descrédito e à desconfiança, o que chama a atenção no texto, demonstrando ter desenvolvido uma timidez e uma baixa estima em razão disso. Fato é que o professor precisou se mudar em razão de dívidas, mesmo depois de estas terem sido salgadas pelos amigos (Martineau, 1877a, p. 53) e isso fez com que a oportunidade de desenvolvimento pessoal cessasse por mais um período. Nas palavras dela: “- Though this seemed like the close of one period of my life, it was in fact the opening of its chief

phase,- of that intellectual existence which my life has continued to be, more than any thing else, through its whole course” (Martineau, 1877a, p. 53).

Ao voltar a estudar em casa, ela fez parte de um clube de leitura, no qual as meninas bordavam e liam em rodízio (Miller, 1887). Para ser mais exata, Martineau explicou que várias atividades eram feitas em família, incluindo aulas com professores de latim, francês e música, ao mesmo tempo em que retratou este período como muito produtivo em bordados e em cópia de músicas (Martineau, 1877a, p. 53). Este era um hábito tão arraigado que a autora manteve a prática de afazeres domésticos até o final da vida, costurando, bordando e tricotando, mas não sem refletir a respeito. Contraditório ou não, até o seu último dia de vida ela permaneceu fazendo roupas que tinham endereço já definido, ficando algumas inacabadas em razão de sua morte (Miller, 1887).

Isso não apaga o fato de que a autora considerava que estas mesmas práticas domésticas a faziam perder tempo e qualidade de vida, já que precisava usar parte do tempo de descanso, sono e mesmo da alimentação para dar conta dos afazeres não cumpridos por estar lendo ou escrevendo. Martineau comentou que a mãe a autorizava a escapar da sobremesa para poder ler “Shakspere”, (William Shakespeare, 1564-1616), e jornais, o que ela considerava uma indulgência frente às obrigações domésticas (Martineau, 1877a, p. 53). Em outra passagem, a autora, inclusive, citou que questionou o professor que corrigia a turma para que colocasse um “a” no nome “Shakspere”, para o quê Martineau o teria questionado e trazido uma obra que tinha em casa com essa mesma grafia que ela seguiu usando (Martineau, 1877a, p. 67). Martineau tinha ampla consciência manifesta de que garotas eram treinadas para isso, portanto, socialmente condicionadas. Sua advertência era de que o treinamento para as meninas adquirirem habilidades domésticas roubava delas tempo para exercícios mentais e atividades intelectuais. Além desse, a atividade de costura também prejudicava a sua saúde física e mental. A autora também se incomodava com o tipo de conversa nestes ambientes, principalmente, com a ocorrência de “fofocas”, como um elemento ruim desta prática, não uma visão essencialista. Aqui cabe um adendo. Ela não associava mulheres a esse ambiente, mas a ausência de outros assuntos, de leituras e de formação adequada que trouxessem ou cultivassem um olhar crítico sobre a realidade, com foco menos nas pessoas e mais nas instituições sociais. Desse modo, fica claro ao ler seus relatos que

Martineau não conseguia se concentrar nos estudos, precisando fazer as leituras aos poucos, de modo fragmentado, pois não lhe sobrava tempo em qualidade para tanto (Miller, 1887).

Este também foi um período marcado por adoecimentos e indisposição por parte de Martineau, com o agravamento da surdez, que ela contou ter percebido na escola do senhor Perry quando tinha 11 anos, ao ter que se separar da turma para se sentar mais próximo ao professor, por não conseguir ouvi-lo direito numa ampla sala. Em ambientes menores, a autora se dizia perfeitamente bem até que aos 15 anos a deficiência auditiva havia progredido e lhe causava grande desconforto e sofrimento (Martineau, 1877a, p. 55).

Na autobiografia, Martineau omitiu relatos que considerava desnecessários por já tê-los feito de alguma forma em outras obras. Não foi diferente com relação à surdez e à condição progressiva da doença. Assim, citou *Letters to the deaf* (1834) como uma fonte para a compreensão do processo e do sofrimento pelo qual passou naquele momento. Mais do que isso, a autora deu uma importante contribuição acerca da análise sobre como a inclusão de crianças com deficiência era importante e que o ensino fosse adaptado para que elas pudessem usufruir das informações aprendidas, tal como ocorria com as demais. Além disso, ressaltou o papel de pais informados e conscientes a respeito da doença, seu grau de evolução, período de surgimento, como fatores que alteravam a conduta e o perfil do indivíduo acometido por surdez (Martineau, 1877a, p. 55).

“Some suggestions and conclusions, however, it is right to offer. — I have never seen a deaf child’s education well managed at home, or at an ordinary school. It does not seem to be ever considered by parents and teachers how much more is learned by oral intercourse than in any other way; and, for want of this consideration, they find too late, and to their consternation, that the deaf pupil turns out deficient in sense, in manners, and in the knowledge of things so ordinary that they seem to be matters of instinct rather than of information. Too often, also, the deaf are sly and tricky, selfish and egotistical; and the dislike which attends them is the sin of the parent’s ignorance visited upon the children. These worst cases are of those who are deaf from the outset, or from a very early age; and in as far as I was exempt from them, it was chiefly because my education was considerably advanced before my hearing began to go. In such a case as mine, the usual evil (far less serious) is that the sufferer is inquisitive, —will know every thing that is said, and becomes a bore to all the world. From this I was saved (or it helped to save me) by a kind word from my eldest brother.” (MARTINEAU, 1877a, p. 56)

Aos 15 anos ela foi enviada para um internato (Hill, 1991; Sinha, 2023) de uma tia, em Bristol, no qual permaneceu por 15 meses (02/1818-1819). Lá se dedicou a estudar livros analíticos, de lógica e de retórica. Reconhecendo a importância desse período e usufruindo desse tempo para se dedicar à sua formação, Martineau destacou que ao voltar para a casa o trabalho doméstico passou a lhe tomar todo o tempo (Martineau, 1877a, p. 70; 72; 75). Mesmo depois de ter saído de Bristol, a autora seguiu sendo influenciada por “Dr.” Carpenter e leu Hartley pela edição do “Dr.” Priestley, que a influenciou a ler os autores da escola escocesa de filosofia. Ela reconheceu ter sido influenciada a ler fervorosamente Hartley com suas teorias das vibrações e da associação, mas que na maturidade percebeu o quão frágeis e sem fundamento eram. Além de afirmar que Channing, com sua “filosofia espiritual”, considerava Locke e Hartley como degradantes (Martineau, 1877a, p. 80-82). Ou seja, tinha consciência e falou sobre escolas teóricas em disputa, seus seguidores e desdobramentos.

Absurdamente, o irmão caçula seguiu os estudos, enquanto Martineau não mais recebeu a instrução formal em uma escola, para além dos estímulos restritos ao seu núcleo familiar, enquanto ele foi para o York College (Faculdade Unitarista). Começou, então, para a autora uma fase na qual ela deu continuidade a leituras e a referências que recebeu em Bristol, associadas a uma formação autodidata, na qual Martineau buscará fontes e começará a se dar conta do quanto isso é relativo e interfere no resultado final, no que tange ao conhecimento adquirido.

Mesmo em Norwich, cidade de intelectuais reconhecidos, não era considerado “adequado”, segundo Martineau, que as mulheres fossem vistas se dedicando aos estudos ou à escrita. Desse modo, o tempo dedicado a essa atividade era repesado, tornando-se necessário driblar outras obrigações para usar o período que seria gasto com elas em benefício dos estudos. Foi assim que a autora aprendeu latim, italiano e francês. Seus estudos, via de regra, eram realizados com outras pessoas da casa (irmãos ou irmãs mais velhas como “tutores”) ou solitariamente em suas imersões nas obras que aos poucos ia descobrindo ou eram cedidas a ela.

“When I was young, it was not thought proper for young ladies to study very conspicuously; and especially with pen in hand. Young ladies (at least in provincial towns) were expected to sit down in the parlour to sew, — during which reading aloud was permitted, — or to practice their music; but so as to be fit to receive callers, without any signs of blue-stockings which could be

reported abroad. Jane Austen herself, the Queen of novelists, the immortal creator of Anne Elliott, Mr. Knightley, and a score or two more of unrivalled intimate friends of the whole public, was compelled by the feelings of her family to cover up her manuscripts with a large piece of muslin work, kept on the table for the purpose, whenever any genteel people came in. So it was with other young ladies, for some time after Jane Austen was in her grave; and thus my first studies in philosophy were carried on with great care and reserve. I was at the work table regularly after breakfast, — making my own clothes, or the shirts of the household, or about some fancy work: I went out walking with the rest, — before dinner in winter, and after tea in summer: and if ever I shut myself into my own room for an hour of solitude, I knew it was at the risk of being sent for to join the sewing-circle, or to read aloud, — I being the reader, on account of my growing deafness. But I won time for what my heart was set upon, nevertheless, — either in the early morning, or late at night. I had a strange passion for translating, in those days; and a good preparation it proved for the subsequent work of my life.” (MARTINEAU, 1877a, p. 77)

A citação acima é capaz de nos dar detalhes sobre a rotina de Martineau no período de 18 anos, seus espaços possíveis para leitura e escrita, demandas domésticas de toda sorte e as atividades literárias em grupo. Mas, fundamentalmente, a autora nos informou o quanto isso era limitado para as jovens mulheres, que acumulavam várias outras atividades das quais precisavam dar conta e mesmo do desprestígio de serem vistas dedicadas aos estudos. Para demonstrar tal condição social ela citou nada menos do que Jane Austen, cuja obra reverenciava.

Nesse mesmo momento, realizou seus primeiros estudos em filosofia e se dizia apaixonada por traduzir, no que chamou de “propensões de tradução”, entendendo que isso a tinha ajudado muito a se desenvolver em sua profissão. Com isso, traduziu Tácito, do latim, e Petrarca, do italiano (Martineau, 1877a, p. 75; 78). A autora estudava italiano com Rachel e o primo (Martineau, 1877a, p. 79), por isso escolheu livros para a leitura e a tradução que a ajudassem na atividade literária.

Aos 24 anos, Martineau iniciou uma colaboração com o Sr. Fox, novo editor do *Monthly Repository*, na qual ela fazia revisões e trabalhos para o periódico, ao mesmo tempo em que recebia uma tutoria literária (Martineau, 1877a, p. 110). Nesse período, a autora também estava se dedicando ao estudo da língua alemã. Nas palavras de Arbuckle (s/d, Cap. 05, p. 01):

“Martineau’s early apprenticeship in the Repository similarly began to bear fruit. To a second series of the journal initiated in January 1827, her contributions from May 1827 to October 1834 comprised nearly forty essays and reviews (some in several parts), fifteen poems, seven “parables,” five

tales and miscellaneous items (including an obituary of Philip Meadows Martineau), letters, and fifty or more “critical notices.”² The skills Martineau learned from early teachers and from her own practice—speed and accuracy in reading, composing abstracts and aiming at a fair copy on a first draft—prepared her to write on demand for life. A number of the subjects of books she reviewed for the Repository, moreover, continued to feature in her writings like those on political economy, education, slavery (including the Colonization Society), Australia, India, Ireland, the Near East, prisons, evangelicalism, superstition, travels, the Waldenses, American memoirs and (probably) the duties of servants. Most significantly, under Fox’s tutelage Martineau mastered a fluent and expressive prose style.”

E, ainda:

“A convert to Unitarianism from orthodox Calvinism, Fox had a high reputation as a preacher. More significantly for Martineau, he was a talented and exacting critic and editor who would play a crucial role in her life. Taking the place briefly filled by her brother Tom, Fox became after James, ‘the steadiest friend and the best guide I have ever had in literature and in philosophy.’” Arbuckle (s/d, Cap. 05, p. 03)

Esses foram os períodos e as condições da formação de Harriet Martineau, marcados por um autodidatismo acompanhado de alguma tutoria inicial. Por outro lado, como qualquer intelectual, deve ser questionado se é possível identificar a existência de uma filiação teórica expressa ou não. No que tange à autora, não resta claro se ela se filiava a uma corrente teórica. Na verdade, Martineau indicava claramente em seus textos com quem estava dialogando, citando fontes, autoras(es) e obras, às vezes, até edição e página. Além disso, em sua autobiografia, a autora contou em minúcias com quem conversava, seus contemporâneos conhecidos, quais obras leu e até mesmo como havia chegado a ser apresentada a elas, como relatei nos Capítulos I e II. Ocorre um destaque aqui com relação aos teóricos do século XIX, que, geralmente, não eram transparentes com relação aos diálogos que estabeleciam e quem eles efetivamente liam. Desse modo, é possível investigar e fazer o levantamento de tais referências, se não para constatar uma filiação teórica, pelo menos para caracterizar a rede na qual ela se instruiu e pela qual foi influenciada. Esse dado facilita compreender o quanto Martineau estava atenta com o que era produzido mundo afora, tendo se estabelecido como uma leitora voraz, e que produzia uma escrita científica comparada aos padrões modernos, sem qualquer anacronismo na afirmação.

Uma *pesquisa exploratória* atenta é capaz de indicar todas essas referências, lembrando que este tipo de pesquisa não é um preciosismo e indica elementos importantes, além de localizá-los, deixando-os disponíveis para pesquisas futuras, que poderão indicar com maior precisão em que medida os nomes citados pela autora refletem duas circunstâncias: quem ela lia e com cujas obras estabelecia um diálogo direto; quem ela citava para ilustrar ou para destacar um tema.

Esse método apenas não responde quais ideias Martineau adotou e como foi influenciada, cabendo uma *pesquisa de tradução* e de uma pesquisa teórica capaz de realizar tal abordagem e elucidar essa questão.

Numa análise não exaustiva, que precisa ser feita considerando outras obras e uma análise quantitativa e qualitativa pormenorizada, alguns resultados chamam a atenção. Dados preliminares de uma triagem inicial serão apresentados aqui, mas, na sequência requerem uma pesquisa específica e bem-feita que indique ligações passíveis de serem verificadas. Inclusive, porque os nomes citados nem sempre se referem a autoras(es) e obras. Em outros casos, autoras(es) são tratadas(os) em fatos da vida cotidiana, indicando convivência, mas não necessariamente a referência à obra.

Martineau leu muitas obras, se apaixonou e se desapaixonou por autoras(es) e obras sem desconsiderar seus feitos ou mesmo os motivos que a levaram a se sentir atraída e contemplada por elas(es). E, dependendo do ponto de vista e do grau de apego ou proximidade, certamente pode ser considerado que foi dura e direta em muitas situações quanto a isso. E por qual motivo não seria? A listagem foi produzida em ordem alfabética, para facilitar a identificação e as buscas. Os nomes de pessoas e de obras são mencionados da forma como aparecem no texto original. Como exemplo, destaco a referência que ela fez a Mary Wollstonecraft em sua autobiografia, alegando conhecê-la desde a infância e reconhecendo nela uma defensora das mulheres, mas não se sentindo capaz de compreender sua obra e sua vida.

“It was not for her sake that I desired to know Godwin; for, with all the aid from the admiration with which her memory was regarded in my childhood, and from my own disposition to honour all promoters of the welfare and improvement of Woman, I never could reconcile my mind to Mary Wollstonecraft’s writings, or to whatever I heard of her. It seemed to me, from the earliest time when I could think on the subject of Woman’s Rights

and condition, that the first requisite to advancement is the self-reliance which results from self-discipline. Women who would improve the condition and chances of their sex must, I am certain, be not only affectionate and devoted, but rational and dispassionate, with the devotedness of benevolence, and not merely of personal love. But Mary Wollstonecraft was, with all her powers, a poor victim of passion, with no control over her own peace, and no calmness or content except when the needs of her individual nature were satisfied. I felt, forty years ago, in regard to her, just what I feel now in regard to some of the most conspicuous denouncers of the wrongs of women at this day; — that their advocacy of Woman's cause becomes mere detriment, precisely in proportion to their personal reasons for unhappiness, unless they have fortitude enough (which loud complainants usually have not) to get their own troubles under their feet, and leave them wholly out of the account in stating the state of their sex. Nobody can be further than I am from being satisfied with the condition of my own sex, under the law and custom of my own country; but I decline all fellowship and co-operation with women of genius or otherwise favourable position, who injure the cause by their personal tendencies. When I see an eloquent writer insinuating to every body who comes across her that she is the victim of her husband's carelessness and cruelty, while he never spoke in his own defence: when I see her violating all good taste by her obtrusiveness in society, and oppressing every body about her by her epicurean selfishness every day, while raising in print an eloquent cry on behalf of the oppressed; I feel, to the bottom of my heart, that she is the worst enemy of the cause she professes to plead. The best friends of that cause are women who are morally as well as intellectually competent to the most serious business of life, and who must be clearly seen to speak from conviction of the truth, and not from personal unhappiness. The best friends of the cause are the happy wives and the busy, cheerful, satisfied single women, who have no injuries of their own to avenge, and no painful vacuity or mortification to relieve. The best advocates are yet to come, — in the persons of women who are obtaining access to real social business, — the female physicians and other professors in America, the women of business and the female artists of France; and the hospital administrators, the nurses, the educators and substantially successful authors of our own country. Often as I am appealed to to speak, or otherwise assist in the promotion of the cause of Woman, my answer is always the same: — that women, like men, can obtain whatever they show themselves fit for. Let them be educated, — let their powers be cultivated to the extent for which the means are already provided, and all that is wanted or ought to be desired will follow of course. Whatever a woman proves herself able to do, society will be thankful to see her do, — just as if she were a man. If she is scientific, science will welcome her, as it has welcomed every woman so qualified. I believe no scientific woman complains of wrongs. If capable of political thought and action, women will obtain even that. I judge by my own case. The time has not come which certainly will come, when women who are practically concerned in political life will have a voice in making the laws which they have to obey; but every woman who can think and speak wisely, and bring up her children soundly, in regard to the rights and duties of society, is advancing the time when the interests of women will be represented, as well as those of men. I have no vote at elections, though I am a tax-paying housekeeper and responsible citizen; and I regard the disability as an absurdity, seeing that I have for a long course of years influenced public affairs to an extent not professed or attempted by many men. But I do not see that I could do much good by personal complaints, which always have some suspicion or reality of passion in them. I think the better way is for us all to learn and to try to the utmost what we can do, and thus to win for ourselves the consideration which alone can secure us rational treatment. The Wollstonecraft order set to work

at the other end, and, as I think, do infinite mischief; and, for my part, I do not wish to have any thing to do with them. Every allowance must be made for Mary Wollstonecraft herself, from the constitution and singular environment which determined her course: but I have never regarded her as a safe example, nor as a successful champion of Woman and her Rights.” (Martineau, 1877a, 301-303)

Para considerar a filiação teórica, tomarei como amostra representativa do que lia ou conhecia os nomes presentes nos livros objeto desta tese, separados em quadros com identificação e periodização para pessoas, obras e periódicos.

Quadro 21 – Referências no Livro *Como observar*

“A tarefa”	Jacob, <i>Travels in the south of Spain</i>
Adam Smith, Riqueza das nações	Jervas manco
Aristógito	King Henry V
Arnold Von Winkelried	Knox na Escócia
Bacon	Krummacher
Beaufort, para a hidrografia	Linus, o poeta Tebano
Bossuet	Lorenzo de’ Medici
Bounty	Lutero
Boyne	<i>Memórias de uma senhora americana</i>
Bruce na Escócia	Milton
Burn’s Highland Mary	Mozart
Burns	Napoleão
Byron	Newton
Carlos Magno	O Livro (a Bíblia de Lutero)
Catherine de Boria	O viajante mudo, Penny Magazine, vol II, p. 309
Charles V	Pascal
Cymbeline	Richelieu
Coleridge	Rogers
Colombo	Roger’s Italy, p. 172
Copérnico	Rousseau
Corn Law Rhymer. Elliot de Sheffield.	Schiller
De Béranger	Schwartz
De Jouy	Sedgwick, <i>Home</i> , pp. 37-39
Decretos de Worms	Senhora D’Aunoy
Edinburgh Review vol. XXVI, p. 78 e vol. XXXIX, p. 67	Shakspeare
Fenelon	Shelley
Filósofos naturais	Suttee
Galileo	Tell na Suíça
Goethe	<i>Travels of Mina and Godfrey in many lands</i> , p. 53
Gustavo Adolphus entre os suecos	Toussaint L’Ouverture
Hampden	Turenne
Handel	Volney, <i>Survey of the Revolutions of Empires</i> , pp. 25-26
Harmódio	Voltaire
Henrique VI na França	Washington para os americanos
Herder	Wesley
Herschel, para a astronomia	Wordsworth
Holman, o viajante cego	
Howard	

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 22 – Referências no Livro *Sociedade na América, Volume I - Política*

Andrew Jackson	Jefferson
Bentham	Jefferson's Correspondence
Boston Reformer	John Addams
Brutus	John Marshall. <i>The life of George Washington.</i>
Burke	John Quincy Adams
Channing	Juiz Shaw
Clay	Lafayette
Cleveland Whig	Lei de Lynch
Declaração da Independência	Marshall
Dom Carlos e Posa	New York American
Edinburgh Review	O federalista
Evening Post	Rapp
Franklin	Rei Philip
Garrison, o abolicionista	Salomão
George Washington	Senhora Hermans
Hamilton	Senhorita Porter. <i>Thaddens of Warsaw.</i>
James Madson	Sir Thomas Browne
James Mill	Thomas Jefferson
James Monroe	Wordsworth

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 23 – Referências no Livro *Sociedade na América, Volume II - Economia*

Amos Dresser (1812-1904) abolicionista	Madame Genlis de Alphonso e Dalinda
Angelina Grimke	"Morning Hymn", de Milton
Barbauld (Anne Laetitia ⁴⁵ ?) (1743-1825) inglesa, "Evenings at home"	Paganini
Burke "que sombras nós somos e que sombras nós perseguimos"	Rembrandt
Catherine Maria Sedgwick (1789-1867) norte-americana, "The linwoods"	Rousseau (em uma epígrafe)
Channing. <i>Slavery.</i>	Sartor Resartus, p. 166, Boston Edition, de Thomas Carlyle, 1823
Charles Babbage	Shakespeare, <i>Mercador de Veneza</i>
Felicia Dorothea Hermans, "Landing of the Pilgrims fathers in New England", escrito em 1825	Sheridan
General Mason	Taglioni
Guyon de Marselha	"Tales of the woods and fields"
Hamilton, "Relatório sobre manufaturas", de 1790	Tiberius Caesar foi imperador de Roma no primeiro século d.C.
Howard	Thomas Scott
"Inglaterra and America"	Visões de Daniell na Índia e no Ceilão
"Ivanhoe" (de Walter Scott em 1820) e Gurth (personagem?)	

Fonte: Elaborado pela autora

⁴⁵ É citada por Arbuckle (s/d, p. 02) como primeira professora de Thomas. Imagino que esteja se referindo ao pai de Martineau. Era correspondente da família.

Quadro 24 – Referências no Livro *Autobiografia*⁴⁶

A. T. Thomson (Sra.)	Jervon ⁴⁷
Adelaide Kemble	John Sterling
Adolphe Berthier	Jornal Globe
Aikin (Srta.)	Kelty (Srta.), “Fireside philosophy”.
Allan Cunningham	Kelty (Srta.), “Reminiscences of thought and feeling”.
Alderson (pai da senhorita Oppie)	Kenrick traduziu do alemão “Helon’s Pilgrimage to Jerusalem”
Almirante Sir Francis Beaufort	L’allegro
Ann Turner (filha de ministro unitarista)	Lady Charlotte Bury
Austin (Sra.)	Lady Charlotte Lindsay
Auten (Srta.)	Lady Davy
“Awake, um soul; stretch every nerve”, Artaxerxes	Lady Duham
Babbage	Lady Lansdowne
Back	Lady Lyell
Bacon	Lady Mary
Barbault (Sra.)	Lady Mary Shepherd
Basil Montagu	Lady Morgan
Bathurst	Lady G. S. W.
Bedlam (hospital psiquiátrico)	Lady Stepney
Berry (Sra.)	Lady Stratheden
Bispo Lousdale (Lichfield)	“Lalla Rookh”
Bispo Otter (Chichester)	Landon (Srta.), “L. E. L.”
Bispo Stanley de Norwich	Lardnet
Bispo Whately	Le Bas
Blue-books on Ireland and Colonization	Leigh Hunt
Bremer (Srta.), “Brothers and sisters”.	“Leonora”, da senhorita Edgeworth
Brougham (Lorde)	Locke
Browing	Lockhart
Byron	Lorde Campbell
Buckland	Lorde Chancellor Brougham
Bulwer	Lorde Chancellor Cranworth
Burleigh (Lorde)	Lorde Duham
Campbell (o poeta)	Lorde Dundonald
Capel Loft, “Self-formation”.	Lorde Grey
Carlyle, “Sarter Resartus”.	Lorde John Russell
Carpenter. “Mental and moral Philosophy”, em Rees’s Cyclopeda	Lorde Lansdowne
Carpenter. “Systematic education”	Lorde Mahon ou Lorde Stanhope
Carpenter. “Notes and observations on the Gospel History”.	Lorde Melbourne
Chadwick	Lorde Monteagle
Chantrey	Lorde Morpeth (Lorde Callisle)
Charles Buller’s Journal	Lorde North
Charles Darwin	Lowth’s prelections no Latim
Charles Kemble	Lyell
Clarendon’s Rebellion	Macaulay
Cobbett	Macready

⁴⁶ Incompleto.

⁴⁷ William Jevons, *Systematic Morality, or A treatise on the theory and practice of human duty, on the grounds of natural religion*.

Coleridge	Madame D' Arblay (pseudônimo Fanny Turney)
Coltman	Madame de Stael
Copérnico	Malibran
Cottle's life	Malthus
Crompton	Maria Graham da Índia e da América do Sul
David Ricardo	Mary Wollstonecraft
Dalton	Mazzini
Delabêche	Metafísicos da escola escocesa
Deville	Milman
Dickens (Sr.)	Milton's hymn "Let us with a gladsome mind"
Doddridge	Mitford (Srta.)
Dr. Aikin (irmão de Barbauld e tradutor)	Moore (poeta)
Dr. Chalmers	Mrs. Marsh, "Two old men's tales".
Dr. Channing	Murchison
Dr. Dalton	"O Alcorão", traduzido por George Sale
Dr. Enfield	Opie (Sra.)
Dr. Johnson	Parkers (os)
Dr. Sayers	Phillips
Dr. Whewell	Porter (Sra.) (escritora e irmã de David Ricardo)
Dryden	Priestley
Dugald Stewart	Procter on Barry Cornwall
Duppa (Sr.)	Professor Nichol
Duque de Somerset	Prose Hymns, da Sra. Barbauld
Eastlake	R. Monckton Milnes
Ebrenberg	Racine
Edwin Landseer	Rammohun Roy
Elliot Cresson, American Colonization	Ratcliffe (Sra.)
Elton ⁴⁸	Retórica de Blair
Empson (Sr.)	Richmond (pintor)
Exposition of the Epistles, de Belsham	Robert Browning (poeta)
Fanny Kemble	Roebuck
Faraday	Rogers (Sr.)
"Fazio"	Romillys
Fausto	Rothwell (pintor)
Fenelon	Rowland Hill
Fraser	Sartor Resartus, p. 38
Fraser Hoax	Schiller. "Partition of the earth"
Fraser's Magazine	Scott (escritor)
Fredrika Bremer	Sedgwick
Galileu	Sidney Smith, "Letters to Singleton" (clérigo)
George Borrow	Sir Augustus Calcott
George Millar	Sir Charles Bell, "Bridgewater Treatise".
German Evening Hymn	Sir Charles Lyell
Godwin	Shakespeare
Goldsmith	Somerville (Sra), "Connexion of the physical sciences".
Goldwin, "Caleb Williams".	Sonetos de Petrarca
Gothe	"South Africa", de Lichtenstein
Gourney (Sra.)	Southey. Life and correspondence. (escritor)
Gramática de latim de Eton	Sra. Lewis Cooper
Gregory	Sterling
Grote (Sr.)	Tácito
Hallam (Sr.)	Tackeray
Hartley	Talfourd

⁴⁸ Charles A. Elton, *Second thoughts on the person of Christ, on Human Sin, and on the Atonement*.

Henry F. Chorley (Sr.)	“Telemachus”
“Highlands and Islands of Scotland”, de McCulloch	Tennyson
“Hundred thoughts on the education of the human race”, de Lessing	The Canada Report
Il Penseroso	The Pilgrim’s Progress, provavelmente se refere à escrita por John Bunyan em 1678 e 1684.
James Smith (botânico)	Thompson
Jameson (Sra.)	Tierney
Jane Austen	Trollope (Sra.) “Jonathan Jefferson Whitlaw”
Joanna Baillic	“Uses of psalmody”
John A. Murray	Uwins (pintor)
John Hershel	Voltaire
John Milton. <i>Paradise lost.</i>	“Voyages and Travels”
John Taylor (Sra.)	Ward. Tremaine.
Johnson Congreve	Washington
H. Bellenden Kers	“West Indies”, de Edwards e outros
Hallam, “History o literature”	Westmacott
Harness	Whewell
Holm, o frenologista	Whishaw
Horn, “Orion”.	William Penn
Horner	William Taylor
Jeffrey	Wordsworth

Fonte: Elaborado pela autora

Certamente os quadros ainda não estão completos, mas já fornecem um panorama para uma análise inicial das influências que recebeu e de com quem se relacionava, intelectualmente ou não.

Esse mapeamento preliminar trouxe a grata surpresa de mostrar que Martineau citou mulheres nestes 03 livros, que eram lidas e conhecidas em sua época. Para além disso, mostra o conhecimento e a referência tanto a obras clássicas quanto contemporâneas. Outra fonte interessante para identificar quais autoras(es) eram lidos por Martineau diz respeito a biografias que fizeram dela e cartas que a autora escreveu que comentavam tais fatos. Tomarei como referências as ocorrências identificadas no livro de Arbuckle (s/d):

Quadro 25 – Referências na Biografia de Arbuckle quanto a livros e autoria

Adam Smith	
Belsham, “Elements”	
Bíblia	
Clarendon, “History of the rebellion”	
David Hartley, 2º volume	
David Ricardo	
Dugald Stewart	
Filósofos escoceses	
Hume	

John Locke	Milton, "Paradise Lost"
Joseph Butler, "Analogy of religion"	
Joseph Priestley	Sismondi, "Historical view of the literature of the south of Europe"
Juvenal	Walter Scott, "The lady of the lake"

Fonte: Elaborado pela autora

Se, por um lado, fiz aqui um exercício de investigar quem Martineau leu e citou, também é necessário e precisa ser promovido um estudo sobre o legado deixado pela autora, que não se restringe ao inventário que busquei delinear no Capítulo IV.

Esse legado de Martineau não deve ser descrito apenas em termos de quantidade ou variedade, mas qualidade e densidade. O tratamento conferido pela autora aos temas trabalhados é rigoroso, de caráter científico, claramente bem sistematizado, objetivo e a forma da escrita colaborou para que seus textos permaneçam contemporâneos e "frescos". Portanto, podemos olhar para a obra e apontar seu legado. Todavia, também é necessário avaliar a repercussão de seus textos e a influência que tiveram sobre as obras de autoras e autores que se seguiram.

Um grande dilema e ironia me acometeram quando, ao pensar o escopo desta tese, previ uma comparação entre Martineau, Comte, Durkheim e Tocqueville, na intenção de demonstrar a grandeza de da autora. Esse parecia ser o caminho mais óbvio, como se para falar de sua teoria tivesse que a parametrizar por eles. Entretanto, ocorreu-me que, ao fazer isso, estaria retirando a importância do legado de Martineau, o qual existe por si só, antes e independentemente desses. Por essa razão, resolvi deixar para um segundo momento o debate entre as contribuições de cada um destes autores, suas obras e trajetórias, em contraposição às da autora, para me dedicar aqui a falar apenas sobre duas das muitas obras dessa importante socióloga. Já publiquei um artigo que aborda as contribuições de Comte e de Martineau para as Ciências Sociais (Alcântara, 2024) e outro sobre Tocqueville está no prelo.

Quanto às influências que promoveu, para identificá-las, é necessário verificar obra a obra se Martineau ou seus textos são citados e (em caso de não serem) se é perceptível a identificação de elementos da sua teoria em seus contemporâneos e sucessores. Iniciei esse trabalho no Capítulo III, embora com um objetivo bastante diferente, mas cujo mapeamento agora pode ser usado com outros recortes. Portanto, é muito mais difícil identificar suas influências porque depende de pesquisas realizadas

por outras(os) colegas ao longo do tempo. Ou seja, depende de um esforço coletivo e um investimento em rede da própria disciplina neste tipo de pesquisa. Mesmo porque “passar um pente fino” em tudo o que temos disponível hoje nas Ciências Sociais, é algo extremamente oneroso e impossível de ser realizado por um(a) pesquisador(a) de modo isolado. Dessa forma, essa questão, está muito longe de ser respondida, embora seja de extrema importância. Alguns dados obtidos de modo colaborativo e em rede foram também citados no Capítulo III.

Por outro lado, o pouco que já sabemos a respeito traz alguns exemplos relevantes. Ironicamente, três outras teóricas igualmente esquecidas, leram e citaram textualmente Martineau, sendo elas: Flora Tristan (1803-1844), Pandita Ramabai (1858-1922) e Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). Esse é um sinal claro de que as obras da autora circulavam e eram conhecidas, como busquei demonstrar no Capítulo III. Porém, tem-se usado muito o recurso vazio de mencionar comentadoras(es) que afirmam a leitura ou a influência sem citar a informação clara e essa postura eu me recusei a adotar em toda a tese. Só trabalhei com fontes diretas, sem *apuds* ou referências soltas, excluindo do texto qualquer referência não confirmada ou informando claramente a precariedade do dado indicado. Comentadoras(es) geralmente não respondem à questão originalmente colocada: onde, quando e em quais termos teóricas(os) clássicas(os) citaram e foram influenciadas(os) pela obra de Harriet Martineau. Nesse caso, o recurso a obras de comentadoras(es) gera um *efeito bola de neve*, em que um cita o fato vazio que segue sendo citado sem verificação e confirmação, como se as obras não estivessem disponíveis. Isso faz com que ocorra apenas uma *revisão bibliográfica* superficial, sendo necessária uma *pesquisa bibliográfica* densa para destrinchar essas questões e trazer informações passíveis de serem verificadas cientificamente por terceiros.

Cito aqui o exemplo de Virgínia Woolf (1882-1941), em seu livro *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*:

“Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau [...]” (Woolf, 2012, p. 10)

Desse modo, deixo o tópico legado como uma referência que precisa ser vasculhada, garimpada em todo tipo de arquivo, com vistas a identificar as(os) que se automearam influenciadas(os) pela autora. Para isso, ainda não tenho resposta e me recuso a citar comentadoras(es) que dão notícias sobre sem indicar a fonte primária ou a justificativa de modo claro.

Capítulo VII

Circuito intelectual e relações de convivência social

Se, por um lado, a discussão sobre a filiação teórica e o legado são relevantes para compreender a obra e a sua recepção, por outro lado, falar sobre as relações de convívio e o circuito intelectual do qual tenha participado de modo mais horizontalizado também é um grande achado. E aqui creio que algumas referências são importantes, mas destacarei apenas algumas: Anna Laetitia Barbauld (1743-1825); William Wordsworth (1770 –1850); Jane Marcet (1769-1858); Robert Owen (1771-1858); Thomas Robert Malthus (1776-1834); William Ellery Channing (1780-1842); Catharine Maria Sedgwick (1789-1867); Charles Babbage (1791-1871); Thomas Carlyle (1795-1881); Auguste Comte (1798-1857); John Stuart Mill (1806-1873); Harriet Taylor Mill (1807-1858); Charles Darwin (1809-1882); Charles John Huffam Dickens (1812-1870); Henry G. Atkinson (1812-1890); Charlotte Brönte (1816-1855); George Elliot (pseudônimo de Mary Ann Evans) (1819-1880); Florence Nightingale (1820-1910).

“Martineau fazia parte de um círculo intelectual vibrante e agitado, tendo entre seus conhecidos e amigos íntimos figuras como Charles e Erasmus Dickens (*sic*), George Eliot, Thomas Carlyle, Florence Nightingale, Elizabeth Barret Browning; William Wordsworth, Charlotte Brontë e Thomas Malthus.” (Sinha, 2023, p. 73)

Ou, ainda, na Nota de Rodapé:

“² Martineau colaborou com Florence Nightingale (McDonald, 1994) e se correspondeu com Georg Elliot e Elizabeth Barret Browning (David, 1987). Sabe-se também que desenvolveu amizades profundas com Erasmus Dickens (*sic*) e Thomas Malthus (Hoecker-Drysdale, 1992).” (Sinha, 2023, p. 73)

Obviamente, não conseguirei relatar aqui a relação de Martineau com todos, suas circunstâncias e fatos em particular. Por essa razão, deixarei comentários sobre alguns apenas. Existe uma ampla bibliografia que aborda essa questão, tanto sobre Martineau quanto sobre suas(seus) amigas(os), correspondentes e conhecidas(os). Aos

poucos, eu espero, esses dados serão citados por comentadoras(es) nas publicações a respeito.

Barbauld teria sido a primeira professora de Thomas Martineau, pai de Harriet. Além disso, era correspondente da família e uma grande influência para os Martineau. Em diversos momentos da autobiografia Harriet se refere a ela como capaz, competente e ao mesmo tempo boicotada por alguns representantes de periódicos que a teriam perseguido e desestimulado na atividade literária (Martineau, 1877a). Martineau contou que pela diferença de idade e de gerações, quando a conheceu ela já era idosa e não mais famosa ou mesmo conhecida pela geração atual à época em que Harriet falava (Martineau, 1877a, p. 270 e 271).

Wordsworth era amigo de Martineau e foi muito citado por ela em diversos momentos (Martineau, 1877a). Os biógrafos de Wordsworth também fazem referência a essa ligação entre eles, além do fato de morarem na região dos lagos (Bealty, 1939).

Jane Marcet tornou-se uma grande amiga de Martineau, com visitas constantes a sua casa e conversas sobre seus projetos e sobre o trabalho literário. Acerca da convivência entre elas, Martineau relatou o primeiro encontro das duas e associou as lembranças às publicações *French wines and politics* e *The charmed sea*, os números 12 e 13 de seu *Illustrations*. Além de mencionar que Marcet gostava de visita-la para lhe contar a respeito de quem estava lendo a sua série na França (Martineau, 1877a, p. 177).

A respeito de Robert Owen, Martineau o citou, ao menos, em *Sociedade na América* – Economia, mas também em sua autobiografia, fazendo referência ao fato de que entre aqueles que buscavam convencê-la a escrever sobre algum tema em particular estavam também os “socialistas”.

“Among such applicants, the Socialists were sure to be found; and Mr. Owen was presently at my ear, laying down the law in the way which he calls ‘proof’, and really interesting me by the candour and cheerfulness, the benevolence and charming manners which would make him the most popular man in England if he could but distinguish between assertion and argument, and abstain from wearying his friends with his monotonous doctrine.” (MARTINEAU, 1877a, p. 174)

Martineau afirmou que mesmo após ter escrito uma “história anti-socialista”, “For each and for all”, sua relação com Owen não mudou, embora ele a tentasse convencer de sua doutrina sem lograr êxito.

Sobre Malthus, ela dedicou algumas páginas de sua autobiografia para falar a respeito, o caracterizando como alguém a quem ela escutava sem a trombeta, apesar de ele ter lábio leporino. Além de se encontrarem nas festas e jantares que ocorriam, o casal Malthus foi o anfitrião dela em Haileybury. A autora relatou uma visita em especial e comentários elogiosos sobre uma de suas publicações (Martineau, 1877a, p. 191).

Porém, em razão da morte de Malthus, no final de 1834, a convivência havia sido curta (Martineau, 1877a, p. 247 e 248).

O círculo de convivência de Martineau não era restrito à Europa. Um bom exemplo disso é sua amizade com a norte-americana Catharine Maria Sedgwick, a quem citou em várias cartas para sua mãe e na autobiografia (Stearns, 1934, p. 533).

“Miss Sedgwick’s references to Harriet Martineau form one such unfinished sketch, and it may, therefore, be of some interest to fill out the picture with several manuscript letters and brief comments from journal not included in the published records”. (Stearns, 1934, p. 533)

Essa autora foi convertida ao unitarismo e preferiu manter-se solteira, tal como Martineau. Foi uma escritora, contista e romancista bastante conhecida, além de tradutora e abolicionista. A amizade delas teria começado em 1830. Some-se a isso o fato de que era amiga e correspondente de William Ellery Channing, a quem Martineau visitou em 1835, em Rhode Island, Estados Unidos (Martineau, 2022, p. 26).

Charles Babbage e Martineau trocaram cartas, que foram digitalizadas e estão disponíveis para consulta. Ambos frequentavam a casa de Erasmus Darwin, faziam visitas um ao outro e se encontravam em eventos. Em sua autobiografia, ela citou uma visita que fez a ele para conhecer sua invenção e a chamou de “miracle” (Martineau, 1877a, 267). Em outra passagem, a autora relatou uma visita que Babbage lhe fez e o seguinte comentário dele: “Now there is nobody here to call us vain, we may tell each other that you and I are the only people in the market. I find no books are selling but yours and mine.” (Martineau, 1877a, p. 201). Ele se referia ao *Machinery and Manufactures*.

Sobre Carlyle, a autora relatou as várias faces do amigo, a convivência, a “ferocidade” e a fama. Alegou, ainda, tê-lo ajudado a obter palestras remuneradas antes que suas obras dessem algum retorno comercial. Ela chamou essa atuação de “gerência

dos arranjos”. Além disso, informou que ela própria trouxe e depois importou a edição norte-americana do livro de Carlyle e que ele tinha dificuldades em administrar os recursos que lhe eram entregues (Martineau, 1877a, p. 285 a 289). Martineau chegou a se oferecer para corrigir as provas das reimpressões de obras do autor (Martineau, 1877a, p. 290), o que mostra a sua expertise e experiência na editoração de livros e crítica ao “método de revisão” pouco efetivo de outros autores.

“If I am warranted in believing that the society I am bidding farewell to is a vast improvement upon that which I was born into, I am confident that the blessed change is attributable to Carlyle more than to any single influence besides.” (MARTINEAU, 1877a, p. 292)

A respeito de Comte, é preciso dizer de modo direto que Martineau não era nem positivista, nem seguidora dele. Mas existe um mito resistente, não necessariamente falado, mas suposto, a partir de dados soltos que remetem a um imaginário comum a esse respeito (Alcântara, 2024). Busquei demonstrar isso ao traduzir para a língua portuguesa o Prefácio que ela escreveu sobre a tradução e condensação do livro de Comte (Martineau, 2022a).

Não podemos ignorar o fato de que Comte era bastante conhecido à sua época. Embora Stuart Mill tenha explicado em sua autobiografia que Comte era pouco conhecido até mesmo na França e que ele teria sido o responsável por divulgá-lo na Inglaterra. Mas, Martineau chegou à sua obra tardiamente, estando já aclamada e reconhecida (Alcântara, 2024). Certamente, ela optou por apresentá-lo à comunidade inglesa, mesmo apontando que não tinha uma visão semelhante, mas que tinha valor e deveria ser lido em suas considerações (Martineau, 2022a). Talvez, até motivada pela polêmica e pelas acusações que ele sofreu ao escrever as *Letters* com Atkinson. Até onde se sabe, a convivência entre os dois ocorreu apenas por correspondência e foi Spencer quem teria feito o pagamento dos direitos autorais a Comte (Spencer, 1904).

Sobre a relação com Charles Darwin, Sims (2021) explica que, ao contrário do que é reportado por outras fontes, a situação não foi estanque ou linear. Darwin passou 05 anos viajando pelo mundo (1832-1836) e publicou seus achados de campo em 1839 no livro *A viagem do Beagle*. O livro *A origem das espécies* foi publicado 20 anos depois, em 1859. Ao chegar da expedição ele teria conhecido Harriet Martineau e a encontrado

novamente em 1837 num jantar promovido por seu irmão Erasmus, de quem ela era muito amiga. Não posso deixar de transcrever a tradução e publicação de um artigo que foi originalmente publicado no *The New York Times*, em 07/02/2021. De acordo com Sims (2021, s/p):

“Na primavera seguinte, ele foi caminhando ao *flat* do seu irmão, próximo ao seu, para uma festa. Aos 33, Erasmus se assemelhava a Charles: testa alta, sorriso fácil, costeletas. Darwin considerava Erasmus um anfitrião de jantares ‘bastante excelentes’. Ele admirava sua inteligência astuta, seu conhecimento sobre arte e literatura. Um pouco menos robusto e ativo que Charles, Erasmus não havia seguido carreira alguma além de se rodear de pessoas bem-sucedidas. Estas incluíam o historiador e ensaísta Thomas Carlyle e o matemático e engenheiro Charles Babbage, que no ano anterior tornara público o seu computador mecânico, a Máquina Analítica, sucessora de sua antiga Máquina Diferencial.

Charles ficou satisfeito em saber que a criada de Erasmus, Sally, havia preparado um banquete apetitoso, que incluía salmão. Ele notou que a sobremesa sozinha havia custado a Erasmus oito xelins e seis pence.

Essa festa concedeu ao jovem escritor a oportunidade de falar de trabalho com Harriet Martineau, uma prolífica jornalista e socióloga pioneira que se sustentava financeiramente com seus escritos. A rainha Vitória era sua fã, e Martineau compareceria à sua coroação em junho daquele ano. Ela gozava de um nível de fama e influência que Darwin não podia sequer imaginar.”

De 1834 a 1836 Martineau esteve nos Estados Unidos. Portanto, quando se conheceram, ambos contavam com uma boa bagagem de viagens e a experiência destas na condição de viajantes pesquisadores. Sims (2021, p. 03) conta que:

“Martineau tinha uma maldosa reputação de insipidez e falta de refinamento feminino. ‘Fiquei atônito ao descobrir’, escreveu Darwin à sua irmã Caroline após o primeiro encontro, ‘quão pouco feia ela é’. Os dois conversaram sobre “uma infinidade incrível de assuntos’.

Como outros homens que a conheciam, Darwin considerava Martineau ‘assoberbada por seus próprios projetos, seus próprios pensamentos e suas próprias habilidades’. Ao invés de assentir com a cabeça às ideias dos homens, ela era conhecida por responder com as suas.

Em 1833, a revista conservadora *Fraser’s Magazine* havia reconhecido o status de Martineau, então com 31 anos, dedicando um espaço considerável a argumentar contra suas conclusões e zombar de sua aparência. Seu segundo trabalho publicado, *On Female Education* (Sobre a educação do sexo feminino), uma defesa da sua própria paixão pelo aprendizado e uma crítica à expectativa de que sua educação acabaria quando ela atingisse a maioria, foi lançado quando tinha 20 anos. Seu livro mais famoso, *Illustrations of Political Economy* (Ilustrações de economia política), dramatizava histórias humanas nas quais figuravam as teorias econômicas de Adam Smith, Thomas Malthus e James Mill. Didático, por vezes simples, era uma obra lúcida e acessível e foi considerada um avanço importante para a economia progressista, centrada no ser humano. Seu sucesso mais recente

era *Society in America*, baseado em dois anos de viagem durante os quais foi recebida por artistas e legisladores.”.

Além disso, tanto Darwin quanto Martineau eram abolicionistas e mantinham métodos de escrita similares, principalmente quanto à sistematização da coleta de dados por meio de diários. Portanto, similares no sentido de adotarem uma perspectiva científica na análise dos dados. Sabemos também que a autora defendeu Darwin e seu *A origem das espécies*, pois manifestações que ela fez em cartas foram publicadas por estudiosos de Darwin. Ela o mencionou como seu amigo e afirmou não o considerar “vaidoso”, além de citar o fato de que ele havia retornado após 04 anos viajando ao redor do mundo. A autora o caracterizou como “simples, infantil, meticuloso e eficaz” (Martineau, 1877a, p. 168).

Charles Dickens e Martineau se conheceram e ela contribuiu ativamente para a revista que ele editorava, a *Household Words*, mas de forma anônima e remunerada.

Charlotte Brönte visitou Martineau em *The Knoll* e sobre isso temos várias referências. Citei uma passagem escrita por Morley (1909) na qual ele resgata uma carta de Brönte a amigos falando sobre Martineau.

“In 1850 Charlotte Bronte paid a visit to Havriet iMartineau at Ambleside, and she wrote to her friends various emphatic accounts of her hostess. 'Without adopting her theories,' Miss Bronte said, 'I yet find a worth and greatness in herself, and a consistency, benevolence, perseverance in her practice, such as wins the sincerest esteem and affection. She is not a person to be judged by her writings alone, but rather by her own deeds and life, than which nothing can be more exemplary or noble.’” (Morley, 1909, p. 175)

George Eliot foi citada por Hubbard (1916, p. 56) como amiga dos Martineau

“Then an offer came as sub-editor of the ‘Westminster Review.’ It was steady work and plenty of it, and this was what she desired. She went to London and lived in the household of her employer, Mr. Chapman. Here she had the opportunity of meeting many brilliant people: Carlyle and his ‘Jeannie Welsh,’ **the Martineaus**, Grote, Mr. and Mrs. Mill, Huxley, Mazzini, Louis Blanc. Besides these were two young men who must not be left out when we sum up the influences that evolved this woman's genius.” (Hubbard, 1916, p. 56, vol. I)

Logicamente, citei apenas os nomes a partir da minha perspectiva e formação, o que implica, no que conheço do mundo e como me relaciono com os nomes citados por

Martineau e suas(seus) comentadoras(es). Mas muitos outros nomes poderiam ser mencionados aqui, por extração da própria literatura citada no Capítulo III, por exemplo. Some-se a isso o fato de que Martineau não apenas listou, mas também caracterizou os seus amigos mais próximos, não cabendo repeti-lo aqui agora, pois isso já se encontra disponível (Martineau, 1877a; 1877b).

A título de conclusão, quando da revisão da tese, decidi retirar este tópico de dentro do Capítulo VI para autonomizá-lo não porque ele estivesse denso ou concluído, mas porque merecia uma atenção especial ainda que raso e preliminar, para ser desenvolvido adiante.

PARTE III – LIVROS TRADUZIDOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA, NO BRASIL

Capítulo VIII

Conceitos, teorias e a tradução das obras de Martineau no Brasil

Este capítulo se dedica a apresentar as obras de Harriet Martineau que já foram objeto de tradução e publicação no Brasil. O recorte não foi realizado de modo aleatório, como expliquei na Introdução. São obras representativas de um período específico, como busquei demonstrar no Capítulo IV, qual seja, a primeira fase propriamente sociológica da autora. A restrição do recorte às obras traduzidas para o português cumpre uma outra finalidade, promover a divulgação científica conciliada com o aprofundamento do debate teórico acerca dos pressupostos e conceitos presentes nestes livros. Como dito anteriormente, pouco conseguimos avançar neste sentido, estando ainda no momento da apresentação da autora.

1. Como observar: morais e costumes

A obra *How to observe: morals and manners* foi traduzida e publicada no Brasil em 2021, sendo a primeira de uma Coleção que leva o nome da autora e segue sendo produzida. Essa foi publicada primeiro porque contém informações estruturantes do fazer pesquisa. Se considerarmos apenas o livro *Como observar*, tem-se a falsa impressão de que ao longo do livro Martineau foi perdendo o fôlego, na medida em que passou a dedicar menos espaço aos temas que foram destinados à parte final. Todavia, não é isso que aconteceu, pois claramente ela distribuiu o conteúdo em uma epistemologia da pesquisa, o que pesquisar e como, deixando para o final as formas disponíveis. Logicamente, o primeiro e o segundo temas são mais densos e requereriam mais tempo de explanação. A parte final ficou restrita aos “Métodos mecânicos” e a autora parece ter entendido não ser necessário tanto espaço para discorrer a respeito. Na última parte, Martineau também se debruçou sobre o processo da entrevista ressaltando algumas recomendações e demonstrando a sua experiência com esse

campo, como, por exemplo, quando ela afirmou que não é bom que o observador anote enquanto entrevista, pois, o entrevistado deve se esquecer que está sendo entrevistado e a conversa deve fluir naturalmente (Martineau, 2021, p. 238). Pensando nisso, a autora estabeleceu uma diferenciação entre “*lista de questões*”, “*diário*” e “*caderno*” de campo. De acordo com Martineau, o Diário existiria para refletir sobre o que observava e registrar os fatos contemplados. Contudo, nem tudo deveria ser registrado no diário, sendo que parte ficaria apenas na memória, e as anotações deveriam ser diárias, pois o que fosse deixado para depois resultaria em entradas curtas e sem desenvolvimento.

De acordo com a autora, seria importante uma dedicação da observação em profundidade a cada aspecto das “*morais*”, o que poderia ser feito por cada um dos muitos viajantes existentes à época. Porém, ela lamentava que os relatos oferecidos regularmente eram “*pobres*” e “*inconstantes*”. Esse livro apresenta uma crítica sobre a confusão de papéis entre pesquisadores, viajantes e filósofos, por pessoas que se aventuravam a fornecer dados e reflexões sem se debruçarem sobre o processo em si e refletirem a respeito, ao mesmo tempo em que geralmente sequer se preparavam de modo devido para compreender o objeto e os elementos inerentes à observação. Esse caráter de humildade científica, com bastante sobriedade e elevada autocrítica é característico da obra de Martineau.

É assim que, ao falar acerca da dificuldade em se aplicar e implementar tal ciência, ela afirmou:

“Nesta última característica da ciência da moral jaz a desculpa de tantos muitos viajantes quanto se pode declinar pronunciar sobre a condição social de qualquer povo. Mesmo se a generalidade de viajantes fosse tão iluminada quanto eles são no presente ignorantes sobre os princípios da moral, a dificuldade de colocar aqueles princípios para uso interpretativo deteria o sensato de fazer decisões precipitadas, e proferir amplos julgamentos, nos quais viajantes até agora têm sido levados a não se entregar.” (Martineau, 2021, p. 26)

Portanto, o viajante precisaria compreender adequadamente “os princípios da moral” e fugir das *generalizações*. Acerca dessa humildade em relação ao objeto, ela mencionou um exemplo significativo:

“Quando se descobriu que os chefes dos homens vermelhos não podiam ser impressionados com qualquer noção da civilização dos brancos por tudo o

que muitos homens brancos podiam dizer, eles foram trazidos para as cidades dos brancos. A exibição de um navio foi bastante para alguns. Os guerreiros das pradarias eram também orgulhosos para pronunciar seu espanto — nobres demais para sugerir, mesmo para um outro, seu medo; mas a transpiração sobre suas sobrelhas enquanto olhavam estupidamente e nenhuma palavra de guerra passou por seus lábios àquela hora. Outro, que pôde ouvir com calma os contos de comerciantes orgulhosos na região selvagem, foi movido de sua apatia por ser um trabalhador numa estufa que colocou uma alça sobre uma jarra. Ele foi transportado para fora de seu silêncio e reserva: aprendeu e agarrou a mão do trabalhador, gritando que agora estava claro que ele tinha tido contato com um grande espírito. Pela evidência de coisas, esses índios aprenderam mais dos costumes dos brancos do que já lhes foi ensinado pela fala. — Quem de nós não aprenderia mais dos costumes dos pompeianos por uma caminhada da manhã entre as relíquias de suas moradas e lugares públicos do que pelas muitas conferências noturnas com certos de seus fantasmas? (Martineau, 2021, p. 89)

Sobre o modo de observar, Martineau lembrou a complexidade da vida social e a necessidade de uma leitura atenta de todos os elementos da realidade que estivessem disponíveis. Neste momento, já expressava a preocupação com o que denominava “coisas”, para se referir a toda essa materialidade da vida, em como essa se reproduz e expressa suas morais em diversos elementos, que não podem passar despercebidos pelo pesquisador. Para ela, as “instituições e registros” mostram a “ação da nação”, “corporificada e perpetuada”. É nesse contexto que a autora se apresentou claramente como uma institucionalista, embora explicita o interesse em compreender o comportamento dos indivíduos e como esse interfere diretamente na conformação das próprias instituições. Em suas análises, Martineau descrevia as instituições e na sequência chamava à cena os indivíduos, retratando seus embates e suas ações face a elas, para ilustrar esse jogo que se retroalimentava continuamente.

Essa preocupação também se assentava na questão da amostragem e é problematizada em vários momentos, como podemos observar na passagem abaixo:

“— Nas maneiras de todas as classes, das mais altas às mais baixas, existem formas de maneiras impostas em ação ou dispensadas em palavras? Existe liberdade bárbara nas baixas, enquanto existe formalidade nas altas cadeias, como recentemente estabelecido nos países? Ou todas elas crescem juntas para aquele período de refinada civilização quando a facilidade foi suplantada de modo idêntico à liberdade do camponês australiano, e a etiqueta da corte de Ava? — Quais são os costumes de homens profissionais da sociedade, do eminente advogado ou médico da metrópole até o barbeiro da vila? As maneiras do grande corpo dos homens profissionais devem indicar muito dos requisitos da sociedade que eles servem. — Assim como, também deve toda circunstância estar conectada com o serviço da sociedade: seu caráter, se servis ou livres, abjetas ou prósperas, compreensivas ou restritas nos seus

usos, deve testemunhar para os desejos e hábitos, e, portanto, para os costumes de uma comunidade, melhor do que a conversação ou conduta de qualquer indivíduo na sociedade o pode fazer. Um viajante que suporta tudo isso na mente dificilmente pode errar. Tudo que ele olhar irá instruí-lo, de um aqueduto a uma tigela de ponche, de uma penitenciária a um aviário, da estrutura de uma universidade à mobília de uma cervejaria ou berçário.” (Martineau, 2021, p. 88)

E:

“O grande segredo da pesquisa sensata dentro de morais e costumes é começar com o estudo das coisas, usando o discurso das pessoas como um comentário sobre elas. Apesar de os fatos buscados pelos viajantes se relacionarem a pessoas, eles podem mais facilmente serem aprendidos das coisas. A eloquência de instituições e registros, nos quais a ação da nação é corporificada e perpetuada, é mais compreensiva e mais fiel do que de qualquer variedade de vozes individuais. A voz de um povo inteiro se eleva no trabalho silencioso de uma instituição; a condição das massas é refletida de uma superfície de um registro. As instituições de uma nação (política, religiosa ou social) colocam em evidência dentro das mãos do observador, como para suas capacidades e desejos, o que o estudo de indivíduos não pôde produzir no curso de um tempo de vida. Os registros de qualquer sociedade, sejam eles quais forem, se destroços arquitetônicos, epitáfios, registros cívicos, músicas nacionais, ou quaisquer outras das milhares de manifestações da mente comum, que podem ser encontrados entre todos os povos, proporcionam mais informações sobre morais em um dia do que uma conversa com indivíduos em um ano. Assim também os costumes devem ser julgados, uma vez que nunca existiu uma sociedade até o momento, nem mesmo um convento ou um assentamento da Morávia, que não incluísse uma variedade de costumes. Indicações gerais devem ser procuradas, ao invés de generalizações sendo enquadradas dos costumes de indivíduos. Em cidades, as reuniões sociais são abundantes? E quais são seus propósitos e caráter? Eles são mais religiosos, políticos ou festivos? Se religiosos, têm mais o caráter de semana da paixão em Roma, ou de um acampamento em Ohio? Se políticos, fazem os povos se encontrarem sobre amplas planícies para adorar o sol do império celestial, como na China; ou em prefeituras, para protestar com seus representantes, como na Inglaterra; ou em lugares secretos, para lançar minas sob os tronos de seus governantes, como na Espanha? Se festivos, são mais como um carnaval italiano, onde todo mundo ri; ou um feriado egípcio, quando todos os olhos ficam solenemente fixados sobre sacerdotes rodopiando? As mulheres estão lá? Em quais proporções e sob quais leis da liberdade? Quais são os divertimentos públicos? Existe uma diferença inteligível entre a ópera em Milão, e o teatro em Paris, e uma tourada em Madri, e uma feira em Leipzig, e uma resenha em São Petesburgo?” (Martineau, 2021, p. 87)

Ou, ainda:

“Ele ouvirá apenas um lado de cada questão se ele vê somente uma classe de pessoas — como o inglês na América, por exemplo, que vai comumente com cartas de introdução de comerciantes em casa para comerciantes em cidades marítimas e ouve nada exceto políticas federais, e não vê nada exceto

maneiras aristocráticas. Eles vêm para casa com noções as quais eles supõem ser indisputáveis sobre o grande banco de questões, o estado das partes, e as relações dos governos gerais e estatais; e com palavras em suas bocas de cujos caracteres censuráveis eles são desconhecedores — sobre as pessoas comuns, o governo do povo, a usurpação dos pobres pelos ricos, e assim por diante. Tal relação parcial é fatal para as observações de um viajante; mas é menos perplexo e doloroso ao tempo do que processos melhores de prosseguir de um conjunto de povos para outros, e ouvir o que todos têm a dizer. Nenhum viajante nos Estados Unidos pode aprender muito do país sem conversar igualmente com fazendeiros e comerciantes, com artesãos e estadistas, com aldeões e plantadores; mas, enquanto cumprindo esse dever, ele ficará tão confuso com a contrariedade de afirmações e convicções, que ele frequentemente fechará seu livro de nota em um estado de ceticismo como se existisse qualquer verdade absoluta brilhando firmemente atrás de toda essa tempestade de opiniões.” (Martineau, 2021, p. 86)

Martineau entendia que a amostra precisava ser representativa da realidade e isso implica dizer variedade e proporção dos informantes com relação à realidade observada. Mas a autora não ignorava o fato de que ouvir visões múltiplas poderia gerar a sensação de uma “tempestade de opiniões”, que não contribuiria para admitir essa complexidade, podendo incorrer no erro de uma busca por desvendar uma suposta “verdade absoluta” que não estaria disponível. Ela acreditava em fragmentos e em verdades (no plural), num esforço coletivo e caleidoscópico de compreender a realidade social sem jamais ignorar sua complexidade ou chegar à conclusão de que esta impede o conhecimento de fato.

Portanto, confrontando as versões múltiplas dadas sobre fatos sem abrir mão de compreender como o próprio posicionamento diverso contribuía para produzir conhecimento e não para negá-lo. Parecia não a incomodar em nada não ter uma conclusão a ser apresentada ou admitir que naquele momento, com os dados levantados e as informações possíveis sobre como analisá-los, não era possível chegar a manter uma opinião fundamentada sobre algo. É como se ela o tempo todo nos alertasse para o fato de que o conhecimento não pode ser alcançado apenas com certezas temporárias (nunca peremptórias), mas que é principalmente fortificado pela consciência das dúvidas e limitações que todos nós sabemos e carregamos.

“Uma boa parte de características compõem a fisionomia de uma nação; e dificilmente qualquer viajante está qualificado para estudá-las todas. O mesmo homem, raramente, é iluminado o suficiente para fazer uma investigação de uma só vez sobre a religião de um povo, dentro de suas noções morais gerais, seu estado doméstico e econômico, sua condição política, e os fatos de seu progresso; — todos os quais são necessários para

um completo entendimento de suas morais e costumes. Poucos têm, então, tentado uma pesquisa dessa extensão. O pior disso é que poucos sonham em empreender o estudo de qualquer característica da sociedade em absoluto. Nós já deveríamos ser ricos, por esse tempo, no conhecimento de nações, se cada viajante inteligente tivesse se esforçado para relatar qualquer um departamento de pesquisa moral, mesmo que limitado, mas, ao invés disso, as observações oferecidas a nós são quase puramente inconstantes. O viajante ouve e nota isto e aquilo e o que as outras pessoas falam. Se três ou quatro concordam em suas afirmações sobre qualquer ponto, ele permanece desconhecedor de uma dúvida, e o assunto é encerrado. Se eles divergem, ele fica perplexo, não sabe em quem acreditar, e decide, provavelmente, de acordo com os seus próprios preconceitos. O caso é quase igualmente ruim, de qualquer jeito.” (Martineau, 2021, p. 85)

Martineau considerava que a posição do pesquisador é importante para se “obter uma visão geral acurada” e aqui existe uma necessidade de desmembramento: o que o pesquisador consegue observar a partir de uma dada posição; onde o pesquisador precisa estar para alcançar uma perspectiva mais ampla e que abarque essa complexidade inerente à realidade social.

“Bondade e simplicidade estão indissolúvelmente unidas. Os maus são os mais sofisticados, em todo o mundo; e os bons os menos. Pode ser tomada como uma regra que as melhores qualidades de um povo, como de um indivíduo, são as mais características — (o que é realmente melhor sendo testado, não pelo preconceito, mas pelo princípio). Ele tem a melhor chance de averiguar essas melhores qualidades com quem as tem em si mesmo; e ele que não as tem pode tão bem pretender dar uma imagem de uma cidade metropolitana ao mostrar um mapa de sua drenagem, quanto relatar de uma nação depois de uma relação com seus serventes e seus esbanjadores. Ficar no mais alto pináculo é a melhor forma de obter uma visão geral acurada, em contemplar uma sociedade tão bem quanto uma cidade.” (Martineau, 2021, p. 68)

Ao se referir ao “observador reflexivo”, a autora alertou para o fato de que não cabe ao pesquisador realizar “censuras” ou julgamentos, no mesmo instante em que reafirmou que o comportamento social é resultado das circunstâncias, não cabendo a condenação de indivíduos em razão de suas escolhas. Sem sombra de dúvidas, esse era um elemento completamente inusitado no momento no qual ela escreveu, na medida em que o argumento de autoridade e de legitimidade reinava absoluto, sem sofrer ameaças questionadoras.

Esses elementos demonstram uma Martineau disposta a utilizar e a conhecer todos os meios para compreender a realidade social e consciente da diferença entre isso e a postura daqueles que ao terem notícias ou contato com uma dada realidade buscam

enquadrá-la, rotulá-la e avaliá-la tomando por base a sua própria concepção de mundo. Tal situação remete a duas questões que abordarei adiante: o *etnocentrismo* e a *comparação*. Sabendo que a autora preferia falar em “contrastes” do que em comparações.

“Seja qual for sua filosofia de caráter individual, o observador reflexivo não pode viajar, com sua mente desperta, sem admitir que não pode existir nenhuma dúvida, exceto que o caráter nacional é formado, ou amplamente influenciado, pelas circunstâncias gigantescas, que, não sendo o produto de nenhuma mente individual, são diretamente atribuíveis ao grande governo moral da raça humana. Toda ação sucessiva de pesquisa ou viagem o impressionará cada vez mais profundamente com essa verdade, a qual, pelo bem de sua própria paz e liberalidade, seria bom que ele devesse levar consigo desde o início. Ele não visitará indivíduos com qualquer amargura da censura por participar em falhas prevalecentes. Ele considerará as virtudes e graças sociais como derramamento de honra sobre todos os que elas ofuscam, do mais alto para o mais baixo; enquanto não está disposto a saciar o desprezo, ou qualquer coisa, exceto uma leve compaixão, por qualquer depravação ou deformidade social que, sendo o claro resultado das circunstâncias, e ela própria uma circunstância, pode ser considerada como certamente destinada a ser remediada, como a sabedoria do associado, como a do homem individual, cresce com seu crescimento, e fortalece com sua força.” (Martineau, 2021, p. 56)

Com o intuito de operacionalizar esse processo “reflexivo”, Martineau afirmava que a “simpatia” é um elemento importante, que pode ser compreendido a partir de duas perspectivas: simpatia no sentido de empatia, não proceder julgamentos e não ter asco de realidades diferentes daquelas com as quais está acostumado; a simpatia no sentido de ser agradável, simpático com o interlocutor, demonstrando interesse, respeito e capacidade de escuta.

“O observador que parte com uma crença mais filosófica não apenas escapa da aflição de ver o pecado em qualquer lugar que ele vê a diferença, e evita o sofrimento de desprezo e alienação da sua espécie, mas, por estar preparado para o que ele testemunha, e consciente das causas, está livre da agitação de estar chocado e alarmado, preserva sua tranquilidade, sua esperança, sua simpatia; e está, então, muito melhor equipado para perceber, entender, relatar as morais e costumes das pessoas que ele visita. Sua mais filosófica crença, derivada de toda justa evidência e justa reflexão, é que cada sentimento de certo e errado do homem, ao invés de ter nascido com ele, cresce nele da influência para a qual ele é sujeitado. Nós vemos que em outros casos (com relação à ciência, à arte, e às aparências da natureza) sentimentos crescem do conhecimento e da experiência; e existe toda evidência de que é também no que diz respeito às morais. Os sentimentos começam muito cedo; e esta é a razão por que eles são supostos nascerem com os homens; mas eles são poucos e imperfeitos na infância, e, no caso

daqueles que são fortemente exercitados em morais, eles vão ampliando e fortalecendo e refinando através da vida” (Martineau, 2021, p. 44)

A *simpatia* seria, então, a porta de entrada para que o viajante chegasse ao “discurso”, o que equivale a dizer que aquela propicia a coleta de dados em profundidade, na medida em que é responsável por não afastar o observado e demonstrar a ele um comportamento não condenatório ou de não repulsa. A relação entre observador e observado deve ser recíproca, não hierárquica, nem etnocêntrica, compreendendo que a entre quem investiga e quem é informante/investigado não existe um pressuposto de distanciamento, de neutralidade ou de imparcialidade, mas de objetividade concreta. É reconhecer que quem investiga também é objeto investigado/informante em tantas outras ocasiões e quanto mais o contato for amistoso, ou, pelo menos, não indisposto e não indiferente, maiores serão as chances de que “discursos” de qualidade/densidade sejam proferidos.

De igual modo, Martineau chamava a atenção para o fato de que a preparação do viajante passa pela necessária compreensão dos “princípios” que regem a sociedade que se busca compreender e sobre a qual se pretende reportar.

“A menos que um viajante interprete pela sua simpatia o que ele vê, ele não pode porém entender mal a maior parte daquilo que vem sob sua observação. Ele não será admitido com liberdade dentro dos aposentos da vida doméstica; o comentário instrutivo sobre todos os fatos da vida (discurso) — será de um caráter fraco e superficial. Pessoas falarão para ele das coisas que elas se importam menos, ao invés de procurar sua simpatia sobre as questões que são mais profundas no coração delas. Ele será entretido com os espetáculos públicos, e informado de fatos históricos e cronológicos; mas ele não será convidado para casamentos e batizados; ele não ouvirá nenhuma história de amor; aborrecimentos domésticos serão guardados como segredos; os idosos não despejarão suas histórias para ele, nem as crianças trarão as tagarelices delas para ele. Esse viajante não estará mais equipado a relatar sobre morais e costumes do que estará para dar um relatório das minas de prata da Sibéria ao caminhar sobre a superfície, e vendo a entrada e o produto.” (Martineau, 2021, p. 63)

Ou:

“Do amplo número de turistas que anualmente navega de nossos portos, não existe provavelmente um que sonharia pretender fazer observações de qualquer assunto de pesquisa física, dos quais ele não entende nem mesmo os princípios. Se, sobre seu retorno do Mediterrâneo, o despreparado viajante fosse questionado sobre a geologia da Córsega, ou as construções públicas de Palermo, ele replicaria: “Oh, eu não posso contar-lhe nada sobre

isso – eu nunca estudei geologia; eu não sei nada sobre arquitetura”. Mas poucos, ou nenhum, fazem a mesma confissão sobre a moral e os costumes da nação. Todo homem parece imaginar que ele pode entender os homens num relance; ele supõe que é suficiente estar entre eles para conhecer o que eles estão fazendo; ele pensa que olhos, ouvidos e memória são suficientes para as morais, embora eles não se qualificariam para observação botânica ou estatística; ele se pronuncia com confiança sobre os méritos e a condição social das nações entre as quais ele viajou; nenhum receio sempre o leva a dizer, “Eu posso dar a você poucas informações gerais sobre as pessoas que eu tenho visto; eu não estudei os princípios morais; eu não sou juiz de costumes nacionais.” (Martineau, 2021, p. 25)

A autora insistiu que a relação horizontalizada e de respeito entre observador e observado condiciona a quantidade e o perfil dos dados coletados, não se podendo, portanto, negligenciá-la.

“Existe o mesmo coração humano em todo lugar; e, se o viajante tiver um bom, ele encontrará, em breve, isso, quaisquer que sejam seus medos em casa de verificar para sua simpatia a partir da diferença de educação, objetos na vida, e companhia. Não existe lugar onde as pessoas não sofram e desfrutem; onde o amor não é o alto festival da vida; onde nascimentos e óbitos não são ocasiões de emoção; onde pais não são orgulhosos de seus garotos; onde mentes pensativas não especulem sobre as duas eternidades; onde, em resumo, não exista amplo terreno sobre os quais quaisquer dois seres humanos possam encontrar e apertar as mãos, se eles têm apenas corações não sofisticados. Se um homem não tem simpatia, não existe ponto do universo (nenhum tão amplo quanto a ponte mamoadiana sobre o poço sem fundo) onde ele possa se encontrar com seu semelhante. Tal pessoa está, de fato, se debatendo no fundo do poço, com apenas as sombras de homens sempre voando sobre ela.” (Martineau, 2021, p. 62)

Do mesmo modo, Martineau associava “simpatia”, que leio como empatia, com “corações”.

“[...] mas um observador de morais e costumes será responsável por decepção de todo turno, se não encontrar seu caminho para corações e mentes. Nada foi cada vez mais verdadeiro do que “como o rosto responde ao rosto na água, assim é o coração do homem”. Para o viajante, existem dois significados nesta sensata fala, ambos dignos da melhor atenção. Significa que a ação do coração encontrará uma ação correspondente, e que a natureza do coração encontrará uma natureza correspondente. Abertura e calor de coração serão cumprimentados com abertura e calor: — esta é uma verdade. Corações, generosos ou egoístas, puros ou brutos, alegres ou tristes, entenderão, e, portanto, é provável que reportarão, apenas como eles: — esta é outra verdade.” (Martineau, 2021, p. 62)

Novamente, a autora afirmava que a diversidade não é prejudicial à pesquisa e consiste na única possibilidade de se compreender realmente a sociedade, mas isso não

implicava dizer que as diferenças poderiam dizer algo a respeito dos demais para além do que o simples fato de que, de um tronco comum, a contingência de condições encontradas foi produzindo morais e costumes distintos, não podem estes serem considerados melhores ou piores ou comparados entre si. O que pode ser feito é analisar como esse processo ocorreu e de que forma ele foi determinado por essas mesmas condições. E, no máximo, a partir de critérios claramente definidos e de uma escala objetivada de morais estabelecer uma *classificação* destes em relação aos princípios estudados e seus efeitos. Implica dizer que objetivaria mapear a posição das morais e costumes observados sem compará-los entre si.

“É o agitador da Nova Inglaterra um bom juiz das morais e costumes do árabe do deserto? Que tipo de veredicto o cigano mais esperto passaria ao monge de La Trappe? O que o camponês escocês pensaria das práticas mágicas do Egito? Ou o soldado russo de um encontro de eleitores nos Estados Unidos? As ideias de certo ou errado nas mentes dessas pessoas não são do tipo ampliado que as capacitaria a julgar pessoas em situações as mais opostas às delas. O verdadeiro filósofo, o digno observador, primeiro contempla na imaginação a área da humanidade, e, então, verifica quais princípios das morais são aplicáveis para todos eles, e julga por esses.” (Martineau, 2021, p. 40)

Daí decorre que o distanciamento é necessário para que se possa fugir do “juízo de valores” e produzir um “juízo por princípios”. Essa definição era muito importante na obra de Martineau e, com base nela, a autora afirma ser contrária a estudos que se baseiam na comparação entre sociedades, sendo que a única comparação possível é da realidade frente a princípios.

“Então, será através de toda a cadeia da observação dos viajantes. Se ele está cheio de simpatia, tudo aquilo que ele vir será instrutivo e os mais importantes assuntos serão os mais claramente revelados. Se ele não é simpático, as mais importantes coisas serão escondidas dele e os símbolos (nos quais cada sociedade abundam) serão apenas formas absurdas ou triviais. O estrangeiro será sensato ao concluir, quando ele vê qualquer coisa seriamente feita, que lhe parece insignificante ou ridícula, que existe mais nisso do que ele percebe, de alguma deficiência de conhecimento ou sentimento de si próprio.” (Martineau, 2021, p. 67)

Interessante que também apresentou o filantropo como uma espécie de analista social, o que não fica muito claro nesse texto. Mas, se voltarmos ao livro que ela

escreveu sobre Howard, que era um pesquisador do sistema penitenciário, teremos uma boa pista sobre o que ela está chamando de filantropo.

Eu entendo que essas questões são centrais no livro *Como observar*, mas outras são tão relevantes quanto e aproveitarei a oportunidade para citá-las. Martineau não se preocupava apenas em desenvolver uma argumentação sobre como observar uma cena, uma relação, um encontro ou uma instituição. Ela falava sobre a preparação para ir a campo como mais importante até mesmo do que os sentidos humanos e se dedicou a esmiuçar de que modo a coleta de dados ocorre, é transcrita, interpretada e produz teoria ao invés de simples *generalização*. Portanto, a autora se preocupou em discutir de que forma deve ocorrer o registro e o tratamento de dados, para quê dali surjam reflexões filosóficas, que ela entendia como sinônimas de reflexões teóricas.

Por fim, a título de encerramento do tópico, Martineau listou e comentou a respeito das instituições que ela considerava serem fundamentais para que o observador tivesse condições de oferecer uma visão coerente acerca da sociedade estudada como um todo. Daqui decorrem ensinamentos que precisam ser enfatizados. Não é possível conhecer algo de modo isolado, sendo preciso ampliar o olhar, circular no ambiente, olhar o mesmo cenário de um outro ponto de vista e, principalmente, perceber as conexões entre o objeto em estudo e as relações nas quais ele está inserido e que sobre ele exercem influência. Tudo está conectado e pode ser observado num plano mais geral. Esse é o *relacionismo* tão marcante na obra da autora.

Martineau então listou as instituições às quais o observador precisa necessariamente ficar atento.

Na Parte I da obra ela dividiu os *requisitos de observação* em *filosóficos, morais* e *mecânicos*. Já na Parte II, *o que observar*, a divisão precisou ser mais detalhada e específica, contemplando cinco tópicos acompanhados de muitos subtópicos. As instituições elencadas foram, na ordem: *religião, noções morais gerais, estado doméstico, ideia de liberdade, progresso* e *discurso*. Por fim, na Parte III, a autora discutiu os *métodos mecânicos*.

2. Sociedade na América

O livro *Sociedade na América* foi o segundo escolhido para ser publicado na Coleção Harriet Martineau. Porém, como se tratava de um livro muito volumoso, com

duas edições disponíveis, uma com 02 e outra com 03 volumes, foi preciso oferecer uma alternativa de apresentação ao público-leitor brasileiro. Desse modo, a opção que adotei foi a publicação do livro em 04 volumes, considerando as Partes nas quais ele é dividido e não as edições originais. Isso porque as 04 partes são distribuídas de modo desproporcional, consistindo em: Política, Economia, Civilização e Religião. Ocorre que cada uma dessas partes foi distribuída de modo diferente na versão original, sendo uma muito volumosa e as outras três praticamente semelhantes quanto a isso. Como, neste capítulo, abordarei apenas os livros já publicados no Brasil, essa disparidade quanto ao espaço dedicado a cada obra também será observada, devido a essas razões e considerando o conteúdo em si, para não deixar de lado questões importantes abordadas pela autora. Consequentemente, o espaço dedicado nesta tese às 02 primeiras partes do *Sociedade na América* também foi desproporcional.

Esse livro consiste na exposição do resultado da pesquisa de campo que Martineau realizou nos Estados Unidos, entre 1834 e 1836. O Volume I – Política foi publicado, no Brasil, em 2022 e corresponde à Parte I do livro original, que é a menor das quatro. O Volume II – Economia se encontra *no prelo*, com previsão de publicação para o final do corrente ano e corresponde à Parte II da obra original, que é a maior das quatro. O nome original da obra era *Theory and practice of society in America*, mas foi alterado pelos editores, para se tornar mais atrativo comercialmente.

2.1. Volume I - Política

O livro Política contempla a “Introdução geral” e se divide em três capítulos: Partidos, *Apparatus* do governo e Morais de política. Os capítulos II e III são separados por seções. Essa Parte foi a responsável por abrir a discussão acerca da teoria e da prática da sociedade nos Estados Unidos.

A parte introdutória traz uma importante discussão metodológica que já foi abordada no Capítulo IV. De agora em diante, tomarei por foco apenas alguns comentários que julgo essenciais acerca do livro Política, quanto ao seu conteúdo.

Não por acaso, Martineau abriu o livro afirmando que James Madison (1751-1836), que presidiu os Estados Unidos entre os anos de 1809 e 1817, havia lhe dito que a experiência norte-americana era útil em realizar coisas que antes eram consideradas impossíveis. Ela chegou a Montpelier em 18 de fevereiro de 1835, onde passou dois dias

na casa dos Madison e pôde entrevistar o ex-presidente em “conversas rápidas” (Martineau, 2022, p. 24). Ele faleceu com 85 anos, um ano e meio depois desse encontro e quando Martineau ainda se encontrava nos Estados Unidos.

Ela citou o *método indutivo* ou *a priori* como característico da forma como a teoria do governo nos Estados Unidos havia sido pensada, considerando não apenas a experiência já existente, que pouco contribuiu para a inovação e aprimoramento da teoria, mas também os “princípios da natureza humana”.

“Até a formação do governo dos Estados Unidos, tinha sido geralmente suposto, e está ainda assim, pela maioria do velho mundo, que uma prudente teoria de governo pode ser construída apenas da experiência do homem em governos; a experiência da humanidade tem sido de despotismos, oligarquias e a mistura dessas com pequenas porções de democracia. Mas a condição essencial da fidelidade do método indutivo é que todos os elementos da experiência devem ser incluídos. Se, neste problema particular, da verdadeira teoria de governo, nós tomamos toda experiência de governo e excluímos toda experiência do homem, exceto em seu estado até agora de governar ou governado, nós nunca iremos alcançar uma conclusão filosófica. A verdadeira aplicação do método indutivo aqui é testar uma teoria de governo deduzida a partir dos princípios da natureza humana, pelos resultados de todos os governos dos quais a humanidade teve experiência. Nenhuma base estreita servirá para tal indução. Tal método de encontrar uma boa teoria de governo foi considerado impossível, até os Estados Unidos “provarem” isso.” (Martineau, 2022, p. 35)

Ou, ainda:

“Os Estados Unidos têm sido úteis, de fato, em prover estas duas coisas, antes consideradas impossíveis; a descoberta de uma verdadeira teoria de governo, pelo raciocínio segundo os princípios da natureza humana, tanto quanto conforme a experiência de governos; e a capacidade da humanidade de se autogovernar.” (Martineau, 2022, p. 36)

Pensando nisso, a autora remeteu à fundação e seus princípios basilares para discutir o estado da arte no qual se encontrava a República norte-americana 50 anos depois. Ao esclarecer quais eram esses princípios, ela se perguntou se a sociedade americana ainda era iluminada por eles ou se a prática da Democracia e dos interesses envolvidos os negou ou ignorou.

“O *rationale* do novo e “impossível” governo é “que todos os homens são criados iguais; que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis; que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade;

que, para assegurar aqueles direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados” (Declaração da Independência). Esta última reconhece, além e acima, o que a precedente admite, **os grandes princípios de direitos imprescritíveis; a igualdade humana na relação para esses; e a obrigação de justiça universal.**” (Martineau, 2022, p. 36) (*grifos meus*)

Esse não é um raciocínio ou uma proposta simplista. Na verdade, não se dispõe a meramente descrever a “teoria do governo” norte-americana, nem muito menos a julgá-la em contraposição ao que acontece no velho mundo. O que Martineau estava se questionando é como, no final das contas, essas instituições foram sendo implementadas e quão próximas elas permaneciam dos princípios orientadores fundacionais. Mais do que isso: existiam instituições que eram contrárias a tais princípios e que se passavam por comuns ao regime democrático norte-americano?

Para a autora, a Democracia não se limitava a um regime democrático, ao tipo de governo ou ao funcionamento das instituições de Estado. A Democracia necessariamente transbordava na sociedade, em todas as suas instituições e no comportamento dos indivíduos, não sendo possível dissociar uma coisa da outra. É sob essa convicção que ela irá percorrer todo o livro até concluir que os Estados Unidos não aplicam aquilo que eles divulgam como sendo o *princípio democrático*. Mas até lá temos um longo caminho a percorrer para destacar alguns de seus argumentos e belas passagens deste livro.

“Se a política de um país for realmente derivada dos princípios fundamentais da natureza e das morais humanas, a economia, os costumes e a religião desse país devem estar designados a harmonizar com esses princípios. O mesmo teste deve ser aplicado para tudo. O direito inalienável de toda a raça humana à vida, à liberdade e à busca da felicidade, deve controlar o econômico, tanto quanto a estrutura política de um povo; e a lei da justiça universal deve regular todas as relações sociais e dirigir toda a administração da religião.” (Martineau, 2022, p. 37)

Além disso, para Martineau, o povo deveria saber que Política é *morais*, ou, nas palavras dela: “A política é moral, em toda a parte do mundo; isto é, política universalmente implica o dever e a felicidade do homem.” ou “assuntos de consideração igual para todos” (Martineau, 2022, p. 37-38). Mas isso não é um problema apenas para os países que são considerados despóticos, pois existem regiões não declaradas assim que agem contra os princípios democráticos. O caso que a autora citou em particular é

o da existência dos “não representados” dentro de Democracias, o que seria um grave contrassenso, na medida que se a política é moral e disso decorre que é universal e igualitária, como é possível que apenas os interesses de algumas partes estivessem nela representados?

“Nessa nação autogovernada, todos estão condenados a ter um igual interesse nos princípios de suas instituições e a serem limitados em igual dever para assistir seus trabalhos. A política lá é um dever universal. Ninguém está isento da obrigação, exceto os não representados; e eles, em teoria, nada são.” (Martineau, 2022, p. 38)

Da mesma forma, ela questionou se a teoria segundo a qual em Democracias “a maioria estará no direito” é atendida ou ignorada, e as implicações para todo o sistema se o último caso for constatado. Afinal, se aqui estamos falando de princípios fundamentais ou fundacionais a serem cumpridos, seria aceitável se estivessem ausentes? Além disso, a autora se questionou como deveriam ser consideradas as instituições com o passar do tempo, já que gerações se sucedem e nem todas olhariam para a situação e a sociedade de igual modo. Por conseguinte, é colocada a questão sobre a flexibilidade das instituições e sua atualização ao longo do tempo para considerar a participação das novas gerações, impedindo assim que elas fossem destruídas por estarem desconectadas com as aspirações e formas escolhidas por indivíduos que não participaram de sua fase fundacional. Martineau se referiu, portanto, à necessidade de formas elásticas as quais toda instituição deveria incorporar para sobreviver ao longo do tempo.

Para desenvolver a sua análise, a autora pensou em três categorias capazes de testar a aplicação dos princípios citados anteriormente. Em primeiro lugar, estudou os partidos políticos. Depois o *apparatus* do governo, contemplando o governo geral, o executivo e os governos estaduais. Por último, ela analisou as morais da política, considerando em sua análise os cargos públicos, os jornais, a apatia na cidadania, a lealdade à lei, o preconceito seccional, a cidadania das pessoas de cor e a não existência política das mulheres.

O primeiro assunto elegido por Martineau para representar a sua chegada aos Estados Unidos foi o do alarmismo de uma crise iminente e da possibilidade de um “despotismo militar” (Martineau, 2022, p. 41). O que se parece muito com a conclusão

a que Tocqueville chegou em seu clássico *Da Democracia na América*. Mas, para a autora, essas notícias não pareciam nada estranhas, muito pelo contrário, eram semelhantes aos relatos que ouvia desde a infância sobre a Democracia norte-americana. Ela relatou que esteve atenta a todo tipo de indícios dessa natureza, já que os avisos eram tão contundentes, mas que logo percebeu não haver qualquer motivo para tanto. Citou, inclusive, que comentou o fato com um político em Washington, tendo ele lhe respondido que os Estados Unidos estavam em crise nos 50 anos anteriores e que estariam nos próximos 50. Tudo isso para dizer que faz parte da Democracia o processo de contestação e a sensação de que mudanças são sempre inevitáveis e rápidas.

Acerca dos partidos políticos, Martineau explicou que era preciso que o estrangeiro entendesse a dinâmica própria no país e compreenda as suas relações constitutivas. E, com muita ironia, a autora afirmou que:

“Nos Estados Unidos, como em outro lugar, existem e sempre existiram, dois partidos na política, que é difícil distinguir no papel, por uma demonstração de seus princípios, mas cujo curso de ação pode, em qualquer caso dado, ser antecipado com bastante confiança. É digno de nota o quão próximo eles coincidem de suas demonstrações positivas de doutrina política, enquanto diferem em quase toda a possível aplicação de seus princípios comuns. A observação próxima e contínua de seus acordos e diferenças é necessária antes de o viajante britânico poder compreender completamente sua relação mútua. Na Inglaterra, as diferenças de partidos são tão amplas – entre aqueles que teriam governado o povo pela conveniência de seus governantes; aqueles que teriam muitos governados, para o bem deles, pelo desejo de poucos; e aqueles que teriam o povo se autogovernando; – o que é, por algum tempo, difícil compreender como deveriam existir diferenças partidárias tão amplas em um país onde o primeiro princípio de governo é que as pessoas estão a se autogovernar. O caso, entretanto, se torna claro com o tempo: e, em meio a metade de século de “crises”, torna-se discernível a mesma ordem e sequência que percorre todo o curso dos interesses humanos.” (Martineau, 2022, p. 42)

É muito interessante essa observação sobre como os partidos existentes, que pouco se distinguiam em termos de doutrina política, não conseguiam convergir em nada quando se tratava da aplicação dos princípios que sustentavam esta. Ela atribuiu esse fato aos interesses em jogo. Não por acaso, ela afirmava que, com relação a isso, só existiam duas possibilidades. De um lado, os aristocratas, que são os pessimistas quanto à Democracia. De outro lado, os democratas, que são os otimistas. Nestes termos, Tocqueville se encontrava no primeiro grupo. E é assim que desde o primeiro

momento em seu livro *Sociedade na América* Martineau localizou a aristocracia como o grupo de pessoas que teme tanto as mudanças, quanto o povo no poder, porque teriam perdas toda vez que isso acontecesse. Consequentemente, seu posicionamento era contrário à liberdade (que não a sua) e a igualdade, sendo caracterizada pelos “homens de aprendizagem”.

Já as pessoas cujo conhecimento foi obtido da vida real, os “homens de talento” e todos aqueles que têm mais a ganhar com a mudança devem ser incluídos no que a autora chamava de “classe democrática”. Um exemplo pode ser encontrado no trecho transcrito a seguir:

“Além disso, incluirá (uma adesão pequena em número, mas inestimável em poder) os homens de talento. É característico do talentoso ser esperançoso e ambicioso. É característico do talentoso romper com os arranjos artificiais de convencionalismo e ver a humanidade na perspectiva verdadeira, em suas gradações de valor inerente ao invés de acidental. O talentoso é, portanto, essencialmente democrático e tem sido sempre assim, quaisquer títulos que suas pessoas bem-dotadas possam ter usado ou sobre quaisquer assuntos elas possam ter exercitado seus dons. Em qualquer extensão que os homens de talento têm sido aristocráticos, eles têm sido assim apesar de seu talento, não em consistência com ele. Os exemplos são tão poucos e seus desvios do princípio democrático tão pequeno, que os homens de talento devem ser considerados como incluídos na classe democrática.” (Martineau, 2022, p. 43)

Para ela, parecia claro que as notícias alarmantes sobre instabilidade, crises e esfacelamento das instituições políticas decorriam do fato de que a “classe democrática” se encontrava no poder desde a fundação dos Estados Unidos e que a “classe aristocrática” buscava desestabilizá-la ou derrubá-la. Essa é a conclusão oferecida por Martineau após constatar que o funcionamento das instituições no país seguia em perfeita conformidade com o esperado.

“Essas classes podem ser distinguidas em outro sentido. A descrição que Jefferson deu dos partidos federal e republicano de 1799 aplica-se para os partidos federal e democrático deste dia e aos partidos federal e democrático de todo tempo e país. “Um”, disse Jefferson, “teme mais a ignorância do povo; o outro, o egoísmo de governantes independentes deles”.” (Martineau, 2022, p. 44)

Assim, independentemente do nome atribuído (e ela ressaltou que é comum que eles se alterem), o importante era identificar a sua composição, suas orientações e escolhas práticas na aplicação do *princípio democrático*. Em seus relatos, Martineau não

identificou uma classe branca degradada e pobre, como ocorria de ser comum no velho mundo, com exceção de umas poucas mulheres, que a autora considera como devendo ser tratada a parte, por não terem poder de fala no sistema tal como instaurado nos Estados Unidos. E não teriam poder de revolucionar esse mesmo sistema, do que decorre que não haveria motivos para o temor de que essa possibilidade ocorresse. Sobre o medo da ignorância, Martineau afirmou que os norte-americanos eram muito bem-informados, mas se fosse considerada a qualidade do conhecimento, o diagnóstico provavelmente seria de que era significativamente inferior à necessidade. O que demonstra uma contradição clara: existia o “mal da ignorância” assim como um “conhecimento real” sendo compartilhado (Martineau, 2022, p. 45-46). Por isso, ela questionou, afinal de contas, a que tipo de ignorância estavam se referindo e, em consequência, a que tipo de conhecimento. Pois, o conhecimento do homem de letras ou aquele retirado dos livros é apenas um dos possíveis, sendo limitado em outros aspectos. Assim como o conhecimento da vida diária, dos problemas e das condições de existência é de outro tipo e limitado de acordo com a sua natureza. Tudo isso para chegar à discussão sobre o *sufragio* e a condição que todos esses indivíduos, sejam de conhecimento “de aprendizagem” ou “real”, têm de decidir sobre o governo que almejam. A transcrição a seguir é longa, mas memorável e, por isso mesmo, precisa ser reproduzida aqui.

“A imprecisão do antagonismo entre as duas partes é por algum tempo desconcertante para o viajante na América; e ele não sabe se será mais espantoso ou divertido para a aparente trivialidade das circunstâncias que despertam as emoções das partes mais fortes. Depois de um tempo, qualquer um sai do mistério e compreende uma causa substancial da dissensão. Desde o dia em que a primeira constituição foi formada, têm existido alarmistas que falam de uma “crise”: e a partir do dia quando a segunda começou suas operações, o alarme, muito naturalmente, tomou seu assunto padrão a partir do fracasso da primeira. O primeiro governo geral chegou a uma posição através da fraqueza. A nação inteira se manteve em ordem até que uma nova fosse formada e começasse a operar. Assim que o perigo acabou e a nação provou, pelo último possível teste, devidamente convencida das vantagens de ordem pública, o partido tímido se assustou com medo de que o governo geral ainda não fosse forte o bastante; e essa tendência, é claro, colocou a parte esperançosa a assistir para que não se tornasse também forte. O pânico e o antagonismo atingiram o ápice em 1799. Uma temerosa colisão de partidos tomou lugar, que terminou no estabelecimento da política esperançosa, que continuou, com poucas interrupções, desde então. O patrocínio executivo foi reduzido, os impostos foram tirados, o povo estava reasssegurado e tudo está, até agora, a salvo. Enquanto os líderes do antigo partido federal se retiraram para seu Essex Junto, e em outro lugar, procurar

pela monarquia, e ansiar pela Inglaterra, o maior número jogou fora seus medos e se juntou ao partido republicano. Existem agora muitos poucos sobrando para professar as políticas dos velhos federalistas. Encontrei-me apenas com dois que abertamente declararam seu desejo por uma monarquia; e não muitos mais que profetizaram uma. Mas ainda existe um partido federal e sempre existirá. É tão inevitável que sempre haverá alguns que temerão a força muito grande dos governos estaduais, pois haverá muitos que terão o mesmo temor sobre o governo geral. Em vez de ver nisso qualquer causa de desânimo, ou mesmo de arrependimento, o observador **imparcial** reconhecerá nessa vigilância mútua a melhor segurança que o caso admite para os governos geral e estadual, preservando sua devida relação de um para com outro. Nenhum governo alguma vez trabalhou ambos bem e indiscutivelmente. Um puro despotismo funciona indiscutivelmente (aparentemente); mas a massa dos seus súditos não permitirá que funcione bem, enquanto tortura suas cabeças desde seus ombros, ou seus proventos a partir de suas mãos. O governo dos Estados Unidos é disputado a cada passo de seu funcionamento: mas a massa do povo declara que funciona bem, enquanto todo homem é sua própria segurança para sua vida e propriedade.” (Martineau, 2022, p. 47) (*grifos meus*)

Martineau associou o partido federal aos aristocratas e monarquistas, enquanto o partido republicano estava associado aos democratas. Para ela, quando os Estados Unidos foram reunidos em uma confederação, em 1776, houve um primeiro momento rumo à Democracia, baseada nos exemplos de outros países que supostamente só mantinham o título de República nos nomes, mas não poderiam ser considerados democráticos. E teria sido a força dos revolucionários a responsável por empurrar o país rumo à sua segunda República em 1789 e à terceira em 1801. Ao cabo ela assevera que é constitutivo da Democracia a existência de crises permanentes, mas não são crises que destroem as instituições, são disputas relacionadas aos tipos de interesses envolvidos, o que causa a turbulência. Além disso, a autora lembra que muitos foram os exemplos, nos momentos iniciais após a Revolução, em que costumes feudais, baseados na hereditariedade, na distinção, no sigilo e na adoção de membros honorários, são trazidos à cena como se fossem compatíveis com a República e se não são expurgados acabam por corroê-la por dentro.

Como a passagem anterior bem mostra, interesses federalistas e republicanos também estavam associados ao papel do governo federal frente aos governos estaduais, principalmente devido ao fato de que a confederação foi se formando aos poucos, com a adesão voluntária de cada uma das repúblicas estaduais ao projeto de União. Contudo, o peso atribuído ao governo geral não era algo pacificado naquele momento e por longa data permaneceu em disputa.

Outro elemento já citado e que, para Martineau, representava bem o partido federal era o recorrente medo das massas e do autogoverno, o que feria sobremaneira o princípio constitucional segundo o qual “a maioria está correta”, como repetidas vezes a autora nos lembra no texto. E esse medo se manifestava de diversos modos, estando completamente alheio da sua incompatibilidade com os princípios republicanos e como a Democracia era pensada apenas para um determinado reduto e contemplando alguns fragmentos da vida social, ignorando-se o restante. Se o *princípio democrático* é um dos fundamentos da Democracia, esse não poderia ser tratado como um grave perigo àquela.

“As expressões de medo variam de acordo com as buscas ou hábitos da mente daqueles que os entretêm: mas todos são inconsistentes com a teoria de que a maioria está certa. Um teme a influência nos conselhos nacionais da “população Tártara” do oeste, observando que os homens retrogradam na civilização quando fracamente estabelecidos em um país fecundo. Mas os representantes dessas regiões serão poucos enquanto estão fracamente estabelecidos, e estarão na minoria quando no erro. Quando esses representantes se tornarem numerosos, conforme um assentamento espesso daquelas regiões, o caráter deles terá cessado de se tornar como um Tártaro e formidável: mesmo supondo que um caráter como Tártaro pudesse coexistir com o comércio do Mississippi. Outro me disse que o Estado tem estado, repetidamente, “sobre uma costa abrigada do vento, e uma falha o explodiu, e adiou o perigo; mas isto não pode durar para sempre”. O fato aqui é verdadeiro; e pareceria levar a uma inferência diretamente contrária. “A falha” é o desejo da maioria, que poderia ser melhor indicado por uma figura de algo mais estável. “A maioria está certa”. Tem até agora preservado a segurança do estado; e isso é o melhor fundamento para supor que continuará a ser uma salvaguarda.” (Martineau, 2022, p. 51)

No exemplo citado anteriormente, ela mostra fragmentos de discursos para demonstrar a diversidade e a complexidade da vida social, confrontando não apenas *princípios* com *discursos*, mas também com as práticas. Outro medo destacado por Martineau diz respeito ao fato de que os ricos sofram sob o governo dos pobres, com a taxação de suas fortunas. Ao que ela contrapôs o fato de que os pobres sofrem com a taxação imposta pelos ricos e que ficaria claro definir qual desses males seria o menor. De igual modo, quando as alegações de que a liberdade e a igualdade trariam uma luta constante entre o pauperismo e a propriedade, a autora alegou que isso não faz sentido no território dos Estados Unidos em que ambas as partes tenderiam a sair ganhando naquele momento. Isso porque não existia uma diferença hereditária entre classes e era

possível superar a pobreza pela quantidade de recursos disponíveis, sem precisar “derrubar os ricos” (Martineau, 2022, p. 53).

Desse modo, ela advogou contra a aristocracia e seus medos do povo, utilizando os argumentos publicizados por essa classe para justificar a necessidade de ampliar em quantidade e em qualidade a educação do povo, para que assim esse pudesse exercer os seus direitos de modo substantivo e consentir de fato com relação ao que é decidido dentro da República. Se faltava promover a educação nos Estados Unidos e a aristocracia tinha medo do povo por sua ignorância, nada mais óbvio do que se essa classe se empenhasse a propagar a educação para a sua própria segurança e para a sobrevivência da Democracia, já que as bases dessa se sustentam na *vontade da maioria*. Assim o destaque para o fato de que a disputa por interesses é diferente de turbulência e a mudança institucional é diferente de convulsão social.

“Em um país, o princípio fundamental de cuja política é que seus “governantes derivam seus justos poderes do consentimento dos governados”, é claro que não pode existir limitação do sufrágio. Por mais que sinceramente alguém possa desejar, ninguém espera isso. Mas não segue que a apreensiva minoria não tenha mais nada além de descontentamento. O esclarecimento da sociedade não apenas permanece uma questão de esperança, mas de realização. Os prudentes falam dos benefícios da educação como uma questão de política, enquanto os filantropos a promovem como uma questão de justiça. A segurança da pessoa e da propriedade segue naturalmente sobre um conhecimento de direitos. Por mais que a aristocracia de riqueza, aprendizado e talento possa diferir entre eles, quanto ao que é o mais valorável tipo de conhecimento, todos concordarão que todo tipo irá fortalecer os laços da sociedade. Nessa direção deve a aristocracia trabalhar para sua própria segurança. Se eles suficientemente provêm os meios de conhecimento para a comunidade, podem liberar seus medos e descansar seguros de que a grande teoria de seu governo suportará qualquer teste; e que “a maioria estará no direito”.” (Martineau, 2022, p. 53)

Todavia, a aristocracia não é o único empecilho no desenvolvimento da Democracia e de suas instituições basilares. E uma das dificuldades que a autora considerou que merecia atenção constante era exatamente o fato de que o processo de implementação de um novo sistema e de mudança institucional requer muita habilidade e paciência. Assim, o aprimoramento institucional pela experiência é algo lento e mais complicado por atender à *vontade da maioria*, requerendo uma dinâmica própria por ser uma novidade. No entanto, Martineau entendia que seria mais fácil se não tivesse a

“imperfeição de conhecimento”. Decorre daí que o povo pode aprender com a prática: errar no início e melhorar com o tempo.

“Aprender pela experiência é um trabalho lento. Por mais seguro que possa ser, é lento; e grande é a fé e a paciência requeridas pelos homens que estão à frente de uma nação sobre um ponto no qual eles sentem que poderiam conduzir, se não tivessem que esperar a vontade da maioria. Embora a maioria esteja correta com relação ao todo da política, dificilmente exista um homem sensível que não possa estar mais no direito do que a maioria no que diz respeito a algum ponto; e nenhuma permissão pode ser tão grande para o perpétuo desencorajamento que a partir de então surge. A maioria eventualmente deseja o melhor; mas, na presente imperfeição de conhecimento, a vontade demora a se exibir; e a demonstração última frequentemente coroa uma série de erros e falhas. A partir desse fato surge a reclamação de muitos federalistas que o partido democrático está apto a adotar suas medidas, depois de injuriar ambas daquelas medidas e dos homens que as estruturaram. Isso é frequentemente verdade: e é verdade que, se o povo teve somente o requisito conhecimento, deveria ter sabiamente aceitado as boas medidas desde o começo, sem qualquer injúria de todo. Mas o conhecimento estava esperando. A próxima melhor coisa que pode acontecer é o que acontece: que o povo aprenda e aja de acordo com o seu aprendizado. Se eles não são sensatos o bastante para adotar uma boa medida no início, não seria nenhuma melhoria da causa que devessem estar muito obstinados a aceitar ao final. O caso prova somente que fora da ignorância entra conhecimento, convicção e ação; e a maioria está, em última análise, no direito. Sempre que existir menos ignorância para começar, existirá menos reclamação, que é infantil o suficiente, seja como uma mera imputação ou como uma realidade.” (Martineau, 2022, p. 53)

Uma grande ironia e aplicação disso pode ser vista no fato de que os republicanos dependiam dos quadros fornecidos pelos federalistas para comporem os seus governos. Isso porque, supostamente, os mais qualificados eram provenientes dessa pequena aristocracia norte-americana, embora com uma perspectiva completamente diferente daquela defendida pela classe que estava a ocupar o poder. A vida em sua complexidade por vezes é pouco coerente e o dilema apresentado na observação era a escolha entre funcionários corruptos e qualificados, de um lado, ou honestos e desqualificados, de outro: “A grande teoria presume que a maioria não apenas deseja as melhores medidas, mas escolhe os melhores homens. Isso está longe de ser verdade na prática. Em nenhum aspecto, talvez, estejam os povos mais atrás de sua teoria do que nesse.” (Martineau, 2022, p. 54).

O que socorre o experimento é o *princípio da retificação*, capaz de melhorar a prática e antever novos problemas a partir da experiência adquirida. A esse respeito a autora citou dois casos: as loterias e a maçonaria. Enquanto a primeira representaria os

jogos de azar e a destruição de alguns indivíduos em razão disso, a segunda seria incompatível com o autogoverno, pois buscaria o poder, por meio da censura e do segredo.

“Assim que o erro é descoberto, é retificado. A retribuição frequentemente chega mais cedo do que poderia ter sido procurada. Embora esteja muito atrasado, o remédio é, em última análise, seguro. Toda facção corrupta rompe, cedo ou tarde, e o caráter é revelado: as pessoas se decepcionam com seus favoritos, escondem sua cabeça ou continuam a mostrar sua face, como podem melhor satisfazer sua conveniência; e imediatamente escolher um homem melhor; ou um que acreditam ser o melhor. Em tais casos, o mal assenta-se na ignorância – um mal temporário; enquanto o princípio de retificação pode trabalhar, para tudo o que podemos ver, eternamente.” (Martineau, 2022, p. 55)

As críticas que Martineau faz ao velho mundo não param por aí. De acordo com ela, é uma prática comum elogiar o homem em abstrato e individualmente, mas “desprezar os homens na massa” (Martineau, 2022, p. 59). E não se pode produzir Democracia desconfiando das massas.

Associado a isso, a autora discutiu a formação dos governos e o fato de que a instituição da União e de uma nova forma de governo, baseada em uma estrutura central, que reunia partes e em períodos de entrada distintos, promovia uma mudança institucional convergente a partir de uma bagagem de costumes, história, vínculos coloniais e preconceitos já existentes que possuíam pouca coisa em comum. Desse modo, ela buscou produzir uma análise institucional: os princípios de governo são corporificados em instituições, que sofrem modificações pelas “circunstâncias precedentes” e não são “invenções completas e repentinas”, mas um produto histórico. Nesse mesmo movimento, Martineau criticou Bentham, que supostamente teria se voluntariado a pensar à distância as melhores instituições e formas de governo para os Estados Unidos, o que, para a autora, seria impossível e indevido.

“É absurdo supor que comunidades, onde amplas diferenças de costumes, preconceitos e maneiras ainda existem, possam ser, ou deveriam ser trazidas para um estado de exata conformidade de instituições. Diversidades não apenas de velhos costumes, mas de clima, produções e genealogia, as proibam; e a razão não requer. Que instituições devam harmonizar com os mesmos primeiros princípios é tudo o que é necessário. Alguns que não iriam tão longe quanto se oferecer para sistematizar por países onde eles não têm colocado seus pés, ainda estão aptos a perguntar o uso de uma ou outra instituição, para a qual os americanos parecem estar irracionalmente

apegados. É uma resposta geral o suficiente que instituições são raramente invenções completas e repentinas. Elas têm usualmente uma origem histórica, mesmo quando renovadas pela revolução. Sua existência prolongada e a ligação dos povos a elas são fortes presunções de terem algum uso. Se seus propósitos podem ser mais bem atingidos de outra forma, elas serão certamente modificadas. Se elas são o resultado do compromisso, serão abolidas, com respeito à invariável lei pela qual a conveniência finalmente sucumbe ao princípio. Que esse será o destino certo das instituições dos Estados Unidos, que nenhuma até agora sonha de tocar e poucos ousam analisar, tem sido claramente previsto, nos últimos quarenta anos, por muitos dos mais retos e capazes homens no país.” (Martineau, 2022, p. 62)

Ao analisar o *apparatus* de governo, Martineau se referiu à Constituição como instrumento principal, além do fato de que essa conformação norte-americana era bastante conhecida na Europa, ainda que algumas questões fossem mal compreendidas. Como exemplo, a autora citou a relação entre o governo geral e os governos estaduais, as competências de ambos e a sua condição de autonomia para com os seus objetivos. Mesmo assim, ela apontou a existência de duas grandes dificuldades que decorreriam não da estrutura formal, mas da prática de implementação: 1) “construir o instrumento”; “fazer a ponte sobre seus horríveis abismos de compromisso” (Martineau, 2022, p. 64). Com uma referência direta aos conhecimentos de ciência política, à necessidade de pensar o trabalho de quem formula a Constituição e a necessidade de perceber que tais problemas são passíveis de superação, Martineau argumentou que debruçar-se sobre textos como *O Federalista* e analisar o caso concreto se constituem em ricas contribuições para o entendimento do caso.

Em todo caso, a autora reforçou o papel do governo geral como o responsável por administrar as diferenças e fazer concessões de toda sorte para que os governos estaduais se mantenham em união, mesmo em face da diversidade de condições, costumes e interesses: “Basta que os governos gerais e estaduais não apenas instaram e estabeleceram reivindicações, mas admitiram um conjunto de proibições sobre si mesmos.” (Martineau, 2022, p. 67). Mas isso não resolveu o problema do desenvolvimento institucional da Democracia numa confederação ao longo do tempo, já que os arranjos são contingenciais e precisariam estar orientados para princípios claros. Um dos que ela mencionou diretamente foi o *princípio da verdade republicana* como capaz de manter coeso o compromisso nas ações que são empreendidas e nas decisões tomadas, tendo em vista a harmonizar os governos estaduais com o governo

central. Isso não implicava apenas o atendimento de questões de caráter positivo para o desenvolvimento do interesse público. O exemplo que Martineau mencionou é como os Estados do norte se associaram de muitas formas aos Estados do sul exatamente para garantir uma certa estabilidade, mesmo em se tratando da instituição escravidão que estava abolida no território daqueles (MARTINEAU, 2022, p. 68).

Todo esse debate estava assentado numa discussão maior sobre o período pós-revolução e a necessidade de busca por mecanismos que garantissem uma certa estabilidade. Já que os fundadores deixaram algumas questões institucionais e operacionais para os seus sucessores solucionarem, não sendo capazes no momento inicial de prever todos os problemas decorrentes da instalação do modelo republicano.

Dois exemplos interessantes são fornecidos pela autora a esse respeito, se considerarmos as contradições e os princípios inerentes a esse sistema, tomando-os como um afastamento do *princípio republicano*. Primeiro, a crítica ao sistema democrático sendo composto por Senado e Câmara de Representação, já que, para ela, o Senado era uma “anomalia” (Martineau, 2022, p. 68). Segundo, a nomeação de juízes vitalícios, não existiria qualquer controle sobre eles, o que os constituiria em “cargos públicos irresponsáveis”, que são incoerentes com uma República. Consequentemente, fez uma crítica direta ao Judiciário, alegando que sua “independência” os torna não republicanos (Martineau, 2022, p. 69). A título de ilustração, vale a pena recortar o trecho sobre o Senado e citá-lo.

“Existiu dificuldade em trazer os Estados grandes e pequenos para dentro da união. Os Estados pequenos não poderiam concordar com tal representação desigual, como deve torná-los responsáveis por serem engolidos pelo maior; enquanto o maior poderia não consentir a ser reduzido a uma igualdade com o menor. O Senado foi estabelecido para proporcionar uma representação estadual igual; enquanto a Casa de Representação proporciona uma justa representação da nação no agregar, de acordo com números. Mas o princípio do governo geral é que governa o povo inteiro como uma nação e não como uma liga de Estados. Em consistência com isso, não deveria haver nenhuma representação estadual em absoluto; e o Senado é uma anomalia. Uma instituição anômala não pode ser muito longeva. Uma segunda câmara, sobre um mais consistente princípio, provavelmente será estabelecida neste lugar, para completar suas funções como uma Corte de Revisão e como uma verificação sobre a precipitação da outra casa, e, se necessário for, sobre as invasões do executivo. Existe, ainda, mais do compromisso envolvido nessa instituição do Senado; como poderia ser esperado, já que não existe nenhum término do compromisso quando o princípio já não existe; ainda existem estadistas que defendem sobre outros fundamentos do que esse de que seu estabelecimento foi necessário para a fundação de algum governo federal em

absoluto. Um observou para mim, “Algumas coisas parecem bem em teoria e falham na prática. Isso não pode ser justificável na teoria; mas funciona bem”. Se essa última sentença é verdadeira, o bem-trabalhar do Senado é apenas um assunto temporário; um acidente. Sua mudança radical se torna meramente uma questão de tempo; e a recente agitação da questão de Instruções parece indicar que o tempo não está muito distante.” (Martineau, 2022, p. 68)

Aproveito a citação anterior para introduzir a discussão sobre a formação da União, que Martineau teceu de modo bastante interessante. A autora questionou o processo de assentimento dos primeiros nove Estados à Constituição em 1788, tendo sido informada de que os meios utilizados não haviam sido justos. Pelo que ela soube, a população, em sua maioria, era contrária ao definido pela “alta autoridade”.

Por ter vivido nos Estados Unidos por dois anos, Martineau alegou ter tido a experiência sobre a “definitiva ascendência do desejo da maioria”, mas que vários “erros não corrigidos” atentavam contra o direito e a própria vontade popular. O exemplo que a autora citou foi o do Senado violando o direito de petição da população, em relação a assuntos que não queria dar visibilidade, como no caso da abolição da escravatura (Martineau, 2022, p. 70-71). Outro exemplo é sobre o despotismo da Casa dos Representantes, com privilégios e com atenção dispensados apenas a alguns membros. Para ela, o Congresso também teria atuado de forma incorreta em duas situações: na questão da escravidão e sobre o território dos Estados. Quanto ao último, como a Inglaterra não conhecia adequadamente o território dos Estados Unidos, a distribuição que realizou teria sido mal-feita. A solução encontrada foi estabelecer que cada Estado integrante ou entrante na União definisse seus próprios limites territoriais e que as sobras fossem realocadas. Nesse caso, do reconhecimento dos Estados e da “entrada para a união”, Martineau alegou que o Congresso teria usurpado os poderes da Suprema Corte e levantou a discussão sobre a “doutrina da Nulificação”.

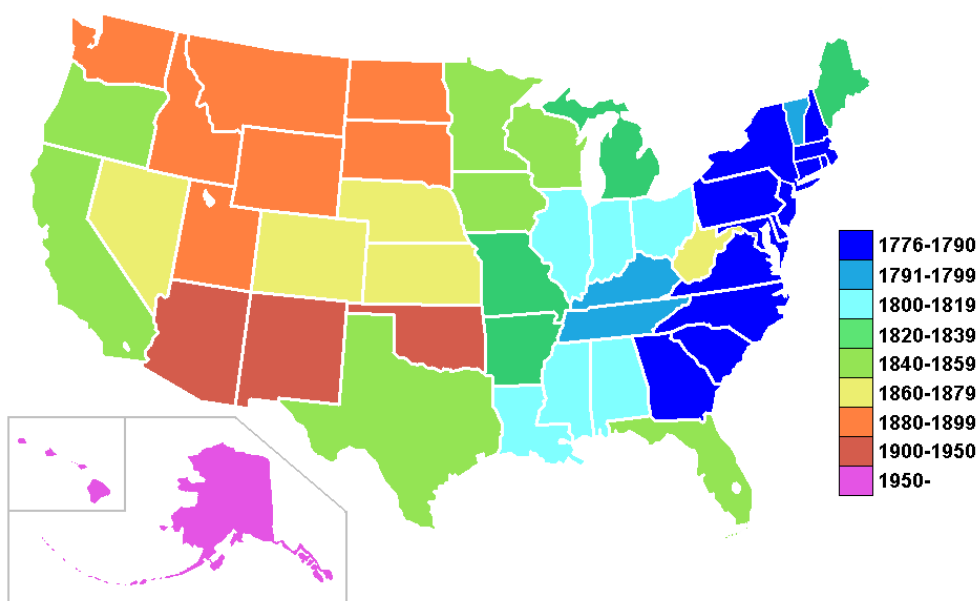
Em diversos momentos a autora falava “até agora está tudo bem”, como se estivesse pontuando acerca das investidas contra a Democracia (que se constitui nesse sistema dinâmico que se atualiza o tempo todo) e a resistência das instituições. Martineau estava falando sobre e para o povo, instruindo-o. Não estava se dirigindo a uma classe apenas, pois falava para a elite com o intuito de convencimento e em alguns casos até mesmo de denúncia, forjando argumentos que poderiam ser usados pelo povo. O caso particular que ela presenciou foi o da admissão de Michigan dentro da

União em julho de 1836, sendo que Martineau esteve no Estado antes e depois do evento.

A esse respeito, é interessante notar o mapa a seguir, de acordo com o intervalo de tempo de entrada ou adesão dos Estados à União. A mesma fonte citada para esse mapa oferece um mapa dinâmico demonstrando a entrada na União por unidade e ano, dando um perfil mais claro sobre essa diferença de tempo e sobre cujas implicações a autora trabalhou em seu texto.

Após desenvolver esse aspecto e demonstrar como vários interesses estavam em jogo com relação ao processo de admissão ou exclusão do compromisso com a União, além da defesa de que alguns artifícios injustos e não constitucionais foram usados para pressionar a submissão de unidades ao todo (com vistas a proceder a uma incorporação que buscasse uma certa homogeneidade na estrutura e na relação com os demais Estados), Martineau se dedicou a estudar o funcionamento do governo geral. É interessante como, ao falar tanto sobre pessoas como quanto a instituições, a autora se referia a determinados aspectos observados como “sintomas de submissão”. Se houve uma grande discussão acerca da criação e da adesão à União, outra discussão se instalou sobre o papel do governo geral e dentro dele a função do Presidente da República.

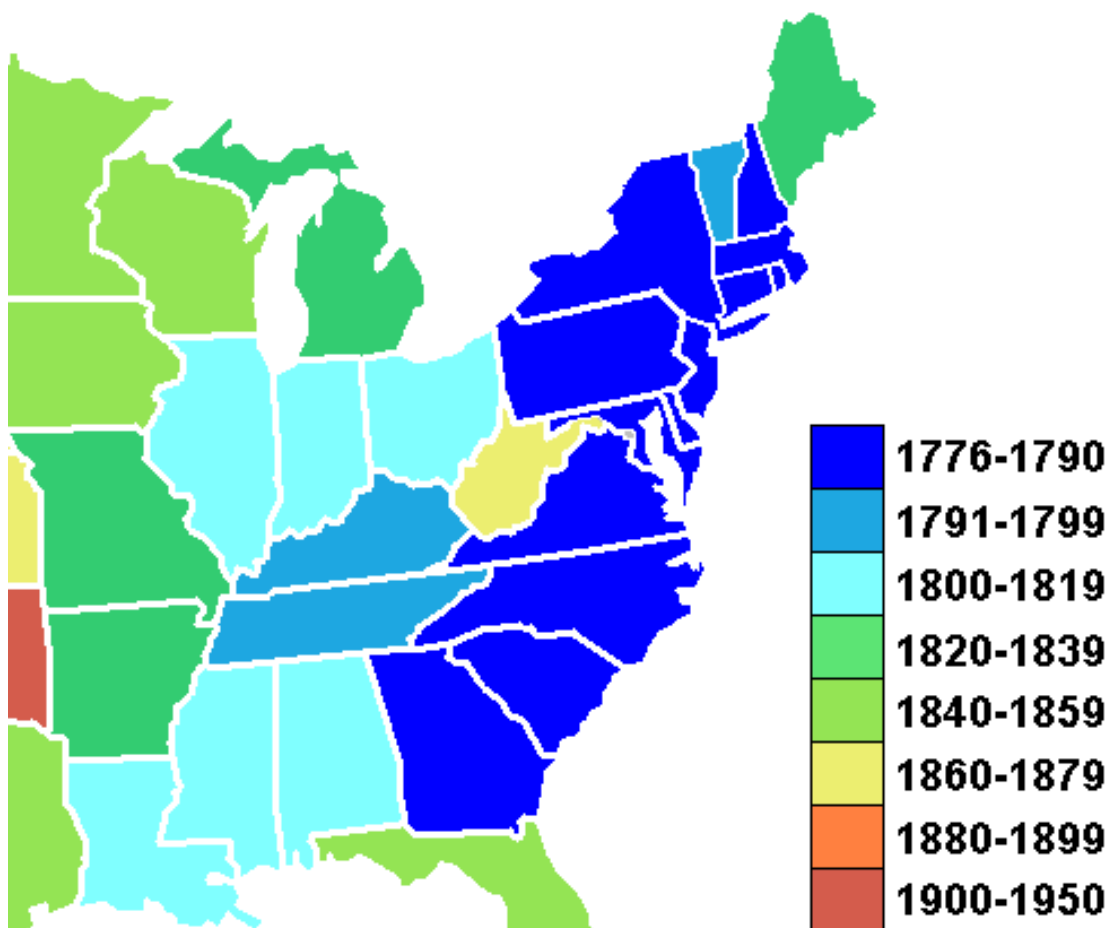
FIGURA 17 – Mapa dos Estados Unidos conforme a adesão dos Estados à União



Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/File:US_states_by_date_of_statehood3.gif#mw-jump-to-license

O que equivale a dizer que Martineau tinha por amostra de Estados da União apenas os que estão representados na próxima figura, uma imagem propositalmente recortada desta, devendo-se desconsiderar apenas os Estados que aparecem em verde claro e amarelo: Flórida, incorporada em 1845, Iowa, Wisconsin, Minnesota e Texas a partir de então. O que implica dizer que eram 25 Estados reunidos até o período da publicação da obra, considerando-se, inclusive, o ano de 1837. Martineau percorreu 22 destes.

FIGURA 18 – Mapa dos Estados Unidos no período da publicação de *Sociedade na América* (1837)



Fonte: Elaborada pela autora

A autora se referiu ao representante do Executivo como “magistrado chefe” e relatou críticas relativas à instituição do cargo. Em dado momento, falou de *princípios*

monárquicos presentes em argumentos dos “altos federalistas” (Martineau, 2022, p. 78). Sobre as características dos Presidentes de uma República, ela asseverou que:

“Difícil como é resistir a impressões no local, conforme tudo o que é dito sobre o poder do executivo e o caráter do Presidente da época, os piores alarmes são ridicularizados pelo evento. Não parece como se o Presidente pudesse trabalhar qualquer efeito permanente sobre a mente e o destino da nação. É de grande consequência para as morais e a prosperidade da temporada, que o magistrado chefe deva ser um homem de princípio, ao invés de conveniência; um franco amigo do povo, ao invés de seu ardiloso adulator; um homem de senso e tempero, ao invés de um intolerante irritado; um homem de negócios, ao invés de um trapalhão. Mas o termo de um Presidente indigno ou incapaz é bastante certo a ser o mais curto; e, se permitido servir seus oito anos, ele pode fazer pouco a não ser que aja, sobre o todo, em concordância com a mente do povo. Se tem algum poder, é porque as pessoas estão com ele: em qualquer caso, ele não pode ser muito destrutivo para seus interesses. Se não prossegue de acordo com o sentimento público, não tem poder. Uma breve revisão do curso dos Presidentes americanos parece mostrar que sua influência diminui dentro de qualquer coisa muito fraca e transitória; sempre excetuando o que a imensurável e incalculável influência que é respirada através das mais remotas gerações, pelo caráter pessoal de indivíduos conspícuos.” (Martineau, 2022, p. 80)

Ainda sobre esse ponto, Martineau citou os Presidentes que ocuparam o cargo até o momento de sua visita, suas características e como isso condicionou o exercício do mandato. Complementarmente, falou pouco sobre a previsão do cargo em si, que nunca foi tido como essencial ou desejado pelos políticos estaduais, os quais viam nessa circunstância um tipo de aprisionamento ou submissão, além de conceder muitos poderes a um único indivíduo. Uma das questões colocadas para a autora nos debates existentes à época era se quem já foi Presidente poderia voltar à vida pública e ocupar cargos mais baixos. Outra era valorizar o Senado, impedindo que senadores se candidatassem a Presidente. Mas Martineau associou esse cargo a um poder capaz de seduzir mais do que o Legislativo. Para ela, a maior preocupação com a cadeira de Presidente dizia respeito ao seu “patrocínio” e à “doação de cargo pelo Executivo”. A autora considerava que isso era fruto de um alarmismo e uma confusão desnecessária, pois poucas seriam realmente as pessoas com “expectativas de cargo”, sendo parte delas realmente honestas, o que diminuiria o dano de modo significativo. E entendia que tal preocupação era benéfica, por induzir uma vigilância sobre o Executivo, mencionando a necessidade de “resistir a impressões no local” e a dificuldade de não se deixar levar por “alarmismos” (Martineau, 2022, p. 79-80).

Sobre a “influência” de um Presidente, Martineau asseverou que essa dependia do apoio do povo e variava em razão dos acontecimentos. Como exemplo, ela citou a fama e a popularidade de Washington, mesmo após a sua morte, alcançando os estrangeiros que atacavam o país, e continuou indicando os seus sucessores considerando a oposição federalistas *versus* republicanos. Seguindo a lista dos que ocuparam o cargo e a qualificação atribuída pela autora:

- George Washington (30/04/1789-04/03/1797, representando a união dos partidos)
- John Adams (04/03/1797-04/03/1801, com o apoio de federalistas e de escravocratas)
- Thomas Jefferson (04/03/1801-04/03/1809, republicano e popular)
- James Madison (04/03/1809-04/03/1817, republicano e ofuscado por Jefferson)
- James Monroe (04/03/1817-04/03/1825, republicano e pouco notório)
- John Quincy Adams (04/03/1825-04/03/1829, republicano e pouco notório)
- Andrew Jackson (04/03/1829-04/03/1837, democrata, um “soldado despótico” e “ídolo do povo”)

Apenas um adendo. Quando Martineau se refere ao republicano, ela quer dizer partido Democrata-Republicano, que disputa com o partido Federalista. O partido Democrata-Republicano mais tarde originará o partido Democrata, que fará oposição ao partido Whig. Essa distinção é necessária, pois depois da metade do século XIX, com Abraham Lincoln, surge um novo partido Republicano, descendente do partido Federalista e do Whig. Portanto, embora o partido do século XVIII-XIX e o do final século XIX-XXI tenham o mesmo nome, eles são opostos quanto à sua origem e aos seus princípios. A autora viveu para ver essa segunda versão, tendo falecido quando os Estados Unidos já se encontravam com seu 18º Presidente.

Dito isso, passarei agora ao debate sobre os governos estaduais. A conclusão a que chegou Martineau é a de que essa divisão de tarefas dentro da União era bastante benéfica e permitia a participação social, no que emenda um elogio aos governos

estaduais e o aponta como o primeiro efeito conservador destes. O segundo efeito dessa natureza é que os problemas são muito mais facilmente resolvidos por governos que estão próximos da população e se interessam por ela. Para ela, a União não seria capaz de fazer isso.

“Os governos estaduais são o poder conservador, possibilitando a vontade da maioria para agir com liberdade e conveniência. Embora a nação seja apenas uma agregação de indivíduos, no que diz respeito ao governo geral, sua divisão em Estados, para a gestão de seus negócios domésticos, impede uma vasta quantidade de confusão e discórdia. Sua vigilância mútua é também uma grande vantagem para seus interesses, ambos dentro de cada Estado e no estrangeiro. Nenhum tirano ou partido tirânico pode permanecer sem vigilância e sem controle. Existe, em cada Estado, um povo pronto para a informação e a reclamação, quando necessário; uma legislatura pronta para deliberação; e um executivo pronto para agir. Muitos Estados, em outros tempos e regiões, têm sido perdidos através da necessidade de criar seus instrumentos quando deveriam ter estado agindo. A organização estadual nunca é gerenciada sem disputa; e faz a inteira diferença no sucesso de resistência à agressão se o necessário aparelho tem de ser criado em pressa e confusão, ou se tudo está em prontidão para executar o desejo da maioria.” (Martineau, 2022, p. 87)

Ou, ainda:

“É divertido olhar para os procedimentos das legislaturas estaduais para qualquer ano. Maine emenda sua lei de difamação, decretando que a prova da verdade deve ser admitida como justificção. Massachusetts decreta uma revisão e consolidação de suas leis e a aniquilação de loterias. Rhode Island melhora suas regulações de quarentena. Connecticut passa um ato para a preservação de campos de milho dos corvos. Vermont decreta a proteção dos mortos nas sepulturas. Nova York proíbe a importação de condenados estrangeiros. New Jersey incorpora uma companhia de laticínio. Pennsylvania mitiga a lei que autoriza o aprisionamento por débito. Maryland autoriza uma pesquisa geológica. Georgia prolonga sua lei do divórcio. Alabama coloca crianças, em certas circunstâncias, sob a proteção da chancelaria. Mississippi decreta um censo. Tennessee interdita churrascos nos bairros de encontros de campo. Ohio regula o cuidado de terras confiscadas. Indiana proíbe uma taxa de juros mais alta do que dez por cento. Missouri autoriza a transmissão dos bens imóveis por mulheres casadas. E assim por diante. Parece difícil imaginar quantos abusos podem alcançar um extremo, ou tardar a cura, onde o desejo da maioria não é apenas rapidamente conhecido, mas onde a divisão de emprego é tão habilmente arranjada que a maioria pode ser confiada a entender o caso sobre o qual estão para decidir.” (Martineau, 2022, p. 89)

Ao abordar o tema, citou o exemplo da *nulificação* ou o movimento dos nulificadores, acompanhado de alguns casos de repercussão. Demonstrou, com isso, bastante conhecimento sobre a causa. São casos nos quais a União viu suas normas

sendo ignoradas e descumpridas por governos estaduais, ao que questionou o direito destes de interpretarem a sua legislação como quisessem. O movimento de *nulificação* consistiu na tentativa de anular leis da União e seria um bom exemplo dos “inimigos ocasionais” (Martineau, 2022, p. 90). Os casos citados foram:

- Geórgia com o apoio do Executivo federal *versus* Cherokees e a Suprema Corte;
- Carolina do Sul *versus* leis de receitas, com iminência de luta armada e guerra civil na defesa da *nulificação*;
- Virgínia e o entendimento de que cada Estado pode interpretar a Constituição Federal de acordo com os seus interesses.

Face a tudo isso, ela asseverou: “A crise da União chegou” (Martineau, 2022, p. 94). Entretanto, na sequência, os governos estaduais aprovaram seus “regimentos” e não incluíram a tese da *nulificação* defendida pela Carolina do Sul, que, de acordo com Martineau, parte dos problemas deste Estado estava associada à “maldição da escravidão”, que lhe trouxe pobreza e depressão. Além disso, ligado a todo o confronto com a União estava o *princípio do livre comércio*. Foi aprovado o Projeto de Lei do Compromisso, comprometendo os Estados contenciosos. De todo o confronto restou o ressentimento e a desconfiança, mas, para a autora, o mais importante foi o povo compreender que o compromisso formal de uma Constituição não é o suficiente: “Enquanto isso, esses eventos provaram para milhares de republicanos o prejuízo de compromisso transmitido em vaga fraseologia, em um tão solene instrumento como uma constituição escrita.” (Martineau, 2022, p. 98).

Assim, a autora relatou o questionamento acerca da relação entre o governo central e o governo dos Estados e como se mediria o poder da União: É no aumento de suas funções? No aumento de sua área de atuação? Ou, ainda, qual o valor da União? Qual a sua utilidade? A partir daí as discussões sobre a separação da União e a “secessão” ganham corpo (Martineau, 2022, p. 89 e 98).

“Mas os exemplos de descuido, de leviandade, sobre a União, são muito raros; e esta é a razão pela qual mais mostras de ligação para com não é feita. As probabilidades da continuação da União são tão esmagadoras que nenhum homem, não em um estado de desilusão, conforme algum forte

preconceito, pode seriamente entreter a ideia de uma dissolução dentro de qualquer período atribuível.” (Martineau, 2022, p. 99)

Já nesse momento, ela informou sobre os riscos de secessão, relacionando isso às ameaças que os proprietários de escravos faziam para resistirem às intervenções da União (Martineau, 2022, p. 99).

“O mero ato de separação não poderia ser realizado. No caso de guerra contra os Estados do norte, seria necessário empregar metade da população branca para cuidar da negra; e da metade restante, nenhum se comprometeria a dizer quantos estão doentes e cansados no coração da escravidão e seriam, portanto, indignos de confiança. Os Estados escravocratas do meio, agora quase prontos para descartar a escravidão, aproveitariam uma oportunidade tão favorável como essa lhes proporcionada pelo perigo da União. Os Estados livres do meio, da Pensilvânia ao Mississipi, tendo tudo a perder pela separação e nada a ganhar, tratariam o primeiro ato evidente como rebelião; procedendo contra ele e punindo-o como tal. O caso é tão palpável quanto escasso para necessitar de uma declaração tão breve quanto esta. O fato que rende tal declaração fazer valer a pena é que a maioria daqueles que ameaçam a dissolução da União, fazem isso a fim de desviar para esse objeto impraticável a irritação que seria de outra forma e que, em pouco tempo, vira-se contra a instituição da escravidão. O olhar do mundo está fixado sobre essa instituição. O mundo está gritando a única questão que não pode ser respondida sobre essa anomalia. Os moradores no sul estariam dispostos a serem inconscientes desse fato horrível. Estariam dispostos a não ouvirem a reverberação desse grito. Estariam dispostos a persuadirem a si mesmos e a outros, que são muito ocupados em afirmar seus direitos e sua dignidade como cidadãos da União, para prestarem atenção ao mundo e além.” (Martineau, 2022, p. 100)

Encerrado o assunto, Martineau passou, então, a expor as Morais da política, no último capítulo do livro, advertindo que, embora sejam conhecidas, pouco se fala a respeito delas. Para tanto, elencou os seguintes temas como referência: cargos públicos, jornais, apatia na cidadania, lealdade à lei, preconceito seccional, cidadania das pessoas de cor e não existência política das mulheres. Somado a isso, com grande ironia e senso de humor, a autora argumentou que falar sobre o “puro despotismo” demandava pouco tempo, mas sobre o autogoverno não.

“Sob um puro despotismo, as morais da política fariam somente um muito curto capítulo. Misericórdia no governante; obediência em seus oficiais, com, talvez, um golpe ocasional de protesto; e pagando impostos no povo, compreenderia o todo. Entre um povo autogovernado, que professa para tomar a igualdade humana por seu grande princípio comum e a regra de ouro para o julgamento político dele, um longo capítulo de muitas seções é requerido.” (Martineau, 2022, p. 103)

Para ela, o grande “princípio comum” do autogoverno é a “igualdade humana”. E os primeiros princípios de sociedade nos Estados Unidos são: “governantes derivam seus justos poderes do consentimento do governado”. É da junção desses dois princípios numa articulação permanente que resulta todo o restante da discussão.

Martineau também falou sobre os cargos públicos e disse ter ouvido o seguinte: todo homem passa algum tempo de sua vida em cargo público e isto é a ruína da sua autonomia moral. Mas a autora entendia que, embora existissem atividades públicas que atingiam a moral dos indivíduos, nem todos eram afetados por isso. Some-se a isso a consideração segundo a qual existem vários tipos de cargos públicos, sendo preciso analisar os homens que buscam/ocupam estes como uma classe (Martineau, 2022, p. 105-106).

“Inicialmente, dificilmente soube como entender as conversações políticas que ouvi em viagem. Se um cidadão contou a outro que A tinha votado de uma maneira particular, o outro invariavelmente começou a explicar o voto. A tinha votado, então, para satisfazer B, porque a influência de B era procurada para o benefício de C, que tinha prometido o fulano de tal ao irmão de A, ou filho, ou sobrinho, ou a seção principal de constituintes. Uma razão para um voto ou outro procedimento público deve sempre ser encontrada; e qualquer razão parecia ser assumida ao invés da óbvia, que um homem vota de acordo com a decisão de sua razão e consciência. Frequentemente mencionei isso para homens em cargo público, ou procurando ser assim; e eles receberam com um sorriso ou um riso que torce meu coração. De todas as coisas que fulminam o coração, o ceticismo político em uma república é um dos mais dolorosos. Conteí ao senhor Clay minhas observações em ambos os tipos. ‘Deixe-os rir!’, gritou ele, com uma cordialidade honrosa: ‘e você continua a requerer honestidade; e você a encontrará’. Ele está correto: mas aqueles que encontrariam a mais alta integridade não tinham começado melhor suas observações sobre os titulares dos cargos públicos, muito menos sobre candidatos aos cargos públicos, como uma classe.” (Martineau, 2022, p. 106)

Martineau não conseguiu participar da festa de 04 de julho, em 1835 e em 1836, mas falou sobre a importância das orações públicas (leia-se discursos públicos), e dos festivais populares. A autora passou, então, a tecer elogios a respeito da beleza natural e do prazer de estar nas florestas norte-americanas. É uma introdução para o assunto do assentamento dos brancos e o conflito permanente com os nativos indígenas nos primórdios da ocupação, mas estes temas estão dispostos na “Seção I – Cargos públicos”. Ela contou a história do primeiro assentamento, Deerfield de 1671, que foi

um campo de batalha entre nativos e brancos (Martineau, 2022, p. 112). Estando no lugar, entendeu que ali não deveria haver um festival, mas apenas um monumento em homenagem às vítimas. Desse modo, criticou, por exemplo, a comemoração do Dia do antepassado, que ela chamou de “contemplação da mera miséria” ou, ainda: “Com esses pensamentos em minha mente, encontrei dificuldade para descobrir a filosofia dessa celebração. Um estrangeiro será perdoado por ser tão lento.” (Martineau, 2022, p. 113). A partir daí, começou a conectar o tema aos cargos públicos: o uso que políticos faziam de tais espaços, geralmente como palanques. Martineau explicitou “o interesse político de alguém” *versus* os “melhores sentimentos do povo” (Martineau, 2022, p. 114). A autora também aproveitou o encontro para observar o papel social e o comportamento dos soldados, diferenciando-os, nessa situação, em “milícia” e explicando que foram raras as vezes em que estando em território norte-americano pôde ver algum (Martineau, 2022, p. 115).

O problema exposto era quando os eventos de oração pública se tornavam discurso político, com o intuito de ocupação de cargos públicos. Em decorrência, falou sobre a falta de qualidade da “oração” feita por um cavalheiro supostamente qualificado, que, segundo ela, subestimou seu público e acabou por produzir sua própria degradação, no primeiro festival popular que ela relatou. Para Martineau, as “orações” não poderiam ser apenas “narrativas” ou “prostituição do sentimento moral” (Martineau, 2022, p. 117). Outro erro seria a “estimativa errada do povo”.

O segundo ocorreu no Dia dos Antepassados, que comemora o “desembarque dos peregrinos a Plymouth Rock”, que a autora elogiou em sua função e efeito para a memória popular e entre gerações. Martineau falou sobre a importância da memória ao descrever o Burial Hill, no qual os peregrinos foram sepultados. No Ofício de Registro, ela contou que os primeiros dados remetiam à Colônia, em 1623, embora o desembarque teria ocorrido em 1620. Além de reviver o passado, o uso do Museu seria informativo sobre o período e as condições dos primeiros moradores (Martineau, 2022, p. 119).

Também nesse momento, Martineau considerou que o orador foi indigno e incapaz de fazer um discurso à altura da ocasião e falou sobre os efeitos que poderiam derivar disso. A autora também analisou essa prática do lisonjeio do povo e advogou que o orador deveria falar a verdade e instruir o povo ao utilizar seu “alto privilégio de

fala”. Para ela, existia uma crença de que os homens não podem ouvir a verdade e isso afasta os “melhores homens” e o “moralmente inferior” assume. Como exemplo, citou o fato de os políticos se verem obrigados a bajularem o povo (Martineau, 2022, p. 122).

“Escrevo mais na esperança do que na expectativa imediata. Vi muito espaço para a esperança, mas muito também para o pesar. Dificilmente qualquer coisa que observei nos Estados Unidos causou-me tanta tristeza quanto a desdenhosa estima do povo entretida por aqueles que estavam curvando os joelhos para serem autorizados a servi-los. Nada pode ser mais repugnante do que o contraste entre os cavalheiros na sala de desenho, à vontade entre amigos, e a mesma pessoa cortejando o povo, numa ocasião pública. O único conforto era uma persuasão interna forte de que as pessoas não gostariam de serem cortejadas assim. Elas têm sido há muito tempo usadas para isso, que o receberam como uma questão de curso; exceto, acredito, se um candidato deve se oferecer, que não deve fazer declarações solenes, a não ser de suas opiniões e suas intenções honestas de realizá-las; se deve respeito ao povo como homens, não como votantes e informá-lo verdadeiramente de suas visões, de sua condição e perspectivas, elas o reconheceriam de uma só vez como seu melhor amigo. Ele poderia, a despeito de perder sua eleição; pelo povo deve ter tempo para recuperar ou para alcançar simplicidade; mas os serviria melhor pela perda de sua eleição, portanto, do que pelo serviço mais longo e mais fiel na vida pública.” (Martineau, 2022, p. 108)

Ou, ainda:

“Estou consciente (tive nada mais do que muita ocasião para observar) como essa prática de lisonjeio ao povo a partir da tribuna é contabilizada para, e, como um assunto de fato, sorriu para os cidadãos dos Estados Unidos. Eu sei que é considerado como um modo, inseparável desde a filosofia de políticas lá. Dissenti dessa visão completamente. Vi que o remédio assenta não totalmente onde remedia para a opressão de leis naturais severas, assenta (em uma nova combinação de circunstâncias externas), mas na vontade individual humana. O povo pode ter oradores honestos se escolhe demandar aos ouvidos a verdade. O povo ouvirá alegremente a verdade, se o orador nomeado colocar de lado medos e desejos egoístas, e usar seu alto privilégio de fala conforme o fundo de sua alma. Se, em simplicidade, entrega para o povo seu verdadeiro e melhor eu, está certo de ganhar as convicções de muitos e as simpatias de todos; e sua alma não sentirá culpa de aprofundar o fosso sob os pés do povo, enquanto tentar persuadi-los de que estão sobre solo firme. O que é para ser dito dos guias que cavam armadilhas?” (Martineau, 2022, p. 122)

Após todos esses parênteses, ela retornou ao que parecia ser central: a ocupação dos cargos públicos. De acordo com ela, a alegação corrente era a de que havia perigos inerentes à ocupação desses cargos: entrar para a vida pública e ter sua vida privada arruinada, por exemplo (Martineau, 2022, p. 123). Asseverou que os ricos teriam grande facilidade em se dedicar à vida pública por não dependerem dela, mas sempre existiria

um risco. Martineau entendia que a transparência era fundamental para diminuir riscos dessa natureza, além de demonstrar que a situação não era simples: se salários baixos atraíam “aventureiros”, os salários altos atraíam a aristocracia. O que seria mais perigoso?

“Mas a parte que cabe a homens honestos é expor o perigo, para a finalidade de que a maioria possa encontrar um remédio; e não para sancioná-la por produzi-la. Deixe a atenção do povo ser atraída em direção aos salários dos cargos, que eles podem descobrir se estão tão inferiores; que é melhor, esses aventureiros de mal caráter devem agora e, então, entrar para o cargo, porque não têm reputação suficiente para obter uma vida por outros meios, ou que homens honestos e inteligentes devam ser mantidos fora, porque os prêmios dos cargos são absortos para os homens mais altamente educados; e se as recompensas do cargo são mantidas baixas pelo partido democrático, para o interesse de colocar o que seus oponentes chamam ‘aventureiros’, ou pelos aristocráticos, com a esperança de cargos sendo absortos pelos homens de fortuna privada. Deixe o verdadeiro estado da causa, de acordo com cada visão dos funcionários dessa, ser apresentado ao povo, ao invés de algum semblante ser dado à terrível prática presente de bajulação e adulação; e os perigos do cargo serão, por alguns meios, diminuídos.” (Martineau, 2022, p. 124)

Martineau não acreditava que o povo norte-americano se gabasse de suas instituições e caráter expressando um patriotismo intolerável. Mas ela identificou na “tribuna” tal exaltação, além de atribuir ao encontro não harmonioso entre nativos e estrangeiros, que impelem os primeiros a se colocarem na defensiva em seus relatos e opiniões (Martineau, 2022, p. 124).

Outro tema caro a Martineau na discussão sobre as morais da política era a existência e o funcionamento dos jornais.

“Lado a lado com os pecadores da tribuna, ficam os pecadores da imprensa escrita. O caso é claro e necessita de pouca observação ou ilustração. A devassidão dos jornais, onde quer que existam, é uma reclamação universal; e de toda a imprensa escrita, nunca ouvi algo de alguém negar que a americana é a pior. É claro, essa depravação sendo tão geral por todo o país, deve ser ocasionada por alguma força opressora de circunstâncias. As causas são várias; e é um testemunho para a força e pureza do sentimento democrático no país, que a república não tenha sido derrubada por seus jornais.

Enquanto a população está tão dispersa como está agora, por toda a grande parte da União, nada é mais fácil do que fazer o povo saber somente um lado de uma questão; poucas coisas são mais fáceis do que mantê-las juntas ao conhecimento de algum assunto particular; e, pior do que tudo, sobre elas podem facilmente serem praticadas a descoberta de que mentiras podem trabalhar o efeito pretendido, antes que a verdade possa alcançá-lo.” (Martineau, 2022, p. 125)

Se a Democracia norte-americana não fosse resistente, não resistiria, portanto, a tantas investidas. O espalhar notícias falsas é apenas mais um desses ataques, comuns em uma República, mas que em territórios tão vastos e pouco ocupados se constituem em um problema difícil de ser resolvido. Para a autora, tão ruim quanto isso seria a omissão da verdade. Num país com dimensões continentais e com baixa aglomeração, esse problema seria potencializado. Mas ela ressaltou que o “caráter moral” dos jornais depende do “gosto moral do povo”, o que implica dizer que a maioria dita o que lhe agrada e o que despreza, enquanto os jornais apenas exploram e estimulam isso. Por essa razão, a autora relatou a reação do povo às omissões dos jornais ou a como abordam determinados assuntos (Martineau, 2022, p. 125-128).

Dito isso, Martineau se dedicou ao terceiro grande tema do capítulo, *a apatia na cidadania*. De acordo com ela, existiria um mito compartilhado na Inglaterra de que o norte-americano vivia envolvido em política: “Na Inglaterra a ideia de um cidadão americano é de um que está sempre falando de política, examinando, se movimentando sobre fazer prosélitos no exterior, enterrado em jornais em casa e apressado para votar nos dias de eleição.” (Martineau, 2022, p. 130). Porém, isso não corresponderia à realidade que a autora encontrou nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que pontuou acerca da importância da participação política em uma república, afirmando que esta é a primeira obrigação na cidadania republicana (Martineau, 2022, p. 131).

Nestes termos, ela explicou o desinteresse de alguns, que poderiam contribuir para os assuntos públicos, e o oportunismo dos que se apropriam indevidamente do espaço público, porque os demais deixaram de participar. Martineau classificou a apatia como pior do que a agitação política e elencou vários motivos que lhe foram citados como justificativa por não votarem (Martineau, 2022, p. 132): Existem outros modos de ação política, pois mesmo não votando influenciam várias pessoas; Eleições são assuntos pessoais e não afetam o povo; É possível servir ao país de outras formas; Pessoas que só se esforçam em ações que produzem ganhos imediatos; Medo de votar (a aristocracia) (Martineau, 2022, p. 130-133). Sobre o último caso, vale o registro a seguir:

“Isso não acontece no país, nem entre a força da população nas cidades: mas entre a débil aristocracia. Não existe, nos Estados Unidos, como conosco, um sistema de intimidação exercida pelos ricos sobre os pobres. No país, não existem senhores de terra e inquilinos à vontade. Nas cidades, os comerciantes não ficam na necessidade do patrocínio do rico. No entanto, votam por cédula e qualquer homem que escolhe pode votar secretamente (e muitos o fazem na ocasião), raramente existe algum que necessite de tal proteção. Mas não existe razão pela qual a pequena nobreza, que pode estar com medo de sentimentos, de se machucarem uns aos outros, não devesse usar seu poder de voto secreto, ao invés de negligenciar o dever de dar seu sufrágio. Se os homens da comunidade educados e com princípios, como são estimados, retrocedem na ociosidade e no silêncio, quando o tempo vem por uma luta por princípios e existe um perigo de desapontar expectativas e ferir sentimentos, seu país tem pouco a agradecer-lhes. Eles são os homens segundo de quem o cumprimento aberto de deveres é procurado; são os homens que deveriam mostrar que a obrigação política está acima de considerações privadas. Se eles não têm a virtude para fazer isso e aguentar as consequências, deixem se aproveitarem dos segredos da caixa da urna eleitoral, que na Inglaterra é desejada para a proteção daqueles cujos arranjos ruins têm feito dependentes do pão sobre os ricos e poderosos. Em todos os eventos, os deixe votar ou estar envergonhados por aceitarem os privilégios da cidadania sem ter cumprido os deveres.” (Martineau, 2022, p. 132)

A discussão sobre a *apatia* lembra o conceito de *interesse mal compreendido* de Tocqueville e a consequente *centralização administrativa*. Todos esses elementos demonstravam que pairava nos Estados Unidos um clima de extrema falta de previsibilidade.

“É sentido e entendido, nos Estados Unidos, que seu futuro próximo em política é indiscernível. Circunstâncias ímpares, inesperadas, determinando o presente, estão perpetuamente aparecendo. Quase todo homem tem suas convicções quanto ao que o estado de relações será, no grosso, um século sendo assim. Dificilmente qualquer homem se aventurará a uma conjectura quanto ao que terá acontecido na próxima primavera. Esta é a própria condição, se o povo pudesse ao menos vê-lo, para o exercício de fé em princípios. Com um futuro sombrio e inconstante e um destino final brilhante e fixo, o que é a verdade, a única sabedoria? Não para bisbilhotar as névoas e bilhetes por aí ou ficar imóvel por medo do que possa ocorrer em seguida no trajeto; mas olhar do portão do Eden atrás para o portão do paraíso a frente e pressionar para o futuro certo. Em sua vida política como em sua vida moral, o homem deveria, na profundidade de sua ignorância e na falibilidade de seu julgamento, lançar-se, em um completo senso de segurança, sobre os princípios; e, então, ele está salvo de estar deprimido pela oposição, ou assustado pela incerteza ou depravado pela responsabilidade.” (Martineau, 2022, p. 134)

No quarto tópico, a autora abordou a lealdade à lei, ou melhor, sobre “eventos de ataque” à lei quando ela estava nos Estados Unidos. Martineau atribuiu à “ignorância” a justificativa de tais atos violentos e pergunta “ignorância de quem?”.

“É público que existe uma notável falha neste departamento de morais políticas entre certos partidos nos Estados Unidos. Os eventos de ataque dos últimos poucos anos são celebrados; os motins de abolição em Nova York e Boston; o incêndio do Convento de Charleston; os motins do banco em Baltimore; o incêndio dos postos de correio em Charleston; os enforcamentos pela lei Lynch em Vicksburgh; um homem de cor queimado vivo em Saint Louis; os subsequentes procedimentos lá em direção aos estudantes do Marion College; e os motins de abolição em Cincinnati. Aqui está uma lista temerosa!

A primeira questão que surge é, quem tem feito essas coisas? Cujas mãos acenderam feixes verdes ao redor de um homem vivo? e amarrado a uma dúzia ou vinte cidadãos sobre a mesma força? e casas incendiadas e destruídas; e enviar uma companhia de freiras trêmulas voando por suas vidas à meia noite? Aqui está a evidência bastante da ignorância – de desespero, ignorância brutal. Ignorância de quem?” (Martineau, 2022, p. 134)

Ao, novamente, contrapor a interpretação que a Europa fazia acerca do que ocorria nos Estados Unidos, a autora explicou que era algo completamente distante da realidade que ela estava observando. E isso diz respeito a duas situações específicas: achar que quem descumpra a lei é o pobre que é por ela oprimido; considerar que a pequena nobreza estava sendo ameaçada pelas classes populares. Para o quê Martineau respondeu que, na Europa, os pobres se revoltam contra a miséria e “uma aristocracia que insulta a humanidade” (Martineau, 2022, p. 135). Nos Estados Unidos, a autora acusou os “cavalheiros” de realizarem os motins e de descumprirem as leis.

“Na Europa, a persuasão instantânea e natural de homens que escutam as notícias é que as classes baixas na América se levantaram contra as altas. Na Europa, desesperada, a ignorância brutal é a maldição mais profunda na vida amaldiçoada do pobre e do servo. Na Europa, o ataque é, geralmente, o surto da miséria exasperada contra as leis que oprimem e uma aristocracia que insulta a humanidade. Os europeus, portanto, naturalmente assumem que a pequena nobreza dos Estados Unidos são os pecados contra e os pobres, em seus distúrbios sociais, os pecadores. Eles tiram conclusões contra o governo popular e supõem provado que o sufrágio universal dissolve a sociedade no caos. Eles imaginam a si mesmos uma rala de esfarrapados, homens trabalhadores desesperados, com tochas em suas mãos; enquanto a pequena nobreza olha com desânimo ou trêmula por dentro de suas casas.

Não é assim. Eu fui informada por cavalheiros, vinte vezes sobre, que o ataque de Boston do último ano foi completamente composto de cavalheiros. O único homem trabalhador nisso foi o carroceiro que salvou a vítima. Eles eram os cavalheiros de Saint Louis que queimaram o homem negro e baniram os estudantes do Marion College. Eles eram os cavalheiros de Cincinnati que

denunciaram os abolicionistas e criaram a perseguição contra eles. Eles eram os magistrados e a pequena nobreza de Vicksburgh que enforcaram viajantes, jogadores e escravos em uma longa fileira. Eles eram os cavalheiros de Charleston que quebraram a entrada do Correio e violaram sua função sagrada, para o insulto e injúrias do país inteiro.” (Martineau, 2022, p. 135)

E, ainda:

“O caso é simples. Não existem pobres para ascender contra as leis opressivas em um país, onde as leis são feitas por todos e onde o pauperismo está deste modo excluído. Não existe classe degradada, sujeita a insultos a partir do mais alto, que pode ser ressentida apenas pelo ultraje. A assunção é falsa, que ignorância e pobreza, conhecimento e riqueza, andam juntas. Ataques para causas europeias e em modos europeus, estão absolutamente impedidos onde os direitos políticos são universais e o poder político igualmente difuso através de todas as classes.” (Martineau, 2022, p. 136)

Não bastasse isso, Martineau também relatou “perseguições mesquinhas” e tentativa de censura à “livre expressão de opinião”. Como na república não existem “leis da mordaca”, alguns grupos se utilizam de pressão coletiva para impedir reuniões e ideias divergentes. E ela indicou a associação de tais pressões como “o prelúdio para a violência”. A autora sempre ressaltou a coerência entre os comportamentos e os princípios que os indivíduos professam. Como ilustrativo disso, ressaltou que, mesmo passando pelo evento da tentativa de linchamento no “Gabinete antiescravidão”, em Boston, não teve notícia correta do ocorrido e foi induzida a erro pelos colegas ao apontarem que ali só havia “cavalheiros” (Martineau, 2022, p. 141).

“É um fato invariável e reconhecido como tal que encontros mantidos para suprir a deficiência de leis da mordaca são o prelúdio para a violência que supre a deficiência de carrascos sob tais leis. Todo encontro realizado para denunciar a opinião é seguido por um ataque. Isso foi tão bem entendido no presente caso, que os abolicionistas foram advertidos de que, se eles se encontrassem de novo publicamente, seriam responsáveis pelos distúrbios que poderiam acontecer. Os abolicionistas suplicaram que isso fosse como tornar o homem rico responsável pelo crime do ladrão que o roubou, sobre o fundamento de que se o homem honesto não fosse rico, o ladrão não teria sido tentado a roubá-lo. Os abolicionistas também perceberam como a liberdade de opinião e de discurso dependiam da sua conduta nessa crise; e resolveram não se render à nenhuma ameaça de violência ilegal; mas para manter seu encontro legal, por conseguinte para a propaganda, para o despacho de sua atividade habitual. Uma notável característica do caso foi que essa responsabilidade pesada repousou sobre as mulheres. Era um encontro de senhoras que estava em questão. Sob consulta, as senhoras concordaram que não deveriam nunca ter procurado o dever perigoso de defender a liberdade de opinião e discurso na última crise; mas, como um tal

serviço parecia manifestamente nomeado a elas, as mulheres estavam prontas.” (Martineau, 2022, p. 138)

Por esse motivo, ela sempre destacou a importância de investigar o ocorrido por diversos ângulos, “de todas as formas de pensar e sentir” (Martineau, 2022, p. 141), e lembrou que tal situação deveria ter chamado muito mais a atenção porque se tratou de “perseguição de opinião”. Martineau usou palavras duras para descrever o evento: turba, motim, ataque. Mas contou com espanto que a recepção sobre o tema diminuiu ao se constatar que “os desordeiros” eram “cavalheiros”.

“A lei, em uma república, é a encarnação da vontade do povo. Enquanto a república está em um estado natural e saudável, não contendo nenhuma anomalia não exibindo vícios grosseiros, a função da lei trabalha facilmente e é entendida e reverenciada. Suas punições se aplicam apenas sobre indivíduos, que têm a oposição da sociedade para rivalizar com a violação do seu desejo e que estão desamparados contra as visitações justas da lei.” (Martineau, 2022, p. 144)

Ou,

“Se existir qualquer anomalia entre as instituições de uma república, a função da lei é certa de ser perturbada, cedo ou tarde: e essa perturbação é, usualmente, o sintoma, pela exibição de qual anomalia é a primeira detectada e, em seguida, curada. Foi assim com a maçonaria. Será assim com a escravidão; e com toda instituição inconsistente com os princípios fundamentais da democracia. O processo é facilmente rastreável. Os interesses mundanos da minoria (de talvez uma única classe) estão amarrados com a anomalia: – da minoria, porque, se a maioria tivesse estado interessada em qualquer instituição antirrepublicana, a república não teria existido. A minoria pode continuar por uma duração de tempo em aparente harmonia com a vontade expressada dos muitos – a lei. Mas o tempo chega quando sua anomalia se choca com a lei. Por exemplo, os comerciantes do norte trocam em produtos que são, como acreditam, criados fora de uma negação de que todos os homens são nascidos livres e iguais, e que os justos poderes de governantes são derivados do consenso dos governados; enquanto os princípios contrários são a raiz que produz a lei. Qual deve ser abandonado quando ambos não podem ser mantidos? Se o interesse pecuniário de comerciantes é incompatível com a liberdade de discurso em concidadãos, qual deve padecer? – O legislador está para decidir a vontade da maioria. Mas toma algum tempo para despertar o desejo da maioria; e até que desperte, o interesse da facção está ativo e domina a lei. A retribuição é certa; o resultado está salvo. Mas enquanto isso os males são tão tremendos que nenhum esforço deveria ser polpado de abrir os olhos da maioria para os insultos oferecidos à sua vontade. Não existe medo de que a vontade da maioria, em última análise, sucumbirá à minoria – a lei harmoniosa para a discordante anomalia: mas, é uma coisa temerosa, enquanto isso, que o corajoso deveria ser oprimido pelo mercenário e oprimido em proporção à sua coragem; que os mestres de escravos negros no sul deveriam ser

autorizados a fazerem escravos brancos no norte; que o poder e a fortuna deveriam ser usados para cegar as pessoas para a natureza e a dignidade da lei, e seduzi-las para uma preferência de força bruta. Esses males são tão tremendos como para fazer o dever de todo cidadão trazer todo infrator da lei, alto ou baixo, para a punição; para eliminar da lista da eleição todo homem que adultera a vontade da maioria; ensinar toda criança o que a lei é e porque deve ser mantida; manter seu olho sobre a tribuna, o tribunal, o bar, o púlpito, a imprensa, o liceu, a escola, que nenhuma falácia, nenhum compromisso com uma anomalia, nenhuma entrega de princípio seja permitida passar sem exposição e sem estigma.” (Martineau, 2022, p. 144)

Desse modo, a autora denunciou que violar a lei em algumas situações é passível de punição, dependendo de quem comete o ato e dos interesses em jogo. Martineau também se questionou sobre o papel da justiça e porque “os desordeiros” não foram processados nessa ocasião, nem pelos abolicionistas, nem pelo ministério público. Ela considerou as respostas obtidas, com as respectivas justificativas, como insatisfatórias, porque se pautavam no argumento de que o resultado não valeria a pena e encorajaria os agressores. Eis a constatação de que a justiça tem lado e defende determinados interesses. Chamou a atenção para o fato de que as informações sobre os eventos não chegam a todas as pessoas da mesma forma e que múltiplas são as interpretações sobre o fato, já que os “cavalheiros” agressores eram a “pequena nobreza”.

Assim, Martineau sempre apresentava fatos específicos, historicamente localizados, como ilustrativos de um tema e depois se perguntava a respeito da “filosofia do caso” (Martineau, 2022, p. 144). Na citação discutida anteriormente, a lei é a encarnação da vontade do povo. A autora alegava que existia uma minoria antirrepublicana que atentava contra a Democracia e as instituições democráticas, mas conseguiam conviver numa “aparente harmonia” com a vontade da maioria. Só que a expressão dessa é a lei e num dado momento a “anomalia” citada entraria em contradição com esta. Em seu entendimento, se a lei não fosse respeitada “tudo estaria em perigo”.

O quinto tema abordado por Martineau dentro desse capítulo é o *preconceito seccional* e, para abordá-lo, contou duas histórias. Na primeira, falou de parlamentares sendo ressarcidos pelo custo com viagens e alegando que deveriam poder cumprir qualquer rota para, inclusive, dissipar qualquer preconceito. Na segunda, contou sobre a concentração geográfica de universidades. Ao cabo, afirmou que o preconceito

regional é uma “loucura individual” e que é pior do que o ódio, sobre o qual ela discorreu longamente no Volume II – Economia.

“Os Membros do Congresso do norte gostam de reverter ao dia quando existia apenas duas universidades, Harvard e Yale, para as quais toda a juventude da União reparava para educação. Os membros do sul amam se vangloriar do aumento de faculdades, de modo que todo Estado estará, em breve, educando sua própria juventude. Os homens do norte perderam os sons doces do reconhecimento que costumavam encontrar seus ouvidos, tão frequentemente quanto os dias passados foram referidos – a grata menção da Nova Inglaterra retrata onde os anos de preparação para a vida ativa foram gastos. Os homens do sul estão mortificados na suposição de que todo intelectual deve sair da Nova Inglaterra. Quando se gabam de que a Virgínia produziu quase todos os seus Presidentes, são atendidos por se gabarem de que a Nova Inglaterra equipou quase todos os mestres de escola, professores e clérigos do país. Enquanto o norte está, ainda, fomentando uma reverência para a União, o sul não perde nenhuma oportunidade de ampliar amorosamente sobre a virtude apaixonada para o estado nativo de alguém.” (Martineau, 2022, p. 147)

Do seu ponto de vista, parecia haver mais ódio nos Estados Unidos entre suas regiões do que entre norte-americanos e ingleses. Uma solução apresentada pela autora era que viagens pelo território seriam capazes de produzir conhecimento suficiente para afastar os preconceitos. Em outras palavras, quem não viaja comete vacilos de toda ordem quanto a esse assunto e segue reproduzindo estereótipos de todo tipo. A viagem aparece novamente como uma oportunidade de se confrontar com o que é diferente, entender várias formas de manifestação social e de adquirir conhecimento.

“Eu deveria ser desculpada se a resposta fosse desfavorável; para esse Preconceito Seccional, levado além do ponto de devida vigilância política, é loucura – loucura infantil. Os eventos provam ser assim. Inimigos políticos mortais se encontram em Washington e rosnam e declamam um ao outro com poderosa ferocidade. Eles se encontram, em algum dia ensolarado, repousando sobre a relva sob a sombra de uma árvore, na casa de campo de um conhecido; se tornam amigos cordiais. Na verdade, eles discutiram a questão das questões, o Sistema Americano e a Nulificação; e até que se tornam amigos cordiais. De novo; um cavalheiro de Boston e sua senhora viajavam pela saúde através do sul e oeste. Eles ouvem abusos de seu Estado e cidade em abundância pela beira da estrada; mas seus corações são tocados pela hospitalidade e simpatia que encontraram sob todo telhado. De novo; o plantador carrega sua família para um local de banho em Rhode Island, para a estação quente: e lá encontra alguns para quem pode abrir seu coração sobre seus problemas domésticos, causados pela escravidão; ele ganha sua simpatia e leva embora sua estima. O ódio seccional, se não uma abstração, é fundado, principalmente, sobre as abstrações, e cede de uma vez quando os partidos são confrontados. Não merece ser chamado de loucura infantil?”

Até o “ódio” não é um termo tão forte para esse preconceito seccional. Muitas vezes na América tenho sido consciente dessa dor e tremor que são sentidos somente na presença do ódio. Eu questiono se a inimizade entre os britânicos e os americanos, na crise mais exasperante da guerra, poderia sempre ter sido mais intensa do que alguma que eu tenha visto piscando nos olhos e ouvido dos lábios de americanos contra concidadãos em seções distantes de seu país. Eu, dificilmente, soube quando rir ou lamentar quando têm me contado que o povo da Nova Inglaterra é todo de mascates ou sacerdotes hipócritas; que o povo do sul é todo de pagãos; e aqueles do oeste todos bárbaros. Mais que isso, até me disseram em Nova York que o povo de Rhode Island era todo de pagãos e o pessoal de Nova Jersey não melhor. Algumas senhoras de Baltimore contaram-me que as senhoras da Philadelphia dizem que nenhuma senhora de Baltimore sabe como colocar um gorro: mas as filadelfianas têm alguma coisa pior do que isso; por isso, não sabem como ser hospitaleiras para estrangeiros. Sem parar para resolver o que é a mais grave dessas cargas mais pesadas, estou ansiosa para dar meu testemunho contra a correção de qualquer um. Eu vi alguns gorros bonitos, a maioria decentemente desgastados, em Baltimore; e eu posso falar confiantemente sobre a hospitalidade da Philadelphia.” (Martineau, 2022, p. 148)

O penúltimo tema abordado no capítulo é *a cidadania das pessoas de cor*. Martineau questionou a desculpa segundo a qual os negros eram considerados de “natureza inferior”, denunciou o preconceito e o racismo capazes de serem combatidos apenas por “mentes mais fortes do que ordinárias”. A autora chamou esse tratamento de perverso dispensado aos negros de “anomalia”. Falou em pouca “aristocracia da natureza” e disse que os “remédios” para as “anomalias” são trazidos pelas mentes não ordinárias. Fez um elogio sem nomear os abolicionistas, falando sobre a sua resistência e o seu esforço incansável, além de mencionar os resultados alcançados. Por exemplo, faculdades que não mais fazem distinção de cor. Somente no último parágrafo nomeou o “Abolicionismo”, com maiúscula e como representante da “Liberdade”.

No último tópico, Martineau discutiu um tema que lhe era muito caro, *a não existência política das mulheres*. A autora argumentou que na Declaração da Independência constava que “os governos derivam seus justos poderes do consentimento dos governados” (Martineau, 2022, p. 157), não sendo possível conciliar a condição política das mulheres com isso. Para demonstrar seu argumento, ela citou vários exemplos relacionados à propriedade, ao casamento, à tributação e aos escravos. Além disso, explicou que o *princípio democrático* não exclui nenhum ser racional, portanto, não era possível considerar democrática a situação política das mulheres.

Para Martineau, era uma obviedade que as mulheres deveriam ter direitos políticos em consonância com os tão defendidos princípios democráticos. E por que não

os possuíam à época? Como cobrar das mulheres que elas fossem obedientes à lei se elas não consentiram para estas? Não existia resposta aceitável para isso e ela alegou que os “escritores democráticos” têm “afundado em falácias” sobre o assunto, se assemelhando a “advogados do despotismo”, o que os tornou “defensores do despotismo”. A autora diretamente criticou Jefferson e James Mill quanto a isso. O argumento do primeiro é de que a mulher levaria promiscuidade aos encontros públicos. O do segundo é o de que as mulheres já teriam seus interesses representados por seus pais, irmãos, maridos e filhos. Também questionou os que argumentavam que a representação não seria compatível com “outros deveres” das mulheres, defendendo que a escolha precisava ser delas. O que, para ela, feria substancialmente o “verdadeiro princípio democrático”.

2.2. Volume II – Economia

O livro *Economia* está no prelo e previsto para ser publicado ainda no corrente ano, sendo produto da tradução da *Parte II* do livro *Sociedade na América*, consistindo no tópico mais volumoso da obra. Quanto a esse, destaquei alguns tópicos, agregando temas e desrespeitando a estrutura da proposta feita pela autora para fornecer um olhar que agregasse concepções e ideias, que, ao contrário do que fiz com relação aos dois livros anteriores, serão colocados em subtópicos.

2.2.1. As origens do mundo

Martineau abriu o livro de Economia falando a respeito do conhecimento acerca da origem da terra e de como os indícios sobre como teria sido esse processo estavam disponíveis na natureza e poderiam ser acessados no Novo Mundo, ainda farto em lugares selvagens. Mas, para a autora, essa oportunidade não estava acessível com frequência ao viajante do Velho Mundo e nem era tão simples assim de ser realizada. Ainda sobre o continente americano, afirmou que essa riqueza de conhecimento não era acessada, a não ser por selvagens (que ela julgava estar em extinção), por colonos ocupados e sórdidos que buscavam enriquecer. Frente a tal constatação, Martineau afirmou que deveriam ir ao Novo Mundo o filósofo, o pintor, o arquiteto e o poeta, denominando-os de “meditativos”. Porém, sobre o mundo natural, afirmou que ao se

deparar com a natureza no Novo Mundo o observador se pega em meio a reflexões, quando, na verdade, deveria estar observando os indícios e os artefatos encontrados.

Essa discussão se encontra no bojo da referência a formação do mundo natural. Na sequência, a autora se dedicou a discutir a formação do mundo convencional, falando sobre os tipos de intervenções na natureza, o perfil do território e a variedade de seus habitantes.

Além do elogio à riqueza natural do território, Martineau expõe a sua preocupação com o fato de que existe também uma riqueza presente na variedade da população, mas que é negligenciada pelos Estados Unidos em razão de preconceitos. De acordo com ela, cada nacionalidade e cada etnia traz consigo características e morais prevaletentes que contribuem para o aprimoramento da sociedade e que precisariam ser exploradas de modo devido.

A autora elegeu os “Solitários” como o primeiro subtópico dessa obra, para remeter a famílias que viviam em partes isoladas no território norte-americano, seja na floresta ou próximo a cavernas. O que chama a atenção sobre o fato de que ela iniciou o livro *Economia* falando sobre os solitários, quando tinha tanto mais a falar sobre o restante: Economia, para ela, era tudo, englobando a reprodução da vida e isso incluía os isolados e como estes se mantinham e produziam para suprir as suas necessidades. Ou seja, adotou o sentido tradicional *oikos*, que será tomado como referência daqui em diante.

Em todo esse tópico, Martineau remeteu a explicações sobre o período pré-histórico, a formação geográfica e os povos anteriores aos indígenas que ela enigmaticamente citou como mais civilizados e de “raça misteriosa”, demonstrando um grande interesse arqueológico e antropológico, além de indicar possíveis leituras e conhecimento prévio a esse respeito, mas sem indicar fontes. O que realmente levanta a dúvida sobre em que medida resulta de uma interpretação e elaboração sua ou não. Esse elemento acompanhará todo o livro ressaltando não apenas os recursos naturais, mas também os diversos povos originários. Sobre períodos históricos distintos e evolução das espécies, a autora divagou acerca das observações e a relação com a melhoria da raça de porcos, por exemplo. Ela não apenas frisou as condições e as características do ambiente natural e social por onde esteve, mas também as consequências de desastres naturais provocados por tornados, furacões e avalanches.

2.2.2. Turismo

Na sequência, abordou a experiência com as Nascentes da Virgínia, como funcionavam no atendimento aos turistas e as oportunidades de socialização que propiciavam, para além dos benefícios à saúde e ao turismo. Neste e no tópico anterior, ela falou sobre os turistas e os viajantes, além da função econômica de quem reside em tais lugares, sua infraestrutura, acesso, como a vida se reproduz e sobre os tratamentos para a saúde em suas fontes. A reclamação de Martineau era de que não havia qualquer registro ou conhecimento científico sendo produzido acerca da relação entre os usos da água, no caso das fontes sulfurosas, e seus efeitos sobre a saúde dos indivíduos. Com isso, lastimou que o conhecimento fosse apenas empírico, fazendo uma clara diferenciação entre os dois. Nesse momento do texto, a autora fez questionamentos sobre os locais turísticos indicados à visita e suas histórias. Por exemplo, quando é atribuído ao Chefe de Justiça Marshall a descoberta do Ninho do Falcão. Quanto ao que ela questionou que a natureza não fica esperando que um homem da sociedade civilizada e que ocupa o posto de Chefe seja indicado para que então um espaço seja “descoberto”. Assim, criticou de modo veemente essa noção de descoberta, que ignora o fato de que antes de se formarem os Estados Unidos existiam os indígenas, que eram os donos deste território, e antes deles os homens “da raça misteriosa”, que ela não chama de primitivos. Além disso, se referiu aos “intrusos brancos”, o que é uma visão bastante progressista para a época, ao considerar a tradicionalmente nomeada “descoberta” de simples “invasão”.

2.2.3. Casas de fazenda

Encerrado este tópico, Martineau passou a falar sobre as casas de fazenda da Nova Inglaterra e seguiu indicando um ponto como exemplo para diversas realidades no território dos Estados Unidos. Questionou a situação de segurança nas casas de fazenda em locais ermos e lembrou que nem sempre foi assim quando “os homens vermelhos” eram considerados uma ameaça constante. A autora trouxe à baila a discussão sobre a vida rural no oeste e no sul, além de trazer os exemplos de Gloucester e Michigan. Tudo para falar sobre os “contrastes”, não a comparação, entre lugares que supostamente seriam semelhantes. Descreveu os tipos de casa, de espaço, de comida e até mesmo o tipo de transporte como uma forma de demonstrar o nível e a prosperidade de cada

lugar. Relatou a existência de livros, bibliotecas e casas-escola. Outro ponto sempre destacado é o da tecnologia e o modo como os indivíduos conviviam e modificavam a natureza. Por exemplo, ao falar da marcenaria e do uso do granito, do modo de escoamento da produção (a elevação por polias e o uso/a administração da pólvora), a construção dos primeiros elevadores e os tipos de moinhos (exemplos: o de maré; de vento; ...). Ela concluiu que a vida rural no sul era “o caso oposto extremo” a tudo o que já havia relatado, sendo que o primeiro ponto que destacou foi a violência. Em meio a tudo isso, a autora relatou em minúcias como foi bem recebida, o que contrasta, para usar seus próprios termos, com a situação na qual saiu do país.

Em todos os momentos Martineau se perguntava sobre as crianças: Estavam lendo? Trabalhando? Qual a sua relação com estranhos e com adultos? Quais responsabilidades lhes eram atribuídas? Existem diferenças entre crianças brancas, negras e indígenas? Quais eram? Dos diálogos e descrições que demonstram a sociabilidade, chama a atenção a relação dela com as crianças, em especial com Charley, num vínculo de admiração e observação/aprendizado com o comportamento, a educação, as limitações e as emoções.

Observando a vida rural, destacou a presença de escravos, em grupos, viajando para o oeste e um retornando para a Carolina do Sul, falando em “mais degradada classe de negros”. Nesse instante, ela fez um contraponto com os negros que são escravizados pelos indígenas. Decorre daí que, para Martineau, mesmo na escravidão existem subtipos e gradações.

As comitivas de emigrantes também são relatadas pela autora. Em vários momentos, ela relatou no livro situações de desigualdade ou de opressão. Numa das situações, Martineau descreveu a chegada de uma família de imigrantes com nove filhos, no lugar onde se grupo estava e os descreveu como um “grupo de desgastados viajantes” (Martineau, 2024, s/p).

De igual modo, ela ficava atenta às manifestações religiosas de toda ordem, frequentava (e relatava) sempre que havia possibilidade. A análise do discurso era uma constante e as falas públicas do clero e de políticos consistiam em um bom exercício quanto a isso.

Sobre a vida rural no sul, a autora lembrou que a educação não era um objetivo ou uma preocupação, já que as mulheres se casavam ainda muito novas e os homens se

ocupavam com terras e com escravos, constituindo-se como “ganhadores de dinheiro” e perseguindo terras desde a juventude.

Ela descreveu que ter como objetivo de vida “ganhar dinheiro” não garantia que os filhos fossem usufruir, por exemplo, de bens simbólicos e de capital cultural, mas, obviamente, Martineau não fez uso destes dois termos. Em sua avaliação, esse fenômeno social e ser socializado dessa forma não era bom, assim como também não era a presença de “elementos cavalheirescos” nas instituições e nas relações sociais.

2.2.4. Escravidão

Na sequência, a autora relatou como os negros eram tratados na sociedade norte-americana. Primeiro ela conta que as senhoras eram as responsáveis por recortarem as roupas para passarem aos escravizados e não aceitavam que as próprias negras o fizessem, alegando que não saberiam fazer isso “economicamente”. Depois, dissertou acerca da sua experiência ao visitar uma senzala.

Martineau citou o horror do encontro com negros escravizados e como essa instituição corrompia a natureza das pessoas que eram submetidas a esse tipo de tortura, que as animalizava. Isso fica bem claro quando ela comparou a situação com a de negros livres e falou de crianças que poderiam se tornar “devagar e estúpidas” devido às condições que lhes eram dadas. Na contramão desse estado de coisas, a autora ofereceu o exemplo de uma velha senhora que transgredia a lei ao educar os escravizados e permitir que eles administrassem a sua fazenda, sem inclusive, a presença de um capataz, que era uma obrigação legal no período. Chamou a atenção para o fato de que não é o escravo que é bruto, mas é tornado bruto em razão das circunstâncias do submetimento. Em sua escrita, ela alternou os usos de “preto” e “negro”, valendo-se da ironia e da crítica, considerando-se o local sobre o qual falava. E não é o oeste que é retratado por Martineau como se fosse um faroeste, mas o sul do país, ao que a autora justificou como sendo um dos resultados perversos da “instituição escravidão”.

Ao falar sobre as senzalas, caracterizou-as como algo entre um refúgio de macacos e a morada de humanos. Pode soar preconceituoso, mas ela não está se referindo à cor da pele e sim ao processo evolutivo e às condições nas quais são submetidas as pessoas escravizadas, resultando em sua animalização.

Contudo, ao introduzir o tema da escravidão, Martineau fez uma espécie de concessão aos que iniciaram tal prática; o que de fato não há como explicar e soa estranho no texto porque ela era contrária à escravidão por diversos motivos, mas, principalmente porque envolve o absurdo de submeter outro ser humano pelo uso da força. Portanto, não fica claro qual o argumento central da sua análise com relação à escravidão em seus primórdios, já que considerava a escravidão algo perverso. Em outro momento do texto a autora alegou que os motivos do surgimento da escravidão estariam relacionados à ausência de mão de obra, mas vale a pena rememorar seus termos:

“Ninguém deve ser culpado pela origem da escravidão. Porque é agora perversa, sob convicção, não segue que foi instituída em perversidade. Esses que a começaram não sabiam o que eles faziam. Foi habilmente demonstrado em outro lugar como a escravidão sempre existiu inevitavelmente e para todas as aparências, em alguma forma ou outra, onde quer que amplas novas extensões de terras fossem apossadas por alguns colonos agrícolas. Deixe ser concedido que a escravidão preta começou inadvertidamente nas ilhas da Índia Ocidental e continuou, por uma necessidade econômica, nas colônias da América do Norte.” (Martineau, 2024, s/p)

Ou:

“Tem sido distintamente mostrado que a escravidão se originou da dificuldade de concentração de mão de obra na vizinhança de capitalistas. Onde as pessoas são poucas em proporção para as terras, elas estão aptas a se dispersarem sobre ela; assim, essa coerção pessoal tem sido suposta necessária, no primeiro exemplo, para assegurar alguma cultura eficiente da terra. Todavia, o perigo e a suposta necessidade estão no passado, em tudo a não ser no mais cru dos Estados escravocratas, o fato antigo deveria ser tão suportado na mente quanto esse que a legislação existente deveria tender a causar a concentração, ao invés da dispersão dos trabalhadores. Qualquer tal tendência será muito ajudada pelas fortes ligações locais para as quais os pretos são notáveis. Não é apenas que escravos temem toda mudança, a partir do desânimo intelectual e moral ao qual são reduzidos; temendo mesmo a remoção de uma plantação para outra, sob o mesmo senhor, a partir da constante apreensão de alguma coisa terrível. Não é somente isso (coisa que, entretanto, lhes tomaria algum tempo para superar), exceto que toda a sua raça mostra um tipo de ligação felina aos lugares aos quais estão acostumados, que serão de excelente serviço para senhores gentis quando o dia da emancipação vier. Para o restante, os arranjos eficientes podem e irão, sem dúvida, ser feitos para prevenir sua peregrinação mais distante do que de um senhor para outro....” (Martineau, 2004, s/p)

Ela caracterizou a escravidão nos Estados do norte como sendo “de um tipo muito suave” (Martineau, 2024, s/p), alegando que ainda persistia em boa parte dos Estados (13 dos 25 à época, frente aos 50 de hoje; e Martineau visitou 22 deles) uma escravidão “geralmente de um caráter muito agravado” (Martineau, 2024, s/p) e ressaltou que onde isso ocorria era em Estados marcados pela produção de “tabaco, arroz, algodão e açúcar” (Martineau, 2024, s/p). Essa referência não é feita de modo fortuito, pois o grande debate feito aqui diz respeito à alegação de que a mão de obra preta e escrava estava associada a um tipo de cultivo e a mão de obra branca e livre a outro. Ou, ainda, que não seria possível ou adequado o uso de mão de obra preta livre na agricultura ou nas fábricas. Isso explicava como Estados com terras férteis estavam contrapostos aos de terras deterioradas, sendo que estes últimos passaram a abastecer os primeiros com mão de obra escrava. Ao mesmo tempo em que Martineau viu um movimento claro de suavização da escravidão e de abolição em alguns lugares, ela informou que o número de negros escravizados aumentava de modo significativo “nos Estados que foram empobrecidos pela escravidão” (Martineau, 2024, s/p). E o método era o da “recria de escravos”, que garantia a receita dos Estados economicamente deprimidos. Dessa forma, a autora comparou a escravidão a um “exército de gafanhotos” que se deslocava no território em razão de suas necessidades e de seus interesses, mas também porque causava a destruição por onde passava. A questão é que não existia uma barreira capaz de contê-la e eliminá-la. Por isso, Martineau via o Texas como uma expressão dessa situação, já que o México tinha abolido a escravidão e acabou perdendo uma parte expressiva do seu território em razão dos interesses escravocratas.

Segundo ela, não fosse isso, a escravidão já não teria para onde correr e estaria fadada ao fim. Mas, além da invasão do Texas, tanto o Missouri quanto o Arkansas ainda admitiam a escravidão. Duas críticas diretas são aqui dirigidas à escravidão, na medida em que Martineau a considerava tanto uma *anomia política*, quanto uma *anomia econômica*. Além disso, resta claro como a pesquisadora avaliava a percepção, o posicionamento e a justificativa dos indivíduos frente à permanência da escravidão no território norte-americano e a própria existência dessa instituição.

Martineau não se referia muito a capitalismo ou capitalistas e aqui ela se referiu à “vizinhança de capitalistas” (MARTINEAU, 2024, s/p). Solta, essa referência é bastante

problemática. Os capitalistas reuniam mão de obra e os demais tiveram que fazer uso da escravidão para conseguir algum empenho eficiente sobre a terra? Como se tal situação estrutural dada tivesse engendrado este resultado. Então, desse ponto de vista, o capitalismo estaria promovendo um bem social ao arrebatar a mão de obra livre em torno de determinados territórios e desestimulando a sua dispersão pelo território. Ela caracterizou a escravidão como uma forma de “coerção pessoal” que é apresentada nestas regiões com uma grande extensão de terras e pouca disposição de mão de obra. E Martineau não entrou nessa discussão, apenas explicitou o argumento, localizando-o no passado e passando adiante. Principalmente ao alegar que não procedia a afirmação de que era necessário o estabelecimento de leis para garantir a concentração de mão de obra, cabendo o recurso a “arranjos eficientes” para que não ocorresse uma grande migração. Por fim, com todas as letras, afirmou não ser possível qualquer justificativa para manter ou prorrogar a escravidão.

Além disso, a autora ressaltou que os negros não eram naturalmente degradados, sendo que a escravidão os violentava e degradava. Outro ponto inaceitável para ela era que um ser humano fosse considerado uma “propriedade” de outro ser humano. Sobre a abolição, Martineau explicou que o Estado poderia manter baixo o valor das terras para que os ex escravizados pudessem ser assentados e considerasse o interesse deles pela permanência no lugar. Segue-se o elogio à capacidade dos escravos e o fato de que nem tudo poderia ser dito por ela, já que colocaria em risco a segurança dos escravos, principalmente daqueles que possivelmente estariam a planejar a sua própria fuga. Aliás, ela prometeu manter o silêncio em razão disso, mesmo afirmando que estava “familiarizada” com esses “métodos”, mas pautou a discussão acerca dos impactos da fuga de escravos.

A animalização das pessoas e sua sujeição não traria um desenvolvimento moral. Muito pelo contrário. Por isso, ela propositalmente comparou as pessoas que foram submetidas a esse “sistema” e escravizadas, as quais são julgadas pelas alegações da opinião pública, com indivíduos que ela nomeou criticamente como “cavalheiros”, que fazem a recria de escravos, incluindo os seus próprios filhos (por serem mestiços não são considerados assim, mas geneticamente o são) sem serem julgados por essa mesma opinião pública como “carentes de afetividade natural”. O que, para ela, é uma grande ironia que sujeitos chamados “cavalheiros”, tidos como civilizados, são os que cometem

tais barbáries. Martineau citou casos os quais demonstram que as mulheres negras eram exploradas sexualmente. Ela sai em defesa das mulheres negras, ressaltando que julgá-las em condições distintas e desumanas não é adequado, pois o que elas fazem é heroico frente à realidade que lhes é imposta.

Ao final, ela mencionou o exemplo de que não era permitido promover a educação das(os) escravizadas(os) pelos métodos tradicionais e uma alternativa que lhe apresentaram a esse obstáculo foi o exercício do “trabalho de empreitada” (MARTINEAU, 2024, s/p). Não fica claro afinal se se tratava de um trabalho extra ou se era uma forma de executar as tarefas de modo coletivo. Também não resta claro porque ela o nomeou como um “método de educação”. Afinal, seria o ensino ou a instrução de quê, para quê e para quem? Mas ela não ignorou o fato de que esse “arranjo” poderia dar uma sobrevida à escravidão, por diminuir os atritos e melhorar as condições de trabalho, ao mesmo tempo em que estimularia o desejo pelo trabalho.

Martineau tomou a abolição como certa, mas também explicitou seu incômodo sobre o que ocorreria acaso o sistema escravocrata não terminasse. A esse respeito, indicou que a *guerra de secessão* seria uma das consequências. A saída ou o retorno à União era de fato uma das preocupações de Martineau, mas também que alguma indenização fosse realizada pela União em benefício do Estado que sofresse prejuízos em razão da libertação dos escravizados.

2.2.5. Ódio:

Por isso, ao mesmo tempo em que destacou que se tratava de um “lugar para se tornar rico”, também correspondia a um “estado de sociedade temeroso” (MARTINEAU, 2024, s/p). Quebra, com isso, o mito de que em um assentamento novo, haveria “vantagens materiais” (s/p) associadas a boas morais. O que a autora ressalta é que ao destacar a escravidão como uma instituição estrutural neste tipo de assentamento, ela está fornecendo o que denominou “caso extremo” para analisar a relação entre estes e a moral prevalecente. Se, por um lado, ela destacou a comum e constante violência presente no território, por outro ela identificou uma hospitalidade exacerbada, que ela caracterizou como sendo um “alívio” (MARTINEAU, 2024, s/p), característicos de sociedades jovens.

O que Martineau indicou é uma outra forma de banalidade do mal, onde uma sociedade extremamente agressiva, que naturalizou a violência como se fosse uma característica sua, é também tão amigável com relação aos estrangeiros. E alertou para o fato de que identificar essa relação pode ser difícil para o observador, que tende a ser induzido a erro e se torna cego para o estado real da sociedade. Como disse Gilberto Freyre, em muitas passagens da obra de Martineau nos perguntamos o quanto as considerações que ela fez a respeito dos Estados Unidos se assemelham à realidade brasileira e podem contribuir para compreender esta. Uma das alegações que considero mais fortes e apropriada a análise de nossa própria realidade é que a justiça deve ser buscada antes da generosidade, já que esta última sempre envolve uma espécie de dívida. Isso se aplica tão bem à sociedade escravocrata norte-americana como à sociedade brasileira escravocrata ou a moderna, tanto em suas relações de trabalho quanto em sua forma de lidar com a pobreza e a miséria. Essa sociedade que se preocupa em ser alegre e agradável, ao invés de encarar a sua realidade de opressões, violências e injustiças. Daí ela fazer a referência a famílias e sociedades vivendo em um estado de sociedade “falso e oco” (MARTINEAU, 2024, s/p).

Além disso, Martineau destacou o quanto essa aparência de uma sociedade alegre e gentil camufla o verdadeiro estado de coisas e pode ludibriar o observador. Cabe, assim, realizar a análise dos fatos coletados com o devido distanciamento, para que essa cegueira temporária não contamine a avaliação que está sendo feita. Ressaltou, portanto, a importância do distanciamento, físico e temporal, para a análise dos fatos e de seu estado de coisas, não podendo ser realizado no período em que as observações iam ocorrendo.

E se referiu às coisas sempre como elas estão, não como elas são, por isso a referência ao “estado” e nunca à natureza das coisas. O primeiro exemplo dessa “generosidade” que tenta substituir/esconder/compensar a injustiça pode ser observado no caso que ela descreveu na passagem abaixo, que apesar de extensa, é completa no trato da questão.

“Na senzala de uma plantação por aqui, vi um pobre miserável que tinha fugido três vezes e sido capturado. Na última vez, ele foi encontrado nos bosques, com ambas as pernas congeladas até acima dos joelhos, de modo a renderizar necessária a amputação. Passei por ele quando estava sentado sobre o degrau da porta de sua cabana e ansiava vê-lo respirar pela última

vez. Mas ele é um jovem homem, provável de arrastar sua existência desamparada e sem esperança por muitos aborrecidos anos. Temo contar o resto; mas, às vezes, tais coisas devem ser contadas para mostrar ao que, uma passagem de crueldade diabólica, pode trazer o espírito humano, por meramente testemunhar o exercício do poder irresponsável sobre o indefeso. Dei as próprias palavras da falante, pressupondo que não é americana pelo nascimento ou educação, nem mesmo inglesa.

O senhor e a senhora desse pobre escravo, com seus filhos, sempre o trataram, e a seus companheiros escravos, muito gentilmente. Ele não fez reclamação deles. Não era de sua crueldade que tentava escapar. Sua fuga era, portanto, um mistério para a pessoa a quem tenho aludido. Ela recapitulou todas as roupas que tinham sido dadas a ele; e todas as indulgências e perdões por sua ingratidão em fugir de um tal mestre, com o qual tinha sido abençoado. Ela me contou que tinha aconselhado seu senhor e senhora a lhe recusarem roupas, quando ele rasgou as suas velhas, tentando fazer seu caminho através dos bosques; mas seu senhor tinha sido muito gentil e tinha, de novo, coberto sua nudez. Ela se virou sobre mim e me perguntou o que poderia fazer o miserável ingrato fugindo uma terceira vez de um tal senhor?

“Ele desejava ser livre.”

“Livre! De um tal senhor!”

“De qualquer senhor.”

“O vilão! Fui a ele quando teve suas pernas cortadas e lhe disse, sirva-se do seu direito...”

“Quê! Quando você soube que ele não poderia fugir nunca mais?”

“Sim, isso eu fiz; disse-lhe, você miserável! Mas, por interesse do seu senhor estou alegre que isso tenha acontecido a você. Você merece isso que você fez. Se eu fosse seu senhor, deixaria você morrer; não daria nenhuma ajuda ou cuidado. Sirva-se do seu direito; é apenas o que você merece. É adequado que pudesse acontecer a você...!”

“Você não fez – você não ousou insultar tanto a miserável criatura!” Eu chorei.

“Oh, quem sabe”, replicou ela, “mas que o Senhor possa abençoar uma palavra de graça na estação!”

Alguns leitores podem conceber isso como sendo uma aberração da idiotice. Não foi assim. Essa pessoa é perspicaz e sensível nos padrões onde direitos e deveres não estão em questão. Desses ela está, como parece, profundamente ignorante; em um estado de escuridão superinduzida; mas o caráter dela é esse de um inteligente e, com alguns, uma mulher profundamente religiosa. Felizmente, ela não tem escravos: pelo menos, ninguém negro.”. (MARTINEAU, 2004, s/p)

Se trata de uma passagem longa, com três parágrafos e um diálogo, mas eu não poderia deixar de reproduzi-la. Primeiro, porque se trata de uma pessoa comum, uma espécie de governanta, uma parente ou mesmo uma escrava. Dela só sabemos duas coisas: que era do sexo feminino e que não era norte-americana nem inglesa. E é essa pessoa comum, que “é perspicaz e sensível” (s/p) em determinados padrões “inteligente” (s/p) e “profundamente religiosa” (s/p), mas uma completa ignorante em relação a direitos e deveres. A entrevistada defendeu os escravocratas afirmando que são “generosos” e acusa/ataca a vítima, ignorando por completo toda a ordem de

injustiças nas quais a situação está inserida. De igual modo, a sociedade brasileira, por exemplo, ao julgar/abordar a violência doméstica e os casos de estupro e de violência contra crianças. Criticou a crença de que ser generoso é mais importante do que ser justo.

Ao falar sobre a sociedade em Detroit, afirmou que existia uma parcela “inferior” ainda muito “infantil” e que a “sociedade esclarecida” era semelhante à das outras localidades nos Estados Unidos. Citou como exemplo o fato de que um “cavalheiro” teria interrompido o seu grupo de leitura para afirmar que “Lynching era a única forma de tratar os abolicionistas” (s/p). Chama a atenção ela estar falando sobre Detroit, por estar no norte. O que demonstra claramente que a realidade não pode ser tomada como homogênea, nem ao norte, nem ao sul, mas considerando o que era predominante, como ela própria fazia. Esse é o momento em que ela explicou o que significava o termo “Lynching” para os seus leitores ingleses.

Martineau relatou que apesar de haver uma repulsa pior do que ódio na relação dos detentores para com os seus escravos, chegando a afirmar que “ódio” não era uma palavra forte o suficiente para descrever este sentimento, por outro lado, indicou eufemismos que eram usados nos Estados do sul para não se referirem ao termo “escravos”, o que configurava mais uma hipocrisia ou um disfarce que poderia acabar engando os observadores. E algumas considerações sobre o ódio social e suas demonstrações foram realizadas por ela, indicando um tipo de caracterização que debatemos ainda contemporaneamente. Como Martineau é bastante contemporânea ao analisar diversos fenômenos ou esses problemas são velhos demais e seguem sendo apresentados como se fossem “atuais”. Aqui ela descreveu o ódio generalizado de uma elite pelas(os) escravas(os). Para ela, o ódio era apenas mais um “sinal dos tempos”, que é justificado pela “necessidade de afeição natural” (MARTINEAU, 2024, s/p) das pessoas de cor, referindo-se a uma carência, não a uma vontade. Esses fatos foram apresentados como presentes em alegações feitas a ela, mas refutou a ideia de “natureza”, embora entendesse que fatos assim eram conhecidos, pois remetiam a uma degradação moral promovida pela própria escravidão.

2.2.6. Indígenas:

Em seu percurso na região, ela se deparou e se demonstrou admirada com a presença de muitos indígenas e “suas atividades singularmente majestosas” (s/p), mas também como “vizinhos escuros” (s/p) dos habitantes de Detroit. Martineau descreveu os territórios indígenas pelos quais passou. Por exemplo, o Potowatomie (MARTINEAU, 2024, s/p), relatando sobre os modos e as vestimentas dos indígenas com os quais encontrou. Claramente considerava a complexidade presente no território e nas etnias que ali viviam, além das relações entre brancos, indígenas e negros, bem como se atentava à variedade de relações entre as próprias etnias indígenas, tanto de cooperação quanto de conflito. Registrou a presença de indígenas indicando a sua linhagem e etnia (Choctaws, Creeks, Potowatomies, Winnebagoes, Cumanches, Mohawk, Kiskiminites, ...) e a destruição que os assolava e a “guerra feroz” que estava a ocorrer na vizinhança.

Relatou também em diversas passagens como os indígenas eram solícitos e ajudavam os brancos. Outra questão destacada por Martineau que ainda diz respeito aos indígenas: serem embebedados para brigarem e divertirem os colonos ou viciá-los com bebida; a referência a compras realizadas entre colonos e eles de grandes propriedades por um traje ou uma espingarda. Reclamou a falta de estrutura e de condições de conforto, para o quê relatou ser também “muito selvagem” (MARTINEAU, 2024, s/p). Num dado momento da exposição, Martineau relatou os conflitos entre indígenas e posseiros, porque estes últimos teimavam em invadir as terras dos primeiros.

O interesse e a curiosidade pelos indígenas não era apenas de Martineau, mas de todo o seu grupo. Em diversas passagens ela descreveu os indígenas como desamparados, esqueléticos, em condições ruins, quanto ao que chama de conforto. Ao mesmo tempo, defendia os indígenas frente aos colonos e ao Estado, além de entender a importância deles na preservação do meio ambiente, referindo-se a eles como portadores de boas características.

Não apenas abordou a violência física contra os indígenas, mas também a simbólica, tendo abordado a imposição de crenças e julgado como algo ruim, sem justificar sua postura ou desenvolver o assunto. Tudo isso contribuiu para afastar a hipótese de que mantivesse uma postura colonialista. Sua independência moral se destacava mesmo nos momentos de grande satisfação pessoal com pessoas e com as

situações encontradas, mantendo-se crítica e atenta às implicações para indígenas ou negros.

2.2.7. Capitalismo e formas alternativas de ver o mundo:

É interessante como ela aborda o capitalismo em algumas passagens e eu não poderia deixar de transcrever o trecho aqui:

“No café da manhã de hoje, os morangos da pradaria eram tão grandes, doces e maduros, que estávamos inclinados por mais no curso do dia. Muitas das crianças dos colonos estavam dispersas próximo ao lado da estrada, com seus cestos, colhendo morangos; eles não venderiam algum: não sabiam o que a mãe deles diria se fossem para casa sem quaisquer frutas para o pai. Mas, foi lhes dito, poderiam pegar o suficiente para o pai também, se nos vendessem o que já tinham coletado. Não; eles não queriam vender. Nosso condutor, observou que dinheiro “não era problema para eles”. Eu comecei a pensar que tínhamos, no mínimo, chegado ao fim do mundo; ou, talvez, ao começar de outro e de um melhor.”. (MARTINEAU, 2004, s/p)

E nessa reflexão ela fala sobre um tipo de relação que ignora o dinheiro como um elemento de desejo. As ironias de Martineau são muito interessantes e muito bem construídas, o que torna o texto leve e prazeroso. Outro exemplo ocorre quando ela citou o “milho indígena” e me parece ser a primeira passagem na qual citou o termo “capitalista” nesta Parte II, o que demonstra que a referência ao capitalismo não é central no texto de Martineau. Ele aparece como uma prática, uma visão de mundo. Por outro lado, ela ressaltou a importância de um cultivo racional da terra para servir às necessidades da vida, que chamou de “economia rural sábia”.

“Foi divertido ouvir os enaltecimentos ao milho (milho indígena) no meio dos mais ricos distritos de algodão, arroz e tabaco. O indígena olha com espanto silencioso sobre o colono, que se torna visivelmente um capitalista em nove meses, no mesmo local onde o homem vermelho tem permanecido igualmente pobre, toda a sua vida. Em fevereiro, ambos estão igualmente nus de tudo, exceto terras, e uns poucos utensílios. Pelo final do próximo novembro, o colono branco tem sua colheita de milho; mais valorada para ele do que ouro e prata. Ele adquirirá muitas coisas que não poderia. Um homem que tem milho pode ter qualquer coisa. Pode semear sua terra com ele; e, para o restante, qualquer coisa que coma milho, de escravo a pintinho. Ainda, no meio de tantos enaltecimentos ao milho, descobri que esse custa um dólar um alqueire; que todas as pessoas estavam reclamando das despesas de vida; que, tão longe do carneiro ser desprezado, como temos visto contar, era muito desejado, mas não para ser tido; e que o leite era uma grande raridade.

Em viagem, dois de nós, pedimos por uma caneca de leite. Cada um teve um muito pequeno copo cheio e fomos cobrados um quarto de dólar. A cultura de terras é tão exclusivamente para produtos exportáveis quanto nas Índias Ocidentais, nos piores dias da sua escravidão; quando comida e, até mesmo, tijolos para construção eram importados da Inglaterra. A total ausência de economia rural sábia, sob o sistema atual, abre grande esperança de melhoria futura. As plantações abandonadas não estão tão exauridas de suas fontes quanto é suposto que devam ser por produzir o algodão pequeno. Os campos desertos podem até serem vistos, algum dia, de novo fecundos em algodão, com campos de milho, pastagem e gado (não humano), florescendo em locais apropriados.” (MARTINEAU, 2024, s/p)

Ela se referiu ao capitalismo enquanto “o presente sistema (se tal pode ser chamado)”, portanto, de modo nada elogioso, ao que complementa que o tratamento conferido a ele para ricos, classes médias e pobres é totalmente desigual e descreve a situação dos pobres como de “desespero” e se referiu às classes como estando em guerra. Para ela, “os poderosos” se apresentavam sempre como “destinados a oprimir”. Contudo, mesmo num livro sobre economia, Martineau faz poucas referências ao capitalismo ou aos capitalistas.

2.2.8. Propriedades em comum e princípio da cooperação entre Shakers e Rappites:

Além da observação de propriedades privadas, Martineau também se dedicou a observar as “propriedades em comum” e citou como exemplo a experiência dos Shakers e dos Rappites. Porém, fez uma ferrenha crítica à obrigação do celibato, que ela considerava fruto da ignorância e da superstição, chega a falar em “maldade de seus arranjos morais”.

Ao falar sobre os Shakers, ela ressaltou o quão prósperos eles eram em termos materiais, mas o quão limitados intelectualmente. A preocupação de Martineau era de afastar a justificativa de que a prosperidade decorreria do celibato e relatou que existia: fartura e qualidade tanto das suas condições quanto do que produzem para o comércio; trabalho moderado e ausência de ganância por dinheiro como motor do seu comportamento; riqueza, mas não desfrutavam do que ela considerava prazeres intelectuais; despesas pequenas e produção maior devido ao *sistema cooperativo*, ao qual fez um enorme elogio pelas propriedades comuns e o *princípio cooperativo*, comparando a simples cooperação com um projeto mais amplo e orientado, tendo em

vista os resultados proveitosos de tal tipo de empreendimento. Complementarmente, afirmou que no velho mundo essa era a grande discussão do momento. Não sabemos ao certo quando ela escreveu este trecho, mas deve ter sido no intervalo de 1834 a 1837. Nesse período, a Europa estava discutindo o socialismo utópico. Conde de Saint-Simon (1760-1825) já havia morrido, mas os santisimonianos estavam na ativa divulgando a sua concepção de sociedade; Robert Owen (1771-1858) e Charles Fourier (1772-1837), além do anarquista Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) estavam vivos e publicando sobre o tema. Flora Tristan (1803-1840) ainda não havia publicado *União dos operários*. Karl Marx (1818-1883) ainda era um jovem de 19 anos nesse período. Além disso, apenas em 1848 teremos notícias do primeiro empreendimento coletivo de produção: a Cooperativa de Rochdale.

Ela não apenas pontuou esse embate principiológico como destacou a necessidade de um “experimento” para verificar sua condição nesta disputa de ideias. Ao contrapô-lo ao caso dos Estados Unidos, que ela considerou ter alcançado um inequívoco resultado material (ainda que embalado por “um muito baixo princípio”), Martineau afirmou ser possível encontrar “um demasiado mais alto” que pudesse atender às necessidades complexas da sociedade inglesa. Em consequência, ela não afastou o *princípio da propriedade comum* e muito menos ignorou os seus resultados. A crítica de Martineau estava centrada na motivação ou na justificativa do celibato nestas experiências, que resumiu em um parágrafo reflexivo e elogioso sobre o princípio em geral e as experiências dos Shakers e dos Rappites.

A autora abordou o sistema cooperativo utilizado por um grupo específico, envolvendo perspectivas religiosas, mas, mesmo assim, não o ignorou por peculiaridades destas, mantendo sempre uma nítida distinção entre o que uma coisa é e como ela se apresenta. Embora não entendesse que tais experiências atentassem contra o sistema, mas que demonstravam possibilidades de mudar o estado de coisas apesar do sistema. Assim como Flora Tristan, embora por outra perspectiva, é preciso trazer Martineau para o debate sobre Economia Solidária e cooperativismo e citá-las a partir das ideias e das observações realizadas por elas na primeira metade do século XIX.

Os Shakers descendem de um braço dos Quakers (Inglaterra) e dos Camisards (França), que embebidos em um comunitarismo religioso seguiram para os Estados Unidos com o intuito de formarem uma sociedade utópica. Feito os elogios ao seu

espírito de comunhão, Martineau descreveu o que chamou de “superstição”, mas carregou nas tintas ao descrever as mulheres como “repugnantes”, demonstrando claramente o seu incômodo pessoal com o comportamento institucionalizado que, segundo ela, desestimulava o conhecimento, o cultivo intelectual e exercícios físicos. Resta claro o incômodo dela ao ver mulheres em uma condição tão inferior e ela as compara com a “mais baixa ordem de escravos”. Neste caso, é possível sentir o incômodo de Martineau e um *juízo de valor* que se apresenta em tom de revolta.

Já os Rappites formaram a *Harmony Society*, após terem emigrado da Alemanha para os Estados Unidos e também tinham a presença da cultura do celibato, com poucos casamentos, porém, de modo menos categórico do que entre os Shakers. Martineau visitou o terceiro assentamento dos Harmonistas (um de veio anabatista), que já havia se instalado em Harmony (vendido para menonitas), depois de New Harmony (que foi vendida em 1825 para Robert Owen), e só posteriormente se estabelecerem em Economy. Eles começaram com lavouras de subsistência e passaram a investir em manufaturas, elementos que foram ressaltados por Martineau. Além de produzir eles beneficiavam a matéria-prima com métodos que criavam produtos de qualidade e valorados no mercado. Embora tenha tecido inúmeros elogios à capacidade de trabalho e de organização dos Rappites, ela novamente realçou a situação das mulheres.

A dominação pelo tipo de rotina, crenças e singularidade com a dificuldade de adaptação é uma explicação dada por Martineau. Mas ela entende que em ambos os casos isso ocorria devido ao cultivo da “ vaidade ” na percepção que eles tinham em relação ao restante do mundo. E o “ditador” se apropriava dessa fragilidade para concentrar em suas mãos o poder e o conhecimento que os demais não possuíam.

E foi no bojo de tais críticas que Martineau citou Owen, como alguém criticado em Economy. Ao mesmo tempo, ela relatou a existência de separatistas seduzidos por “um vigarista” (Conde Leon) e elogiou o *princípio da comunidade comum*. Para ela, esses grupos são *sui generis* quanto à condição de serem simultaneamente proprietários e trabalhadores.

2.2.9. Terras e agricultura

Martineau mencionava que o grande orgulho norte-americano era a riqueza de terras e o interesse em adquirir mais. Inclusive, citou a aquisição da Louisiana e da Flórida, mencionando a “provável” aquisição do Texas associando-a a esse espírito expansionista. E explicou que tanto os federalistas quanto os democratas concordavam a este respeito, mas associava os primeiros ao comércio e à manufatura, enquanto os últimos e as “instituições democráticas” à agricultura. O que parece estranho, já que o mais provável seria uma associação entre a agricultura abrigando formas conservadoras e o comércio formas modernas.

De acordo com ela, nos Estados Unidos, todos os males têm respostas associadas a terras. E ela explica isso a partir de quatro razões: ter sido colonizado por um país velho; ter a independência como um valor importante; não conhecer de Economia Política, que ela diz produzir “adversidade social”; o novo mundo é o celeiro do velho. As terras por si só não eram capazes de gerar riqueza ou mesmo de manter uma família fazendo com que os filhos se deslocassem para empregos urbanos com o intuito de pagarem as hipotecas das propriedades, os empréstimos ou suprir o resultado de colheitas ruins. Porém, informou que em um dado momento, não bastava que as filhas fossem para as manufaturas, pois as fábricas já haviam se instalado. Acabou por desenvolver uma diferenciação entre o impacto da manufatura e o da fábrica. Considerou o perfil atrelado à contratação das filhas dos proprietários como elemento de caracterização. Mas não ficou claro aqui o impacto de uma ou de outra, mesmo porque a questão em pauta era a agricultura.

Ao falar sobre o potencial agrícola, e a verificação dessa capacidade para uma dada localidade, ela remetia a vários fatores, incluindo o endividamento, as necessidades sociais e de representação de *status* que são criadas, mas também às habilidades de imigrantes. Neste caso, ela destaca o papel dos germânicos, onde até mesmo as mulheres trabalhavam no campo, o que era uma rara exceção nos Estados Unidos. Assim, são essas perspectivas morais que, em última análise, definirão se é viável ou não uma dada atividade econômica rural.

Mas ela está colocando em pauta o sonho/delírio com terras e o que ela chama de declínio da agricultura e, em contraponto, os interesses do comércio, chamando para o debate a relação dessa crise com a existência e a manutenção da escravidão. Ao

mesmo tempo em que elogia a mão de obra livre e as qualificações dos imigrantes, ela critica de modo veemente o uso de mão de obra escrava. Disso concluiu que o fim da escravidão é uma questão de tempo e que todo o investimento em melhorias e em infraestrutura acabam abalando ainda mais o sistema escravocrata.

Ainda sobre a relação entre a agricultura e a escravidão, a autora citou algumas situações específicas. Por exemplo, o fato de o Estado da Virgínia ter a sua economia atrelada à “recria de escravos como estoque para o mercado do sul” (MARTINEAU, 2024, s/p). *Estoque* era uma palavra usada para se referir ao gado e também aos escravizados. Essa dependência de uma atividade que classificou como “ruinosa” empobrecia o Estado e travava a sua economia. Como contraponto ela de novo relatou o uso da mão de obra livre no campo e citou a experiência de negros trabalhando em fábricas, mas não informou se livres ou como escravizados.

Ressaltou como a infraestrutura modificava estas posturas. No caso, o exemplo é do comércio externo e sua relação com bons portos. Na mesma toada, criticou a falta de técnicas melhores para não desgastar o solo e levá-lo à esterilidade e à inutilização. Técnicas apenas tradicionais sem descanso e sem renovação esgotavam as terras e a mão de obra negra escravizada também era um entrave a essa modernização. Por outro lado, as próprias propriedades mantinham ali um equipamento inicial para o beneficiamento do produto. O exemplo dado por Martineau é quanto ao algodão, que já na própria fazenda passava pelo descaroçador e pela prensa, agregando valor ao produto final.

Mas cada tipo de cultura agrícola tem sua lógica de produção, sua cadeia produtiva e especificidades. Enquanto para o algodão esta era a situação, o mesmo não ocorreria com a cultura do arroz, que para ela permanecia como uma incógnita. Como a agricultura abarca uma infinidade de possíveis atividades produtivas, Martineau estabeleceu uma separação por “distritos”, assim ela se refere a “distritos de lavoura”, “distritos de algodão, arroz e tabaco” e, do outro lado, os “pântanos de arroz”. Não sei informar se esse uso era comum à época no território pesquisado.

Martineau explicou que nos primeiros plantios a produção cobria os custos, pagava as terras e a mão de obra escrava adquirida. Mas existia um limite para acessar terras novas e férteis, por isso era preciso pensar outras formas de produção que impedissem que o declínio já observado gravemente em alguns Estados e culturas

agrícolas também acometesse os novos territórios. Isso também permitiria pensar uma lógica de produção diversificada na qual as unidades produtivas teriam condições de se autoproverem.

Ao que promovesse isso ela nominou de “ato de melhoria”. Em Charleston, ela deu o exemplo de um proprietário de moinho de arroz, que pensava e reaproveitava cada sobra do processo produtivo de beneficiamento do arroz. A autora estava se referindo a uma cadeia integrada e racionalizada, na qual o produto inteiro era utilizado e retroalimentava o sistema, impedindo a dependência por concentração em alguns produtos apenas, por mais lucrativos que fossem.

Muito provavelmente devido aos estudos sobre Economia Política, Martineau se preocupava com o modo no qual as pessoas estavam a gerir os recursos que possuíam à disposição e as despesas que contraíam. Um dos elementos que ela elencou foi o elevado e insustentável custo de vida em razão de um padrão social a ser mantido. Como exemplo, ela citou o “orgulho prevalecente de ter pretos para mostrar” (MARTINEAU, 2024, s/p). E isso está muito mais relacionado ao tipo de vida rural do que urbano, embora, ela tenha se referido ao “luxo” ao mencionar o advento das manufaturas. Assim, chegou à conclusão de que, embora seja esperado um custo de vida baixo na zona rural, já que se trata de um local que poderia ser autossustentável, o orgulho e a manutenção de um determinado *status* fazem com que seja mais caro e difícil ser mantido do que a vida nas cidades.

Sobre o trabalho e as formas de produção, Martineau atribuiu à lavoura de cana as péssimas condições de vida e de trabalho dos indivíduos escravizados, levantando o debate sobre a substituição da cultura da cana de açúcar pela da beterraba, como algo mais simples e mais moderno. Mencionou as *joint-stock companies*, que eram uma prévia do que vem a ser companhias de sociedades anônimas hoje, onde cada investidor possui uma ação na empresa com base no valor que investiu.

A autora contrapôs o uso da mão de obra livre no norte à necessidade de avanço tecnológico do sul e da adoção de culturas mais adequadas à realidade comercial.

2.2.10. Legislação, Poderes e Competências:

Referiu-se à “ingenuidade das leis de milho inglesas” (MARTINEAU, 2024, s/p) ao falar sobre a riqueza de algumas regiões e critica o fato de ainda existir pobreza e carência de comida em vários territórios ditos civilizados. Aliás, essa também é uma bandeira que Martineau assumiu até que as leis do milho fossem revogadas, usando sua influência pública para que o Parlamento agisse nessa direção. A autora emendou o assunto com a crítica à aristocracia por fazer leis que ela considerava serem produto do egoísmo.

É muito interessante como Martineau discutia a legislação como produto e reflexo da sociedade, que, por isso mesmo, não poderia ser tomada como algo solidificado, concretado. E ela chegava a mencionar a diferença destas em relação às “leis naturais da sociedade”. Mudando-se a sociedade, por consequência, as leis que a regulavam também seriam alteradas, já que são feitas pela mesma sociedade.

Na esteira desta discussão, estava o debate sobre leis de uma sociedade escravocrata que não poderiam ser alegadas para impedir ou dificultar a abolição da escravatura.

Um ponto que é claro no texto de Martineau é a dependência que o Executivo tinha de regulação e de autorização legislativa. Os exemplos dados por Martineau remetiam à discussão legislativa da competência do Executivo: Quão ampla era? Em que circunstâncias se aplicava? De que modo pode ser requerida/alegada? Esses termos usados por ela não são fortuitos, pois remetem a uma arena pública de debates, cujos argumentos são levantados para que determinados grupos advoguem em defesa de suas ideias, que, via de regra, expressam seus interesses. Contudo, o debate da competência também alcançava o Congresso: “tem o poder para proibir o comércio escravo interno”? (MARTINEAU, 2024, s/p).

A Confederação mantinha fortes embates não apenas devido à autonomia dos Estados confederados ou, como ela preferia dizer, que entraram para a União, como também pela distinção clara de posicionamento político ideológico que separava os Estados do norte para com os Estados do sul. Um exemplo citado por ela foi da expansão do sufrágio no norte. O remédio apresentado por Martineau foi a abolição da escravidão, que aparece como condição para a resolução de diversos problemas. Para explicar a situação e suas consequências, ela se utilizou do exemplo do Missouri. Nesse Estado, a terra era mais barata, mas mantinha a escravidão e isso não era defendido

pelos colonos como algo positivo, pois preferiam se assentar em Illinois, o Estado vizinho. Esse é um exemplo de colonos que têm repulsa ou ao menos preferem estar distante “do modelo”. A autora fez tal referência para falar sobre a questão do sufrágio que envolvia também a discussão sobre as competências do Congresso e de como o seu desrespeito ou o descumprimento poderia ocasionar uma “secessão da União” (MARTINEAU, 2024, s/p).

2.2.11. Disposição de Terras e anexação de territórios

Face a tudo isso, Martineau se dedicou a analisar a “Disposição de terras”. É interessante essa colocação já que na Inglaterra os títulos de terra eram distribuídos à aristocracia, como parece ser o caso de todo o “velho mundo”. O questionamento realizado é que embora isso seja visto como uma medida óbvia para os economistas políticos, Martineau identificou motivos pelos quais as terras do Estado não deveriam ser dispostas com o intuito de garantir renda para este e de evitar que a tributação fosse elevada. O primeiro ponto levantado por Martineau diz respeito ao fato de que o governo federal teria uma baixa despesa e buscaria tributar menos e manter uma receita básica. O segundo ponto é que nos Estados Unidos os indivíduos não buscam arrendar terras, mas sim serem proprietários. O terceiro é inusitado, já que Martineau associou a Democracia à vontade da maioria de cada momento, a quem caberia decidir qual princípio deveria prevalecer, inclusive no caso de disposição de terras. Note-se que ela fez menção a terras muito baratas, a um dólar, por exemplo.

Na sequência, a autora afirmou que o problema não estava relacionado aos métodos de disposição de terras, o que, a seus olhos, parecia funcionar muito bem. Ela chamou a atenção para o fato de que nos Estados Unidos se ignorava a relação da terra tanto para o que denominou “outro capital”, como para o trabalho. E alertou não ser uma novidade o fato de se associarem o baixo preço da venda de terras com a dispersão das pessoas no território. Neste caso, a discussão girava em torno da disposição de terras públicas pelo governo. O que Martineau reconheceu e problematizou foi a existência de uma política pública que intencionava o povoamento e o aumento da produção agrícola, sendo, inclusive, subsidiada pelo Estado com a concessão de crédito.

Como “circunstâncias favoráveis” a esse modelo Martineau citou: “a alta prosperidade de manufatores e do comércio”, que dependem da “concentração de trabalhadores”. Além disso, ela ressaltou que outros fenômenos estavam ocorrendo de modo concomitante: a imigração de trabalhadores europeus, que aumentava a proporção entre trabalho e terra; “a aproximação da crise da questão escrava”; a ideia errônea de que a remoção dos escravos era uma necessidade para a abolição da escravidão.

Como “circunstâncias desfavoráveis” para a compreensão da questão da disposição de terras, Martineau identificou os seguintes fatores: a crença de que “a própria terra é a riqueza mais valiosa em todos os lugares e sob todas as circunstâncias”; os interesses relacionados à “tardia aquisição da Louisiana e da Flórida, e a presente usurpação do Texas” (MARTINEAU, 2024, s/p). E porque ela criticou o termo “aquisição” naquele momento? É que este fato não tornou o Texas parte do território dos Estados Unidos e, na sequência, houve uma oferta para a sua compra, a qual foi rejeitada pelo México.

Ela alegava que os solos férteis da Louisiana deram um respiro para a escravidão enquanto o oeste se desenvolveria. De igual modo, a Flórida teria sido comprada para atender aos interesses dos escravocratas, que ludibriaram o povo (para esconder seus interesses escusos) manipulando o seu “orgulho”. Não é a primeira vez que Martineau se refere ao “orgulho” como um elemento ruim e manipulável, demonstrando que essa forma de alienação gera danos severos. Em outros momentos da obra ela também discorreu sobre o orgulho e avaliou a “paixão” como um sentimento corrupto.

Um desses resultados perversos foi a guerra contra os indígenas Seminole, momento no qual ela se referiu aos detentores de escravos como “opressores” ou “facção” e aos indígenas como “oprimidos”.

Além disso, sua posição contrária à anexação do Texas era clara e alegava faltar conhecimento acerca do real estado de coisas. Irônico é que ela construiu tal argumentação usando o mesmo artifício que ela denunciou, a bajulação e o elogio. Lógico que não nos mesmos termos, mas visando convencer os norte-americanos de que estavam ferindo os seus próprios princípios. Enquanto Martineau escrevia o livro, o Texas foi anexado aos Estados Unidos após a Batalha de San Jacinto, em abril de 1836, na qual o governo mexicano agiu contra os colonos anglo-americanos. A colonização de

anglo-americanos no Texas foi feita tanto quando era colônia espanhola, quanto quando se tornou autônomo em 1821, tendo se tornado um motivo de preocupação e de conflitos.

Martineau estava no território norte-americano neste momento e se manifestou com relação a isso, ainda no calor da situação. Ela se referiu ao que “é prematuramente chamado de aquisição do Texas” (MARTINEAU, 2024, s/p) e afirmou ter tido contato com “líderes e agentes da causa texana” (MARTINEAU, 2024, s/p) enquanto esteve em Nova Orleans, portanto, ao lado do território texano. Ela relatou uma campanha em favor da causa para conquistar o julgamento e a simpatia de ingleses, que pudessem contribuir de algum modo para isso. Entretanto, Martineau foi muito dura a esse respeito.

A autora relatou elementos que, geralmente, não são citados para explicar o conflito: o contrabando e a escravidão. Desde 1829 o México já havia abolido a escravidão. Nos Estados Unidos, isso só ocorreu em 1865 e no Brasil em 1888. Esse é um ponto importante para Martineau. No centro do conflito ela localizou a escravidão, que, para ela, se constituía num sistema de produção fadado ao fracasso e que só conseguiria sobreviver em algumas poucas e limitadas condições.

Sem dúvida, a aquisição de novos territórios não era uma necessidade, já que os Estados Unidos dispunham de uma ampla quantidade de terras ainda sem destinação. Mas servia diretamente aos interesses dos detentores de escravos.

Assim, não apenas a associação com a escravidão, como também com a representação política, saltava aos olhos, restando saber qual era a diferença de representação entre Estados escravagistas e abolicionistas à época do conflito. Em decorrência, citou os artifícios utilizados pelos colonos norte-americanos ao simularem contratos com os escravizados para driblarem a legislação texana (MARTINEAU, 2024, s/p). A autora argumentou que essa situação atraiu toda a sorte de indivíduos de índole duvidosa, os quais foram responsáveis por constituir a cultura texana, se referindo aos “aventureiros texanos” (MARTINEAU, 2024, s/d). Martineau alertou para o fato de que “a usurpação do Texas” não poderia ser analisada em si mesma, mas como desencadeava novos fenômenos em razão dela. E de certo deixa assentado que o reconhecimento da independência dos Estados seria pautado numa questão de fato, não de direito. Martineau não poupa palavras a esse respeito e fala em “roubo do Texas”

e “agressão texana” (MARTINEAU, 2024, s/p). E seguiu demonstrando a complexidade do conflito, a partir dos agentes e dos interesses envolvidos. É de igual importância o raciocínio que Martineau fez ao demonstrar que a causa texana era impulsionada e sustentada por interesses de escravocratas e de contrabandistas.

Martineau analisou esse espírito “egoístico” e “patriótico” de grandeza, de acumulação de terras e de riqueza, como uma grande “ilusão popular” e apontou os perigos desse “amor pela terra”. Para o que finaliza asseverando que no caso norte-americano eles contam apenas com a experiência e essa seria a “mais lenta de todos os professores” (MARTINEAU, 2024, s/p). Sobre os perigos ela ressalta uma certa consciência dos norte-americanos a esse respeito: como é desvantajoso que os mais ricos adquiram mais terras do que podem cultivar; como isso é contrário ao “interesse público” e aos “modos republicanos”; as terras são muito baratas no momento da compra, mas se valorizam e enriquecem seus proprietários com o passar do tempo; indica que manter as terras num valor muito baixo seria uma forma de resistir aos “capitalistas” e a alegação geral é de que o valor delas não poderia ser ainda mais baixo pelo “perigo de depreciar um tipo de propriedade mantida pela maior proporção do povo” (MARTINEAU, 2024, s/p).

Sobre esse último pressuposto, ela discordou de modo veemente. Ainda sobre o preço das terras, Martineau discutiu a valorização, a venda de excedentes para enriquecimento e como a presença de infraestrutura próxima tornava as terras mais valorizadas.

Ao abordar o problema, ela mencionou o pacto federativo de 1787 para distribuição de terras e sobre o papel do governo central, avaliando como problemático e contrário aos princípios democráticos que este tivesse uma receita elevada. De certo modo, Martineau estava se referindo a uma forma de “reforma agrária”: o papel do Estado, neste caso, do governo central, na distribuição de terras para distribuir a população, principalmente em territórios desocupados e sem infraestrutura, por meio da compra de terras subsidiadas. Ao mesmo tempo em que elogiou o método de venda das terras públicas, destacou o fato de que, por si só, não bastava uma legislação para que o objetivo previsto fosse alcançado. Como exemplo, citou as *leis de preempção*, que eram as responsáveis por estabelecerem uma preferência na compra, mas que foram usadas para o cometimento de fraudes. Momento no qual ela falou sobre a posse de

terras não vendidas e o *direito de preempção* concedido aos posseiros em 1830. Sua preocupação se voltou para a fraude na posse, pois este instituto estava sendo reduzida a um acero ou a abrir uma pequena clareira no terreno. E, notem, que as fraudes às quais se referiu não vinham da arraia-miúda, mas de “amplas companhias” que são formadas para oferecer garantias de mercado (*warrants* e *floats*) e, com isso, controlar os preços dos terrenos valendo-se de predisposições legais.

Explicou ainda que facilitando ou dificultando “as facilidades para ocupar novas terras” tais métodos se constituem em “vantagem” já que existe no oeste uma grande desproporção entre trabalho e terra. Então, ela adentrou a discussão sobre a mão de obra e o seu primeiro contraponto é o do norte-americano que trabalhava menos e “gasta a terra”, mas enriquecia, face ao inglês metódico que estruturava a produção, mas não obtinha um retorno elevado da safra.

2.2.12. Mão de obra e migrantes

Ao longo do caminho, Martineau também relatou o encontro com migrantes e seguiu relatando a presença e as condições nas quais se encontravam.

A autora utilizou esse conhecimento que orienta a prática do norte-americano (nos Estados Unidos, a terra é mais barata do que mão de obra) para ligar à questão da imigração de trabalhadores estrangeiros, o que ela já considera uma questão problemática, dada as reclamações que ouvia a respeito. Para tanto, ela fez referência a “bençãos disfarçadas”, “bem final” e “aparente mal” (MARTINEAU, 2024, s/p), chamando a atenção para o fato de que a imigração de estrangeiros é benéfica para suprir o *déficit* e a desproporção de mão de obra com relação à necessidade de cultivo da terra. E ressaltou que o estranhamento com o qual a população local recebia os imigrantes não era nada admirável, assim como não era o comportamento das instituições de caridade responsáveis por prestar um auxílio imediato de acolhimento.

Por outro lado, destacou que a condição de miséria com a qual adentravam o território não decorria de qualquer culpa deles e ressaltou que se tratava de uma mão de obra qualificada que auxiliava no funcionamento de quase todas as áreas de produção e de serviço nos Estados Unidos. As críticas que associavam morais e

imigrantes de uma dada sociedade, na verdade, não seriam um problema, mas uma forma de melhorar as morais em uma sociedade.

Some-se a isso a alegação de que os imigrantes eram aliciados e corrompidos, inclusive para fins eleitorais, o que a fez eximi-los das consequências por este estado de coisas. Martineau, inclusive, se referiu ao “grande palácio dos indigentes, sobre o Schuylkill, próximo à Filadélfia” (MARTINEAU, 2024, s/p), usando os mesmos termos que Flora Tristan usou 03 anos depois em *União dos Operários* (TRISTAN, 1843).

O que Martineau pontuou é que essa distribuição da mão de obra agrícola pelo território dos Estados Unidos precisava ser gerenciada para que bons resultados fossem alcançados. Seu argumento era o de que embora a mão de obra imigrante sofresse com grande repulsa e preconceito (ainda hoje), ela é absolutamente necessária em diversas situações, inclusive por pouparem o trabalho pesado e isolado das famílias. A expectativa de Martineau era a de que os colonos percebessem o lado positivo da imigração e se esforçassem por promovê-la em seu benefício direto. Isso lembra muito a estratégia usada no Brasil para substituir a mão de obra escrava recém liberta por trabalhadores imigrantes vindos da Europa, que supostamente teriam melhor formação e qualificação.

Por isso, Martineau se referia a “combinação adequada” ou “combinações de mão de obra”. Para o quê ela sugeriu que a importação de mão de obra não fosse coibida, mas sim duplicada, e que os fundos excedentes fossem gastos com a distribuição desta mão de obra no território.

A autora questionou a notícia que considerava inverídica, de que as paróquias inglesas enviavam seus indigentes para os Estados Unidos. Para tanto, ela afirmava que a *Lei dos Pobres* (sem informar a qual delas se refere, mas, provavelmente, seria a mais recente, de 1834) teria diminuído ou levado ao desaparecimento deste contingente. E, com ironia, alegou que se ainda não era possível dizer o mesmo sobre a Irlanda bastaria um tempo para que os irlandeses já fossem reconhecidos como excelentes trabalhadores pelos norte-americanos.

2.2.13. Sociedade de Colonização

Ligado a este assunto se encontrava “o esquema da Colonização” e a proposta de “embarcar cargas de trabalhadores indo para lá e para cá como baldes” (MARTINEAU, 2024, s/p). Martineau relatou que a Colonização era uma instituição que envolvia filantropos entre seus membros e defensores, mas que não era percebida em sua real finalidade ou consequências, não era tão fácil compreender a real situação e a sua complexidade.

Acerca do embate que a autora travou em relação à *Sociedade de Colonização*, creio que é importante ter em mente que a autora não admitia a ideia segundo a qual a mão de obra negra só serviria quando submetida à escravidão e que quando esta fosse abolida, todo esse contingente de pessoas (incluindo os que foram raptados de seu território originário e os que nasceram nos Estados Unidos) deveria ser enviado de volta para o contingente africano, já que sendo livres não haveria mais nenhum propósito para a sua permanência em território norte-americano. Existiria com isso uma perspectiva de desenvolvimento civilizacional da raça negra, ao mesmo tempo em que estava associada a uma entrada colonizadora no território africano por meio de uma “perspectiva de evangelizar a África” (MARTINEAU, 2024, p. s/p). A crítica aparece na referência a Manou (personificação da riqueza), classificando estes religiosos como os que servem a ele e a Deus. Assim, ela destacou a grande hipocrisia que movimentaria os interessados em tal solução, pois usariam a mão de obra escrava em seu benefício e depois a descartaria como se fosse um resíduo, quando estivessem para morrer ou quando seus senhores não precisassem mais de seus resultados. Outros estariam liberando seus escravos para o trabalho remunerado capaz de pagar os gastos com o retorno deles para a o continente africano. Martineau seguiu elencando toda a sorte de personagens que se consideravam tentados por tal proposta, que a autora chamou de “tirania social”, mas que ganhava um semblante de caridade e de apoio aos escravizados. Para Martineau, isso era apenas uma das muitas formas de alienação.

Além dos artifícios e dos interesses envolvidos, a autora destacou que a atuação da *Sociedade de Colonização* mobilizou inúmeros esforços sem, contudo, conseguir qualquer resultado. O número de pessoas que retornaram à África foi completamente irrisório face ao aumento dessa mesma população. Com isso, concluiu, que a *Sociedade de Colonização* não estava interessada na emancipação dos escravizados, mas sim em retirá-los da sociedade norte-americana, após seu farto uso.

Ela nomeou “tal esquema” de “uma ficção insignificante” (MARTINEAU, 2024, s/p). Todavia, algumas constatações realizadas pela autora parecem inexplicáveis, como o fato de que muitos reconhecidos abolicionistas eram também “Colonizacionistas convertidos”. Para ela, parecia claro que havia uma crença comum no fato de que os negros deveriam “ir a algum lugar” (MARTINEAU, 2024, s/p) e este lugar só poderia ser a África. Existia, inclusive, uma justificativa legal para isso, já que alguns Estados só autorizavam a permanência em suas terras de negros escravizados, cabendo a expulsão obrigatória dos negros livres.

No caso específico do debate sobre a escravidão e o que Martineau chamou de colonização (derivando do nome *Sociedade de Colonização*), ela entendia existir uma fragilidade tal que o debate não se sustentava, sendo mantido em um “círculo”. Esse aprisionamento atrelado a um raciocínio raso precisava ser combatido por meio do debate, da demonstração da pobreza de tais argumentos e da fragilidade com que são apresentados e reproduzidos em público. Essa era a concepção da Sociologia Pública que vemos expressa na obra de Martineau em diversos momentos, como um conhecimento útil. Ela não se dispunha a gastar tempo com o pensamento circular de detentores de escravos, reconhecendo-o apenas como um artifício de ilusão. Um exemplo claro do institucionalismo de Martineau.

2.2.14. Sinais dos Tempos

Martineau expressava a convicção de que “os tempos superaram a escravidão” (MARTINEAU, 2024, s/p) e um dos elementos que podem ser observados neste sentido era como os abolicionistas eram tratados. Outro elemento indicado é o resultado das eleições. O que ela chamava de “sinais dos tempos” eram indícios que demonstravam como a realidade estava mudando, mesmo que uns fossem mais e outros menos notáveis.

Existia essa ideia frequente no texto de Martineau de que a sociedade estaria caminhando rumo a momentos melhores e mais esclarecidos. Esses “sinais dos tempos”, que indicam crise e mudança próxima, foram com frequência assinalados por ela e passarei a comentar a respeito deles de agora em diante, deixando um rol dos que identifiquei listados a seguir:

- 1) A escravidão estava sendo superada com o passar do tempo e o tratamento conferido aos abolicionistas demonstrava isso;
- 2) A disseminação de *Sociedades de Abolição* pelo país e os casos de perseguição tornados públicos;
- 3) Os linchamentos contra negros e abolicionistas e a execução sumária deles em fogueiras;
- 4) A presença do ódio generalizado que a elite nutria contra os escravos;
- 5) O silenciamento dos jornais e das escolas;
- 6) Os efeitos da religião na sociedade e os movimentos de conversão;
- 7) O mercado de escravos sendo visto como algo repugnante;
- 8) O caráter dos abolicionistas;

A esse respeito ela explicou que mesmo alguns detentores de escravos sofriam com as imposições legais e contribuíam para a causa abolicionista no norte, demonstrando que a classe de detentores de escravos não era homogênea, e que uma parte dela também sofreria opressão dos demais e uma certa falta de liberdade devido à legislação dos Estados do sul. O patrocínio do norte seria uma das formas de alçarem maior liberdade para as suas convicções e na administração de suas propriedades ou posses, ainda que levasse à derrubada do sistema escravocrata.

De cinco manifestações ou falas de informantes que ela destacou sobre a escravidão e a abolição, a última foi a única a ganhar maior atenção e à qual a autora prontamente respondeu. Primeiro, porque foi mencionado que se o sul era questionado pela escravidão, o norte o será pela relação entre propriedade e pauperismo. Ao que Martineau respondeu acrescentando a relação mão de obra e capital ao sair em defesa dos abolicionistas. Em uma dessas conversações, um dos entrevistados falou abertamente dos “privilégios” recebidos e dos quais não abriria mão, além de ressaltar que é a própria “liberdade” que não poderia ser constrangida a responsável por justificar a escravidão de outros seres humanos.

Citou a proibição de livros que possuíam alguma referência à escravidão e a de que as correspondências circulassem pela Carolina do Sul, cujo único objetivo era impedir a circulação de informações sobre a escravidão e coibir movimentos abolicionistas. Entre eles, os de Anna Laetitia Barbauld (1743-1825) e Catharine Maria

Sedgwick (1789-1867), que eram destacadas como autoras conhecidas nos Estados Unidos, mas perseguidas no sul.

Outra expressão destes “sinais do tempo” foi a disseminação de “Sociedades de Abolição” e como as perseguições sofridas por estas também repercutiam na causa e davam alguma visibilidade à situação. Cita o exemplo do Oberlin Institute, que surgiu em decorrência desse tipo de perseguição. Outro exemplo de “sinal dos tempos” é exatamente os linchamentos contra negros e abolicionistas, e a cena aterrorizante de serem queimados vivos sem que os jornais comunicassem o fato à população: “da supressão do fato e da repressão de opinião” (MARTINEAU, 2024, s/p). Assim, ela relatou a injustiça e os problemas causados pela “licenciosidade dos brancos” (MARTINEAU, 2024, s/p). De igual modo, ela se referiu à queixa do que era conhecido à época como “amalgamação” (MARTINEAU, 2024, s/p). Os relatos também abarcam as condenações por enforcamento e os recorrentes incêndios que eram atribuídos a negros. Martineau criticamente ressaltou que sempre a tentavam convencer de que isso não era recorrente.

Era manifesto um medo prevalente de insurreição e dos negros. O exemplo escolhido é o da insurreição dos escravos e ela explicou que após esse ocorrido, com mais de 70 óbitos entre brancos, durante um longo tempo não houve insurreição. Martineau demonstrou que a resposta à situação foi ora de afrouxamento das leis, ora de agravamento da legislação. A explicação dada é que os dois movimentos se deram em razão da opinião pública. Sobre a condição da escravidão naquele momento, Martineau apontou o relato de detentores de escravos e sua própria observação a respeito, considerando que a situação havia melhorado. A questão é que a escravidão nos Estados Unidos passou a ser vigiada mais de perto e o que parece é que ela demonstrou que os abolicionistas estavam a pintar a escravidão de modo severo, “pior”, quando, na realidade, a opinião pública já tinha contribuído para uma melhoria da qualidade de vida dos escravizados.

A discussão sobre o “caráter dos abolicionistas” é outro dado que chama a atenção do observador. De acordo com ela, este era o assunto mais discutido nos Estados Unidos à época. A esse respeito, entendo que ela explicou a sua relação com os abolicionistas norte-americanos, afirmando que buscou ouvir seus adversários para, depois, conhecê-los em suas propostas e ações. Também deixou claro que, para além

da sua afinidade com a causa, ela tinha afinidade com o modo como os abolicionistas se expressavam e agiam. Martineau se referia aos abolicionistas como uma classe e refutou os argumentos contra eles, como, por exemplo, a alegação de que eram fanáticos. Na verdade, ela os apresentou como estudiosos, conhecedores da realidade e coerentes com seus princípios, sendo a sua fraqueza quanto à capacidade partidária. Porém, ressaltou que acaso tivessem investido nesta teriam perdido as qualidades que lhes rendem o sucesso. A autora enaltecia o caráter dos abolicionistas em vários sentidos, os identificando para além da caridade, chamando-os de mártires. Por ser assim, ela acreditava que em breve a sociedade norte-americana passaria também a os defender.

2.2.15. Transporte, hospedagem, mercados e obras públicas

Por todo o lugar por onde passava ela dava notícias sobre as opções de entretenimento e de hospedagem. Ao relatar as hospedagens, os tipos e os improvisos quanto à hospedaria ao redor do caminho por todo tipo de incidente com a estrada ou o meio de transporte, Martineau também explicava um pouco do perfil dos colonos, seus hábitos, estrutura física e familiar, além de suas perspectivas morais e religiosas. A incerteza sobre tudo dominava todos os cenários, pois não havia um padrão com relação a nada. Era comum que as pessoas dormissem misturadas com estranhos, como podiam. Mas não pareciam demonstrar sensação de insegurança ou de risco, apenas desconforto.

Ao falar sobre a relação entre transporte e mercados, a preocupação de Martineau era se os mercados eram servidos e abastecidos por transportes compatíveis. Para tanto, incluiu o debate sobre o financiamento e a realização de “obras públicas” pelo Estado (s/p). Por isso, ela descreveu como era uma rotina de viagem por tais meios para demonstrar como Natureza e infraestrutura se relacionavam.

Sobre a condição das estradas, Martineau falou das estratégias dos condutores, da colaboração de moradores locais e das aventuras ao se pegar a estrada para alcançar locais remotos ou mesmo acessar rotas tradicionais. A força da natureza se manifestava de diversas formas. O que mostrava também a força da população e sua capacidade de organização para solucionar problemas à revelia da presença do Estado, que era restrita e com pouca receita disponível. Portanto, o papel do Estado e a competência dos entes

da confederação é um debate que perpassa toda a discussão, em quaisquer dos temas escolhidos por ela. Ao falar sobre os condutores, demonstrou não apenas a capacidade deles, mas a *expertise*, demonstrando algumas das estratégias que usavam para controlar a carga e manipular/obter os resultados que precisavam, o que ela denominou “habilidade”.

Como visto, Martineau se referiu a 10 mil milhas percorridas nos Estados Unidos, o que, de fato não é nada pouco, equivalendo a mais de 16 mil km em 02 anos de permanência, utilizando vários meios de transporte e em condições variadas, como ela tão bem descreveu. Em alguns momentos, a autora se referiu a transportes como “livre comunicação” (s/p) ou “meios de comunicação” (s/p). Portanto, ao falar sobre o transporte e as condições das estradas, ferrovias, lagos e rios, também abordava a mão de obra envolvida neles (em sua execução) e os recursos disponíveis ao longo da estrada como a hospedagem e a alimentação. Esses relatos são muito interessantes porque passam a narrar o acolhimento e o compartilhamento do alimento com estranhos.

Aparece, então, a preocupação de Martineau em, de novo, equilibrar a relação entre a quantidade de terras e a quantidade de mão de obra disponível, facilitando a chegada e a distribuição desta, evitando se “extraviar dentro da região selvagem” (s/p). Essa preocupação de Martineau era uma constante, ressaltando também o perfil e o tipo de mão de obra empregados ou associados a cada atividade. Estabeleceu assim uma relação de causalidade que indicava que a prevalência de uma dada mão de obra estimulava ou viabilizava um tipo de atividade produtiva em razão das habilidades das quais dispunham. Ela não se deteve a citar como eram as rotas ou os tipos de transportes, mas como eram conectados e o impacto disso para cada região e para a integração entre o norte e o sul, o Atlântico e o oeste. Sua descrição englobou a estrutura, seu custo para construí-la, mantê-la e até mesmo os rendimentos que ela promovia. Em alguns lugares ela conseguiu estar em mais de uma oportunidade e usando meios de transporte diferentes, o que lhe deu a oportunidade de ter perspectivas diversas e compará-las.

Sempre uma preocupação visível para Martineau era a liberdade que os indivíduos tinham de se locomoverem no território e isso envolveria a capacidade de custear isso, o tamanho e as fragilidades de cada membro, por exemplo, crianças e

idosos. Portanto, ela estava preocupada com uma *liberdade substantiva*, não uma liberdade retórica.

Além de descrever os vários meios de transporte convencionais, ela também citava o que era inusitado. É o caso do *omnibus*, que ela cita ter sido usado pelo canal para realizar o traslado de seus passageiros do hotel para o barco. O *omnibus* era puxado por três cavalos e transportava 22 passageiros sentados. Consta que essa invenção foi criada na primeira metade do século XIX. As viagens eram sempre feitas a noite e Martineau fez referência em várias passagens ao “calor insuportável”, o que certamente, por si só, já justificaria a escolha do período noturno. Por outro lado, os riscos eram infinitamente maiores, dadas as dificuldades decorrentes da baixa luminosidade e de apoio com hospedagem e alimentação à beira dos caminhos trilhados. Outra demonstração de trabalho e adaptação para o tráfego é a grande quantidade de eclusas relatadas por Martineau, o que envolvia mão de obra qualificada, investimento e capacidade técnica para tanto.

A única exceção quanto às viagens noturnas eram os trajetos pela ferrovia. Por isso, estas viagens começavam na primeira luz do dia e se encerravam quando o sol se punha. Dos meios de transporte citados por ela, nem todos são facilmente identificados apenas com o relato. Note-se o trecho abaixo em que ela parece se referir a uma forma de elevador e depois a uma espécie de tirolesa. Ela ressaltou o fato de existir um aspecto profissional de construção, organização e controle dos usos e da conexão entre tipos de transportes. Entre outros, ela também citou a balsa de corda e o cabo de reboque como importantes mecanismos de integração entre meios de transporte. Vendo a situação avançada de “grandes obras” como as que ela encontrou tanto em extensão quanto em complexidade, Martineau as associou à presença da imigração não apenas quanto à mão de obra e à técnica, mas quanto ao financiamento. Os barcos a vapor são citados ao lado de toda sorte de exemplos disponíveis: barcos grandes planos; jangadas; flatboat; navios; escunas; water-craft; saveiros; barcos-pilotos; entre outros.

Martineau criticava, portanto, a capacidade de suprir as demandas da população, mas entende que o sul teria uma significativa melhoria na produção e, em decorrência, nos mercados, acaso ocorresse a abolição da escravidão. Além de solucionar este desabastecimento quanto a alguns itens e mesmo a expressa dependência de uma região para com as outras quanto a tal capacidade. Em razão disso,

ela insistiu na constatação de que existia pouca variedade de comida disponível, havendo concentração de algum tipo em cada território, principalmente, no que tange à proteína animal, mas não restrita a esta. Observou a escassez de oferta de peças de roupas ou mesmo de materiais para as casas, como vidros, por exemplo.

Duas situações foram listadas por Martineau para ilustrar a capacidade de abastecimento pelo comércio, sendo elas: uma dada aglomeração de pessoas, mais cedo ou mais tarde irá requerer a existência/instalação de um mercado próximo; a circulação de mascates pelo território oferecendo mercadorias ao longo de uma determinada rota. A autora se referiu ao acesso a todo tipo de artigos manufaturados e os que eram procedentes de outras regiões. O exemplo dos relógios de madeira e sua distribuição pelo território é bastante interessante e não por acaso. Martineau ressaltou a importância do tempo, do conhecer a medição do tempo e ter acesso a relógios para a organização social e estar em sintonia com outros grupos sociais. Deste modo, não se trata apenas de uma simples questão de abastecimento, mas de modos/modelos/estilos de vida que são tomados como necessários e são reproduzidos com suas lógicas próprias por todo tipo de comunidades ou mesmo famílias isoladas. É um claro exemplo de como as convenções sociais passam a assumir a primazia em relação às necessidades biológicas e físicas. O exemplo do relógio que irá ditar o momento correto para oferecer as refeições em cada habitação é um deles. Ela estava se referindo a itens preciosos como os relógios de parede, de mesa ou de bolso, já que o primeiro relógio de pulso supostamente foi inventado apenas três décadas mais tarde. Mas arrematou dizendo que os mascates não durariam por muito tempo.

Desse modo, sua avaliação era de que os meios de transporte propiciavam a abertura de novos mercados e a ampliação do alcance dos já existentes. Não havendo solução para a falta de concentração dos indivíduos no território dos Estados Unidos, a solução seria reuni-los para promover as atividades coletivas e gerar desenvolvimento de riquezas, pessoas e conhecimentos.

Além disso, mencionou a exportação e importação dentro do próprio país (porque considerava como exportação a relação entre os Estados confederados), ao se referir aos Estados e ao comércio de produtos entre eles. Citou a baixa participação dos Estados do sul no mercado externo e acreditava que um tal investimento associado a novas técnicas agrícolas e mão de obra livre fariam da crise algo apenas temporário.

Na *Seção I – Melhorias internas*, Martineau discutiu a Constituição como uma estrutura e um arcabouço que vai definir uma série de ações do Estado. Daí, a importância da Constituição como regulação e como promotora de atividades porque definia áreas que teriam o empenho e a prioridade do Estado. O grande problema destacado por ela ocorria quando a Constituição não era clara a esse respeito⁴⁹.

E o trecho abaixo é uma preciosidade a esse respeito, pois contém uma discussão que é uma prévia do conceito de *políticas públicas*, como “public works” e que pode ser amplamente utilizada nas teorias das políticas públicas. Se em algum momento, ela falou também em “public policy” de um modo geral eu não consegui identificar até a presente data.

“Uma das mais importantes questões constitucionais que tem surgido nos Estados Unidos se relaciona com as Melhorias Internas, as quais cresceram de uma falha de previsão nos elaboradores da constituição. De nenhum conjunto de homens poderia ser esperado prever toda a grande questão que deve surgir durante o avanço de um jovem país; e não existe evidência de ter ocorrido para qualquer um, nos dias mais recentes da república, inquirir se o governo geral deveria ter poder para instituir e continuar obras públicas, sobre todos os Estados; e sob quais limitações. Muitos procedimentos inconsistentes e contraditórios têm tomado lugar no Congresso, desde que a questão foi levantada pela primeira vez; e permanece incerta.” (MARTINEAU, 2004, s/p)

Ela está construindo uma análise política sobre a relação entre União e Estados: quais as competências, os direitos, as obrigações e as limitações. E, novamente, tudo isso se relaciona com a capacidade de receita e de arrecadação. O retrato que a autora desenhou coloca as sobras no caixa da União como responsáveis por instigar o debate sobre a ampliação das competências desta e de sua capacidade de promover “melhorias internas” e “obras públicas” (s/d). E o primeiro exemplo citado por ela diz respeito à proposta de aquisição de terras para abrir estradas e facilitar o deslocamento no território, em 1796, com Madison e, em 1802, com Jefferson. Daí em diante as “melhorias internas” se tornaram uma pauta constante partindo de uma proposição do Executivo que requeria autorização do Congresso para tanto.

⁴⁹ Aqui, um detalhe: a palavra constituição ora aparece em minúscula, ora com a inicial em maiúscula. O texto de Martineau sempre traz sutilezas na grafia e ironia com as quais ela manuseava e apresentava as palavras, mas neste caso específico eu não consegui desvendar o motivo.

Ao falar sobre os agentes e as instituições ela sempre mencionava ou buscava a coerência e os princípios que moviam a ação deles. Não se tratava, portanto, de uma análise casuística ou de opinião acerca de como deveria ou não ser um curso de ação, mas de coerência entre estes agentes individuais ou institucionais e os cursos de ação que eles adotam. Inclusive, destacando que estes posicionamentos não são estanques, mas dinâmicos e que possuem variações internas relevantes.

A primeira questão pontuada com relação a isso é a de que as “melhorias internas” passaram a ser aceitas como uma competência da União e seguiram sendo propostas e recepcionadas. Mas, por “melhorias internas” se reconheceria apenas o que ela denominou de “apropriação” e que aqui compreendo como a apropriação de terras para a realização das obras da estrada, o que aqui deve pressupor algum tipo de ressarcimento. A situação se desenvolveu de forma a não haver dúvidas quanto a tal apropriação, mas com rejeição “a coleta de pedágios para o reparo da estrada” (s/p). E isso conversava diretamente com as várias cenas de empenho e conhecimento das comunidades locais no entorno das estradas que prontamente se reuniam para socorrer os veículos que quebravam ou se atolavam, fornecendo cavalos, toras ou força física para removê-los. O mesmo esforço coletivo foi relatado ocorrendo com presteza e eficiência quando pontes eram levadas pela correnteza ou simplesmente não suportavam o peso que passava sobre elas e rompiam.

Quanto a isso, a diferença principiológica é o destaque dado por ela para os argumentos apresentados. A isso ela contrapôs as gestões/os mandatos do Executivo e a posição dos membros do Congresso, indicando em que medida as “obras públicas” eram apoiadas ou impedidas. É óbvio que não se trata apenas de ter interesse pela obra em si ou de reconhecer seus benefícios, mas do debate acerca de quem é o responsável por propô-las e executá-las. Ao cabo, quem é responsável por financiá-las e se isso é visto como um benefício para a confederação ou apenas para uma unidade. Portanto, não houve um consenso sobre o tema que seguiu sendo debatido ao longo dos anos sem um projeto nacional claro.

Além disso, a discussão avançou para além do debate sobre interesse público, competência e financiamento, alcançando a questão da delegação (não usou este termo especificamente) da competência para a iniciativa privada ou atividades de caráter público que são subsidiadas pela União, mas executadas pela iniciativa privada.

Lidar com os interesses de cada Estado confederado e assumir a responsabilidade administrativa destes pela União também não foi passível de consenso, como podemos ver com a citação anterior. Mas dividir o montante das sobras requer um critério tão claro quanto o da arrecadação, que consideraria Estados maiores ou menores, mais ou menos populosos, além de mais ou menos ricos. Martineau mostrou o quanto é difícil estabelecer um critério claro para as demandas apresentadas se levamos em consideração, de um lado, o interesse público e, de outro, a localização das “obras públicas” que são demandadas. Para tanto, ela trouxe exemplos reais, não hipotéticos, de divergências em curso.

A autora fez referência ao julgamento e ao conhecimento de cada indivíduo como baliza para a sua ação e como o alcance limitado destes fazia com que a capacidade de ação conseqüentemente fosse limitada. A definição ou distinção precisavam ser claras para que a escolha do curso de ação não fosse comprometida. Implica dizer que ela estava considerando os critérios e os princípios publicizados pelos agentes. Em último grau, o que está sendo discutida é a formulação e a implementação de uma dada medida desenhada a partir de determinados parâmetros institucionais. Se existem receitas excedentes, o que se deve fazer com elas? Deixar para que a própria União as administre? Encaminhar para os Estados? De que modo? Deixar para que o Congresso implemente? Como? Isso lembra a nossa discussão atual sobre o instituto das ementas parlamentares no Brasil e o esvaziamento do poder Executivo na administração do orçamento em si, não das sobras.

Existe não apenas uma Sociologia do Direito em Martineau, mas também uma Teoria do Direito, Direito Constitucional e uma análise da relação entre as unidades da federação a partir de uma perspectiva de Teoria Política.

A crítica de Martineau à tentativa de alargamento do entendimento constitucional para abarcar práticas não previstas resvala na ideia de que nestes casos era preciso que a própria Constituição fosse reformada, para incorporar textualmente estas novas competências e oportunidades, chamando a atenção para os riscos das contingências e de interesses envolvidos. Para ela, não haveria outra solução do que aderir tais prerrogativas à Constituição, para evitar confusões e discricionariedade.

2.2.16. Atividades produtivas e manufaturas

No percurso, Martineau seguiu descrevendo que tipo de atividade produtiva e características/habilidades são encontradas nas localidades por onde passava. No norte, a autora começou a relatar a presença de manufaturas. Por exemplo, a de cadeiras, em Tecumseh.

Ao tocar no assunto das manufaturas, começou a falar sobre o “luxo” e o inculcar desejo de ter coisas que não estão acessíveis. Mas ela não via o luxo como algo ruim. O problema ocorre quando a restrição se impõe e não ao luxo em si, com destaque para duas situações nas quais isso ocorre: por separar os homens e porque motiva alguns a invadirem o direito de outros. O problema está em se apegar a desejos que não podem ser concretizados sem ter problemas com isso. Afirmou que tanto os luxos quanto as manufaturas estavam crescendo perante os seus olhos e que não adiantaria, por exemplo, recriminar as mulheres, além de recomendar que fossem “consistentes” (MARTINEAU, 2024, s/p). Em todo caso, não fica clara a relação entre luxo e manufatura, a não ser o fato de que esta permite o acesso a mais bens de consumo que antes deveriam ser considerados “luxo” por não terem se popularizado.

No *Capítulo III – Manufaturas*, Martineau abriu o debate sobre a fase que antecede a produção industrial em massa. A autora iniciou o livro falando sobre isolamento e como isso é belo ou valoroso de se observar, mas o tempo todo discutia as dificuldades de abastecimento e as necessidades quanto a determinados artigos capazes de promoverem algum conforto. Inobstante as dificuldades para se encontrar artigos dessa natureza no novo território, dados os problemas comerciais, não era de todo aceito que a manufatura deveria ser uma atividade para a qual esforços fossem envidados.

Martineau explicou que as manufaturas eram impopulares e fez referência, inclusive, ao “celebrado Relatório sobre Manufaturas de Hamilton, apresentado em 1790” (s/p) que seria a demonstração mais elaborada disso. Acreditava-se que o país estava destinado à produção agrícola e que não via com bons olhos a atividade manufatureira. Primeiro, a autora relatou que a noção de Natureza utilizada neste argumento é equivocada, pois estaria presente em todos os lugares e que nos Estados Unidos isso seria ainda mais marcante, pois existia uma gama enorme de possibilidades nas quais os empreendimentos se instalavam. Daí decorre o segundo destaque.

Martineau mencionou a crítica segundo a qual as paisagens estavam sendo “deformadas” pela instalação de “moinhos” e do uso de “mecanismos”. Ela defendeu que era melhor ver os trabalhadores em situações como estas, irritando “o amor ao pitoresco” (s/p), do que em “subúrbios enfadonhos” (s/p). Mas ela não se contentou com esse comentário, afirmando que o problema não é o viajante não ter essa visão, mas o trabalhador não tê-la. Martineau comparou Manchester com Sheffield para falar do local de trabalho de qualidade e em boas condições. Por fim, ela rebateu a teoria segundo a qual os Estados Unidos estariam destinados a serem um país agrícola. Para ela, “a América foi destinada a ser tudo” (s/p) e, por isso mesmo, por conter “muitos países” (s/p), pode alinhar suas atividades a suas condições naturais e não se restringir a apenas uma.

A autora delineou as características necessárias para que as manufaturas surjam. Chama a minha atenção o fato de estar no plural, como se ela estivesse se referindo às próprias máquinas enquanto meio de realizar esse tipo de operação com os recursos naturais, que ela aqui se refere apenas como natureza.

O exemplo que Martineau escolheu foi o da Nova Inglaterra, para a qual ela elencou numa longa lista todas as condições necessárias para o desenvolvimento das manufaturas que já existiam ou estavam disponíveis neste território, incluindo a própria produção doméstica de alguns artigos. A esse respeito, existe o questionamento de Martineau acerca dos benefícios e dos malefícios da autonomia e da independência das unidades domésticas face ao isolamento e à falta de intercâmbio que isso possa constituir. Martineau via a manufatura a partir dos domicílios e das famílias extensas que desenvolviam habilidades para suprir suas próprias necessidades e acabavam por ter um excedente que era vendido ou mesmo exportado. É preciso averiguar a virada para uma atividade produtiva lucrativa e em escala a partir da perspectiva de Martineau. É a casa que gera a primeira produção extra para o mercado e são as mulheres que produzem isso a partir de suas habilidades socialmente condicionadas.

Martineau relatou a presença de um estágio anterior ao da manufatura no qual as famílias, em tese, eram autossuficientes na produção dos bens de que necessitavam, mesmo sem a ocorrência da tão citada divisão do trabalho social, por Marx e Durkheim, por exemplo, que a autora denominou de “vantagem”, junto a outros dois elementos: as “massas de capital” e a “maquinaria”. Então, essa autossuficiência e ganho em escala

ocorria mesmo sem maquinaria melhorada, contando apenas com o que as “farmhouses” já dispunham. Nesse caso, Martineau entendia o processo como um “crescimento natural” das manufaturas, pois décadas anteriores de autossuficiência e produção organizada, ainda que sem estes recursos de melhoria, pavimentaram o desenvolvimento destas pautado nas habilidades desenvolvidas a partir das necessidades (problematizar essa ideia de necessidade, se real para a sobrevivência ou se socialmente estabelecida). Esse é o terreno preparado para o que mais tarde seria, segundo ela, “a introdução das manufaturas em larga escala”.

Martineau se referia a “classes de manufatura”, tomando por base a classificação feita pelo *Relatório de Hamilton* e a “manufaturas” no plural. Na comparação entre os Estados Unidos e a Europa, Martineau alegava que a mão de obra para o trabalho nas manufaturas era escassa e preciosa. A conclusão é a de que mesmo considerando a ausência de captação de capital para investimentos e estímulo de toda sorte ao desenvolvimento das manufaturas, fato é que este setor já havia se desenvolvido em alguns locais, tanto para o abastecimento interno quanto para a exportação. Com relação a isso, a autora destacou três soluções: de novo a imigração, que ela não acreditava ser é um problema em si; o desenvolvimento tecnológico da maquinaria, para compensar a ausência de mão de obra; o emprego de mulheres para esta atividade, já que os homens saíam em busca de novas terras e as mulheres permaneciam no norte, sem ocupação. A associação que ela fez aqui é social, pois ao saírem ainda jovens, os homens constituíam família na nova região na qual se assentavam. E as mulheres de sua região original que eram educadas e programadas para terem o casamento como ocupação ficavam ociosas, em decorrência disso. Ela argumentou que estariam subutilizadas ou dispensadas socialmente e, por isso, não haveria problema em serem engajadas em atividades não domésticas.

Para demonstrar o fato, Martineau recorreu aos dados disponíveis sobre o assunto, indicando o período (1825 e 1826) e o valor das exportações de manufaturas, além do tipo de produto manufaturado e sua quantidade, que, no caso, era o algodão. Tudo para demonstrar que também a importação de produtos dessa natureza foi impactada com uma redução significativa, demonstrando que a produção interna já alterava a balança comercial ao evitar importações neste setor e ainda gerar receita com a exportação. Por outro lado, Martineau não deixou de ressaltar as especificidades: nem

todo tipo de manufatura se desenvolveu dessa forma, haja vista a comparação entre o desempenho da manufatura de algodão frente à de lã.

Lógico que essa contingência foi explicada por ela a partir de alguns fatores, com destaque para os “efeitos da tarifa” e da legislação que regulava o setor. Sendo tais fatores impulsionadores da política de estímulo ou desestímulo da atividade manufatureira, ressaltando o papel da legislação também neste setor. O papel do Estado é sempre muito importante para Martineau e deveria ser pensado não de modo abstrato, mas considerando a realidade imediata e os efeitos das ações dele sobre esta.

Em sua análise, estabeleceu uma relação entre o protecionismo implantado com “a tarifa” e a falência em massa de companhias manufatureiras. Embora não parecesse lógico a existência de uma relação direta entre estes dois fatores, ela se empenhou em demonstrar que ironicamente esse fato era incontestável. Para ela, o protecionismo teria atrapalhado o curso natural das manufaturas e contribuído para agravar os problemas entre o norte e o sul. A autora se referiu a isso como “uma política irracional – uma indefensável política em uma república” (MARTINEAU, 2024, p. ?).

Assim ela delineou e levantou dados acerca das demais manufaturas buscando compreender a dinâmica de cada uma, sua relação com o Estado e em cada território. Além de estudar as manufaturas de algodão, Martineau também se dedicou a entender a manufatura de sapatos e a sua cadeia produtiva.

Daí iniciou a *Seção I – A tarifa* na qual discutiu especificamente a questão da regulação e da tributação da produção e do comércio de manufaturas. E começou com um belo parágrafo no qual explicou ser preciso deixar os discursos de lado e começar a olhar “a coisa”. Martineau analisou o *Compromise Bill* como uma das atividades que tentou compensar disparidades decorrentes do protecionismo. Para a autora, se não houvesse protecionismo (como uma cópia ruim da política externa do velho mundo) o próprio mercado se regularia e se desenvolveria de modo “natural” (s/p) e teria alcançado “um novo ramo de indústria” (s/p).

Em seus textos, a referência legislativa está sempre presente na análise. Martineau discutiu “política de tarifa” (s/p) como um exemplo do “princípio de um sistema protetivo nos Estados Unidos” (s/p). Ela explicou o direito constitucional conferido ao Congresso para que pudesse “estabelecer e coletar taxas e impostos” (s/p), mas sem promover “a proteção dos interesses produtivos de uma parte da União”, isto

é, tratar com isonomia todas as partes. De igual modo, ela entendia caber ao Congresso a regulação do comércio nacional e a promoção de seus interesses junto a nações estrangeiras, mas não a promoção específica de um tipo de manufatura de uma dada região. O que denota a sua defesa do livre comércio. Então, o argumento de que tal ação beneficiaria todo o território tal como o alegado quanto às “melhorias internas” não é aceito pela autora. Não estaria sendo ela própria protecionista na condição de inglesa, que indica este tipo de política como sendo característica de seu país, por exemplo, com relação ao milho? Os motivos são diferentes já que no caso de uma obra pública, em tese, todos os habitantes seriam beneficiados direta ou indiretamente, já que o resultado está disponível para todos. Em suma, seguiu sendo uma ferrenha defensora do livre comércio.

A assinalar, portanto, que mesmo os textos legais são historicamente localizados, voltados para uma dada realidade específica. Portanto, precisam ser interpretados à luz de princípios claros para que seu significado e sua intenção não sejam modificados ao bel prazer dos envolvidos. O exemplo dado por ela é o da tarifa protecionista entre unidades confederadas, já que, para justificar esta, várias interpretações interessadas e justificações são feitas. Martineau chama a atenção para o fato de que são os “princípios republicanos fundamentais” (s/p) os orientadores da Constituição e é a eles que se deve recorrer para tentar compreender as disposições desta.

O Direito e suas normas aparecem para Martineau como instrumentos que conseguem demonstrar os valores prevalentes, que estão ali amalgamados e são mais facilmente visualizados, já que não estão dispersos. Mas ele também é pensado por ela do ponto de vista operacional. O posicionamento institucionalista pode novamente ser encontrado aqui quando a autora remete ao fato de que ao Estado cabe verificar em que medida “novas instituições ou arranjos serão benéficos ou não para a nação” (s/p) tendo em vista o “interesse comum” (s/p)⁵⁰. E é interessante notar que ela não questionou se o Estado confederado assim o fizesse, já que ele representava os interesses de seu território, que neste aspecto se equivalem ao “interesse comum”. Mas quanto à União se arvorar o direito/dever de agir no lugar dos Estados e beneficiando algum em detrimento dos outros, não é o “interesse comum” relativo à confederação

⁵⁰ Aqui cabe uma comparação com Tocqueville.

que está sendo defendido, mas sim o seccional. Compreender claramente estas diferenças e aplicá-las no arranjo federativo com critérios objetivos é algo novo e calcado na noção institucionalista que prevê a competência e a distribuição orquestrada de papéis.

Ela fez uma crítica à existência de um “sistema americano”, indicando que se contrapunha à noção de liberdade e se referiu à “venenosa anomalia” que atinge a república, caracterizando-o como a raiz de todos os males: a escravidão. Os Estados que a mantinham sofriam com a decadência do sistema produtivo nos moldes escravocratas e recorriam à “proteção legislativa” (s/p) para sobreviverem ou ganharem mais tempo em face de tais crises estruturais. Acima de tudo podemos destacar aqui os efeitos perversos de rotas de ação que, a princípio, parecem benéficas. O exemplo citado é o do *lobby* dos Estados do sul quanto à proteção do algodão que produziam e, em consequência, do estabelecimento de taxas de importação para tanto. Isso estaria justificando um protecionismo das manufaturas no norte? Para mim, não fica claro, pois ela supõe que as(os) leitoras(es) já tenham o conhecimento da história e de seus detalhes. Fato é que o sul continuou em crise, enquanto o norte teria desenvolvido as manufaturas e melhorado o seu comércio. O que era visto como algo benéfico para o sul teria se tornado um grave problema para ele. De acordo com Martineau, esse é o *modus operandi* dos detentores de escravos que atribuem as suas dificuldades à ausência de “proteção legislativa” em vez de assumirem estas resultaram do próprio sistema escravocrata.

Os fundamentos para uma tal crítica estão assentados na economia política, que ela alegava não ser considerada pelos Estados Unidos por entenderem que sua condição era a de prosperidade, não de adversidade. Martineau concluiu que os Estados Unidos não seguiam os princípios republicanos, dos quais tanto falavam e divulgavam, nem no comércio nem na produção. Em suma, ela defendeu que o “velho mundo” possuía “más instituições” que os Estados Unidos não deveriam ter copiado, começando pela escravidão e pelo protecionismo. Só assim alcançaria a realização dos “princípios democráticos” tanto econômica quanto politicamente. De novo, ela lembrou que a Democracia não poderia estar confinada apenas no regime político.

Na *Seção II – Mão de obra na manufatura* Martineau discutiu o baixo quantitativo de mão de obra disponível nos Estados Unidos e o fato de que as

manufaturas lograram êxito e surpreenderam os críticos. A primeira questão posta por ela foi: se falta mão de obra agrícola, como seria possível a disponibilidade de mão de obra para a manufatura? A autora refutou o argumento de que a tarifa implementada foi uma forma de atrair a mão de obra para a atividade. Demonstrou que a manufatura não era um tema novo, como demonstrado pelo mapeamento publicado em 1790, e que sua procedência era relativa às “casas de fazenda”, que ela chamou de “manufaturas domésticas” (s/p). Assim, identificou um período a mais neste processo de transição:

-> Produção doméstica
-> Manufatura doméstica
-> Manufatura por corporações
-> Indústria

De acordo com ela, a mão de obra que ia para a manufatura corporativa era aquela que já produzia na manufatura doméstica e isso sofria variações de acordo com a demanda e o interesse/necessidade das famílias.

Tal como anteriormente visto no *Como observar*, ela se referia a “operatives” para falar sobre os trabalhadores nas manufaturas e demonstrou que a participação das mulheres nestas atividades era muito acima de 50% do público total, fazendo referência ao trabalho das mulheres nas oficinas, manufaturas e fábricas.

O foco de Martineau era que esse tipo de trabalho qualificado era executado por mulheres. Primeiro, porque os jovens homens seguiam para se assentarem no oeste e já havia uma “sobre-proporção de população feminina” (s/p). Segundo, porque a ocupação nas fábricas⁵¹ poderia ser uma fonte de renda para mulheres e uma forma de fugir do “sofrimento silencioso da pobreza” (s/p). Ela também alertou que: “Não é o costume na América as mulheres (exceto escravas) trabalharem fora de casa” (MARTINEAU, 2024, s/p). Ao mesmo tempo, ela lembrou que: “[...] elas proporcionam uma mais bem-vinda fonte para algumas milhares de mulheres jovens, relutando a se

⁵¹ Ao longo do tempo, Martineau foi construindo a argumentação se referindo a *manufaturas*, mas nesta parte ela começa a falar apenas em *fábricas*. O que isso indica?

darem a serviços domésticos e impedidas pelos costumes do país de mão de obra rural” (MARTINEAU, 2024, s/p). Por fim, ela demonstrou que isso já ocorria em grande proporção e cito como exemplo as fábricas de Lowell.

Martineau relatou uma certa liberdade e desenvolvimento, inclusive de tal forma que as meninas pagavam as dívidas relativas à hipoteca dos pais. O que me leva à reflexão sobre como é possível que em algum momento isso tenha retrocedido e essa alternativa do trabalho não doméstico e remunerado tenha sido negada. O que teria ocorrido para que isso acontecesse? A autora usou o termo “garotas” para indicar as operativas das tecelagens, que eram chamadas por ela de “corporações”. Em torno das tecelagens eram constituídas vilas com alojamentos mantidos pelas corporações ou com casas adquiridas pelas próprias “garotas” e cuidadas por suas mães. Martineau não problematizou esse acúmulo de tarefas e responsabilização das mães no acompanhamento das “garotas” e em dar condições para que elas suportassem a rotina de 10 a 12 horas por dia considerando apenas uma folga por semana.

Em comparação com os operativos da Inglaterra, Martineau considerava que essas condições de trabalho eram boas, porque conferiam às mulheres alguma renda e independência. Ela não comentou, mas as mulheres eram submetidas a jornadas de trabalho doméstico completamente abusivas, sem remuneração e sem independência alguma. Talvez, por isso, e frente à conhecida realidade de jornadas de trabalho longas e extenuantes, tendo conhecimento da realidade europeia, isso não parecesse um problema, afinal elas ao menos estariam sendo remuneradas⁵². Aqui uma questão importante: primeiro, as mães ficam com as filhas para cuidar da casa enquanto elas trabalham fora; segundo, a carga de trabalho, em média, de absurdas 70 horas⁵³.

Além da mão de obra das mulheres, ela também ressaltou a possibilidade do suprimento por imigrantes, mas fez algumas ressalvas com relação a isso. Por fim, abordou a situação do que chamou de “mão de obra prisional” nas manufaturas. Desse modo, demonstrou que para o desenvolvimento das manufaturas não haveria o problema da ausência de mão de obra enfrentado com a agricultura, que era tradicional e conservadora e não aproveitava a mão de obra das mulheres. É preciso entender que

⁵² Vale aqui um contraponto com Flora Tristan, em seu livro *União dos Operários*, de 1843, denunciando as condições de operários e das operárias na Europa.

⁵³ Mais tarde Marx discutiu a exploração com à extensão do tempo médio de trabalho. Mas não me lembro se em algum momento problematizou a questão de gênero.

Martineau não está falando de uma situação ideal, mas de possibilidades já disponíveis, alternativas possíveis de serem acessadas por mulheres e imigrantes. Mais tarde também voltou a falar sobre o emprego de mão de obra negra em fábricas. Não apenas demonstrando sua utilidade e rebatendo os que advogavam que não havia mão de obra para a manufatura. Trata-se de uma questão pragmática, de como demonstrar que esse espaço já estava ocupado e como.

Martineau chamava as manufaturas de “casas mecânicas” (s/p), citando várias tecelagens já instaladas, incluindo grandes empreendimentos. Entretanto, não resta claro se, para ela, a tecelagem se enquadraria como manufatura ou fábrica, já que os critérios de distinção não foram elencados. Em outro momento, ela citou o caso de um “estabelecimento corporativo fabril” (s/p). Portanto, essa é uma questão que precisa ser resolvida em outro momento, carecendo do diálogo com outras fontes primárias que não foram contempladas nesta tese.

Lendo o relato, pode parecer ingênuo, floreado ou até romantizado. Essa é uma questão a ser discutida. Mas a perspectiva de Martineau certamente tinha por parâmetro as condições de “operativos” na Inglaterra. O que muda completamente o quadro em termos do manufator norte-americano, que exercia a atividade durante o inverno, pois eram agricultores ou pescadores no verão. No caso das meninas, não foi informada alguma outra fonte de manutenção ou atividades que não fosse o trabalho doméstico gratuito. Mas os homens envolviam suas famílias no trabalho de empreitada que tinha uma previsão de término clara. Sobre Lynn, ela descreveu todo o processo produtivo de calçado no território e a participação dos membros da família como uma unidade produtiva. Também se preocupou em falar das condições das(os) trabalhadoras(es), como a moradia, a renda acumulada e a aplicação dessa. Ela havia feito o mesmo ao falar da tecelagem de Waltham. A autora também discutiu o trabalho infantil e o fato de a renda de garotas(os) custearem parte das despesas da família. Não bastasse isso, Martineau fez uma associação clara entre religião e trabalho.

Embora Martineau afirmasse que a comparação não era bem-vinda (e ela realmente não a faz nos termos que critica), o tempo todo ela falava dos “operativos” na América contrapondo-os aos da Inglaterra: modos, condições de trabalho, renda, vida, diversão, saúde, entre outros. Chegando a mencionar “poderes e perspectivas de cidadania” (s/p). Ela também se referiu aos “mecânicos” em algumas passagens do

texto, dando entender que seriam uma sub-categoria da mão de obra manufatureira. Ao comparar os mecânicos da América com os da Inglaterra, a autora afirmou que ambos possuíam um bom conhecimento, mas que os primeiros, embora tivessem bastante acesso a meios de obter conhecimento, a qualidade da “instrução” recebida era questionável. Martineau também afirmou que os “mecânicos” dos Estados Unidos, que ela também nominava como “artesãos”, trabalhavam muito mais do que os da Inglaterra, já que também se dedicavam a outras atividades. Aqui, comparou mecânicos norte-americanos com artesãos ingleses, ou seja, para ela mecânicos e artesãos seriam o mesmo conceito e categoria.

A título de encerramento deste tema, a autora não ignorou os atritos existentes entre empregadores e trabalhadores, mas continuou a afirmar que a condição destes nos Estados Unidos era muito melhor em termos de remuneração, mas que travavam debates sobre o tempo de trabalho. Por outro lado, o grande destaque dado por Martineau diz respeito à fartura de oferta na Europa “onde a mão de obra superabunda”, o que permitia que empregados fossem rapidamente substituídos e por um custo baixo. Já nos Estados Unidos, os empregadores dependiam da mão de obra e não tinham como substituí-la. Mesmo assim, ela relatou a ocorrência de greves. E já caminhando para o fechamento deste tópico, Martineau ousou falar sobre as *Trade Unions*, as primeiras associações de operativos, no germe do que depois se tornariam os sindicatos. Ela mencionou que ao buscarem soluções para o impasse, os empregadores começaram a se articular coletivamente e a elencar mecanismos para controlar os empregados⁵⁴.

Uma das estratégias que a autora identificou sendo verbalizada era a da necessidade de uma lei que proíba as *Trade Unions*, o que ela achava muito pouco provável. Não se trata de puro liberalismo, mas uma concepção de que em um contexto democrático e livre existem condições de se alcançar condições mais justas do que por meio do Direito⁵⁵. As leis não dão conta de constituir uma sociedade mais justa pelo simples fato de serem publicadas. É necessário ter uma sociedade democrática e livre para que elas sejam recepcionadas e manuseadas da forma devida. Martineau fez uma

⁵⁴ Trata-se de outro momento no qual o diálogo com a obra de Tristan, Marx e Engels seria bem-vinda. Mas é preciso lembrar que existe uma diferença de tempo entre o período que Martineau e Tristan analisaram e o de Marx e Engels.

⁵⁵ Aqui uma diferença entre ela e Marianne Weber.

crítica à ideia de que a existência de leis por si só gerava mudança de comportamento social, ao mesmo tempo em que ela também defendeu a necessidade de instruir a população acerca da “lei e obrigação social” (s/p).

2.2.17. Comércio

A autora começou o *Capítulo IV – Comércio*, com uma epígrafe do *Mercador de Veneza*, um parágrafo certo e curto seguido de um relatório com dados sobre importações e exportações, de 1825 a 1835. Com essa tabela, demonstrou que as importações caíram em 1830, mas as exportações também em comparação com 1825. O argumento de Martineau foi de que o sistema protetivo, “a tarifa”, foi responsável por este abatimento no comércio dos Estados Unidos, já que os recursos em investimento foram carreados para desenvolver a manufatura. Ao cessar “a tarifa”, o comércio e a manufatura voltaram a se desenvolver.

Tanto para o relatório nacional, em dólares, quanto com relação à movimentação de Mobile, Martineau não citou a fonte, como se ela fosse óbvia. Neste período, ela não usou também tabelas ou quadros para apresentar os dados, mas a configuração da exposição de dados quantitativos vinha em destaque com relação ao texto principal. Duas questões metodológicas importantes aqui. Era comum em seus textos dados dessa natureza e, geralmente, acompanhados com a respectiva fonte consultada. Ela demonstrava interesse e habilidade ao trabalhar com eles e com análises estatísticas, além de valorizar as informações que forneciam.

Associado ao comércio em crescimento, Martineau relatou os “enormes juros obteníveis sobre o dinheiro” (s/p) e os investimentos de capital que moviam essa realidade devido ao alto valor de capital demandado para alavancar o comércio.

Em decorrência, fez referência ao aumento do custo de vida em Mobile, de um ano para o outro, manifestando preocupação com a inflação. Mesmo assim ela alegou que era “notável” o “baixo custo de viajar nos Estados Unidos” (s/p). Martineau destacou dois personagens em seu texto: os comerciantes e os negociantes. Ao falar sobre como o negociante de Salem realizava seu comércio e as trocas sucessivas que fazia percorrendo o globo, ela faz uma curta menção a “lugares semi-bárbaros” (s/p).

Tais negociantes viajavam o mundo, promovendo o intercâmbio e aprendendo hábitos de outras culturas.

Apesar de tudo isso, Martineau refletiu sobre os riscos de tal atividade e citou o caso do incêndio em Nova York, em 1836. Da noite para o dia, fortunas foram consumidas pelo fogo e muitos negociadores foram arruinados. Outro ponto destacado por ela foi o conflito entre duas categorias: os negociadores e os *carmen*. Os *carmen* eram os homens dos carrinhos, que dirigiam veículos usados para transportar bens, o equivalente ao *carrier*. Martineau também fez uma distinção entre *merchants* (negociadores) e *trader* (negociantes). De acordo com ela, devido ao incêndio citado, além das falências ocorridas, concomitantemente ocorreu uma ampla valorização dos lotes em Nova York. Os atingidos não foram socorridos por seus seguros e, supostamente, em vista disso teriam requerido crédito para recomeçarem suas atividades.

Com isso, ela iniciou a *Seção I – A moeda*. A crítica de Martineau era clara: um país que busca ter êxito manufatureiro e comercial, depende de um “sistema de comércio bancário” eficiente, maduro e bem estruturado. Para ela, nem o Velho, nem o Novo Mundo se entenderam ainda quanto ao tema. Ela indicou a complexidade do assunto e não se atreveu a dizer que era capaz de dar um relato abrangente a esse respeito. Outras duas questões também foram apontadas como correlacionadas: o fato de que o tema da moeda precisava ser compatibilizado com a constituição da federação e com os princípios democráticos.

A primeira divergência apresentada por ela era se o estabelecimento de um banco nacional estava ou não de acordo com a Constituição dos Estados Unidos. Como resposta, Martineau estabeleceu uma diferença entre países democráticos e não democráticos; confederados e federados; e sua relação com o tipo de modelo possível para o que denominou o “sistema comercial bancário”, no qual que a moeda:

- a) é considerada um assunto nacional e gerenciada pelo governo;
- b) o sistema bancário é considerado livre;
- c) os dois primeiros sistemas são misturados.

Mas a preocupação da autora não é apenas com o sistema bancário de um modo geral e se dedicou a discutir também a questão do papel-moeda. Ela advogava pela

importância do que chamou de “dinheiro representativo” e da “conveniência” de ter o papel-moeda para o uso cotidiano, cabendo estabelecer no sistema bancário as garantias e as formas de sua convertibilidade. Em suma, alegava que uma certa “engenhosidade” era requerida para se pensar tal sistema, que era extremamente necessário ao comércio interno e externo. Neste caso, não se tratava apenas de moeda, mas de capital para investimentos, do qual precisavam tanto o comércio quanto o setor produtivo.

Desse modo, ela discutiu a necessidade de um sistema bancário confiável, analisou como se encontrava o debate nos Estados Unidos e as práticas que conseguiu observar ao longo da viagem. Defendeu as “lojas de dinheiro” e os bancos como necessários para impulsionar os investimentos fornecendo o capital requerido. E questionou a relação entre os bancos públicos e suas incorporações, de um lado, e a entrada de capital estrangeiro, de outro. Ela estava, portanto, falando de investimento de capital em projetos necessários para o desenvolvimento de infraestrutura. Todavia, não escondeu a existência de prós e contras em relação a bancos privados e de Estado, discutindo os procedimentos com relação à concessão de “charters” ou “cartas de licença” (s/p), que consistem nas autorizações para instalação dos Bancos. Não bastasse isso, ressaltou a diferença entre o banco público dos Estados e o estabelecimento de um Banco Nacional, qual seria a competência deste último, se seria apenas a emissão da moeda ou também a de controle de bancos dos Estados e do controle das fortunas individuais. E citou 02 experiências nos Estados Unidos:

- 1781: Bank of North America (que depois se estadualizou na Pensilvânia)
- 1791: United States Bank (perdeu a licença, que foi recuperada em 1816)

Alegava que as falsificações de papel moeda precisavam ser combatidas, mas não se deveria cancelar a emissão deste em razão de fraudes, já que o princípio não poderia ser sacrificado por seus maus usos. Mas era alegado que o Banco Nacional era inconstitucional e contrário aos interesses republicanos, além de supostamente colocar o governo geral em risco. Martineau citou o fato de que o Presidente Jackson era contrário à renovação da carta de licença do Banco Nacional. Por conta disso, ele vetou tal liberação, mas, ao mesmo tempo, “removeu os depósitos em uma maneira peculiarmente despótica” (s/p). Assim, ela destacou que ações despóticas estão

presentes mesmo associadas a posicionamentos fundados em preceitos constitucionais. Isso pode ser expresso não apenas na remoção compulsória dos depósitos, mas também no fato de o chefe do Executivo ameaçar o Secretário do Tesouro, que, diferente dos demais secretários, não tinha a obrigação legal de obedecer às ordens do Presidente.

Como Martineau era uma institucionalista, mesmo estando de acordo com os resultados ela avaliava e questionava os meios. Ela não negou o argumento segundo o qual qualquer corporação ou instituição que fosse criada precisaria ter previsão constitucional e estar alinhada a estes preceitos. Como também não ignorou o quão importante para “uma moeda saudável” é uma coordenação central qualificada.

A autora chegou a defender a necessidade de uma Emenda Constitucional para aparar estas arestas e da necessidade de um desenho institucional adequado.

Na sequência, a autora abriu a *Seção II – Receita e despesa*, explicando a preocupação do Senado com o crescimento das “despesas públicas” e como isso poderia ser confundido indevidamente com uma insolvência por parte do governo central, quando, na verdade, se trata de uma preocupação “com o aumento do patrocínio executivo” (s/p) e, em consequência, do poder deste. Martineau arguiu que as alfândegas e as terras públicas eram fontes de receita do governo federal, sendo que as primeiras estavam sendo reduzidas e as últimas seriam praticamente inexauríveis. Contrapondo receitas e despesas, ela chegou à conclusão de que são muitas as receitas potenciais e poucas as despesas do governo geral.

2.2.18. Morais da Economia

No *Capítulo V – Morais da Economia*, Martineau falou diretamente na família patriarcal e no poder de submetimento atribuído aos homens. A autora alertou para mudanças das morais que mostravam claramente a mudança do feudalismo para a modernidade. Expressa uma perspectiva iluminista de que o mundo e a humanidade caminhavam para uma condição melhor. Ela se utilizou novamente do termo “pessoas de aprendizagem”, como um conceito e uma categoria analítica, que já havia sido utilizado por ela na *Parte I – Política*.

Martineau não fez uma Sociologia das Morais (se eu não estou enganada com o conceito desta). Ela observou as morais como efeito, não como objeto em si, mas como

representação. Observar as morais cristalizadas nas “coisas” nos informa como uma dada sociedade e os indivíduos funcionam.

Uma das mudanças destacadas por Martineau é quanto ao trabalho, que era considerado algo ruim e desagradável, mas com a modernidade passa a ser visto como algo bom e honrado. Esse é um bom exemplo para demonstrar que a mudança nas instituições é uma expressão das mudanças nas morais prevalentes numa sociedade. Ela contrapôs o “barbarismo antigo” ao “esclarecimento moderno” (s/p) no mesmo contexto, aproveitando para comparar a sociedade no norte dos Estados Unidos, em seus “Estados livres”, com a percepção acerca do trabalho nas sociedades escravocratas do sul.

A autora fez um contraponto constante entre o mundo da vida cotidiana e o que ela denominou “mundo ideal”, que não tem relação com a idealização das coisas, mas sim a referência a um pensamento mais complexo. Ela separou o que supôs serem os homens mais felizes daqueles que considera os menos felizes, tomando como referência o gozo do trabalho como uma manifestação de autonomia. Falou em “classes científicas ou literárias” (s/p). Afirmou que os ricos nos Estados Unidos, mesmo no norte, não trabalhavam e isso os isolava e moldava um dado tipo de comportamento.

E não se esqueceu de falar acerca da condição das mulheres, como de costume. Martineau contrapôs o que classificava como “a benção do trabalho”, ao analisar a situação das mulheres nos Estados do norte com relação ao trabalho doméstico. E fez uma associação entre a ausência de casamento e a oportunidade de exercer algum tipo de trabalho para o seu próprio sustento. Oportunidade que as casadas não teriam, por que eram sustentadas por seus maridos.

De igual modo, ela descreveu como era a concepção do trabalho nos Estados escravocratas. Sobre a *classe servil*, as condições eram bastante graves. Mas, ela chamou a atenção para o fato de que a classe “*imperiosa*” educava seus filhos afirmando que o trabalho era uma coisa para escravos e que as mulheres deveriam ser treinadas para arranjar um bom casamento. E ela produziu uma crítica ferrenha às consequências disso, pois as mulheres casadas eram enredadas no trabalho doméstico, ficando responsáveis pela supervisão de tudo, sem descanso e sem qualquer retribuição financeira para isso. A esse respeito ela novamente critica o sistema escravocrata por se basear no submetimento, fazendo com que nada fosse executado bem, pois estava

ausente a vontade de fazê-lo. Como se fosse uma espécie de astúcia dos escravizados, ou uma vingança contra seus algozes, fazer um trabalho ruim e ter que ser vigiado o tempo todo.

No final das contas, o trabalho no casamento é o pior de todos, principalmente se os maridos são ricos plantadores escravocratas. Ao mesmo tempo, Martineau fez um elogio cabal à disciplina e à capacidade mental de algumas dessas mulheres. A autora conseguiu retratar bem uma perspectiva moral na qual o trabalho é considerado uma desgraça. E a partir disso avaliou se são pessoas consideradas felizes ou infelizes.

Uma categoria importante presente no texto de Martineau é a da humilhação e do desprezo, como mecanismo de poder. O exemplo que ela citou para ilustrar essas noções é o dos “mean whites”, que é bem esclarecedor a esse respeito. Ela mencionou o “ódio” e o “menosprezo” com relação a essa categoria, demonstrando o quão relacional é isso, já que quem sofre tais ações também as empreende.

Em seguida, ela enuncia a *Seção I – Morais da escravidão*. A perspicácia de Martineau vai além. A teoria de Martineau enunciada logo na *Parte I – Política* é, portanto, retomada para discutir como é possível que as instituições norte-americanas sobrevivam fiéis a seus princípios se existe ainda um sistema escravocrata vigente. Ela afirmou que isso também era uma forma de zombaria. Para a autora, isso implica que a “injustiça” era uma característica primária da sociedade escravocrata, já que se encontrava dividida entre *classe servil* e *classe imperiosa*.

Para além disso, ela explicou que algumas características se sobressaiam neste tipo de sociedade e que são “virtudes sociais” questionáveis, mas também sintomáticas da situação. A primeira destacada por ela é a “Misericórdia” e a ironia de que seja tão frequente em uma sociedade tão injusta. Apesar de presenciar demonstrações frequentes, ela alegava que não eram capazes de substituírem a justiça. Ela denunciou esse fato, demonstrando que é uma forma de disfarce que coloca os agressores como se fossem pessoas boas, indulgentes e tolerantes. A segunda virtude é a paciência para com seus escravos. Esse jeitinho ameno que escondia as atrocidades do sistema pode muito bem ser comparado com o caso brasileiro e com a obra de Gilberto Freyre. Martineau alegava que nada poderia ser feito para abrandar a crueldade do sistema, “que nunca a indulgência pode expiar por injúria: que os mimos extremos, por um

tempo de vida, não são equivalentes a direitos retidos, nem reparação para a injustiça irreparável” (s/p).

Ela classificou tais justificativas como falaciosas e contou que a tentativa de a convencer a respeito disso era recorrente. Para demonstrar isso, ela sempre ilustrou as afirmações a partir de histórias ou fatos que vivenciou.

Martineau discordou, por exemplo, que fosse algo bom que crianças brancas e negras brincassem juntas, pois se estava ignorando a degradação a qual as escravizadas sofrem e como isso é normalizado pelas brancas. Além disso, ela se questionava como é possível torná-las próximas na infância e depois separá-las na vida adulta em *classe servil* e *classe imperiosa*. Os argumentos de Martineau não são simplistas e podem ser considerados preconceituosos numa leitura rápida, enquanto seus agressores são considerados piedosos e pacientes, exatamente uma das ironias que ela tentou desmistificar.

Em outro momento, ela questionou o uso da força e afirmava nunca ter tido a capacidade de entender quando e porque cabia a força, demonstrando a discricionariedade e a existência de insegurança jurídica. Da mesma forma, criticou o uso da força e a ampla ocorrência de linchamentos promovidos por nada menos do que os “cavalheiros”. A turba não era formada pelo povo.

Para a autora, parecia óbvio que indulgências não resolvem injustiças e não se pode esperar gratidão ou bons atos de quem é violentado e menosprezado. Ela se recusou a falar que uma escrava era traiçoeira e dissimulada por ter tentado matar a dona, quando esta prometeu que ao morrer ela seria libertada. Classes degradadas, submetidas, sem acesso à educação e tratadas como animais não podem ser cobradas quanto a normas que elas sequer conseguem compreender. A religião e suas regras sendo apenas rituais e regras vazias numa sociedade escravocrata. O que lhe interessava, portanto, não era compreender por que alguns escravos se comportavam de modo maldoso, já que isso seria o esperado, tendo em vista a forma como a sociedade os tratava e os animalizava. Ela buscava analisar o comportamento dos brancos, que era legitimado pela sociedade escravocrata.

Após listar as duas *virtudes* comentadas anteriormente, Martineau relatou os *vícios* comuns a detentores de escravos. Primeiro, destacou que a escravidão constituía um “sistema” fundado na injustiça, que impedia a existência de virtudes. De acordo com

ela, poucos conseguiam sobreviver a essa lógica perversa. Na sequência, elencou os *vícios* que são característicos desta *classe*. O primeiro que ela destacou foi a “opressão pessoal dos pretos” (s/p). Por consequência, nada protegia os escravizados, nem mesmo existindo leis que impedissem a morte e a mutilação deles. Daí decorrem as fugas e o amparo que é dado por abolicionistas ou simpatizantes da causa em casas que acobertavam os fugitivos. O sistema escravocrata autorizava que alguns homens fossem tirânicos com outros. Como exemplos, ela citou o caso de um homem e uma mulher que fugiram de seus senhores. Mas também citou o caso da exploração sexual de mulheres *Quadroon*⁵⁶, que eram por lei consideradas “amantes”, podendo ser requeridas, junto com sua prole, a qualquer tempo, como propriedade. Esse mercado sexual não foi negligenciado por Martineau. No caso que ela relatou, as filhas de um fazendeiro falecido que passaram a fazer parte do espólio para o pagamento de dívidas e foram vendidas como escravas sexuais de alto valor por serem “brancas”.

Oportunidade na qual ela explicou sobre as “conexões”, que são os relacionamentos não oficiais e que a sociedade fingia não existirem. As mulheres *Quadroons* eram usadas como amantes, ou prostitutas privadas, sofrendo com o preconceito por serem fruto de relacionamentos interracialis e criadas para exercerem este papel. Chamava o relacionamento conjugal distinto do casamento de “conexão” e falava sobre as *Quadroon* como uma classe de mulheres. No mesmo sentido, chamava o abandono pelo parceiro no momento de estabelecer o relacionamento com uma esposa branca, ou manter os dois, de “deserção” e complementa falando em “regras de sedução”.

Por que isso era importante para Martineau? Por que em sociedades conservadoras este tipo de arranjo é institucionalizado? Porque isso interfere na “pureza” e na “paz doméstica”! A ética nos relacionamentos é assim reclamada pela autora. A questão do gênero também é importante aqui, pois o tratamento é diferente entre homens e mulheres *Quadroons*. Consistia, portanto, em outra grande ironia da sociedade conservadora que era a defesa radical da monogamia de fachada, que

⁵⁶ O termo *Quadroon* era usado para designar uma pessoa com ascendência africana/aborígine de 1/4, equivalente a um pai birracial (africano/aborígine e caucasiano) e um pai branco ou europeu; em outras palavras, o equivalente a um avô africano/aborígine e três avós brancos ou europeus. Artigo “Passarão por mestiços”, de B. J. Barickman, *Afro-Ásia*, 40, 2009, p. 173-221.

aceitava a existência de outras “conexões” numa espécie de submundo social com pessoas consideradas de classes inferiores.

Após citar o caso das Quadroons, a autora remeteu novamente ao caso das escravas que eram usadas para recria, demonstrando a grave preocupação com a exploração sexual das mulheres negras e de suas descendentes, ainda que de gerações longínquas e miscigenadas.

Um dos questionamentos de Martineau gira em torno do fato de que o Direito é utilizado para legitimar os interesses dominantes e preconceitos de toda ordem, descolado dos princípios democráticos e republicanos de fato, limitando-se a ser processualístico e a verificar apenas se as regras do jogo quanto à tomada de decisão estão sendo observadas. É assim quanto às mulheres Quadroons e suas filhas, que são requeridas como propriedade e cujos relacionamentos não são reconhecidos pelo Direito. O mesmo pode ser dito das escravas que eram utilizadas para recria e da dificuldade em emancipar a prole destas “conexões” interracialis. Prole que era vendida como gado para abastecer o mercado interno e descendente de seus próprios proprietários negociadores. Eis mais uma grande hipocrisia, segundo a análise de Martineau. O sul conservador e escravocrata acusava o norte e os abolicionistas de defenderem a “amalgamação”, quando, na verdade, as relações interracialis de exploração sexual e comercial que eles promoviam geravam as(os) mestiças(os) que eles novamente de modo hipócrita exploravam sexual e comercialmente.

Por fim, a autora discutiu a existência do “ódio”, que estimulava ações extremamente violentas e que nos assombra ainda hoje. Martineau entendia que a fonte disso era a “licenciosidade de costumes”, que estava na origem de um tal estado de coisas. Licencioso é o “senhor”, que abusava das escravas e corrompia seus próprios filhos frutos de tais violências. Os escravizados e seus familiares eram vítimas que quando tentavam se vingar eram condenados à morte. Pois a sociedade que protegia o agressor branco e não o condenava por seus feitos, mas condenava quem se virava contra ele.

Em consequência, o grande mal residia na escravidão e para que a sociedade não se dissolvesse em razão dela, tudo o que lhe dava sustentação precisaria vir abaixo. Mas a autora não acreditava que isso ocorreria com a “insurreição dos pretos” (s/p). De acordo com ela, seria “pela operação natural do vício” (s/p), pois, não se tratavam de

casos isolados de manifestação de um vício, mas do “estado da sociedade” (s/p). O motivo era que os negros escravizados foram degradados por esta mesma sociedade e, por isso, não teriam condições de promover uma grande insurreição, a não ser em casos isolados.

Alguns termos usados por Martineau causam estranhamento e suscitam a discussão sobre se eram ou não usados por outras(os) autoras(es) e em que medida circulavam no meio intelectual e na sociedade de um modo geral. Um deles é “cultivation” ou “cultivação”, que aparece em seu texto no sentido de *cultura*. É preciso verificar se neste período já se usava o termo neste sentido, que, se fosse no inglês atual seria “culture”. Pois, a notícia que geralmente recebemos é a de que só na metade do século XIX o termo foi cunhado. Outra situação ocorre quando ela falava em *cidadania* e em *direitos humanos*.

Ainda sobre os exemplos, e Martineau cita muitos, demonstrando entrevistas com pessoas de toda sorte e natureza, sendo bastante perspicaz nos detalhes e no empenho em desnaturalizar coisas que a princípio podem parecer banais ou até mesmo inocentes. A esse estado de coisas ela deu o nome de “inconsciência” (s/p).

Este exemplo e a reação das pessoas ao que Martineau diz é a “inconsciência” concretizada (s/p) à qual ela remete.

No primeiro caso, ela estava se referindo a distinção feita pelo pregador entre brancos e negros. No segundo caso, mencionou as usuais comparações entre a escravidão norte-americana e a situação da Irlanda. Em ambos a autora se referiu à “inconsciência” ou “cegueira” como a causa de tais manifestações absurdas.

Uma consequência direta deste estado de coisas é a facilmente constatável “degradação das mulheres” (s/p). Todavia, é preciso discutir, em outro momento, o que Martineau entendia por “pureza” e “licenciosidade” neste contexto e a relação de causalidade que ela estabelecia entre uma classe e outra de mulheres que eram por ela considerada “servis”. Se, para a autora, as “casadas jovens” não eram corrompidas é porque estava se referindo a relações sexuais ou o fato de não terem experiência sexual, tomando essa como um símbolo de corrupção no sentido de serem corrompidas ou usadas como objetos a partir da licenciosidade dos homens.

As relações sociais tal como constiuídas é que degradavam as mulheres; não sendo de sua própria natureza ser assim. Ela denunciou a não existe ética no casamento.

A mulher seria apenas uma gerente da casa do marido, mais um de seus trabalhadores, cujo serviço sequer era remunerado. Mas não só. Ela noticiou a diferença de tratamento dispensado a elas no meio social e citou “o tom de conversação” (s/p) como um exemplo. Criticou o que chamou de “ostentação da consideração cavalheiresca” (s/d) e do “paraíso de mulher” (s/p), alertando que as mulheres não se davam conta de que essa “ostentação” (s/p) era mais uma forma de humilhação e de degradação. Os exemplos que ela fornece são muito ricos e variados.

Aqui ela relacionou 03 casos para explicar seu ponto, mas destaquei o último caso em separado. Nele existe a menção ao “orientalismo”, que já apareceu em outros momentos do texto, como referência às influências europeias. Isso é o que se depreende do texto, faltando também uma fonte ou dado mais preciso, que referende tal compreensão. Esse último caso se refere à liberdade das mulheres como dependente da capacidade de gênio ou de calamidades. Enquanto o homem entrevistado clama para que essa última não aconteça, Martineau pede que venha logo, se for para libertar as mulheres.

Ironicamente, Martineau o respondeu citando o exemplo de Angelina Grimke, ativista política norte-americana, abolicionista e defensora dos direitos das mulheres, que nasceu em 1805, em Charleston, e faleceu em 1879, em Boston. Portanto, era contemporânea de Harriet Martineau.

É preciso discutir esse pressuposto de que o “gênio” e a “calamidade” funcionam como propulsores da liberdade das mulheres e elaborar mais sobre essa perspectiva da tentativa dos homens de encarceramento das mulheres, como suas propriedades.

Além das mulheres, Martineau demonstrou uma preocupação constante com as crianças e sobre a formação delas: como são contaminadas pelo sistema escravocrata? Como uma sociedade machista e misógina impede e distorce uma formação adequada dessas crianças? A autora alegava que as crianças eram ainda mais corrompidas no sistema escravocrata.

Além disso, para Martineau, o fim da escravidão era uma questão de *direitos humanos* e que uma das consequências mais gravosas do sistema escravocrata era o desprezo pelos *direitos humanos* e a falta de informação a respeito. De novo, ela demonstrou o quanto a ignorância corrompia até mesmo conceitos elevados como o de *direitos humanos*. Esse mal apresentado como algo de boa-fé ou até mesmo ingênuo

não afetava apenas este conceito, mas também o de *liberdade* e ela contrapôs isso ao fato de que uma dada aristocracia do sul chamava de *liberdade* o que, na verdade, era a causa de sua *coerção*, pelo “temor” que tinha de que ocorresse uma insurreição dos escravizados, mas também porque a sua legislação muitas vezes era despótica também com ela própria. Em outras palavras, ela desenvolveu aqui o conceito de coerção para os que escravizam, não se limitando a indicar como exemplo de leis despóticas o caso da imprensa norte-americana e o de que sequer os detentores de escravos tinham liberdade para definir como tratar seus escravos ou mesmo para libertá-los.

Com isso, Martineau levantou a questão da diferença entre leis e justiça, deixando em aberto se estava ou não se referindo a insubordinação civil.

Por vários prismas e citando exemplos com recortes diversos, Martineau demonstrou que não existia liberdade neste território. Um dos exemplos que ela citou foi do “Dr.” Channing, que era um teólogo unitarista norte-americano. William Ellery Channing, nascido em 1780 e falecido em 1842, escreveu o livro *Slavery* em 1835. Ele seria um dos que supostamente não poderiam entrar nos Estados do sul em razão da “perseguição por opinião”. Ela também citou a perseguição e as ameaças que os *Comitês de vigilância* infringiam aos abolicionistas. Estranho é pensar como Martineau conseguiu tal feito de sobreviver por 02 anos nos Estados Unidos circulando livremente inclusive nos Estados do sul.

Cabe numa Sociologia do Direito de Martineau a discussão a respeito do fato de que todas as Constituições estaduais dos Estados escravocratas defendiam a liberdade de expressão, mas nestes tudo o que comentasse, citasse ou criticasse o sistema de escravidão era ameaçado, perseguido e punido com o linchamento ou a execução sumária.

Na sequência, ela iniciou a *Seção II – Morais das manufaturas*. A autora não desconectou as instituições democráticas de nenhum ambiente ou instituição social, inclusive daquelas relacionadas ao mundo do trabalho. As primeiras promoveram uma reformulação das relações de trabalho assentadas em princípios que tomam a liberdade e a igualdade como fundamentos, sem estarem vinculadas a limitações definidas por privilégios.

Tal liberdade pode ser um problema apenas quando associada à pressa de alguns indivíduos e isso não seria um problema da sociedade, mas sim do indivíduo com tal

natureza, sob o risco de se tornar insolvente. O exemplo que Martineau citou é dos inventores que iniciam um dado projeto benéfico para as manufaturas e seu aprimoramento para a sociedade, mas não colhem os frutos disso, por se tornarem insolventes e não poderem seguir com seus projetos.

Martineau associou os projetos de manufaturas a um tipo de racionalidade que seria benéfico à sociedade, combatendo ou afastando as “más morais” (s/p). Tratou o fato não como doença, mas como costumes que são permitidos e até estimulados em algumas sociedades. Que tipo de elogio Martineau pretendeu fazer usando a associação entre “manufaturas” e “sociedade ordenada”? Interessante como Martineau coloca o trabalho no topo da coordenação moral da sociedade, inclusive com mais influência do que a igreja⁵⁷.

Um exemplo escolhido pela autora foi o das fábricas terem por costume não permitirem embriagados. Mas ela não problematizou isso e sua relação com a baixa produção ou os riscos de acidentes, ao mesmo tempo em que usou os termos “ofensores” e “ofensas” para qualificar os embriagados e suas ações. Para os empregadores esse era um problema de produção e eficiência, obviamente. Mas nos termos descritos por Martineau seria uma questão puritana?

Como ela associava tipos de morais e tipos de classes, como se houvesse uma relação de causalidade entre essas coisas, ao constatar que a maior parte do serviço nas fábricas era feito por mulheres, concluiu que elas compunham uma “classe” que supostamente teria morais “boas”. Somado a isso, associou mulheres à capacidade de ordem e regramento; e a rejeição ao trabalho doméstico como algo que demonstrava uma qualidade superior.

Nessa fase final, Martineau perdeu o fôlego e acabou escrevendo pouco. Em consequência, não se deteve a explicar o seu posicionamento, o que pode oportunizar críticas ou má compreensão pelas lacunas deixadas. Sabemos que ela está falando de práticas ordeiras que levavam a um bom desempenho da manufatura, que se pretendia racionalmente ordenada. Porém, ela se deparou com abusos claramente visíveis, sendo o caso, por exemplo, a proibição da dança. Para o quê Martineau disse lamentar.

⁵⁷ Seria interessante comparar essa postura com a de Durkheim no “Da divisão do trabalho social”.

Um destaque é para a sua defesa da saúde física e mental associada à “solidão”. Na verdade, ela usou o termo solidão para falar sobre privacidade e espaço. Por causa disso, chamou a esse costume de alojamentos compartilhados de “hábitos gregários” (s/d) que começam a ser superados na medida em que práticas de “particionamento” (s/d) eram adotadas pelas corporações.

Na *Seção III – Morais do Comércio*, Martineau discutiu a valorização da riqueza e os métodos de busca por riqueza que eram utilizados em razão do “amor ao ganho” (s/p), que ela associava às morais do comércio. Associado a isso a autora descreveu o que seria o “espírito do empreendimento” (s/p). Por fim, Martineau afirmou que além destes dois, existia o “amor de distinção” (s/p) e o “amor à arte” (s/p). No entanto, explicou a diferença entre a “ânsia de perseguir riqueza” com o “amor à riqueza por seu próprio interesse” (s/p). Para Martineau, a expressão da busca concluída era a “benevolência”. Com isso, concluiu que não se tratava do amor ao dinheiro como um fim em si mesmo ou de “acumulação” (s/p), mas não ignorava que existia muita ostentação ligada a isso, embora não reconhecesse tal como “sordidez” (s/p). De igual modo, a autora lembrou o quão comum era a ocorrência de “falência” nos Estados Unidos e, em consequência disso, a da “especulação” (s/p). Para encerrar o livro, ela discutiu a relação entre negociadores e a causa da abolição, crítica aos negociadores éferrenha ao final.

Considerações Finais

A proposta dessa tese foi a de apresentar e ouvir Harriet Martineau a partir de suas próprias obras, sem ruídos, sem rótulos. Numa atividade de garimpo, valendo-me de resultados preliminares de *pesquisas exploratórias de mapeamento*, de *pesquisa bibliográfica* e de *tradução*, apresentei uma versão que considero plausível com os dados analisados. Após anos na divulgação da vida e da obra de Martineau, pesquisando sua teoria e seu legado, entendo que não restam dúvidas de que as suas obras relativas à *ciência da sociedade* são de caráter científico e sociológico. Associado a isso, tais obras foram publicadas no período de fundação das Ciências Sociais, considerando-se como referência o intervalo 1830-1840, o que a coloca inegavelmente como uma das fundadoras desta ciência, junto a Auguste Comte e a Alexis de Tocqueville. Ocorre que é fácil constatar a sua ausência no cânone sociológico e mesmo a não aceitação de seu reconhecimento como uma das teóricas clássicas.

Os motivos de tal ocorrência seriam a legitimação de uma recepção subjetiva, realizada nos séculos XIX e XX, e sua adoção como se fosse um critério objetivo sacralizado. Além disso, Martineau não deixou escolas ou seguidores, o que teria levado ao seu apagamento. Na verdade, advogo que Martineau sofreu um processo de cancelamento devido à sua condição de mulher escritora, solteira e com “livre pensamento”, que abandonou os preceitos religiosos e seguiu a sua vida questionando e afrontando uma sociedade conservadora. Não bastasse isso, ela também foi estigmatizada como não feminista, liberal e por pregar o silenciamento e a submissão de pessoas com algum tipo de deficiência física. O que busquei mostrar é que nada é mais distante da realidade do que isso.

Pautar Martineau nas Ciências Sociais e promover o seu encontro com o público brasileiro foi a forma que encontrei para combater essa injustiça histórica fruto de uma *violência simbólica* e *epistemológica* que ainda hoje continua a ser reproduzida. Trabalhar com uma autora desconhecida do grande público e cujas obras foram ainda pouco traduzidas é um desafio ainda maior. Não apenas questões técnicas, de forma e

de conteúdo, são difíceis de serem assentadas e requerem muitas pesquisas exploratórias, como também são pantanosas as questões éticas que perpassam todo o trabalho de pesquisa, análise e publicação dos resultados. Infelizmente a postura ética não faz parte do comportamento acadêmico de um modo geral e isso pode ser visto em inúmeras situações. Desde boicotes, tentativas de ridicularizar ou apequenar o trabalho de colegas, como também plágios e manifestações de qualidade duvidosa.

Isso faz com que não possamos em momento algum esquecer que somos cientistas leitoras(es), não rebanhos de uma instituição ou de pessoas. E na condição de leitoras(es) críticas(os) precisamos não apenas considerar o novo como algo possível/disponível, mas também ficarmos atentas(os) a formas perversas de apresentação deste que são oferecidas. Citarei apenas três exemplos, um de boicote acadêmico deliberado e outro de plágio. O primeiro pode ser visto quando existem traduções de obras já disponíveis e lidas, mas autoras(es) preferem citar a versão inglesa, para deliberadamente não divulgar o trabalho realizado. Segundo, como os trabalhos de comentadoras(es) não são traduzidos e de baixo conhecimento do público em geral, é possível reconhecer trechos e bandeiras de algumas obras sendo apropriadas sem a devida referência, como se fossem palavras e entendimento de quem escreve. Ocorre que mesmo quanto a isso o risco é grande, pois erros da obra plagiada são reproduzidos. Em terceiro lugar, o risco de não conhecer a língua e traduzir informações relevantes de modo equivocado e até mesmo contrário ao que está posto. Funcionar cientificamente é considerar o conhecido e oferecer revisões e contrapontos ao que já está disponível, visando o aprimoramento científico e o conhecimento que dele deriva.

As análises de Martineau são muito inteligentes e perspicazes, demonstrando uma capacidade de escrita e clareza pouco comuns ainda hoje. Os casos contados por Martineau não eram mero divertimento ou simples floreios no texto. Eles de fato se encaixavam com precisão nos temas que ela elencava e no momento escolhido para inseri-los. Nada era fortuito em seu texto e ela não era conduzida pelos exemplos, fragmentos da vida que viu ou ouviu de alguém, mas os conduzia de forma exímia.

Acima de tudo, a obra de Martineau é sobre acasos e oportunidades, que serve para pensarmos como a educação em geral (escolar, doméstica e outras) é fundamental para estimular os indivíduos a romperem vínculos de dependência, submetimento e

submissão. Mas isso não estava dado no próprio processo educativo, que era curto e com baixa quantidade de conteúdo abarcado. Lógico, nas raras vezes em que estava disponível. Daí a luta incessante da autora para que todas(os) tivessem acesso a uma educação em quantidade e qualidade para que isso incidisse diretamente no tipo de vida da qual iriam usufruir ou da capacidade de utilizar e maximizar os instrumentos que já estivessem disponíveis ou ao seu alcance. Mas, ao cabo, ela não está falando de uma questão formativa para o mercado, mas para a vida e para a gestão com consciência e reflexividade dos recursos e processos naturais, sociais e políticos.

A discussão sobre a participação no mercado produtivo, de prestação de serviços ou de trabalho se referia à liberdade do exercício profissional como uma forma de viabilizar uma vida de qualidade. Portanto, ela se referia tanto a uma liberdade instrumental quanto a uma liberdade substantiva. Sobre as mulheres, Martineau não foi uma feminista convencional, mas os rótulos que lhe são atribuídos como não feminista estão bem longe de informarem algo sobre a sua trajetória. Ela não apenas compreendeu os processos de submetimento e de falta de liberdade das mulheres em muitas sociedades, como também quebrou barreiras e questionou limitações impostas ou esperadas do sexo feminino em sua época.

Martineau também nos ofereceu subsídios sobre a desigualdade de gênero ao mostrar como as tarefas domésticas e o treinamento que as meninas recebiam para executá-las eram sobrecargas que atentavam não apenas contra o tempo de vida e de outras ocupações mais prazerosas e de desenvolvimento, quanto também contra a saúde delas. Tudo era feito para ocupá-las e cansá-las o suficiente para que não pudessem ou tivessem em dar conta dos estudos ou do trabalho extra que lhes auferisse renda. Martineau foi treinada para ser uma dona de casa com *capital cultural* e *social*. Ela usou as habilidades que desenvolveu para ser uma autora, perspectiva que foi se tornando clara para ela aos poucos. A prática de leituras de toda sorte lhe levou a desenvolver a escrita. Fruto de consequências não intencionais, a escrita literária a levou a ler filosofia e Economia Política.

Por fim, sua vida é um exemplo de como a autonomia moral e a independência de quem escreve esbarra em obstáculos e boicotes de toda ordem, sempre que a escrita esbarra em interesses políticos, religiosos ou econômicos.

Referências

- ABBOT, Edith. Harriet Martineau and the Employment of Women in 1836. **Journal of Political Economy**, Dec., v. 14, n. 10: 614- 626, 1906.
- ABBOT, Willis John. **Women of history**. Philadelphia: The John C. Winston Co., 1913.
- ABLOW, Rachel. Harriet Martineau and the impersonality of pain. **Victorian Studies**, v. 56, n. 04, p. 675-697, 2014.
- ADAMS, W. H. Davenport. **Celebrated women travellers of the nineteenth century**. New York: E. P. DUTTON & CO., 1903.
- ALATAS, Syed Farid e SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.
- ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. Contribuições de Comte e Martineau para a fundação da Sociologia. **Tensões Mundiais**, 2024. *No prelo*.
- . Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 47, n. 03, 2021.
- . O nascimento da observação social sistemática. **Teoria & Cultura**, v. 17, n. 01, 2022.
- ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino; DEBIA, Eliana; DA MATA, Giulle Adriana Vieira; OZAMIZ, Andrea. Mulheres teóricas na história da sociologia. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 36, 2022.
- ARANGO, Gabriela Luz. Tiene sexo la sociología? **Revista Sociedad y Economía**, n. 08, pp. 159-186, abril de 2005.
- ARBUCKLE, Elisabeth Sanders. **A nineteenth-century woman’s engaging with her times: Harriet Martineau (1802-1876)**. Martineau Society, s/d.
- ARNI, Caroline and MÜLLER, Charlotte. More sociological than the sociologists?. *In*: MARSHALL, Barbara L. Marshall; WITZ, Anne (ed.). **Engendering the social**. Maidenhead: Open University Press, 2004.
- AZEVEDO, Alba Paulo de. Harriet Martineau. **Revista Caos**, João Pessoa, v. 01, n. 32, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

----- . A ilusão da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

----- . **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. *In*: Richardson, J.. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, p. 241-258, 1986.

BOUCHER, Daniella. 2006. Small Victories, Lasting Change: Harriet Martineau, Slavery, and Women's Rights. **Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, v.. 4, iss. 3, article 29.

BUCKLER, William E. Once a week under Samuel Lucas, 1859-65. **PMLA**, 67, pp. 921-41, 1952.

CASTRO, Celso (org.). *Além do cânone*. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

CLARKE, James Freeman. **Nineteenth Century Questions**. Boston and New York: Houghton, Mifflin and Company, The Riverside Press, Cambridge, 1897.

CONNELL, Raewyn. O império e a criação de uma ciência social. **Revista Contemporânea**, v. 02, n. 02, 2012.

CRAWFORD, Ian. **Contested liberalisms: Martineau, Dickens and the Victorian Press**. Edinburgh Scholarship Online, 2020.

DAVID, Deirdre. **Intellectual women and victorian patriarchy**. The Macmillan Press LTD, 1997.

DEBIA, Eliana. Notas sobre a violência de gênero y enseñanza de la sociología clásica en universidades nacionales públicas argentinas. **De prácticas y discursos**, 8, 12, p. 287-307.

DEWEY, Mary E. (ed.). **Life and letters of Catharine M. Sedgwick**. New York, 1872.

FAWCETT, Henry. **Some eminent women of our times**. London: Macmillan and Co. and New York, 1889.

GABAY, Nadav. 'With the practiced eye of a deaf person': Harriet Martineau, deafness and the scientificity of social knowledge. **The american sociologist**, February, 2019.

GREENHOW, Thomas. **Medical report of the case of Miss H ---- M ----**. London: Samuel Highley, 1845.

----- . Termination of the case of Miss Harriet Martineau. **The British medical journal**, April, 14, 1877.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The man made world or our androcentric culture**. New York: Charlton Company, 1914.

----- . **Women and economics**. Boston: Small, Maynard & Company Publishers.

GREG, William R.. **Miscellaneous Essays**. London: Trübner & Co., Ludgate Hill, 1882.

HENDERSON, Wilie. Harriet Martineau or 'When political economy was popular'.

História da educação, v. 21, n. 04, p. 383-403, 1992.

HILL, Michael R.. A Methodological Comparison of Harriet Martineau's Society in America (1837) and Alexis de Tocqueville's Democracy in America (1835-1840). *In*: HILL,

Michael R.; HOECKER-DRYSDALE, Susan. **Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives**. New York: Routledge Lengerman, 2001, 59-74.

----- . Empirismo y razón en la sociología de Harriet Martineau. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 36, 2022.

----- . Harriet Martineau. *In*: DEEGAN, Mary Jo (ed.). **Women in Sociology: a bibliographical sourcebook**. New York: Greenwood, p. 289-297, 1991.

----- . Harriet Martineau and the sociology of the american South. *In*: ENCONTRO ANUAL DA AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION, Seção de História da Sociologia, Atlanta Hilton, agosto, 2003.

----- . Harriet Martineau's Ambleside as a Sociological Laboratory. **Sociological Origins**, 3, p. 93-94, 2005.

HILL, Michael R.; HOECKER-DRYSDALE, Susan. **Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives**. New York: Routledge Lengerman, 2001

HILL, Michael R.; Mary Jo Deegan. **Dogs & Society: anglo-american sociological perspectives (1865-1934)**. Zea E-Books, 2016.

HOLYOAKE, George Jacob. **Bygones worth remembering**. New York: E. P. Dutton And Company, 1905.

HUBBARD, Elbert. **Little journeys to the Home of the great**. New York: De Carmo, 1916. Vol. I.

----- . **Little journeys to the Home of the great**. New York: De Carmo, 1916. Vol. II.

KNIGHT, Charles Knight. **Mind Amongst the Spindles: A Miscellany, Wholly Composed by the Factory Girls**. Boston: Jordan, Swift & Wiley, 1845.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

- LIPSET, Seymour Martin. Harriet Martineau's America. *In*: MARTINEAU. Harriet. **Society in America**. New York: Anchor Books, 2000.
- LOCKHART, John. 'Miss Martineau's Monthly Novels'. **Quarterly Review**, 49, 97, April 1833, p. 136 – 152.
- MAIA, João. Ensinando a partir do sul. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 27, pp. 05-12.
- MARTINEAU, Harriet. **Complete guide to the English Lakes**. Windermere e London: John Garnett e Whittaker and Co., 1855.
- . **Guide to Windermere**. Windermere e London: John Garnett e Whittaker and Co., 1854.
- . Letter to the deaf. **Tait's Edinburgh Magazine**, 1834.
- . **Como observar: morais e costumes**. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2021.
- . Female writers on practical divinity. **The Monthly Repository**, October, n. CCII, v. XVII, p. 593-596, 2022.
- . **Harriet Martineau's autobiography**. Ed. Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood & Co., 1877a. 2 vols. Vol. 1.
- . **Harriet Martineau's autobiography**. Ed. Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood & Co., 1877a. 2 vols. Vol. 2.
- . **Household education**. Londres: Edward Moxon, 1849.
- . On female education. **The Monthly Repository**, February, n. CCVI, v. XVIII, p. 77-81.
- . "Prefácio à Filosofia Positiva de Auguste Comte". **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, vol. 01, nº 28, 2022a.
- . Representative men. Political philosophers. Machiavelli: Montesquieu: De Tocqueville. **Once a Week**, September, 7, 1861, p. 289-294.
- . **Sociedade na América**. Volume I – Política. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2022b.
- . **Sociedade na América**. Volume II – Economia. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2024. (*no prelo*)
- . What is 'Social Science'? **The Spectator**, October, 23, p. 15-16, 1858.

MARTINS, Paulo Henrique. Norte e Sul como referências para uma ciência social global. **Tomó**, n. 31, julho/dezembro, 2017.

MARX, Karl. **O capital**. Livro I. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

MILL, John Stuart. A review of Miss Martineau's tale of the Tyne. **Examiner**, 27 de outubro de 1833, p. 677-678.

MILLER, Fenwick. **Harriet Martineau**. Londres: W. H. Allen & Co, 1884.

----- . **Harriet Martineau**. Boston: Roberts Brothers, 1887.

MORLEY, John. **Critical miscellanies**. London: Macmillan and Co., 1909. Volume III.

NAVARRO-FOSAR, María-Rocío. Harriet Martineau y *Household Education* (1849). **Atlánticas – Revista Internacional de Estudios Feministas**, 6, 1: 288-317, 2021.

----- . La Sociología de la Educación de Harriet MARTINEAU Teoría sociológica fundacional en el continente europeo (s. XIX). Universidad de Barcelona: Máster Oficial en Estudios de Mujeres, Género y Ciudadanía, 2020.

PAYN, James. **Some Literary Recollections**. London: Smith, Elder & Co, 1885.

PIERSON, George Wilson. **Tocqueville in America**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1996.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

SANTANA, Selene Aldana. La historia de la Sociología: si no te la contaron violeta, no te la contaron completa. **Acta Sociológica**, 81, p. 59-95.

SANTANA, Selene Aldana; MEJÍA, Ángela Margoth Bacca. La Sociología, esa ciencia fundada por una mujer sorda: Harriet Martineau, primera socióloga. In: BROGNA, Patricia. **Una aula sin barreras: discapacidad y educación superior**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2024.

SCHOLL, Lesa. Mediation and expansion: Harriet Martineau's travels in America. **Women's history review**, 18, 5: 819-833, 2009.

SILVEIRINHA, Maria João e FERREIRA, Virgínia. Harriet Martineau: socióloga radical e feminista *avant la lettre*. In.: GARCIA, José Luís e MARTINS, Hermínio (orgs.). **Lições de Sociologia Clássica**. Lisboa: Edições 70, 2019.

SIMS, Michael. Darwin e o segundo sexo. **Quatro, cinco, um**, n. 44, março de 2021.

SINHA, Vineeta. Harriet Martineau (1802-1876). In: ALATAS; SINHA. **A teoria sociológica para além do cânone**. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.

----- . Reading Harriet Martineau in the context of social thought and social theory. **Akademika**, 59, July, p. 75-94, 2001.

SPENCER, Herbert. **An autobiography**. Londres: William and Norgate, 1904.

SPIVAK. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STEARNS, Bertha-Monica. Miss Sedgwick observes Harriet Martineau. **The New England Quartely**, v. 07, n. 03, 1934, p. 533-541, JSTOR.

TERRY, James. Bringing Women... A Modest Proposal. **Teaching Sociology**, v. 10, n. 2, Janeiro, p. 251-261, 1983.

TRISTAN, Flora. Paseos en Londres. **Biblioteca digital andina**. (s/d)

----- . **União operária**. Florianópolis: Insular, 2017.

VETTER, Lisa Pace. Harriet Martineau on the theory and practice of Democracy in America. **Political theory**, vol. 36, n 03, junho, 424-455, 2008.

WEINER, Gaby. Controversies and contradictions: approaches to the study of Harriet Martineau 1802-76. **Thesis**. The Open University, 1992.

WOLF, Virgínia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WOTTON, Mabel E. (ed.). **Word portraits of famous writers**. Londres: Richard Bentley & Son, 1887.

YATES, Gayle Graham (ed.). Harriet Martineau on women. New Brunswick: Rutgers University, 1985.

ZEN, Brenno Dalla. Entre Jean-Jacques Rousseau e Harriet Martineau. Revista *CSONline*, n. 36, 2022.